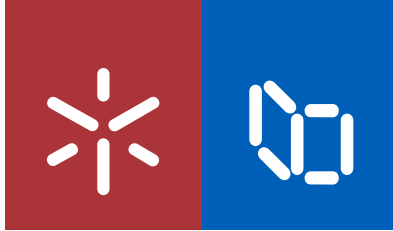


Universidade do Minho
Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas

Xu Yang

**Metáforas dos Eixos *Cima/Baixo* e
Frente/Trás em Português Europeu:
contrastes com o Mandarim**



Universidade do Minho

Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas

Xu Yang

**Metáforas dos Eixos *Cima/Baixo* e
Frente/Trás em Português Europeu:
contrastes com o Mandarim**

Tese de Doutoramento

Doutoramento em Ciências da Linguagem

Especialidade em Linguagem e Cognição

Trabalho efetuado sob a orientação do

Professor Doutor José de Sousa Teixeira

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-NãoComercial

CC BY-NC

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Desejo exprimir os meus agradecimentos a todos aqueles que, de alguma forma, permitiram que esta tese se concretizasse.

Ao Professor Doutor José da Sousa Teixeira, meu orientador, pela manifestação de incondicional apoio e disponibilidade, pela compreensão por algumas dilações, pelo aconselhamento assertivo e pelo estímulo permanente, pelos inúmeros comentários feitos durante uma correção da tese, que muito contribuíram para aumentar o desafio académico e melhorar a profundidade e a clareza da tese.

Sou grata à minha família. Ao meu Pai, minha Mãe que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando ao longo de toda a minha trajetória, tanto académica quanto financeira. Ao meu querido marido, pela compreensão e paciência demonstrada durante o período do estudo. À minha filha Tao tao, que nasceu durante o doutoramento, fazia-me sempre a companhia, com os seus sorrisos ingênuos e choros *irritantes*, nos dias mais difíceis da formação da tese do doutoramento.

A todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizagem.

Agradeço à Universidade do Minho por oferecer os espaços de estudo, à estrutura que me permitiu explorar ao máximo tudo o que foi necessário para o sucesso deste trabalho. Também quero agradecer ao seu corpo docente que demonstrou estar comprometido com a qualidade e excelência do ensino. Nos dez anos entre 2014 e 2024, recebi uma educação profissional pelos cursos excelentes desta Universidade e concluí os meus estudos de mestrado e processo de doutoramento. A Universidade do Minho abriu uma porta nova à minha vida!

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Metáforas dos Eixos *Cima/Baixo* e *Frente/Trás* em Português Europeu: contrastes com o Mandarin

RESUMO

A metáfora espaço-temporal é um dos temas nucleares na linguística cognitiva devido a que o tempo e o espaço são domínios cognitivos básicos e fundamentais na vida quotidiana. No entanto, o que é exatamente o *tempo* tem sido constantemente discutível. O tempo e o espaço não são cognitivamente iguais na medida em que a compreensão do espaço é a nível de desenvolvimento cognitivo muito anterior à compreensão do tempo. A cognição do tempo, na qual a metáfora desempenha um papel enorme, depende muito da do espaço. A metáfora é baseada numa experiência que é tanto condicionada pela natureza fisiológica do corpo humano quanto influenciada pela cultura da sociedade onde o sujeito se localiza. É isso que leva à sua universalidade e particularidade. O estudo contrastivo possibilita compreender melhor essas duas propriedades da metáfora.

Assim, precisámos de seleccionar um tipo de metáfora que existe em duas línguas com culturas distintas, na medida em que se verificam semelhanças e diferenças nas metáforas interculturais. A metáfora temporal atende perfeitamente a esse requisito por ser uma metáfora concetual típica com mapeamentos sistemáticos e diversificados. Consequentemente, fornecem exemplos abundantes para realizar o estudo do contraste linguístico português-mandarim a fim de entender as bases cognitivas da ocorrência da metáfora e os mecanismos de operação das metáforas. O estudo vai concentrar-se na metáfora temporal e suas relações com as metáforas espaciais nos eixos *cima/baixo* e *frente/trás*.

Através dos resultados, confirmamos que, por um lado, a metáfora é verdadeiramente baseada na experiência corporificada, no tão atual conceito tão caro a várias áreas cognitivas de cognição corporificada (*embodied cognition*), experiência mais próxima à vida quotidiana, porque as metáforas espaço-temporais, nas duas línguas, têm muitas semelhanças; por outro lado, as metáforas são também afetadas pela cultura, pela religião, ideologia social, e até pelo ambiente geográfico. As características da própria linguagem também terão um impacto profundo na formação de metáforas temporais. Além disso, pode-se verificar, pelas metáforas, que as culturas representadas por português e mandarim têm diferentes perceções do tempo. Globalmente, podemos dizer que o *tempo* em português é mais como um objeto que avança a uma velocidade constante, enquanto o *tempo* em mandarim é considerado como um objeto que se move com mais flexibilidade tanto no sentido da direção do percurso, quanto no modo de movimento.

Palavras-chaves: cima/baixo, espaço, frente/trás, metáfora, tempo.

摘要

时空隐喻一直是认知语言学研究的核心课题。这起源于时间和空间在人们的生活中是最基本的认知域。然而，关于时间究竟是什么一直备受争议。时间和空间在认知上并不对等。对空间的理解要比对时间的理解更早些。时间认知是非常依赖于空间的，隐喻在其中发挥着巨大作用。而隐喻的产生既基于身体与世界互动所获得的自然经验，又基于身体从其所生活的一个社会环境中获得的文化经验。这正是导致隐喻同时具有普遍性和特殊性的原因。跨语言的研究将使我们能够更好地理解隐喻的这两个特性。

因此，我们需要选择一种存在于两种不同文化的语言中的隐喻，来确认隐喻的跨文化差异性。而时空隐喻完美地符合这个要求。时空隐喻是一种典型的、拥有多样化映射结构的概念隐喻。可以为葡汉对比的研究提供丰富的语言实例来让我们了解隐喻发生的认知基础以及隐喻的运作机制。我们的研究重点放在与上/下和前/后两个空间轴相关的时间隐喻上。

通过本文研究，我们首先证实了，一方面，隐喻确实是建立在人们普遍的生活经验中，因为在两种语言中的时空隐喻具有一定的相似性，另一方面，隐喻也会受到宗教、社会意识形态、甚至地理环境等因素的影响。而语言本身的特性也会对隐喻的形成有不可忽视的作用。其次，从隐喻中可以看出葡语和汉语所代表的文化对时间认知是不同的，葡语中的时间更像一个以恒定速度向前运动的物体，而汉语中的时间则是具有更灵活的运动路径和更多样化的运动方式的物体。

关键词：空间、隐喻、时间、上/下、前/后

Metaphors of the Axes of Up/Down and Front/Back in European Portuguese: contrasts with Mandarin

SUMMARY

The spatial-temporal metaphor is one of the core themes in cognitive linguistics as time and space are the most fundamental cognitive domains in everyday life. However, what exactly time is has been constantly debatable. Time and space are not cognitively equal as the understanding of space is much earlier than the understanding of time. The cognition of time, in which metaphor plays a huge role, is very dependent on space. The metaphor is based on an experience that is both conditioned by the physiological nature of the human body and influenced by the culture of the society where the subject is located. This is what leads to its universality and particularity. The contrastive study would make it possible to better understand these two properties of the metaphor.

Therefore, we need to select a type of metaphor that exists in two different languages with different cultures insofar as we verify similarities and differences in intercultural metaphors. The temporal metaphor perfectly meets this requirement as it is a typical conceptual metaphor with systematic and diverse mappings. It provides abundant examples to carry out the Portuguese-Mandarin linguistic contrast study in order to understand the cognitive bases of metaphor occurrence and the operating mechanisms of metaphors. The study will focus on the temporal metaphor in *up/down* and *front/back* axes.

Through the results, we can confirm that the metaphor is based on the embodied experience closest to everyday life for the spatial-temporal metaphors in the two languages have many similarities. The results also confirmed that metaphors are affected by religion, social ideology, and even the geographic environment as well. The characteristic of the language has a profound impact on the formation of temporal metaphors. Furthermore, it can be seen from the metaphors that the cultures represented by Portuguese and Mandarin has different perceptions of time. *Time* in Portuguese is more like an object that moves forward at a constant speed, while *time* in Mandarin has been considered as an object that moves with more flexibility in the sense of both the direction of travel and the mode of movement.

Keywords: front/back, metaphor, space, time, up/down.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1	5
O CORPO E O ESPAÇO NA COGNIÇÃO CORPORIFICADA	5
1.1. O corpo na cognição corporificada	5
1.1.1. O corpo: fonte de cognição	12
1.1.2. O corpo: um limite da cognição	15
1.1.2.1. Limites vêm dos órgãos sensórios	15
1.1.2.2. Limites vêm do movimento do corpo	17
1.2. O espaço na cognição corporificada	18
1.2.1. Coisas no espaço e na cognição	22
1.2.2. A relação espacial entre objetos na cognição	24
1.2.2.1. A teoria de Figura-Fundo	24
1.2.2.2. Quadro de referência	26
1.2.3. O movimento e a cognição	31
1.3. O esquema imagético: o resultado da interação entre corpo e mundo	32
1.3.1. A definição do esquema imagético	32
1.3.2. Classificação dos esquemas imagéticos	34
1.3.3. As dimensões dinâmica e estática dos esquemas imagéticos	36
1.3.4. O componente cultural do esquema imagético	37
CAPÍTULO 2	40
A METÁFORA E A SEMELHANÇA	40
2.1. Classificação de semelhança e semelhanças metafóricas	40
2.1.1. A semelhança e a associação	44
2.1.2. Semelhança de atributo e semelhança relacional	47
2.2. Mecanismo de ocorrência da metáfora: baseia-se em semelhança ou cria a semelhança	50
2.2.1. Analogia e Substituição (Aristóteles e Richards)	54
2.2.2. A Teoria da Interação (Black)	58
2.2.3. A semelhança pela perspectiva do empirismo (Lakoff, Jonhson e Grady)	61
2.3. Mecanismo de mapeamento da metáfora: uma semelhança condicionada entre fonte e alvo	69
2.3.1. Restrições em cognição: desde Hipótese da Invariância até Princípio da Invariância..	72
2.3.2. Restrições em semântica: a teoria do quadro semântico	85
2.4. Conclusão	93
CAPÍTULO 3	102
METÁFORAS TEMPORAIS: EM PORTUGUÊS E EM MANDARIM	102
3.1. Particularidades temporais obtidas através do espaço: dimensão e sequência	105

3.1.1. A dimensão espacial e a quantidade temporal.....	105
3.1.1.1. Longo, curto e comprido.....	106
3.1.1.2. Largo e estreito	108
3.1.1.3. <i>Grande e pequeno</i>	111
3.1.1.4. Profundo e superficial.....	113
3.1.1.5. Conclusão	116
3.1.2. A correspondência entre a relação espacial dos objetos e a sequência dos eventos	117
3.1.2.1. Cognições diferentes entre o espaço e o tempo na direção.....	118
3.1.2.1.1. A distinção entre a Figura e o Fundo	119
3.1.2.1.2. A distinção cognitiva entre o espaço e o tempo.....	123
3.1.2.1.3. O papel do observador no espaço e no tempo	126
3.1.2.2. O papel nuclear do eixo de <i>frente/trás</i> na cognição.....	131
3.1.2.2.1. Porquê ser o eixo <i>frente/trás</i>	131
3.1.2.2.2. <i>Frente/ trás</i> no espaço e os seus usos no tempo.....	136
3.1.2.3. Nos casos particulares: português vs. mandarim	149
3.1.2.3.1. A direção (inerente) do evento	155
3.1.2.3.2. A correspondência entre <i>frente/ trás</i> e <i>cedo/ tarde</i>	167
3.1.2.3.3. A correspondência entre <i>frente/ trás</i> e <i>passado/ futuro</i>	187
3.1.2.4. Conclusão: diferenças e semelhanças nas metáforas espaço-temporais entre o português e o mandarim.....	200
3.2. Metáforas do movimento temporal	206
3.2.1. Movimento temporal baseado no movimento de um objeto.....	207
3.2.1.1. Os modelos de <i>time-moving</i> e de <i>ego-moving</i>	207
3.2.1.2. Mapeamentos do verbo desde o espaço para o tempo através de modelos de <i>time-moving</i> e <i>ego-moving</i>	211
3.2.2. Metáforas sobre a direção relativa do movimento entre o evento e Ego no sentido de mudança da distância (aproximação ou afastamento) (<i>ir/ vir, chegar/ voltar, passar</i>).....	212
3.2.2.1. <i>Vir/ ir</i> em português vs. 来 (lái, <i>vir</i>) / 去 (qù, <i>ir</i>) em mandarim.....	212
3.2.2.2. <i>Chegar</i> em português vs. 到 (dào, <i>chegar</i>) em mandarim	228
3.2.2.3. <i>Voltar</i> em português vs. 回 (huí, <i>voltar</i>) em mandarim	231
3.2.2.4. <i>Passar</i> em português vs. 过 (guò, <i>passar</i>) em mandarim.....	233
3.2.3. Metáforas sobre a direção relativa entre o evento e Ego no sentido de localização (<i>frente/ trás</i>).....	235
3.2.4. Metáforas do modo de realizar um movimento (do tempo ou do Ego no tempo).....	241
3.2.5. Conclusão	249
CAPÍTULO 4.....	257
OS ESQUEMAS IMAGÉTICOS NAS METÁFORAS TEMPORAIS.....	257
4.1.O esquema imagético CONTENTOR.....	257
4.1.1. Os componentes e lógicas do esquema imagético de CONTENTOR	257

4.1.2. Os mapeamentos do CONTENTOR desde o domínio espacial ao domínio temporal.	262
4.1.2.1.O estado estático no sentido de <i>definir a duração</i> : <i>em/ dentro</i> em português e 在 (lǐ, <i>em</i>)/ 内 (nèi, <i>dentro</i>)/ 中 (zhōng, <i>meio, centro</i>) em mandarim	262
4.1.2.2.O estado dinâmico no sentido de <i>gastar</i> : <i>entrar em</i> (gastar o espaço do <i>contentor</i> temporal) e <i>sair de</i> (gastar o conteúdo preexistente do <i>contentor</i> temporal) CONTENTOR	267
4.1.3. Conclusão	270
4.2.O esquema imagético ORIGEM-TRAJETO-META	273
4.2.1. Os componentes e lógicas do esquema imagético ORIGEM-TRAJETO-META	273
4.2.2. O trajeto espacial e o <i>trajeto</i> temporal	276
4.2.2.1. Trajeto no espaço	276
4.2.2.2. <i>Trajeto</i> no tempo	276
4.2.2.3. A relação entre Ds (distância do movimento) e Du (duração do evento)	277
4.2.3. ORIGEM e META em domínios espacial e temporal	281
4.2.3.1. Preposições para indicar ORIGEM (ponto de partida): <i>de</i> em português e 从 (cóng, <i>de</i>) em mandarim	282
4.2.3.2. Preposições para indicar META (ponto de chegada): <i>a, até, para</i> em português e 到 (dào, <i>chegar</i>) em mandarim	287
4.3. Conclusão	291
CAPÍTULO 5	294
CONCLUSÕES: ASPETOS LINGÜÍSTICOS E CULTURAIS DAS METÁFORAS TEMPORAIS E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRIAÇÃO DE METÁFORAS	294
5.1. Aspectos linguísticos e culturais que contribuem à diversificação de metáfora temporal em português e mandarim	294
5.1.1. Metáforas temporais de <i>cima/baixa</i> : carência em português vs. abundância em mandarim	294
5.1.2. Metáforas temporais de <i>frente/trás</i> : unidade em português vs. complexidade em mandarim	299
5.2. Algumas conclusões sobre a criação de metáforas	313
5.2.1. A base das metáforas temporais é a materialização	313
5.2.2. Metáforas temporais são baseadas na semelhança ou criam a semelhança entre espaço-tempo?	319
5.3. Conclusão final	319
REFERÊNCIAS	322

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. (<i>Figure 1</i> , uma hierarquia em que o esquema TRAJETO (PATH no inglês), Peña, 1999, p.205)	35
Figura 2. Representação esquemática de rede de uma metáfora de correlação (Figure 1: <i>Schematic network representation of a correlation-based metaphor</i> , Grady, 1999, p.90).....	46
Figura 3. Representação esquemática de uma metáfora de analogia (Figure 2: <i>schematic representation of a simple resemblance metaphor</i> , Grady, 1999, p.91)	46
Figura 4. Interpretações diferentes de <i>Star of David</i> (Figura 2.1, 2.2, 2.3 Black, 1979, p.32.).....	60
Figura 5. De eventos básicos a metáforas primárias (Figure 1 <i>From basic events to primary metaphors</i> , Grady, 1997, p.20).....	64
Figura 6. 1 (Fig. 1. An arrangement of dots.....	82
Figura 6. 2 (Fig. 2. A set of slits placed on the arrangement of Fig. 1).....	82
Figura 6. 3 (Fig. 3. The arrangement of Fig. 1 seen through the slits)	82
Figura 6. 4 (Fig. 4. The slits placed on a different arrangement of dots)	82
Figura 7. Mapeamento de <i>exclusive location</i> (Iwata, 1995, pp.184-185)	84
Figura 8. Mapeamentos de HAPPINESS IS LIGHT (Sullivan, 2006, p.392)	88
Figura 9. Mapeamentos de KNOWING IS SEEING (Sullivan, 2006, p.393)	89
Figura 10. Princípios da preservação das semelhanças	93
Figura 11. Implicações em diferentes níveis de metáfora (Lakoff e Johnson, 1980c, p.457).....	95
Figura 12. Mapeamentos de COMPLEX SYSTEMS ARE BUILDINGS (Kövecses, 2000)	98
Figura 13. 大 (<i>dà</i> , <i>grande</i>) e 小 (<i>xiǎo</i> , <i>pequeno</i>) nas apresentações dos <i>dias</i>	113
Figura 14. (FIGURA 37 no texto original, Teixeira, 2001, p. 495)	118
Figura 15. Frente e atrás com a referência da cara (Frishberg e Gough, 1973).....	132
Figura 16. Relação entre o eixo cima-baixo e anterior-posterior em mandarim (com exemplos de <i>semana</i>).....	133
Figura 17. Relação entre o eixo cima-baixo e anterior-posterior em mandarim (com exemplos de <i>mês</i>)	134
Figura 18	138
Figura 19. Variações do quadro de referências relativas para configurações frontais (Levinson, 2003, citado por Beller e Bender, 2017, Figure 1)	140
Figura 20. (FIGURA 57, Teixeira, 2001, 347)	142
Figura 21. Entendimentos diferentes sobre a direção com a variedade do quadro de referência.....	143
Figura 22. Entendimentos sobre <i>frente</i> e <i>atrás</i> no modelo de movimento	146
Figura 23. (FIGURA 32, originalmente em Teixeira, 2001, p.330).....	148
Figura 24 a <i>Mirror-image prototype</i>	151
Figura 24 b <i>In-tandem prototype</i>	151

Figura 25. O modelo da perspectiva egocêntrica em francês e italiano (Figure 5: Egocentric perspective, Radden, 2003, p.233)	152
Figura 26. <i>Frente</i> indica <i>duas semanas atrás</i> no alemão (Figure 6: 'Front' denoting past time as in vorige Woche, Radden, 2003, p.234)	153
Figura 27. <i>Atrás</i> indica o tempo depois de hoje em mandarim (Figure 7: 'Back' denoting future time as in Chinese, Radden, 2003, p.235)	153
Figura 28. (FIGURA 22, Teixeira, 2001, p.482)	160
Figura 29. O modelo do encaramento (FIGURA 47, Teixeira, 2001, p.339)	160
Figura 30. Uma praça de touros (A FIGURA 51, Teixeira, 2001, pp.343)	161
Figura 31	166
Figura 32. Evento configurado como triângulo	167
Figura 33. O observador está incluído numa linha temporal no modelo de <i>time-moving</i>	168
Figura 34. O observador está incluído numa linha temporal no modelo de <i>ego-moving</i>	169
Figura 35. O observador está incluído numa linha temporal no modelo de <i>time-moving</i>	169
Figura 36. O observador está incluído numa linha temporal no modelo de <i>ego-moving</i>	170
Figura 37. O observador está incluído numa linha temporal no modelo de <i>time-moving</i>	170
Figura 38. O observador está incluído numa linha temporal no modelo de <i>ego-moving</i>	171
Figura 39. O observador está incluído numa linha temporal no modelo de <i>time-moving</i>	171
Figura 40. O observador está incluído numa linha temporal no modelo de <i>ego-moving</i>	172
Figura 41. O observador está fora da linha temporal	173
Figura 42. A sequência dos eventos é metaforizada como comboio (Yu, 1988, p.107; Yu, 2012, p.1338)	174
Figura 43. (FIGURA 21, Teixeira, 2001, p.482)	177
Figura 44. (FIGURA 22, Teixeira, 2001, p.482)	177
Figura 45. (FIGURA 5, Teixeira, 2001, p.468)	190
Figura 46. (FIGURA 14 e FIGURA 15, Teixeira, 2001, p.375)	191
Figura 47	192
Figura 48	193
Figura 49	195
Figura 50	196
Figura 51	204
Figura 52	204
Figura 53	205
Figura 54	214
Figura 55	215
Figura 56	215
Figura 57. Os usos do verbo <i>vir</i> em diferentes modelos	217
Figura 58	220
Figura 59	222

Figura 60. O esquema de 下来 (xià lái ,baixo vir, <i>descer</i>) e 下去 (xià qù, baixo ir, <i>descer</i>) em mandarim (o esquema original vem de Guan,2015, p.20).....	225
Figura 61. Esquema de 下来 (xià lái ,baixo vir, <i>descer</i>) e 下去 (xià qù, baixo ir, <i>descer</i>) no domínio temporal para ilustrar a tendência do evento.....	226
Figura 62	229
Figura 63	231
Figura 64. (Figura no texto original, Teixeira, 1997, p.134).....	231
Figura 65. Usos do verbo 走 (zǒu, <i>andar</i>) nos modelos de <i>time-moving</i> e <i>ego-moving</i>	237
Figura 66	252
Figura 67	253
Figura 68. O desenvolvimento do glifo 中 (zhōng, <i>meio, centro</i>) em diferentes períodos na China antiga	266
Figura 69. Mapeamentos entre o espaço e o tempo pelos verbos <i>ocupar, preencher</i>	268
Figura 70. Mapeamentos entre o espaço e o tempo pelo verbo <i>inserir</i>	268
Figura 71. Implicações dos verbos portugueses <i>levar, tomar, tirar</i> na metáfora temporal com o sentido de <i>gastar o tempo</i>	269
Figura 72. O esquema genérico de espaço e tempo (<i>Figure 5</i> , Usui, 2007, p.8)	279
Figura 73. Valores semânticos da preposição 从 (cóng, <i>de</i>)	285
Figura 74. O caracter antigo da palavra chinesa 从 (cóng, <i>de</i>)	285
Figura 75. O esquema da preposição <i>até</i> no espaço dinâmico (Cesa, 2013, p.73)	288
Figura 76. O esquema das preposições <i>de</i> e <i>até</i> (Cesa, 2013, p.74)	288
Figura 77. O esquema da preposição <i>até</i> no tempo dinâmico (Cesa, 2013, p.74)	288
Figura 78. O esquema das preposições <i>desde</i> e <i>até</i> no tempo estático (referência) (Cesa, 2013, p.74)	288
Figura 79. O esquema imagético ESCALA (Alvaro, 2008, p.118)	289
Figura 80. O trecho da escrita antiga chinesa.....	298
Figura 81	304
Figura 82	305
Figura 83. Os caracteres antigos de 古 (gǔ, <i>antigo</i>) e de 今 (jīn, <i>hoje, agora, presente</i>)	310

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Particularidades de Figura e Fundo (Talmy ,2000, pp.314-315)	25
Tabela 2. A relação espacial/temporal configurada pelos órgãos do corpo humano (em mandarim) ..	30
Tabela 3. Esquema imagético principal e o seu grupo subsidiário.....	35
Tabela 4. Uma classificação dos esquemas imagéticos (Clausner e Croft, 1999, p.15)	36
Tabela 5. Expressões diferentes em relação a uma ação de levar um tempo para fazer trabalhos	38
Tabela 6. Diferenças entre a metáfora de correlação e a metáfora de analogia	47
Tabela 7. Três tipos de metáfora (Indurkha, 1992, pp.257-258)	81
Tabela 8. <i>The integration of EXPECTATION, ARRIVAL, and SPATIAL DEIXIS in the grounding scenario of Moving Time</i> (Moore, 2011, p.97)	90
Tabela 9. Semelhanças entre o português e o mandarim em aplicação de alguns adjetivos no tempo	116
Tabela 10. Diferenças entre português e mandarim em aplicação de adjetivos no domínio temporal	116
Tabela 11. Correspondências semânticas entre as palavras 前 (qián, <i>frente</i>) e 后 (hòu, <i>trás</i>) em mandarim (O símbolo * indica que a palavra não é aceite no contexto pragmático do mandarim)	138
Tabela 12. Correspondências entre <i>frente/ trás</i> e futuro/passado no inglês	150
Tabela 13. Modelos diferentes em duas línguas na representação da direção espacial (Hill,1978, p.536)	152
Tabela 14. Estratégias de referência e suas relações com os t-FoRs (Evans 2013, p.420).....	155
Tabela 15. Três correspondências entre a direção espacial e a sequência temporal.....	155
Tabela 16. Bases cognitivas de <i>frente</i> do espaço transferem para o domínio do tempo.....	159
Tabela 17. A correspondência entre <i>frente/ atrás</i> e <i>cedo/ tarde</i> no modelo de <i>time-moving</i>	168
Tabela 18. A correspondência entre <i>frente/ atrás</i> e <i>cedo/ tarde</i>	169
Tabela 19. A correspondência entre <i>frente/ atrás</i> e <i>cedo/ tarde</i>	170
Tabela 20. A correspondência entre <i>frente/ atrás</i> e <i>cedo/ tarde</i>	170
Tabela 21. A correspondência entre <i>frente/ atrás</i> e <i>cedo/ tarde</i>	171
Tabela 22. A correspondência entre <i>frente/ atrás</i> e <i>cedo/ tarde</i>	171
Tabela 23. A correspondência entre <i>frente/ atrás</i> e <i>cedo/ tarde</i>	172
Tabela 24. A correspondência entre <i>frente/ atrás</i> e <i>cedo/ tarde</i>	172
Tabela 25. A correspondência entre <i>frente/ atrás</i> e <i>cedo/ tarde</i>	173
Tabela 26. O passado pela visão 2	196
Tabela 27. O futuro pela visão 2	196
Tabela 28. O futuro pela visão 1	197
Tabela 29. O passado pela visão 2	198
Tabela 30. Direção de evento	200
Tabela 31. Sequência entre eventos	200
Tabela 32. A correspondência entre <i>passado/ futuro</i> e <i>frente/ trás</i>	200

Tabela 33. Conclusão das metáforas temporais com ideia principal do domínio do espaço	206
Tabela 34. Os mapeamentos de <i>time-moving</i>	208
Tabela 35. Mapeamentos no modelo de <i>ego-moving</i> (Moore, 2000, p.83)	209
Tabela 36. Uso variantes de 来(lái, vir) e 去(qù, ir) em mandarim	219
Tabela 37. 来(lái, vir) na expressão do futuro próximo	224
Tabela 38. 去(qù, ir) na expressão do futuro próximo	224
Tabela 39. Usos de 来(lái, vir) e 去(qù, ir) nas expressões temporais	226
Tabela 40. Ações descritas por verbo 回(huí, voltar)	232
Tabela 41. Ações descritas por verbo 还(huán, voltar)	232
Tabela 42. Usos de 奔(bēn, correr) e 跨(kuà, cruzar) no espaço e no tempo	238
Tabela 43. Exemplos dos verbos visuais nas expressões lexicais de <i>futuro</i> e <i>passado</i> em mandarim	239
Tabela 44. Comparação entre o português e o mandarim em termos da direção relativa do movimento entre o evento e Ego no sentido de mudança da distância (aproximação ou afastamento)	250
Tabela 45. Comparação entre o português e o mandarim em termos da direção relativa entre o evento e Ego no sentido de localização (frente/trás)	250
Tabela 46. Comparação entre o português e o mandarim em termos do modo de realizar um movimento (do tempo ou do Ego)	250
Tabela 47. O uso da preposição 里(lǐ, em) na descrição de diferentes objetos	263
Tabela 48. Contentores com diferentes propriedades físicas.....	264
Tabela 49. Exemplos dos usos de 里(lǐ, em) e 内(nèi, dentro)	265
Tabela 50. As vertentes semânticas prototípicas da preposição <i>de</i> que contêm valor de Direção e de Origem (da Mota Santos, 2007, pp.99-101).....	283
Tabela 51. Os significados de 从(cóng, de) nos domínios espacial e temporal	285
Tabela 52. Usos diferentes das preposições em domínio temporal entre o português e o mandarim	286
Tabela 53. Usos da preposição <i>a</i> nas expressões do movimento	287
Tabela 54. 上(shàng, cima) nas expressões temporais do tempo	295
Tabela 55. 下(xià, baixo) nas expressões temporais do tempo	296
Tabela 56. 前(qián, frente) nas expressões temporais do tempo	300
Tabela 57. 后(hòu, trás) nas expressões temporais do tempo	300
Tabela 58.....	304
Tabela 59. 前(qián, frente)/后(hòu, atrás) no sentido de alcance	306
Tabela 60. As bases cognitivas de metáfora temporal em direções diferentes de cada língua	312

INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade clássica até à atualidade, de que são exemplos Richard (1929) e Black (1962,1979), Gentner (1983, 1986, 1989, 2001), Lakoff (1980,1987,1990,1993, 2009, 2012), Gibbs (2006), o estudo da metáfora nunca parou. A compreensão da metáfora também foi transformada pelo surgimento das ciências cognitivas. Quando os seres humanos compreendem coisas novas, devido a limitações da capacidade cognitiva, têm de utilizar conceitos familiares para descrever e falar sobre coisas novas ou conceitos novos (Lakoff e Johnson, 1980). Este processo resulta na metáfora. A metáfora não é apenas um fenómeno linguístico no sentido de retórico, mas, mais importante ainda, um fenómeno cognitivo humano no sentido de ser uma atividade psicológica complexa. Têm surgido, então, estudos sobre as questões controversas sobre a metáfora: o mecanismo da criação da metáfora (baseia-se na semelhança ou cria-se a semelhança?), seu mecanismo operacional (uma preservação parcial e uma transferência condicionada em termos do Princípio da Invariância), a diversificação da metáfora (atribuída a causas linguísticas e culturais). Neste contexto, com o propósito de repensar algumas questões controversas, o nosso estudo pretende selecionar as metáforas espaço-temporais no eixo vertical (*cima/baixo*) e horizontal (*frente/trás*) para realizar um estudo linguístico contrastivo entre o português e o mandarim.

As razões para optar pela metáfora espaço-temporal podem ser resumidas em três pontos. Em primeiro lugar, o domínio fonte e alvo que estão envolvidos na metáfora espaço-temporal são os domínios cognitivos mais básicos e fundamentais da cognição humana e formam mapeamentos diversificados. O conceito de tempo faz parte crucial das atividades humanas. No entanto, não há órgãos sensoriais para sentir o tempo de maneira direta. Portanto, o entendimento do tempo deve depender de outros conceitos mais concretos, tais como o espaço e o movimento. Esses domínios experienciais são universais nas interações entre o corpo e o mundo. Sendo assim, as metáforas espaço-temporais são metáforas conceituais fundamentais com mapeamentos diversificados na medida em que fornecem exemplos abundantes para estudar as bases cognitivas da ocorrência do processo metafórico e dos respetivos mecanismos operativos. Em segundo lugar, as metáforas espaço-temporais existem na maioria das línguas conhecidas e são universais em muitos aspetos. É esta universalidade que proporciona a possibilidade de estudar as semelhanças e diferenças nas

metáforas interculturais. Em terceiro lugar, há lacunas na área da linguística cognitiva no estudo contrastivo da metáfora temporal entre português e mandarim. A maior parte dos estudos deste tema são baseados no inglês. Em chinês, existem estudos representativos de Yu (1998, 2012), Huang e Zürcher (1995) e alguns outros. Em português, um estudo mais desenvolvido e sistemático deste tema encontra-se na tese de Teixeira (2001), no qual ilustra em detalhes a relação espaço-temporal com *frente/trás*. O nosso estudo é realizado por uma comparação de metáforas temporais entre português e mandarim para ver convergências ou divergências entre as duas línguas a fim de, através dos resultados da comparação, 1) se verificar como o espaço e o movimento servem de base à metaforização do tempo nas duas línguas e 2) perceber algumas das semelhanças e diferenças e como elas se relacionam com aspetos linguísticos e culturais das duas línguas.

Em relação à primeira questão, existem duas opiniões principais. A visão dominante é a *metaphoric mapping theory* (teoria do mapeamento metafórico). A representação espacial é universalmente confirmada como a fonte da representação do tempo. Um domínio abstrato como o tempo deriva as suas construções de um domínio mais concreto e experiencial, tal como o do espaço, isto é, os esquemas espaciais evocados pelas metáforas fornecerão contexto relevante para a organização da informação do evento na informação do tempo (Lakoff e Johnson, 1980a). A segunda visão chama-se de *structure-mapping view* (Gentner, 1983, 2001). Esta visão acredita que a metáfora precisa primeiramente de descobrir as estruturas comuns existentes entre domínios diferentes. Quando estão descobertas as estruturas comuns nos domínios do tempo e do espaço, outras inferências sobre o domínio-fonte (espaço) podem ser mapeadas para o domínio-alvo (tempo). No que diz respeito à questão de como as diferenças entre o português e o mandarim se relacionam com aspetos linguísticos e culturais das duas línguas, devemos entender que a experiência é sempre subjetiva e contruída com interações particulares de cada indivíduo com o mundo. Sendo assim, selecionamos duas línguas (português e mandarim) que representam culturas diferentes para verificar com mais facilidade como as divergências culturais funcionam numa diversificação metafórica.

Com o propósito de resolver aquelas duas questões, a tese é organizada em cinco capítulos, dos quais o segundo e o terceiro constituem a parte nuclear. Os dois primeiros capítulos servem como o fundamento teórico e a revisão da literatura para a tese ter uma base bem fundamentada. Os capítulos 3 e 4 são as componentes principais, nos quais se realizam comparações de metáforas temporais, quer no eixo vertical (*cima/baixo*) quer no eixo horizontal (*frente/trás*), com domínios-fonte como o

espaço e o movimento. O capítulo 5 termina a tese com conclusões com base nos resultados das comparações.

No Capítulo 1, analisamos o papel insubstituível do espaço, que também funciona como o domínio-fonte da metáfora temporal, na nossa cognição pela perspectiva corporificada. Tanto o corpo como o espaço são componentes essenciais de quase todas as atividades e cognições psicológicas humanas. Os resultados da interação entre o corpo e o espaço são linguisticamente chamados de esquemas imagéticos que funcionam ativamente nas atividades mentais, nas quais estão incluídas as metáforas temporais. Segundo o Princípio da Invariância, entendemos que os esquemas imagéticos diversificam a produção da metáfora temporal, por um lado e, por outro, restringem o seu desenvolvimento arbitrário num contexto cognitivo determinado.

O capítulo 2 enfoca a relação entre metáfora e semelhança. Habitualmente, tem sido afirmado que a metáfora ocorre com base na semelhança entre o domínio-fonte e o domínio-alvo. Recentemente, é proposto que as metáforas não se baseiam apenas em semelhança, mas também criam semelhanças. Além disso, outros autores (tais como Turner, 1990, 1993; Clausner e Croft, 1997, 1999) sugeriram que a semelhança também restringe a ocorrência e o desenvolvimento do mapeamento entre o domínio-fonte e o domínio-alvo. Esta restrição não se reflete apenas na semelhança seletiva entre o domínio-fonte e o domínio-alvo, mas também reflete que a metáfora é um meio cognitivo que não liga dois objetos quaisquer de maneira ilógica.

A metáfora temporal é uma metáfora concetual particular na medida em que envolve elementos que provêm de três domínios inseparáveis: espaço, movimento, tempo. Por isso, o Capítulo 3 é composto por duas secções. A primeira estuda as metáforas temporais que acentuam os elementos espaciais (dimensão, direção, posição). A segunda, em alternativa, estuda as metáforas temporais que se focam nos elementos dinâmicos do tempo (percurso, modo de movimento). O conteúdo principal da primeira secção é uma aplicação diversificada das direções *cima/baixo* e *frente/trás* nas metáforas temporais. Especificamente, os mapeamentos de *frente/trás* da metáfora temporal podem ser agrupados em três tipos. Em primeiro lugar, a base do mapeamento entre dimensões espaciais e quantidades de tempo é que o domínio do tempo utiliza as dimensões verticais e horizontais no espaço para expressar a duração do tempo. Em segundo lugar, existe um mapeamento entre as posições relativas de diferentes objetos no espaço e a sequência de eventos no tempo. A disposição objetiva das posições dos eventos na linha do tempo (sequência) é afetada pelo julgamento subjetivo da disposição

(antes e depois) dos objetos no espaço. Em terceiro lugar, há um tipo de metáfora temporal que projeta *frente/ trás* no espaço para passado/futuro no tempo com base na experiência visual ou na experiência de movimento.

A segunda parte do Capítulo 3 estuda metáforas temporais que contêm outros elementos do movimento. O mapeamento desse tipo de metáfora ocorre também em três aspetos: a mudança na distância entre o observador e o evento (aproximação ou afastamento); a direção do movimento do evento ou do observador no tempo (*frente/ trás*) e o modo como o tempo se move. Dado que os movimentos frequentes na vida quotidiana ocorrem normalmente na direção horizontal, as metáforas temporais que se concentram no domínio do movimento também estão intimamente relacionadas com *frente e trás*.

O Capítulo 4 estuda a limitação do mapeamento na metáfora temporal. A pesquisa concentra-se em metáforas que acontecem em dois esquemas imagéticos (CONTENTOR e ORIGEM-TRAJETO-META). Através do abandono, retenção e transferência das características dos componentes e das relações dos componentes do domínio-fonte no domínio-alvo, podemos explorar as condições de mapeamento entre eles, bem como várias limitações (cognitivas e linguísticas) no processo de mapeamento.

O Capítulo 5 é uma análise baseada nos resultados da investigação dos Capítulos 3 e 4. Tomando como facto a diferença nas metáforas temporais entre o português e o mandarim, explora as razões para a diferença do mesmo tipo de metáfora (neste caso a metáfora temporal) em diferentes línguas a partir de perspetivas linguísticas e culturais. Além disso, tenta-se fazer algumas suposições sobre o mecanismo da produção de metáforas. Na verdade, a formação da metáfora, o mapeamento limitado e a diversidade da metáfora estão interligadas. O nosso estudo tem como um dos objetivos esclarecer essas dúvidas através da análise da metáfora temporal nas duas línguas escolhidas (português e mandarim).

CAPÍTULO 1

O CORPO E O ESPAÇO NA COGNIÇÃO CORPORIFICADA

1.1. O corpo na cognição corporificada

A primeira geração da Ciência Cognitiva analisa os conceitos com base em modelos formais abstratos, totalmente desligados do corpo e existindo apenas no cérebro (Gallese e Lakoff, 2005, p.455). Segundo Lakoff (2012),

Concepts were seen as characterized by inherently meaningless abstract symbols that got their meaning via the ability to “represent” external mind-free reality, without the body or brain playing any significant role (Lakoff, 2012, pp.773-774).

Mais tarde, um número crescente de pesquisadores e filósofos argumentou que a ciência cognitiva precisava de se reorientar em termos da natureza da mente e da cognição, devido a que cada vez se percebe mais que o lugar onde a cognição ocorre é no cérebro e este é uma parte dos mecanismos que fazem a adaptação dos humanos ao ambiente que os rodeia (Dewey, 1973, p. 214).

Com base nos resultados de vários estudos, é considerado que os processos cognitivos são fundamentalmente baseados em nossas interações corporais com o mundo. Por exemplo, as cores são designadas por termos linguísticos, mas elas não existem no mundo sem uma corporização:

Colors have external requirements (e.g., wavelength), but they do not exist without embodiment: Color cones in the retina and complex neural circuitry connected to those color cones. Thus, the external world alone cannot account for “green.” (Kay e McDaniel, 1978).

Mervis e Rosch (1981) revelam que as categorias do nível básico são possivelmente definidas por três tipos de corporização: *gestalt perception*, *mental imagery* e *motor programs*. Todos os processos cognitivos requisitam o corpo e o cérebro: precisamos de corpo e cérebro para entender o significado de “cadeira” ou de “carro”. Os cérebros biológicos são, antes de mais nada, sistemas de controle dos corpos biológicos (Clark, 1998, p. 506). Neste contexto, a Ciência Cognitiva passa, então, a ser corporificada. Uma das ideias nucleares mais recentes é a de que a Ciência Cognitiva precisa de deixar a cognição envolver a mente, a mente envolver ao corpo e o corpo envolver ao ambiente (Wheeler, 2005, p. 11).

A transformação do papel do corpo na constituição da cognição é atribuída, à exceção dos estudos empíricos atuais, pelas ideias de alguns filósofos modernos, nos quais os mais destacados são Merleau-Ponty¹, Heidegger² e Husserl³. Segundo Merleau-Ponty ([1945]2012), “O problema do mundo, e, para começar, o do corpo próprio, consiste no facto de que tudo reside ali”. Além disso, o corpo oferece uma visão sobre o mundo:

I consider my body, which is my point of view upon the world, as one of the objects of that world. I repress the consciousness that I had of my gaze as a means of knowing and I treat my eyes as fragments of matter. From then on my eyes are placed within the same objective space where I attempt to situate the exterior object and I believe that the projection of the objects upon my retina brings about the perceived perspective (Merleau-Ponty, [1945] 2012, p.73).

Todos os conhecimentos são adquiridos a partir de experiências que são resultados de interação entre o corpo e o mundo e que são mudáveis por acontecerem sempre novas interações entre eles. Por exemplo, um movimento é aprendido quando o corpo o compreendeu:

Consciousness is being toward the thing through the intermediary of the body. A movement is learned when the body has understood it, that is, when it has incorporated it into its “world,” and to move one’s body is to aim at the things through it, or to allow one’s body to respond to their solicitation, which is exerted upon the body without any representation (Merleau-Ponty, [1945] 2012, p.140).

Para Merleau-Ponty, o corpo desempenha um papel constitutivo da experiência por meio de preservar e fundamentar na nossa consciência as percepções constantes que, por sua vez, formam em retorno o padrão da intencionalidade (Carman, 1999, p.222). O corpo está sempre a ajustar-se a fim de integrar experiências novas e manter o controlo em relação aos objetos:

We withdraw the synthesis from the objective body in order to give it to the phenomenal body, that is, the body insofar as it projects a certain “milieu” around itself, insofar as its “parts” know each other dynamically and its receptors are arranged in such a way as to make the perception of the object possible through their synergy (Merleau-Ponty, [1945]2012, p.241).

¹ Merleau-Ponty Maurice, filósofo fenomenólogo francês, 1908-1961.

² Martin Heidegger, filósofo, escritor, professor e reitor universitário alemão, 1889-1976.

³ Edmund Husserl, filósofo e matemático alemão fundador da escola da fenomenologia, 1859 -1938.

Além disso, as pessoas têm um sentido corporal específico que produz conhecimentos particulares sobre seus corpos. Vários sistemas sensoriais fornecem informações sobre um estado ou uma ação do corpo, nos quais os mais acentuados são (Bermúdez *et al.*, 1998, p.13):

- 1) Information about pressure, temperature, and friction from receptors on the skin and beneath the surface.
- 2) Information about the relative state of body signals from receptors in the joints, some sensitive to static position, some to dynamic information.
- 3) Information about balance and posture from the vestibular system in the inner ear and the head/trunk dispositional system and information from pressure on any parts of the body that might be in contact with gravity-resisting surfaces.
- 4) Information from skin stretch and bodily disposition and volume.
- 5) Information from receptors in the internal organs about nutritional and other states relevant to homeostasis and well-being.
- 6) Information about effort and muscular fatigue from muscles.
- 7) Information about general fatigue from cerebral systems sensitive to blood composition.

Esses sistemas de informações funcionam conjuntamente a fim de produzir tanto um *body schema* quanto um *body image*.

Heidegger não enfatiza o papel do corpo em *Being and Time*. Neste livro, publicado em 1927, ele apenas afirma que a espacialidade do *Dasein* está ligada à sua *Leiblichkeit* (*natureza corporal*).

Dasein's spatialization in its 'bodily nature' is likewise marked out in accordance with these directions. Thus things which are ready-to-hand and used for the body-like gloves, for example, which are to move with the hands-must be given directionality towards right and left (Heidegger, [1927]1962, p.143).

A negligência do corpo na cognição de Heidegger é devida à influência da filosofia ocidental (Aho, 2005, pp.2-3). Embora não se focalize no corpo, Heidegger indica uma nova dimensão da existência do corpo além do corpo com órgãos apenas perceptuais. Segundo Heidegger, o corpo humano é diferente em relação aos de outros animais. Heidegger aproveita a conexão etimológica entre a palavra *Leben* (*vida*) e a palavra *Leib* (corpo) para criar um verbo *leiben*. A ideia central deste verbo *leiben* é que a humanidade sobreviva com base no modelo do corpo. Isto quer dizer que vivemos de acordo com o corpo modelizado ou existimos mediante o modelo do corpo (Heidegger, [1987]2001).

As ideias distintas entre Heidegger e Merleau-Ponty dizem respeito à forma da existência (do corpo) no mundo. Para Heidegger ([1927]1982), *Dasein* é, realmente, o acontecimento da

compreensão. A existência é o “movimento” dinâmico ou “acontecimento” de uma compreensão do ser que se realiza num mundo concreto, referindo-se à maneira única como um ser humano entende ou interpreta a sua vida num contexto social compartilhado (Heidegger, [1927]1982, p.276, citado por Aho, 2005, p.4). Para Heidegger, a espacialidade de *Dasein* é dependente da sua temporalidade. Na verdade, em *Being and Time*, Heidegger priorizou o tempo (ou temporalidade) sobre o espaço. Isto acontece porque se a corporização humana fosse uma característica fundamental do nosso ser-no-mundo, teríamos obviamente de entender o corpo como o objeto espacial. Porém, uma vez que Heidegger não está disposto a dar espaço à corporização ao nível do ser-no-mundo de *Dasein*, ele apenas configura a espacialidade com base no ser-no-mundo que, por sua vez, está enraizada no tempo (Zahavi e Overgaard, 2012, p.271).

Na opinião de Husserl ([1913]1989), o corpo não é suficiente para o sujeito perceber e interagir com objetos no mundo. A percepção envolve uma autoexperiência corporal. Por exemplo, para tomar um café, devemos conhecer algumas informações, tais como a direção do café, a distância entre nós e o café e a posição do café relativamente às nossas mãos, etc. Todas as informações ajudam a decidir como mover braços e mãos para pegá-lo. No entanto, não há informações sobre o nosso próprio corpo, uma vez que o nosso corpo não está num alcance visual: não há nenhuma experiência visual referente ao nosso próprio corpo. Então, como nós sabemos as informações sobre como o café se relaciona connosco? A resposta possível é que embora nenhum componente da minha percepção seja sobre mim, algum componente de conhecimento que ela produz é (Perry, 1993, p.205). Sendo assim, um corpo serve também como o ponto de referência no qual todos os objetos preceptivos estão relacionados de maneira única. O espaço é egocêntrico e percebido mediante o corpo (Husserl, [1913] 1989).

The Body then has, for its particular Ego, the unique distinction of bearing in itself the zero point of all these orientations. One of its spatial points, even if not an actually seen one, is always characterized in the mode of the ultimate central here: that is, a here which has no other here outside of itself, in relation to which it would be a "there." It is thus that all things of the surrounding world possess an orientation to the Body, just as, accordingly, all expressions of orientation imply this relation. The "far" is far from me, from my Body; the "to the right" refers back to the right side of my Body, e.g., to my right hand (Husserl, [1913] 1989, p.166).

Além disso, Husserl nota que a percepção está relacionada intimamente com a ação. Essa ideia é consistente de certa maneira com a de Heidegger, uma vez que Heidegger ([1927]1962) enfatiza a temporalidade, ou seja, o aspeto dinâmico das experiências corporificadas. Para Heidegger

([1927]1962), o tempo não é um conceito concebido fora da humanidade. Embora nunca se possa saber o que é o tempo, devido à estreita relação que mantemos com ele, Heidegger identifica uma conexão íntima entre tempo e existência. É por causa disso, uma das suas obras mais acentuadas é intitulada por *Ser e Tempo*.

No entender de Husserl ([1921]2001), a percepção não é simplesmente uma questão de recepção passiva, envolve obrigatoriamente uma exploração ativa. No processo de conhecer um mundo, o corpo, em vez de servir apenas como uma perspectiva, serve também como o ponto de partida (Zahavi e Overgaard, 2012, p.287).

But the object is never finished never fixed completely. (...) We mentioned in passing time and again that the courses of appearance go hand in hand with the orchestrating movements of the lived body. The lived-body is constantly there, functioning as an organ of perception; (...) The lived-body is in itself characterized as the perceiving-lived-body (Zahavi e Overgaard, 2012, p.286).

O corpo é uma substância concretizada que possui várias qualidades essenciais. Antes de mais, podemos entender o corpo como uma entidade que ocupa uma localização particular no espaço de maneira que ele possui limites determinados e pode situar-se apenas num local único em certo momento. Em segundo lugar, o corpo contém padrões observáveis e quantificados em termos de entidade, forma, tamanho e movimento. Por fim, o corpo pode ser considerado como um objeto no sentido da sua terminologia latina: *objectum*. É algo que existe antes do estabelecimento e representação do sujeito teorizado (Aho, 2005, p.3).

Piaget⁴ ([1966]2000), por seu lado, dedica-se ao estudo do desenvolvimento da capacidade cognitiva na infância, o que reflete algumas cognições originais em relação ao mundo. Piaget formulou a hipótese de que os bebés nascem com esquemas que ele chamou de “reflexos”. Para os animais, esses reflexos controlam o comportamento ao longo da vida. No entanto, no ser humano, à medida que o bebé usa esses reflexos para se adaptar ao ambiente, esses reflexos são rapidamente substituídos por esquemas construídos. Depois, os esquemas tornam-se cada vez mais complexos e formam-se estruturas organizadas de maneira hierárquica (ou seja, desde o nível geral para o nível específico). Há dois processos usados pelo indivíduo em sua adaptação no mundo: acomodação e

⁴ Jean William Fritz Piaget, biólogo, psicólogo e epistemólogo suíço, 1896-1980.

assimilação. A assimilação é o processo de usar ou transformar o ambiente para que possa ser integrado em estruturas cognitivas preexistentes. A acomodação, por sua vez, é o processo de mudar as estruturas cognitivas para aceitar algo novo do ambiente (Piaget, [1966]2000, p.22).

A ideia de Piaget é semelhante em certos aspectos à Cognição Corporificada (Merleau-Ponty, 1945[2012]), i.e., os conceitos primários emergem da experiência sensório-motora. Cada um deles é apoiado pela evidência de que a informação sensório-motora é importante para o desenvolvimento de conceitos na infância (Smith, 2005). Por exemplo, segundo o estudo de Soska *et al.* (2010), há evidências de que mudanças nos comportamentos de crianças, tais como o desenvolvimento de sentar e levantar-se, têm consequências para os conceitos primários. O estudo deles examinou a influência das habilidades de sentar sozinho na capacidade de bebês (com idade maior de quatro meses e menor de oito meses) de perceber objetos como formas 3D completas. O resultado demonstra que a capacidade de sentar sozinho, em vez da idade, é o melhor preditor da percepção do objeto 3D. Eles argumentaram que isso acontecia porque uma ação de sentar independente oferece aos bebês oportunidades de manipular objetos, e essas novas experiências visuais e táteis fornecem informações sobre a forma do objeto (Soska *et al.*, 2010).

Recentemente, a cognição corporificada ganha mais importância na área da linguística cognitiva pela contribuição de Lakoff e Johnson. As palavras de Johnson (1991), *Knowing through the body*, podem ser entendidas como:

First, it stresses knowing as an activity, rather than knowledge as a fixed and determinate state or product. Second, it stresses the role of human embodiment, quite in contrast to sentential approaches that focus on social practices of justification which are alleged to have nothing to do with our bodies (Johnson, 1991, p.3). (...) the place to begin is with our embodiment, which is the locus of our experience (Johnson, 1991, p.8).

O conhecimento conceitual é corporizado, ou seja, é mapeado dentro de nosso sistema sensório-motor. O sistema sensório-motor não apenas fornece estrutura ao conteúdo conceitual, mas também caracteriza o conteúdo semântico dos conceitos em termos da maneira como funcionamos com nossos corpos no mundo (Gallese e Lakoff, 2005, p.456).

Conforme Lakoff e Johnson (1999, p. 37), o corpo é necessário, se quisermos pensar. Os conceitos são formados por nossa experiência física, especialmente por nosso sistema sensório-motor. A maioria das experiências baseiam-se em relações espaciais, e em interações entre o corpo, o cérebro

e o ambiente. O mundo objetivo é apenas uma apresentação da aparência básica do material concreto que nos é dado pela realidade. Para entender o conteúdo do mundo, o processo deve ser realizado pelo nosso corpo fisiológico. Portanto, a experiência torna-se numa ponte entre o mundo objetivo e o mundo do observador. Lakoff e Johnson (1999, p.36) dividem a experiência em dois grupos: *phenomenological embodiment* e *neural embodiment*.

O primeiro é a maneira de esquematizar o corpo e coisas com as quais interagimos. Por exemplos, as direções *frente/ trás* ou as experiências de entrar ou sair de diferentes espaços fechados:

Spatial-relations concepts are embodied in various ways. Bodily projections are obviously based on the human body. Concepts like front and back and those in Mixtec arise from the body, depend on the body, and would not exist if we did not have the kinds of bodies we have. The same is true of fundamental force dynamic schemas: pushing, pulling, propelling, supporting, and balance. We comprehend these through the use of our body parts and our ability to move them, especially our arms, hands, and legs.

Other image schemas are also comprehended through the body. Our bodies are containers that take in air and nutrients and emit wastes. We constantly orient our bodies with respect to containers-rooms, beds, buildings. We spend an inordinate amount of time putting things in and taking things out of containers. We also project abstract containers onto areas in space, as when we understand a swarm of bees as being in the garden. Similarly, every time we see something move, or move ourselves, we comprehend that movement in terms of a source-path-goal schema and reason accordingly (Lakoff e Johnson, 1999, p.42).

O *neural embodiment* é a experiência neurológica.

But there is also neural embodiment, as we saw in the case of color. Neural embodiment characterizes the neural mechanisms that give rise to concepts-for example, the neural circuitry connected to the color cones that brings color into existence and characterizes the structure of color categories. These neural mechanisms explain why color categories have many of the phenomenological properties they have (Lakoff e Johnson, 1999, p.43).

Um aspeto-chave da cognição humana é a exploração neural, i.e., a adaptação dos mecanismos sensório-motores do cérebro para servir a novos papéis na razão e na linguagem, e, ao mesmo tempo, preservarem também as suas funções originais (Gallese e Lakoff, 2005, p.456).

Em resumo, para Lakoff e Johnson, a cognição deriva da natureza do cérebro, do corpo e da experiência corporificada. Por outras palavras, o comportamento cognitivo é inteiramente determinado pelas características do corpo humano, pelos detalhes específicos da estrutura neural do cérebro e

pela ação de indivíduo no ambiente ao redor dele. A ideia pode ser entendida pelo conceito de *grasp* (*agarrar*):

According to our proposal, the concept grasp, from which we will start, gets its meaning via our ability to imagine, perform, and perceive grasping. Our ability to imagine grasping makes use of the same neural substrate as performing and perceiving grasping. According to our proposal, imagining is a form of simulation—a mental simulation of action or perception, using many of the same neurons as actually acting or perceiving (Gallese, 2003, citado por Gallese, 2005, p.456).

A teoria da cognição corporificada sugere que os conceitos são compreendidos por meio de simulações sensório-motoras. Os conceitos são representados de (pelo menos) duas maneiras: 1) por meio de simulações sensório-motoras de nossas interações com objetos e eventos; 2) por meio de simulações sensório-motoras de processamento de linguagem (Dove, 2011, p.1).

Na verdade, a nossa mente é estruturada pelo corpo, por um lado e, por outro, de maneira semelhante ao corpo. Todos os conceitos complexos são afinal interpretados pelos conceitos básicos que surgem na experiência individual das interações quotidianas com o ambiente através do corpo (Rakova, 2002, p.218). Em particular, os conceitos abstratos, eles são estruturados com base em experiências condicionadas e relevantes através da fisiologia humana. Por exemplo, podemos falar e pensar sobre o tempo passado como algo que está “atrás de nós” porque, quando caminhamos, o que já foi experienciado no tempo tende também a estar localizado atrás de nós no espaço (Kranjec e Chatterjee, 2010, p.1).

1.1.1. O corpo: fonte de cognição

As sensações, vistas da forma tradicional, são indicadas como audição, visão, olfato, paladar, tato, etc. No entanto, é uma classificação mecânica que separa as conexões funcionais de diferentes partes do corpo. Geralmente, o corpo realça uma sensação por meio de omitir as outras a fim de adquirir informações mais necessárias por um sujeito. É, por causa disso, que *vemos uma fotografia* ou *ouvimos uma música*. No entanto, as várias funções sensoriais muitas vezes têm simultaneidade. As funções do corpo são indivisíveis. Segundo Gallese e Lakoff (2005),

That is, sensory modalities like vision, touch, hearing, and so on are actually integrated with each other and with motor control and planning. This suggests that there are no pure

“association areas” whose only job is to link supposedly separate brain areas (or “modules”) for distinct sensory modalities (Gallese e Lakoff, 2005, p.459).

Evans (2010, p.24) apresenta, em detalhe, como os órgãos sensoriais realizam a cognição. A experiência visual, sem dúvida, é o meio mais importante pelo qual podemos obter informações do ambiente. O sistema visual é composto principalmente pelos olhos. O cérebro e os olhos funcionam juntamente para produzir a visão. A luz entra no olho e se transforma em sinais nervosos que avançam ao longo do nervo ótico até ao cérebro.

Há dois sistemas básicos na visão. O sistema primário da visão é conhecido como um sistema focal. Este sistema é um sistema de "o quê", fornecendo informações referentes ao reconhecimento de forma do objeto. Ou seja, permite-nos identificar um objeto em função de seus atributos físicos, tais como a cor. O segundo sistema é um sistema ambiental. Este sistema, também funciona como sistema de "onde", oferecendo informações que estão relacionadas à localização do objeto no espaço. Assim, os sinais de luz aceites pelos olhos são transformados pelo cérebro em dois tipos de informações que fazem referência a "o quê" e a "onde", respetivamente (Evans, 2010, p.25). De facto, os sistemas óticos de "o quê" e de "onde" têm manifestações na linguagem. Segundo Barbara e Jackendoff (1993, p.218), as experiências visuais, auditivas e táteis são representadas linguisticamente por nomes a fim de indicar um objeto e por preposições para indicar um lugar.

Além de "o quê" e "onde", o estado dinâmico do corpo também desempenha um papel insubstituível na cognição, pois o ser humano vive num mundo dinâmico onde há sempre interações entre o corpo e o ambiente. A ideia do corpo dinâmico surgiu muito cedo. Nos estudos mais primordiais de Husserl já se enfatiza a importância da mobilidade física. Isto quer dizer que Husserl já pensa numa relação entre movimento e cognição no início do século XX, embora ele não faça parte dos autores da cognição e das ciências cognitivas. Assim como se verifica nos seus estudos: um movimento é “the mother of all cognition” (Husserl, [1912]1980, p.69).

Podemos entender a importância do movimento para a cognição do ponto de vista da cognição infantil. Os bebés de idade menor de um ano têm mais facilidade em entender objetos dinâmicos do que em perceber objetos estáticos. Nas atividades de entender a *profundidade* e *objetos*, os bebés que realizam tarefas preceptivas demonstram uma competência mais avançada com base na informação dinâmica, em oposição à estática. No início, os bebés não têm informações suficientes (o desenvolvimento incompleto da visão nos primeiros meses) para diferenciar objetos com base em sua

aparência física, mas podem diferenciá-los com base em seus movimentos (ou falta deles). Depois, mesmo quando a visão não é mais um problema, eles apresentam atenção aos aspetos a seguir: se os objetos se movem ou não por si mesmos, se interagem com outros objetos e os tipos de caminho que percorrem (Arterberry e Bornstein, 2001, p.343).

Além disso, os próprios movimentos do corpo também oferecem informações a um bebê para conhecer o mundo. As ações em desenvolvimento fornecem aos bebês oportunidades de descobrir as particularidades de objetos que especificam quais ações podem ser executadas sobre ou com os objetos (Gibson, 1988).

Sendo assim, o corpo serve como a fonte de cognição e isso também é devido aos seus movimentos no espaço. O movimento do corpo oferece informações primárias e básicas para cognição mais complexa. Segundo Gibbs (2006), o movimento é central para a forma como concebemos a relação entre o sujeito e o seu corpo. Os bebês começam a vida por balançar, engolir, chutar, chorar, abrir e fechar a boca. Mais tarde, fazem movimentos como estender a mão para tocar pessoas ou objetos e assim por diante. Nós crescemos de forma dinâmica em nossos corpos, uma vez que os bebês percebem diferentes partes de seus corpos por meio de diferentes movimentos (por exemplo, braços que se estendem, dedos que se tocam, joelhos que flexionam, bocas que abrem e fecham, etc.). Desta maneira, eles constroem, progressivamente, compreensões mais complexas relacionadas com CONTEINER, BALANCE, WEIGHT, etc. (Gibbs, 2006, pp.27-28).

Neste sentido, entendemos que o movimento corporal é efetuado por uma integração de vários sistemas, tais como o sistema sensorial, o motor e o nervoso, ajudando a realizar uma regulação das atividades cognitivas físicas. A estrutura fisiológica do corpo tem a sua particularidade que determina o modo do movimento do sujeito. No processo do crescimento, o ser humano percebe e compreende o mundo por meio dos movimentos corporais. Por exemplo, durante os primeiros meses, a incapacidade de realizar movimentos feitos com as mãos, os bebês não conseguem agarrar firmemente os objetos. Isto tem pelo menos uma consequência importante, i.e., as ações nos primeiros meses não informam o sistema conceitual sobre *agarrar*. Em suma, o corpo, tanto no estado estático quanto no dinâmico, serve como um ponto de partida de cognição.

1.1.2. O corpo: um limite da cognição

As capacidades do corpo entre diferentes indivíduos são comuns, ou quase idênticas devido à semelhança das características fisiológicas que os corpos possuem. Além disso, os atributos físicos, a estrutura e a forma de movimento, todos estes elementos corporais condicionam a cognição sobre o mundo. Por um lado, o movimento corporal de uma espécie biológica manifesta alguma particularidade em relação aos movimentos de outras espécies e, por outro, apresenta certa restrição devido à capacidade fisiológica. Por exemplo, a amplitude do movimento articular, o limite de velocidade e força, etc.

Devido à natureza fisiológica do corpo e à estrutura neuroanatômica, a nossa percepção do mundo é diferente em relação às outras espécies de animais (por exemplo, formiga, peixe, cão, etc.). A interpretação humana da "realidade" é mediada principalmente pela natureza de morfologia biológica (ou seja, órgãos do corpo). Esta interpretação e a natureza do ambiente com o qual interagimos, resultam em experiências sofisticadas. Por exemplo, embora a gravidade seja uma característica consentida por vários animais neste mundo, a nossa experiência da gravidade é determinada por nosso corpo e pelo ambiente ecológico ao qual estamos adaptados. Os colibris, que podem bater as suas asas até cinquenta vezes por segundo, sentem a gravidade de uma maneira muito diferente da dos humanos. Eles são capazes de se elevarem no ar mediante o movimento rápido e sucessivo das asas.

Por isso, a nossa experiência é corporificada - isto é, estruturada principalmente pela natureza dos corpos que temos e pela nossa organização neurológica. Os conceitos que consideramos, pensamos e falamos são um resultado da corporização. Ou seja, só podemos falar sobre o que podemos perceber e conceber de acordo com a experiência corporificada (Evans, 2010, p.42).

1.1.2.1. Limites vêm dos órgãos sensórios

De facto, a cognição deve ser vista como uma adaptação do sistema de controle do corpo para que o corpo possa sobreviver melhor no mundo. Além disso, essas características físicas não são imutáveis. Há sempre coevolução de atributos físicos e cognitivos, como, por exemplo, entre as mãos e o cérebro (Wilson, 1998). Esta ideia é confirmada por Anderson (2005):

Cognition evolved in organisms with specific physical attributes, bodies of a certain type with given structural features, and can therefore be expected to be shaped by and to take advantage of these features for cognitive ends (Anderson, 2005, p.66).

Isto quer dizer que tanto as características físicas quanto os atributos cognitivos são mudáveis, até mesmo existirem desenvolvimentos conjuntos entre eles. Por exemplo, devido à tolerância limitada à temperatura da pele, não podemos utilizar as mãos para levar diretamente o alimento que está a ser grelhado, mas em alternativa, podemos aproveitar algumas ferramentas auxiliares para atingir o objetivo. As mãos tornar-se-ão mais flexíveis no processo de usar as ferramentas. Simultaneamente, os humanos continuarão a criar métodos e ferramentas neste processo. Desta maneira, as características físicas que podem ser aplicadas melhor às atividades cognitivas serão preservadas e, conseqüentemente, os atributos cognitivos que podem ser aplicados a órgãos específicos do corpo também serão mantidos. No caso geral, alguns órgãos que já evoluíram e os que estão a evoluir desenvolvem-se juntos para resolver problemas encontrados no funcionamento do corpo (Anderson, 2005, p.67).

O corpo sempre condiciona cada atividade cognitiva. No caso da visão, os conceitos ou experiências de cores, por exemplo, refletem as propriedades de células retinianas e as particularidades do aparelho visual. Quanto aos órgãos auditivos, a detecção do som é realizada com base na sua peculiaridade da distância entre as orelhas (Foglia e Wilson, 2013, p.321).

Vamos ver um exemplo de sensação *warm* (*quente, calor*). A palavra *warm* em inglês não apenas tem o significado de calor, mas também contém outras interpretações, tais como *íntimo* e *ser positivo na comunicação*. A polissemia de *warm* demonstra uma conexão metafórica entre a temperatura e a intimidade no sentido de relação pessoal. Sendo assim, Williams e Bargh (2008) realizaram algumas pesquisas a fim de explorar a relação entre a sensação física e a experiência da relação pessoal, tentando, ainda, revelar a existência da experiência corporificada nos conceitos abstratos.

Na primeira pesquisa, os participantes que seguraram algum tempo um café quente (versus mais frio) avaliaram uma pessoa-alvo como tendo uma personalidade “mais calorosa” (generosa, atenciosa). Com base nos resultados do estudo, pode-se concluir que, no caso de um sujeito tocar um objeto quente pode induzir diretamente sentimentos de calor e intimidade com os outros. Em outras palavras, uma breve experiência física quente ou fria influenciou os julgamentos interpessoais

subsequentes dos participantes sobre a pessoa-alvo (Williams, 2008, p.607). No entanto, Gao e Niu (2015) realizaram um estudo semelhante no contexto chinês e chegaram à conclusão oposta de que não havia ligação intrínseca entre o calor físico e a intimidade interpessoal. Segundo os dois pesquisadores, em vez da temperatura, o conforto é um motivo importante para se sentir íntima e positiva numa relação interpessoal.

Os resultados de estudo de Gao e Niu (2015) demonstram a integração da experiência corporificada na semântica de *warm* no sentido de relação interpessoal pela outra perspectiva. Sabemos que a tolerância à temperatura de diferentes espécies de animais é variável. No corpo humano, devido às características fisiológicas, a faixa da temperatura agradável é limitada. Portanto, a temperatura excessivamente alta fará com que as pessoas se sintam desconfortáveis, o que não é consistente com o sentimento de uma relação próxima. Ou seja, quando a cognição corporificada é aplicada num conceito mais abstrato, a aplicação também está a sujeita às limitações fisiológicas. A semântica de *hot* (*quente* em português ou 热 *rè* em mandarim) também se relaciona com a relação interpessoal. Só que, neste caso, é utilizada para manifestar uma relação de amor entre dois amantes com base nas experiências corporificadas não apenas confortáveis, mas também emocionantes.

Em conclusão, a cognição é limitada pelo corpo devido ao facto de que as experiências em que ocorre são adquiridas através dos mecanismos do corpo.

1.1.2.2. Limites vêm do movimento do corpo

Os antropólogos também notam a importância do movimento do corpo na formação do conceito de espaço, concetualizando com mais frequência o espaço como movimento (algo dinâmico) e não como um CONTENTOR (no sentido estático) (Pandya, 1990).

A fim de confirmar o efeito do movimento corporal na cognição, os psicólogos Wells e Petty (1980) fizeram uma pesquisa no qual os alunos participaram num teste para avaliar o conforto dos fones de ouvido. Os participantes foram divididos em três grupos: o primeiro grupo acena com a cabeça, o segundo grupo balança a cabeça e o terceiro é um grupo de controle. Verificou-se que a avaliação positiva do grupo de acenar a cabeça foi maior, enquanto a avaliação positiva do grupo que balançou a cabeça foi menor. Por isso, o movimento corporal de acenar com a cabeça potencializa a

atitude positiva, ao passo que o movimento corporal de balançar a cabeça aumenta a atitude negativa (Wells e Petty, 1980).

A maneira como o corpo se move também tem um impacto no humor. Stepper e Strack (1993) realizaram um estudo no qual os participantes eram estudantes universitários. O objetivo foi testar o impacto da postura corporal na conclusão de tarefas. A pesquisa foi realizada por dois grupos. Um grupo de estudantes foi solicitado a manter a cabeça baixa e a se curvar, parecendo frustrado, enquanto o outro grupo de estudantes devia ser muito confiante com a cabeça erguida. Depois, os participantes completaram uma tarefa complexa e todos foram informados que eles haviam completado bem a tarefa. No entanto, quando os participantes responderam a um questionário no final da pesquisa sobre se eles estavam orgulhosos de si mesmos por completar bem a tarefa, a emoção de orgulho dos participantes do primeiro grupo foi significativamente mais fraca do que no segundo grupo. Os resultados experimentais mostram que a experiência emocional é corporificada e que a forma de agir vai mudar a experiência emocional (Stepper e Strack, 1993, p.215).

1.2. O espaço na cognição corporificada

De acordo com Heidegger ([1927] 1962), temos duas percepções muito diferentes em relação ao espaço. Por um lado, há o espaço exato no sentido de ser tridimensional. Por outro lado, o espaço desdobra por meio da prática de *Dasein* com interações com entidades ao redor (Heidegger, [1927]1962, citado por Zahavi e Overgaard, 2012, p.278). De acordo com Tversky (2003):

Humans act in space. Sometimes, interactions in space are explicit, as we grasp the things around us or find our ways inside and out. Other interactions are implicit, an awareness of where we are and what things surround us (Tversky, 2003, p.66).

A conceitualização espacial é condicionada, por um lado, pela natureza do mundo físico existente e, por outro, pela psicobiologia humana com o sistema visual e a postura ereta. Essas restrições ambientais e cognitivas levaram a ciência cognitiva a argumentar que é natural e consequentemente universal conceber o espaço ao nosso redor de um ponto de vista relativo, egocêntrico e antropomórfico (Wassmann, 1994, p.646).

Há muitos motivos que levam a pensar que a conceitualização espacial é central na cognição humana. A compreensão espacial talvez seja uma das tarefas primárias intelectuais para um bebê

recém-nascido. Os conceitos espaciais existem em quase todos os domínios em nosso pensamento. Por exemplo, a hierarquia social (classe superior e classe inferior), a emoção (alta e baixa), o tempo (antes e depois), etc. (Levinson, 1992, p.8).

Os conceitos primários normalmente são compostos por uma ou mais informações espaciais, especialmente informações sobre movimentos no espaço. Tais componentes espaciais são chamados de primitivos conceituais (Mandler, 2010).

Because they are spatial, they can have parts, and that in turn implies structure. A classic example is CONTAINER, which is a notion requiring a bounded space with an inside and an outside. The primitive is structured because you can't have an inside without an outside; it is the structure itself that gives the parts meaning. Although the structure can be dissected, it is primitive with respect to the conceptual system (Mandler, 2010, p. 25).

A cognição espacial tem efeito nuclear em atividades humanas. A espacialidade é componente fundamental da experiência humana, sendo relevante em muitas situações, tanto rotineiras quanto excepcionais. É difícil exagerar a importância do espaço na cognição, porque se observa a existência universal da cognição espacial nas estruturas e processos mentais e comportamentais.

Todos os dias, tomamos centenas de decisões com base na percepção do espaço. Algumas dependem do nosso conhecimento espacial - a experiência que temos com algum lugar específico. Outras são condicionadas por nossa capacidade de compreender a lógica espacial do ambiente ao redor. Algumas decisões são cuidadosamente consideradas, por exemplo, onde estacionar o carro, especialmente se o estacionamento estiver um tanto cheio. Outras, ao invés, envolvem um pensamento simples, ou seja, se o estacionamento estiver vazio, a pessoa provavelmente não pensa muito sobre onde estaciona por ter opções suficientes. Essas decisões diárias revelam uma interação diversificada entre espaço e pensamento (Harvey, 2010, p.186).

O espaço localiza-se na experiência central e universal do humano. Portanto, constitui um bom domínio-fonte para entender conceitos mais abstratos. Além disso, existem paralelos entre o espaço e outros domínios semânticos, no sentido de que as mesmas expressões têm simultaneamente interpretações espaciais, temporais ou outros conceitos mais abstratos. A explicação linguístico-cognitiva desse paralelismo é a metáfora conceitual, ou seja, um mapeamento sistemático entre dois

domínios experienciais onde normalmente o domínio mais abstrato é entendido em termos do mais concreto. Uma vez que o espaço parece ser mais concreto do que outros domínios, a sua estrutura é mapeada em outros domínios (Zlatev, 2010, p.319). Durante um primeiro ano da vida, os bebés formam um conjunto de cognições primitivas espaciais.

(...) a set of spatial primitives that I suggest is both necessary and sufficient to account for the majority—if not all—of the concepts formed during the first year of life. These concepts are important to understand because they are the ontogenetic foundations on which later concepts are built and hence play a major role in determining the organization of the adult conceptual system (Mandler, 2010, p.23).

De acordo com Tversky (2000), o espaço pode ser dividido em *the space of the body*, *the space around the body*, *the space of navigation*, e *the space of graphics*. As pessoas agem em espaços diferentes em função da necessidade de atividade quotidiana. O conhecimento subjacente às representações mentais do espaço e das coisas nele vem de muitas fontes: de olhar, de ouvir, de tocar, de imaginar (Tversky, 2003, p.66). Portanto, um espaço que desempenha o papel extremamente importante na cognição é o espaço corporificado.

O espaço corporificado é o desdobramento do próprio ser corporal, a forma como o corpo passa a existir como corpo (Merleau-Ponty, [1945]2012). Em sua obra, o espaço corporificado é ser-no-mundo, ou seja, a realidade existencial e fenomenológica daquele lugar: seu cheiro, tato, cor e outras dimensões sensoriais. A percepção e experiência desse espaço ocupado pelo corpo estão condicionadas por várias razões que têm a ver com a forma da existência: emoções e estado de espírito de uma pessoa, sentido de identidade, relações sociais e predisposições culturais (Low, 2003, p.13). Podemos entender melhor o espaço corporificado com palavras de Tversky (2003) em dois aspetos. Um é o espaço ocupado pelo corpo, ou seja, o próprio corpo:

The body is naturally divided by its joints into parts. We move the various parts independently depending on the activity we are engaged in. We keep track of where the parts of our body are as we move in space. The different parts of the body interact in different ways with the surroundings. Feet walk and kick, hands grasp and manipulate, heads sense through eyes and ears and communicate through mouth and expression. The different parts also vary in size, perceptual prominence, and functional significance (Tversky, 2003, p.67).

Outro é o espaço ao redor do corpo:

Another space with functional significance for human activity is the space around the body, the space of things that can be seen and often reached from the current position (Tversky, 2003, p.69).

Vamos ver dois exemplos que ilustram a importância do espaço no comportamento humano, quer seja físico no sentido de deslocamento, quer seja mental no sentido de construção social. O geógrafo Pred (1986) estudou a relação entre as características espaciais (principalmente geográficas) e particularidades sociais (no sentido da estrutura social). Com base em história das microgeografias da vida diária no sul da Suécia, ele descobriu que o comportamento e os movimentos quotidianos geravam transformações espaciais na posse da terra, resultando em mudanças na estrutura social local. Portanto, Pred concluiu que o lugar (neste contexto entendemos como o espaço corporificado) sempre envolve "a apropriação e transformação do espaço e da natureza ", que é inseparável da reprodução e transformação da sociedade.

Os aborígenes da Austrália tratam a terra de acordo com a lei ancestral. De acordo com esta lei, o espaço é dividido por diferentes regiões por atividades quotidianas diferentes para restringir a presença de alguém em locais particulares. Por exemplo, ao seguir sua lei moral-religiosa, os aborígenes fazem desvios que devem ser suficientemente distantes para evitar ver um lugar antigo ou ouvir o canto ritual que está a ocorrer ali. Este tipo de comportamento define fronteiras sobre a terra ou lugar, formando uma divisão transitória, mas repetível dos lugares mediante o movimento do corpo (Munn, 1996, p.452).

Os antropólogos também notam a importância do movimento na criação de um espaço no sentido de que alguma comunidade conceitualiza o espaço como algo dinâmico consoante o movimento em vez de algo estático como um CONTENTOR (Pandya, 1990):

The cultural construct of space of the Ongee hunters and gatherers of Little Andaman is not stage like but is a "map" of movements created by the plotting of various experiential coordinates that demarcate activity-specific places. Ongees share space both with spirits who hunt and with animals who are hunted. Conjunctions in the paths of movement of humans, spirits, and animals set up the culture's dynamics of movement, dynamics expressed in patterns of individual movement, myths, body painting, language, and the maps of space that the Ongees drew for this ethnographer (Pandya, 1990, p.775).

Pela perspectiva linguística, os termos de relação espacial em muitas línguas requerem referência ao corpo. Talmy refere (1983) que:

Notice that the human body, while no doubt the prototype for the ascription of biased geometries to many other objects, is not treated as any kind of special case in many languages, including English. The human body is the most important case of a biased geometry (Talmy, 1983, pp.242-244).

Em conclusão, O corpo fica sempre no centro do espaço que queremos definir. O espaço desenvolve-se a partir do corpo. O lugar onde o corpo se situa é chamado de *posição canónica* (Clark, 1973, p.34). O espaço é sempre compreendido a partir de uma perspectiva egocêntrica e antropomórfica no sentido de que o espaço é dividido sob diferentes direções, tais como *frente* e *atrás*, *acima* e *abaixo*, *esquerda* e *direita*. O espaço corporificado é o local onde a experiência e a consciência humana são materializadas e espacializadas. O espaço corporificado é apresentado como um modelo para compreender a criação do lugar através da orientação espacial, movimento e linguagem (Low, 2003, pp.9-10).

1.2.1. Coisas no espaço e na cognição

Nas percepções humanas do espaço, as coisas são fundamentais (Tversky, 2003, p.67). A função principal da visão humana é perceber as coisas, na qual o essencial é reconhecer as coisas em diferentes componentes (Biederman, 1987):

Biederman's essential insight is that the identification of objects involves the combination of a set of primitive three-dimensional geometric components which he labels geons, short for 'geometric icons'. Geons are simple volumes such as cubes, spheres, cylinders, and wedges (Biederman, 1987, citado por Evans, 2010, p.30).

A cognição das coisas pela perspectiva linguística pode ser resumida em dois aspetos. Em primeiro lugar, alguns atributos de coisa desempenham um papel fundamental na nossa compreensão de conceitos abstratos. Em segundo lugar, a classificação das coisas é o processo pelo qual reconhecemos as coisas de novo. No que diz respeito aos atributos de uma coisa, entendemos que a experiência humana do espaço inclui o conhecimento relativo ao tamanho, forma, localização e distribuição de coisas num ambiente tridimensional (Evans, 2010, p.21). Quanto à percepção de uma coisa, esta é organizada por três fases: *sensation*, *perceptual organisation* e *identification and recognition*.

Sensation concerns the way in which external energy, such as light, heat, or (sound) vibrations are converted into the neural codes which the brain recognizes. Perceptual organization concerns the way in which this sensory information is organized and formed into a perceptual object, a percept. Identification and recognition relate to the stage in the process whereby past experiences and conceptual knowledge is brought to bear in order to interpret the percept (Evans, 2010, p.21).

Por exemplo, um objeto esférico pode ser identificado tanto como uma bola de futebol quanto como uma moeda, ou algum outro objeto de aparência física semelhante. Essa fase envolve a definição do objeto, ou seja, a compreensão da sua natureza, função e significado da percepção. Assim, um conceito previamente formado é empregada para identificar e categorizar a percepção nova (Evans, 2010, pp.21-22). Depois, as características comuns de coisas semelhantes (em termos de aparência física ou de função, por exemplo) são extraídas e resumidas por esquemas imagéticos.

Designamos as coisas com base em motivos diferentes, dos quais os mais importantes são forma, função ou sentimentos. A forma parece ser uma base primária para a categorização. Além disso, os atributos matemáticos (no sentido de ser mensurável ou divisível) ou dinâmicos (no sentido de ser deslocável ou direcional) também são considerados na definição de uma coisa. Os atributos das coisas concretas servem como base para a compreensão das coisas abstratas. Quando um objeto no espaço é usado para construir um conceito abstrato, geralmente apenas alguns de seus atributos estão envolvidos. Os componentes diferentes de uma coisa têm funções diferentes e servem propósitos diferentes aos humanos, sendo, ao mesmo tempo, componentes importantes de percepção.

Do ponto de vista linguístico, um mesmo objeto tem muitas identidades. Por exemplo, aquilo em que normalmente nos sentamos pode ser chamado de *cadeira de mesa*, *cadeira* ou *peça de mobiliário*. As pessoas têm tendência a identificar objetos no que tem sido chamado de “nível básico”, devido a que este é o nível em que as pessoas parecem ter mais informações:

Categorizations which human make of the concrete world are not arbitrary but highly determined. In taxonomies of concrete objects, there is one level of abstraction at which the most basic category cuts are made. Basic categories are those which carry the most information, possess the highest category cue validity, and are, thus, the most differentiated from one another (Rosch *et al.*, 1976, p.382).

As categorias fundamentais propostas por Rosch (1976) são um conjunto de categorias conceituais básicas e comuns que ocupam um lugar importante na nossa cognição. Essas categorias

básicas incluem: Humano, Animal, Planta, Objeto, Cor, Orientação Espacial, Tempo, etc. Elas são as mais básicas, mais usadas, mais reconhecíveis e categorizadas. A particularidade notável dessas categorias básicas é que elas são comuns à maioria das pessoas, têm dimensões e características básicas e, em diferentes culturas e contextos, essas categorias são linguisticamente semelhantes no sentido de haver correspondência semântica de língua para língua.

1.2.2. A relação espacial entre objetos na cognição

1.2.2.1. A teoria de Figura-Fundo

A relação espacial é subjetiva no sentido de ser um resultado da cognição ativa de orientação, existência ou estado de movimento. No nosso caso, aproveitamos a perspectiva de Figura-Fundo para descrever uma relação espacial entre duas coisas. Esta teoria baseia-se no princípio da proeminência (Talmy, 2000, p.312). Uma percepção divide-se sempre em duas partes: a Figura e o Fundo. A Figura parece ser a estrutura mais central, sendo a parte que primeiro atrai a atenção do observador. O Fundo, por sua vez, os seus detalhes são ambíguos, sendo uma parte menos destacada.

A teoria não é apenas um princípio cognitivo básico de organização espacial, mas também um princípio cognitivo básico de organização linguística de conteúdo conceitual. Foi Talmy quem primeiro aplicou a teoria da Figura-Fundo à pesquisa da linguagem. Segundo Talmy (1978), as preposições espaciais, tais como *on*, *above* e *along*, interpretam uma relação esquemática por meio de ignorar propriedades espaciais (forma, cor, tamanho, etc.). Talmy (1978) sugere que existe uma assimetria na maioria das descrições do espaço, fazendo uma distinção entre um objeto de figura e um objeto de referência (fundo). Em geral, os termos espaciais especificam a posição de um objeto, a figura, ao descrever a sua relação espacial com outro objeto, a referência. Segundo Talmy (2000), as particularidades de Figura e de Fundo são:

	<i>Figure</i> (Figura)	<i>Ground</i> (Fundo)
Definitional characteristics	Has unknown spatial (or temporal) properties to be determined	Acts as a reference entity, having known properties that can characterize the Figure's unknowns
Associated characteristics	more movable	more permanently located
	smaller	larger
	geometrically simpler (often point like) in its treatment	geometrically more complex in its treatment
	more recently on the scene/in awareness	more familiar/expected
	of greater concern/relevance	of lesser concern/relevance
	less immediately perceivable	more immediately perceivable
	more salient, once perceived	more backgrounded, once Figure is perceived
	more dependent	more independent

Tabela 1. Particularidades de Figura e Fundo (Talmy ,2000, pp.314-315)

A relação espacial é composta de dois (um objeto e um observador) ou três elementos (dois objetos e um observador) consoante o quadro de referência. No sentido geral, o observador desempenha um papel central na definição da relação espacial entre os objetos, já que é o observador que observa os objetos e os concetualiza. Por isso, embora os objetos existam objetivamente, a relação espacial entre os dois é subjetiva. As relações espaciais entre coisas são-lhes dadas por meio da observação, percepção e compreensão. Por exemplo, uma relação espacial entre uma casa e uma igreja pode ser entendida tanto como relações adjacentes no sentido da distância entre dois objetos (longe ou perto) quanto como relações de direção em termos da direção em relação ao ponto de referência (direita ou esquerda).

- 1) *A casa fica perto da igreja.*
- 2) *A igreja fica perto da casa.*
- 3) *A casa fica à direita da igreja.*
- 4) *A igreja fica à esquerda da casa.*

Por isso, os conceitos espaciais não existem no mundo como coisas objetivas. As pessoas não podem ver as relações espaciais como vêem coisas concretas. Por exemplo, uma pessoa não pode *ver* os conceitos de *nearness* e *farness*, mas só pode ver onde os objetos estão localizados. Ela apenas usa um ponto de referência para avaliar os atributos, tais como *longe* ou *perto*, das coisas:

We do not see nearness and farness. We see objects where they are and we attribute to them nearness and farness from some landmark. The relations in front of and in back of are imposed by us on space in a complex way. When you go in the front of a church,

you find yourself in the back of it. Or take the concept across. Suppose you are to row across a round pond. If you row "straight across" it (at a 90-degree angle from the shore), you have certainly rowed across it. If you row at a 45-degree angle, it is not as clear. If you row at a 15-degree angle, certainly not. Here, what counts as across varies with the shape of the area crossed and the angle of crossing and is also a matter of degree. Spatial-relations concepts are not simple or straightforward, and they vary considerably from language to language (Lakoff e Johnson, 1999, pp.37-38).

Por outras palavras, as relações espaciais não são objetos naturais que existem no mundo objetivo, mas são causados pela compreensão subjetiva humana. Sendo assim, alguns conceitos das relações espaciais são possivelmente variáveis de língua para língua devido à diversificada visão geométrica de observação ou à perspectiva linguisticamente particular.

Usamos mecanismos de relações espaciais de maneira inconsciente. Percebemos imediatamente uma entidade como *dentro*, *sobre* ou *através de* outra entidade. No entanto, tal percepção depende de uma enorme quantidade de atividade mental inconsciente e automática.

For example, to see a butterfly as in the garden, we have to project a nontrivial amount of imagistic structure onto a scene. We have to conceptualize the boundaries of the garden as a three-dimensional CONTAINER with an interior that extends into the air. We also have to locate the butterfly as a figure (or trajector) relative to that conceptual CONTAINER, which serves as a ground (or landmark). We perform such complex, though mundane, acts of imaginative perception during every moment of our waking lives (Lakoff e Johnson, 1999, p.38).

1.2.2.2. Quadro de referência

Qualquer relação espacial implica um conceito de quadro de referência. As estruturas e bases cognitivas do quadro de referência são universais devido à constituição do corpo humano. No entanto, uma relação espacial pode ser ilustrada de maneira diversificada por causa das opções diferentes do quadro de referência. Por isso, a relação espacial é relativa e subjetiva, em vez de ser absoluta e objetiva. Por exemplo,

(...) consider a passenger standing on a moving train and an observer watching the train go by. We can imagine two frames of reference: one fixed to the train, the other fixed to the earth. The passenger is moving in the earth's frame of reference, but is stationary in the train's frame of reference. If the passenger drops a book, it will fall straight down in the train's frame of reference. However, from the perspective of the observer in the earth's frame of reference, the book will drop along a curved path (Soechting e Flanders, 1992, p.168).

Além de quadro de referência, Soechting e Flanders (1992) referem outro conceito importante numa definição da relação espacial, i.e., *vectors*, que é entendido como direção ou amplitude. Com a ajuda de *vectors*, podemos localizar um objeto a partir do objeto de referência no quadro de referência definido. A amplitude do *vetor* é a sua distância da origem, enquanto a sua direção é dada pela linha que liga a origem ao ponto-objetivo (Soechting e Flanders, 1992, p.169).

Os quadros de referência espaciais são utilizados para vários propósitos, desde a localização de uma coisa até ao reconhecimento da direção de uma em relação a outra. A diferença na opção de quadro de referência é, na verdade, a diferença nas estratégias de referência ou na escolha do objeto de referência. Os quadros egocêntricos definem relações espaciais em relação ao corpo, enquanto os allocêntricos usam pontos de referência externos. Além disso, o movimento também é um motivo importante na formação de um quadro de referência. A principal métrica para codificar as relações espaciais é derivada dos próprios movimentos do corpo no espaço: ou seja, a relação espacial entre dois pontos pode ser codificada em termos do movimento de um para o outro (Paillard, 1991, p.163).

Um quadro egocêntrico faz referência ao corpo, sendo facilmente construído pelas experiências sensoriais e oferecendo uma direção básica para a ação. As experiências a partir do corpo têm muito e longo efeito em nosso sistema conceitual de espaço. O quadro egocêntrico de referência localiza o ego no centro do universo. A partir desse ponto de origem, o ego pode traçar um sistema de coordenadas tridimensional que depende de sua própria orientação. Com relação a este ponto de referência, outros objetos podem ser localizados direcionalmente como *acima* ou *abaixo* (em relação ao elemento ego), *na frente* ou *atrás* (em relação a ego), *à esquerda* ou *à direita* (em relação a ego) (Miller e Johnson-Laird 1976, pp. 394-395). Um quadro allocêntrico de referência, por sua vez, é relativamente mais difícil de ser construído e processado. Porém, oferece uma base melhor para navegação flexível e para armazenamento de longo prazo de *layouts* complexos (Nardini, Burgess *et al.*, 2006, p.154).

A relação espacial tem a sua estrutura própria, geralmente incluindo dois ou mais objetos. Descrevemos um objeto com a consideração da sua localização relativa à de outro. Então, um objeto considerado como o ponto de referência chama-se objeto de referência (*reference object*). O que depende do objeto de referência é designado como objeto posicionado (*located object*). Os dois objetos estão relacionados por um quadro de referência espacial em que se trata de uma região fechada no espaço. Levinson apresenta cinco tipos de quadros de referência (Levinson, 2003, pp. 25-55). Eles são: *relative vs. absolute space*, *egocentric vs. allocentric*, *viewer-centred vs. object-centred*, *orientation-*

bound vs. *orientation-free*, *deictic* vs. *intrinsic*. Depois, Levinson sintetiza todos em três referenciais espaciais: um quadro de referências intrínsecas, um quadro de referências relativas e um quadro de referências absolutas. Estes três quadros de referência são frequentes na área da Linguística Cognitiva devido a suas ilustrações claras e representativas da relação entre objetos (Levinson, 2003, p.35).

Embora a maioria dos quadros espaciais possa ser encontrada em diferentes línguas (Haun *et al.*, 2011), a aplicação deles é variável. O processo cognitivo é complexo por ser uma combinação de várias atividades cognitivas que recebem influências sociais.

These basic or elementary processes, such as visual perception, categorization, sorting and memory, are constructive, constitutive and complementary in the sense that they are adopted not as isolated elements, but in different combinations, as functional systems to solve everyday problems, according to varying circumstances and contexts. Thus, social relations and everyday practice enter into the cognitive processes of particular persons (Wassmann, 1994, p.646).

Sendo assim, entendemos que a diferença em opção de quadro de referência é criada essencialmente por causa da influência cultural.

Sob outro ponto de vista, o espaço humano é o resultado de diferentes conceitualizações. Nem todas as culturas possuem na mesma medida referências espaciais egocêntricas. Alguns grupos favorecem coordenadas alocêntricas, como direções geográficas (norte/sul) ou contrastes baseados no ambiente (descida/subida de montanha), mesmo quando descrevem relações espaciais num espaço bem limitado (Pederson *et al.*, 1998).

Numa perspectiva cognitiva, as pessoas de diferentes línguas devem ter variedades em suas estratégias espaciais para resolver problemas não linguísticos, assim como as distinções em usos de linguagem. As representações cognitivas de relações espaciais aparentemente básicas são culturalmente variáveis: pessoas de diferentes línguas claramente categorizam essas relações de maneira diferente, mesmo quando os seus comportamentos podem inicialmente parecer semelhantes (Pederson, 1998, pp.585-586). Por exemplo, o Holandês e o Namibiano são duas comunidades que diferem na maneira como expressam predominantemente as relações espaciais. Os resultados de pesquisas⁵ que investigam preferências de estratégias cognitivas em diferentes níveis de complexidade

⁵ Experiment 1 uses a simple spatial array and unspecified instructions similar to previous studies. Experiment 2 was designed to investigate the effects of task difficulty, to see if strategy preferences changed using a complex spatial array and unspecified instructions. In Experiments 3 and 4 we test whether participants are easily able to adopt any strategy to remember a complex spatial array when given clearly specified instructions (Haun *et al.* 2011, p.75).

e instrução de tarefas indicam uma diferença não apenas na preferência, mas também na competência de definir uma relação espacial. No entanto, preferências e capacidades não linguísticas na cognição espacial são consistentes em toda a humanidade (Haun *et al.*, 2011, p.70). Isto significa que a capacidade de definir uma relação espacial é universal. Além das direções baseadas na assimetria da estrutura corporal, algumas tribos primitivas demonstram em suas línguas outros tipos de referenciais espaciais, tais como sendo construídos pelos nomes de localização geográfica ou disposição de órgãos corporais.

No caso do quadro de referência com os nomes de localização geográfica, referimos um exemplo de *Yupno*⁶ que possui um sistema exclusivo de quadro de referência no sentido de usar marcos e nomes de lugares como referências para localizar objetos (Wassmann, 1994, p.650). O *Yupno* geralmente usa três sistemas de referência para descrições espaciais: um sistema relativo (centrado no corpo), um sistema absoluto (não centrado no corpo) e nomes geográficos por meio de combinar com ângulos absolutos.

Em relação a um quadro de referências absolutas, os falantes de *Yupno* não aproveitam o movimento do sol (o que acontece em muitas línguas), mas sim dependem muito das particularidades geográficas ao redor do vale onde vivem os habitantes. Os contrastes topográficos (descida/subida) são utilizados com o propósito de concetualizar o espaço em diferentes alcances, desde a microescala do espaço de “mesa” até a macroescala do vale. É comum que os termos *subida* e *descida* sejam usados para refletirem a declividade do vale, que se estende desde a fonte de alta altitude do rio *Yupno* até onde ele desagua no mar:

Given this overall inclination of the valley from highland to lowland, the upper quadrant (with the source as its centre) is always called 'uphill' (in all the Yupno villages), while the lower quadrant (with the estuary as its centre) is referred to as 'downhill' (Wassmann, 1994, p.658).

Temos ainda um tipo particular de quadros de referência que se baseiam em nomes e disposição dos órgãos do corpo para definir relações espaciais entre coisas. Por exemplo, em Tzeltal⁷, *no pico da montanha* é *at the head of the mountain*, *uma ação de abrir* é referida como *boca*, *algo*

⁶ Um grupo indígena da Cordilheira Finisterra de Papua Nova Guiné

⁷ A língua maia falada em Chiapas

redondo é barriga, carrega ou leva alguma coisa é entendido como perna e uma superfície lisa é designado como cara.

'The man is standing in front of the car' becomes 'the man at the nose of the car';⁸
 'The man is standing on the other side of the car' is 'the man at the flank of the car';
 'The man is standing on the corner of the house' becomes 'the man at the ear of the house';
 'The man is standing behind the house' is 'the man at the back of the house' (Wassmann, 1994, p.650).

Em mandarim temos uma semelhante estratégia referencial, sendo utilizada também em apresentação de relações de outros domínios abstratos, tais como o tempo.

Espaço		Tempo	
Mandarim	Tradução portuguesa	Mandarim	Tradução portuguesa
山头	<i>O pico</i>	头些天	<i>Os primeiros dias (de algum período ou evento)</i>
shān tóu		tóu xiē tiān	
montanha cabeça		Cabeça dias	
眼前	<i>Em frente dos olhos</i>	眼前	<i>Agora, o presente</i>
yǎn qián		yǎn qián	
olho frente		olho frente	
		眼下	
		yǎn xià	
		olho baixo	

Tabela 2. A relação espacial/temporal configurada pelos órgãos do corpo humano (em mandarim)

Concluimos que, em primeiro lugar, em muitas das línguas conhecidas, são usados ao mesmo tempo vários quadros de referência a fim de definir relações espaciais. Porém, numa definição da relação espacial entre os mesmos objetos, existem diferentes preferências de língua para língua na frequência do uso de algum quadro de referência. Em segundo lugar, os quadros de referência podem ser universais em diferentes línguas. No sentido geral, temos o intrínseco, o relativo e o absoluto. Porém, a base de construção daqueles quadros de referência é variável segundo a cultura. Nem todos os quadros espaciais são estabelecidos com base na assimetria do corpo. Em algumas línguas com comunicação cultural relativamente fechada, o quadro de referência espacial é amplamente influenciado pelas características do ambiente natural em que eles vivem. Portanto, certas posições no ambiente natural ou a disposição de orientação de diferentes órgãos do corpo são mapeadas com a finalidade cognitiva de definir a relação espacial dos objetos.

⁸ Em português é igual: fez isso mesmo à frente da minha cara/ do meu nariz

1.2.3. O movimento e a cognição

Perceber e conceber o movimento são processos necessários desde o início da vida. Os elementos do movimento que têm mais a ver com a cognição são a visualização do movimento e o deslocamento do corpo. O primeiro implica o movimento dos olhos, uma vez que o órgão visual faz parte essencial da percepção dos objetos. O órgão visual especifica a direção do movimento do observador, sendo essencial para o seu deslocamento no ambiente. Quando nos aproximamos dos objetos, eles parecem estar a mover-se em nossa direção, passando por nós e dirigindo-se para atrás de nós. Um segundo tipo de movimentos refere-se aos movimentos mais típicos do corpo, tais como *andar, correr*, etc. Nesses movimentos é mais fácil de ocorrer interações entre o sujeito e o ambiente.

Além disso, diferentes objetos que se localizam em diferentes pontos do campo visual parecem dirigir-se a nós em velocidades diferentes. Por exemplo, imagine que se sinta num comboio que se movimentam pelos campos. Os objetos distantes, como nuvens ou montanhas, parecem mover-se tão lentamente que ficam parados. Ao contrário, os objetos próximos, como árvores, parecem mover-se de forma mais rápida. Os muito próximos em relação ao sujeito parecem passar de maneira a “voar”, o que quer dizer é que passam tão rápidos que até nem os podemos ver ao pormenor. Portanto, O movimento (virtual) da visão fornece a percepção sobre a distância entre o objeto e o observador, sendo variável de acordo com a relação entre a perspectiva de observação e a direção do trajeto (Evans, 2010, p.37).

Na vida quotidiana, um comportamento frequente que contém o movimento visual é a leitura. A direção do movimento tem efeito enorme na cognição dos conceitos abstratos, tais como o tempo (Bottini *et al.*, 2015).

Outro movimento importante para a cognição é o deslocamento do corpo. Com base em particularidades do movimento, os humanos conseguem, por um lado, distinguir o movimento biológico de um não biológico e, por outro, verificar diferentes tipos de movimento. Com a realização das atividades quotidianas, como *caminhar até uma biblioteca, selecionar um livro da coleção e trazê-lo para a mesa, conferir e levar para casa*, são movimentos que estão envolvidos por cognições complexas. Essas rotinas referem-se a múltiplas ações: *sentir, perceber, mover e concetualizar* num mundo tridimensional. São essas atividades que têm maior possibilidade de revelar as características básicas do pensamento e da linguagem (Oakley, 2010, p.214). Por exemplo, os modos cognitivos do

movimento do tempo têm as suas origens no deslocamento espacial no sentido de serem ilustrados pelos movimentos relativos entre o tempo e o observador.

1.3. O esquema imagético: o resultado da interação entre corpo e mundo

A teoria dos esquemas imagéticos é referida por Lakoff e Johnson (1980c) nas ideias sobre a metáfora conceitual. Johnson apresenta, em detalhes, a base empírica de esquema imagético e ilustra a sua função na construção e processos da semântica (Johnson, 1987).

1.3.1. A definição do esquema imagético

O esquema imagético é uma descrição resumida da experiência perceptual mediante o mapeamento entre uma estrutura espacial e uma estrutura abstrata:

(...) these patterns “emerge as meaningful structures for us chiefly at the level of our bodily movements through space, our manipulations of objects, and our perceptual interactions” (Johnson, 1987, p.29).

O esquema imagético VERTICAL, por exemplo, é formado pela nossa preferência e frequência de nos movermos sob uma direção de cima para baixo ou vice-versa. Temos experiências repetidas na vida quotidiana. Desta maneira, extraímos o esquema imagético com a lógica e a estrutura reservadas pelo eixo vertical para entender outros conceitos mais abstratos, tais como a emoção, a quantidade, etc.

We grasp this structure of verticality repeatedly in thousands of perceptions and activities we experience every day, such as perceiving a tree, our felt sense of standing upright, the activity of climbing stairs, forming a mental image of a flagpole, measuring our children’s heights, and experiencing the level of water rising in the bathtub. The verticality schema is the abstract structure of these vertically experiences, images, and perceptions (Johnson, 1987, p.xiv).

Além de Johnson, Turner (1993) usa o termo *esquema imagético* para referir essas formas abstratas que estruturam imagens. Segundo Turner, a imagem não se limita ao sentido de visualidade. Experimentamos imagens em várias modalidades: uma imagem visual de uma estrada, uma imagem auditiva de um grito, uma imagem olfativa do cheiro de rosas e assim por diante. Cada imagem não é totalmente única, mas compartilha alguma estrutura com outras imagens. Por exemplo, em relação à

imagem de grito, a imagem de berrar tem estruturas comuns, tais como o volume alto, o som áspero ou forte, o sentimento desconfortável, etc.

We have a skeletal image of a scream that inheres within our rich images of particular screams. We have a skeletal image of a flat bounded planar space that inheres within our rich images of individual tables, individual floors, individual plateaus. We have a skeletal image of verticality that inheres within our rich images of individual trees, individual buildings, individual people (Turner, 1993, p.296).

A ideia central de Turner é compatível com a de Johnson. Os esquemas imagéticos são imagens extremamente modelizadas que existem em cognições complexas (Turner, 1993, p.296). Gibbs e Colston (1995, p.349) definem o esquema imagético como representações analógicas de relações espaciais e movimentos no espaço no sentido de que:

Even though image schemas are derived from perceptual and motor processes, they are not themselves sensorimotor processes. Instead, image Schemas are "primary means by which we construct or constitute order and are not mere passive receptacles into which experience is poured" (Johnson, 1987, p.30, citado por Gibbs e Colston, 1995).

Image schemas exist across all perceptual modalities, something that must hold for there to be any sensorimotor coordination in our experience. As such, image schemas are at once visual, auditory, kinesthetic, and tactile (Gibbs e Colston, 1995, p.349).

Entendemos que, por um lado, o esquema imagético vem das percepções dinâmicas, servindo como uma ferramenta cognitiva para construir os conhecimentos e, por outro, o esquema imagético existe em todos os processos cognitivos. Além disso, um esquema imagético é mais abstrato do que uma imagem visual, sendo estruturado em função dos padrões espaciais dinâmicas subjacentes aos movimentos espaciais que são encontrados em imagens concretas e reais (Gibbs, 2006, p.91). Sabemos que a interação entre o corpo e o mundo é dinâmica e sucessiva. Assim, acontecem em cada momento várias interações. A essencialidade do esquema imagético é, na verdade, uma estrutura abstrata que surge naquelas interações complicadas e corporificadas. Portanto, o esquema imagético demonstra um modelo fixo e resumido do sistema cognitivo na medida em que é repetível e entendível dentro dos sistemas de auto-organização humana. Os esquemas imagéticos não são apresentações estereotipadas, mas sim experiências abstratizadas emergentes de ação (isto é, interação entre o corpo

e o mundo). Dessa maneira, as propriedades relativamente fixas de um esquema imagético estão proximamente ligadas com a atividade sensório-motora (Gibbs, 2006, pp.114-115).

1.3.2. Classificação dos esquemas imagéticos

Temos muitos tipos de esquemas imagéticos: de espaço limitado, de um caminho, de contacto e de orientações como cima/baixo, frente/trás e centro/periferia. Temos também esquemas imagéticos de estrutura relacional, tal como o de parte-todo. Temos, ainda, esquemas dinâmicos, como um movimento ascendente, mergulho, ou uma expansão, etc. Estruturamos em termos tais elementos dos esquemas imagéticos para entender alguns cenários desconhecidos ou objetos abstratos (Turner, 1993, p.296). No entanto, a classificação de esquemas imagéticos é diversificada. Segundo Johnson (1987, p.126), os esquemas imagéticos mais frequentes e nucleares são: CONTAINER, BALANCE, COMPULSION, BLOCKAGE, COUNTERFORCE, RESTRAINT REMOVAL, ENABLEMENT, ATTRACTION, MASS-COUNT, PATH, LINK, CENTER-PERIPHERY, CYCLE, NEAR-FAR, SCALE, PART-WHOLE, MERGING, SPLITTING, FULL-EMPTY, MATCHING, SUPERIMPOSITION, ITERATION, CONTACT, PROCESS, SURFACE, OBJECT, COLLECTION. Porém, os esquemas imagéticos não possuem todos a mesma importância na cognição. Alguns são mais acentuados e genéricos do que os outros. Isto quer dizer que uma relação genealógica entre diferentes esquemas imagéticos pode ser entendida em dois aspetos: inclusão e derivação, em função das suas compatibilidades e exclusividades no sentido de estrutura cognitiva e de lógica.

O número de esquemas imagéticos pode sempre ser aumentado, contudo, nem todos os membros subsequentes mantêm a estrutura original dos esquemas imagéticos iniciais (vejam-se os exemplos de (3)) (Hampe, 2005, p.2).

- (1) a. CONTAINMENT/CONTAINER, PATH/SOURCE/PATH GOAL, LINK, PART-WHOLE, CENTER-PERIPHERY, BALANCE
- b. the FORCE schemas: ENABLEMENT, BLOCKAGE, COUNTERFORCE, ATTRACTION, COMPULSION, RESTRAINT, REMOVAL, DIVERSION
- (2) a. CONTACT, SCALE, NEAR-FAR, SURFACE, FULL-EMPTY, PROCESS, CYCLE, ITERATION, MERGING, MATCHING, SPLITTING, OBJECT, COLLECTION, [MASS-COUNT], [SUPERIMPOSTION]
- b. UP-DOWN, FRONT-BACK
- (3) a. INANIMATE MOTION, ANIMATE MOTION, SELF MOTION, CAUSED MOTION (Mandler, 1992, pp.593-596), LOCOMOTION (Dodge e Lakoff, 2005)

b. EXPANSION (Turner, 1991, p.171), STRAIGHT (Cienki, 1998), RESISTANCE (Gibbs *et al.* 1994, p.235), LEFT-RIGHT (Clausner e Croft, 1999, p.15)

Muitos esquemas imagéticos propostos por Johnson são apenas subsidiários dos mais genéricos. Por exemplo, foi observado que em muitos dos esquemas imagéticos, TRAJETO e CONTENTOR funcionavam com destaque (Peña,1997). Portanto, é argumentado que TRAJETO e CONTENTOR são esquemas básicos, ao passo que o resto pertence ao grupo subsidiário, seja como dependências conceituais ou como implicações lógicas (Peña,1998).

	Subgroups
TRAJETO	FORCE, NEAR-FAR, LINK
CONTENTOR	FULL-EMPTY, WHOLE-PART, CENTER-PERIPHERY

Tabela 3. Esquema imagético principal e o seu grupo subsidiário

Tal como se pode observar, entre diferentes esquemas imagéticos existem graus diferentes de dependência. Assim, o esquema CENTRO-PERIFERIA não pode ser agrupado em COMPLETO-VAZIO, pois o primeiro depende do esquema PARTE-TUDO, enquanto o segundo depende diretamente do esquema CONTENTOR. Aqui pode ser acrescentado que o esquema imagético VERTICAL depende do TRAJETO, uma vez que a orientação CIMA-BAIXO implica um caminho vertical que possuía a mesma lógica básica e elementos estruturais em relação ao esquema imagético TRAJETO (Peña, 1998). A classificação existente é discutível. Embora esses esquemas imagéticos subsidiários constituam um determinado componente de um esquema mais genérico, eles têm lógicas próprias que não estão contidas no esquema genérico.

Peña (1999, pp.203-204) toma o esquema imagético FORÇA como exemplo e lista três tipos de derivação do esquema imagético genérico para o esquema imagético específico: a) por dependência conceitual, b) por implicação lógica e c) por enriquecimento.

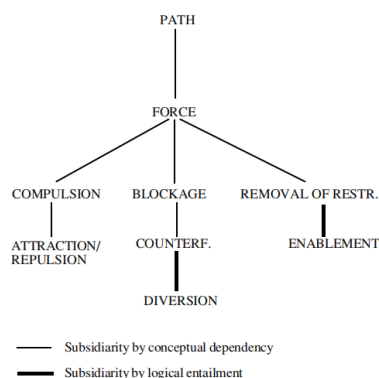


Figura 1. (Figure 1, uma hierarquia em que o esquema TRAJETO (PATH no inglês), Peña, 1999, p.205)

Ao discutir a relação entre o esquema imagético e o domínio cognitivo, Clausner e Croft acreditam que os esquemas imagéticos são mais convenientes de serem analisados como um domínio especial, porque muitas propriedades de domínios também são compartilhadas pelos esquemas imagéticos (1999, p.2). Assim como se pode observar na Tabela 4, UP-DOWN, FRONT-BACK são dois domínios que compartilham propriedades espaciais. Os esquemas imagéticos são um subtipo de domínio. Neste sentido, com base numa coleção dos esquemas imagéticos feita por Johnson (1987), Lakoff e Turner (1989), Clausner e Croft (1999) classificam-nos de acordo com propriedades de domínio cognitivo do domínio cognitivo:

SPACE	UP-DOWN, FRONT-BACK, LEFT-RIGHT, NEAR-FAR CENTER-PERIPHERY, CONTACT
SCALE	PATH
CONTAINER	CONTAINMENT, IN-OUT, SURFACE, FULL-EMPTY CONTENT
FORCE	BALANCE, COUNTERFORCE, DIVERSION, ATTRACTION
UNITY/MULTIPLICITY	MERGING, COLLECTION, SPLITTING, ITERATION, PART-WHOLE, MASS-COUNT, LINK
IDENTITY	MATCHING, SUPERIMPOSITION
EXISTENCE	REMOVAL, BOUNDED SPACE, CYCLE, OBJECT, PROCESS

Tabela 4. Uma classificação dos esquemas imagéticos (Clausner e Croft, 1999, p.15)

1.3.3. As dimensões dinâmica e estática dos esquemas imagéticos

Desde o início, Johnson (1987, p.29) enfatizou que os esquemas imagéticos são formações dinâmicas, ao invés de imagens estáticas e permanentes. Os esquemas imagéticos são estruturas de uma atividade por meio da qual organizamos a nossa experiência de maneiras que podemos compreender, e são flexíveis no sentido de que podem assumir qualquer quantidade de instanciações específicas sob diferentes contextos (Johnson 1987, pp.29-30). A natureza dinâmica dos esquemas imagéticos tem sido subestimada desde Johnson (1987). Por uma variedade de razões relacionadas com as preocupações primordiais dos principais pesquisadores e com algumas suposições básicas geralmente incontestadas, os esquemas imagéticos foram analisados em grande parte como estruturas estáticas. Eles passaram a ser considerados dinâmicos apenas no sentido de que apresentam mudanças contínuas de localização, como um objeto se move ao longo de um caminho (Mandler,

1992, p.591). Por outras palavras, os esquemas imagéticos são considerados para representar conteúdo dinâmico, mas esse conteúdo é separado da sua estrutura.

A chave para pensar a estrutura dinâmica do esquema imagético é reconhecer o papel essencial dos processos de construção. Em vez de pensar nesses processos como operações relativamente independentes em esquemas imagéticos, precisamos pensá-los como partes integrantes ou estendidas da própria estrutura esquemática de imagem. Além disso, precisamos de reconhecer o papel crucial de um conceitualizador que está incessantemente ativo em qualquer interpretação dinâmica. Um ponto de vista conceitual faz parte das relações estruturais de qualquer esquema imagético (Johnson, 1987, p.36), por um lado e, por outro, um conceitualizador não é um observador estático que fica passivamente separado do esquema imagético (Johnson, 1987, pp. 166-177). Quase todos os esquemas imagéticos possuem características tanto estáticas quanto dinâmicas (Cienki, 1997, p.6), porque a maioria dos esquemas imagéticos representa em alternativa um estado e um processo.

1.3.4. O componente cultural do esquema imagético

O esquema imagético não é apenas uma relação espacial estática ou lógica entre objetos, nem uma entidade concreta simples, mas sim um evento que contém o processo interativo. Por exemplo, uma metáfora como ANGER IS HEATED FLUID IN A CONTAINER não é simplesmente uma generalização de significado linguístico:

For instance, the conceptual metaphor ANGER IS HEATED FLUID IN A CONTAINER takes the image schema for containment as part of its source domain and maps this image-schematic structure onto anger, which gives rise to a number of interesting entailments. Thus, people know that when the intensity of anger increases, the fluid in the container rises (e.g., His pent-up anger welled up inside of him), people know that intense heat produces steam and creates pressure on the container (e.g., Bill is getting hot under the collar, Jim 's just blowing off steam, and He was bursting with anger), and people know that when the pressure of the container becomes too high, the container explodes (e.g., She blew up at me) (Gibbs, 1999, p.148).

Por exemplo, o esquema imagético CONTENTOR pode ilustrar-se com um evento que está cheio de antecipação, surpresa, alegria, etc. Os esquemas imagéticos não são simplesmente dados pelo corpo, mas são construídos a partir de interações orientadas pela cultura (Gibbs, 1999, p.154).

Portanto, os esquemas imagéticos não são meramente representações da experiência corporificada universal, mas estão crucialmente ligados à cognição sociocultural específica. Segundo

Kimmel (2006, p.288), há dois passos que contribuem para a análise do aspecto sociocultural do esquema imagético: a) *widening the focus by studying compound image schemas* e b) *developing a theory of situated image schemas*.

No primeiro caso, o esquema imagético é visto como algo que não acontece isoladamente numa experiência. Ele ocorre juntamente com outros esquemas imagéticos e forma-se desta maneira um esquema imagético complexo que às vezes estão envolvidos num contexto cultural específico (Kimmel, 2006, p.289). No segundo caso, podemos enquadrar a própria noção de esquema imagético de forma mais ampla, descrevendo subvariantes adaptativas à situação de esquemas genéricos. O esquema imagético situado enfatiza duas ideias. Por um lado, a aprendizagem de esquemas imagéticos particulares e complexos muitas vezes precisa de práticas ou contextos formativos especiais. Por outro lado, a aquisição de um esquema imagético é realizada através de práticas corporais que são onnipresentes na vida quotidiana (Kimmel, 2006, pp.296-298). Ambos os casos implicam um contexto cultural.

Aproveitamos o esquema CONTENTOR como exemplo. Segundo Kimmel (2006, p.299), cada esquema CONTENTOR é descrito como qualquer outro, embora um contentor como a caixa física do nosso corpo, uma garrafa térmica e o modelo religioso de uma entidade abrangente tenham diferenças notáveis. A metáfora da qual o domínio-fonte é o esquema imagético CONTENTOR é variável em diferentes línguas. Por exemplo, as metáforas temporais do esquema imagético CONTENTOR são variáveis em maneiras de *retirar o tempo de um contentor*. Retiramos alguns exemplos em mandarim, hindi e finlandês (Zhang, 2013, pp. 109-110):

Mandarim	<i>抽出时间, 拿出时间, 时间排的满满的</i> (draw out time, take out time, arrangement/full/time)
Hindi	<i>samay nikaalnaa</i> (time/take out) <i>samay kee poornta/paripoorntaa main</i> (time/of/completeness/fullness/in) <i>khaalee waqt</i> (empty/time)
Finlandês	<i>aika tulee tyyteen</i> (time becomes full) <i>aika umpeutuu</i> (time close up)

Tabela 5. Expressões diferentes em relação a uma ação de levar um tempo para fazer trabalhos

O esquema imagético CONTENTOR não é algo preexistente na interação das crianças em relação aos objetos. Em vez disso, as crianças utilizam objetos como contentor para cumprir diferentes

funções e necessidades. Como a função do objeto é construída pela participação das crianças em experiências triádicas, criança-adulto-objeto, propõe-se que os esquemas imagéticos não sejam naturais e surjam diretamente, mas sim um produto desenvolvível, pragmático e cultural (Alessandroni e Rodríguez, 2017, p.144).

CAPÍTULO 2

A METÁFORA E A SEMELHANÇA

2.1. Classificação de semelhança e semelhanças metafóricas

As coisas estão interligadas por razões diferentes, tal como a semelhança compartilhada entre elas. Teoricamente, quaisquer duas coisas diferentes têm semelhanças potenciais, só que não são todas óbvias e percebíveis devido à limitação da competência cognitiva. Esse tipo de cognição geral formada pelos humanos na comunicação e contacto de longo prazo com o mundo objetivo é a premissa objetiva de seu pensamento por analogias. Se houver uma ativação de analogia, as pessoas tentarão descobrir as semelhanças entre entidades envolvidas. O novo objeto que surge no nosso entendimento deve ser conectado com algo que já conhecemos. Caso contrário, será incompreensível.

A semelhança entre coisas depende do padrão de avaliação, por um lado e, por outro, tem o grau diferente em correspondência. Por exemplo,

(...) a chair shares with a stool the characteristic use of seating one person, but may differ in having a substantial support for the back. When we use language to classify our experience some of the features will be regarded as critical for that classification. So, in the previous example, possession of a back support is, at least for me, critical in distinguishing chairs from stools. Other features of the two objects will be non-critical or peripheral as far as classification is concerned: e.g., a particular chair, say an armchair, could be on castors, and without legs, and share this feature with a particular stool (Goatly, 1997, p.15).

A analogia/semelhança desempenha um papel importante no pensamento humano. Em primeiro lugar, a semelhança desempenha um papel fundamental nas teorias cognitivas. As ações de comparar eventos, objetos e cenários resultam no estabelecimento das semelhanças entre essas realidades e têm influência enorme nos processos cognitivos. Em segundo lugar, a semelhança examina a estrutura de nossas entidades mentais e os processos que operam nessas entidades. Dado que os psicólogos não têm um microscópio com acesso direto às representações das pessoas sobre seu conhecimento, as avaliações de semelhança fornecem um padrão poderoso, ainda que indireto, para os componentes do processo de representação. Por último, a semelhança ocupa num lugar cognitivo entre uma percepção primária e o conhecimento de nível superior por ser fundamentada por

funções perceptivas, por um lado e, por servir, por outro lado, como uma base de ocorrência de cognição mais complexa (Goldstone, 1994, p.3).

Pela perspectiva do domínio cognitivo⁹, a semelhança pode ser entendida em dois aspetos. Uma é semelhança entre membros do mesmo domínio (*within-domain similarity*) que é representada pelo grau em que os membros ocupam posições semelhantes em relação a outros membros do mesmo domínio. Outra é semelhança entre membros de diferentes domínios (*between-domain similarity*) que é formada através do grau em que os domínios se assemelham (Tourangeau e Sternberg, 1981, p.5).

Chesterman (1998, p.7) aponta que alguns objetos são (visivelmente) "semelhantes" e outros objetos são "considerados como objetos semelhantes". Isto quer dizer que a semelhança pode ser tanto objetiva quanto subjetiva. Uma semelhança objetiva pode ser designada por *similarity-as-trigger*, sendo formada por sujeitos cognitivos sob uma observação dos atributos físicos. Uma semelhança subjetiva é a *similarity-as-attribution*, a qual um sujeito cognitivo atribui uma semelhança a duas entidades por meio de processamento cognitivo.

Pela perspectiva psicológica, as semelhanças diversas entre diferentes objetos ou fenómenos podem ser resumidas em dois grupos. Uma é a semelhança sensorial e a outra é a extrassensorial. A semelhança sensorial é adquirida diretamente por nossos órgãos sensoriais (tais como *olhos, nariz, orelhas*, etc.), enquanto a semelhança extrassensorial é estabelecida através das atividades cognitivas mais complexas. A semelhança sensorial que é percebida através dos órgãos sensoriais pode ser entendida como (Liu, 2001, p.13):

- a) a semelhança percebida pela observação de diferentes perspectivas do mesmo objeto. (uma bola é redonda de qualquer ângulo)
- b) a semelhança percebida com base em sua existência em diferentes dimensões, tais como semelhanças entre a forma bidimensional e a tridimensional de um objeto. (como um carro na forma de três dimensões e numa foto da forma de duas dimensões)
- c) a semelhança mediante informações obtidas de diferentes órgãos sensoriais. Por exemplo, sabemos que um café é quente através de visão mediante a observação do ar saído do copo ou pelo gosto por o provar com a língua.

⁹ A noção de domínio é definida por Langacker (1987, p.488) como "uma área coerente de conceituação relativa à qual as unidades semânticas podem ser caracterizadas".

- d) a semelhança adquirida pelo mesmo órgão sensorial. Por exemplo, ambos os objetos são redondos ou azuis (é entendida como uma semelhança estática), ou ambos estão a rolar ou balançar (é entendida como uma semelhança dinâmica).
- e) a semelhança formada através da consistência da percepção de mais de um órgão sensorial em relação a duas coisas. Por exemplo, a luz forte provoca uma irritação como a que é feita por um grito alto.

Essas semelhanças podem ser classificadas em duas categorias. A primeira, como se pode observar nos primeiros três casos, é a semelhança percebida por diferentes órgãos sensoriais sobre o mesmo objeto. A segunda categoria, como é verificada por exemplos e), está construída pela relevância entre diferentes objetos que é entendida por um mesmo ou por vários órgãos sensoriais.

A semelhança extrassensorial refere-se a uma semelhança que não é entendida diretamente por órgãos sensoriais (especificamente o órgão ótico), mas sim se baseia nas informações que construímos sobre eles. A semelhança extrassensorial tem menos a ver com atributos da aparência física. Em vez disso, depende das características ou particularidades comuns de diferentes objetos que são relativamente menos visíveis ou mais abstratas. A percepção da semelhança extrassensorial é mais complexa em relação à observação das semelhanças físicas.

A noção de semelhança é frequentemente usada para distinguir a metáfora de outras linguagens figurativas (Tversky, 1977, pp.327-352). Então, o que significa a semelhança e quais são as suas classificações? Do ponto de vista genérico, podemos considerar “coisas” ou entidades como objetos que têm certas características, as quais compartilhadas entre objetos são semelhanças (Lyons, 1977, p.442). Então, a semelhança metafórica pode ser entendida como uma semelhança física, por um lado e como uma psicológica, por outro. A semelhança física refere-se à semelhança apresentada através da aparência física, propriedades ou funções entre objetos, sendo o resultado de uma ênfase de algo aspecto do objeto por meio de ignorar o resto (Ma, 2005, pp.389-390).

Deve-se notar que um conceito pode contar com um certo tipo de semelhança para produzir um uso metafórico. Depois, aproveita outras semelhanças para realizar mapeamentos posteriores, resultando em usos de metáforas cada vez mais abstratos e formando um "mapeamento sistemático". Por exemplo, em mandarim, a parte mais estreita da garrafa é referida como *pescoço da garrafa* devido a semelhanças na aparência física (a parte mais estreita do corpo também é um pescoço) e na sua localização no corpo e na garrafa. A partir da semelhança de atributos ou funções, formam-se

metáforas como "*o pescoço da garrafa* do trânsito" para indicar algum lugar difícil de passar ou metáforas como "*o pescoço da garrafa* do desenvolvimento económico" para referir um período no qual o desenvolvimento económico é lento e difícil.

A semelhança psicológica tem na sua origem sentimentos psicológicos. Sendo assim, é variável por causa de particularidades individuais e culturais, refletindo, às vezes, a compreensão ou percepção exclusiva de uma comunidade linguística num determinado contexto cultural sobre um objeto ou um evento. A semelhança que é percebida ou criada entre diferentes objetos está relacionada com as tradições culturais, crenças religiosas, fatores psicológicos, níveis educacionais e características geográficas regionais. Só que algumas semelhanças são mais universais do que as outras por serem menos influenciadas pela cultura.

As semelhanças que referimos são as que se baseiam em propriedades dos objetos. Há, ainda, semelhanças existentes na estrutura do evento. A Metáfora da Estrutura do Evento (ESM) foi proposta pela primeira vez por Lakoff (1993) no seu texto *Teoria Contemporânea da Metáfora*. A ideia central da Metáfora da Estrutura do Evento (ESM) é aproveitar conceitos como *espaço*, *força* ou *movimento* para entender, de maneira metafórica, a estrutura de um evento, tais como *estado*, *mudança*, *causa*, *ação*, *processo*, *propósito*, *método*, etc.

What we have found is that various aspects of event structure, including notions like states, changes, processes, actions, causes, purposes, and means, are characterized cognitively via metaphor in terms of space, motion, and force (Lakoff, 1990, p.57).

Por exemplo, na metáfora STATES ARE LOCATIONS estão envolvidos alguns mapeamentos básicos (Lakoff, 1990, p.57):

States are bounded regions in space.
Changes are movements into or out of bounded regions.
Processes are movements.
Actions are self-propelled movements.
Causes are forces.
Purposes are destinations.
Means are paths (to destinations).

Noutro exemplo, MUDANÇAS SÃO MOVIMENTOS (dentro ou fora de regiões delimitadas), esses dois eventos (a mudança e o movimento) compartilham muitas semelhanças semânticas. Além disso, as estruturas daqueles dois eventos são semelhantes. Segundo Gentner e Clement (1998):

(...) an analogy is a mapping of knowledge from one domain (the base) into another (the target), which conveys that a system of relations that holds among the base objects also holds among the target objects (Gentner e Clement, 1988, pp.312-313).

No sentido geral, é mais fácil aceitar a semelhança na estrutura dos eventos do que as semelhanças em características dos objetos.

2.1.1. A semelhança e a associação

Segundo Grady (1997), metáforas são resultados de semelhanças que são adquiridas com a experiência:

As we have seen, each case, when examined at the appropriate level of locality and specificity, involves a correlation between distinct dimensions of experience. Metaphors at this level, which arise from primary scenes, are characterized by a number of interesting features.

A recurring 'primary scene', which can be characterized at a very local and schematic level, involves a tight correlation between two dimensions of experience. Typical of these scenes is that they are elements of universal human experience - basic sensorimotor, emotional and cognitive experiences which do not depend on the particulars of culture (Grady, 1997, pp.84-85).

Devido a diferentes tipos de semelhança, as metáforas também podem ser categorizadas por metáfora de correlação (*correlation metaphor*) e metáfora de analogia (*resemblance metaphor*).

Apesar de a correlação experiencial servir como base a muitas metáforas, nem todas as metáforas são originadas dessa maneira. Algumas metáforas têm a sua origem em analogias (*resemblance*). Por exemplo, na metáfora de "Aquiles é um leão", é difícil imaginar como a semelhança entre Aquiles e um leão surge de correlações recorrentes na experiência. Obviamente, muitos de nós podem usar e entender tal expressão sem a experiência pessoal com leões. Mas mesmo se admitirmos a importância da experiência indireta na formação de esquemas, por exemplo, aprendendo sobre leões por meio de ler sobre eles, ainda é problemático identificar a correlação como uma motivação para a metáfora (p.87). Identifica-se, então, que a base de "Aquiles é um leão" obviamente não é uma associação experiencial entre conceitos que são distintos, mas correlacionados.

(...) courageousness is part of the lion schema itself, it is awkward to speak of a correlation between courage and "lionhood," or between courage and any other particular features of the

lion schema, which could be the motivation for the metaphor BRAVE PEOPLE ARE LIONS (p.87).

Mediante os exemplos "Pessoas corajosas são leões", "Agir corajosamente é agir como um leão", "Coragem é o destemor instintivo de um leão", etc., entendemos que a essencialidade desta metáfora é a nossa percepção semelhante de bravura, entre o homem valente e o leão agressivo (Grady, 1997, pp.88-89). "Aquiles é um leão" obviamente não é uma metáfora de esquema imagético, uma vez que não faz conexão entre a estrutura de Aquiles e a de leão, mas pode refletir uma projeção concetual muito limitada. As características físicas do leão, além de sua coragem, não são projetadas em pessoas corajosas - por exemplo, não há nada numa pessoa corajosa que corresponda à pele marrom do leão, ou ao seu hábito de dormir na maior parte do dia - podemos salientar que aqui há uma equivalência cognitiva muito limitada, que podemos até hesitar em chamar de *mapeamento*.

Surge, então, outra questão. Por que projetamos a bravura da pessoa no comportamento dos leões e vice-versa, em vez de associar pessoas corajosas a galinhas ou peixinhos dourados? A explicação mais plausível é que percebemos algo em comum entre leões estereotipados e pessoas corajosas, qualquer que seja a base dessa percepção. Por exemplo, tanto leões quanto pessoas corajosas (aparentemente) enfrentam adversários perigosos sem medo, ao passo que as galinhas e peixinhos raramente demonstram esse comportamento (Grady, 1999, p.88).

As figuras a seguir ilustram a diferença entre metáforas de analogia e metáforas de correlação. Se pensarmos em metáforas como padrões de associação dentro de redes de ativação, então as metáforas primárias são caracterizadas como ligações entre conceitos distintos, talvez com base em inúmeras experiências onde os conceitos estão proximamente correlacionados e, portanto, ativados simultaneamente. Por isso, a metáfora de correlação (Figura 2) pode ser entendida com os conceitos de PILHA, QUANTIDADE e ELEVAÇÃO (Grady, 1999, p.90).

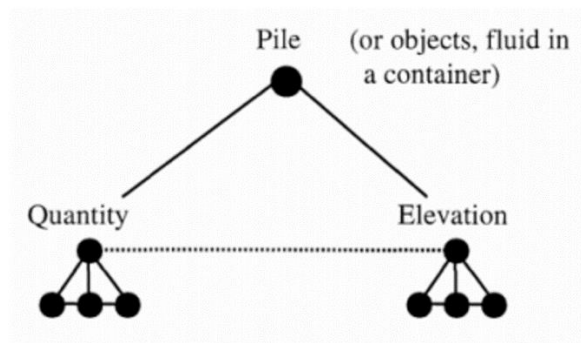


Figura 2. Representação esquemática de rede de uma metáfora de correlação (Figure 1: *Schematic network representation of a correlation-based metaphor*, Grady, 1999, p.90)

Lower nodes represent features of objects at higher nodes. The node at the top of the figure represents the concept of a pile - a conceptualization in which quantity and vertical dimension are correlated. The dashed line represents the association which is the basis of the metaphor MORE IS UP (Grady, 1999, p.90).

Uma metáfora como "Aquiles é um leão", por outro lado, teria um processo cognitivo diferente. Na Figura a seguir, a parte dentro do círculo representa uma ativação sobreposta. Neste caso, é a ativação da noção de *coragem*. A linha tracejada representa a associação entre *leões* e *pessoas corajosas* com base na característica compartilhada por seus próprios esquemas (Grady, 1999, p.91).

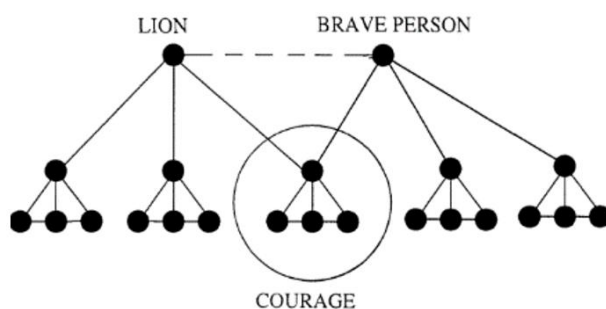


Figura 3. Representação esquemática de uma metáfora de analogia (Figure 2: *schematic representation of a simple resemblance metaphor*, Grady, 1999, p.91)

A metáfora de correlação e a de analogia são diferentes em três aspetos: a direção do mapeamento, a propriedade ontológica do domínio e o grau de convencionalidade (é tradicional ou novo). Resumimos a seguir as ideias de Grady (1999, pp. 95-97):

	A direção do mapeamento	A propriedade ontológica do domínio	O grau de convencionalidade
Metáfora de analogia (inclui-se <i>GENERIC-IS-SPECIFIC metaphor</i>)	Reverso, simétrico Ex. DEATH IS SLEEP	O mapeamento corre entre conceitos de um mesmo tipo Ex. One state of inactivity is mapped onto another; one type of physical mishap is mapped onto another, one intelligent person is mapped onto another, etc.	Uma vez que a imaginação humana é ilimitada em sua capacidade de impor semelhança a objetos diferentes, as metáforas de analogia são menos restringidas.
Metáfora de correlação	Unidirectional Ex. MORE IS UP	O mapeamento corre entre conceitos de diferentes tipos Ex. DIFFICULTIES ARE BURDENS	As metáforas que são baseadas em correlação vêm de experiências específicas e recorrentes e, portanto, são muito mais restringidas.

Tabela 6. Diferenças entre a metáfora de correlação e a metáfora de analogia

2.1.2. Semelhança de atributo e semelhança relacional

Gentner (1983,1985) refere duas semelhanças diferentes na metáfora. Uma é semelhança de atributo e outra é semelhança relacional. Como é que as pessoas percebem o significado da frase *an electric battery is like a reservoir*? Poderíamos supor que elas simplesmente aplicam os seus conhecimentos sobre CONTENTOR para entender baterias. Quanto maior a correspondência, mais entendível a analogia. O “grau de sobreposição (*degree of overlap*)” parece razoavelmente ser funcional para entender uma comparação de semelhança literal (Gentner, 1983, p.155). Outro exemplo do mapeamento de analogia refere-se a uma simples analogia aritmética 3:6::2:4. Não importa quanto o número 3 tem em comum com 2, nem 6 com 4. Não são os números que compartilham ou não os recursos que leva em conta a analogia, mas sim a relação matemática "duas vezes maior que" que se mantém entre 3 e 6 e também entre 2 e 4 (Gentner,1983, p.156).

Por meio de distinguir a semelhança de *object-attributes* da semelhança de *inter-object relationships*, Gentner refere uma ideia de *Structure Mapping* que, por um lado, enfatiza o mapeamento das relações entre objetos em vez dos atributos e, por outro lado, revela uma estrutura hierárquica entre as relações mapeadas (Gentner,1983, pp.155-156).

Confirma-se, pelo estudo posterior de Gentner e o seu colega Landers (1985), que os adultos preferem a mtáfora que ocorre mediante a semelhança de *inter-object relationships*. Além disso, os adultos geralmente concentram-se em semelhanças relacionais numa interpretação das metáforas.

Gentner e Landers (1985) definem três semelhanças que variam de complexidade cognitiva: *surface similarity*, *first-order similarity* e *higher-order similarity*.

- a) Surface Similarity: similarity among the objects in the original scenarios and the objects in the test scenarios.
- b) First-order Similarity: similarity among the vents and first-order relational predicates between the original and test scenarios.
- c) Higher-order similarity: similarity in the higher-order relational structure-either causal structure or other kinds of constraining structure-between the original and test scenarios (Gentner, 1985).

O resultado do estudo de Gentner e o seu colega Landers (1985) confirma que as semelhanças relacionais ao nível superior são importantes no pensamento analógico. As correspondências de aparência superficial seriam mais fáceis para as pessoas identificarem, porém, as semelhanças mais difíceis de perceber são as que têm a maior contribuição da inferência analógica (Gentner, 1985). Além disso, Gentner e Toupin (1986) enfatizam a característica da analogia, i.e., *systematicity* por sua relação íntima com *mappable relational chain*. Num sistema das relações, as relações do nível superior condicionam relações do nível inferior (no sentido cognitivo):

Part of our understanding about analogy is that it conveys a system of connected knowledge, not a mere assortment of independent facts. The systematicity principle is included to formalize this tacit preference for coherence and a predicate that belongs to a mappable system of mutually interconnecting relations is more likely to be imported into the target than is an isolated predicate. A *system* of relations refers to an interconnected predicate structure in which higher-order predicates enforce constraints among lower-order predicates (Gentner e Toupin, 1986, p.280).

Segundo *Structure Mapping*, uma analogia é um mapeamento do conhecimento de um domínio (a fonte) para outro (o alvo). Neste processo, as relações que existem dentro dos objetos domínio-fonte permanecem no domínio-alvo. Assim, uma analogia é uma ferramenta de perceber semelhanças relacionais independentemente dos objetos aos quais essas relações se aplicam. Gentner (1988) enfatiza sempre que a semelhança relacional é mais importante do que a semelhança de atributo numa interpretação da metáfora. Em primeiro lugar, embora as classificações e configurações físicas dos objetos contivessem tanto atributos quanto relacionamentos de objetos, normalmente, apenas as informações de relacionamento são preservadas na interpretação da metáfora:

For example, one subject described "cigarette" as follows: "chopped cured tobacco in a paper roll/with or without a filter at the end/held in the mouth/lit with a match and breathed through to draw smoke into the lungs/found widely among humans/known by some cultures to be damaging to the lungs/once considered beneficial to health." This description contains both relational and attributional information. But the same person, when interpreting the metaphor "Cigarettes are like time bombs," included only relational information: "They do their damage after some period of time during which no damage may be evident." (Gentner, 1988, p.49).

Em segundo lugar, as metáforas são mais aptas quando puderem encontrar interpretações de relacionamento:

Subjects' aptness ratings for metaphors correlated positively with the judged relationality of their interpretations. In contrast, attributional commonalities did not contribute to aptness: The correlation between aptness ratings and attributionality was nonsignificant and negatively trending. Adults thus demonstrate a relational focus both in interpreting and in judging metaphor (Gentner, 1988, p.49).

O papel central das relações entre objetos na compreensão da metáfora também é verificado pelo estudo empírico de Tourangeau e Rips (1991):

(...) subjects judged which of two types of interpretation better captured the meaning of metaphors drawn from modern poetry. For each metaphor, one interpretation was based on features shared by the *tenor* and *vehicle*; the other was based on emergent features. Subjects overwhelmingly preferred the interpretations based on the emergents (Tourangeau e Rips 1991, p.452).

Além disso, as pessoas tendem a interpretar uma metáfora pela perspectiva de relações experimentais mais do que por simples atributos, mesmo para metáforas que são criadas com base em tanto a semelhança de atributo quanto a semelhança relacional (Tourangeau e Rips, 1991). Gentner *et al.* (2001) confirmam com mais detalhes no estudo mais recente sobre essas duas semelhanças (a de atributo e a relacional) com exemplos a seguir:

- (1) A man is not necessarily intelligent because he has plenty of ideas, any more than he is a good general because he has plenty of soldiers (Chamfort).
- (2) My job is a jail.
- (3) His eyes were burning coals.
- (4) Tires are like shoes (Gentner *et al.*, 2001, p.199).

As metáforas (1) e (2) podem ser consideradas como metáforas analógicas que se baseiam principalmente em semelhanças empíricas relevantes. Mas as metáforas também se baseiam em atributos comuns de objetos, tais como em (3), ou ambos, como em (4). De acordo com a Teoria de *structure-mapping*, as relações entre objetos em domínio-fonte também se mantêm entre objetos em domínio-alvo, independentemente de os objetos de dois domínios serem ou não intrinsecamente semelhantes.

Gentner e Kurtz (2005) acentuam ainda o papel da semelhança relacional numa categorização com a ajuda do estudo de Medin e Shoben (1988). Segundo Medin e Shoben, *nuvens cinzas* são consideradas mais parecidas com *nuvens negras* do que com *nuvens brancas*, mas *cabelos grisalhos* são mais relevantes a *cabelos brancos* do que a *cabelos pretos*. Isto porque o atributo da cor, nestes casos, já não funciona como um padrão para a categorização de nuvens ou de cabelos. Em vez disso, a semelhança relacional está acentuada no sentido de que:

(...) gray hair and white hair share a causal relation to aging in humans, whereas gray clouds and black clouds share a causal relationship to storms. When relational structure is considered as a key component of category representation, these effects can be derived from relational commonalities. Thus, when relational similarity is taken into account, the seeming dispute between similarity-based and theory-based views of categorization often vanishes. Indeed, the debate may be largely the result of an overly restrictive account of similarity (Gentner e Kurtz, 2005, pp.168-169).

A ideia de Gentner e Kurtz (2005) é notável no entendimento da semelhança metafórica, i.e., a semelhança de atributo demonstra uma correspondência entre diferentes características, ao passo que a semelhança relacional revela uma coerência entre diferentes características.

2.2. Mecanismo de ocorrência da metáfora: baseia-se em semelhança ou cria a semelhança

Na longa história do conceito de metáfora, dos retóricos gregos até o limiar do século XX, a metáfora é sempre considerada como algo que acontece entre duas "coisas". De acordo com a Linguística Cognitiva, universalmente é confirmado que a metáfora acontece ao nível do domínio. A noção de domínio é aplicada de maneiras diferentes em variáveis áreas da Linguística Cognitiva, nas quais é particularmente importante e essencial para a análise da metáfora por ser um construto

cognitivo básico. O domínio pode ser entendido por dois lados: um é domínio cognitivo e outro é domínio linguístico. Devido a conexão construída entre a cognição e a língua pela Cognição Corporificada, os dois tipos de domínio formam também uma relação próxima.

Os domínios não são compostos analógicos ou imagéticos de experiência como os esquemas imagéticos. Por um lado, um mesmo esquema imagético pode servir como base a vários domínios no sentido de que se aplica a diferentes aspetos ou dimensões de um domínio e, por outro, o mesmo domínio possivelmente contém mais de um esquema imagético (Langacker, 1987). O domínio existe em quase todas as estruturas cognitivas:

(...) any cognitive structure – a novel conceptualization, an established concept, a perceptual experience, or an entire knowledge system – can function as the domain for a predication” (Langacker, 2002, p.61).

No entender de Langacker (1987), os domínios são “entidades cognitivas no sentido de serem experiências mentais, espaços representacionais, conceitos ou complexos conceituais”. A partir do ponto de vista linguístico, um domínio é considerado como um “contexto para a caracterização de uma unidade semântica” (Langacker, 1987, p.147). A ideia pode ser entendida com o exemplo de um *arco* de *círculo*. Um conceito de *arco* pressupõe outros conceitos, nos quais temos o de *círculo*. Um *arco* é definido por *círculo*; caso contrário, seria apenas um segmento de linha curva.

O que pensamos intuitivamente como o próprio arco é o *profile*, enquanto a noção de círculo que ela pressupõe é sua *base* (Langacker, 1987, pp. 183-184). Uma base sempre serve a vários *profiles* de diferentes conceitos. Por exemplo, um círculo é a base não apenas para [ARC], mas também para [DIAMETER], [RADIUS], [CHORD], etc. Então, especificamente, um domínio pode ser entendido como uma estrutura semântica que funciona como *base* para pelo menos um *profile* de conceito (normalmente, muitos perfis). Por exemplo, o conceito de segunda-feira é *profiled* no domínio de semana que, por sua vez, é entendido no domínio de circular dia-noite que, é finalmente, entendido com a referência ao domínio TEMPO.

Langacker (1990) desenvolve a ideia do domínio através da distinção entre *domínio básico* e *domínio abstrato*. O primeiro refere-se aos domínios de ESPAÇO ou TEMPO, que não podem ser divididos em domínios mais fundamentais. Assim como o exemplo que já é referido. Além disso, o domínio básico sempre está relacionado com as pré-conceituais experiências corporificadas de maneira

que oferece uma possibilidade para entendermos outros domínios (Evans e Green, 2006, p.234). O domínio abstrato é, então, entendido como:

“... any nonbasic domain, i.e., any concept or conceptual complex that functions as a domain for the definition of a higher-order concept”.

“... an abstract domain is essentially equivalent to what Lakoff... terms an ... idealized cognitive model ... and what others have variously called a frame, scene, schema or event script ...” (Langacker, 1987, p.150)

A relação entre um domínio abstrato e o domínio básico que Langacker (1987) pressupõe não é simplesmente taxonómica. Em alternativa, é uma relação ilustrada por conceito próprio com a suposição ou pressuposição do contexto (Croft, 1993). Por exemplo,

The word *shape* stands for the domain as mass noun, but as a count noun (*a shape*) it is a more general or schematic concept subsuming [CIRCLE], [SQUARE], [TRIANGLE], etc. A more general or schematic concept is not the domain for the particular concept; in fact, it is itself profiled in the same domain as its particular concept (Croft, 1993, p.340).

De facto, na maioria dos casos, o conceito sempre está envolvido em diversos domínios. Por exemplo, um ser humano deve ser definido em relação aos domínios de objetos físicos, coisas vivas e agentes volitivos, emoção etc. A combinação de todos os domínios forma um conceito HUMANO e é definido como um *domain matrix*. A diferença entre o domínio e o *domain matrix* apenas se apresenta no sentido de grau de complexidade cognitiva (Langacker, 1987, p.152).

Segundo Taylor (1989, p.84), qualquer concetualização ou configuração de conhecimento, por mais simples ou complexa que seja, pode servir como o domínio cognitivo para caracterizar os significados. Por um lado, o domínio de CIRCLE contém conceitos de ARC, DIAMETER, RADIUS e assim por diante e, por outro, o CIRCLE de si próprio está dentro do domínio de um espaço bidimensional. Neste sentido, uma estrutura semântica faz parte de um domínio (quando é definido), ao mesmo tempo, pode ser um domínio independente (quando contribui para definir outros conceitos) (Croft, 1993, p.339).

Lakoff (1993,1999) revela que os mapeamentos nas metáforas concetuais estão entre dois “domínios de experiência”, de modo que um domínio-alvo é entendido em termos de um domínio-fonte. No entanto, eles não descrevem nenhum critério para o que pode constituir qualquer tipo de domínio.

A partir de vários trabalhos de Lakoff, percebe-se que os domínios abrangem muitos aspetos de uma experiência que são associados conceitualmente.

Langacker e Lakoff contribuem com tentativas para estudar uma base cognitiva, em vez de linguística, dos domínios. Croft (1993), por sua vez, fornece uma visão mais inclinada para a dimensão linguística. Croft (1993) define o conceito de domínio com base na análise dos trabalhos sobre metáfora concetual à luz da obra de Langacker. Ele relembra o exemplo de Langacker (1987, pp.183-184) de um arco de círculo: nem toda linha curva é um arco, pois um arco pressupõe o conceito de círculo para sua definição. Assim, um círculo serve de base, de fundo, sobre o qual entendemos o que é um arco (e neste caso o arco é o perfil relevante). Além disso, Croft (1993) enfatiza que a relação perfil-base não é a mesma que a relação centro-periferia sobre a definição enciclopédica da semântica de alguma palavra:

The base is that aspect of knowledge which is necessarily presupposed in conceptualizing the profile. Peripheral knowledge is knowledge associated with a concept that is not as generic, characteristic, conventional, and intrinsic as more central knowledge. Peripheral knowledge is not presupposed knowledge, but additional, less central asserted knowledge. Of course, peripheral knowledge as well as central knowledge is organized in a profile-base fashion (Croft, 1993, pp.338-339).

Sendo assim, Croft (1993, p.339) define o domínio como uma estrutura semântica que funciona como base para pelo menos um perfil (*profile*) de conceito.

O trabalho de Johnson (1997) faz o aspeto linguístico do domínio mais claro de acordo com a pesquisa sobre a aquisição de metáforas por crianças que tem propósito de construir uma ligação entre domínios cognitivos e domínios envolvidos na metáfora. Segundo Johnson (1997), os bebês ou crianças de idade menor ainda não entendem conscientemente a diferença entre domínios sensório-motores, como UP, e domínios subjetivos, como MORE. Desta maneira, forma-se a base de metáforas primárias, tais como MORE IS UP.

Os domínios referidos por Langacker são mais genéricos do que aqueles empregados em metáforas concetuais, uma vez que nem todos os domínios no sentido de Langacker são convenientes de serem mapeados metaforicamente. Apenas certos campos, como a experiência de se mover pelo espaço ou a percepção de luz e escuridão, são suficientemente salientes e complexos para serem usados produtivamente em metáforas concetuais. Então, é necessário fazer uma definição mais

limitada que se aplique especificamente a domínios metafóricos (Sullivan, 2013, pp.21-22). Sullivan usa *metaphor input domains* para designar os domínios que estão realmente envolvidos numa metáfora:

A metaphor input domain can be defined as the cognitive structure comprising all schematic information potentially available for mapping via a given metaphor. In other words, if a structure or type of structure can be observed as mapping metaphorically, based on systematic linguistic data or extralinguistic evidence, this structure or type of structure can be posited to exist in both the metaphoric source and target domains (Sullivan, 2013, pp.22-23).

Um *input domain* não inclui nenhuma estrutura além daquela que pode ser mapeada metaforicamente. As representações de um *input domain* também não incluem nenhuma estrutura, exceto aquela para a qual a ligação referente ao domínio-alvo pode ser real ou potencialmente produzida (Sullivan, 2013, p.23).

2.2.1. Analogia e Substituição (Aristóteles e Richards)

Aristóteles¹⁰ trata a metáfora ao nível da semântica (Leezenberg, 2001, p.32). A definição de metáfora de Aristóteles é mais genérica e abrangente do que a definição atual de *metáfora*. Na *Poética*, Aristóteles ([335 a.C.- 323 a.C.]1965) propõe quatro tipos de metáfora: género por género, género por espécie, espécie por género e analogia. As primeiras três categorias concentram-se numa substituição semântica no sentido de substituir uma palavra por outra palavra. O último, por sua vez, trata a metáfora como analogia, a transferência metafórica ocorre de um domínio do conhecimento para outro (Aristóteles, [335 a.C.- 323 a.C.], 1965). O quarto tipo discutido por Aristóteles é o caso mais parecido com a metáfora discutida no nosso estudo. Em relação ao seu quarto tipo de metáfora, Aristóteles dá a seguinte descrição:

Metaphor by analogy means this: when B is to A as D is to C, then instead of B the poet will say D and B instead of D. And sometimes they add that to which the term supplanted by the metaphor is relative. For instance, a cup is to Dionysus what a shield is to Ares; so he will call the cup "Dionysus's shield" and the shield "Ares' cup." Or old age is to life as evening is today; so he will call the evening "day's old age" or use Empedocles' phrase; and old age he will call

¹⁰ Um filósofo e polímata da Grécia Antiga, 384 a.C.-322 a.C.

"the evening of life" or "life's setting sun." (Aristóteles, [335 a.C.- 323 a.C.]1965, citado por Levin, 1977, p.91).

A relação gênero/espécie envolvida na função metafórica das primeiras categorias reflete fundamentalmente uma classificação ontológica (Levin, 1982, pp.34-35).

O retórico romano Quintiliano¹¹ indica uma nova visão sobre a metáfora e propõe a ideia da Substituição. A metáfora cria uma conexão entre dois objetos com base na semelhança. Assim, um objeto pode ser substituído por outro no sentido de entendimento e percepção. Mediante a Teoria da Substituição, a maneira de determinar a semelhança depende da forma de substituição entre os objetos. Por outras palavras, a forma na qual as pessoas reconhecem a semelhança entre objetos é condicionada por múltiplos entendimentos dos objetos (Wang, 2007, p.18).

A Teoria da Comparação também é designada por Teoria da Semelhança ou Teoria Analógica. A comparação das características entre o domínio-fonte e o domínio-alvo (na terminologia da Teoria da Metáfora Concetual de Lakoff e Johnson) é o processo básico no qual se constitui a metáfora.

Richards¹² (1929) entende inicialmente a metáfora como uma transferência:

A metaphor is a shift, a carrying over of a word from its normal use to a new use. In a sense metaphor the shift of the word is occasioned and justified by a similarity or analogy between the object it is usually applied to and the new object. In an emotive metaphor the shift occurs through some similarity between the feelings the new situation and the normal situation arouse (Richards, 1929, p.221).

Além disso, todos os objetos novos são entendidos por meio de conexões com coisas previamente conhecidas:

(...) all thinking is sorting. To think about anything is to take it as a member of a class and not merely as a particular. When we are presented with a lamp, say, recognition depends on our previous experiences with lamps and on our abstractive power which enables us to put the given object in the class of lamps; and it is in virtue of the comparison of the shared qualities that we apply "lamp" to the given presentation. To take something as of a sort makes evident the parallel involved. If there are no qualities that the given object has in common with past objects, there would be no thinking; if there are no characteristics which the two terms of a

¹¹ Marco Fábio Quintiliano (em latim: *Marcus Fabius Quintilianus*; 35 - 95) foi um orador e professor de retórica romano

¹² I. A. Richards, Educator, 1893-1979.

metaphor have in common, there would be no metaphor, no comparison (Richards, 1929, citado por Bilsky, 1952, p.131).

Segundo Richard, as metáforas são feitas mediante dois tipos de semelhança: uma semelhança entre objetos e uma de sensação ou percepção entre eventos. A mesma palavra pode ser interpretada em ambas as situações em contextos diferentes. Por exemplo:

If you call a man a swine, for example, it may be because his features resemble those of a pig, but it may be because you have towards him something of the feeling you conventionally have towards pigs, or because you propose, if possible, to excite those feelings (Richards, 1929, citado por Bilsky, 1952, p.132).

A Teoria da Comparação confirma que a base da metáfora é a semelhança. Richards propôs mais tarde a Teoria da Interação da metáfora para evitar a limitação em interpretar a metáfora ao nível semântico.

When we use a metaphor we have two thoughts of different things active together and supported by a single word, or phrase, whose meaning is a resultant of their interaction (Richard, ([1936]1956, p.93).

Com objetivo de facilitar um estudo da metáfora, Richards ([1936]1956) define "teor" e "veículo" para referir dois elementos constitutivos da metáfora. Os dois pensamentos que estão envolvidos numa mesma palavra e que resultam num novo significado desta palavra chamam-se "teor" e "veículo" (Richards, ([1936]1956, p.96). As funções do teor e do veículo na metáfora podem ser entendidas em três passos: primeiro, o teor e o veículo interagem; segundo, a interação é um processo de comparação; e terceiro, a interação depende do contexto. De acordo com Richards ([1936]1956), a copresença do veículo e do teor resulta num significado (a ser distinguido do teor) que não é atingível sem aquela interação.

Neste contexto, a definição de metáfora que é referida por Richards é renovada: uma palavra é usada como metáfora quando ela implica uma semântica que é resultado da interação entre "teor" e "veículo". Caso não seja possível distinguir o "teor" do "veículo", a semântica de uma palavra é um significado original e prototípico. Se pudermos distinguir pelo menos dois significados interativos, então consideramo-la como metáfora (Richards, [1936]1956, p.119):

Whether, therefore, a word is being used literally or metaphorically is not always, or indeed as a rule, an easy matter to settle. We may provisionally settle it by deciding whether, in the given instance, the word gives us two ideas or one; whether, in the terms I suggested last time, it presents both a tenor and a vehicle which co-operate in an inclusive meaning. If we cannot distinguish tenor from vehicle then we may provisionally take the word to be literal; if we can distinguish at least two co-operating uses, then we have metaphor (Richards, [1936]1956, p.119).

Richards trata a semelhança entre "teor" e "veículo" como fundamento da metáfora. Por exemplo, na metáfora de *perna da mesa*, o que as "pernas" humanas têm em comum com as "pernas" da mesa é "função de suportar o corpo" - esse é o "fundamento" da metáfora:

Let me begin now with the simplest, most familiar case of verbal metaphor-the leg of a table for example. We call it dead but it comes to life very readily. Now how dose it differs from a plain or literal use of word, in the leg of a horse, say? The obvious differences is that the leg of a table has only some of the characteristics of the leg of the horse. A table dose not walk with its legs; they only hold it up and so on. In such a case we call the common characteristics the ground of the metaphor (Richards, [1936]1956, p.117).

No entanto, Richards ([1936]1956) aponta que nem todas as metáforas podem ser facilmente verificadas quanto aos seus fundamentos:

A metaphor may work admirably without our being able with any confidence to say how it works or what is the ground of the shift. Consider some of the metaphors of abuse and endearment. If we call someone a pig or a duck, for example, it is little use looking for some actual resemblance to a pig or a duck as the ground. We do not call someone a duck to imply that she has a bill and paddles or is good to eat. The ground of the shift is much more recondite (Richards, [1936]1956, p.117).

Richards confirma ainda que, na maioria das metáforas, as diferenças entre "teor" e "veículo" são mesmo importantes em relação às semelhanças entre eles no sentido da operação de uma metáfora. As semelhanças oferecem um contexto expressivo da produção da metáfora, porém, a modificação do grau da correspondência entre "teor" e "veículo" baseiam-se mais nas diferenças entre eles. Por outras palavras, o efeito retórico das metáforas sobre o "teor" vem mais de suas diferenças do que de suas semelhanças (Richards, [1936]1956, p.127). Além disso, o foco do entendimento de uma metáfora não se situa na semelhança entre "teor" e "veículo", mas sim numa interação entre eles. Sendo assim, Richards diminui a importância da semelhança por acentuar a interação numa interpretação metafórica.

2.2.2. A Teoria da Interação (Black)

Com base nas ideias de Richards (1929, [1936]1956), Black aprofunda a Teoria da Interação em dois textos. No primeiro texto, Black (1962) explica a metáfora como uma interação entre *focus* e *frame*. No texto posterior, Black (1979) tenta interpretar o princípio da metáfora de Richards de maneira mais específica com os seus próprios exemplos.

Black (1962, p.28) introduz os conceitos de "foco" (*focus*) e "enquadramento" (*frame*) para complementar a Teoria da Interação. O foco é uma palavra que é utilizada de maneira metafórica, ao passo que o enquadramento é, no sentido geral, a frase onde se localiza aquela palavra para que funcione como um contexto para entender o foco. Segundo Black (1962), tanto o foco quanto o enquadramento merecem atenção. A metáfora é apresentada no "foco". No entanto, se não houver "enquadramento", é difícil de entender a metáfora. O "enquadramento" desempenha um papel decisivo na definição, sim ou não, do uso de uma palavra como uma metáfora.

Black considera que o mecanismo essencial dentro da Teoria da Substituição é analogia ou comparação. Desta maneira, Black acredita que a Teoria da Comparação de Aristóteles é, na verdade, um caso especial da de Substituição:

It will be noticed that a "comparison view" is a special case of a "substitution view." For it holds that the metaphorical statement might be replaced by an equivalent literal comparison.

[...]

The chief difference between a substitution view (of the sort previously considered) and the special form of it that I have called a comparison view may be illustrated by the stock example of "Richard is a lion." On the first view, the sentence means approximately the same as "Richard is brave"; on the second, approximately the same as "Richard is like a lion (in being brave)," the added words in brackets being understood but not explicitly stated. In the second translation, as in the first, the metaphorical statement is taken to be standing in place of some literal equivalent. But the comparison view provides a more elaborate paraphrase, in as much as the original statement is interpreted as being about lions as well as about Richard (Black, 1962, p. 35-36).

Segundo Black (1962), a Teoria da Comparação não fornece uma boa explicação da ocorrência da metáfora e da sua função na compreensão dos significados de uma palavra. Por exemplo, tanto a Teoria da Substituição quanto a da Comparação não conseguem ilustrar precisamente a essencialidade de algumas metáforas, tais como, *The poor are the negroes of Europe* (os pobres são negros europeus), uma vez que essa metáfora contém várias interpretações, tais como, *eles são uma classe oprimida*,

uma censura permanente às ideias oficiais da comunidade, a pobreza é hereditária e indelével, etc. (Black, 1955, p.285). Portanto, a metáfora apenas é compreensível de uma forma que enfoca a palavra *negros* num contexto de comunicação:

I think this must mean that in the given context the focal word "negroes" obtains a new meaning, which is not quite its meaning in literal uses, nor quite the meaning which any literal substitute would have. The new context (the "frame" of the metaphor, in my terminology) imposes extension of meaning upon the focal word. And I take Richards to be saying that for the metaphor to work the reader must remain aware of the extension of meaning—must attend to both the old and the new meanings together (Black, 1962, p.39).

Com o exemplo "O homem é um lobo (*Man is a wolf*)", Black (1962) propôs ainda o conceito de *Sistema de Significado*:

Here, we may say, are two subjects—the principal subject, Man (or: men) and the subsidiary subject, Wolf (or: wolves). Now the metaphorical sentence in question will not convey its intended meaning to a reader sufficiently ignorant about wolves. What is needed is not so much that the reader shall know the standard dictionary meaning of "wolf"—or be able to use that word in literal senses—as that he shall know what will call the system of associated commonplaces (Black, 1962, p.40).

Quando as pessoas se referem a lobos, estes estão associados à *ferocidade*, *serem carnívoros*, *terem astúcia*, etc. Todas as interpretações formam o sistema de significados de *lobo*. Assim, quando um homem é referido como lobo, o sistema de significado de lobo começa a ser transferido para o sistema de significado de homem para que se entendam algumas características daquele homem. Forma-se, desta maneira, um novo conceito sobre o homem. Nos sistemas de significado formados respectivamente por homem e por lobo, nem todas as características estão conectadas de um com o outro. No entanto, são, exatamente esses significados isolados que mantêm a criação de novos significados metafóricos entre um lobo e um homem.

O sistema do significado referido por Black faz com que a semelhança entre dois termos perca a sua importância, uma vez que o estabelecimento de um sistema de significado metafórico diminui a importância da semelhança. Sendo assim, na Teoria da Interação de Black, em vez de existir em dois termos, há dois sistemas. O significado metafórico é construído pela interação entre dois sistemas. Por exemplo, quando as pessoas dizem que *uma pessoa é um lobo*, não apenas o sistema de significados

do lobo influencia o entendimento das características daquela pessoa, mas também o sistema de significados do humano tem efeito nas características atribuídas a lobo.

Com o seu estudo mais recente, *More about metaphor*, Black ([1979]1993) dá mais detalhes a questão de que como a fonte e o alvo contribuem para o resultado da interação (significado da metáfora). Antes de mais, uma expressão metafórica tem dois componentes distintos, a serem identificados como o "primário" e o "secundário". O componente secundário é considerado como um sistema em vez de algo individual. O criador de uma expressão metafórica seleciona, enfatiza e organiza características do sujeito primário por meio de aplicar as afirmações isomórficas com os membros do complexo implicativo do sujeito secundário.

Black ilustra ainda que a interpretação da metáfora é variável, assim como a figura de *Star of David* (a Figura 4) pode ser interpretada de maneiras diferentes: dois triângulos equiláteros, um hexágono regular, seis pequenos triângulos equiláteros ou três paralelogramos ([1979]1993, pp. 32-34):

- (i) as an equilateral triangle set upon another of the same size (Figure 2.1);
- (ii) as a regular hexagon, bearing an equilateral triangle upon each of its edges (Figure 2.2);
- (iii) as three superimposed congruent parallelograms (Figure 2.3);
- (iv) as the trace left by a point moving continuously around the perimeter of the Star and then around the interior hexagon;
- (v) as in (iv), but with the point tracing out the hexagon before moving to the outside.

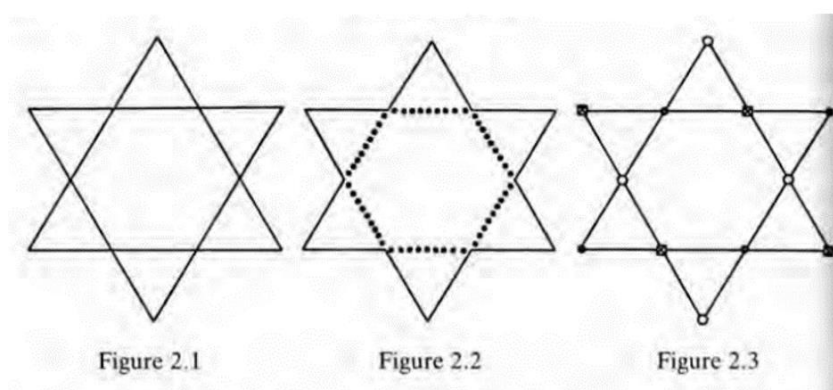


Figura 4. Interpretações diferentes de *Star of David* (Figura 2.1, 2.2, 2.3 Black, 1979, p.32.)

2.2.3. A semelhança pela perspectiva do empirismo (Lakoff, Jonhson e Grady)

Por vários anos, a Linguística Cognitiva tem tentado explicar como a experiência se relaciona com a origem dos conceitos e a organização da estrutura conceitual. Além disso, esta visão confirma que a metáfora é uma ferramenta cognitiva de aproveitar conceitos primários (no sentido de serem construídos com base em experiências diretas) para outros conceitos que os humanos constroem. A distinção do empirismo em relação às visões tradicionais sobre a metáfora é que ele enfatiza o papel da realidade física e do corpo humano na formação dos conceitos (Lakoff, 1987, p.267). Isto quer dizer que a cognição é caracterizada por “nossas capacidades biológicas coletivas” e por um tipo de corpo que possuímos (Rakova, 2002, p.216).

A visão de Lakoff da metáfora é empírica. A sua teoria é designada como Teoria Contemporânea da Metáfora que é considerada como *experientialist theory* (teoria experiencialista). A teoria experiencialista da metáfora opõe-se à visão do objetivismo que, por sua vez, defende a existência inerente e preexistente da semelhança entre objetos (Lakoff e Johnson, 1980a, p.154). Pela visão empírica, as semelhanças entre objetos são estabelecidas com base nas experiências que adquirimos nas interações entre o corpo e o mundo para se adequarem aos nossos propósitos e à maneira como conhecemos e falamos sobre o mundo. Lakoff enfatiza que todas as semelhanças numa metáfora são empíricas. Por isso, ele nega a existência da semelhança entre objetos que é independente da subjetividade humana, devido a que, embora a nossa cognição sobre os objetos seja limitada, essa limitação funciona somente durante um processo de cognição o qual é experienciado pelo ser humano:

(...) the only similarities relevant to metaphor are *similarities as experienced by people*. The difference between objective similarities and experiential similarities is all important.

To an objectivist it would make no sense to speak of metaphors as creating similarities, since that would require metaphors to be able to change the nature of external world, bringing into existence objective similarities that did not previously exist (Lakoff e Johnson, 1980a, p.154).

Essas experiências determinam o nosso sistema conceitual. Assim, o único tipo de semelhança relevante para as metáforas é empírico e subjetivo, não objetivo (Lakoff e Johnson, 1980a, p.154).

A ideia nuclear de Lakoff sobre a semelhança é a distinção entre a semelhança objetiva e a empírica. A primeira não existe. Apenas a segunda é real. Dois objetos não podem ser entendidos como semelhantes ou não a menos que sejam experimentados e conceitualizados, uma vez que a

essencialidade de metáfora é entender e experimentar um objeto em termos de outro (Lakoff e Johnson, 1980a). Neste sentido, quando concetualizamos o domínio-alvo pelo domínio-fonte, os dois são forçados a serem vistos como semelhantes. Assim, a metáfora reflete experiências semelhantes entre o domínio-fonte e o domínio-alvo. Então, cabe perguntar, antes de mais, o que constitui um domínio básico de experiência? De acordo com Lakoff, o domínio é concetualizado como *experiential gestalt*.

Such gestalts are experientially basic because they characterize structured wholes within recurrent human experiences. They represent coherent organizations of our experiences in terms of natural dimensions (parts, stages, etc.). Domains of experience that are organized as gestalts in terms of such natural dimensions seem to us to be *natural kinds of experience*. (Lakoff e Johnson, 1980a, p.56)

Eles são naturais no sentido de serem produzidos por a) nosso corpo (aparelho preceptivo e motor, capacidades mentais, composição emocional, etc.); b) a interação entre nós e o meio ambiente (mover-se, manipular objetos, comer, etc.); c) a interação entre nós e outras pessoas num contexto cultural (em termos de instituições social, política, económica e religiosa) (Lakoff e Johnson, 1980a, p.57).

Sendo assim, essas experiências são obtidas e condicionadas através da natureza do corpo humano. Algumas são universais, enquanto outras são culturalmente exclusivas. Por um lado, alguns conceitos (TEMPO, AMOR, IDEIA, etc.) requisitam um entendimento metafórico, uma vez que eles não são definidos claramente por si próprios para satisfazer a necessidade comunicativa. Por outro lado, os conceitos que são utilizados para definir (de maneira metafórica) outros também derivadas das experiências universais da humanidade.

Ao explicar a noção de corporificação neural, Lakoff e Johnson (1999) apresentam a teoria da *Domain Conflation* de Johnson C. (1999), que procura explicar a polissemia em termos de correlações experienciais no desenvolvimento inicial da vida humana. A teoria é chamada de *Conflation Hypothesis* (CH), sendo uma visão relativa à semântica. No entanto, relaciona-se com a teoria de metáfora concetual e leva-nos a algumas considerações sobre a semelhança entre o domínio-fonte e o domínio-alvo da metáfora. O termo *conflation* significa que dois domínios cognitivos de uma metáfora concetual são mesclados na experiência antes do surgimento daquela metáfora concetual (Rakova, 2002).

Segundo Johnson (1999), a percepção de dois domínios cognitivos diferentes é misturada (ou seja, confundida) na infância. Após a aquisição do conhecimento no período de adulto, os dois domínios cognitivos diferentes são separados. Por isso, a teoria da conflação indica duas fases de desenvolvimento dos domínios cognitivos: a) a fase de conflação, “durante o qual se estabelecem conexões entre domínios co-ativos e os domínios não são experienciados como separados”; e b) a fase de diferenciação, “durante o qual domínios que antes eram co-ativos são diferenciados em domínio-fonte e domínio-alvo metafóricos” (Lakoff e Johnson, 1999, p.49).

Johnson (1999) confirma a *Conflation Hypothesis* por meio de estudar a semântica do verbo *see* (ver) em inglês com crianças e adultos, respetivamente.

(...) children first associate *see* not with a strictly visual meaning that is extended to the mental domain, but rather with one that conflates notions of visual investigation with notions of states and changes of awareness, and that this conflated meaning is what motivates the acquisition of the conventional adult uses that have been regarded as metaphorical (Johnson, 1999, p.155).

As crianças assimilam vários usos de *see* (ver), incluindo aqueles que são tipicamente não visuais para adultos.

For the child, then, *I see what you mean* and *I see a dog* may not be different use-types. That is, they may map *see* onto a situational representation - that is richer than the adult visual sense (Johnson, 1999, p.166).

Consequentemente, para um adulto, uma aprendizagem de usos de *ver* é uma diferenciação de *ver* no sentido de ação em relação a *ver* no sentido de perceber, em vez de ser uma extensão do domínio original de *ver* para criar um novo domínio concetual (perceber, entender, etc.).

A teoria da *Primary Metaphor* de Grady (1997) apresenta algumas ideias semelhantes à de Johnson (1997). Ambas enfatizam a importância de *primary scenes* e *primary source* em metáfora. Grady (1997) refere pela primeira vez o conceito de *primary metaphor* na sua tese de doutoramento.

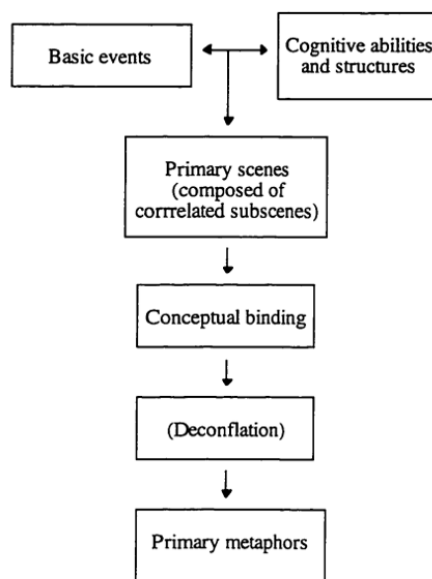


Figura 5. De eventos básicos a metáforas primárias (Figure 1 *From basic events to primary metaphors*, Grady, 1997, p.20)

As cenas primárias são componentes universais da experiência humana, definidas por mecanismos e habilidades cognitivas básicas, que se relacionam em algum sentido saliente com a interação orientada para um objetivo com o mundo (Grady, 1997, p.24).

Grady (1997, p.37) observou que algumas metáforas concetuais poderiam ser decompostas em outras mais simples. Por exemplo, a metáfora *THEORIES ARE BUILDINGS* é formada por duas metáforas mais básicas: *ORGANIZATION IS PHYSICAL* e *STRUCTURE VIABILITY IS ERECTNESS*. Essas metáforas primárias poderiam então ser combinadas para formar outras mais complexas.

Rakova (2002) levanta algumas dúvidas sobre a teoria da Conflação e a da metáfora primária. A ideia de que as metáforas primárias resultam de correlações regulares na experiência inicial, de modo que os dois domínios não são experimentados como separados é difícil de corresponder à base cognitiva de todas as metáforas. Por um lado, um domínio-alvo não pode ser interpretado completamente pelo domínio-fonte. Segundo Grady (1999), as metáforas primárias, tais como *DIFFICULT IS HEAVY*, *IMPORTANT IS BIG*, etc., são resultados das correlações regulares em experiências quotidianas: levantar uma coisa pesada é mais difícil do que levantar uma mais leve. O peso de um objeto pode ser concetualizado como uma instância de encontrar certa dificuldade ao lidar com esse objeto (ex. um piano é um objeto pesado para que seja difícil de mover). No entanto, nem tudo que é difícil é pesado (*heavy music* não é necessariamente uma música difícil de tocar ou ouvir).

Além disso, não há, nas metáforas primárias, uma característica unidirecional, o que é, por sua vez, uma das particularidades essenciais para uma metáfora concetual (Rakova, 2002, p.225).

Por outro lado, a experiência relevante que serve à base cognitiva do acontecimento de metáfora primária parece não existir. Considere um exemplo de *a big problem*.

Should we say that young children's conceptualization of difficulty is reducible to their conceptualization of big physical objects? But do only big objects cause problems in childhood? Picking up a small object is a big, not small, problem for a young child. The conceptualization of difficulty (subjective experience) is most probably correlated with the conceptualization of physical size (sensorimotor experience); however, there is no empirical evidence to lead us to believe that difficulty is initially conceptualized as large size (Rakova, 2002, p.225).

Sendo assim, Rakova conclui que a teoria de Conflação é insuficientemente elaborada para ser considerada como uma teoria empírica.

As dúvidas de Rakova podem ser resolvidas pelos estudos mais recentes, especialmente os no campo da neurologia. Temos, realmente, dois tipos de *embodiment*. Um é *phenomenological embodiment*, que é entendido como uma fonte tradicional da experiência corporificada. Outro é designado como *neural embodiment* (Lakoff e Johnson, 1999), que nos permite que não apenas *beings with bodys*, mas também *neural beings* (Johnson, 1999). Pela perspectiva de *neural beings*, as aquisições durante a infância das experiências comuns entre os dois domínios recebem uma melhor interpretação:

A stable cross-domain associations of infancy and early childhood become realized neurally in permanent connections between the networks serving these conceptual domains, such that the activation of one domain results in the activation of the other domain, and metaphorical thinking becomes "built-in", automatic and unconscious (Narayanan, 1997, citado por Rakova, 2002, p.224).

De qualquer maneira, uma vez que todas as semelhanças surgem da experiência subjetiva humana, assim como se afirma muito cedo desde Lakoff e Johnson (1980a), a experiência provoca as semelhanças possíveis para a metáfora. Entendemos essa ideia de três modos. Em primeiro lugar, a semelhança de metáfora (quer seja uma causa, quer seja um resultado de metáfora) tem de ser experimentada por pessoas (Lakoff e Johnson, 1980a, p.154). Em segundo lugar, a origem da metáfora não é algum tipo de semelhança percebida, mas a noção de coocorrência. Por exemplo,

podemos perceber que o crescimento da quantidade de alguma coisa resulta num aumento da sua altura:

This is what happens if we pile books on a table: the more books we put, the higher the pile goes; the same correlation would be observed when we fill a bottle with water, or in countless other cases. This perceived correlation between quantity and verticality is what would give rise to the primary metaphor MORE IS UP, which would then explain more abstract uses of “increase in quantity” (Lakoff e Johnson, 1980b, p.201).

Para as crianças, experiências/julgamentos subjetivos (não sensório-motor) e experiências sensório-motoras são tão regularmente confundidos e diferenciados em experiência, que por vezes as crianças não distinguem uns de outros quando ambos ocorrem juntos. Por exemplo, para um bebé, a experiência de uma emoção está tipicamente relacionada com a experiência sensorial de calor, i.e., o calor de ser abraçado. Neste contexto, as associações são criadas entre dois domínios e persistem posteriormente. Essas associações persistentes são os mapeamentos da metáfora concetual que levarão o bebé, mais tarde na vida, a falar de “um sorriso caloroso”, “um grande problema” e “um amigo próximo” (Lakoff e Johnson, 1999, p.51).

Em terceiro lugar, acentua-se a cognição neurótica corporificada nos últimos anos. Neste contexto, o papel do cérebro na cognição não deve ser ignorado. A nova teoria da metáfora concetual argumenta que uma certa propriedade do domínio mais abstrato (geralmente é o domínio-alvo) faz-nos prestar mais atenção a alguns aspetos do domínio concreto (geralmente o domínio-fonte). Neste sentido, as experiências devem ser selecionadas como base da metáfora devido a que é nelas que se situam as semelhanças.

Não pensamos diretamente em significados abstratos, mas sim pensamos em questões abstratas por meio de imagens e modelos concretos (Adamson, 2007, p.88). O modelo concreto (ou uma imagem concreta), embora presença no pensamento abstrato, não é o objeto real do nosso pensamento, mas fornece formas específicas para *fleshing out* aos nossos pensamentos sobre questões abstratas. Por um lado, os objetos concretos escondem-se num lugar fora da nossa atenção de maneira que não temos consciência de domínios concretos que aproveitamos para pensar algum mais abstrato. Por outro lado, os conceitos abstratos, em vez de aparecerem diretamente como conceitos concretos, estão nas estruturas concretas que os representam no pensamento. As metáforas são ações cognitivas em que os significados abstratos estão combinados e apresentados com formas

concretas. A presença de formas concretas não remove ou substitui a dimensão abstrata do pensamento (Adamson, 2007, pp.94-95). Por outras palavras, quando pensamos em “objetos abstratos” em função de um objeto concreto, eles não aparecem com todas as suas características originais, mas sim enquanto escondem algumas características que não têm nada a ver com objetos abstratos. São exatamente os esquemas imagéticos que resumem as características concretas necessárias para a cognição ou apresentação da maioria dos conceitos abstratos.

Então, por que nos concentramos em certas características associadas a coisas abstratas e ignoramos outras? A pergunta encontra a sua resposta nas pesquisas neurológicas. Segundo os estudos existentes nesta área, a informação semelhante entre os dois domínios em que o cérebro se concentra durante o processo de pensamento é, na verdade, compartilhada por vários circuitos neurais diferentes. A semelhança na metáfora é causada pela estimulação para o mesmo sistema nervoso pelo domínio-fonte e domínio-alvo. Encontramos confirmações relevantes num texto de Dodge e Lakoff (2005):

- Linguistic schemas can form complex superpositions because the corresponding brain structures can be active simultaneously.
- (...)
- Abstract schematic structures are not learned by a process of abstraction over many instances, but rather are imposed by brain structure (Dodge e Lakoff, 2005, p.86).

A ligação entre corpo e cérebro é central para a ideia de semântica como simulação em *Neural Theory of Language*. Quando imaginamos, lembramos ou supomos realizar alguns movimentos, muitos neurónios estimulados são os mesmos neurónios estimulados no caso de realmente executarmos aqueles movimentos (Lakoff, 2009). Por exemplo, *imaginar* e *fazer* aproveitam um substrato neural compartilhado (Gallese e Lakoff, 2005):

When one imagines seeing something, some of the same part of the brain is used as when one actually sees. When we imagine moving, some of the same part of the brain is used as when we actually move.

We can imagine grasping an object without actually grasping it. From this, it does not follow that actual grasping and imaginary grasping do not use a common neural substrate. (...) In doing so, we will extend what we know about doing and imagining sharing a common substrate via the following hypothesis: *The same neural substrate used in imagining is used in understanding*. Consider a simple sentence, like “Harry picked up the glass.” If you can’t

imagine picking up a glass or seeing someone picking up a glass, then you can't understand that sentence. Our hypothesis develops this fact one step further. It says that understanding is imagination, and that what you understand of a sentence in a context is the meaning of that sentence in that context (Gallese e Lakoff, 2005, p.456).

No que diz respeito aos deslocamentos espaciais, temos também um compartilhamento de sistema nervoso entre ações que vêm de diferentes domínios. Por exemplo, algumas das mesmas estruturas neurais que são ativas durante experiências de movimento, como *caminhar* e *correr*, também estariam ativas quando imaginamos ou falamos sobre tais experiências (Dodge e Lakoff, 2005, p.75).

A cognição é realmente complexa e implica vários domínios. Raramente encontramos um objeto ou uma ação que seja concetualizado ou realizada por apenas um domínio cognitivo:

We have to execute and monitor motor control routines to make our body move, monitor our immediate environment so we don't run into things while we're moving, and we also need to keep track of where we are so we don't get lost. In order to perform these and other necessary functions, many different parts of the brain will be simultaneously active (Dodge e Lakoff, 2005, p.77).

Num trabalho relativamente recente de Lakoff (2009), ele enfatiza mais uma vez a função do cérebro na cognição: O pensamento é físico. A ideia de Lakoff pode ser resumida em dois aspetos: a) o cérebro é o único órgão no qual ocorre o processamento mental por meio da ativação de certos grupos neuronais; b) o que podemos pensar é muito limitado pela natureza (*shape of the Brain*) e pela estrutura (*Neuronal Groups, Mirror neurons*) do nosso cérebro (Lakoff, 2009, p.2).

Pela perspetiva da visão tradicional, as metáforas baseiam-se em mapeamentos entre domínios estruturados por quadros. Tais mapeamentos foram vistos como aplicados a situações de domínio-alvo conforme entendidas no contexto do conhecimento ordinário. As inferências foram mapeadas do domínio-fonte para o domínio-alvo. A Teoria Neural da metáfora, por sua vez, contradiz as antigas teorias de duas etapas (anteriores à teoria da metáfora concetual) que declaram que o domínio-fonte é processado primeiro e, em seguida, o mapeamento opera para processar o domínio-alvo (Lakoff, 2009, p.17). Segundo a Teoria Neural da metáfora, os mapeamentos de metáforas convencionais são realizados por circuitos cerebrais fixos:

When you hear a metaphorical expression, the literal meanings of the words should activate the source domain circuitry and the context should activate the target domain circuitry, and together they should activate the mapping circuit. The result is an integrated circuit, with activation of both source and target domains and processing over both at once (Lakoff, 2009, p.17).

Além disso, pela perspectiva da Teoria Neural da Metáfora, as inferências metafóricas ocorrem quando o circuito é ativado no entendimento semântico. As inferências do domínio-fonte, em vez de prosseguir antes das inferências do domínio-alvo, serão mapeadas assim que forem ativadas (Lakoff, 2009, p.19).

2.3. Mecanismo de mapeamento da metáfora: uma semelhança condicionada entre fonte e alvo

O mapeamento de metáforas conceituais é controverso, especificamente em termos do mecanismo da preservação da semelhança entre um domínio-fonte e um domínio-alvo. Lakoff (1990) oferece uma solução com a Hipótese da Invariância.

A Hipótese da Invariância enfatiza que a preservação da semelhança depende do esquema imagético que existe em ambos os domínios de ocorrência de metáfora. Os esquemas imagéticos representam padrões esquemáticos decorrentes de domínios imagéticos, como *contentor*, *trajeto*, *ligação*, *força* e *equilíbrio* que se repetem numa variedade de domínios corporificados (Johnson, 1987, p.29). Os esquemas imagéticos têm estruturas suficientes para ilustrarem vários tipos de relações lógicas e inferências dentro do nosso processamento mental (Johnson, 1991, p.14). A evidência empírica da cognição e do desenvolvimento psicológico é consistente numa visão referente à função do esquema imagético, i.e., as representações sensório-motoras de imagens são essenciais para muitos pensamentos ou percepções a nível superior (Mandler, 1992).

Sendo assim, os esquemas imagéticos estruturam tanto as experiências corporificadas (Talmy, 1983) quanto as não corporificadas, via metáfora (Johnson, 1987, p.29). Por um lado, o esquema imagético pode servir como o domínio-fonte da metáfora. Por outro lado, o esquema imagético também desempenha um papel importante na seleção de semelhança entre fonte e alvo, dado que conforme a Hipótese da Invariância, o mapeamento preservará uma parte das semelhanças entre os dois.

Podemos entender o que se entende pela noção de esquema imagético e como a sua estrutura interna é projetada para um novo domínio via metáfora por meio do esquema BALANCE (Johnson, 1987, p.74). O equilíbrio é uma experiência corporificada tão universal que raramente estamos conscientes da sua presença. Chegamos a conhecer o significado de equilíbrio através das experiências relevantes a estados de equilíbrio corporal ou à perda de equilíbrio:

For example, a baby stands, wobbles, and drops to the floor. It tries again and again, as it learns how to maintain a balanced erect posture. A young boy struggles to stay up on a two-wheeled bicycle as he learns to keep as balance while riding down the street. Each of us has experienced occasions when we have too much acid in our stomachs, when our hands get cold, our heads feel too hot, our bladders feel distended, our sinuses become swollen, and our mouths feel dry. In these and numerous other ways we learn the meanings of lack of balance or equilibrium. We respond to imbalance and disequilibrium by warming our hands, giving moisture to our mouths, draining our bladders, and so forth until we feel balanced once again (Gibbs e Colston, 1995, pp.349-350).

Referimo-nos a essas experiências corporificadas recorrentes como esquemas imagéticos. Estruturamos as experiências particulares de maneira esquemática para que possamos dar ordem e relação às nossas percepções e conceitos (Johnson, 1987).

As metáforas de base espacial são metáforas cujo domínio-fonte tem por base os esquemas imagéticos que projetam os conceitos de espaço para um domínio-alvo abstrato. Neste processo, preserva-se principalmente uma relação espacial, tal como a INCLUSION:

Image-schemas have an internal logic that permits spatial reasoning. For example, if an item *x* is in a bounded space *A*, and *A* is in a bounded space *B*, then *x* is in *B* (Lakoff e Turner, 1989, p.99).

Além disso, a lógica do esquema imagético também é preservada no domínio-alvo:

When metaphors map spatial domains onto nonspatial, abstract domains, the image-schemas and their attendant logic are preserved by the mappings. Thus, bounded regions map onto bounded regions, paths map onto paths, and so on. Correspondingly, the spatial logic of the image-schemas is preserved by metaphorical mappings and becomes abstract logic in the nonspatial target domains. For example, conceptual categories are metaphorically understood as bounded spaces, and so the logic of bounded spaces applies to conceptual categories: if item *X* is in category *A* and *A* is in category *B*, then *x* is in *B* (Lakoff e Turner, 1989, pp.99-100).

Temos ainda um exemplo de SCALE. Segundo Clausner e Croft (1999), os conceitos de *more* (mais), *less* (menos) e *same* (mesmo) estão vinculados pelo esquema imagético SCALE que, por sua vez, contém o valor escalar, ao qual se aplicam a uma variedade de experiências, tais como, a) número, tal que podemos ter *mais*, *menos* ou *o mesmo* número de objetos; b) uma quantidade de substância; c) um grau de força; d) a intensidade de uma sensação (Clausner e Croft, 1999, p.14).

A correspondência entre *more* (mais) e *up* (cima) é criada com base no esquema imagético SCALE. A base experiencial para isso é que quando adicionamos mais substância a um CONTENTOR, a altura aumenta. A metáfora não se baseia na semelhança entre o domínio UP e o domínio MORE, mas sim numa coocorrência entre esses dois domínios em nossa experiência. É isso que possibilita uma importante estruturação do nosso conceito de quantidade. Além de *more*, *less* etc., SCALE também serve como base a outros conceitos, tanto concretos quanto abstratos, tais como *tall/short*, *sharp/dull* e *good/bad*. O esquema imagético SCALE não apenas apresenta conceitos de grau, mas também conceitos configurados (Clausner e Croft, 1999, pp.15-18).

Sendo assim, Clausner e Croft (1999) redefinem o esquema imagético como *image-schematic domain*, devido a que, algum domínio, como BUILDING, pressupõe sempre uma variedade de conceitos que caracterizam diferentes aspectos do BUILDING. Cada conceito representa um subdomínio de BUILDING. O esquema imagético CONTENTOR também mapeia muitos conceitos, tais como INCLUSÃO, EXCLUSÃO, PROFUNDIDADE, etc. Todos estão relacionados com o CONTENTOR para outros conceitos abstratos.

Quando vários domínios estão envolvidos numa apresentação de um conceito, deve-se definir algum princípio de como os diferentes domínios funcionam juntos. Além dos domínios na matriz de domínio de um conceito, deve-se considerar sobre o grau de destaque de cada domínio. Langacker (1987, p.165) chama um domínio prioritariamente classificado de *domínio primário*. Ele ilustra este critério com a diferença de significado entre *roe* (ovas) e *caviar* (caviar). Os dois conceitos referem-se ao mesmo objeto: massas de ovas de peixe. No entanto, com ovas, o domínio zoológico dos peixes é proeminente; enquanto para o caviar, o domínio alimentar é mais acentuado.

Um conceito normalmente envolve vários domínios diferentes. Por exemplo, HUMANO deve ser definido em relação aos domínios de *objetos físicos*, *coisas vivas* e *agentes volitivos* (e vários outros domínios, por exemplo, *emoção*). A combinação de domínios pressupostos simultaneamente por um conceito como [HUMANO] é chamada de matriz de domínio. Langacker (1987, p.152) destaca que há,

em princípio, apenas uma diferença em grau entre dimensões de um domínio e os domínios na matriz. Na prática, é mais provável que chamemos uma estrutura semântica de domínio se houver um número substancial de conceitos perfilados em relação a essa estrutura.

Há certa ligação entre domínio (ou domínio de esquema imagético) e quadro semântico, uma vez que o domínio também não é formado por condições necessárias e suficientes. O domínio é composto por uma matriz de domínios que são linguisticamente configurados por diferentes semânticos. Sendo assim, com o propósito de analisar a semelhança condicional entre o domínio-fonte e o domínio-alvo a partir da perspectiva do domínio, precisamos de, por um lado, retornar ao aspecto cognitivo do domínio mencionado que é enfatizado por Langacker (1987), uma vez que o domínio representa toda a nossa estrutura de conhecimento que está associada a este conceito e, por outro, prestar atenção à Hipótese da Invariância (posteriormente torna-se num Princípio da Invariância) que, segundo Lakoff (1990, p.39), ilustra a limitação num mapeamento metafórico, tanto pela perspectiva cognitiva quanto pela perspectiva linguística.

2.3.1. Restrições em cognição: desde Hipótese da Invariância até Princípio da Invariância

Existem várias versões da Hipótese da Invariância. Foi proposta pela primeira vez por Lakoff e Turner (1989) e depois complementada por Lakoff (1990) e Turner (1990). Segundo Lakoff (1990):

The Invariance Hypothesis is a proposed general principle intended to characterize a broad range of regularities in both our conceptual and linguistic systems. Given that all metaphorical mappings are partial, the Invariance Hypothesis claims that the portion of the source domain structure that is mapped preserves cognitive topology (though, of course, not all the cognitive topology of the source domain need be mapped) (Lakoff, 1990, p.39).

Embora a Hipótese da Invariância represente um avanço no condicionamento em produção e compreensão metafóricas e implique restrições correspondentes nos processos cognitivos que regularmente encontram expressão na forma linguística, tem algumas deficiências:

What counts as the preservation of an image-schematic structure? If plasticity is one of the characteristics of an image-schematic property, as has been claimed, how much deformation can take place before that property is no longer being “preserved”?

In the statement of the IH Lakoff claims that the topological properties of the source domain are preserved. Yet some of his examples suggest that target domain properties must also be

preserved. Which domain's properties are the ones preserved? What does it say about the properties of target domains which are created by metaphor?

Are properties preserved under the IH mapped transitively? That is, if a source domain of a metaphor X is the target domain of metaphor Y, are the properties mapped by Y also preserved in X?

Finally, the IH as stated allows for the possibility that there are image-schematic properties that are not preserved in a mapping: the IH only rules out the possibility that non-topological properties will be mapped by virtue of a metaphor. Can we make some claims not just about possible mappings but about preferred ones (Brugman, 1990, pp.257-258)?

A Hipótese da Invariância é apenas uma hipótese empírica. Por um lado, não sabemos se esta Hipótese é aplicável em todos os esquemas imagéticos, uma vez que não conseguimos listar todos eles. Por outro lado, nem toda a estrutura inferencial abstrata é esquema imagético, mas apenas uma parte específica dela o é. A ideia mais significativa da Hipótese da Invariância é que todos os mapeamentos metafóricos são parciais (Lakoff, 1990, p.39). O que é mapeado preserva alguma estrutura em esquema imagético, embora nem toda a sua estrutura precise de ser mapeada.

Uma vez que a Hipótese da Invariância é construída com base em esquema imagético que, por sua vez, existe universalmente em cognições, Turner (1990) entende a Hipótese como uma restrição genérica:

(...) the Invariance Hypothesis is a more general constraint than any of these constrains, covering not only specific-level and generic-level conventional metaphor, but all metaphor, including novel metaphor (Turner, 1990, p.248).

O *general constraint* referido por Turner (1990) tem a ver com modelos da nossa experiência e como esses modelos estruturam nossos pensamentos. As imagens que experimentamos são de várias modalidades. Por exemplo, uma imagem visual de uma estrada, uma imagem auditiva de um grito, uma imagem cinestésica de um beliscão ou uma imagem olfativa do cheiro de rosas (Turner, 1990, p.250). Cada imagem não é totalmente independente, compartilhando alguma estrutura esquemática com as outras. Por exemplo, uma estrutura esquemática de grito é inerente às nossas memórias concretas de gritos particulares. Temos, ainda, uma estrutura esquemática de um espaço plano delimitado que é inerente às nossas imagens de mesas, pisos, etc. Temos também uma estrutura esquemática de verticalidade nas nossas cognições de árvores, edifícios ou pessoas. De acordo com a Hipótese da Invariância, quando mapeamos uma imagem noutra de maneira metafórica, somos contrangidos a não violar a estrutura esquema imagético do alvo:

For example, a verticality schema in the target cannot have mapped onto it its inverse; a bounded interior in the target cannot have mapped onto it both bits of an interior and bits of an exterior; and so on (Turner, 1990, p.251).

A existência das restrições universais no mapeamento é atribuída pelo princípio indestrutível da estrutura inicial no domínio-alvo:

With this addition we can reformulate the general constraint on metaphoric invention thus: In metaphor, we are constrained not to violate the image-schematic structure of the target; this entails that we are constrained not to violate whatever image-schematic structure may be possessed by non-image components of the target (Turner, 1990, p.252).

No entanto, numa ocorrência do mapeamento, a estrutura do esquema imagético do domínio-fonte é inevitavelmente destruída. Em primeiro lugar, muitos componentes no esquema imagético não participam no mapeamento metafórico. Portanto, algumas tipologias do domínio-fonte não vão ser preservadas no domínio-alvo:

For example, when we understand our boss as a crab, the image of the crab, and consequently its image-schematic structure, are simply not part of the mapping. Consequently, that image-schematic structure in the source is not preserved by the mapping; it is not carried over to the target (Turner, 1990, p.253).

Em segundo lugar, algumas propriedades dos componentes que são mapeados vão ser modificadas no domínio-alvo:

(...) components of the source that are indeed involved in the mapping often have image-schematic structure that is not mapped onto the target. Consider LIFE IS A JOURNEY. There is a path in the source domain, and it is mapped onto the target. That path in the source has image-schematic structure. But much of this image-schematic structure is simply not mapped onto the target (Turner, 1990, p.253).

Vejamos a seguir um exemplo referido por Turner. A metáfora A VIDA É UMA VIAGEM pode ser interpretada de maneira variável: *He's getting nowhere in life*, *She's on the right track* e *He arrived at a new stage in life*. Neste exemplo, a Hipótese da Invariância nos impede de dizer *primeiro eu tinha chegado a algum lugar na vida e depois tive um bom começo*, já que a ordem dos pontos de passagem num caminho numa jornada não pode ser violada pelo mapeamento metafórico. A Hipótese da Invariância pode dar a solução de porque nos sentimos a frase é mal estruturada (Turner, 1990, pp.

248-249). Além disso, quando na vida podemos tomar uma decisão, assim como numa cruzada devemos optar pela direção, porém, não podemos desfazer essa decisão, embora possamos, numa viagem, certamente refazer nossos passos e tomar outra caminhada (Turner, 1990, pp.253-254).

Embora já atrás disséssemos que as restrições nos esquemas imagéticos implicam limites e restrições, estas nem sempre são invioláveis. Por isso, existe, realmente uma violação da estrutura do esquema imagético do domínio-fonte quando é mapeado para o domínio-alvo. Se uma restrição for violada, a violação deve fazer sentido. Por exemplo, a violação de uma restrição ajuda-nos a formar uma conceção nova do alvo. A violação de uma restrição nunca é insignificante. Normalmente, é apenas para metáforas novas que uma restrição é violada, enquanto as metáforas convencionais obedecem às restrições. Além disso, uma estrutura no domínio-alvo dá nova estrutura ao domínio-alvo se este for tipologicamente indeterminado:

If, for example, we have an indeterminate sense or no sense at all of the causal relationship between two languages called Alpha and Beta, and someone says, "Beta is the offspring of Alpha", then the constraint is not violated because there is no determinate structure to be violated. But if we hear that "Latin is the daughter of Italian", we sense a violation because we have a determinate sense that Latin did not derive from Italian (Turner, 1990, p.252).

Turner (1990) conclui que no domínio-fonte, há uma preservação (parcial) da estrutura do esquema imagético. Esta parte da estrutura não vai ser mapeada para o domínio-alvo para que evite a violação da estrutura do esquema imagético do alvo. Então, Turner reinterpreta a Hipótese da Invariância com a acentuação da estrutura original no domínio-alvo. É a estrutura concetual no domínio-alvo que determina quais estruturas cognitivas no domínio-fonte podem ser mapeadas:

In metaphoric mapping, for those components of the source and target domains determined to be involved in the mapping, preserve the image-schematic structure of the target, and import as much image-schematic structure from the source as is consistent with that preservation (Turner, 1990, p.254).

Uma estrutura que venha do domínio-fonte tem de ser consistente com a estrutura cognitiva original do domínio-alvo. Por outras palavras, a estrutura do esquema imagético do domínio-alvo é construída pela combinação entre parte do esquema imagético do domínio-fonte e algumas estruturas existentes antes de mapeamentos metafóricos.

A ideia de Jackendoff (1992) é consistente com Turner. Segundo Jackendoff (1992, p.176), não existe mapeamento com características completamente invariáveis. A existência da estrutura cognitiva intrínseca no domínio-alvo pode explicar porque algumas estruturas cognitivas de domínio-fonte não são preservadas no domínio-alvo. A relação entre o domínio-fonte e o domínio-alvo não é paralela no sentido de haver correspondências uma a uma, porque essa relação paralela vai ser destruída pelas estruturas intrínsecas de ambos os domínios. Embora o domínio-alvo seja sempre menos estruturado do que domínio-fonte, o domínio cognitivo sem estrutura intrínseca não existe. Mesmo que sejam conceitos abstratos, tais como o *tempo*, estes adquirem uma estrutura cognitiva intrínseca por suas particularidades que experienciamos. Por exemplo, o tempo é concetualizado como algo linear devido à irreversibilidade dos eventos (Clark, 1973, p.49).

Devido ao facto de que a preservação da estrutura cognitiva intrínseca no domínio-fonte depende da estrutura cognitiva intrínseca do domínio-alvo, alguns elementos do esquema imagético são modificados depois de mapeamento para serem consistentes com a estrutura original do domínio-alvo. Por exemplo, a dimensionalidade faz diferença entre o domínio espacial e o domínio possessivo em termos de continuidade:

Physical space is continuous: if something moves from point A to point B, it occupies all the intermediate positions between A and B along the way. By contrast, the possessional parallel is discontinuous: there are no intermediate positions that an object traverses between being owned by X and being owned by Y. One can move a book toward or even partway toward Bill; but one cannot give a book toward, much less partway toward to Bill (Jackendoff, 1992, p.64).

A dimensionalidade e a continuidade do "espaço" são diferentes de domínio para domínio, de modo que as suas propriedades não são invariáveis em mapeamentos entre domínios. Sendo assim, o que é exatamente preservado é mais possivelmente uma inferência, ou seja, uma conexão lógica entre diferentes elementos. Lakoff (1990) também enfatiza essa ideia:

Certain kinds of inference are due to the image-schematic structure. Therefore, inferential structure is preserved in a mapping. "(...) all source domain inferences due to cognitive topology (image-schema structure) will be preserved in the mapping" (Lakoff, 1990, p. 54).

No texto *The contemporary theory of metaphor*, Lakoff (1993) substitui a Hipótese da Invariância por Princípio da Invariância, no qual apresenta a sua ideia renovada em relação ao mapeamento metafórico: os mapeamentos metafóricos preservam a topologia cognitiva (ou seja, a estrutura do

esquema imagético) do domínio-fonte, de forma consistente com a estrutura inerente do domínio-alvo (Lakoff, 1993, p.215).

A reinterpretação de Turner (1993) sobre o Princípio da Invariância confirma que a preservação parcial também não é absoluta no sentido de que alguma estrutura do esquema imagético do domínio-fonte não é necessariamente projetada para o domínio-alvo. Por um lado, se houver uma estrutura cognitiva inicial no domínio-alvo, o mapeamento deve ser consistente com a sua estrutura inerente. Por outro lado, se não houver uma estrutura cognitiva original no domínio-alvo, não vai acontecer uma preservação parcial do domínio-fonte nem uma destruição do domínio-alvo. Há dois tipos de mapeamentos de acordo com a particularidade do domínio-alvo. O primeiro é o mapeamento entre dois domínios que contêm estruturas de esquema imagético (*mapping of an image onto an image*) e o segundo ocorre entre o domínio com estrutura de esquema imagético e o que não tem (*mapping of image-schematic structure in non-images*):

Our concepts of time, of events in time, and of causal relations seem to be structured by these image-schemas. We conventionally conceive of time, which has no shape, as having a shape, such as linear or circular, and of that shape as having skeletal structure. We conventionally conceive of events in time, which have no shape, as having shape, such as continuity, extension, discreteness, completion, open-endedness, circularity, part-whole relations, and other aspectual attributes. We conventionally conceive of causal relations as having skeletal shapes such as links and paths (Turner, 1993, p.297).

O Princípio da Invariância demonstra que a presença da estrutura do esquema imagético no domínio-fonte não é uma condição suficiente para que ela seja mapeada no domínio-alvo. Além disso, a estrutura do esquema imagético no domínio-fonte deve ser mapeada na mesma estrutura do esquema imagético correspondente no domínio-alvo, se essa estrutura existir. Caso a estrutura do esquema imagético do domínio-fonte for incompatível com a do esquema imagético do domínio-alvo, ela não faz parte do mapeamento metafórico.

De acordo com estudos mais recentes, entendemos que existem ainda muitas dúvidas sobre o Princípio da Invariância. Listamos a seguir as mais acentuadas:

- a) O Princípio da Invariância não se aplica a todos os tipos de metáforas.
- b) A estrutura do domínio-alvo não apenas é compatível com a do domínio-fonte, mas também reage ao domínio-fonte.

- c) O Princípio da Invariância limita novos significados na metáfora que surgem através da interação dos dois domínios.
- d) A estrutura inferencial no mapeamento também não é totalmente preservada.

Em primeiro lugar, a linguística cognitiva entende a metáfora como um importante mecanismo conceitual que envolve um mapeamento entre domínios experienciais. As restrições que operam em diferentes tipos de metáforas são variáveis. Neste contexto, o Princípio da Invariância não pode ser aplicado a metáforas que não envolvam esquemas imagéticos.

Ruiz de Mendoza (1998) observa que o Princípio da Invariância não é aplicável a todos os casos de metáfora. Ele dá metáforas ontológicas baseadas na *Grande Cadeia* como exemplo. Segundo a *Grande Cadeia* da cognição, o comportamento do animal pode ser projetado no comportamento humano. Assim, quando dizemos que *Aquiles é um leão*, queremos dizer que ele se comporta bravamente. É um atributo que culturalmente atribuímos aos leões com base em nossas observações sobre o seu comportamento. Aqui o mapeamento é baseado exclusivamente na estrutura proposicional. Por outras palavras, os esquemas imagéticos não desempenham nenhum papel. Com base nessa observação, Mendoza propõe uma reformulação do Princípio da Invariância, que ele chama de *Princípio da Invariância Estendida*: os mapeamentos metafóricos preservam uma estrutura genérica do domínio-fonte de forma consistente com a estrutura inerente do domínio-alvo (Ruiz de Mendoza, 1998, p.263).

O Princípio da Invariância Estendida de Ruiz de Mendoza (1998) garante que a estrutura genérica dos domínios-fonte e alvos num mapeamento conceitual seja sempre preservada. Ou seja, todos os efeitos significativos que são motivados por uma operação cognitiva ao nível mais baixo preservarão a estrutura genérica dos domínios (fontes e alvos) que está envolvida num mapeamento de maneira consistente com as estruturas inerentes de ambos os domínios.

Pense novamente na metáfora ontológica “PESSOAS SÃO ANIMAIS”, onde o comportamento animal mapeia o comportamento humano. Não há nenhuma estrutura de esquema imagético envolvida; ainda assim, existe uma estrutura de nível genérico da fonte e do alvo que é mantida intacta de tal forma que o comportamento é mapeado para o comportamento e os atributos físicos para os atributos físicos (Ruiz de Mendoza e Hernández, 2011, p.180).

A metáfora é um complexo fenómeno cognitivo. O critério taxonómico fornecido por Lakoff e Johnson (1980), por um lado e, por outro, Lakoff e Turner (1989), que se baseou essencialmente

numa análise da natureza ontológica do domínio-fonte, já é insuficiente (Ruiz de Mendoza e Hernández, 2011, p.169). Nas pesquisas mais recentes, tanto a nova metáfora quanto a metáfora literária não aceita o princípio constante.

Em segundo lugar, a estrutura original do domínio-alvo não é apenas compatível com a mapeada para o domínio-alvo, mas também tem impacto no mapeamento. Nos exemplos de Turner (1993), a estrutura do esquema imagético no domínio-alvo limita a, mas não participa no mapeamento da estrutura do esquema imagético do domínio-fonte. Porém, nalguns casos, a estrutura do esquema imagético do domínio-alvo passa a ser utilizada no mapeamento metafórico, mesmo que aquela estrutura não exista no domínio-fonte (Croft, 2009, p.23). Croft (2003) ilustra essa ideia com a análise dos valores semânticos de *feed* (*alimentar*). Numa expressão metafórica do verbo *feed* [X-fed Eater], os elementos diferentes de *comida* (*Metaphorical: "Food"-fed_{ADJ}*) vão requisitar uma estrutura cognitiva diferente de *feed* (*Literal: Source-fed_{ADJ}*): *week's earthquakes in California, rain-fed floods that put parts of Texas under water for weeks, the mudslides in Puerto Rico that alone swallowed \$6 milli* (Croft, 2009, p.25). Nestes exemplos, segundo Croft (2009), a estrutura do esquema imagético (*feed*) que é representada por uma construção composta no domínio-fonte não é mapeada para a estrutura do esquema imagético representada pela construção composta no domínio-alvo. É provável que, em vez de um mapeamento entre dois domínios, apenas sejam duas estruturas de esquemas imagéticos diferentes nos dois domínios que podem ser expressas por uma mesma expressão.

As relações entre fonte e alvo são muito mais complexas do que qualquer versão da Hipótese da Invariância indica. Assim como o que é enfatizado por Croft (2009), uma estrutura do domínio-alvo (que é entendido como o esquema imagético) pode ser usada numa interpretação metafórica mesmo quando o domínio-fonte carece daquela estrutura correspondente:

Not only does image-schematic structure from the source domain play a role in metaphor (when it is not incompatible with the target domain); image-schematic structure from the target domain, manifested in the constructions in which the metaphorical words occur, also becomes part of the metaphor (Croft, 2009, p.26).

Além disso, tem sido enfatizada a importância da interação entre o domínio-fonte e o domínio-alvo desde A Teoria de Interação (Black, 1962). No entanto, parece que o Princípio da Invariância é limitado no sentido de ilustrar um surgimento de nova estrutura durante uma interação entre dois

domínios. Por outras palavras, o Princípio da Invariância concentra-se na preservação da semelhança numa metáfora em vez da sua criação.

A ideia de Indurkha (1992) é diferente do modo em que o Princípio da Invariância se anuncia, i.e., não importa que parte da estrutura cognitiva no domínio-fonte é mapeada para o domínio-alvo, para a nova estrutura do domínio-alvo, ela tem de ser semelhante à estrutura cognitiva do domínio-fonte. A ideia de Indurkha (1992) enfatiza o surgimento da nova estrutura durante o processo metafórico. A contribuição maior de Indurkha não é este descobrimento da coerência entre a nova estrutura do domínio-alvo e a estrutura original do domínio-fonte, mas sim a confirmação do surgimento da nova estrutura. Indurkha (1992) define três tipos de metáforas de acordo com a sequência entre o surgimento da semelhança e o acontecimento da metáfora: *syntactic metaphor*, *suggestive metaphor* (open ended) e *projective metaphor*. Listamos a seguir uma introdução simples desses três tipos de metáforas:

O mecanismo da metáfora	Baseia-se na semelhança		Cria-se a semelhança
Categoria	<i>syntactic metaphor</i>	<i>suggestive metaphor</i>	<i>Projective metaphor</i>
O mecanismo	O mapeamento depende inteiramente da estrutura cognitiva do domínio-alvo	O mapeamento depende parcialmente da estrutura cognitiva do domínio-alvo, que não é completa antes do acontecimento da metáfora. A metáfora é baseada numa pequena quantidade de estruturas cognitivas semelhantes entre o domínio-fonte e o domínio-alvo. Após a ocorrência dos mapeamentos, a estrutura de domínio-fonte pode mapear mais estruturas cognitivas para o domínio-alvo. Isso torna o domínio-alvo mais completo. Mas a premissa é que a estrutura cognitiva mapeada corresponde à estrutura inicial do domínio-alvo.	Este tipo de metáfora desconsidera a estrutura cognitiva existente do domínio-alvo. O domínio-fonte mapeia sua própria estrutura cognitiva no domínio-alvo. A estrutura cognitiva original no domínio-alvo é isomórfica à estrutura cognitiva que vem do domínio-fonte. Não importa qual parte da estrutura cognitiva no domínio-fonte é mapeada para o domínio-alvo, a nova estrutura do domínio-alvo é semelhante à estrutura cognitiva do domínio-fonte.
uma sequência entre o surgimento da semelhança e o	o surgimento da semelhança antes, mas não	o surgimento da semelhança antes e depois do acontecimento da metáfora	o surgimento da semelhança depois, mas não antes do acontecimento da metáfora

acontecimento da metáfora	depois da metáfora		
---------------------------	--------------------	--	--

Tabela 7. Três tipos de metáfora (Indurkha, 1992, pp.257-258)

A maioria dos estudos empíricos e psicológicos sobre a metáfora não se refere à questão de surgimento dos novos significados através da metáfora. Realmente, a metáfora é composta por vários quadros semânticos, nos quais é preciso considerar a semântica como uma entidade dinâmica e mutável. Outra questão importante é examinar como as metáforas afetam essa dinâmica (Indurkha, 2006, p.136). Com o propósito de confirmar o surgimento possível de uma estrutura nova durante o mapeamento, Indurkha (2006) ilustra dois exemplos. Por um lado, ele aproveita o estudo de Schön (1979) que ilustra a metáfora de *painting-as-pumping* e, por outro lado, ele desenvolve o exemplo de *Star of David* (Black, 1979) com alguns próprios entendimentos.

Segundo Indurkha (2006), o mecanismo cognitivo da criatividade metafórica desempenha um papel fundamental na solução de problemas práticos. Essa visão é ilustrada por um exemplo de tarefa de desenvolvimento de produtos, comparando as escovas de fibras sintéticas e naturais (Schön, 1979). No início, a equipe de pesquisa tem visto a pintura como um trabalho de revestimento, mas, depois, mudou a perspectiva dela como um processo de bombeamento, o que levou a uma solução significativa e ofereceu uma abordagem para resolver o problema:

The main thing to emphasize about this example is that a radically new representation or perspective emerged from the painting-as-pumping metaphor. Even the causal structure that determines why paint sticks to the brush when dipped in a can of paint, and why it gets coated on the surface when the brush is moved across back and forth, is transformed (Indurkha, 2006, p.138).

A disposição dos pontos na Figura 6-1 corresponde a um céu estrelado. Não é possível verificar padrões geométricos, tais como linha (ou triângulo ou círculo), etc., antes de pôr um padrão de fendas (Figura 6-2) nela (Figura 6-1). Depois, pode-se ver claramente os pontos dispostos ao longo de linhas paralelas (Figura 6-3) (Indurkha, 2006, pp.140-141).

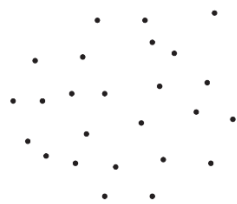


Figura 6. 1 (Fig. 1. An arrangement of dots)

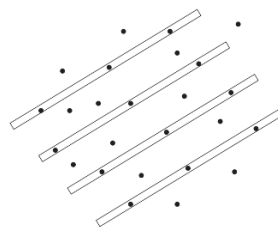


Figura 6. 2 (Fig. 2. A set of slits placed on the arrangement of Fig. 1)

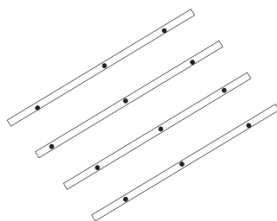


Figura 6. 3 (Fig. 3. The arrangement of Fig. 1 seen through the slits)

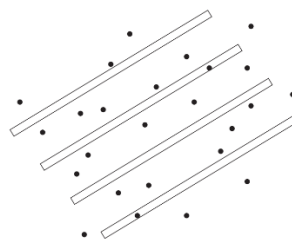


Figura 6. 4 (Fig. 4. The slits placed on a different arrangement of dots)

Por isso, há certas metáforas que desempenham um papel crucial na geração de novas representações e novos significados (Indurkha, 2006, p.139), devido a essa organização ser possível tanto pelos atributos dos pontos (suas posições espaciais) quanto pela estrutura do padrão. O mesmo padrão de fendas colocadas num arranjo diferente de pontos não resulta em nenhuma estrutura organizada (Figura 6-4) (Indurkha, 2006, pp.140-141).

Stockwell (1999) revela que nas metáforas existem possíveis mapeamentos bidirecionais. Por exemplo, TIME IS SPACE:

‘He passed the time’, compared with ‘Liverpool is three days’ sailing from here’, show a reversal of the conceptual metaphor: TIME IS SPACE and SPACE IS TIME. Each concept is understood in terms of our conventional understanding, by now well established, of the other (Stockwell, 1999, p.129).

Sendo assim, a metáfora concetual, ao invés de ser unidirecional, parece que pode ser *interanimating*. Neste sentido, também se confirma que a metáfora é criativa pela interação entre dois domínios que podem servir simultaneamente como a fonte ou o alvo.

Stockwell (1999) aproveita ainda as metáforas literárias para defender a rejeição da Hipótese da Invariância, que, no seu entender, restringe a percepção da metáfora como uma criativa e não pode explicar sua capacidade de referência a um novo sentido além da fonte e do alvo.

A Hipótese da Invariância foi inventada para resolver a questão de como decidir quais elementos são mapeados e quais são deixados para trás. No entanto, a ideia-chave para definir uma estrutura preservada num mapeamento pode não ter nada a ver com o Princípio da Invariância. Em alternativa, a solução é uma saliência (Stockwell, 1999, p.137). A ideia de saliência pode ser retrocedida até alguns dos primeiros textos de Lakoff. A metáfora permite-nos compreender um aspeto de um conceito em termos de outro (por exemplo, compreender um aspeto do argumento em termos de batalha). Neste processo, é necessário ignorar outros aspetos do conceito. Ao permitir que nos concentremos num aspeto de um conceito (por exemplo, os aspetos conflitantes do argumento), um conceito metafórico pode impedir que nos concentremos em outros aspetos do conceito que não sejam coerentes com essa metáfora (Lakoff, 1980, p.456). Portanto, às vezes o mapeamento parcial é atribuído pela saliência pragmática em vez da restrição cognitiva. O que é mapeado tem muito a ver com um conteúdo que a metáfora quer enfatizar. Por exemplo:

A case in point is the metaphorical comparison 'Tom is like a tortoise'. Without going into a detailed description of the 'tortoise domain schema' and the 'human domain schema' involved, the immediate property which gets mapped is the 'slowness' of the tortoise which is preferred over other properties of the 'tortoise schema' (Shen, 1999, p.1638).

Neste sentido, ainda não se sabe se a estrutura do domínio-fonte preservada no domínio-alvo corresponde coerentemente à sua estrutura intrínseca.

Por último, confirma-se que a preservação da estrutura do esquema imagético é realmente sensível à estrutura inerente do domínio-alvo. Sendo assim, mesmo a estrutura inferencial não é necessariamente mantida de maneira completa nos mapeamentos. Iwata (1995, p.184) refere três exemplos (*exclusive location*, *temporal path* e o verbo *give*) para ilustrar uma preservação incompleta da inferência entre o domínio-fonte e o domínio-alvo. No caso de *exclusive location*, as ideias de Iwata são resumidas a seguir:

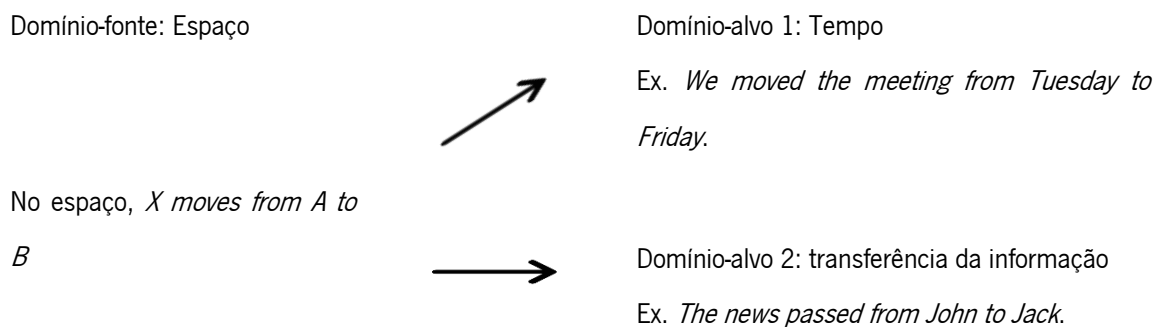


Figura 7. Mapeamento de *exclusive location* (Iwata, 1995, pp.184-185)

No espaço, uma inferência é: *at t1 X is at A but not at B* e *at t2 X is no at A but at B*. No tempo, esta inferência é preservada apenas no primeiro exemplo, devido a que a reunião vai acontecer na sexta-feira assim não vai acontecer na terça-feira. Porém, quando transferimos notícias, a inferência está destruída, devido a que as notícias ainda são conhecidas (existem na memória de John) por John depois de serem contadas a Jack.

No que concerne ao *temporal path*, o caminho temporal é concetualizado como uma linha contínua espacial. No entanto, o caminho temporal tem outras características que o diferenciam do caminho espacial. É unidirecional e fugaz (ou seja, transitório). A primeira característica indica que o tempo muda necessariamente do passado para o futuro, não na ordem inversa. A segunda característica ilustra que o tempo surge e desaparece rapidamente. O caminho temporal desaparece quando é percorrido, em contraste com o caminho espacial, que é fixo e independente de nossa travessia. As ações (e eventos) estão localizadas na linha do tempo, porém, assim que passamos por elas, elas não existem mais.

O verbo *give* (dar) apresenta outro exemplo em que a estrutura inferencial não é completamente preservada. Iwata ilustra essa ideia com exemplos referidos por Lakoff (1990). A metáfora CAUSES ARE FORCES pode ser ilustrada de maneiras diferentes:

(28) The practice of Zen meditation gave Harry patience.

(29) Problem 3 gave Harry trouble (Lakoff, 1990, p.63, citado por Iwata, 1995, p.186).

Quando o verbo *give* é aplicado no sentido de *transportar*, ex., *give someone an apple*, não tem uma inferência de *forces*, devido a que neste caso, o verbo *give* indica uma ação que se inicia por um

sujeito. No entanto, nos exemplos já referidos, *give*, em vez de indicar uma ação de *transferir-se*, representa uma causa que tem efeito (*patience, trouble*) num evento posterior.

Em vez de dizer que o Princípio da Invariância nos fornece uma solução para as limitações do mapeamento, é melhor dizer que ele nos dá a oportunidade de pensar sobre as restrições do mapeamento, porque nos faz perceber que o mapeamento entre dois domínios está envolvido por muitos aspetos. A cognição é apenas um aspeto. Temos, ainda, outros aspetos, tais como a cultura, a semântica, etc. Além disso, em muitos casos, o domínio-alvo é independente do domínio-fonte antes da ocorrência da metáfora. Por exemplo, na metáfora O AMOR É UMA VIAGEM, os domínios de AMOR e de VIAGEM são representados separadamente. Além disso, uma viagem não tem efeito de causa na estrutura de um amor (Murphy, 1996, pp.195-196).

O domínio-fonte VIAGEM leva-nos a considerar o domínio AMOR pela perspectiva nova, mas não reconstrói a sua estrutura. Assim como o que é referido por Black: a metáfora funciona como instrumento cognitivo e permite-nos ver algumas realidades que são apresentadas através da produção daquela metáfora. O mundo é um mundo por ser visto por alguma perspectiva. Algumas metáforas, realmente, conseguem criar uma tal perspectiva (Black, 1979, p.38).

2.3.2. Restrições em semântica: a teoria do quadro semântico

A ideia de *frame* tem surgido ao longo dos anos em vários domínios. Não aparece apenas no linguístico, mas também em áreas como a psicologia e a Inteligência Artificial. Na área linguística, o quadro semântico é referido pela primeira vez por Fillmore (1971) no seu texto *verbs of judging*. Nos seus textos posteriores, *Frame semantics* (1982) e *A private history of the concept 'Frame'* (1987), Fillmore (1982, 1985) oferece exemplos ricos e detalhados para enfatizar que uma abordagem semântica convencional não pode dar conta de todos os significados de uma palavra. Há ainda necessidade de um conjunto de conhecimentos para interpretar as aceções semânticas de uma palavra.

Os quadros são “estruturas unificadas específicas de conhecimento, ou esquematizações coerentes de experiência” (Fillmore, 1985, p.223) no sentido de serem construções cognitivas que listam atributos estereotipados de entidades e relações entre eles. Um exemplo frequentemente citado é o quadro de COMPRA, no qual temos cliente, vendedor, mercadoria e lugar (normalmente um

mercado) onde ocorre a transação. Não faz sentido invocar qualquer elemento do quadro sem chamar os outros devido à natureza unificada dos quadros.

Para Lakoff (1987, p.64), os quadros são apenas uma forma do que ele chama de modelos cognitivos idealizados ou ICMs (*Idealized Cognitive Models*). Ele também distingue outros modelos cognitivos, como esquema imagético, metáfora e metonímia, cada um deles caracterizado por um princípio estruturante diferente. Metáforas são derivadas de mapeamentos (ou conjuntos de correspondências) entre domínios conceituais, ao passo que esquemas imagéticos são abstrações muito gerais sobre a experiência do espaço. Os quadros, por sua vez, são caracterizados por sua estrutura proposicional.

As ideias centrais subjacentes à pesquisa em *Frame Semantics* estão resumidas como:

A word's meaning can be understood only with reference to a structured background of experience, beliefs, or practices, constituting a kind of conceptual prerequisite for understanding the meaning. Speakers can be said to know the meaning of the word only by first understanding the background frames that motivate the concept that the word encodes (Fillmore e Atkins, 1992, pp.76-77).

Pela perspectiva linguística, alguns linguistas já têm notado a função da semântica na criação e interpretação da metáfora. Por exemplo, com base no estudo dos verbos de movimento, Edward (1975) enfatiza que os usos metafóricos de verbos de movimento exibem certas relações regulares com o sentido literal desses verbos. Os linguistas Kittay e Lehrer (1981) sugerem que as metáforas não são simplesmente combinações de dois termos isolados, mas sim uma justaposição de dois campos semânticos, que são grupos de itens lexicais correspondentes a domínios conceituais subjacentes.

Não se entende completamente como os termos de dois domínios diferentes devem ser relacionados se não se souber como aqueles termos se posicionam em relação a outros termos em seus próprios quadros semânticos:

For example, to fully understand how “smooth” applies metaphorically to people, one must also know how “smooth” differs from “rough,” “slippery”, and “soft,” and one must also have a conceptual domain of personality types (even if all of them are not fully lexicalized) that can be brought into correspondence with the texture concepts (Keil, 1986, p.75).

As estruturas observadas numa metáfora podem ser incluídas em domínios mesmo que essas estruturas não sejam percebidas em linguagem. Os quadros, por sua vez, existem em linguagens tanto

metafórica quanto não metafórica. Neste sentido, os quadros podem ser usados para identificar ligações entre linguagem metafórica e não metafórica (Sullivan, 2013, pp.23-24).

As ideias mais recentes sobre metáforas concentram-se no aspeto cognitivo por meio de ignorar o aspeto linguístico. No entanto, a falta de interesse no aspeto linguístico da metáfora talvez seja lamentável, porque os estudos de metáfora concetual tornam a linguagem metafórica mais misteriosa. A linguagem metafórica envolve palavras metafóricas, mas não só. Neste sentido, o Quadro Semântico tem de ter algum efeito num mapeamento metafórico, assim como o Princípio da Invariância, devido a que uma metáfora acontece, na maioria das vezes, ao nível de quadro. Por exemplo:

(...) the word *wealth* can refer to a literal accumulation of money or valuables, but it can also refer metaphorically to spiritual attributes, as in the metaphoric phrase spiritual wealth. When *wealth* is modified by spiritual, the item *wealth* is understood as referring to spiritual properties, rather than to financial accumulation. That is, wealth is metaphoric when it occurs in spiritual wealth (Sullivan, 2013, pp.1-2).

Então, a seguir, tentamos verificar um papel do quadro semântico na preservação da semelhança entre o domínio-fonte e o domínio-alvo. Antes de mais, devemos entender a relação entre domínio e quadro numa metáfora. Quer seja domínio quer seja quadro, ambos pertencem ao nível supraindividual, que é designado por Kövecses (2000), no sentido de organização cognitiva e análise da metáfora. Os quadros elaboram os aspetos selecionados dos domínios. Assim, os quadros como origens de metáfora oferecem informações mais específicas do que os domínios, embora não cobrem ou esgotem todos os aspetos de um domínio-fonte (Kövecses, 2020, p.57).

Sullivan (2006) é um dos linguistas mais relevantes que se dedicam à aplicação do quadro semântico na metáfora. Segundo ele, os mapeamentos metafóricos preservam relações, inferências e elementos do quadro semântico, uma vez que muitas informações esquemáticas do domínio vêm das estruturas de quadro. Por exemplo:

In the BODY domain, the BODY element must refer specifically to the EXERCISER's body. This relation carries over into the MIND domain, in which the MIND must be specifically the THINKER's mind.

[...]

(...) certain structure in the BODY domain (the source domain of THE MIND IS A BODY) is derived from the *EXERCISE frame (evoked by the verb exercise). A domain is usually

structured by multiple frames, so that for example the BODY domain is structured by frames related to 'eating' (INGESTION), 'dying' (DEATH), and others not shown in this diagram (Sullivan, 2006, pp.388-389).

O quadro semântico também pode revelar a razão pela qual resulta numa diferença em terem domínios-alvo no mapeamento metafórico para dois sinónimos. No inglês, tanto *sunny* quanto *brilliant* referem-se a qualidades de luz, portanto, esses itens devem ter os mesmos usos metafóricos. No entanto, *sunny* indica *alegre* via metáfora HAPPINESS IS LIGHT, ao passo que *brilliant* está relacionado com *inteligente* via metáfora KNOWING IS SEEING. Então, por que alguns itens semanticamente semelhantes têm diferentes usos metafóricos? Supõe-se que o uso metafórico de uma palavra seja influenciado pelos seus usos não metafóricos (Sullivan, 2006, p.387):

Metaphorically mapped frame structure can be directly compared with the frame structure evoked by the nonmetaphoric senses of lexical items. If the hypothesis of this paper is correct, and lexical items' frame structure constrains their compatibility with a given metaphor, we will find the reasons for the items' compatibility or incompatibility in the frame structure evoked by the items' nonmetaphoric uses (Sullivan, 2006, p.390).

Isto tem a ver com a diferença em quadros semânticos aos quais *sunny* e *brilliant* pertencem. Os adjetivos (*sunny*, *bright*, *dark*) que evocam o quadro LOCATION OF LIGHT frequentemente referem os substantivos que denotam o elemento LOCATION neste quadro; enquanto adjetivos (*brilliant*, *bright*, *dim*) que evocam o quadro LIGHT MOVEMENT não modificam esses substantivos. Os adjetivos que provocam o quadro LOCATION OF LIGHT podem expressar a metáfora HAPPINESS IS LIGHT, uma vez que a estrutura do quadro corresponde ao quadro LIGHT.

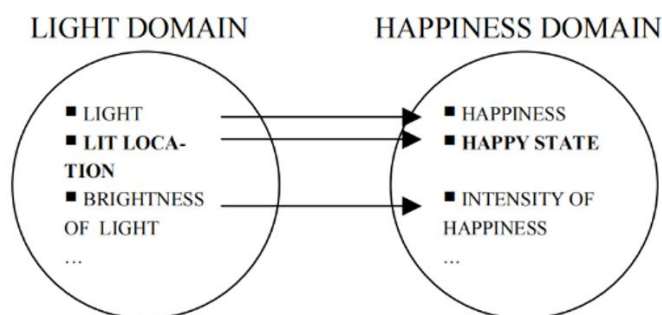


Figura 8. Mapeamentos de HAPPINESS IS LIGHT (Sullivan, 2006, p.392)

O adjetivo *brilliant* provoca outro quadro semântico que é inconsistente com o domínio da fonte LIGHT e não pode adquirir significados metafóricos no domínio da HAPPINESS.

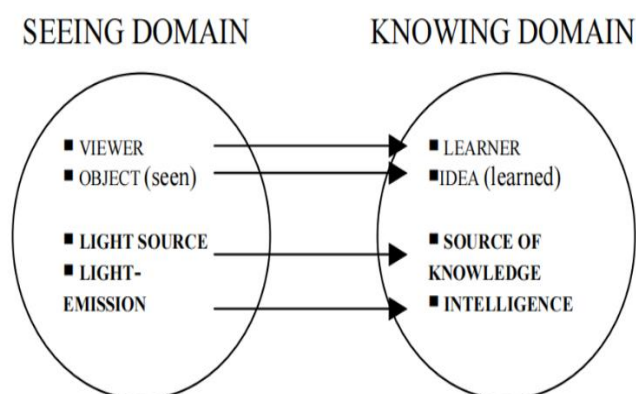


Figura 9. Mapeamentos de KNOWING IS SEEING (Sullivan, 2006, p.393)

O adjetivo *dim*, por sua vez, indica alguém estúpido (Ex. *dim child* no inglês). Então, neste estudo, Sullivan conclui que deveria haver alguma lógica na opção do vocabulário ao interpretar a metáfora:

There seems to be a certain logic behind the choice of lexical items in expressing metaphor. Acknowledging this logic is an important step for conceptual metaphor theory, because understanding the regularities of lexical choice in metaphor will improve metaphor theorists' control over language as a data source. Furthermore, the central role of frame semantics in metaphoric language should draw attention to the significance of frames in conceptual metaphor and the necessity for an extended Invariance Principle (Sullivan, 2006, p.398).

Sullivan (2013) desenvolve a conclusão no sentido de que, por um lado, a estrutura não metafórica de um item lexical determina se ele pode ser usado com uma metáfora (conceitual) particular e, por outro, o quadro funciona para distinguir quais palavras ou expressões podem ser usadas em quais metáforas conceituais.

Além disso, o domínio metafórico é, no caso geral, estruturado por vários quadros. Então, diferentes submapeamentos de uma mesma metáfora preservam estruturas de diferentes quadros. Uma vez que a maioria dos itens lexicais provoca estruturas distintas, pode-se deduzir que a estrutura surgida por itens lexicais condiciona as metáforas conceituais e os submapeamentos que esses itens podem expressar (Sullivan, 2006, pp.397-389, Sullivan, 2013, p.38).

Nos estudos posteriores, Sullivan (2016) indica que o quadro semântico também ajuda a explicar como as palavras ou frases provocam o mapeamento entre o domínio-fonte e o domínio-alvo,

por um lado e, por outro, diferentes funções gramaticais da semântica resultam em diferentes metáforas. Sendo assim, a preservação dos elementos de um quadro semântico é prevista no domínio-alvo caso a cognição topológica¹³ seja expendida por conter estruturas do quadro além de estruturas num esquema imagético (Sullivan, 2016, p.156).

Como já referimos, o domínio é sempre estruturado por mais de um quadro. A metáfora não pode funcionar sem quadros - pelo menos não no caso da metáfora temporal, devido a que os mapeamentos sempre acontecem ao nível do quadro em vez do domínio. Com a metáfora do tempo, Moore (2011) indica a importância da análise ao nível do quadro para a interpretação da metáfora.

	EXPECTATION	ARRIVAL	SPATIAL DEIXIS
Initial stage	Expecter expects the expected phenomenon to occur (in the future).	Mover is distant from Goal.	Mover is in Distal Zone. Goal is in Proximal Zone.
Continuing stage	Expecter continues to expect. Time to occurrence is decreasing.	Distance from Mover to Goal continues to decrease.	Mover is still in Distal Zone, approaching Proximal Zone.
Final stage	The expected phenomenon occurs and the expectation is realized.	Mover is at Goal.	Mover is in Proximal Zone.

Tabela 8. *The integration of EXPECTATION, ARRIVAL, and SPATIAL DEIXIS in the grounding scenario of Moving Time* (Moore, 2011, p.97)

O quadro semântico de *expectativa* tem uma estrutura temporal e não tem uma estrutura espacial além de a obter pela integração da *chegada* no quadro de *expectativa*. Por outras palavras, é o quadro de *chegada* que dá a estrutura espacial do quadro de *expectativa*. Neste caso, o quadro semântico de *expectativa* é uma consistência entre o deíctico de chegada espacial e temporal. Ou seja, o processo que resulta na realização da expectativa do Ego (que obviamente ocorre no “agora” do Ego) também resulta na chegada do Movedor ao local do Ego (“aqui”) (Moore, 2011, p.98).

A metáfora do *time-moving* é motivada por um cenário que é estruturado por um quadro complexo que, por sua vez, é composto por *expectativa*, *chegada* e *deíctico espacial*. O mesmo quadro complexo também motiva a metáfora temporal sob perspectiva de *ego-moving*. As correlações na experiência que motivam as metáforas ocorrem dentro do quadro em vez de domínios do ESPAÇO e do

¹³ *cognitive topology*, referida por Lakoff (1993) no Princípio da Invariância

TEMPO. Com a observação dos mapeamentos de metáforas, entendemos que eles ocorrem entre quadro MOVIMENTO e quadro TEMPO CENTRADO NO EGO (Moore, 2011, p.99).

Convém referir ainda que a linguagem metafórica depende não apenas da opção da palavra, mas também das estruturas gramaticais (Sullivan, 2013):

I argue that metaphorically used constructions have semantic requirements that constrain which words in the construction can be interpreted metaphorically, and which words instead indicate how the meaning of the metaphoric items should be mapped. For example, in the construct spiritual wealth, the word wealth has a metaphoric meaning, and the word spiritual tells us that wealth should be interpreted in relation to spirituality, rather than material possessions. It is the grammatical construction that indicates which of these words should have which of these two roles (Sullivan, 2013, p.5).

A estrutura gramatical que restringe a opção da palavra numa frase pode transferir-se do domínio-fonte até o domínio-alvo. Vejamos a seguir uma comparação entre *spiritual wealth* e *blood-stained wealth*:

Both phrases are metaphorical, but in very different ways. As we've seen, spiritual wealth does not refer to literal wealth at all, but instead metaphorically indicates spiritual properties. On the other hand, blood-stained wealth does refer to literal, financial wealth, but the modifier *blood-stained* metaphorically indicates that the wealth has been acquired in an immoral manner (Sullivan, 2013, p.6).

As diferenças nessas frases metafóricas surgem dos padrões semânticos distintos subjacentes à *spiritual wealth* e à *blood-stained wealth*. *Spiritual* em *spiritual wealth* é um adjetivo de domínio, enquanto *blood-stained* em *blood-stained wealth* é um adjetivo predicativo. Assim, diferentes tipologias gramaticais provocam maneiras diferentes de incentivar a metáfora (Sullivan, 2013, p.7).

A outra razão que tem efeito na preservação da semelhança num mapeamento merece a nossa atenção, i.e., a acentuação de alguns quadros por ignorar os outros. Sabemos que um domínio é estruturado por vários quadros, de modo que, por exemplo, o domínio CORPO é estruturado por quadros referentes a *comer* (INGESTÃO), *morrer* (MORTE) e assim por diante (Sullivan, 2006). Embora uma metáfora aconteça com base em vários quadros ao mesmo tempo, certos quadros são mais importantes do que outros. Os mais acentuados são evocados diretamente por itens lexicais específicos no processo de mapeamento. Por exemplo, o item *exercício* na expressão *exercício mental* relembra o enquadramento do *exercício*, de modo que este enquadramento é mais crucial para entender a

expressão *exercício mental* do que outros enquadramentos no domínio do corpo. A estrutura do quadro que é evocada por itens específicos é perfilada em relação à outra estrutura nos domínios-fonte e alvo de uma metáfora (Langacker, 2002).

No entanto, a ignorância de alguns quadros não indica que eles não funcionam numa criação e interpretação de metáfora. Ao invés, aqueles, às vezes, servem como a base às estruturas salientes da metáfora. Além disso, os quadros semânticos menos acentuados ou pouco ativados oferecem limitações da interpretação semântica da metáfora.

For example, when I hear the phrase *mental exercise*, I will focus on generating inferences related to exercising (such as the inference that mental exercise improves the mind, in the way that physical exercise improves the body) rather than those related to ingestion, medical conditions, or other frames that can be mapped via the mind is a body (Sullivan, 2013, p.25).

As propriedades para compreender um conceito não são todas salientes. A probabilidade do mapeamento de uma propriedade está relacionada à sua saliência relativa dentro do seu próprio domínio. Por exemplo, o facto de que a lentidão é mais provável de ser mapeada na metáfora *Tom é (como) uma tartaruga*, uma vez que a lentidão tem alta relevância no domínio da tartaruga. Na medida em que essa relação se mantém, então, pode-se concluir que *diagnosticity* e *connectivity* são aqueles que governam a acentuação das propriedades e que determinam a possibilidade de mapeamento (Shen, 1999, p.1652).

Sendo assim, conclui-se que, com as palavras de Penchev (2015), a metáfora pode ser entendida como um novo quadro que resulta de uma interação entre (pelo menos) dois quadros semânticos:

Metaphor can be understood as the appearance of a new frame by interaction of two or more initial frames for some essential part of each of them is shared by all. Thus the understanding of each of them separately generates immediately the understanding of the metaphor as a new whole (Penchev, 2015, p.188).

Convém referir ainda que, numa metáfora um valor semântico de um termo influencia o resto dos seus valores semânticos. Consequentemente, o significado metafórico é gerado com base no termo, mas é diferente em relação ao termo por si mesmo.

2.4. Conclusão

Com base na revisão da literatura, pensamos que a semelhança entre os dois domínios da metáfora não pode ser considerada como a questão de ordem entre a galinha e o ovo. Em vez disso, a semelhança na metáfora acontece ao longo da sua criação e interpretação. As ideias existentes estão organizadas com o propósito de entender a preservação e a criação da semelhança (condicionada) entre o domínio-fonte e o domínio-alvo.

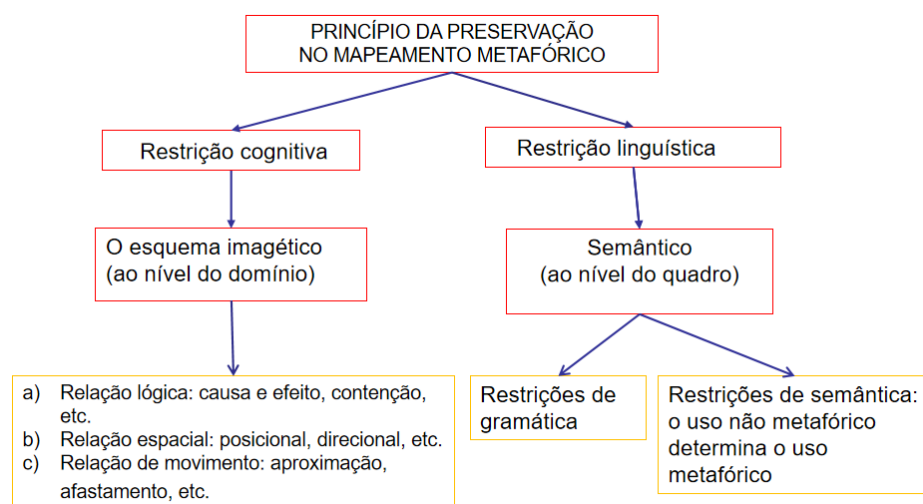


Figura 10. Princípios da preservação das semelhanças

Tal como se pode observar, a preservação da semelhança ocorre em duas linhas: tanto pela cognitiva que é ilustrada pelo Princípio de Invariância quanto pela linguística que se refere ao quadro semântico.

Por um lado, o esquema imagético contém relações inerentes que são mapeadas para estruturar o domínio-alvo. As relações mais acentuadas são: a relação causa-resultado, a relação de inclusão-exclusão, a relação de movimento (afastamento ou aproximação), etc. Neste caso, o mapeamento deve seguir o Princípio da Invariância. Por outro lado, o domínio é configurado linguisticamente por vários quadros semânticos que contêm semânticas próprias e estão relacionados um com outro. Esses quadros semânticos oferecem tanto limitações à interpretação metafórica quanto contextos de criação metafórica através dos conflitos em valores semânticos entre eles.

O Princípio da Invariância (e suas versões revisadas) precisa ser complementado por outras considerações a fim de nos fornecer um quadro mais completo do que permite ou não a criação de

uma metáfora. Então, apresentamos, antes de mais, alguns entendimentos em relação a limitações do mapeamento metafórico pela perspectiva cognitiva. Do ponto de vista cognitivo, o mapeamento que ocorre com base no esquema imagético via três aspetos: a) atributos dos componentes, b) relação entre componentes e c) inferência.

No sentido geral, todos os três irão variar desde o domínio-fonte para o domínio-alvo, devido à estrutura intrínseca do domínio-alvo. Não existe um domínio cognitivo sem estrutura intrínseca, por mais abstrato que seja. Se o domínio-alvo depende totalmente do domínio-fonte, o que ocorre não é uma metáfora, mas uma metonímia.

Verificamos, antes de mais, os princípios de preservação dos atributos. Em primeiro lugar, os atributos de um componente do domínio-alvo que correspondem ao componente do domínio-fonte mudarão parcialmente. Por exemplo, um objeto no espaço pode ser unidimensional, bidirecional ou tridimensional, ao passo que no tempo o evento ou uma duração é normalmente configurado como uma linha unidimensional. Em segundo lugar, a espécie de um atributo não mudará. Tendo como exemplo, a dimensão do objeto no espaço não vai se tornar na direção no tempo. Em terceiro lugar, a preservação e a mudança dos atributos são determinadas por propriedades intrínsecas preexistentes do domínio-alvo.

No que diz respeito às relações entre diferentes componentes (causal, espacial, sequencial, etc.), são parcialmente preservadas mediante as propriedades intrínsecas do domínio-alvo. As que estão projetadas desde o domínio-fonte para o domínio-alvo preservam lógicas daquelas relações. Tendo como exemplo, a relação inclusiva entre o copo e líquido dentro nele no domínio espacial pode ser metaforicamente equivalente à relação entre uma semana e um dos seus sete dias no domínio temporal.

Quanto à inferência (*inference*), tentamos entender a sua preservação em função, ou seja, à implicação (*entailment*), neste caso há uma preservação que segue mais regras complicadas. O conceito mais importante para entender é a ideia de implicação. *Implicação* é o conceito fundamental para entender como as metáforas funcionam nos trabalhos de Lakoff e Johnson.

O termo *implicação* é usado para referir a uma expressão que é uma consequência lógica de uma metáfora concetual. Lakoff e Johnson (1980a) usam o exemplo da metáfora AN ARGUMENT AS A JOURNEY (*through which one can proceed, from which one arrives at a conclusion, etc.*) para ilustrar o

que é implicação. Assim dizendo, o nosso conhecimento sobre uma viagem pode se aplicar ao nosso pensamento sobre uma viagem metafórica que, portanto, resulta em certas implicações.

Outro exemplo referido por Lakoff e Johnson (1980c, pp.457-458) para demonstrar como implicações estruturam o sistema da metáfora conceitual é TIME IS MONEY. O tempo é algo que pode ser gasto, desperdiçado, orçado, investido ou desperdiçado. Essas concepções são metáforas conceituais utilizadas para conceitualizar o tempo através de nossa experiência quotidiana com dinheiro, recursos limitados e bens valiosos. No entanto, o modo de entendimento não é uma forma necessária de compreensão do tempo pela humanidade, mas é culturalmente determinada. Em outras culturas, o tempo pode não ser compreendido nessas categorias. As metáforas conceituais de TEMPO É DINHEIRO, TEMPO É RECURSO LIMITADO e TEMPO É BEM VALIOSO constroem um sistema baseado em subcategorias, uma vez que, em nossa sociedade, dinheiro é valioso por ser um recurso limitado. Essas relações de subcategorias representam implicações entre as metáforas que mencionamos, i.e., TIME IS MONEY implica TIME IS A LIMITED RESOURCE que, por sua vez, implica TIME IS A VALUABLE COMMODITY. As relações entre elas podem ser ilustradas como:

MONEY	TIME IS MONEY
is	entails
A LIMITED RESOURCE	TIME IS A LIMITED RESOURCE
is	entails
A VALUABLE COMMODITY	TIME IS A VALUABLE COMMODITY

Figura 11. Implicações em diferentes níveis de metáfora (Lakoff e Johnson, 1980c, p.457)

Tal como se pode observar, as implicações, algumas se referem especificamente ao dinheiro (*gastar, investir, orçar, lucrativamente, custo*), outras a recursos limitados (*usar, esgotar, ter o suficiente, ficar sem*), e ainda outras a bens valiosos (*ter, dar, perder, obrigado por*). Este é um exemplo de como as implicações podem caracterizar um sistema coerente de conceitos metafóricos e um sistema correspondente de expressões metafóricas para esses conceitos (Lakoff e Johnson, 1980c, p.457).

A metáfora normalmente é composta por uma grande quantidade de implicações, algumas das quais podem ser contrárias a outras, outras podem ou não ser entendidas num determinado contexto. Cada metáfora tem seu próprio sistema de implicação, que é paralelo a outros sistemas metafóricos em alguns aspetos. A implicação metafórica parece ser, mas não só um raciocínio indutivo. Ele não

envolve regras rigorosas ou fórmulas matemáticas, nem é possível ser derivado de conceitos determinados segundo regras definidas, mas é baseado na experiência humana no sentido de ser uma abstração das estruturas selecionadas de nossa compreensão das relações metafóricas que existem na experiência da cultura, história ou sociedade. O mais importante é que a implicação não apenas representa uma relação concetual, mas também serve como um exemplar ou padrão da experiência própria (Johnson, 1983, pp.376-383).

As implicações podem ser afirmações que refletem lógicas ou princípios incluídos implicitamente numa metáfora, mas não todos são expressões metafóricas, por um lado e, por outro, podem ser expressões metafóricas que não expressam diretamente uma metáfora concetual (Cienki, 2005, p.289-290).

Às vezes, numa mesma metáfora surgem expressões contrárias. Por exemplo, FUTURO ESTÁ FRENTE e FUTURO ESTÁ TRÁS na metáfora temporal. Isto tem a ver com implicações diferentes. O primeiro está relacionado com a implicação da direção do movimento, ao passo que o segundo refere-se à ordem de chegada.

Nesse caso, se estivessem várias implicações num mapeamento, havia algumas regras a respeito à preservação daquelas implicações entre domínios fonte e alvo? Consideramos que a dúvida pode ser resolvida pelos estudos de Kövecses (2000) e de Wallington (2010). Kövecses (2000) refere uma estrutura-genérica na metáfora, enquanto Wallington (2010) revela algumas invariantes num mapeamento. Com a combinação das ideias deles, entendemos que as implicações acontecem e se preservam em função de acentuações cognitivas e necessidades pragmáticas.

É consentido que a maioria dos domínios serve como domínio-fonte a vários domínios-alvo. Assim, derivam-se várias implicações. Por exemplo, o domínio de BUILDING tem muitos domínios-alvo correspondentes, tais como THEORIES ARE BUILDINGS, RELATIONSHIPS ARE BUILDINGS, A CAREER IS A BUILDING, A COMPANY IS A BUILDING, etc. (Kövecses, 2000, pp.80-81).

Então, a quantos e a que tipo de domínios-alvo se aplicam um domínio-fonte? Kövecses (2000) responde a esta questão com o conceito ao qual ele chama de *scope of metaphor* que pode ser definido como *the full range of cases*, ou seja, todos os domínios-alvo, aos quais um determinado conceito de fonte específico se aplica (Kövecses, 2000, p.80).

Podemos notar que os domínios-alvo da *teoria, relacionamento, carreira, sistema económico, empresa, grupos sociais* e *vida* parecem ser o que pode ser chamado de sistemas abstratos complexos

de um tipo ou outro. Concebemos um sistema abstrato complexo como um domínio não físico que tem muitas partes que interagem umas com as outras de maneiras complexas. Em todas as metáforas que aproveitam BUILDING como o domínio-fonte, existe uma metáfora ao nível genérico, i.e., COMPLEX ABSTRACT SYSTEMS ARE BUILDINGS. Cada metáfora tem a *main meaning focus* de diferentes aspetos do domínio-fonte (Kövecses, 2000, pp.81-82).

O que determina *main meaning focus* de algum determinado par fonte-alvo, como SISTEMAS COMPLEXOS SÃO EDIFÍCIOS? Kövecses sugere que cada domínio-fonte desempenha um papel específico na caracterização de um conjunto de alvos aos quais se aplica. O papel do domínio pode ser definido como:

Each source is associated with a particular meaning focus (or foci) that is (or are) mapped onto the target. This meaning focus (or foci) is (are) constituted by the central knowledge that pertains to a particular entity or event within a speech community. The target inherits the main meaning focus (or foci) of the source (Kövecses, 2000, p.82).

Esta explicação do papel do domínio-fonte refere-se a uma ideia de *central knowledge* que, por sua vez, de acordo com Langacker (1987), pode ser entendido como:

Central knowledge is knowledge (about an entity or event) that is conventional, generic, intrinsic, and characteristic, given the class of entities or events designated by a particular linguistic expression. Conventionality of knowledge means that some meaning specification (like a property or feature) associated with an entity is shared by a linguistic community (Langacker, 1987, pp.158-161, citado por Kövecses, 2000, p.82).

Kövecses retoma o exemplo de BUILDING para ilustrar o que é *central knowledge* nesta metáfora genérica COMPLEX SYSTEMS ARE BUILDINGS:

Source	Target
(a) building	→complex system
(b) making the building	→creating or developing the system
(c) the foundation of the building	→the basis of the system
(d) the maker of the building	→the creator of the system
(e) the strength of the building	→the stability or strength of the system
(f) physical structure	→abstract structure

Figura 12. Mapeamentos de COMPLEX SYSTEMS ARE BUILDINGS (Kövecses, 2000)

O significado principal que é socialmente aceite do conceito de *construção* como fonte é *a construção de um edifício forte*. Por isso, esta ideia vai ser mapeada para o domínio-alvo. Nesse processo ocorre alguns mapeamentos constituintes básicos. Destes, um ou alguns são mais importantes do que outros.

Já os mapeamentos que parecem ser centrais na metáfora SISTEMAS COMPLEXOS SÃO EDIFÍCIOS, ou seja, aqueles sem os quais não poderíamos facilmente imaginar os outros, são (b), (e) e (f) acima. Esses mapeamentos são mapeamentos centrais. Os mapeamentos podem ser considerados como centrais se mapearem o que chamamos de *main meaning focus* desde o domínio-fonte para o domínio-alvo. O domínio-fonte do edifício pode ter um grande número de significados diferentes associados a ele, mas para fins de metáfora (como COMPLEX SYSTEMS ARE BUILDINGS) ele carrega um conjunto pequeno, mas coerente, de significados específicos: a construção forte e sólida de um edifício. Sendo assim, as implicações devem ocorrer com mais frequência no *main meaning focus*.

Kövecses (2000) enfatiza que nos mapeamentos de um domínio-fonte com diferentes domínios-alvo existe uma estrutura comum que funciona como causa daqueles mapeamentos. Esta estrutura comum faz parte essencial da cognição do domínio-fonte. A ideia de Wallington (2006, 2010) embora seja construída a partir dos mapeamentos entre domínio-fonte e um domínio-alvo correspondente, é consistente parcialmente com Kövecses, i.e., enfatiza a importância da estrutura genérica que é invariante nos mapeamentos. Wallington (2006, 2010) acrescenta ainda uma lista que contém algumas metáforas exemplificadas, na qual os componentes invariantes subjacentes a mapeamentos metafóricos são chamados de *View-Neutral Mapping Adjuncts* (VNMA).

Segundo Wallington (2010), em vez de procurar a sistematicidade metafórica por meio de chamar mapeamentos e correspondências entre domínios bem definidos, é melhor prestar mais

atenção aos mapeamentos centrais, nos quais apenas algumas informações de um determinado tipo são transferidas desde fonte para alvo:

Such information will be inferred as holding of the situation described by the metaphorical utterance if the producer and interpreter of the utterance in its context can follow the necessary chain of inferences to the relevant abstract information types (Wallington, 2010, p.220).

Os tipos de inferência que transferem invariavelmente são variáveis de metáfora para metáfora. Então, quais tipos de informação invariante podem ser transferidos? Wallington refere-os como *View-Neutral Mapping Adjuncts* (VNMA):

(...) *adjuncts* because they accompany, or are an adjunct to, traditional source-domain to target-domain mappings, and *view-neutral* because they can apply regardless of which *metaphorical view* one is taking in what follows, I shall list a number of different types of information which seem to get transferred between source and target by these VNMA. In each case, I also attempt briefly to motivate the particular VNMA by giving a few examples of the invariant transfer of the type of information being discussed, using a range of what might be thought of as different source and target domains. P,224 VNMA are adjuncts to a core mapping (Wallington, 2010, p.238).

No seu estudo anterior, Wallington e Barnden (2006) apresentam alguns tipos de VNMA, tais como TIME-ORDER, EVENT-SHAPE, e Wallington (2010) acrescenta a lista no estudo posterior com exemplos de CAUSATION/ABILITY/FUNCTION, etc.

TIME-ORDER indica que a ordem de acontecimento dos eventos no domínio-fonte é transferida de maneira imutável para o domínio-alvo caso haja nele também eventos correspondentes.

A VNMA de TIME-ORDER transmite informações do tempo verbal da fonte ao alvo. Mas faz mais do que isso. A interpretação da metáfora não é uma interpretação da estrutura da superfície, ou seja, a colocação de uma fonte em correspondência com um alvo. O que mais importante é uma interferência que, por sua vez, é composta pelas implicações. Por exemplo, considera a frase: *He's gone out of his mind*. Podemos inferir que ele já esteve “em sua mente”. Esta ideia vai ser ilustrada pela TIME ORDER VNMA. Em relação a outro exemplo, *in the morning of*, aproveita-se um período de tempo do dia que é facilmente ordenado e quantificável para referir uma fase de diferentes atividades ou eventos por meio de VNMA de TIME-ORDER (Wallington e Barnden, 2006, p.7).

Wallington (2010) critica que a teoria contemporânea da metáfora tem dado demasiada atenção a procurar alguma natureza do domínio-fonte que não existe no domínio-alvo ou a enfatizar algumas

diferenças cognitivas nas quais talvez não é possível acontecer mapeamentos, mas não se concentra em descrever e catalogar os tipos de informação ou significado que são usados na metáfora. O que é necessário é, realmente, apenas a interação de algumas correspondências do conceito-fonte nuclear com o conceito-alvo, junto com a suposição de que qualquer coisa que possa ser inferencialmente ligada aos conceitos-fonte num contexto dado (Wallington, 2010, p.236).

Com base em tudo, fazemos as conclusões seguintes. Em primeiro lugar, a metáfora baseia-se numa ou nas semelhanças entre fonte e alvo quando é produzida, depois, cria-se mais semelhanças em cada nova interpretação, devido a que a metáfora é um processo dinâmico, em vez de ser um resultado estático das atividades cognitivas e linguísticas. Assim como o que é referido por Lakoff e Johnson¹⁴ (1980a), em consequência de uma metáfora é usada, haverá um entendimento único baseado no próprio contexto cultural do usuário. A criação e a interpretação de metáfora devem ser vistas como parte de um processo dinâmico que leva em conta o conhecimento (enciclopédico) dos produtores ou interpretadores de metáfora.

Para uma metáfora, deve-se ser criada consoante um conhecimento compartilhado do mapeamento nuclear fonte-alvo. No entanto, numa interpretação metafórica, as informações invariáveis que podem acompanhar tais mapeamentos e o conhecimento que permite as inferências relevantes a serem feitas irão diferir consoante cultura.

Em segundo lugar, as inferências não estão condicionadas ou restringidas por limites do domínio que, por sua vez, também não é possível serem determinados. Por exemplo, para as metáforas que tomam o esquema imagético como domínio-fonte, o que serve realmente para o mapeamento é uma parte de estrutura do esquema imagético. Então, o domínio-fonte, em vez de ser considerado como um esquema imagético, é melhor dizer que é uma parte exclusiva derivada do esquema imagético, uma vez que existem sempre alguma estrutura ou componente do esquema imagético que não participam num mapeamento. Wallington (2010) também ilustra que o domínio não é um alcance definido para o

¹⁴ As nossas metáforas têm a sua base em experiências corporificadas num contexto cultural, social e económico, por isso nenhum conceito metafórico pode ser totalmente compreendido independentemente da sua base experiencial. Ao tentarmos representar a nossa compreensão de uma determinada metáfora, temos que incluir uma descrição da sua base experiencial. Os conceitos metafóricos podem ser entendidos como *gestalt* experiencial. Ou seja, dinâmicas complexas integradas na nossa experiência. Estes conjuntos unificados têm várias dimensões de estrutura. Uma *gestalt* típica para um evento, por exemplo, é composta por dimensões como participantes (indivíduos envolvidos), partes (vários subeventos), etapas (divisão temporal em começo, meio e fim), sequência linear (ordem temporal de estágios e subeventos), causalidade (cadeias de interação causal) e objetivo (estados finais dos eventos voltados para um objetivo) (Lakoff, 1980, p.383, tradução nossa).

acontecimento de uma metáfora, uma vez que os mapeamentos ocorridos numa metáfora não conseguem formar um domínio claro:

I also noted that many of the entities, relations, attributes, and so on in particular metaphorical utterances do not have any correspondents in the target. Thus I would claim that there are empirical problems with domain-to-domain mapping approaches. (Wallington, 2010, p.236).

O mais importante não é a entidade, nem a relação ou estrutura entre entidades, mas sim os tipos de conclusões que podem ser feitas a partir delas.

A partir disso, entendemos que o nível ao qual se situam os mapeamentos não é um domínio, mas sim ao nível do quadro. Num mesmo domínio, há vários quadros. Alguns têm uma relevância forte e servem, desta maneira, como base ao estabelecimento da metáfora. Outros estão menos relevantes, pelo que são acrescentados através de um contexto cultural numa metáfora. Em todo o caso, existem componentes invariantes nos mapeamentos nucleares ou não nucleares entre fonte e alvo. Diferentes atributos ou relações que são usados para estender ou elaborar o mapeamento nuclear estão relacionados de forma bastante próxima e convencional à parte de fonte do mapeamento do núcleo, por um lado e, por outro, estão condicionados pela estrutura intrínseca da parte de alvo. Existe ainda em domínios-fonte e alvo quadros que não se fazem ligações um com outro, onde a falta de uma estrutura correspondente de domínio-alvo em relação ao domínio-fonte impediria as inferências ou estruturas cognitivas do domínio-fonte serem mapeadas para o alvo.

No que diz respeito às limitações do mapeamento, entendemos que um mapeamento não é simplesmente alguma consistência entre fonte e alvo ou uma preservação parcial de tudo, mas sim um alcance onde há uma ocorrência das implicações metafóricas que, por sua vez, pode ser dividido em tipo básico e tipo saliente. O básico é a cognição que determina a compreensão básica (ou seja, prototípica) das pessoas em relação ao domínio-fonte e ao domínio-alvo, enquanto o saliente está vinculado às diferentes necessidades pragmáticas.

Por último, o mapeamento entre os domínios fonte e alvo de uma metáfora depende de dois aspetos: cognitivo e linguístico. O aspeto cognitivo pode ser decidido por três causas: atributos, relações e inferências (ou melhor dizer, implicações). No sentido linguístico, existem também três fatores: quadro semântico, o atributo gramatical das palavras e a combinação lexical entre palavras.

CAPÍTULO 3

METÁFORAS TEMPORAIS: EM PORTUGUÊS E EM MANDARIM

Neste capítulo estudamos as correspondências metafóricas entre espaço e tempo em português e em mandarim, explorando, ainda, a motivação cognitiva de conceitos e termos espaciais em construções metafóricas de tempo.

As cognições sobre o espaço e o tempo estão bastante relacionadas. O que acabamos de dizer pela perspectiva espacial, poderíamos dizê-lo também pela perspectiva temporal (Merleau-Ponty, [1945]2012). No entanto, o tempo é um conceito complexo. Segundo o neurocientista Pöppel (1978), a experiência humana do tempo é composta por experiências bastante diferentes, nas quais temos *elementary time experiences* (experiências primárias de tempo). Pöppel divide a experiência primária de tempo em diferentes percepções: percepções de duração, da simultaneidade ou da sucessão (ou ordem dos eventos), do presente, do passado e das antecipações (Pöppel, 1978):

One elementary time experience is duration estimation; it refers to our ability to estimate how much time has elapsed between two specified events by using, for instance, conceptional time units (like seconds, hours, or weeks).

Another elementary time experience besides duration estimation and the experience of simultaneity and successiveness is characterized by our ability to record the sequence of events. The experience of *nowness* appears to be embedded in a temporal interval which has been called the “specious” or the subjective present.

Thus far, only those aspects of subjective time have been mentioned that refer to whatever lies in the past or in the present on the physical time scale. However, in order to discuss time perception appropriately, the future must also be considered. The elementary time experience that refers to the temporal organization of future actions can be called anticipation or planning (Pöppel, 1978, pp.714-716).

É aceite universalmente que existe um domínio concetual pré-linguístico do tempo cuja organização linguística é estruturada por meio do mapeamento metafórico mediante léxico do espaço e do movimento. A consistência numa sequência do surgimento dos conceitos espaciais e temporais entre a filogenia e a ontogenia apoia a ideia de que o conceito temporal tem a sua origem no conceito espacial (Adams *et al.*, 1986). Alverson (1994) listou um grande número de palavras temporais em chinês, inglês, francês e outras línguas mostrando que todas se desenvolvem a partir de semânticas espaciais. Neste contexto, confirma-se que, por um lado, a cognição e expressão do tempo devem ser

realizadas por meio da cognição espacial e do vocabulário espacial e, por outro, os domínios-fonte (principalmente o espaço e o movimento) da metáfora temporal são parecidos em diferentes línguas por causa de experiências comuns da humanidade.

As evidências psicológicas da metáfora TEMPO É ESPAÇO podem ser encontradas em trabalhos de McGlone e Harding (1998) e de Gentner *et al.* (2002). No geral, temos dois movimentos típicos no domínio temporal. Um é *ego-moving*, com o observador dinâmico, e o outro é o *time-moving*, com o observador estático. McGlone e Harding (1998) estudam os papéis desses dois movimentos numa compreensão da linguagem temporal através de duas pesquisas:

Experiment 1 used a paradigm in which the comprehension of a target temporal sentence could potentially be facilitated or disrupted by the perspective implied by prior context. In Experiment 2, prior context was manipulated in a similar fashion in an effort to influence participants' interpretations of ostensibly ambiguous temporal statements (McGlone e Harding, 1998, p.1211).

Quando as pessoas fazem inferências sobre relações temporais num texto, elas processam os conteúdos com mais fluência se a sequência de metáforas pertencer ao mesmo sistema global de metáforas. Isto quer dizer que as metáforas temporais têm realidade psicológica. Para mais, as pessoas utilizam metáforas espaciais ao pensar o tempo (Gentner *et al.*, 2002, p.538).

Embora os conceitos temporais se baseiem em experiências tão básicas quanto a experiência sensório-motora em que se fundamentam os conceitos espaciais, há diferença entre eles. Os conceitos espaciais geralmente são conceitos objetivos de imagens concretas que derivam de experiência sensório-motora relativamente simples. Em contraste, os conceitos temporais são conceitos subjetivos e surgem de experiências fenomenologicamente reais e as experiências temporais são indiretas e subjetivas (Grady, 1997).

Segundo Evans (2000, p.10), nas línguas conhecidas, temos poucas palavras que indicam especificamente o movimento ou a mudança do tempo. O tempo é, normalmente, expresso pelo vocabulário espacial. A relação entre espaço e tempo é uma coocorrência experimental. Por um lado, a percepção do tempo é inicialmente construída através do movimento do sol ou da lua com alterações do dia e da noite e, por outro, a maioria das ferramentas de mediação do tempo dependem das mudanças em posição ou estado dos objetos. Portanto, a percepção do tempo é condicionada por dois domínios, um é o domínio do espaço e o outro é o domínio do movimento. Essa ideia verifica-se em

algumas etimologias de certos caracteres chineses, tais como, 时 (shí, tempo), 日 (rì, sol, *dia*), 月 (yuè, lua, *mês*) e 年 (nián, *ano*). 时 (shí, *tempo*) é derivada da percepção da mudança da estação. Por necessidade das atividades agrícolas, os antigos chineses observam muito a conexão entre o movimento do sol e as mudanças das estações. O movimento do sol afeta as atividades agrícolas, formando assim a divisão da primavera e do outono. É uma das ideias mais primárias sobre o tempo na ideologia chinesa. 日 (rì, *dia*) representa o nascer do sol do leste e o pôr do sol do oeste, enquanto 月 (yuè, *mês*) representa a mudança mensal da lua em aparência física. O conceito de 年 (nián, *ano*), por sua vez, foi visto pela primeira vez em inscrições de ossos oraculares. A etimologia de 年 (nián, *ano*) indica maduro do grão, deriva posteriormente valores semânticos que estão relacionados com as atividades rurais, tais como, o plantio na primavera e as colheitas no outono. O sinônimo de 年 (nián, *ano*) é 岁 (suì, *ano*). Em relação ao 年 (nián, *ano*), 岁 (suì, *ano*) enfatiza um valor semântico da idade. 岁 (suì, *ano*) também apareceu muito cedo em inscrições de ossos de oráculos. É uma ferramenta de corte com o uso específico de fazer a colheita na China antiga. Naquela época, o grão estava maduro uma vez por ano, então essa ferramenta também se tornou um marcador de um período círculo. O intervalo entre dois eventos, tal como 隙 (xì, *lacuna*) ou 空 (kōng, *vazio*), indicam inicialmente um espaço livre entre dois objetos.

Uma aplicação do vocabulário espacial no domínio temporal não é, por isso, coincidência. Um vocabulário que é compartilhado entre o domínio do tempo e outros domínios, tais como o de espaço ou de movimento, tem de ser consistente com a estrutura inerente do tempo:

O 'tempo' conceituado em termos espaciais é evidente na polissemia sistemática de preposições espaciais como *em, de, para, ao longo* e muitas outras palavras que designam dimensões espaciais (por exemplo, *longo, curto, próximo, distante*), todas as quais têm sentidos temporais. Além disso, os verbos de movimento são frequentemente usados de maneira metafórica para designar a passagem do tempo (por exemplo, *o tempo voa, três anos passaram, chegará um dia em que ...*). Há também muitas manifestações não linguísticas. Por exemplo, o tempo é representado como espaço em gráficos, linhas, etc. Num relógio, a passagem do tempo é simbolizada pelo movimento de um ponteiro em torno do mostrador (Cook, 1996, p.489, tradução nossa).

Segundo H. Clark (1973), o vocabulário inglês na metáfora O TEMPO É ESPAÇO caracteriza-se por três aspetos. Em primeiro lugar, o tempo é unidimensional e deve ser expresso por termos semânticos unidimensionais:

(...) it ought to be described using one-dimensional spatial terms-that is, terms that do not presuppose two or three dimensions for their application. The appropriate adjectives are long-short and far-near, and these are certainly used in temporal expressions-e.g., *Time was short*, *The day has been long*, *The end of the world is near*, and *Monday seems so far away*. The inappropriate adjectives include wide-narrow, tall-short, high-low, deep-shallow, etc. (Clark, 1973, p.49).

Em segundo lugar, o tempo é assimétrico e direcionado. No inglês, apenas as preposições que estão relacionadas com o eixo *frente/ trás* são aproveitadas para descrever a sequencia temporal entre dois eventos. Por exemplo, *before*, *after*, *ahead*, *behind*, *in front*, *in back*, etc. Outras relações espaciais, tais como *esquerda/ direita*, não se referem à relação temporal. No caso de cima-baixo, também se encontram poucos exemplos.

Em terceiro lugar, uma vez que o tempo é concretizado por eventos que revelam mudanças, o tempo é entendido como o movimento através do espaço. Em inglês, há muitos exemplos: *Noon has come*, *Thursday has gone by*, *Through Tuesday into Tuesday night*, *Five o'clock came up on us before we knew it*, etc.(Clark, 1973, p.50).

Em resumo, o entendimento humano sobre a metáfora TEMPO É ESPAÇO é formado por três componentes. Antes de mais, é um mapeamento (desde o espaço para o tempo) da estrutura inferencial de eventos de movimento. Depois, é um mapeamento que surge em experiências sensório-motoras no espaço e se transformam numa representação temporal. Por último, as representações cognitivas de tempo são fundamentadas em nossa experiência sensório-motora (corporificada), especificamente situam-se nos eventos de movimento, onde é concetualizada e abstraída a cognição sobre o tempo. Assim, a representação linguística do tempo é uma consequência de conceitos estruturantes do tempo em termos de conceitos espaciais ou conceitos de movimento que procedem da experiência sensório-motora (Evans, 2005, p.54).

3.1. Particularidades temporais obtidas através do espaço: dimensão e sequência

3.1.1. A dimensão espacial e a quantidade temporal

Em épocas remotas, as pessoas já aproveitavam a mudança da dimensão espacial do objeto para observar e definir um horário. Por exemplo, 日晷 (*rì guǐ*, *relógio de sol*) é uma ferramenta antiga de medição que aparece no século 7 a.C., sendo formada por uma laje reta deitada na direção norte-

sul. Outra parte de 日晷 (rì guǐ, *relógio de sol*) é um pilar de pedra ereto na extremidade sul da laje. Os antigos descobriram que alguns objetos, tais como, árvores, casas, etc., tinham sombras quando expostas ao sol. As mudanças de sombra eram regulares em função da posição do sol. Portanto, erguiam um poste ou pilar de pedra num lugar plano para observar a mudança da sombra. Ao mesmo tempo, usavam uma régua para medir o comprimento da sombra. Combinaram os dados de comprimento com a direção para definir um horário. Segundo a mudança da sombra, os antigos sabiam, por um lado, os horários específicos durante um dia (a sombra mais curta indica o meio-dia) e, por outro, o ciclo das estações.

Alguns adjetivos, mesmo que sejam sinónimos no sentido de serem utilizados na mesma direção (horizontal ou vertical), são cognitivamente diferentes. Por exemplo, no eixo horizontal, *short* (*curto*) ou *long* (*longo*) indicam uma quantidade de alguma dimensão do objeto, ao passo que *near* (*perto*) ou *far* (*longe*) se referem à posição espacial de um ponto a outro. A primeira é uma dimensão quantitativa do objeto, enquanto a segunda enfatiza a posição relativa entre dois objetos. No eixo vertical, *tallness* (*altura*) em inglês está relacionado com o comprimento vertical (no sentido de extensão), ao passo que o *height* (*altura*) refere-se à distância vertical (no sentido de distância). Isto quer dizer que o primeiro denota a cognição dimensional, ao passo que o segundo representa a posição de um objeto relativa a um ponto de referência (Clark, 1973, p.38). A seguir, veremos alguns exemplos em português e em mandarim para verificar mais bases cognitivas no uso de adjetivos espaciais no domínio temporal.

3.1.1.1. Longo, curto e comprido

Bierwisch (1967, pp.13-17) acentua que *longo* e *curto* são dimensões inerentes do objeto, uma vez que não têm a ver com o ponto de referência, nem com a posição em que se coloca. A quantidade desta dimensão permanece sempre a mesma. Só que, caso o objeto seja colocado no sentido vertical, o comprimento talvez se torna em altura. O comprimento, se não for altura, não tem orientação. No inglês, em relação ao adjetivo *alto*, o adjetivo *comprido* é mais básico na dimensão espacial. Normalmente, o *longo* é a uma dimensão relativamente maior de um objeto e o *curto*, pelo contrário, é relativamente menor. Ambos não têm interpretações direcionais. O adjetivo *longo*, às vezes é usado para destacar a maior dimensão do objeto a fim de acentuar a sua função. O mesmo acontece também no caso do comprimento. O *comprimento* demonstra a dimensão máxima (no sentido

quantitativo) de um objeto pela sua ênfase em funções ou particularidades. Por exemplo, *corda longa*, *cabelo comprido*, *rio longo*, etc. Clark (1973, p.38).

No caso do português, o adjetivo *longo* indica uma extensão espacial. Ao mesmo tempo, contém uma interpretação de direção, tais como, *ao longo de*. No domínio temporal, *longo* indica uma quantidade da duração. O adjetivo *curto*, por sua vez, refere-se à extensão menor ou uma dimensão mínima do objeto relativamente a um “normal”. Este adjetivo também se aplica ao domínio temporal para indicar uma quantidade da duração: *vida curta*, *de curta*, etc. Tanto *longo* quanto *curto* em português derivam um significado de quantidade no domínio temporal. Mas não só. Em *discurso longo/curto*, *longo* e *curto* representam uma duração do tempo, implicando ainda o impacto nas emoções das pessoas, de acordo com o tempo espetável ocupado pelo evento. Quando os eventos são negativos para as percepções subjetivas, os eventos que levam mais tempo costumam ser desconfortáveis (o discurso longo), enquanto os eventos que duram pouco tempo são, pelo contrário, frequentemente percebidos como agradáveis (a vida curta).

No sentido geral, *longo* e *curto* são aplicáveis no domínio temporal devido à sua semântica de quantidade. Um objeto ganha uma direção em função do movimento, tal como os raios de luz (desde a origem de luz para fora), um rio (da localização alta para alguma baixa), uma rua (movimento do carro), etc. Então, o movimento dá aos adjetivos *longo* e *curto* uma direcionalidade. Por exemplo, *ao longo do rio* no sentido espacial e *ao longo do tempo* no domínio do tempo. Quanto ao adjetivo *curto*, não se encontra nenhum exemplo que contenha uma direção implícita.

Sendo assim, em português, a base cognitiva do mapeamento de *longo* entre o espaço e o tempo pode ser entendida pela perspectiva do movimento. Quando dizemos *esta estrada é muito longa* ou *demorou uma hora para terminar esta estrada*, a *estrada* deve ser corrida tanto pela extensão espacial quanto pela acumulação temporal. A experiência consistente entre o espaço e o tempo é a seguinte: com velocidade constante, quanto maior o trajeto em que os objetos se movem, mais tempo é necessário. Ambos os adjetivos podem descrever a mudança da duração com verbos como *prolongar* e *encurtar*.

No caso do mandarim, a semântica prototípica de 长 (*cháng*, *longo*) indica uma distância entre dois pontos que é relativamente grande e a semântica prototípica de 短 (*duǎn*, *curto*) é contrária (Wang, 2015). 长 (*cháng*, *longo*) e 短 (*duǎn*, *curto*) enfatizam não apenas uma dimensão do objeto, mas também a distância entre dois pontos. Passa-se, desta maneira, a cognição da quantidade desde

o domínio espacial para o domínio temporal. 长 (cháng, *longo*) e 短 (duǎn, *curto*) são utilizados na definição da duração do evento. Por exemplo, *as férias de verão são longas, a reunião é curta*, etc. No entanto, embora no domínio espacial haja ainda usos em termos de indicar a maior dimensão de algum objeto, tais como 长河 (cháng hé, *rio longo*), 长椅 (cháng yǐ, *banco longo*), no domínio temporal, ao expressar a quantidade de tempo, o mandarim prefere adjetivos que indicam a quantidade, tais como, 多 (duō, *muito*) e 少 (shǎo, *pouco*). Por exemplo, a frase *ele gasta muito tempo no trabalho todos os dias e tem pouco tempo livre* tem mais prioridade do que a frase *ele gasta longo tempo no trabalho todos os dias e tem curto tempo livre* num contexto comunicativo.

Além disso, em mandarim, tanto 长 (cháng, *longo*) quanto 短 (duǎn, *curto*) ganham uma direcionalidade por meio de serem combinados com verbos para descrever mudanças da duração, tais como 延长 (yán cháng, *alongar*), 缩短 (suō duǎn, *encurtar*). Neste sentido, 长 (cháng, *longo*) e 短 (duǎn, *curto*) funcionam apenas como uma ênfase da mudança da quantidade. A direção é, em princípio, indicada pelos verbos.

Em suma, tanto em português quanto em mandarim, a base cognitiva dos mapeamentos dos adjetivos *longo* (também *comprido*) e *curto* é semelhante entre o português e o mandarim. Esses adjetivos indicam uma duração mediante duas implicações: a) o tempo é metaforizado como linha e b) a duração é o comprimento da linha. Além de tudo, *longo* e *curto* referem-se à quantidade de duração com base na experiência adquirida no movimento, uma vez que o movimento resulta em acumulação de tempo.

3.1.1.2. Largo e estreito

Largo é usado no sentido de dizer um alcance relativamente maior de um plano. Assim, a interpretação de *largo* concentra-se num objeto bidimensional. *Largura* geralmente pode ser aplicada a objetos com duas ou mais dimensões. *Largura* é um termo aplicado a objetos uma vez que *altura* ou *comprimento* foi aplicado à dimensão máxima (Clark, 1973, p.39). No caso do português, o adjetivo *largo* tem três valores principais no domínio espacial: a) espaço grande: *espaço largo, mar largo*; b) quantidade grande: *em larga escala*; c) maior que o normal: *fato largo*.

No domínio do tempo, preserva-se tanto o significado de *grande* no sentido de quantidade quanto o de *maior do que o normal*. Por exemplo, *durante largo tempo, uma rua larga*. o adjetivo

estreito contém três significados contrários correspondentes: a) espaço pequeno: *jardim estreito, janela estreita*; b) fino: *fita estreita*; c) apertado: *rua estreita*.

No caso de *estreito*, preserva-se no domínio temporal a sua semântica prototípica no espaço (*o tempo apertado, o calendário apertado*). Além disso, é projetada uma interpretação de sentimento desconfortável, de ser apertado, por exemplo, *uma vida estreita*, que indica uma vida pobre. O valor semântico de *se sentir limitado* também é preservado. Tendo como exemplo, *pensamentos estritos* significa pensamentos pouco importantes, pobres, pouco originais.

No que concerne ao carácter chinês 宽 (kuān, *largo*), a sua etimologia está relacionada com um espaço dentro da casa, da qual derivam os seus outros valores (Chen e Li, 2016, p.116). Visto que a casa é normalmente um edifício que se localiza na terra, 宽 (kuān, *largo*) ganha-se a ideia *área grande* pelo lugar onde se ocupa. Mais tarde, *largo* também pode ser entendido como uma distância maior do que a normal existente entre dois pontos.

5) 房间很宽敞 *O quarto é muito largo.* (volume)

6) 太湖的水域很宽 *A superfície da água do Lago Tai é muito larga.* (área)

7) 马路很宽 *A estrada é muito larga.* (espaço largado no sentido de ter muitas faixas da rodagem)

No caso do mandarim, a semântica de 宽 (kuān, *largo*) demonstra traços dinâmicos, tais como, a direção, a extensão, etc. (Wu, 2013, p.155). No que diz respeito à direção, o adjetivo 宽 (kuān, *largo*) é entendido por duas formas: uma área ampla no sentido horizontal ou uma distância grande (em relação ao tamanho normal) entre dois pontos. Em primeiro lugar, é utilizado prioritariamente para objetos que aparecem visualmente planos. Por exemplo, 宽广的土地 (kuān guǎng de tǔ dì, *a terra larga*), 宽广的湖面 (kuān guǎng de hú miàn, *o lago largo*), etc. Esses objetos, ou melhor dizer, esses lugares têm superfícies planas e amplas. Em segundo lugar, caso os objetos se localizarem verticalmente, o *largo* indica uma dimensão horizontal que pode ser mais curta em relação à dimensão de comprimento (altura da porta), tal como 门的宽度 (mén de kuān dù, *a largura da porta*). Um objeto que aparece visualmente vertical não pode ser considerado como uma *área*, mas sim uma *expansão* em alguma dimensão quando sendo descrito por *largo*.

Quanto à extensão, a fronteira de *largo* em termos de *área* não precisa de estar dentro do campo visual. Ou seja, o espaço representado por *largo* pode se estender infinitamente. Por exemplo, *mar largo, céu largo*, etc. Sendo assim, o adjetivo *largo* é também interpretado como *muito grande* no sentido de representar um alcance maior do que o normal.

Em mandarim, 宽 (kuān, *largo*) pode ser usado para descrever a quantidade de tempo, mas 窄 (zhǎi, *estreito*) não. A razão deste facto é que, em mandarim, tal como o que acontece em português, o que é projetado desde o espaço para o tempo é o significado metafórico (ex. “sem pressão”, “sentir-se livre”) de 宽 (kuān, *largo*), em vez dos seus significados primários. Vejamos a seguir os exemplos que comprovam essa ideia.

8) 请求你再宽限我几天, 我一定还钱。

Peço-lhe que largo limite (alargue) mais alguns dias, e com certeza devolverei o dinheiro.

(*Peço-lhe que me dê mais alguns dias.*)

9) 这次考试的时间很宽裕。

Este exame tem um tempo largo rico (suficiente, abundante)

(*Você tem suficiente tempo para acabar este exame.*)

10) 时间表就应该安排的宽松些。

O horário deveria ser organizado de maneira mais larga solto (solto, folgado)

(*O horário deveria ser organizado com menos arranjo.*)

No exemplo 8), o tempo é metaforizado como contentor. A semântica de *alargar* refere-se à extensão do limite de tempo. O *largo* no Exemplo 9) indica um espaço livre dentro de um contentor temporal. O *largo* no Exemplo 10) indica uma duração (uma lacuna) suficiente entre dois eventos. Segundo os exemplos, entendemos que surgem outros dois valores semânticos do vocábulo *largo*: *fica relaxado* e *sem estresse*. Então, os valores ou significados de 宽 (kuān, *largo*), originam os sentimentos positivos devido ao espaço largo (confortável). A partir disso, formam-se, através de uma combinação com outras palavras, alguns verbos referentes a 宽 (kuān, *largo*), tais como, 宽限 (kuān xiàn, *alargar a limite, dar mais tempo a...*), 宽心 (kuān xīn, *alargar o coração, relaxar*), etc.

Em mandarim, o significado metafórico de 窄 (zhǎi, *estreito*) representa apenas um impedimento da extensão, não tendo interpretação dinâmica como a do *largo*. Portanto, o significado metafórico de 窄 (zhǎi, *estreito*) não funciona como uma semântica correspondentemente contrária do 宽 (kuān, *largo*). Em vez de utilizar a palavra *estreito* como antónimo de *largo* para dizer a carência do tempo ou a diminuição do prazo, aproveita-se o adjetivo 紧 (jǐn, *apertado*) para expressar a quantidade limitada do tempo. O adjetivo chinês 紧 (jǐn, *apertado*) está relacionado com a sensação do corpo no sentido de ser forçado e preso, assim como se veste uma camisa apertada.

11)? 这次考试很难, 做卷子的时间很窄。

O exame é difícil, uma vez que o tempo de exame é muito estreito (pouco, apertado).

12) 这次考试很难, 做卷子的很紧。

O exame é difícil, uma vez que o tempo de exame é muito apertado (pouco).

13)? 时间表可以安排的窄一些。

O horário pode ser mais estrito (ocupado).

14) 时间表可以安排的再紧些。

O horário pode ser mais apertado (ocupado).

Então, em ambas as línguas, as bases cognitivas do mapeamento de *largo* e *estrito* entre o domínio espacial e o domínio temporal são comuns:

a) Um espaço pequeno faz as pessoas se sentirem com uma pressão, reprimidas, apertadas, assim como a falta de tempo faz as pessoas se sentirem pressionadas a cumprir planos.

b) Um grande espaço faz com que as pessoas se sintam confortáveis. Pela mesma razão, o tempo suficiente deixa as pessoas sentir que não há pressão para fazer algo.

Por isso, o mapeamento acontece não é apenas no sentido de quantidade de alguma dimensão espacial, mas também em termos da pressão psicológica.

A dimensão de *largura* é extensível e adquire, desta maneira, dois valores semânticos implícitos: uma direção e um acúmulo contínuo de quantidade. Esta particularidade é idêntica à característica intrínseca do tempo. No caso de *estrito*, preserva-se apenas um limite da extensão espacial e não pode expressar um movimento oposto a algo apresentado por *largo*. Porém, o sentido de força de *estrito* é mapeado para o domínio temporal por ser um sentimento contrário de *largo*. Por isso, o uso de *largo* no domínio do tempo está envolvido em duas cognições: a primeira é a física relacionada com a extensão e a segunda é a positividade que um grande espaço traz às pessoas. No que diz respeito a *estrito*, a respetiva projeção apenas contém uma base cognitiva, i.e., um pequeno espaço dá às pessoas um sentimento psicológico depressivo.

3.1.1.3. Grande e pequeno

Os adjetivos *grande* e *pequeno* ignoram algumas características da aparência física do objeto e acentuam o seu volume, sempre relativamente a algo tido como normal. Quando a diferença física nas 3 diferentes dimensões do objeto (comprimento-largura-altura) for insignificante, este objeto pode ser considerado como cubo ou bola. Como não há dimensão proeminente, as pessoas prestam atenção à sua forma genérica. Se um objeto, tal como um cabelo ou corda, às vezes, pode ser abstratizado ou esquematizado como uma linha mediante a acentuação de uma das suas dimensões, pode-se utilizar os adjetivos *longo* ou *curto* em vez de *grande* ou *pequeno* para descrever o seu volume. No caso do português, entretanto, há usos equivalentes entre *longo* e *grande* ou entre *curto* e *pequeno*. Por

exemplo, *cabelo grande* é o mesmo do *cabelo comprido* e *corda pequena* indica *corda curta*. Assim como em mandarim, embora não se diga *cabelo grande*, temos *rio grande* no qual *grande* enfatiza o volume geral mais de longitude.

Em português, o adjetivo *grande* é também utilizado para indicar uma duração longa. Por exemplo, *um prazo grande*. O adjetivo *pequeno*, por sua vez, pode descrever a infância, tal como *de pequeno*, *em pequeno*, etc. Então, esses dois adjetivos são aplicados em termos de tempo por dois lados: a duração do tempo expresso por *grande* e a idade expressa por *pequeno*.

Em mandarim, 大 (*dà*, *grande*) e 小 (*xiǎo*, *pequeno*) aplicam-se no domínio temporal em dois aspetos: a idade e a ordem.

a) A idade

15) 您今年多大了?

Você quão grande este ano?

(*Quantos anos você tem*) •

16) 母亲年纪大了。

A idade de mãe já é muito grande.

(*A mãe está muito velha.*)

17) 我比你小。

Eu estou pequeno¹⁵ (menor) do que tu.

(*Sou mais novo que tu.*)

18) 他年纪小。

A idade dele é pequena.

(*Ele é jovem.*)

b) Ordem do nascimento

Aqueles que nascem cedo são de idades "grandes" e aqueles que nascem mais tarde têm idades "pequenas". Por exemplo, o filho mais velho é 大儿子 (*dà ér zi*, *o grande filho*), o filho mais novo é 小儿子 (*xiǎo ér zi*, *o pequeno filho*).

Outro tipo de ordem é representado pelas unidades temporais no calendário. A expressão 上周 (*shàng zhōu*, *cima semana*) significa a semana passada ao passo que 下周 (*xià zhōu*, *baixo semana*) indica a semana próxima. Com base nisso, tomamos o presente como um ponto de referência, quer seja para o passado quer seja para o futuro: duas semanas relativamente mais distantes podem ser referidas como 大上周 (*dà shàng zhōu*, *grande cima semana*, *a semana antes da semana passada*) e

¹⁵ Em mandarim, não há duas palavras diferentes para indicarem um comparativo

大下周 (dà xià zhōu, grande baixo semana, *a semana depois da próxima semana*), respectivamente. O que acontece também nas designações de dias.

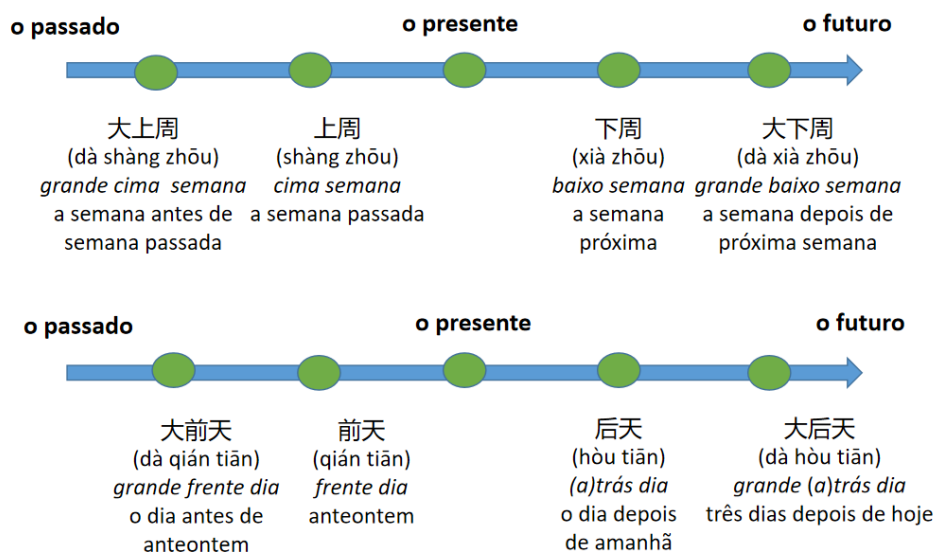


Figura 13. 大 (dà, *grande*) e 小 (xiǎo, *pequeno*) nas apresentações dos *dias*

No espaço, quanto mais remoto o objeto está de nós, maior é a distância entre o objeto e nós. Acontece o mesmo no domínio temporal. Tal como se pode observar no esquema, quando mais remoto o momento em relação ao presente (o momento da enunciação), maior é a duração entre aquele momento e o presente. Porém, não existe uma semântica de "pequeno" que é correspondente a este uso de *grande* no domínio temporal.

3.1.1.4. Profundo e superficial

A definição de *profundo* requisita uma superfície e uma dimensão interna definível verticalmente (Clark, 1973, p.39). A semântica prototípica de *profundo/superficial* indica uma distância *longa/curta* entre o ponto de partida e o ponto de chegada do movimento (visual ou corporal) dentro de um CONTENTOR (ou algo como CONTENTOR). O ponto de partida geralmente localiza-se na superfície do objeto (Jin, 2004, p.25-27). Além disso, o adjetivo *profundo* tem interpretações de direção (no geral, é de cima para baixo), de acentuação do espaço interior do objeto e de invisibilidade. Em ambas as línguas, o adjetivo *superficial* não se aplica no domínio temporal.

O adjetivo *profundo* em português é muito polissêmico. O seu significado prototípico indica uma grande distância vertical entre a superfície de um objeto e algum ponto de referência dentro daquele objeto. Por exemplo, *o mar profundo*, *o poço profundo*. Outras interpretações são: *o grau elevado*

(profunda ignorância, compreensão profunda, sentimento profundo, etc.), *difícil de entender* (ciência profunda), *um movimento na direção desde cima para baixo* ou *a voz num tom muito baixo/grave* (voz profunda), etc.

No que diz respeito ao mandarim, 深 (shēn, *profundo*) também indica uma distância vertical (de cima para baixo) ou uma extensão horizontal (de fora para dentro). De acordo com a experiência, os objetos que se colocam no profundo de um CONTENTOR (ou algo assim configurado) são difíceis de ver e chegar. Correspondentemente, *profundo* tem interpretações de invisibilidade e inacessibilidade.

O adjetivo 深 (shēn, *profundo*) em mandarim indica em princípio duas direções, uma vertical e outra horizontal. No caso da orientação vertical, refere-se à distância desde a superfície até o Fundo do contentor, tal como 深井 (shēn jǐng, *o poço profundo*), 深湖 (shēn hú, *largo profundo*), etc. Por outro lado, 深 (shēn, *profundo*) representa uma distância horizontal entre o ponto de partida e o ponto de chegada de um objeto. Por exemplo, 抽屉的深处 (chōu ti de shēn chù, *as profundezas da gaveta*) refere o fundo da gaveta no sentido de ser a sua parte mais inacessível. A distância entre a entrada e o fundo é relativamente muito longa. 深深的庭院 (shēn shēn de tíng yuàn, *o jardim profundo*), por sua vez, indica uma distância distante entre a entrada do pátio e a entrada da casa¹⁶.

Este semântico valor de 深 (shēn, *profundo*), em mandarim, volta-se para a ideia de interioridade, ou seja, 深 (shēn, *profundo*) enfatiza a dimensão interna do objeto. Por exemplo, perante o vaso, podemos dizer tanto "o vaso alto" quanto "o vaso profundo". 高 (gāo, *alto*) destaca uma altura que é observável pela visão fora do vaso, ao passo que a percepção de *profundidade* deve ser vista desde cima (a entrada do vaso) para baixo.

Em mandarim, o adjetivo 深 (shēn, *profundo*) está, para além do espacial, relacionado intimamente com o domínio temporal. A experiência do mapeamento entre o espaço e o tempo pode ser resumida como: quanto mais profunda a posição do objeto num CONTENTOR, mais tempo leva para se mover da superfície (o ponto de partida imaginado do movimento) para o fundo do CONTENTOR. Além disso, segundo Lang (1989, p.87), a direção de *profundo* tem a ver com a visão do

¹⁶ Em *jardim profundo* realmente não tem equivalente em português. Assim *profundo* em português não se pode aplicar no sentido da horizontalidade como em mandarim, mas se aplica o nome *fundo*: o fundo da gaveta, o fundo do jardim (esta ideia foi sugerida pelo orientador como falante nativo de português na leitura da tese).

observador no sentido de que se refere à distância entre um ponto onde um objeto está próximo ao observador e um ponto mais distante do observador.

Para o adjetivo 深 (shēn, *profundo*), em mandarim, as suas valências semânticas mais acentuadas são mapeadas para o domínio temporal. Uma é a direção vertical de cima para baixo e a outra é a distância interior entre o ponto de superfície próximo do observador e o fundo. O tempo, neste contexto, é metaforizado como um CONTENTOR. Alguma parte que fica mais longe da superfície frontal do CONTENTOR pode ser metaforizada como um evento que acontece mais tarde num prazo definido. Por exemplo, 深秋 (shēn qiū, profundo outono, *um período final do outono*) já fica “longe” do início do outono. Assim, entendemos que *profundo* é projetado no tempo por meio de produzir a ideia de “tarde” no sentido de se aproximar ao fim. O fundo do CONTENTOR é equivalente ao tempo final de alguma duração. No entanto, o adjetivo 浅 (qiǎn *superficial*) não tem opostos usos correspondentes no domínio temporal, uma vez que a semântica deste adjetivo não é dinâmica e extensível, mesmo que o adjetivo *superficial* tenha uma interpretação de visibilidade.

O adjetivo 深 (shēn, *profundo*), por sua vez, descreve mar, piscina, rio, buraco e outros espaços que são difíceis de atingir visualmente ao fundo, porque a luz solar é difícil de penetrar num lugar interior daqueles espaços. Quanto mais distante a profundidade, mais fraca é a luz. Obteve-se, desta maneira, o significado funcional de invisibilidade. Temos aqui alguns exemplos que ilustram essa base cognitiva durante um mapeamento entre o espaço e o tempo. A noite é invisível, mas o dia é visível. Sendo assim, *profundo* pode descrever a noite, mas não o dia.

Conclui-se que, em mandarim, a consistência em experiência de adjetivo 深 (shēn, *profundo*) entre o domínio espacial e o temporal serve como uma base da metáfora. O adjetivo 浅 (qiǎn *superficial*) não consegue ser mapeado para o domínio temporal, devido ao facto de acionar poucas experiências semelhantes entre as mudanças no espaço e as no tempo.

3.1.1.5. Conclusão

As comparações feitas entre o português e o mandarim podem ser resumidas a seguir.

Adjetivo	Usos no domínio temporal
<i>longo, curto</i>	São aplicáveis para descrever a quantidade do tempo. tempo longo = a grande duração tempo curto = a pequena duração
<i>largo, estreito (apertado)</i>	São aplicáveis para descrever a quantidade do tempo por experiência comum entre o espaço e o tempo. tempo largo = a grande quantidade de tempo tempo apertado = a pequena quantidade de tempo

Tabela 9. Semelhanças entre o português e o mandarim em aplicação de alguns adjetivos no tempo

	Português	Mandarim
<i>profundo, superficial</i>	Não se utilizam esses dois adjetivos no sentido temporal.	O adjetivo <i>profundo</i> é aplicado para dizer um evento perto do final de um período definido.
<i>grande, pequeno</i>	São aplicáveis para apresentar a idade (velha ou nova). grande = relativamente mais velha pequeno = infância, relativamente mais nova	São aplicáveis para apresentar a idade (velha ou nova). grande = adulto, relativamente mais velha pequeno = infância, relativamente mais nova
		<i>Grande e pequeno</i> também funcionam numa ordenação de eventos (a distinção entre filho velho e filho novo por sequência de nascimento, as datas no calendário, etc.)

Tabela 10. Diferenças entre português e mandarim em aplicação de adjetivos no domínio temporal

Numa visão geral, o português e o mandarim demonstram duas ideias semelhantes numa base cognitiva do mapeamento entre o domínio espacial e o domínio temporal em termos dos adjetivos. Uma é quantidade e outra é direcionalidade.

Nota-se que, nalguns pares de adjetivos espaciais, os que indicam a quantidade relativamente maior, tais como *largo, profundo* (no caso do mandarim), etc., são projetados para o domínio temporal, ao passo que os seus opostos não podem ser utilizados correspondentemente de maneira metafórica para indicar a quantidade menor do tempo. Este fenómeno acontece porque o tempo é resultado de um processo dinâmico de acumulação. Assim, o adjetivo de quantidade relativamente maior num par

ganha potencialidades semânticas de direção e extensão que cumprem a estrutura cognitiva intrínseca do tempo: o tempo é entendido como um movimento sucessivo com direção única e aumentando continuamente a quantidade. Essa estrutura cognitiva determina que o uso de palavras dimensionais de quantidade menor (*superficial, estreito, pequeno*, etc.) no domínio do tempo seja mais limitado, pois o tempo absoluto está constantemente aumentado em vez de estar diminuído.

Além disso, nem todas as vertentes semânticas prototípicas das palavras referentes à dimensionalidade espacial são mapeadas para o domínio do tempo. Palavras unidimensionais são frequentemente utilizadas em seu significado original, como *comprido, longo*, etc., para descrever a quantidade de tempo. Embora no domínio também se aproveitem as palavras de duas ou três dimensões para explicar a quantidade do tempo, costumam ser usados os seus significados metafóricos em função da experiência comum entre o espaço e o tempo. Por exemplo, a invisibilidade de *profundo* (em mandarim), a importância da posição social de *alto* e a sincronidade espacial de *grande* (o tamanho de uma pessoa é pequeno quando ela é jovem, depois torna maior o seu volume corporal no espaço com um aumento de idade).

3.1.2. A correspondência entre a relação espacial dos objetos e a sequência dos eventos

Em nossa vida cotidiana, não há experiência de espaço sem tempo, nem experiência de tempo sem espaço. Segundo Clark (1973):

Time is not just expressed with an occasional spatial simile, but rather is based on a thoroughly systematic spatial metaphor, suggesting a complete cognitive system that space and time expressions have in common (Clark, 1973, p.62).

Embora algumas línguas, como o Aimará e o Quíchua, tenham a mesma palavra (*pacha*) para designar espaço e tempo como um conceito único (Núñez e Cornejo, 2012), a maioria das línguas apresenta uma hierarquia concetual, na qual o tempo é indiretamente concetualizado pelo espaço (Haspelmath, 1997, p.18). De acordo com Mellado Blanco (2011), as línguas criam um “espaço” figurativo que pode ser “ocupado” por eventos que nele ocorrem, com uma certa distância (distal ou proximal), velocidade (lenta ou rápida) e direção (para frente, para trás, etc.).

Sendo assim, pensamos que entre o domínio espacial e o temporal existe tanto o mapeamento ontológico quanto o mapeamento epistêmico.

La proyección indica la relación entre el dominio origen y el dominio destino y se divide en dos tipos: correspondencias ontológicas y correspondencias epistémicas. La correspondencia ontológica tiene como función poner de relieve las relaciones analógicas existentes entre las partes más importantes de cada dominio, en otras palabras, conecta subestructuras entre los dos dominios. La correspondencia epistémica, a su vez, describe los factores comunes entre los dominios y traslada información desde el dominio origen al dominio destino (Bylund e Konke, 2015, p.117).

Pela perspectiva linguística, os conceitos que estão associados a experiências de espaço e movimento contribuem para estruturar os conceitos temporais, uma vez que o vocabulário de espaço ou de movimento são frequentemente utilizados com o propósito de referir os conceitos temporais (Moore, 2000 p.17).

3.1.2.1. Cognições diferentes entre o espaço e o tempo na direção

Segundo Teixeira (2001), o tempo pode ser expresso quer pelo modelo dinâmico, quer pelo(s) modelo(s) estático(s) do espaço:

(...) não é o espaço que representa o tempo: o interior branco de um círculo é uma figuração típica de um espaço, mas que nunca pode representar o tempo. Este só pode ser representado quando no espaço se delimita uma linha direcionada que representa o movimento que inclui o próprio tempo (Teixeira, 2001, pp.494-495).

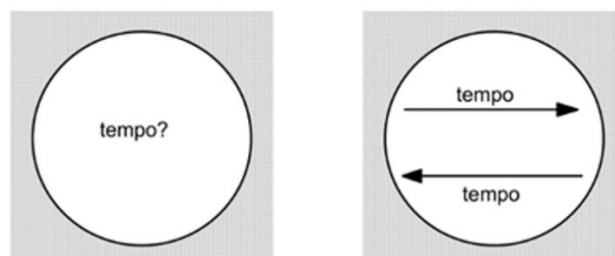


Figura 14. (FIGURA 37 no texto original, Teixeira, 2001, p. 495)

Teixeira conclui que:

(...) não é a globalidade do espaço, mas sim o espaço do movimento que representa o tempo. Só que como no movimento há sempre tempo implicado, segue-se que o representado é indissociável do representante (Teixeira, 2001, p.495).

A relação inerente entre tempo, espaço e movimento pode ser resumida em dois aspetos. Em primeiro lugar, o tempo deve ser percebido mediante o movimento. A direção do tempo vem da direção do movimento dos objetos no espaço que, por sua vez, é realmente uma produção subjetiva do ser humano. No espaço não há direcionalidade objetivamente existente. O sol ou a lua não se importa de ficar a leste ou a oeste. Somente quando as pessoas precisam de reconhecer a direção de um objeto nas atividades quotidianas, os objetos têm de ser direcionados e posicionados. Por exemplo, de acordo com a frase “há uma bicicleta na frente da biblioteca”, entendemos a localização relativa entre a bicicleta e a biblioteca por definição da direção *frente*. O tempo, por sua vez, ocorre desde algo cedo para algo tarde, sem o ponto inicial nem o ponto final. Então o tempo absoluto não tem uma direção no sentido espacial. Por isso, a direção do tempo também é um produto da cognição humana. Quando não se aproveita o calendário, ou melhor dizendo, a forma matemática para indicar um tempo ou um evento, geralmente empregamos o presente como ponto de referência para localizar um evento em função das coordenadas espaciais, assim como utilizamos as coordenadas de latitude ou longitude para definir a localização geográfica de algum objeto no espaço. Além disso, devido à irreversibilidade dos eventos, a nossa percepção do tempo tende a ser unidirecional. Neste contexto, muitas das direções simétricas, tais como direita- esquerda, sul-norte, etc., não são utilizadas para apresentar a direção do movimento do tempo.

Em segundo lugar, a sequência de eventos tem a sua origem numa ordem posicional. Por um lado, a sequência é fixa e nunca muda de perspectiva ao longo do evento, uma vez que a ordem entre o passado e o futuro não pode ser invertida. Por outro lado, devido à dualidade de perspectiva (o observador pode enfrentar o objeto com a visão para a frente ou virar a cabeça com a visão para trás), há mapeamentos diversificados entre direções espaciais (cima/baixo, frente/trás, etc.) e tendências temporais (o passado, o futuro). Por isso, convém enfatizar que as relações temporais entre os eventos são imutáveis. O que é mutável é a aplicação metafórica da direção espacial na definição da relação temporal.

3.1.2.1.1. A distinção entre a Figura e o Fundo

A maneira de localizarmos os objetos implica o reconhecimento da relação assimétrica entre um objeto que queremos localizar e um objeto a respeito do qual nós o localizamos (Talmy, 1983,

Langacker, 1986). As relações assimétricas são reconhecidas mediante o tamanho, a força suporte (contacto), a orientação, a ordem, a distância, o movimento ou uma combinação de vários. Por exemplo, uma relação possível entre o livro e a mesa é que *o livro está em cima da mesa*. Normalmente, a mesa tem o volume maior do que o livro. Este conhecimento oferece a possibilidade de indicar o livro sobre a mesa. Por isso, para perceber a relação espacial que existe a respeito dos objetos requer-se um conhecimento, pelo menos, das regras de suporte: o objeto maior suporta o menor, a menos que haja um equilíbrio entre eles (Svorou, 1994, p.7).

Se não houver uma assimetria óbvia entre um objeto de referência e um objeto que queremos localizar, damos-lhe algum tipo de assimetria. A localização do observador é uma das razões mais importantes que decide esta assimetria, nalguns casos.

Take, for instance, a situation in which we want to locate a building on a street. We may describe it as being located "on the left-hand side as you go towards downtown". The left-right asymmetry is imposed on the street by the direction of travel and the left-right asymmetry of the traveler (Svorou, 1994, p.9).

Ao apresentar a relação assimétrica entre entidades no espaço, Talmy (1983, 2000) aproveita os termos *Figure* (Figura) e *Ground* (Fundo), para indicar respetivamente o objeto a ser localizado (Figura, ou seja, objeto-alvo) e o objeto de referência (Fundo). As diferenças e particularidades entre a Figura e o Fundo são resumidas na Tabela 1 (vejam-se a secção 1.2.2.1.).

Um objeto-alvo (Figura) é normalmente considerado como um ponto sem dimensão por ser ignorada a sua particularidade geométrica. Um objeto de referência (Fundo), pelo contrário, é sempre mais sensível em relação às suas particularidades geométricas (o volume, a direção intrínseca, etc.) (Hayward e Tarr, 1995, p.43).

No entanto, às vezes, Figura e Fundo podem apresentar-se de distinção complexa um de outro, nalguns casos específicos, pelo facto de que o uso da designação Fundo pode gerar confusão quando aplicada ao espaço, pois um objeto do Fundo pode ser considerado Figura. Por exemplo, Teixeira adota a designação de Configurante em vez de Fundo porque esta designação se torna confusa quando se aplica ao espaço, porque um objeto do Fundo pode não ser o Fundo, mas a Figura. Na frase *A montanha está mesmo em frente aos meus olhos*, a montanha seria a Figura e "os meus olhos" são o Fundo/Ground, o que torna a nomenclatura confusa. No contexto do uso da língua portuguesa como

língua da escrita, os termos Figura/Configurante ficam mais claros do que Figura/Fundo. Então, aplica-se, a seguir, os termos Figura/Configurante em vez de Figura/Fundo no nosso estudo.

Então, no domínio do tempo, será que as mesmas características do domínio espacial são usadas para distinguir a Figura do Configurante? De acordo com a estrutura cognitiva sobre o tempo, não é necessário considerar a complexidade geográfica. No entanto, deve-se prestar atenção a alguns aspectos que são cognitivamente diferentes em relação ao espaço. Classificamos aqueles aspectos em dois grupos: a) características objetivas de um evento, tais como, a duração, a sequência, etc.; b) características subjetivas de um evento, tais como, a sua relevância ou a familiaridade para um falante e a causalidade dele em relação a outro evento. Verificamos todos os aspectos com alguns exemplos.

A duração não tem muito efeito numa distinção entre o evento-alvo e o evento referencial. O evento de duração longa pode ser identificado como um evento de volume maior, enquanto o evento de duração relativamente curta (inclui-se o evento transitório) é um evento de volume menor. Podemos descobrir que frases a seguir não fazem diferença.

19) *Depois de ter um intervalo (a duração curta), continuamos a reunião (a duração longa).*

20) *Antes de continuarmos a reunião, temos um intervalo.*

No entanto, quando a duração de um evento que acontece primeiro é muito mais longa do que a duração de um evento que acontece depois, a menos que os dois tenham uma relação causal, o segundo não é conveniente servir como uma referência ao primeiro. Por exemplo,

21) *?Viajamos durante um ano antes de irmos jantar ao restaurante. (viajar e jantar não estão causalmente interligados)*

22) *Viajamos durante um ano antes de vender o nosso carro. (Este carro não será mais necessário no futuro. O evento de vender o carro tem uma relação causal com o acabamento da viagem)*

Quanto à sequência entre eventos, também não é importante na opção do evento de referência, a menos que haja uma relação causal entre os dois eventos. Por exemplo, fazem ligeira diferença entre duas frases a seguir:

23) *Depois da Segunda Guerra Mundial, a sociedade sofreu muito.*

24) *? Antes da sociedade sofrer muito, aconteceu a Segunda Guerra Mundial.*

Porém, na maioria das vezes, quaisquer dois eventos podem ter uma relação causal, assim como quaisquer dois objetos possivelmente têm semelhanças, só que algumas são muito interligadas e mais visíveis, ao passo outras não.

Normalmente tratamos o evento de causa como o evento de referência para que enfatize o seu efeito a respeito ao evento resultado. Sendo assim, os eventos transitórios (eventos de pequena

duração) normalmente servem como eventos de referência (Configurante) por causa de suas funções marcantes ou decisivas numa relação da causalidade. Por exemplo,

25) *Após a Revolução dos Cravos, Portugal embarcou no caminho da democracia.*

26) *Antes do início da Guerra do Ópio, a China foi colonizada durante quase cem anos.*

No domínio do tempo, os eventos transitórios podem ser equivalentes a objetos de volumes pequenos, ao passo que os eventos contínuos são objetos de volumes grandes. Esses dois tipos de eventos (pequenos e grandes) podem ocorrer simultaneamente num período determinado, assim como um objeto de volume menor no espaço pode existir dentro de um objeto de volume maior. No entanto, há diferença entre a cognição espacial e a temporal. Por exemplo, se o gato está *na frente da igreja*, é impossível dizer que o gato está *dentro da igreja*. No domínio do tempo, mesmo que um evento aconteça antes de outro, podemos dizer que um está dentro do prazo do outro.

27) *Durante a tarde ele dormiu em casa. (É possível que ele comece a dormir ao meio-dia ou mesmo antes).*

Isto quer dizer que no tempo, as fronteiras entre eventos não são tão distintas como no espaço, uma vez que a definição do próprio evento é ambígua. Além disso, o evento transitório pode ser um ponto de referência numa relação sequencial. Isto acontece menos numa relação espacial, devido a que, no espaço, geralmente é um objeto de volume maior que serve como o ponto de referência (“O livro está em cima da mesa” é mais normal do que “A mesa está por baixo do livro”).

Quando dois eventos não estão sobrepostos no tempo, eles podem ser Figura e Configurante um para o outro. A decisão de Figura e Configurante não tem nada a ver com a duração relativa ou em ordem do acontecimento entre eles. O padrão de distinção está relacionado com a subjetividade do observador, ou seja, qual deles o observador quer destacar (a relevância) numa comunicação ou com qual ele está mais familiar.

Se dois eventos se sobrepuserem, um evento da duração relativamente longa é o Configurante e o outro que é relativamente curto é a Figura. Neste caso, este esquema é consistente com o princípio de definição de uma relação espacial habitual.

28) *Ele dorme três horas durante a tarde.*

29) ? *Ele dorme durante três horas por tarde.*

A tarde serve como o Configurante e uma duração de três horas é a Figura. Porém, o vice-versa não é adequado, porque a tarde contém mais tempo do que três horas. Esta ideia tem na sua origem uma base cognitiva de uma relação espacial. Na definição de uma relação espacial, a visão tem função

crucial. Confirmamos isto mediante uma avaliação da relação entre uma igreja (um objeto grande) e um coelho (um objeto pequeno). Vejamos a seguir duas frases:

30) *Há um coelho atrás da igreja. (Faz-se sentido caso o observador acabasse de ver o coelho correr para atrás da igreja)*

31) ? *Há uma igreja em frente ao coelho.*

De acordo com as particularidades da percepção visual, se o coelho estiver em frente da igreja, devido ao pequeno volume do coelho, este e a igreja podem ser vistos ao mesmo tempo. Desta forma, tanto o coelho quanto a igreja podem ser referidos. Mas se o coelho estiver atrás da igreja, tem grande possibilidade ser invisível, a menos que o observador saiba que o coelho está atrás da igreja. Por outro lado, também é raro dizer que a igreja está na frente do coelho. Os objetos maiores e mais estáveis são considerados como objeto de referência em vez dos menores e flexíveis, por um lado e, por outro, a visão não é possível, assim evidenciando carência de informação para localizar o coelho em relação à igreja.

Em suma, no domínio temporal, a opção do evento de referência depende mais da causalidade e da relevância subjetiva sobre um em relação ao outro. Às vezes, caso os eventos não estejam causalmente relacionados, não há necessidade de expressar a relação sequencial entre eles. Neste sentido, a sequência não tem muito efeito em distinguir o evento de referência do evento-alvo. Quanto à duração, também tem pouco efeito na opção do evento de referência.

3.1.2.1.2. A distinção cognitiva entre o espaço e o tempo

O tempo é cognitivamente considerado como uma sequência sucessiva. É designado também como *sequence position* (Moore, 2006), *complex temporal sequence* (Evans, 2004, p.197), *temporal reference-point metaphor* (Núñez e Sweetser, 2006), etc. Especificamente, o tempo é concetualizado como uma sequência de unidades (dias, anos, etc.) que corresponde, de maneira metafórica, à ordem espacial na qual se situam os objetos e observadores. No entanto, há realizações cognitivas totalmente diferentes entre espaço e tempo.

Teixeira (2001) ilustra muito bem a diferença cognitiva entre o espaço e o tempo. Primeiramente, no espaço, os componentes são independentes e desligados, enquanto no tempo os componentes são contínuos e vinculados. Uma configuração espacial prototípica faz-se, assim, entre dois elementos, Figura e Configurante, ao passo que a configuração temporal se inscreve numa escala gradativa e não

é obrigatoriamente ser configurado um em relação ao outro (Teixeira, 2001, p.481). Além disso, os vetores espaciais podem ser muitos e possuírem vários sentidos. O vetor temporal, por sua vez, é só um e de sentido único. Esta ideia de Teixeira distingue o tempo do espaço em função da dimensionalidade. O espaço é tridimensional no sentido de ser configurado com características multiangulares e multidirecionais. Uma relação entre objetos é multifacetada devido às diferentes perspectivas do observador. Às vezes, mesmo que o objeto de referência tenha uma orientação inerente (que é determinada pela sua estrutura física), a relação espacial é decidida pela orientação fisiológica do observador. Por isso, o observador tem um papel insubstituível na definição da relação espacial. Entretanto, no caso do tempo, a função do observador na definição da sequência dos eventos é discutível.

Galton (2011) conclui três atributos que são compartilhados por tempo e espaço. Eles são *extension* (extensão), *linearity* (linearidade) e *directionality* (direcionalidade). Além disso, o tempo tem um atributo exclusivo em termos de *transience* (instantaneidade). Diferentes atributos do tempo estão relacionados um com outro. A extensibilidade do tempo significa que o tempo pode ser arbitrariamente dividido em diferentes partes. O tempo só pode ser dividido num período com base na extensibilidade. *Extensibilidade* é a premissa da *linearidade*, por um lado e, por outro, pressupõe que o tempo está em movimento. O movimento indica uma instantaneidade. *Linearidade*, por sua vez, refere-se a dois tempos diferentes em qualquer sucessão temporal, um dos quais deve vir antes do outro. *Linearidade* é a premissa da *direcionalidade* do tempo (Galton, 2011).

A direção do tempo vem de nossa observação das coisas ao nosso redor, como mudanças na posição dos corpos celestes, crescimento de flores e árvores, etc. Na vida real, colocamos um copo de água sobre a mesa, mas acidentalmente derrubamos o copo, a água espirra e o copo se estilhaça. Pelo contrário, nunca vimos um copo quebrado se recompor, sair do chão e pular de volta para a mesa. Essa sequência de eventos é impossível na vida real, mas mostra que o tempo tem uma direcionalidade inerente. A direcionalidade do tempo está concretizada nos eventos que, por sua vez, sempre se desenvolvem com tendência ao futuro. A assimetria é a principal causa da direcionalidade temporal. Além disso, a direcionalidade do tempo também se reflete no nível da percepção humana. A diferença entre "passado" e "futuro" não é simétrica para nós. A diferença entre os dois se reflete em experiências, culturas, etc. O que podemos lembrar deve ser a memória do passado e é impossível lembrar do futuro. As ações atuais causarão resultados correspondentes no futuro. Na filosofia, a

"assimetria" do tempo entre passado e futuro é chamada de "flecha do tempo", que é usada para expressar a direcionalidade e a irreversibilidade do tempo. Ao contrário do tempo, o espaço é simétrico e não tem direcionalidade inerente. As coisas movem-se com muita liberdade em qualquer direção no espaço, seja para frente ou para trás, ou de um lado para o outro. Embora o espaço não tenha uma direcionalidade inerente como o tempo, nalguns casos particulares, as coisas movem-se num trajeto determinado devido à influência de fatores externos, tais como a direção da gravidade que as servem a direção de cima para baixo. As coisas sempre caem de um lugar alto para um lugar baixo, e não vice-versa.

A particularidade de *transience* (instantaneidade) significa que o que aconteceu acontece apenas uma vez. É difícil defini-la de forma formal ou rigorosa. "We only experience a time at the time we are experiencing it; a given moment only occurs once, fleetingly, at that very moment; a given time is only *present* when it is that time" (Galton, 2011, p.698). As palavras de Galton provocam considerações profundas em relação à essencialidade diferente entre espaço e tempo para a humanidade. Embora um mesmo espaço possa ser compartilhado por observadores de diferentes épocas e um mesmo tempo também possa ser compartilhado por observadores em diferentes lugares, a efemeridade do tempo resulta na sua privatização para cada pessoa. Isto significa que, cada indivíduo tem os seus próprios passado, presente e futuro, entretanto, o espaço ocupado pelo seu corpo não vai desaparecer depois ele sair de algum lugar. Além disso, a instantaneidade do tempo tem consequência nas metáforas temporais na medida que se origina não apenas do domínio ESPAÇO, mas também do domínio MOVIMENTO, uma vez que a essencialidade de *transiente* é a mudança contínua do tempo por meio do movimento. Verifica-se esta ideia com metáforas de *time-moving* e *ego-moving*.

As palavras de Galton (2011) provocam ainda considerações em relação à diferença numa cognição prototípica sobre o espaço e o tempo para a humanidade, i.e., a natureza estática do espaço e a natureza dinâmica do tempo. Obviamente, quer seja o espaço, quer seja o tempo, ambos podem ser considerados tanto estáticos quanto dinâmicos. Por exemplo, as pessoas que estão sentadas num comboio são consideradas como estáticas, mas para uma outra pessoa que está na plataforma, elas estão num estado dinâmico (estão a mover-se com o comboio). No tempo acontece a mesma coisa. O intervalo entre dois eventos é fixo, mas esses dois eventos tendem a estar cada vez mais afastados em relação ao momento da enunciação. Por isso, os estados dinâmicos e estáticos são relativos. Só que, para a vida humana, o espaço é mais visível em relação ao tempo. Portanto, o que se destaca na

cognição espacial é os objetos parados, a relação posicional entre objetos, etc. No que diz respeito ao tempo, o elemento dinâmico, i.e., a passagem da vida é mais significativa para a humana. Assim, o espaço é concretizado pelo objeto e relação entre objetos, ao passo que o tempo é configurado pela mudança dos objetos no sentido de estado, localização, tamanho, etc.

3.1.2.1.3. O papel do observador no espaço e no tempo

No espaço, o observador tem sempre a sua função na definição das direções de objetos. O espaço é concetualizado de maneira egocêntrica. O observador normalmente percebe o espaço considerando-se a si próprio como o centro ou o ponto de partida. Desta maneira, são definidos os conceitos de *cima* e *baixo*, *esquerda* e *direita*, *frente* e *atrás* (Evans, 1982, pp.153-154). No entanto, o espaço egocêntrico é, sim, mas não só, um espaço que é concetualizado com base no corpo. Numa percepção espacial, frequentemente há ainda uma participação do movimento. À medida que nos movemos, a informação espacial guia o nosso movimento de maneira direta. Por exemplo, quando vemos uma caneta, conhecemos imediatamente como a pegar com as mãos em vez de calcularmos informações sobre a distância entre nós e a caneta antes da ação de pega. Por isso, o espaço egocêntrico pode ser entendido como:

(a) is essentially subject-centered—i.e. the spatial locations of objects are defined in terms of their position vis-à-vis the subject's body; (b) provides behaviorally relevant information of an immediate kind—e.g. it would dispose a subject who desires a certain object in its visual field to move in a certain way in order to obtain that object; (c) the egocentric information provided by perception is not confined to one position: objects in the visual/auditory field can be here, there, to the left, etc.; (d) the subject's behavior is similarly not confined to one egocentric position (Le Poidevin, 2007, p.38).

Uma percepção egocêntrica é a que funciona numa perspectiva do observador numa configuração da realidade, ao passo que uma apresentação objetiva é aquela que tenta representar a realidade sem participação do observador. É fácil fazer essa distinção numa relação espacial. No caso do tempo, a função egocêntrica é confusa (Le Poidevin, 2007, p.52). É aceite que a sequência de eventos não envolve o observador. Um observador permanece no ponto de presente (o momento da enunciação) na linha temporal, mas muda a sequência dos eventos. O que acontece primeiro é *antes* e o que acontece mais tarde é *depois*. Sendo assim, ao invés do que acontece na relação espacial em que pode mudar a

perspetiva do observador, a relação temporal é imutável. Núñez e Sweetser (2006) negam que a interpretação do *tempo-RP* (*Time-Reference-Point*) requer um observador como um no domínio espacial. Mas isto não significa que não haja um papel crucial do observador implícito nalgumas expressões temporais. Na verdade, os observadores também estão envolvidos nas sequências temporais (Dewell, 2007, p.293), uma vez que a ideia de Núñez e Sweetser (2006) é correta apenas quando a sequência temporal não se refere ao momento da enunciação ou a qualquer informação deíctica. Sendo assim, embora a sequência ignore o deíctico, o observador realmente tem a sua função na determinação da sequência entre os eventos em termos de direcções espaciais.

Sabemos que há uma experiência comum entre a sequência (*anterior/posterior*) e a direcção (*frente/trás*). Moore (2000) sugere que é essa correlação experiencial que define um evento como ponto de referência por ignorar o observador para ativar a metaforização de sequência em termos de relações espaciais, tais como, antes/depois ou precedente/seguinte. Neste caso, o Ego não é necessariamente um participante.

Dewell (2007, p.293) refere três dúvidas em relação à metáfora de sequência temporal. Em primeiro lugar, em vez de pensarmos os eventos como objetos que se movem juntos sob uma ordem imutável, é mais conveniente considerá-los como pontos fixos numa linha que se estende para a frente. Em segundo lugar, porque as unidades temporais (dias, meses, anos ou eventos) são percebidas como movimento desde o momento mais afastado de nós (mais tarde) para o momento mais próximo (mais cedo) de nós num contexto de que a expressão *go on* funciona com uma direcção contrária, i.e., desde o próximo (mais cedo) para o longe (mais tarde). Por exemplo, *The war began in 1914 and went on for four years* (p.293) indica que a guerra terminou em 1918 em vez de 1910. Em terceiro lugar, é incomum dizer que *Monday will eventually reach the beginning of time before Tuesday does* (p.293). Por isso, o tempo é sucessivo, não há um ponto do começo, nem um ponto final. Então, caso tudo no tempo se esteja a mover sob uma ordem, onde ficará o ponto de referência do movimento da *terça-feira*? Segundo Dewell (2007), a única solução para todas as questões é que existe uma perspetiva concetual, ou seja, um observador, numa expressão da sequência temporal:

If we are going to conceive of times as moving in tandem, then they must be moving relative to a conceptual perspective. And since the conceptual perspective is not profiled in the relation, it must play a role that is presumed as a given in the temporal domain (Dewell, 2007, pp.292-293).

O observador deve existir numa sequência temporal, mas ele não faz efeito numa definição de posição relativa dos eventos, uma vez que neste caso uma apresentação do tempo faz referência a um quadro de referências absolutas na medida que a sequência temporal é ilustrada totalmente pela ordem dos eventos.

Uma evidência da existência de observadores na sequência temporal também é confirmada pelos verbos deíticos. Ao descrever a relação entre eventos, os verbos preservam a característica deítica ao tomar um observador como o ponto de referência:

This follows as the verbs precede/follow and the prepositions before/after are only compatible with the Event Sense when it is integrated in the Complex Temporal Sequence model. This model serves to relate one event to another by virtue of imposing an in-tandem motion event (Evans, 2005, p.230).

Em português, também temos verbos referentes à sequência temporal, tais como o verbo *seguir*. No caso do mandarim, temos valores semânticos semelhantes. Por exemplo, 接着 (jiē zhe, *seguir*), 接下来 (jiē xià lái, *a seguir*). Além disso, na maioria das línguas conhecidas, temos dois verbos deíticos na expressão da sequência temporal: *vir* e *ir* (Radden, 1996). Vejamos alguns exemplos referidos por Dewell (2007):

- (1a) Tuesday comes after Monday.
- (2a) The Second World War came after the Depression.
- (3a) The sound of an explosion came after the flash.
- (4a) A reception came after the talk (Dewell, 2007, p.293).

As frases podem ser interpretadas como se estivéssemos hipoteticamente a ocupar um local na linha temporal de tal forma que, digamos, *a segunda-feira* chega ao nosso local e passa por nós antes de *a terça-feira*. A segunda-feira aparece primeiramente, "vem à mente" e a terça-feira "vem" mais tarde para substituí-la em nossa consciência. Uma é substituída por outra pela ordem determinada em vez de as duas correrem simultaneamente. O verbo *come* (*vir*) demonstra que o ponto de vista não está localizado aleatoriamente no tempo. Os eventos devem mover-se sob uma direção dirigida ao ponto de vista do observador. Desta maneira, o observador poderia encontrá-los em sequência. O observador enfrenta os eventos. Se não, não seria capaz de "vê-los" quando eles aparecem. Por outras palavras, a metáfora temporal requer uma perspectiva concetual para o observador estar a enfrentar algo "mais tarde" (assim como o Ego deítico deve enfrentar o futuro). Os eventos, por sua vez, estão a mover-se

numa mesma direção. A localização do observador na linha temporal é o momento da enunciação (Dewell, 2007).

Evans (2005) refere outro modelo da sequência temporal como *Complex Temporal Sequence Model*:

(...) the hallmark of the Complex Temporal Sequence model is that it does not conventionally include integration of the lexical concepts Present, Past and Future. Rather, this model serves to integrate temporal events of various kinds, such that they can be related as being earlier or later with respect to one another. Hence, the essential relation which derives from integrating the temporal concepts involved in this model, and their patterns of elaboration, typically involving following or preceding deictic motion, is that the temporal events are sequenced with respect to one another (Evans, 2005, p.227).

Neste contexto, o centro deíctico não é o Ego, mas sim um evento em relação ao qual o evento em questão é sequenciado (Evans, 2005, p.229).

Ainda de acordo com Evans (2005, p.231), as preposições, *in front of* (à frente) e *behind* (atrás), estão relacionados com elementos estáticos. Portanto, elas são incompatíveis com entidades espaciais que envolvem o movimento. O vocabulário temporal que é integrado no modelo de Sequência Temporal Complexa já está elaborado em termos de movimento deíctico. Sendo assim, *in front of* (pela frente) e *behind* (por atrás) não são aplicáveis na expressão de sequência. A sequência no tempo e a ordem no espaço são cognitivamente diferentes. A diferença não se limita à forma do movimento que é referido por Dewell, em vez de pensar em eventos passados como algo objetivamente móvel, parece mais natural que os considera como "locais" temporais com posições fixas na linha temporal (Dewell, 2007, p.293), mas também é manifestado em critérios de definir as direções do movimento (nas quais as mais estudadas são *frente* e *atrás*). Uma relação espacial depende mais das características internas do objeto de referência, da visão ou da posição do observador, ao passo que a sequência é definida prioritariamente pela direção do movimento do tempo.

Na opinião de Teixeira (2001), um observador pode ser entendido como um experienciador: o primeiro elemento a ser experienciado está *antes*, o elemento experienciado secundariamente está *depois*.

Ora as experiências, embora se situem simultaneamente no tempo e no espaço, só podem ser ordenadas temporalmente: entre os pontos do espaço não há uma ordem sequencial; só há entre os pontos do tempo. Quando o espaço é ordenado, é-o através de uma

sequencialização temporal. Isto implica que a configuração *antes/depois* é prioritária e intrinsecamente temporal. Todos os usos espaciais de *antes/depois* incluem o vetor temporal, mas os usos prototípicos, os temporais, não incluem o vetor espacial (Teixeira, 2001, p.488).

Embora o tempo e o espaço sejam dois sistemas cognitivos relativamente independentes, não são tão independentes no léxico. Segundo Hill (1978):

In most language the lexical resources used for representing orientation along the front/back axis in horizontal space are also used for representing temporal orientation. In certain languages, the lexical items that represent “front” and “back”, whose referential function are anchored in human anatomy itself, are *directly* used in expressing temporal orientation. (...) In many other languages, however, the lexical item for *front* and *back* do *not directly* function in both domains. The lexical roots found in this basic pair, however, are often extended in quite complex ways into the temporal domain as well as spatial (Hill, 1978, p.524).

Nalgumas línguas, o vocabulário temporal e o vocabulário espacial são exatamente coincidentes, tal como 前 (qián, *frente*)/ 后 (hòu, *trás*) em mandarim. Noutros casos, a sequência no tempo e a ordem no espaço são representados por vocabulário que acentuam propriamente o valor semântico temporal ou o espacial. Por exemplo, *before/after* e *front/back* no inglês, *antes/depois* e *frente/trás* em português. No inglês, não se diz *Monday is in front of Tuesday* (a segunda-feira está à frente da terça-feira), embora, por um lado, a localização relativa entre eles esteja estável e, por outro, os objetos espaciais que se movem em conjunto possam ser localizados com as preposições posicionais. Por exemplo, as relações espaciais entre dois corredores que estão numa mesma corrida podem ser variáveis: *ahead of*, *behind*, *in front of*, *in back of* ou *next to*. No entanto, nenhuma delas é adequada para referir uma sequência temporal. Parece que os eventos ou unidades temporais não são interpretados completamente pela metáfora posicional que é feita com base em objetos movidos conjuntamente numa certa ordem.

Propomos, então, duas hipóteses:

- a) o vocabulário usado na metáfora temporal tem efeitos no entendimento da direção do movimento temporal, o que vai resultar no grau de relevância entre o domínio-fonte e o domínio-alvo.
- b) entre o espaço e o tempo, os modelos mentais sobre o movimento do tempo também podem variar em diferentes línguas, mesmo que aquele movimento aconteça e seja percebido sob uma mesma “direção” (desde o futuro para o passado ou inverso).

A primeira hipótese pode ser confirmada tendo em vista que, em comparação com uma língua (como o português) que tem um vocabulário com interpretação acentuada num dos domínios (quer seja o domínio ESPAÇO quer seja o domínio TEMPO), o mandarim não faz diferença no valor semântico em ambos os domínios e produz mapeamentos mais abundantes entre a direção espacial (*frente/trás* ou *cima/baixo*) e a direção temporal (do passado ao futuro ou inverso). As características semânticas espaciais são preservadas e aplicadas com mais frequência no domínio do tempo na medida em que possibilita a produção da metáfora temporal. No que diz respeito à hipótese b), entendemos que a variedade dos mapeamentos nos mesmos domínios-fonte e alvo tem a ver com a diversificação das implicações (*entailments*) que, por sua vez, estão influenciadas pelas razões culturais.

3.1.2.2. O papel nuclear do eixo de *frente/trás* na cognição

O espaço pode ser percorrido em três dimensões, ao passo que o tempo é concetualizado como algo unidimensional. No entanto, os eventos futuros podem ser encontrados em vários locais ao redor do Ego, nos quais há ainda posições que estão fora de direções tradicionais (ex. *frente/trás*) (Núñez e Sweetser, 2006; Brown, 2012). Então, devemos considerar o tempo por outra perspectiva, i.e., o que é metaforicamente ordenado não é o tempo, mas sim os seus componentes contáveis (duração, unidade temporal como dia, mês ou ano) ou apresentações experimentáveis, tais como, eventos, ação, etc. Além disso, a essencialidade do tempo é dinâmica por ser entendido como mudança. Sendo assim, a direção do movimento desempenha um papel importante na ordenação dos eventos.

3.1.2.2.1. Porquê ser o eixo *frente/trás*

Embora a frequência do vocabulário espacial nas expressões temporais seja universalmente reconhecida em muitas línguas, a questão de haver alguma restrição na seleção de unidades lexicais espaciais para apresentarem relações temporais raramente tem sido levada em consideração. Os eventos, ao contrário de pessoas ou objetos que têm lados frontais e traseiras identificáveis, não possuem características fisiológicas inerentes. Assim, precisamos de entender, antes de mais, porque é que os falantes sempre definem *the earlier event* (em inglês) é *the event in front* (Traugott, 1975, p.219). Ou seja, porque é que em inglês os eventos que aconteceram mais cedo estão relacionadas

com *frente* (no espaço) enquanto os que acontecerão mais tarde estão relacionadas com *atrás* (no espaço)? A questão talvez possa ser resolvida com as palavras de Traugott (1975) e de Sternberg (1981):

(...) time is in fact an assumed relation in language, not a concrete one and whatever orientation or movement it has must be derived from the act of locating what we talk about on an imaginary time-line (Traugott, 1975, p.220).

Even a spatial series of one dimension, where things are ranged along a straight line, may have a measure of intrinsic order but certainly none of the intrinsic direction (or what some philosophers call "sense") peculiar to time (Sternberg, 1981, p.67).

Então, entendemos que o tempo não tem uma direção, mas sim tem uma ordem que é concretizada pela direção da passagem do tempo absoluto ou da sequência dos eventos. Embora a direção seja variável devido às culturas específicas em diferentes línguas, o eixo de *frente/trás* é sempre o mais utilizado. O uso prioritário de *frente/trás* nas expressões temporais pode ser entendidas mediante a base cognitiva do mapeamento entre o espaço e o tempo.

O estudo de Frishberg e Gough (1973) demonstra que em muitas línguas (francês, chinês e japonês, etc.) aproveita-se uma direção espacial para distinguir o passado, o presente e o futuro.

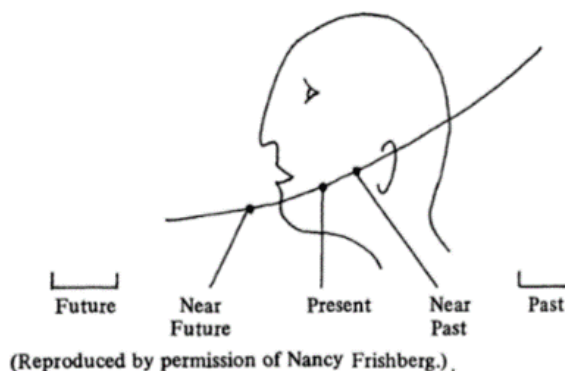


Figura 15. Frente e atrás com a referência da cara (Frishberg e Gough, 1973)

Embora nem todas as línguas façam distinções entre o passado, e o futuro, próximos ou distantes (tais distinções são, no entanto, feitas em muitas línguas ameríndias), o tempo está intimamente relacionado com os lados de *frente* e de *trás* do corpo. Casasanto e Jasmim (2012) explicam esse fenômeno com a assimetria corporal:

Known human languages use both the sagittal and vertical dimensions to describe time, which can be reflected in spatial-temporal metaphoric language. human languages generally do not use left-right space when describing time. A possible explanation might be that the body is symmetric left to right (Casasanto e Jasmim, 2012, p.658).

Sendo assim, a assimetria do corpo deve ser uma das razões principais que contribuem para o uso de *frente/trás* nas expressões temporais na maioria das línguas conhecidas, uma vez que os órgãos do lado frontal (cabeça, rosto, peito, joelhos, pés, etc.) são fisiologicamente distintos em relação aos das costas.

O movimento faz parte importante numa cognição sobre o tempo. O tempo é, realmente, concetualizado como algo dinâmico, sendo percebido através das mudanças ilustradas por diferentes eventos (Evans, 2003). Então, as particularidades dos eventos, tais como a unidirecionalidade ou a unidimensionalidade, vão ser tidas em conta ao metaforizar o tempo. Além disso, devem-se utilizar palavras que tenham relações semânticas com *avançar*, para indicar o desenvolvimento dos eventos. Por isso, a direcionalidade mais acentuada é a direção de *frente*. Nalgumas línguas, o eixo vertical de *cima/baixo* também funciona na sequência dos eventos pela assimetria entre a parte superior e a parte inferior do corpo, tanto na forma, quanto na função (Radden, 2011, p.6). Por exemplo, no caso do mandarim, o tempo mais cedo tem a ver com cabeça e o tempo mais tarde está relacionado com o cabo, i.e., uma parte final do corpo de alguns animais.

Normalmente as direções *cima/baixo* são aplicadas como indicativos num ordem das unidades temporais, tais como, 星期 (xīng qī, *semana*), 月 (yuè, *mês*).

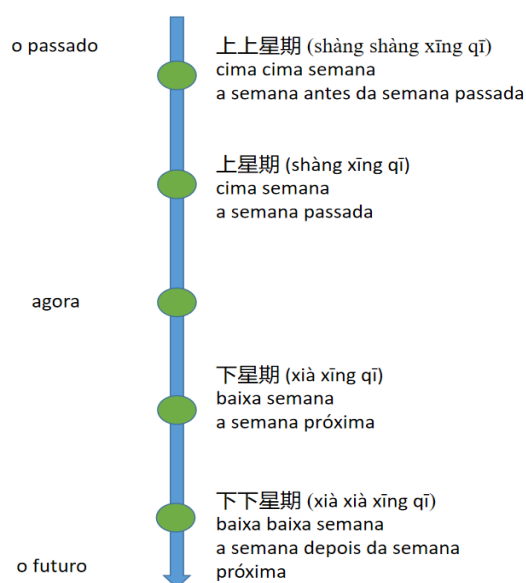


Figura 16. Relação entre o eixo cima-baixo e anterior-posterior em mandarim (com exemplos de *semana*)

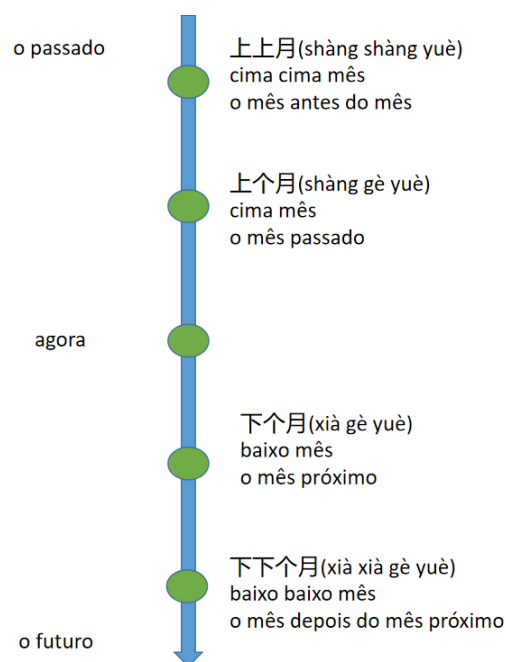


Figura 17. Relação entre o eixo cima-baixo e anterior-posterior em mandarim (com exemplos de *mês*)

Observa-se também no eixo vertical algumas expressões temporais devido à gravidade que causa um movimento automático de algum objeto no espaço, tal como o rio no caso chinês (Shinohara, 1999).

No que diz respeito à direção de esquerda para a direita, é a direção mais cultural em relação às outras duas (a horizontal no sentido de *frente/trás* e a vertical em termos de *cima/baixo*). Mesmo que sejam simétricos os lados esquerdo e direito do corpo, há diferenças funcionais refletidas na destreza das mãos (Li, 2020, p.83). Essa experiência corporificada é obtida na preferência da mão direita nas atividades quotidianas, tais como hábitos da escrita ou da leitura que, por sua vez, têm efeito enorme na percepção temporal (Santiago *et al.*, 2007, Ulrich e Maienborn, 2010). Além dos estudos que analisaram línguas que têm a direção de escrita da esquerda para a direita, há alguns que analisaram as línguas que têm a direção oposta de escrita. Por exemplo, Tversky *et al.* (1991) descobrem que os participantes árabes preferem organizar a sequência de eventos pela direção da direita para a esquerda. Fuhrman e Boroditsky (2010) descobriram o mesmo fenómeno numa comunidade linguística de hebraico.

Em mandarim, 左 (*zuǒ*, *esquerda*) e 右 (*yòu*, *direita*) são aplicados conjuntamente para expressar um alcance espacial ou uma duração. Por exemplo,

32) 下周三左右就能结束项目。

O projeto vai terminar esquerda e direita na quarta-feira (perto/por volta/cerca de quarta-feira).

33) 在中国, 完成义务就教育需要九年左右。

Na China, uma educação obrigatória necessita de nove anos esquerda e direita (por volta de 9 anos).

左 (zuǒ, *esquerda*) e 右 (yòu, *direita*) nunca se utilizam separadamente quando funcionam como indicadores temporais, ao passo que os eixos de *frente / trás* e *cima/ baixo* podem ser usados independentemente. As evidências linguísticas confirmam uma consideração prioritária em assimetria do tempo nas configurações espaciais da sequência dos eventos (Traugott, 1975, p.219).

Conclui-se que o uso prioritário de *frente/ trás* como a direção do tempo é devido a duas razões principais. Em primeiro lugar, a assimetria do corpo faz *frente/ trás* desempenhar um papel crucial na cognição espacial:

The frontal axis conforms with our frontal vision when standing upright and moving forward. Its motivation for notions of time derives from the unbounded nature of passing time: the time-line we trace in front of us and behind us is infinite (Radden, 2011, p.4).

It would be more unusual for a word meaning 'eyebrow', 'temple', 'cheek', etc. to attain new meanings through the processes of grammaticalization due to the fact that these body parts are not as indicative of human experience and are not generally considered to be as important to the characterization of one's emotions and states of mind (Waltermire, 2017, p.326).

Em segundo lugar, o tempo e o movimento estão intimamente ligados. O movimento está sempre relacionado com a mudança das posições do objeto que, por sua vez, se realiza com o tempo. *Frente/trás* não é apenas uma divisão da direção corporificada, mas também uma direção referencial do movimento. O quadro de referência de movimento é um resultado dinâmico do quadro de referências intrínsecas:

A movement RF establishes FRONT/BACK-REGIONS of entities not only by situational movement, but also by typical movement. Thus, the front of most vehicles is the side which we, as passengers, typically experience as changing place or encountering new places first. (...) objects such as shot guns and rifles, receive a "front" by the direction of movement of the contained entity when it is released by pouring out or shooting (Svorou, 1994, p.36).

Então, *frente* e *trás* são as direções mais acentuadas num deslocamento dos objetos, assim como na direção de um evento em relação ao outro ou ao Ego (que está sempre no momento da enunciação) numa linha temporal.

3.1.2.2.2. *Frente/trás* no espaço e os seus usos no tempo

No domínio espacial, *frente* ou *trás* são decididos por vários fatores. Com o propósito de acentuar os objetivos do nosso estudo, apresentamos a seguir apenas aquelas estratégias que têm efeitos em metáforas temporais.

Do ponto de vista cognitivo, a definição de *frente* ou *trás* no espaço deve ter em consideração três aspetos. Em primeiro lugar, uma relação espacial é tanto estática no sentido de ser uma relação posicional quanto dinâmica em termos de uma direção do movimento (Bowerman e Choi, 2001). Em segundo lugar, *frente* e *atrás* não indicam apenas uma direção, mas também uma região, ou seja, uma zona (Svorou, 1994, p.12). As duas partes são interligadas - a primeira decide a segunda, de certa maneira. Em terceiro lugar, *frente* ou *atrás* é definido por diferentes quadros de referência, nos quais os mais acentuados são o quadro de referências intrínsecas e o quadro de referências relativas. O primeiro é constituído pelas características estruturais ou funções do objeto de referência, não sendo modificado por mudanças na posição ou visão do observador. Ao invés, no quadro de referência relativa, *frente* ou *atrás* é determinada pela posição ou perspectiva do observador.

Com base na pesquisa existente, listamos nesta secção as estratégias para definir as direções de *frente* e *atrás* e resumimos os principais aspetos cognitivos sobre essas duas direções no espaço. Depois, estudamos se essas perspectivas cognitivas servem como base para o mapeamento da metáfora concetual de sequência.

O espaço ao nosso redor não está organizado de maneira predefinida, a menos que nós o tendamos a organizar com as direções de *frente*, *atrás*, *direita* e *esquerda* (Franklin *et al.*, 1995, p.397). O corpo humano fornece um padrão para isso. Os seres humanos, ao se orientarem no espaço, aproveitam as propriedades inerentes dos seus corpos. A característica mais importante na distinção entre o lado de *frente* e o lado *trás* é uma assimetria do corpo humano. Segundo Cox (1981), os objetos configurados, tais como corpos humanos, carros, etc., possuem características de orientação inerente de *frente*:

Featured-objects such as people, cars, etc., have inherent fronts and backs. It may well be the case that subjects will interpret the spatial terms “in front of” and “behind” as referring to these inherent features of objects. In other words, “in front of the doll” should mean near the face, and “behind the doll” should mean near the doll’s back (Cox, 1981, p.360).

No quadro de referências intrínsecas, *frente* e *atrás* são definidos através da particularidade intrínseca do corpo humano. Segundo Teixeira, é o modelo original da verificação da direção. Teixeira enfatiza que não são todas as características do corpo (direção do olhar, nariz, direção dos pés) que são obrigatórias ou têm importância idêntica para a definição de *frente* (Teixeira¹⁷, 2001, p.329).

Alguns estudos de termos espaciais nas áreas linguísticas ou psicológicas tratam *frente* e *atrás* como antónimos (Clark 1973; Clark e Clark 1978). Os termos parecem ser simetricamente opostos. No entanto, *frente* e *atrás* não são necessariamente caracterizadas com características opostas. Em alternativa, permite-se, entre *frente* e *atrás*, semânticas não correspondentes que derivam de falta da presença ou da relevância da representação cognitiva de uma palavra em relação a outra (Svorou, 1994, p.123).

Essa ideia é verificada em mandarim. Segundo Liu (1992, p.65), as estratégias da avaliação de *frente* e *atrás* em mandarim podem ser divididas em dois grupos: um é intrínseco e outro é direcionado (a direção é adquirida por movimento, por observador ou por outros motivos). O primeiro deve considerar a direção intrínseca do objeto de referência. O segundo, ao invés, ignora a sua particularidade geométrica, mas sim considera-se numa perspetiva do observador ou de outros motivos.

	前 (qián, frente)	后 (hòu, trás)
um intrínseco	前面 qián miàn frente cara o lado de cara e de visão	后面 hòu miàn atrás cara as costas
	前行 qián xíng frente andar direção de avançamento	* 后行 hòu xíng atrás andar Em mandarim, não se diz assim. Para explicar a mesma ideia, é utilizado 后退 (hòu tuì, retroceder)
	前瞻 qián zhān frente ver olhar para a frente (o futuro)	* 后瞻 hòu zhān atrás ver Não se utiliza essa palavra, devido a que a palavra 瞻 (zhān) significa <i>olhar para frente</i> ou <i>olhar para cima</i> . Em alternativa, aplica-se 回顾 (huí gù, voltar ver, <i>virar a cabeça para ver</i>).

¹⁷ "O facto de a construção da noção de *frente* não ter que ter obrigatoriamente qualquer destes elementos, podendo faltar sempre qualquer um deles todos o mesmo peso orientador. Pelos resultados obtidos conclui-se que na configuração da *frente* as diversas partes intervenientes não possuem todas a mesma importância." (Teixeira, 2001, p.329).

um direcionado	前排 qián pái frente fila fila de frente a localização de um objeto que se localiza relativamente perto do objeto de referência	后排 hòu pái atrás fila fila detrás a localização de um objeto que se localiza relativamente longe do objeto de referência
----------------	--	---

Tabela 11. Correspondências semânticas entre as palavras 前 (qián, *frente*) e 后 (hòu, *trás*) em mandarim (O símbolo * indica que a palavra não é aceite no contexto pragmático do mandarim)

O vago na semântica correspondente é entendido por dois aspetos. Em primeiro lugar, existe uma semântica na direção oposta, mas não se usa num ambiente pragmático. Por exemplo, 后 (hòu, *trás*) em mandarim tem uso de 后代 (hòu dài) para indicar gerações mais tarde ou os descendentes. Não há um uso correspondente na direção 前 (qián, *frente*) no sentido de 前代 (qián dài) num contexto pragmático, embora 前 (qián, *frente*) também tenha um valor semântico *antepassado*. Para indicar uma geração mais cedo ou pessoas mais velhas numa família, os falantes chineses preferem utilizar 先人 (xiān rén), 前人 (qián rén), etc. Em segundo lugar, não existe uma correspondência semântica entre direções opostas. Por exemplo, 前 (qián, *frente*) representa a direção que se baseia numa consistência entre a direção da cara e a direção do movimento. No sentido geral, um objeto move-se sempre para *frente*, só que esta *frente*, chamamos de 前行 (qián xíng), pode ser outras direções (para esquerda, direita, etc.) por ser definida em diferentes quadros de referência. No caso do 后 (hòu, *trás*), de qualquer maneira apresentada (a, b, c) a seguir, não podemos lhe chamar 后行 (hòu xíng, *trás*). Na Figura 18a, a direção do movimento é ainda *frente*. Na Figura 18b e 18c, é entendido como *retroceder* (Liu, 1992, p.66).

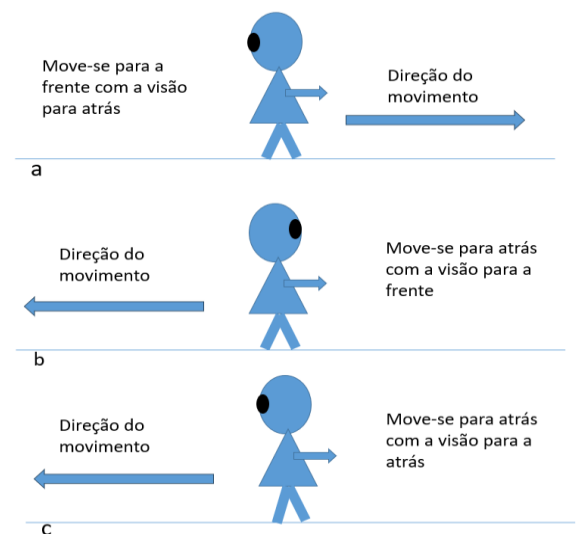


Figura 18

Por isso, a antonímia entre valores semânticos não é uma questão linguística, mas sim uma maneira como os humanos são cognitivamente construídos (Miller e Johnson-Laird, 1976).

No sentido geral, a direção *frente* é determinada pela estrutura corporal (o lado da cara é *frente* e as costas são *trás*). Em muitas línguas, a palavra *cara* adquire uma função gramatical de maneira semelhante com a de *na frente de* (Svorou, 1986). No sentido fisiológico, *frente/trás*, são aplicados num objeto que é parecido com ou funciona como o corpo humano, a fim de criar um quadro de referências relativas. Além disso, as características fisiológicas do lado da *frente* contribuem à sua aplicação em construir outros conceitos. Por exemplo, no espanhol,

(...) *frente* means 'the seat of wisdom and prudence' and is perceived as much more than just a locative. Once his abstraction occurs, the process of metonymy associates a part of the body with the whole. Instead of referring to one specific area of the body, it now refers to a much larger, more general area of the body and thus attains the qualities that are characteristic of the front of the body in general (i.e., represents the front part of an animate referent) (Rosal, 1992, p.329, citado por Waltermire, 2017, pp.331-332).

No que diz respeito à direção *trás*, temos menos estudos sobre a definição desta direção, dado que *trás* não é tão importante e frequente na construção cognitiva como *frente*. Segundo Beller *et al.* (2016):

Little is known, however, about how they proceed in dorsal settings, with objects located in their back. (...) We explore the *turn hypothesis*, which assumes a (mental) 180° turn of the observer to face the objects, converting the dorsal into a frontal situation, so that the preferred FoR variant for frontal settings can be applied. (...) references in dorsal settings should be compatible with the variant of the relative FoR adopted in frontal settings, participants' references can be explained by assuming a backward projection that gets by without a (mental) turn of the observer (Beller *et al.*, 2016, p.1384).

Há três modelos cognitivos mais comuns de *trás* em maioria das línguas conhecidas. O modelo mais universal é o antropomórfico. Depois, há um modelo zoomórfico, que aproveita nomes de corpos animais para representar partes detrás das coisas. O terceiro modelo é constituído por marco de meio ambiente (Svorou, 1988, citado por Allan, 1995). *Trás*, então, é definida principalmente em termos de oposto de *frente* do corpo, mas não o inverso, já que *frente* é o lado mais saliente e significativa do corpo (Allan, 1995, p.16).

Frente e *trás* são direções egocêntricas no sentido de serem organizadas em função de componentes inerentes do corpo do observador. A perspectiva do observador desempenha um papel essencial na definição da direcionalidade. Por exemplo, no estado estático, é difícil de definir o lado *frente* da bola, a menos que haja, ao seu redor, um observador ou algo que possua uma direção inerente. A direção *frente* de bola é variável mediante a mudança da perspectiva do observador, talvez até se tornando em *atrás* devido à perspectiva de outro quadro de referência.

No quadro de referências relativas, o objeto de referência não possui características fisiológicas para distinguir *frente* de *trás*. O quadro de referências relativas é construído com base nas coordenadas que estão originalmente ancoradas no observador (sua FRENTE/TRÁS e ESQUERDA/DIREITA) em função de diferentes estratégias geométricas. Hill (1978, p.524) refere dois tipos de transformação: *in-tandem prototype* e *mirror-image prototype* (i.e., *the face-to-face one*), enquanto Levinson (2003) sugere três: *translated* (translação), *reflected* (reflexão), *rotated* (rotação). Aproveitamos os esquemas de Beller e Bender (2017, p.118) para ilustrar as transformações referidas por Levinson (2003).

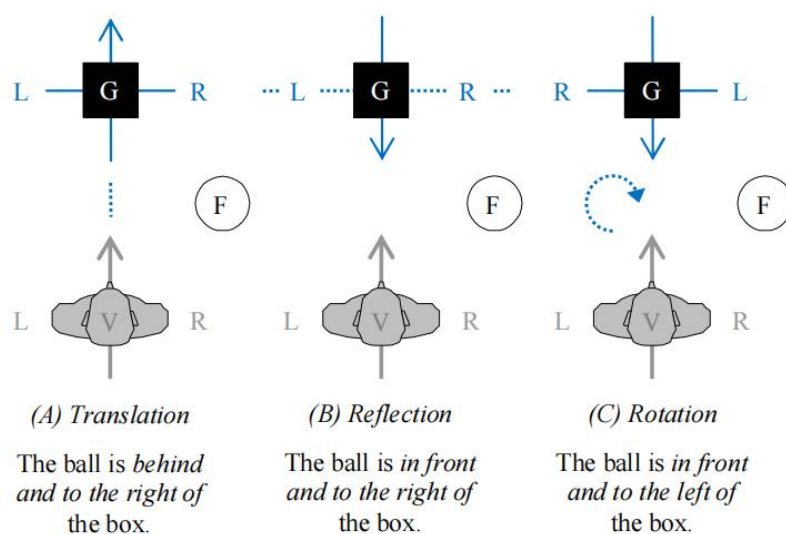


Figura 19. Variações do quadro de referências relativas para configurações frontais (Levinson, 2003, citado por Beller e Bender, 2017, Figure 1)

Na Figura 19, L/R indica *left/ right*. F/G representa *figure/ ground* e V é *viewpoint of the observer*.

The coordinate system can be *translated* into G so that FRONT is assigned in gaze direction of the observer to the space beyond G (see Figure 1A). It can be *reflected* in G so that FRONT is assigned to the space between the observer and G (Figure 1B). In both cases, assignment of LEFT and RIGHT remain unaffected. Finally, it can be *rotated* in G by 180°; in this case,

FRONT is, again, assigned to the space between the observer and G, but assignment of LEFT and RIGHT are swapped (Figure 1C) (Levinson, 2003, citado por Beller e Bender, 2017, p.118)

Um quadro de referências absolutas , cuja direção vem de um modelo espacial, configura uma relação entre dois objetos. É irrelevante se o Configurante tem uma frente intrínseca. A referência absoluta depende muito de convenções culturais. O quadro de referências intrínsecas também ilustra uma relação entre dois objetos. Porém, neste caso, o objeto de referência deve ter direções intrínsecas. Esses dois quadros de referência apresentam relações binárias. Se, além de Figura e Configurante, o ponto de vista de um observador fosse considerado, a relação seria definida por um quadro de referências relativas (Bender *et al.*, 2010, p.288).

Quando *frente* e *atrás* indicam uma região (ou uma zona), algumas características do objeto referencial (o tamanho, as funções de interação ou informação, etc.) têm efeito na distinção entre *frente* e *trás*. Por exemplo, os alcances da área frontal e da área traseira são condicionados pelo volume do objeto de referência. Uma área de *frente ao ginásio* é muito maior do que uma área de *frente à porta*. Noutros casos, a função do objeto de referência decide a assimetria do alcance. Uma área *em frente à porta* é muito maior do que uma área *detrás da porta*, uma vez que a área frontal é mais frequentada a fim de realizar ações de entrar ou sair de um espaço fechado. No que diz respeito à função informativa, entendemos que normalmente o lado frontal (ex.de um cartaz ou de um ecrã de televisão) é um lado que oferece mais informações do que o lado detrás.

O que já referimos é o valor estático de *frente* e *trás*. Estes valores também podem ser dinâmicos devido à consistência entre a direção do deslocamento e a direção inerente do corpo, ou seja, entre o quadro de referência de movimento e o quadro de referências intrínsecas. Svorou (1994, p.22) considera que o estado estático é uma consequência instantânea do estado dinâmico. O movimento, portanto, desempenha um papel crucial em nossa cognição por ser inevitável para entender o tempo. Tenbrink (2011, p.709), por sua vez, indica que o quadro de referência de movimento é um subgrupo do quadro de referências intrínsecas. Só que, no caso anterior, *frente* ou *atrás* de um objeto é determinado pelo movimento em vez das suas particularidades da aparência física. Porém, às vezes, mesmo que o movimento sirva como perspectiva para definir uma relação espacial-temporal, ele não muda a relação posicional entre o objeto-alvo e o referencial caso ambos estejam a mover-se sob uma mesma direção.

Teixeira (2001) sugere uma relação homológica entre o modelo original (a perspectiva absoluta) e o modelo do movimento. A direção do movimento é um resultado da projeção da direção inerente.

Como o movimento típico do ser humano é realizado na direção da sua frente, se se conceitualizar o espaço desse movimento como um todo, projectam-se nesse espaço as mesmas coordenadas que configuram o ser (prototipicamente) humano que o percorre (física ou intencionalmente), ou seja: configura-se o espaço percorrido da mesma forma que é configurado o ser que o percorre. Simples e eficiente. E em vez de um modelo contraditório relativamente ao original, temos, no fundo, o mesmo modelo original numa outra perspectiva: agora assimilado ao espaço do movimento (Teixeira, 2001, pp.347).

Teixeira sintetiza o processo de transformação entre o modelo original e o modelo do movimento com a Figura 20.

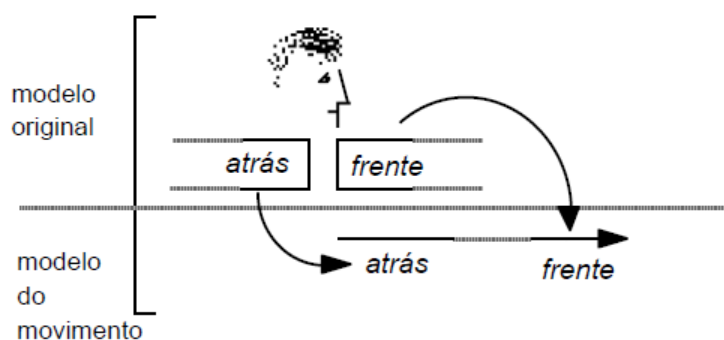


Figura 20. (FIGURA 57, Teixeira, 2001, 347)

Neste sentido, o modelo do movimento (faz-se equivalência ao quadro de referência de movimento) é um desenvolvimento dinâmico do modelo original (faz equivalência ao quadro de referências intrínsecas) através de *translation*. O movimento é frequentemente realizado para a frente. Por isso, o modelo do movimento, em vez de ser um modelo contraditório relativamente ao original, é, realmente, o modelo original pela outra perspectiva.

Quando existe o modelo do movimento, temos mais uma base cognitiva em definir *frente* e *atrás*. Por um lado, segundo os exemplos 34) e 35), entendemos que a mesma direção pode ser definida tanto como *frente* quanto *atrás*. Por outro, as direções opostas podem ser designadas por um mesmo termo, tais como os exemplos 36) e 37).

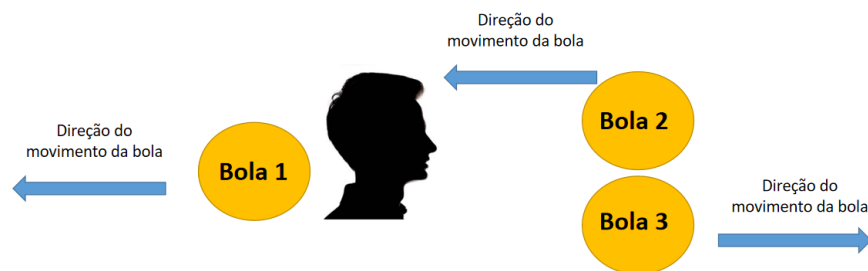


Figura 21. Entendimentos diferentes sobre a direção com a variedade do quadro de referência

- 34) *A bola 1 corre para a frente.* (no quadro de referência de movimento de si próprio)
- 35) *A bola 1 corre para atrás.* (no quadro de referências intrínsecas do observador)
- 36) *A bola 2 corre para a frente.* (no quadro de referência de movimento de si próprio ou no quadro de referências intrínsecas do observador)
- 37) *A bola 3 corre para a frente.* (no quadro de referência de movimento de si próprio ou no quadro de referências intrínsecas do observador)

Sendo assim, vê-se que é possível existir simultaneamente mais do um quadro de referência num entendimento da relação espacial. O modelo estático e o modelo dinâmico são muito diferentes. O primeiro é dominado por quadros intrínsecos e relativos, ao passo que no segundo deve-se considerar a direção provocada pelo movimento quer seja do objeto-alvo quer seja do objeto referencial:

As pointed out above, there is a fundamental difference between scenarios involving a stationary and a moving Ground. The former rely on what I will refer to as the standard system of frame of reference assignment, dominated by intrinsic and relative FoRs (Frames of Reference). The latter, by contrast, often trigger Svorou's motion-FoR (or Talmy's field-based FoR). In the motion-FoR the direction of Ground's movement determines FRONT and BACK in such a way that FRONT is [adjacent to] the direction where Ground is headed, and BACK is [adjacent to] the direction Ground is coming from (Huumo, 2019, p.613).

Numa localização espacial, há, portanto, uma coexistência de vários quadros de referência. Geralmente apenas um deles é escolhido para indicar uma relação posicional ou direcional entre o objeto-alvo (a Figura) e o objeto referencial (o Configurante). Devemos tomar a opção por um e ignorar os outros ou descobrir uma consistência entre diferentes quadros.

(...) when we say John is ahead of Mary in the queue, the queue is a secondary reference object, while the primary reference object is Mary, who is coded as the Ground in the prepositional construction. The orientation of the queue is relevant to the assignment of FRONT and BACK: a person closer to the FRONT end of the queue is in front of (or ahead of) a person

farther away from the FRONT end. Note that the example is felicitous regardless of the direction Mary is facing (Talmy, 2000, p.204).

Tenbrink (2011) refere quatro variações do quadro de referência com movimento:

- (i) Movement direction as perspective
- (ii) Movement from anywhere to locatum
- (iii) Movement from origin to locatum
- (iv) Movement from relatum (not origin) to locatum (Tenbrink, 2011, p.714)

No primeiro caso, o movimento indica uma direção em relação ao objeto referencial. Por exemplo, *The box is moved to(wards) the ball*. No segundo caso, a direção intrínseca do objeto-alvo ou do objeto referencial é substituída pela direção do movimento. O quadro de referência de movimento oferece uma direção não com base na percepção (uma direção de visão), mas sim com base na direção do movimento. No terceiro caso, o objeto-alvo dirige-se ao objeto referencial desde qualquer ponto de partida. A sua direção é definida em função do objeto referencial. Funcionam, assim, todos os quadros estáticos: o intrínseco, o relativo e o absoluto. No último caso, podemos entender que,

(...) the speaker is using their own view direction (which remains unchanged through the time of the movement). Other sources of view directions are equally possible. The end position of the movement at time t1 then again corresponds to the role of locatum. Alternatively, the perspective (which in this case determines the direction of movement) may be provided by an externally defined (or absolute) type of sequence or movement (Tenbrink, 2011, pp.709-711).

Convém enfatizar ainda que no modelo de movimento, a direção *trás* também depende muito da direção *frente*. A direção do movimento do objeto é consistente com a direção da visão. Assim, a direção do movimento é *frente* e o inverso é *trás*. No entanto, quando a direção do movimento do objeto é oposta à direção da visão, a direção do movimento do objeto é *trás* e sem a direção *frente* correspondente.

A categorização dos valores semânticos não pode ser vista como uma reflexão direta das estruturas não linguísticas, tais como cognitivas ou mentais (Bowerman, 1980). *Frente* e *atrás* não têm a mesma importância cognitiva e, consequentemente, linguística. Os estados de um objeto (e, portanto, os correspondentes modelos mentais) possíveis em *frente* não são todos obrigatoriamente possíveis em *trás* (Teixeira, 2001, p.373). Assim como o que é enfatizado por Franklin e Henkel (1995), *frente* é sempre mais cognitivamente acentuado do que *trás*.

Front, argued to be the most important horizontal region, was found to be (a)largest, (b) recalled with the greatest precision, and (c)described with the greatest degree of detail (Franklin e Henkel, 1995, p.397).

Com base em tudo o que se disse até agora, pensamos que a distinção mais essencial entre *frente* e *trás* vem da assimetria corporal. Por um lado, todos os órgãos que recebem informações localizam-se no mesmo lado do corpo. Por outro lado, a assimetria tem a ver com a opacidade do corpo.

When we say that a window faces in a particular direction, what is meant is that a human viewer looking out through the window faces in that direction. (...) A window does not have a front or a back at all because it is transparent (it follows that one-way glass does have a front and a back—the reflective side is the front) (Allan, 1995, p.22).

A assimetria entre *frente* e *atrás* existe não apenas no sentido de direção, mas também de zona. Isto quer dizer que para um objeto, a zona frontal e a traseira não são divisões geometricamente equivalentes, nem temos certeza de qual é a parte que será a maior. Henkel e Franklin (1992) pedem aos participantes numa experiência para indicarem os limites de regiões de *frente*, *atrás*, *esquerda* e *direita*. Eles indicaram a região descrita como *frente* como maior do que as regiões referidas por outras direções. No entanto, outros linguistas acreditam que *atrás* tem um espaço mais amplo em relação a *frente*. Por exemplo, no caso do inglês, *atrás* geralmente cobre uma área maior que outras direções. Além disso, a divisão do espaço por *frente/trás* é afetada dinamicamente pela orientação do objeto de referência (Imai, Nakanishi, *et al.*, 1999, p.207).

Esta assimetria semântica é oferecida não apenas pela assimetria fisiológica, mas também tem a ver com a maneira do movimento (Huomo, 2019, p.617). Uma pessoa normalmente presta mais atenção à direção do movimento (*frente*) quando ela está a mover-se, na medida em que a direção da visão geralmente é consistente com a direção do movimento. Num estado estático, uma pessoa está menos concentrada na direção de frente, assim a visão possivelmente desviar-se-á para todos os lados. O campo visual torna-se maior com a viração da cabeça. Por isso, é provável que *frente* no estado estático se refere a *zona*, ao passo que frente no estado dinâmico indica uma *direção*.

Em relação a *frente*, o valor significado de *trás* é mais condicionado, porque *trás* é entendida como uma direção dependente no sentido de ser raramente autónoma para produzir valores semânticos. Quando um objeto percorre numa linha reta, não há dúvida de que *trás* é o oposto de

frente. No entanto, há poucos movimentos que mantêm sempre uma linha reta. Por isso, a direção detrás tem de ser renovada sucessivamente em função da direção do movimento. A direção da frente está sempre a ser ajustada para indicar o destino, mas *trás* não tem a mesma importância num processo de movimento. Então, para *trás*, quando o observador está parado, é tendencialmente indicada uma direção que é oposta da visão, ao passo que no caso dinâmico, *trás* indica toda uma zona atrás do observador. Por exemplo, quando dirigimos um carro numa estrada e queremos mudar da faixa de rodagem, devemos prestar atenção aos carros que se localizam atrás do nosso carro (aqui é representado pelo carro A).

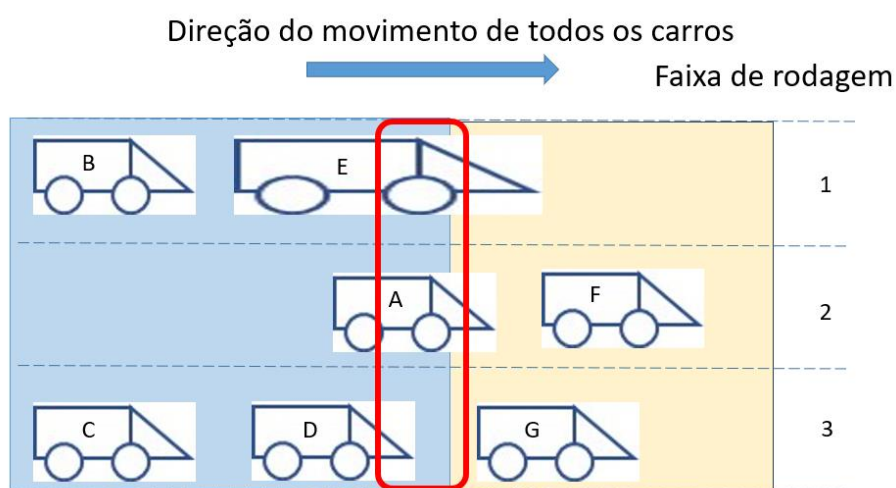


Figura 22. Entendimentos sobre *frente* e *atrás* no modelo de movimento

Neste caso, quer seja o carro B, quer seja o carro C, ambos podem ser considerados como carro detrás (estão atrás do nosso carro A). No caso do carro D, desde que a parte frontal do carro D não ultrapasse o carro A, também pode ser considerado como um carro que está atrás do carro A. Os carros F, G, pelo contrário, formam uma zona que está à frente do carro A. Neste modelo de movimento, *frente* e *trás*, em vez de representarem direções opostas, ilustram zonas não igualmente divididas (a zona em azul em relação à zona em amarelo). A localização do carro E em relação ao carro A está ambígua. Pode ser entendida tanto como à frente, devido a sua ultrapassagem, quanto atrás, por seu corpo distante. Então, possivelmente há área de sobreposição entre a zona de frente e a zona de trás (por exemplo, um alcance marcado com uma linha vermelha).

As estruturas fisiológicas determinam a maneira de interagirmos com o mundo. A partir disso, desenvolvem-se percepções sobre alguns objetos mais concretizados (sobretudo no sentido da visão)

para entender os mais abstratos, tal como o tempo. Um dos meios mais importantes de conhecer o mundo são observar o movimento. Sendo assim, as percepções diferentes sobre *frente* e *trás* vêm da direção da visão e da direção principal do deslocamento:

- a) a direção da visão → *frente* é a direção mais interativa e informativa em relação a *trás*. Assim, na maioria dos casos, *frente* é uma direção dominante, ao passo que *trás* é a anexada
- b) a direção principal do deslocamento → o tempo e o movimento estão interligados intimamente

A visão verifica a relação espacial entre objetos, servindo como um dos mais importantes meios de adquirir informações. A direção que é consistente com a visão é *à frente*, e a oposta é *atrás*. No sistema sensorial humano, a visão ocupa uma posição de destaque. Em comparação com outras sensações, tais como audição, tato, paladar, olfato, etc., a visão não apenas adquire as informações externas mais importantes de que a maioria dos humanos precisa, mas também tem a função principal de verificar a direção ou a localização. De acordo com Traugott (1975):

This visual and tactile perception indicates to us that, all things being equal, the first thing we come into contact with is in our direct line of vision (i.e., in front of us), and subsequent things are farther away: from our point of view, they are behind what we have come in contact with. This line of vision, running front-back and not sideways, is the same one which establishes the space of tense deixis (Traugott, 1975, p.220).

Teixeira (2001, pp.326-327) faz uma pesquisa para entender o grau de importância ou o peso relativo que assumem os diferentes elementos constitutivos do modelo original da frontalidade. A pesquisa contém um questionário para assinalar com uma letra (A ou B) qual a parte que parecia ser a frente de um objeto estranho. As conclusões mais acentuadas são:

- a) o facto de a construção da noção de *frente* não ter que ter obrigatoriamente qualquer dos elementos caracterizadores, podendo faltar sempre qualquer um deles.
- b) os elementos mais importantes para a delimitação da *frente* do ser humano são os olhos e os pés (Teixeira, 2001, p.329).

Com o propósito de confirmar a importância da visão na atribuição da direção *frente* para o ser vivo, Teixeira realiza outra pesquisa. Os participantes respondem à questão de qual é a verdadeira *frente* de uma cobra imaginada com os olhos numa ponta e a boca noutra.

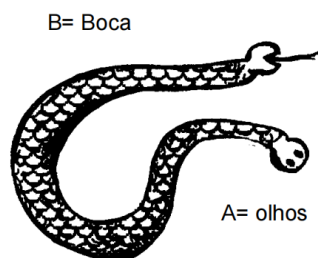


Figura 23. (FIGURA 32, originalmente em Teixeira, 2001, p.330)

O resultado não é surpreendente: *os olhos são maioritariamente determinantes da noção prospetiva da frontalidade* (Teixeira, 2001, p.330). Por exemplo, no inglês, a cognição de *frente* no sentido de visibilidade também é preservada no domínio do tempo. Segundo Traugott (1975):

Given discussion of future events, we might be tempted to assume that the orientation is established by the speaker such that the earlier event is the one nearest, therefore the most visible, the later event more mysterious, possibly even out of view (Traugott, 1975, p.219).

Embora a visão seja parte importante para verificar a direção, para os falantes do português, o mapeamento entre espaço e tempo pode não ter a ver com a visibilidade. Em português, quanto mais futura for uma ação, mais dizemos que está mais *à frente*. A visibilidade não funciona muito nas metáforas temporais neste caso por que se utiliza mais o modelo dinâmico e não o estático da visibilidade.

A visão também desempenha um papel crucial no desenvolvimento da MTL (*a horizontal Mental Time Line*) (Bottini *et al.*, 2015). Além do deslocamento físico, as atividades mais frequentes associadas à experiência visual nas línguas são a leitura e a escrita.

As people read, they move their eyes and attention 'through' both space and time. For each line of text in English, readers begin on the left of the page at an earlier time, and arrive on the right of the page at a later time. This experience is apparently sufficient to cause earlier time points to become implicitly associated with one side of space and later time points with the other (Casasanto e Bottini, 2014).

Other cultural conventions that tend to covary with orthography may also contribute to this space–time association; these may include graphic representation of time in calendars and graphs, temporal sequences in comic strips, and spontaneous gestures toward the past or the future. Crucially, all of this information is acquired visually, suggesting that visual input plays an important role in shaping the MTL (Bonato, Zorzi e Umiltà, 2012).

Devido ao facto de que a visão é acentuada no tratamento da informação recebida, *frente* torna-se numa direcção mais interativa e informativa em relação a *trás*. *Frente* no modelo de *moving-ego* é uma direcção preceptivo-interativa. Este conceito de *frente* tem a ver com as interações feitas por Ego com o mundo (Cf. Allan, 1995).

It is the front of a person that includes the face and makes him/her most readily recognizable. It is one's front that bears the most important sensory organs (eyes, ears, hands, nose, mouth) and which, consequently, is the plane that normally interacts with other people and with inanimate objects. *Back* is defined in terms of the front of the body, rather than vice versa, just because the *front* is the more salient and significant body region (Allan, 1995, p.16).

Por outro lado, no quadro mental de percepção do movimento, *frente* é uma direcção dominante de deslocamento. Na verdade, quando as pessoas se movem intencionalmente, elas normalmente dirigem-se para a frente, a menos que alguma outra direcção seja especificada:

The primary model for the notion "back" is the human being in upright stance and walking with the front of the body proceeding forward. A human normally walks in the direction of his face, and not sideways or backward, because forward is the direction over which s/he has optimal perceptual regard (cf. Clark, 1973, p.34).

É normal que *frente* seja uma direcção dominante (Moore, 2016, p.192). No que diz respeito a *trás*, entendemos que é uma direcção dependente, mas também faz parte importante no deslocamento.

Convém referir ainda que embora *frente* desempenhe um papel mais importante do que *trás* na cognição, *trás* é uma direcção que é entendida e estruturada, segundo alguns autores, mais cedo por distinguir algo visível de algo invisível:

Across languages, children produce locative *back* earlier and more frequently than *front*. On a semantic misanalysis explanation, early meaning for front and back are nonadult (nongeometric) and rely on notions of visibility and occlusion respectively. On an alternative, pragmatic inference explanation, visibility and occlusion are simply pragmatic aspects of the meaning of front and back; the profile of back can be explained by the fact that occlusion is more noteworthy compared with visibility (Grigoroglou, Johanson e Papafragou, 2019, p.729).

3.1.2.3. Nos casos particulares: português vs. mandarim

No sentido geral, usamos palavras de direcções intrínsecas (como *ahead* ou *before*) para referirmos as localizações espaciais (Bender e al, 2010, p.289). Assim, no domínio do tempo, quer

seja a localização do evento, quer seja a localização do passado/futuro, também aproveita esses termos. No entanto, em línguas que dependem inteiramente dos marcadores do meio ambiente para localizar os objetos, tal descrição não seria possível. Por exemplo, em Tenejapan Tzeltal o futuro é *up-hill* (*monte acima*) (Brown e Levinson, 1993).

É aceite que os quadros temporais de referência podem ser caracterizados como contrapartes dos espaciais (Huurno, 2019, p.611). Assim como é referido desde muito cedo por Bender (2010):

Similar to its equivalent in space, the absolute t-FoR¹⁸ describes the relation between two objects – figure F and ground G – and derives orientation from a general temporal array outside G. In the spatial domain, this oriented array is space itself, and accordingly, in the temporal domain, it is time itself (Bender *et al.*, 2010, p.289).

A ligação entre *frente/trás* e *passado/futuro* é um resultado do uso do quadro de referência espacial no domínio do tempo. No entanto, a correspondência entre a direção espacial e a sequência temporal é complexa. Antes de mais, o espaço e o tempo são essencialmente diferentes em vários aspetos. Por isso, a preservação do quadro espacial de referência no domínio temporal é parcial devido à estrutura inerente do tempo. Por exemplo, o movimento do tempo não é reversível, mas sim o movimento no espaço. Além disso, a sequência temporal é sempre uma questão de convenção cultural e pode, portanto, variar entre as línguas. Então, de que maneira os quadros de referência espacial são aplicáveis nas relações temporais? Numa visão geral, a correspondência entre uma direção espacial e uma sequência temporal é tanto variável, na equivalência linguística, quanto consistente, no sentido cognitivo. Traugott (1975, p.217) estuda uma aplicação de *frente/trás* no tempo através do inglês e apresenta as conclusões a seguir:

Modelo temporal	Correspondências entre <i>frente/trás</i> e futuro/passado	
<i>time-moving</i>	Past=in front/preceding	Future=Behind/following
<i>ego-moving</i>	Past=Behind	Future=In front

Tabela 12. Correspondências entre *frente/trás* e futuro/passado no inglês

Hill (1978) faz um estudo contrastivo entre o inglês e o haúça. Segundo os resultados (são apresentado a seguir na Tabela 13), entendemos que em ambas as línguas, uma apresentação da

¹⁸ FoR: frame of reference (em português: quadro de referência)
t-FoR: frame of reference of time

direção do tempo se baseia totalmente na direção espacial. Além disso, existem em ambas as línguas dois modelos da direção temporal. Um é *in-tandem* e o outro é *mirror-image* :

In using one prototype, an orientational field is constructed in which the points are viewed as aligned toward the point from which they are observed. This prototype will be referred to as the *mirror-image prototype* (Figura 24a) (i.e., the face-to-face one). In using the other, an orientational field is constructed in which the points are viewed as aligned with the observer(s) toward some further point. This prototype will be referred to as the *in-tandem* (Figura 24b) prototype (Hill, 1978).

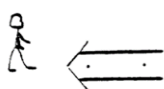


Figura 24 a *Mirror-image prototype*

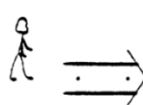
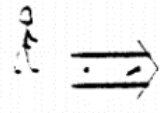
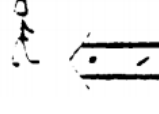


Figura 24 b *In-tandem prototype*

No entanto, existem diferenças entre o inglês e o haúça em aplicação destes dois modelos em diferentes quadros de referência ($\emptyset$ indica que não há um exemplo linguístico noutra língua):

Features of field	Languages	In-tandem prototype	Mirror-image prototype
Open field (static)	Haúça	Ice yana gaba da dutse. <i>The stick is in "in front of" the rock.</i> 	$\emptyset$
	English	$\emptyset$	<i>The stick's in back of the rock.</i> 
Closed-field (static)	Haúça	$\emptyset$	Yana baya da itace. <i>The stick is in back of the tree.</i> 
	English	$\emptyset$	<i>The stick is in back of the tree.</i> 
Open-field (dynamic)	Haúça	Itace yana gaba da dutse. <i>The tree is in front of the rock.</i>	$\emptyset$

			
English		<i>The tree is (out/up) in front of the rock.</i>	∅
			

Tabela 13. Modelos diferentes em duas línguas na representação da direção espacial (Hill,1978, p.536)

No estado estático, tal como se pode observar na Tabela 13, aqueles modelos nas duas línguas são poucos parecidos no sentido de há, entre duas línguas, apenas uma correspondência no modelo de *mirror-image prototype*. No estado dinâmico, os modelos são consistentes entre o inglês e o haúça no modelo de *in-tandem prototype*. Radden (2003) estuda mais línguas para verificar a universalidade destes dois modelos de cognição da relação entre linha temporal e linha frontal. No estudo de Radden, o *in-tandem* é designado por *ego-aligned perspective* e o *face to face* é chamado de *ego-opposed perspective*. O segundo é exclusivo de algumas línguas devido à perspetiva do observador. Apresentamos a seguir outros modelos de tempo referidos por Radden (2003) que existem em francês, italiano, alemão ou chinês.

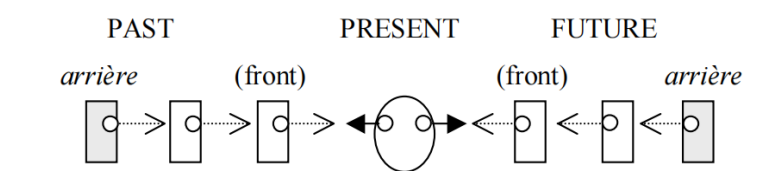


Figura 25. O modelo da perspetiva egocêntrica em francês e italiano (Figure 5: Egocentric perspective, Radden, 2003, p.233)

Há um observador que tem uma visão de olhar tanto para o futuro quanto para o passado com a perspetiva egocêntrica. O observador pode estar posicionado fora da linha temporal (Radden, 2003, p.234). Noutro caso, o observador deve estar incluído na linha temporal (a Figura 26 no caso do alemão e a Figura 27 no caso do mandarim).

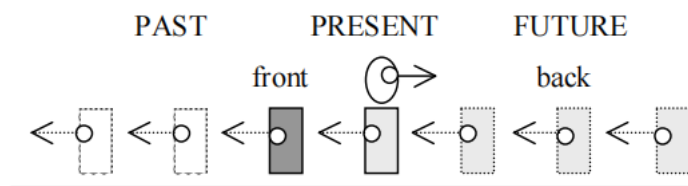


Figura 26. *Frente* indica *duas semanas atrás* no alemão (Figure 6: 'Front' denoting past time as in vorige Woche, Radden, 2003, p.234)

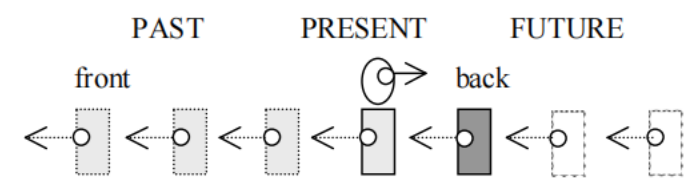


Figura 27. *Atrás* indica o tempo depois de hoje em mandarim (Figure 7: 'Back' denoting future time as in Chinese, Radden, 2003, p.235)

O movimento, portanto, desempenha um papel maior em nossa compreensão do tempo do que suas metáforas de movimento podem sugerir. Além disso, segundo H. Clark (1973), no inglês, (no modelo de movimento), o ponto de referência de *frente* não é o mesmo que o de *trás*. Por exemplo, quando consideramos uma posição de futuro, ele está *frente* quando tomamos o nosso próprio como o ponto de referência e está *atrás* se tomarmos um evento como o ponto de referência. O futuro está à frente em relação ao falante ou observador (*years ahead*), mas está atrás em relação aos eventos (*following years*):

(...) notice the *years ahead* are ahead of us, the *following years* follow other years or events. Strictly speaking then, past-in-front and future-behind is a misnomer; rather, we must speak of the correlation earlier-in-front, and later-behind, for reference is not directly to the speaker but rather to events serially ordered (Traugott, 1975, p.218).

Isto tem a ver com a diferença da direção do movimento do tempo. No modelo de *time-moving*, a direção do tempo dirige-se para o passado, ao passo que no modelo de *ego-moving*, a direção do tempo dirige-se para o futuro.

A diversificação da correspondência entre a direção espacial e a sequência temporal também é provocada pela opção variável do padrão de suas avaliações no sentido de que o entendimento de *frente/trás* no espaço envolve múltiplos quadros de referência. Muitas vezes não existe apenas uma

referência que pode definir a relação *frente/trás* entre os objetos, mas uma delas é escolhida por acentuação cognitiva ou, noutros casos, diferentes padrões de avaliação são consistentes por coincidência numa definição de uma relação espacial entre objetos.

For instance, when we say *John is ahead of Mary* in the queue, the queue is a secondary reference object, while the primary reference object is Mary, who is coded as the Ground in the prepositional construction. The orientation of the queue is relevant to the assignment of FRONT and BACK: a person closer to the FRONT end of the queue is in front of (or ahead of) a person farther away from the FRONT end. Note that the example is felicitous regardless of the direction Mary is facing (Talmy, 2000, p.204).

Neste sentido, entendemos que uma bicha não é simplesmente uma fila porque a segunda tem direções espaciais por está atribuída uma estrutura concetual do tempo. “Nem todas as filas são uma bicha. Para ver uma fila como uma bicha, deve-se projetar a estrutura concetual, tal como a noção de ordem sequencial, na fila” (Hutchins, 2005, p.1559).

Assim como no espaço, a definição de *frente* e *trás* no tempo está envolvida também em múltiplos quadros de referência. Nas metáforas do modelo de *ego-moving*, o Ego pode servir como Configurante: *Christmas is ahead [of us]* (*O Natal está à nossa frente*). Nesse caso, não é claro se o Ego é concebido como uma pessoa que encara o futuro, ou meramente como situando-se no momento da enunciação. FRONT/FRENTE e BACK/TRÁS podem ser definidas tanto pelo quadro de referências intrínsecas (“enfrentar o futuro”) quanto pelo quadro de referência de movimento (o Ego está a mover-se para o futuro) (Huumo, 2019, p.617).

Por outro lado, diferentes quadros de referência podem ser formados por diferentes valores semânticos numa mesma frase. Por exemplo, na frase *Tuesday comes after Monday*, pode haver dois quadros de referência. Um é provocado por *come* e outro é indicado por *after* (Moore, 2016, p.200). Embora não encontremos exemplos correspondentes em português e mandarim, devemos perceber que há uma coexistência de diferentes padrões espaciais da avaliação num entendimento da sequência temporal.

Além disso, a característica dinâmica do tempo é originada por mais de um quadro de referência para definir a relação entre direção e sequência. Por isso, a correspondência acontece em modelos mentais diferentes, dos quais há dois mais salientes. O primeiro refere-se à relação de sequência entre eventos. Neste contexto, o observador funciona apenas como o “observador”. A relação é estática e

imudável. O segundo está relacionado com a relação posicional entre o observador e o evento. Desta vez, o observador é um participante ou um experienciador.

Evans (2013, p.420) resume três quadros de referência temporal e lista as relações temporais em cada um deles.

	Deítico t-FoR ¹⁹	Sequencial t-FoR	Extrínseco t-FoR
Relação temporal	O futuro/o passado	Mais cedo/mais tarde	Matriz
Tipos de quadro de referência	Egocêntrico	Alocêntrico: eventos	Alocêntrico: campo
Estratégia de referência	Faz-se referência ao experienciador	Faz-se referência ao evento	Faz-se referência ao período

Tabela 14 Estratégias de referência e suas relações com os t-FoRs (Evans 2013, p.420)

No entanto, Evans não procura o estudo dos quadros de referência em diferentes línguas além do inglês. Sendo assim, com base nas ideias de Evans, definimos três correspondências entre a direção espacial e a sequência temporal:

Implicação entre o espaço e o tempo	A direção espacial	A sequência temporal
a direção (inerente) do evento	A relação entre diferentes partes de um mesmo objeto	A distinção entre o início e o fim
a direção da sequência (<i>frente/ trás e antes/ depois</i>)	A relação espacial entre dois objetos	A sequência temporal entre dois eventos
a correspondência entre <i>frente/ trás e passado/ futuro</i>	A relação entre ego (a localização de si próprio no espaço) e o objeto	A relação entre ego e evento /período (ego representa o momento da enunciação)

Tabela 15. Três correspondências entre a direção espacial e a sequência temporal

Realizamos a seguir um estudo de contraste entre o português e o mandarim acerca dessas três correspondências e tentamos descobrir as bases cognitivas no mapeamento entre *frente/ trás* e a sequência temporal e as no mapeamento entre *frente/ trás e passado/ futuro*.

3.1.2.3.1. A direção (inerente) do evento

No espaço, o uso do quadro de referências intrínsecas obriga um objeto de referência a ter de possuir uma orientação intrínseca. No caso do tempo, pouco consenso é observado nos estudos sobre

¹⁹ frame of reference of time

o que é exatamente uma orientação intrínseca (Bender e Beller, 2014, p.357). Por um lado, não se verifica uma assimetria nas entidades temporais, tais como *Natal, verão, fim de semana* ou *janeiro* (Huumo, 2019, p.616). Por outro lado, também existem dúvidas sobre qual o efeito dessa assimetria intrínseca (caso exista) nas metáforas de sequência temporal. Será que a correspondência entre *frente/ trás* e *cedo/ tarde* é causada por movimento do tempo em vez da direção inerente do evento?

Alguns linguistas consideram que o evento não tem uma direção intrínseca (Tenbrink, 2011). A sequência temporal é definida por outras direções. Por exemplo, *Next Wednesday's meeting has been moved forward two days*, nesta frase existem duas interpretações possíveis de direção:

One possible interpretation (in time) is that the direction is provided by the observer's view towards the future, determining the direction of motion. Another possibility is that the direction is towards the observer's front (looking towards the future) (Tenbrink, 2011, p.718).

A ideia de Tenbrink (2011) é apoiada por alguns exemplos de inglês: tais como *We are approaching Christmas from the front (ego-moving)* ou *Christmas is approaching us from the front (time-moving)*. Na primeira frase, o Configurante é o Natal (estático) e a Figura é o Ego (dinâmico). O quadro de referência de movimento requisita um Configurante dinâmico para definir a direção de frente. Uma vez que nesta frase o Configurante é estático, a direção não é oferecida pelo modelo de movimento. Então, caso a direção de frente fosse indicada pela direção intrínseca do Configurante (o Natal), a frase deve ser correta no sentido pragmático. No entanto, a má aceitação de frase ilustra que o Natal não tem uma direção intrínseca. Quanto à segunda frase, o Configurante é o Ego (estático) e a Figura é o evento de Natal (dinâmico). Neste caso, o Ego, em vez de representar uma pessoa com direção intrínseca de *frente/ trás*, indica somente o momento da enunciação. Devido a que o Ego (situa-se no momento da enunciação) não se está a mover, um quadro de referência de movimento também não funciona para indicar direções de *à frente* e *atrás* (Huumo, 2019, p.616).

Para Bender e Beller (2014, p. 375), *earlier* é *in-front*. Isto quer dizer que em inglês o início deve ser metaforizado como *frente*, devido a que o que acontece mais cedo está mais próximo do início dos períodos definidos do tempo, tais como *o dia* (Zinken, 2010, p.487). É verdade que nalgumas culturas o início do evento é *frente* por causa de ter uma perspectiva de enfrentar o nascer do sol.

Findings indicate that, following fundamental principles of Aymara cosmology, people, objects, and land—as a whole—are conceived as having an implicit canonical orientation facing east, a

primary landmark determined by the sunrise. The above bodily based lexicalizations are thus linguistic manifestations of a broader macro-cultural worldview and its psycho-cognitive reality (Núñez e Cornejo, 2012, p.965).

[...]

Other than the relevance of visual experience as a source of knowledge, the present study shows that times and events in time can also be conceived as having the same metaphorical canonical orientations as humans and objects- “facing” East, where earlier times (e.g., sunrise) are in front of later times (e.g., sunset). Aymara speakers appear to be able to integrate the basic inferential structure of the common Time-RP mapping for sequence time (earlier is ahead, later is behind) with the inferential organization of their unusual vision-driven Ego-RP mapping for deictic time (Núñez e Cornejo, 2012, p.979).

Sendo assim, ainda há uma correlação cultural entre *frente* e *primeiro tempo*, uma vez que o nascer do sol é a parte inicial do dia. No entanto, essa correlação que é motivada pela *cultura do nascer do sol* funciona apenas numa comunidade que tem uma tradição de valorizar assim o nascer do sol e não é universal na maioria das línguas conhecidas. Será que um evento tem uma frente intrínseca? A fim de verificar a existência da direção inerente do evento, devemos esclarecer a lógica do quadro de referências intrínsecas no espaço, ou seja, como localizamos no espaço um objeto mediante o quadro de referências intrínsecas. As palavras de Zinken (2010) podem oferecer-nos algumas ideias sobre esta questão:

Asymmetric inanimate objects are also often thought of as having intrinsic fronts and backs. (...) An utterance such as *The bike is in front of the house* can be understood in this way. The front of an inanimate object is often the side that people canonically interact with. In the case of houses, the front side would typically be the side facing the street, where the door to the house is located. Intrinsic frames of reference take diverse forms across languages, but the logic of an intrinsic frame of reference seems to be universally used to locate objects in space (Zinken, 2010, p.483).

Na verdade, a noção de *direção frente intrínseca* também é problemática quando é aplicada a objetos. Por exemplo, a parte frontal de uma televisão não é realmente intrínseca ao objeto, mas sim determinada pela maneira como as pessoas interagem canonicamente com ela (Levinson, 2003). Já conhecemos que o quadro de referências relativas no espaço é resultado de diferentes transformações geométricas do quadro de referências intrínsecas. No domínio do tempo, a situação torna-se mais complexa. Uma sequência temporal é o resultado do movimento no tempo. Então, o observador deve imaginar-se lá porque é ele que está a experimentar a passagem do tempo. A perspetiva adotada serve como quadro de referências relativas, caso os eventos não tenham direções inerentes. No entanto,

sabemos que a sequência temporal não muda ao longo da perspectiva do observador (Zinken, 2010; Evans, 2016). É confirmado que a perspectiva do observador não tem efeito na definição da relação entre *frente/trás* e *antes/depois* numa sequência temporal. Podemos entender esta ideia através da pesquisa de Zinken (2010):

I'll get some crisps *before* the match. Suppose, then, that I want to refer to the figure event in (3) in relation to the same ground event a day later. 'Looking back' onto the same events, I now say: 'Yesterday, I got crisps _____ the match'. If we understood the temporal relations between these events in an observer-anchored manner, the correct word to fill the gap would now have to be 'after' or another expression of behindness, because the figure event (getting crisps) is now no longer between the match-watching event and me. However, the correct word to fill the gap remains 'before' (Zinken, 2010, p.486).

Sendo assim, a realidade é paradoxal em termos da lógica do quadro de referências relativas das referências no espaço. O resultado pode ser explicado, por um lado, pela metáfora de comboio de Yu (1998):

(...) events in B-series²⁰ time might be conceptualised as a train, with each carriage representing an event. Irrespective of the position of an observer, the first cabin, defined by the direction of motion, will always be in front of the second one; similarly, anterior events always remain 'in front of' posterior ones (Yu, 1998, pp.106-107).

ou por outro lado, pela ideia de Talmy (2000),

Conventionalised intervals, such as the day, provide a directed field for such absolute reference, in analogy to people in a queue. Although the directedness of a queue ultimately derives from the canonical movement towards the goal of this queue, it maintains its directedness even when there is no motion. Similarly, events throughout a day can be thought of as 'adding up' one after the other at their specified dates along the temporal field much like people forming a queue do, rather than as moving like bowls rolling one behind the other on a bowling lane (Talmy, 2000, pp.203-204).

As opiniões de Yu (1998) e de Talmy (2000) têm uma ideia comum: a direção do movimento do tempo dá aos eventos uma relação sequencial que é concretizada pelos termos espaciais (direcional ou posicional) mediante a ordem dos eventos experienciados pelo observador. Além disso, como já

²⁰ A série A e a série B são duas descrições diferentes da relação de ordenação temporal entre eventos. Esses dois termos foram designados por John McTaggart em 1908.

referimos, a direção mais comum do movimento é *frente*. Por isso, a direção (inerente) do evento no tempo é possivelmente adquirida por duas maneiras: por um lado, o tempo é concretizado como uma entidade que se está a mover para a frente devido à experiência consistente entre o espaço e o tempo (hipótese 1) e, por outro, os eventos obtêm direções inerentes antes de serem ordenados (hipótese 2). É a direção inerente do evento que decide uma direção do movimento do tempo (os eventos são orientados da mesma maneira). Neste contexto, a direção inerente do evento é dada pelas cognições mapeadas desde o espaço para o tempo, tal como se apresenta na Tabela 16.

ESPAÇO	TEMPO
Bases cognitivas na definição de FRENTE de um objeto	Bases cognitivas na definição de FRENTE de um evento
a) <i>Frente</i> é um lado determinado A direção do movimento do objeto é <i>frente</i> . Normalmente, definimos <i>trás</i> consoante <i>frente</i> . Assim, frente decide <i>trás</i> .)	O início do evento decide de certa maneira o fim do evento devido a uma relação causal-resultado. Por isso, o início do evento é <i>frente</i> , ao passo que o final do evento é <i>trás</i> .
b) <i>Frente</i> é um lado informativo O lado de <i>frente</i> normalmente oferece algumas características de um objeto que nos permitem a conhecer o resto do objeto de maneira dedutiva. Por exemplo, quando vejamos o lado de frente de um edifício, sabemos ao que serve.	Podemos deduzir a finalidade do evento mediante informações adquiridas no início do evento. Por isso, o início do evento é <i>frente</i> , ao passo que o final do evento é <i>trás</i> . Por exemplo, normalmente no início das reuniões sabemos o tema. Assim, podemos imaginar o seu conteúdo posterior.
c) <i>Frente</i> é o lado que é visto mais cedo ou pela primeira visão	Devido à ordem ortológica, o início do evento acontece mais cedo do que o final do evento. Por isso, o início do evento é <i>frente</i> , ao passo que o final do evento é <i>trás</i> .

Tabela 16. Bases cognitivas de *frente* do espaço transferem para o domínio do tempo

Verificamos aquelas duas hipóteses através de exemplos linguísticos em português e em mandarim. O adjetivo *anterior* em português tem significado espacial, mas é prioritariamente temporal. No espaço, a semântica de *anterior* é semelhante à de *frente*. Por exemplo, *as cabines anteriores do comboio*, *as filas anteriores no teatro*.

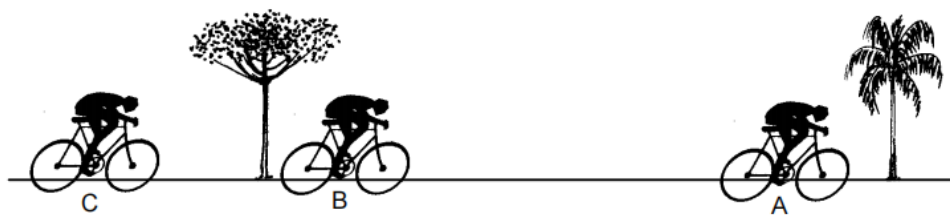


Figura 28. (FIGURA 22, Teixeira, 2001, p.482)

A semântica de *anterior* no domínio espacial quando é aplicada para referir a alguma parte do objeto é semelhante à de *frente*. As razões que definem uma parte como *a parte anterior* são diferentes entre *O ciclista A está antes do B e do C* e *O ciclista B está antes do C* (Teixeira, 2001, p.482). Numa primeira frase, o entendimento da direção *frente* está relacionada com o movimento. Um lado em que o movimento se inicia primeiramente vai ser considerado como uma zona anterior. Numa segunda frase, o princípio refere-se à metaforização do corpo humano, i.e., a ordenação das filas é um resultado da visão do público. As filas que estão mais próximas do palco são o lugar onde se recebe primeiramente a informação. Mas não apenas por causa disso. Teixeira (2001) explica bem a base cognitiva nesta avaliação de *frente/trás* por meio do MODELO DO ENCARAMENTO. Este modelo exige dois “objetos” humanos que estão cara a cara. Por exemplo, orador e ouvintes, assim como o cenário numa sala da aula (Teixeira, 2001, p.339).



Figura 47

Figura 29. O modelo do encaramento (FIGURA 47, Teixeira, 2001, p.339)

Segundo Teixeira (2001), as propriedades do modelo do encaramento são resumidas a seguir: a) *atrás* não se opõe visualmente a à *frente*. Quem está *atrás* pode estar também bem visível; b) os dois elementos, *frente* e *atrás*, possivelmente caracterizam-se no mesmo sentido; c) funciona, neste modelo, não apenas uma cognição de um corpo humano assimétrico, mas também a ideia da *zona de actuação*.

(...) este modelo implica sempre que haja, presencial ou virtualmente, dois elementos prototipicamente humanos: um que se situa na zona de actuação e outros que se situam diante dessa zona. E a palavra diante é a chave deste modelo, já que ele implica que a posição

canônica é obrigatoriamente uma posição de face-a-face entre o elemento pertencente à zona de actuação e os outros elementos ordenados numa relação frente/trás relativamente a essa mesma zona de actuação. (...) Podemos, assim, verificar que neste modelo a oposição frente/atrás se estrutura sobre a oposição proximidade/ afastamento da zona de actuação (Teixeira, 2001, p.342).

Esta ideia pode ser confirmada pela Teixeira (2001) com a Figura 30.

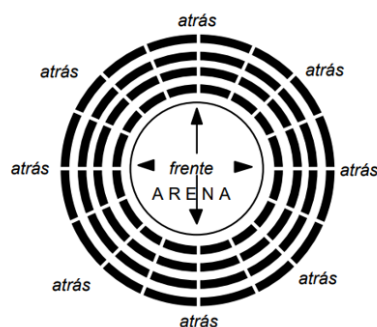


Figura 30. Uma praça de touros (A FIGURA 51, Teixeira, 2001, pp.343)

Tal como se pode observar na Figura 30, *frente* é multidirecional (Teixeira, 2001, p.342). A zona da atuação pode ser entendida como a zona da acentuação no sentido de que um lugar onde “se localizam” as visões de audiências. Neste sentido, embora no modelo do encaramento se funcionem vários fatores na definição de *frente/ trás*, a direção de *frente* sempre corresponde a uma direção da visão de cada audiência. E por causa disso, enfatiza-se mais uma vez a relação próxima entre visão e a direção *frente*.

A semântica de *anterior* no domínio temporal indica algo que acontece mais cedo relativamente a um ponto de referência (pode ser um momento na linha temporal ou um evento), sendo independente da visão ou posição do observador. *Posterior* significa *depois*. Em português, *anterior* é raramente usado para indicar a parte inicial ou a primeira parte de alguma duração definida (tal como o mês, o ano, o semestre, etc.). Utiliza-se mais a palavra *primeiro* neste contexto. Por exemplo,

38) *A primeira fase da reunião*

39) *A primeira parte do mês (ou melhor dizendo os primeiros dias do mês)*

40) *Os primeiros anos da vida (≠ os anos anteriores da vida)*

Na frase 40), a *fase anterior* da reunião é ambígua, devido a que a reunião, embora se estenda por algum tempo, é possível ser prolongada ou reduzida. No que diz respeito à unidade temporal, é diferente de uma reunião, já que a unidade temporal (mês, ano, etc.) possuem durações predefinidas. Neste caso, *primeiro* é equivalente a *anterior*, como o que acontece na frase 41). Quando o evento não

tem uma duração definida, *primeiro* e *anterior* têm significados diferentes. *Primeira fase* refere-se apenas ao estágio inicial de um evento, ao passo que *fase anterior* se refere ao estágio inicial e implica a sua continuação. Por exemplo, na frase 42), *os anos anteriores da vida* indicam uma duração mais longa em relação à duração de *os primeiros anos da vida*.

A razão pela qual a palavra *anterior* não é frequentemente usada para indicar uma parte que se aproxima do começo do evento não é fácil de perceber. Pensamos que isto tem a ver com a semântica nuclear de *anterior*. *Anterior* requer um ponto de referência para formar uma ordem. No domínio espacial, o volume de objeto normalmente é definido e previsível. Podemos facilmente encontrar um ponto de referência para distinguir a parte anterior da parte posterior de um objeto devido a que as podemos observar simultaneamente. Porém, no domínio temporal, não podemos experimentar *a parte anterior* e *a parte posterior* ao mesmo tempo. Desta maneira, é mais difícil de verificar um ponto de referência de divisão entre elas.

A palavra *posterior* pode ser um sinónimo da palavra *traseiro* que, por sua vez, faz referência da semântica de *trás*. Listamos a seguir algumas condições de empregar *atrás*.

a) A zona fica relativamente distante do ponto da referência que, por sua vez, pode ser visto como um ponto de partida (vê-se na Figura 30)

b) A direção contrária da direção de *frente*

Sendo assim, há tanto semelhança quanto diferença entre o valor semântico de *posterior* e o de *final*. Vejamos a seguir alguns exemplos:

41) ?A fase posterior da reunião: a fase final da reunião

42) A parte posterior do mês: os dias finais do mês

43) A parte posterior do dia: as horas finais do dia

44) Os anos posteriores da vida: os anos finais da vida

Com base nos exemplos, pensamos que um alcance referido pelo adjetivo *posterior* pode ser maior ou equivalente em relação ao alcance ilustrado pela palavra *final*.

Tanto *anterior* quanto *posterior* são palavras primeiramente sequenciais de implicações temporais e depois metaforicamente serão espaciais. É, por vezes, difícil verificar se elas são vocábulos temporais com significado espacial ou unidades lexicais espaciais com significado temporal, mas a primeira hipótese é a que tem mais evidências.

No caso do mandarim, a localização no espaço e a sequência no tempo compartilham exatamente o mesmo vocabulário, correspondente a *frente/trás*. Só que, ao usar *frente* e *trás* para

designarem diferentes componentes do evento, nalguns casos deve-se adicionar a palavra 半 (bàn, metade).

A. Indicar diferentes componentes do mesmo evento ou do prazo definido com a palavra 半 (bàn, metade)

45) *frente metade mês / atrás metade mês*

前	半	个月	后	半	个月
qián	bàn	ge yuè	hòu	bàn	ge yuè
frente	metade	mês	trás	metade	mês
primeira metade do mês os primeiros 15 dias do mês			segunda metade do mês os posteriores 15 dias do mês		

46) *frente metade ano (primeira metade do ano) / atrás metade do ano (segunda metade do ano)*

前	半	年	后	半	年
qián	bàn	nián	hòu	bàn	nián
frente	metade	ano	trás	metade	ano
desde janeiro a junho			desde julho a dezembro		

47) *frente metade do semestre / atrás metade do semestre*

前	半	学期	后	半	学期
qián	bàn	xué qī	hòu	bàn	xué qī
frente	metade	semestre	trás	metade	semestre
primeira metade do semestre			segunda metade do semestre		

B. Indicar diferentes componentes do mesmo evento ou do prazo definido sem a palavra 半 (bàn, metade)

48) *períodos diferentes de algum evento (uma divisão dicotómica)*

前	期	后	期
qián	qī	hòu	qī
frente	período	trás	período
um primeiro período de algum evento (em total são dois períodos)		um segundo período de algum evento	

49) *duas vidas das três vidas*²¹

前	世	后	世
qián	shì	hòu	shì
frente	vida	trás	vida
vida passada		vida após a morte	

50) *parte diferentes de uma dinastia (com a divisão no sentido de política em vez da duração dicotómica do tempo)*

前	汉	后	汉
qián	hàn	hòu	hàn

²¹ O budismo enfatiza a repetição da vida. Neste sentido, uma vida antes da vida agora é *frente-vida*, ao passo que uma vida depois da vida agora é chamada *atrás-vida*. A ideia vai ser complementada no Capítulo 5 (na secção de 5.1.2).

frente	Han (nome chinês de uma dinastia)	trás	Han (nome chinês de uma dinastia)
uma fase da Dinastia Han (existe mais cedo)		uma fase da Dinastia Han (existe mais tarde)	

Observa-se que, para o mesmo evento, a parte que acontece primeiramente é *anterior* e a parte que acontece mais tarde é *posterior*. No caso do mandarim, o que acontece mais cedo é 前 (qián, frente, refere-se a *anterior*) e o que acontece mais tarde é 后 (hòu, atrás, refere-se a *posterior*).

Como já referimos que a correspondência entre o espaço e o tempo é variável em diferentes línguas devido à cultura convencional, as designações de diferentes partes de um evento também são diferentes entre o português e o mandarim. Em português, prefere-se utilizar número ordinal (ex. primeiro tempo/segundo tempo do jogo de futebol) para marcar diferentes partes de um evento que acontecem sequencialmente. O primeiro indica o que acontece mais cedo, enquanto o segundo se refere ao que acontece mais tarde. Em português temos ainda um par de termos temporais: *ante/depois*. Ante tem uma relação com o espaço no sentido de ser entendido como *diante de*, *em frente de*. No tempo, *antes de* refere-se a um tempo que é mais cedo do que o evento referencial. Depois contém valor semântico de indicar um lugar mais abaixo, referindo-se também ao tempo posterior em relação ao evento referencial. O mandarim, por sua vez, quando as direções 前 (qián, frente)/后 (hòu, atrás) são aplicadas para ordenar diferentes partes de um período, 前 (qián, frente) refere-se a uma parte mais cedo, ao passo que 后 (hòu, atrás) indica uma parte mais tarde.

A base cognitiva do mapeamento pode ser descrita em três aspetos. Em primeiro lugar, um evento contém simultaneamente implicações espaciais e temporais. Por exemplo, caso tomemos um ponto de partida do deslocamento como o ponto referencial, a parte inicial do trajeto que é mais cedo realizada localiza-se antes do resto do trajeto, que é mais tarde percorrido. Então, há uma experiência comum e inseparável entre o espaço e o tempo.

Em segundo lugar, o lado de *frente* determina o lado de *trás*. Segundo H. Clark (1973), para os objetos que têm a direção intrínseca de *frente*, o lado de *frente* é mais destacável e dominante em relação ao lado de *trás*.

In particular, man has a bilaterally symmetrical perceptual apparatus, including, most prominently, eyes for seeing, ears for hearing, nose for smelling, mouth for tasting, and lips, hands, fingers, and face for sensitive touching. (...) Another property of all these senses is that

they are most sensitive to stimulation in front of the body, and least sensitive to stimulation in back of the body (Clark, 1973, p.33).

A estrutura do corpo humano determina que a parte frontal obtém mais informações em relação às costas. Portanto, a parte frontal determina a parte traseira. Por exemplo, a visão determina a direção do movimento, o lugar do condutor geralmente fica na frente de um carro. Os valores metafóricos de *frente*, tais como *informativo*, *dominante*, *decisivo*, são mapeados para o domínio do tempo. O que ocorreu primeiramente decide o que ocorre a seguir. Por exemplo, os ancestrais determinam os descendentes, mas não acontece o inverso. Com base nos exemplos verificados em ambas as línguas (o português e o mandarim), concluímos que ambas as hipóteses são possíveis. Por um lado, o tempo é concetualizado como algo dinâmico, é um objeto que se move (ex. o tempo voa) e ocorre desde o passado para o futuro. Assim, o movimento dá aos eventos uma direção inerente. Por outro lado, devido à relação inseparável entre o espaço e o tempo, as cognições sobre os objetos são inevitavelmente mapeadas para os eventos.

Em terceiro lugar, o lado *frente* do corpo tem a cara e a visão, normalmente recebendo mais cedo as informações em relação à parte detrás do corpo. A parte inicial de um evento, é percebida mais cedo do que a parte que acontece mais tarde. Então, a parte inicial de um evento é metaforizado como *frente*, ao passo que o resto é entendido metaforicamente como *trás*. Esta base cognitiva do mapeamento talvez seja exclusiva em mandarim em vez de existirem em ambas as línguas, devido a que encontramos apenas em mandarim algumas evidências de suporte. Em mandarim, temos algumas metáforas que estão relacionadas com algumas zonas corporais relativas à ordem dos acontecimentos nas diferentes partes dos eventos. A metaforização do corpo serve como uma das bases cognitivas da aplicação da direção vertical na apresentação linguística do tempo, como verificado pelos exemplos de 头 (tóu, *cabeça*) e 尾 (wěi, *rabo*).

51) *um início de um evento*

开	头	头	几天
kāi	tóu	tóu	jǐ tiān
começar	cabeça	cabeça	alguns dias
o início, iniciar		os primeiros dias (de uma duração)	

52) *um fim de um evento*

结	尾	尾	声
jié	wěi	wěi	shēng

terminar	rabo	rabo	som
<i>o fim de algum evento</i>		<i>Uma parte da peça musical que funciona como marcador do fim da peça musical. Tem posteriormente o valor semântico da fase final de um evento.</i>	

Além disso, em mandarim utilizam-se ainda 上 (shàng, *cima*)/ 下 (xià, *baixo*) para distinguir uma parte que acontece mais cedo de uma parte que acontece mais tarde de um mesmo evento ou período definido.

53) *cima metade fase / baixo metade fase*

上	半	场	下	半	场
shàng	bàn	chǎng	xià	bàn	chǎng
cima	metade	prazo	baixo	metade	prazo
<i>A primeira parte do jogo da bola (futebol, basquetebol, etc.)</i>			<i>A segunda parte do jogo da bola (futebol, basquetebol, etc.)</i>		

54) *cima metade ano (de janeiro a junho) / baixo metade ano (de julho a dezembro)*

上	半	年	下	半	年
shàng	bàn	nián	xià	bàn	nián
cima	metade	ano	baixo	metade	ano
<i>desde janeiro a junho</i>			<i>desde julho a dezembro</i>		

55) *cima meio-dia/ baixo meio-dia*

上	午	下	午
shàng	wǔ	xià	wǔ
cima	meio-dia	baixo	meio-dia
<i>a manhã</i>		<i>a tarde</i>	

Pensamos que o uso de *cima/baixo* em diferentes períodos de um evento baseia-se numa transformação entre partes corporais e direções. Tal como se pode observar na Figura 31,

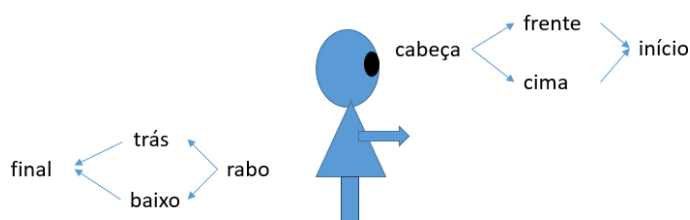


Figura 31

a cabeça corresponde *acima* e faz equivalência a *frente* que, por sua vez, refere-se ao *início*. O rabo, pelo contrário, é entendido metaforicamente como as costas e está relacionado com *atrás* que, por sua vez, está relacionado com *final*.

3.1.2.3.2. A correspondência entre *frente/ atrás* e *cedo/ tarde*

De acordo com o anteriormente apresentado, já sabemos que um evento possui uma direção que não pode ser considerada como a direção inerente, uma vez que ela tem na sua origem o espaço em vez de ser uma estrutura intrínseca temporal. Concetualizamos o início do evento como um lado de frente e o final como um lado de trás. Neste contexto, como definimos uma sequência entre diferentes eventos com *frente* e *atrás*? Em princípio, um entendimento de *frente* e *atrás* na sequência temporal deve fazer uso dos princípios de definição de *frente* e de *atrás* em diferentes modelos espaciais que, no domínio temporal, correspondem de certa maneira aos modelos temporais, tais como o modelo de sequência, o *ego-moving* e o *time-moving*.

Devido a que os eventos possuem direções predefinidas, utilizamos um triângulo para representar um evento com uma direção intrínseca. Tal como se pode observar na Figura 32, o lado do pico indica *frente* (faz-se equivalência ao início do evento), ao passo que o lado da linha vertical indica *atrás* (é equivalendo ao final do evento).



Figura 32. Evento configurado como triângulo

Nas figuras seguintes, vão aparecer dois triângulos (como o da Figura 33) que representam o evento 1 e o evento 2. O evento 1 acontece sempre mais cedo do que o evento 2. Além disso, temos duas configurações do observador. O círculo preto representa os olhos. A seta indica as mãos para distinguir uma visão à frente de uma visão para as costas por meio de virar a cabeça. Na percepção temporal, todas as entidades estão orientadas da mesma maneira e estão a mover-se sob uma mesma direção (Moore, 2014, p.65).

No nosso estudo, com o propósito de verificar a relação sequencial entre os eventos, listamos todos os casos temporais possíveis com base em modelos espaciais. Por outras palavras, tentamos definir uma sequência temporal a partir das regras aplicadas numa avaliação espacial com o propósito de procurar em que grau a sequência temporal depende da direção espacial.

A. O observador está no meio de dois eventos

Neste caso, geralmente funciona o quadro de referências intrínsecas, ou seja, o quadro de referências deíticas. A direção da visão do observador é *frente* e a oposta é *(a)trás*. O evento 1 (configurado pelo triângulo 1) está atrás do corpo do observador, ao passo que o evento 2 (configurado pelo triângulo 2) está à frente do observador. No contexto de tempo “alinhado”, os dois modelos podem ser equivalentes aos modelos de *time-moving* e de *ego-moving*, respetivamente. Devemos lembrar que a definição de *frente/trás* talvez seja diferente de acordo com a variedade dos quadros de referência.

No modelo a), o Ego está estático e o tempo é dinâmico. O Ego sempre se localiza no momento da enunciação.

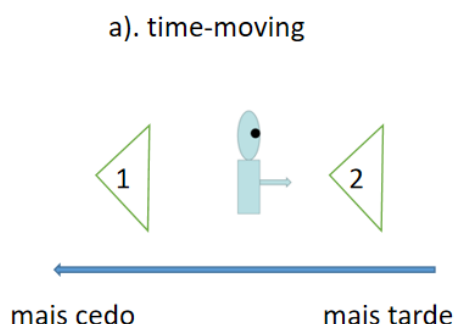


Figura 33. O observador está incluído numa linha temporal no modelo de *time-moving*

	o quadro de referência de movimento do tempo	o quadro de referências intrínsecas do observador
A relação posicional entre eventos na sequência temporal	O evento 1 está antes (<i>frente</i>) do evento 2. O evento 2 está depois (<i>atrás</i>) do evento 1.	O evento 1 está antes (<i>atrás</i>) do observador, ao passo que o evento 2 está depois (<i>frente</i>) do observador. O evento 1 está antes (<i>atrás</i>) do evento 2.
A correspondência entre frente/atrás e cedo/tarde	frente=mais cedo atrás=mais tarde	frente=mais tarde atrás= mais cedo

Tabela 17. A correspondência entre frente/atrás e cedo/tarde no modelo de *time-moving*

No modelo b), um observador está a mover desde o tempo mais cedo para mais tarde.

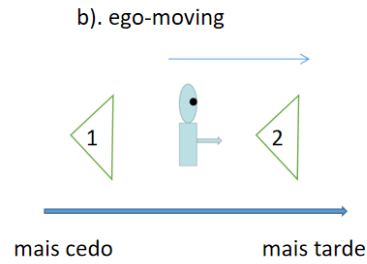


Figura 34. O observador está incluído numa linha temporal no modelo de *ego-moving*

	o quadro de referências intrínsecas do evento	o modelo do movimento do observador
A relação posicional entre eventos na sequência temporal	O evento 1 está antes (<i>frente</i>) do evento 2. O evento 2 está depois (<i>atrás</i>) do evento 1	O evento 1 está antes (<i>atrás</i>) do observador. O evento 2 está depois (<i>frente</i>) do observador. O evento 1 está antes (<i>atrás</i>) do evento 2.
A correspondência entre frente/atrás e cedo/tarde	frente=mais cedo atrás=mais tarde	frente = mais tarde atrás = mais cedo

Tabela 18. A correspondência entre *frente/atrás* e *cedo/tarde*

B. O observador não está no meio dos eventos

Neste caso, ambos os eventos estão supostamente à frente do campo visual do observador na linha temporal.

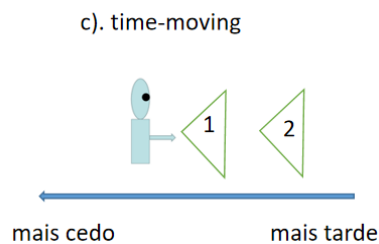


Figura 35. O observador está incluído numa linha temporal no modelo de *time-moving*

No modelo c), também pode ter esta relação sequencial em termos do quadro de referências relativas a partir do ponto de vista do observador. *Frente* é mais cedo e *atrás* é mais tarde no sentido de que o evento 1 está experienciado mais cedo do que o evento 2 pelo observador.

	o quadro de referência de movimento do evento	o quadro de referências intrínsecas do observador
A relação posicional entre eventos na sequência temporal	O evento 1 está antes (<i>frente</i>) do evento 2. O evento 2 está depois (<i>atrás</i>) do evento 1.	O evento 1 está antes (<i>frente</i>) do evento 2. O evento 2 está depois (<i>atrás</i>) do evento 1.
A correspondência entre frente/atrás e cedo/tarde	frente = mais cedo atrás = mais tarde	

Tabela 19. A correspondência entre *frente/atrás* e *cedo/tarde*

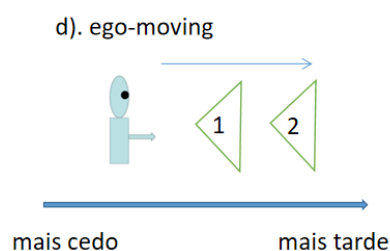


Figura 36. O observador está incluído numa linha temporal no modelo de *ego-moving*

No modelo d), acontece algum paradoxo por causa da aplicação de diferentes quadros de referência.

	Quadro de referências intrínsecas (do evento)	Quadro de referência de movimento (do observador)
A relação posicional entre eventos na sequência temporal	O evento 1 está antes (<i>frente</i>) do evento 2. O evento 2 está depois (<i>atrás</i>) do evento 1.	O evento 1 está atrás do evento 2. O evento 2 está frente do evento 1.
A correspondência entre frente/atrás e cedo/tarde	frente = mais cedo atrás = mais tarde	frente = mais tarde atrás = mais cedo

Tabela 20. A correspondência entre *frente/atrás* e *cedo/tarde*

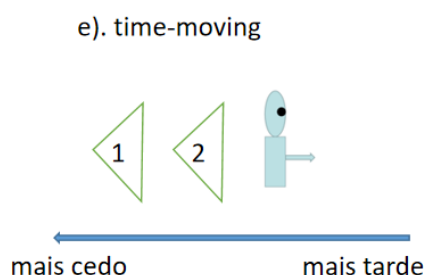


Figura 37. O observador está incluído numa linha temporal no modelo de *time-moving*

No modelo e), ambos os eventos estão *atrás* do observador. Embora não se considere uma função da visão do observador, o observador deve conseguir imaginar que dois eventos estão a afastar de si próprio.

	o quadro de referência de movimento do tempo	o quadro de referências intrínsecas do observador
A relação posicional entre eventos na sequência temporal	O evento 1 está antes (<i>frente</i>) do evento 2. O evento 2 está depois (<i>atrás</i>) do evento 1.	O evento 1 está antes (<i>frente</i>) do evento 2. O evento 2 está depois (<i>atrás</i>) do evento 1.
A correspondência entre frente/atrás e cedo/tarde	frente = mais cedo atrás = mais tarde	

Tabela 21. A correspondência entre *frente/atrás* e *cedo/tarde*

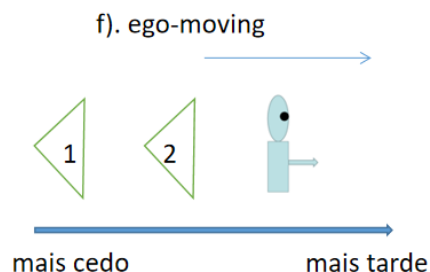


Figura 38. O observador está incluído numa linha temporal no modelo de *ego-moving*

	Quadro de referências intrínsecas do evento	Quadro de referência do movimento do observador
A relação posicional entre eventos na sequência temporal	O evento 1 está antes (<i>frente</i>) do evento 2. O evento 2 está depois (<i>atrás</i>) do evento 1.	O evento 1 está depois (<i>atrás</i>) do evento 2. O evento 2 está antes (<i>frente</i>) do evento 1.
A correspondência entre frente/atrás e cedo/tarde	frente = mais cedo atrás = mais tarde	frente = mais tarde atrás = mais cedo

Tabela 22. A correspondência entre *frente/atrás* e *cedo/tarde*

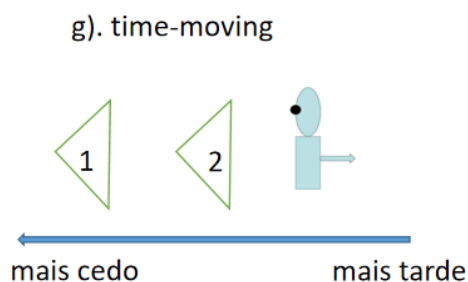


Figura 39. O observador está incluído numa linha temporal no modelo de *time-moving*

No modelo g), *frente* é mais cedo e *atrás* é mais tarde.

	o quadro de referência de movimento do tempo	o quadro de referência da visão do observador
A relação posicional entre eventos na sequência temporal	O evento 1 está antes (<i>frente</i>) do evento 2. O evento 2 está depois (<i>atrás</i>) do evento 1.	O evento 1 está antes (<i>frente</i>) do evento 2. O evento 2 está depois (<i>atrás</i>) do evento 1.
A correspondência entre frente/atrás e cedo/tarde	frente = mais cedo atrás = mais tarde	

Tabela 23. A correspondência entre *frente/atrás* e *cedo/tarde*

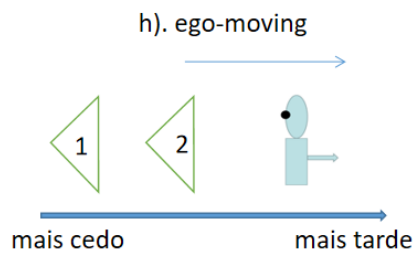


Figura 40. O observador está incluído numa linha temporal no modelo de *ego-moving*

No modelo h) acontece alguma complexidade. O observador tem uma visão contrária com a direção do movimento por meio de virar a cabeça. Assim, a correspondência entre *frente/trás* e *cedo/tarde* tem duas possibilidades contrárias.

	Quadro de referência da visão	Quadro de referência do movimento do observador
A relação posicional entre eventos na sequência temporal	O evento 1 está antes (<i>frente</i>) do evento 2. O evento 2 está depois (<i>atrás</i>) do evento 1.	O evento 1 está antes (<i>atrás</i>) do evento 2. O evento 2 está depois (<i>frente</i>) do evento 1.
A correspondência entre frente/atrás e cedo/tarde	frente = mais cedo atrás = mais tarde	frente = mais tarde atrás = mais cedo

Tabela 24. A correspondência entre *frente/atrás* e *cedo/tarde*

C. O observador está fora da linha temporal

Quando o observador está fora da linha temporal, a sua perspectiva também é modificada.

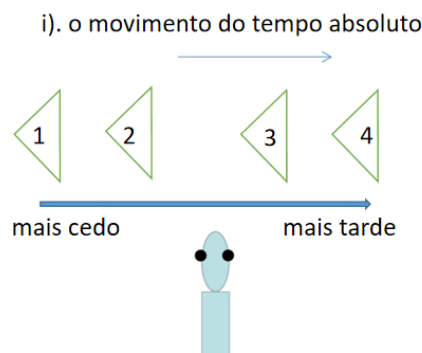


Figura 41. O observador está fora da linha temporal

Neste caso, o que se está a *mover*, em vez dos eventos, é o tempo absoluto. O movimento do tempo absoluto não pode ser equivalente completamente ao movimento do rio. Imagina-se que em cima do rio há um barco. Quando o rio corre, o barco também se dirige para frente. No entanto, no tempo, o tempo absoluto está a mover-se, ou melhor dizendo, estender-se para frente, ao passo que o evento não. Posto isto, devemos perceber que os eventos estão fixos numa linha temporal e igualmente as relações posicionais (tanto no sentido espacial quanto no sentido temporal).

	O modelo de movimento do tempo absoluto	O quadro de referências intrínsecas do observador
A relação posicional entre eventos na sequência temporal	O evento 1 está antes (atrás) do evento 2. O evento 2 está depois (frente) do evento 1.	O evento 1 está antes (atrás) do evento 2. O evento 2 está depois (frente) do evento 1. O evento 3 está antes (atrás) do evento 4. O evento 4 está depois (frente) do evento 3.
A correspondência entre <i>frente/atrás</i> e <i>cedo/tarde</i>	frente = mais tarde atrás = mais cedo	frente = mais tarde atrás = mais cedo

Tabela 25. A correspondência entre *frente/atrás* e *cedo/tarde*

Embora a definição da posição relativa entre dois objetos esteja relacionada com dois quadros de referência, o modelo de movimento do tempo absoluto e o quadro de referências intrínsecas do observador, chegam a uma consistência/equivalência entre eles.

Conclui-se, então, que as correspondências *frente/atrás* e *cedo/tarde* são independentes da posição do observador. Tal como se pode observar desde a Figura 33 até à Figura 41, num mesmo modelo temporal, a relação “espacial” entre as “localizações” de eventos e a “localização” do

observador não tem efeito numa correspondência entre *frente/atrás* e *cedo/tarde*. A correspondência entre *frente/atrás* e *cedo/tarde* é decidida pela opção do quadro de referência, i.e., seleciona o modelo do movimento do tempo/evento (desde o passado para o futuro ou o inverso) ou o modelo do movimento ou da visão do observador (desde o passado para o futuro ou inverso). A opção, por sua vez, é condicionada pelas preferências comunicativas e culturas convencionais.

Então, será que se pode definir a direção no espaço também sob influência da passagem do tempo? Segundo a pesquisa de Teixeira (2001, p.482), para o português, o que é primeiramente experienciado é *antes* e o que é experimentado mais tarde é *depois*. Sendo assim, embora a tendência de movimento e a distância entre o observador e os objetos estejam modificadas, a ordem de passagem pelo observador daqueles dois objetos permanece. Desta maneira, são as propriedades do tempo (a irreversibilidade da experiência) que determinam a direção do espaço. Assim, a relação entre Figura e Configurante é criada, por um lado, pela ordem de experienciar os eventos e, por outro, com base no quadro de referência de movimento do tempo em vez da perspectiva do observador. Seja o fluxo metafórico do futuro para o passado no modelo de *time-moving*, seja o fluxo metafórico do passado para o futuro no modelo de *ego-moving*, embora os dois estejam na direção oposta em diferentes modelos, a direção essencial do movimento do tempo é sempre desde algo que acontece mais cedo para algo que acontece mais tarde, uma vez que o evento, como uma concretização e apresentação do tempo, não ocorre na ordem contrária. Esta ideia pode ser ilustrada, mais uma vez, pelas metáforas de comboio no caso do mandarim (Yu, 1988, 2012) ou de bicha (Moore, 2014):

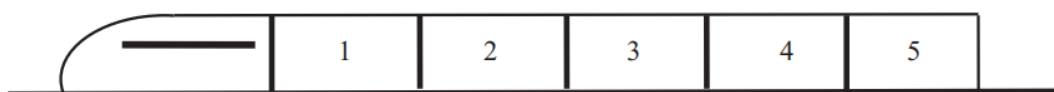


Figura 42. A sequência dos eventos é metaforizada como comboio (Yu, 1988, p.107; Yu, 2012, p.1338).

(...) to conceive of times, or events that 'go with' times, as a moving train consisting of a series of carriages. Suppose car 3 is 'today', then car 2 is 'yesterday' and car 1 is 'day before yesterday', which is 'ahead of' yesterday and closer to the 'front' of the train (Yu, 2012, p.1338).

The queue encompasses the people who are standing in it, and the direction of the queue determines front/back (or ahead/behind) relations for the people in the queue. So if I say that Theobald is in front of Archibald in line, I mean that Theobald is closer to the goal of the queue than Archibald, no matter which way Archibald is facing. Because the

secondary reference object – i.e. the array of times as objects – is metaphorically moving, it can be said to have a front and a back (Moore, 2014, p.140).

Verificamos o uso do princípio da *ordem de ser experimentado* na correspondência entre *frente/ trás* e *cedo/ tarde* em português e em mandarim.

Em português, temos um par de vocábulos, *antes/ depois*. Quer seja *antes* quer seja *depois*, ambos contêm simultaneamente interpretações espaciais e temporais. Só que a interpretação temporal é mais dominante e o valor espacial é pouco apresentado. Lopes e Morais (1999, p.185) encontrou apenas 2 num conjunto de 222, ou seja, em termos percentuais, 0,9%. São surpreendentemente escassas no corpus as ocorrências de *antes* com um valor espacial. A interpretação de *antes* em termos de tempo deriva do movimento. Há um movimento potencial desde um ponto inicial na direção de um alvo final, sendo o espaço referenciado pela expressão introduzida por *antes* de situável num segmento do trajeto que antecede o alvo. Como o tempo é um componente necessário para o movimento, é fácil de compreender uma combinação dos valores espaciais e temporais. Parece haver um isomorfismo entre a conceitualização do espaço e a conceitualização do tempo em português (Lopes e Morais, 1999, p.185).

Ainda segundo Lopes e Morais (1999), *antes* pressupõe uma divisão do eixo do tempo em duas metades, a partir de um ponto de referência, e localiza situações num intervalo de tempo de fronteiras indefinidas anterior a esse ponto de referência (Lopes e Morais, 1999, p.187).

Antes expressa, assim, uma relação de procedência temporal a partir de um ponto de referência que não importa estar localizado no presente, no passado ou no futuro. Além disso, *antes* mantém com *depois* uma relação de precedência em sequência no eixo do tempo, tratando-se de um localizador temporal intrinsecamente vago, já que não é possível medir a amplitude do intervalo de tempo ao redor do ponto de referência. Temos duas locuções de *antes*: *X-tempo antes* (há x tempo) e *X-tempo antes de*. A primeira é deítica, ao passo que a segunda é relativa. Se o ponto de referência é o presente, então a expressão é de um valor de anterioridade a esse ponto, mediante uma operação de medição temporal, e envolve o recurso a uma expressão introduzida pelo verbo *haver*. Se o ponto de referência é o passado, a relação de anterioridade passa por ser expressa por *x tempo antes*.

Em português, *antes* resume uma premissa por meio da locução *antes que/antes de*. A relação espacial de *frente/ trás* entre os objetos pode ser invertida, às vezes, pela perspectiva contrária. No entanto, uma relação entre os eventos que ocorrem mais cedo e os eventos que ocorrem mais tarde

numa linha temporal não é apenas direcional, mas também causal. Portanto, a ordem é invertível. Para dois eventos, se não houver conexão causal entre eles, a sequência temporal pode ser ilustrada em ambas as relações: A antes de B ou B depois de A. Porém, se houver uma relação causal entre os dois, a situação é mais complexa. Assim como se verificam nos exemplos 56) - 59), *antes de* e *depois de* ilustram uma relação entre um evento *fazer uma reunião* e um evento *tomar um almoço*. Estes dois eventos não possuem uma relação causal.

56) *Fazemos uma reunião antes do almoço. (o evento referencial é um almoço).*

57) *Depois de reunião, tomamos o almoço. (o evento referencial é uma reunião).*

No segundo caso, temos um evento *lavar as mãos* e um evento *tomar o almoço*.

58) *Devemos lavar as mãos antes do almoço. (o evento referencial é o almoço).*

59) ? *Depois de lavar as mãos, devemos tomar o almoço. (o evento referencial é lavar as mãos).*

A frase 59) está correta no sentido gramatical, mas não cognitivamente lógica, uma vez que depois de *lavar as mãos*, *tomar um almoço* não é um ato necessário ou obrigatório. Isto quer dizer que, para tomar um almoço, devemos lavar primeiramente as mãos por motivos de saúde, mas a ação de *lavar as mãos* pode realizar-se com vários objetivos. Assim, devido à relação causal, o que deve aparecer mais tarde é um resultado em vez de ser uma causa.

No caso de *depois*, a localização no espaço referida por *depois* pressupõe a existência de uma multiplicidade de diferentes espaços organizáveis segundo uma perspectiva que lhes confira uma relação sequencial ou de sucessividade. Os mesmos espaços são, por conseguinte, organizáveis segundo perspectivas diferentes. Por exemplo,

60) *O supermercado fica depois da minha casa.*

61) *A minha casa fica depois do supermercado.*

Segundo Lopes e Morais (1999), *depois* marca uma relação de ordem entre entidades físicas. *Depois* marca uma direção que é essencial para a ordenação relativa das entidades, baseando-se na seleção de uma determinada perspectiva, a qual define um ponto inicial e um ponto final e desencadeia um movimento potencial. Neste sentido, obteve-se uma interpretação dinâmica:

Depois é um adverbial de localização que pressupõe uma divisão do eixo do tempo em duas secções a partir de um ponto de referência. *Depois* localiza os eventos numa duração posterior a algum ponto de referência, o qual poderá situar-se no passado, a presente ou no futuro (Lopes e Morais, 1999, pp.207-208).

À semelhança de *antes*, *depois* também funciona como um localizador temporal que é semanticamente vago. *Depois* não indica nenhuma informação sobre a amplitude do intervalo de

tempo que existe entre o ponto de referência e o intervalo identificado pela relação posterior. Mais especificamente, o valor temporal de *depois* identifica um intervalo de fronteiras indefinidas que segue esse ponto de referência, numa linha temporal com interpretações de *logo*, *mais tarde* ou *posteriormente*.

Teixeira (2001) refere dois modelos mentais sobre *antes* e *depois*: um é estático e outro é dinâmico. Em primeiro lugar, *antes/depois* são simultaneamente marcadores temporais e espaciais. No modelo dinâmico, o pinheiro será sempre situado inequivocamente *antes* da palmeira e esta está *depois* do pinheiro (Teixeira, 2001, p.482).

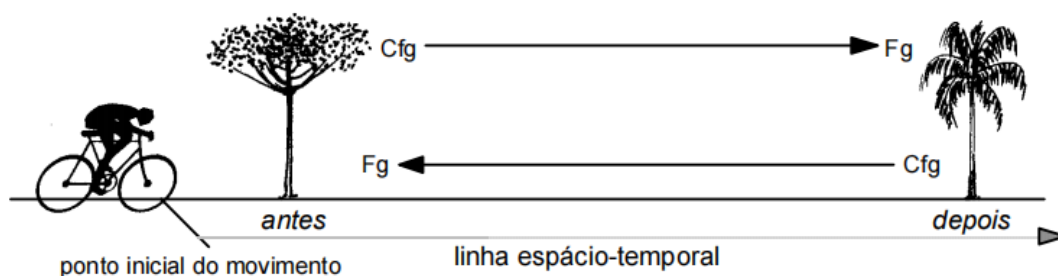


Figura 43. (FIGURA 21, Teixeira,2001, p.482)

Em segundo lugar, o modelo mental de *antes/depois* parece contradizer-se quando se aplica aos próprios elementos em movimento (Teixeira, 2001, p.482).

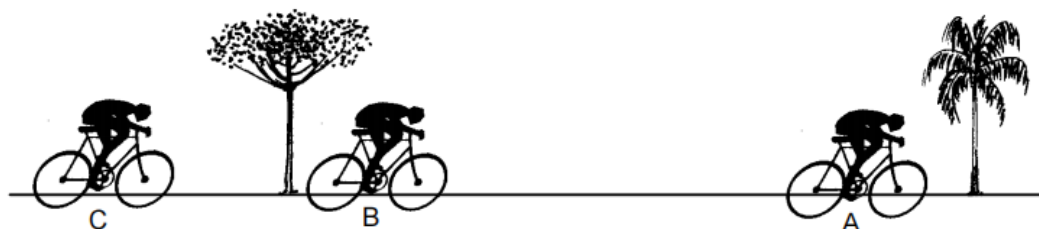


Figura 44. (FIGURA 22, Teixeira, 2001, p.482)

Segundo Teixeira (2001), as relações espaciais entre diferentes bicicletas podem ser ilustradas por *antes/depois* de maneira a seguir:

- (38)O ciclista A está antes do B e do C.
- (39)O ciclista B está antes do C.
- (40)O ciclista B está depois do A.
- (41)O ciclista C está depois do B e do A (Teixeira, 2001, p.482).

Tal como se pode observar, no modelo dinâmico, a semântica de *antes* e a de *depois* são exatamente opostas. Isso também acontece em mandarim. Podemos entender esta ideia com a frase

em mandarim, *Qual é a frente (última) paragem da paragem da Universidade* (大学的前一站是哪一站?) Por um lado, quando *frente* acentua o significado espacial, a *frente (última) paragem* é equivalente à *paragem anterior* da Universidade e, por outro, caso *frente* enfatize o significado temporal, a *frente paragem* é aquela depois da Universidade. Sendo assim, podemos entender que 前 (qián, *frente*) e 后 (hòu, *trás*) contêm valores semânticos tanto espaciais e quanto temporais. No caso estático, o significado espacial será destacado, ao passo que em movimento, acentua-se o significado temporal (Qi, 2011, p.26). A ideia da importância do movimento até para a preferência de ponto de referência é comprovada pela perspectiva psicológica. Encontramos uma ideia semelhante no estudo de Matlock *et al.*, que refere que as pessoas que acabam de fazer uma viagem de avião preferem escolher o modelo de *ego-moving*, em vez de *time-moving*, para expressar o tempo (Matlock *et al.*, 2005, p.656).

Além disso, Teixeira (2001) refere que a pressuposição/certeza da ordem de chegada é irrelevante para a configuração *antes/depois* durante o trajeto (p.486). No modelo cognitivo de *antes/depois*, o que é crucial é o experienciador da configuração. O primeiro elemento a ser experienciado está *antes*, o elemento experienciado secundariamente está *depois* (p.488). Neste caso, os valores semânticos de *antes/depois* são apresentados no contexto do movimento:

Só pode haver configuração antes/depois quando todos os elementos (Fg, Cfg e Exp) se inserem num vetor de movimento potencial. (...) O espaço que antes/depois configura não é o espaço-em-si, a pura espacialidade, mas antes as vertentes espaciais implicadas num processo temporal. Mesmo a sua aplicabilidade aparentemente espacial, com figurantes estáticos, assenta no dinamismo de um movimento potencial entre um Exp e os outros figurantes da situação.

(...) antes/depois não são marcadores espaciais aplicados ao tempo, nem de forma indistinta à globalidade espaço/tempo, mas antes marcadores temporais que, por assim serem, acarretam implicações espaciais, devemos reformular a espinha estrutural que propusemos para indicar os elementos configurados pelos referidos marcadores (Teixeira, 2001, pp.491-493).

Sendo assim, *antes/depois* em português são cognitivamente dinâmicas. Isso afeta até mesmo os seus valores semânticos no domínio espacial.

Então, em português, quer seja no quadro de referências absolutas quer seja nos modelos de *ego-moving* e *time-moving*, *antes* sempre indica algo que acontece mais cedo e *depois* refere-se a algo que ocorre mais tarde. A sequência de eventos não mudará em função da opção do quadro de referência. Sendo assim, é possível que seja definida primeiramente a ordenação do acontecimento

dos eventos e posteriormente a direção do movimento dos eventos em diferentes quadros de referência, uma vez que “antes = ocorre primeiro” e “depois = ocorre depois”.

No caso de *ego-moving*, o lugar (o ponto na linha temporal) que é atingido primeiramente pelo observador é *antes* e o que é atingido mais tarde pelo observador é *depois*. No que diz respeito a *time-moving*, o tempo que chega primeiramente ao lugar onde o observador se localiza é *antes* e o tempo que chega mais tarde ao lugar onde o observador se situa é *depois*. Esses dois modelos são consistentes em termos de serem combinados num modelo único, i.e., o que é experimentado primeiramente é *antes* e o que é experimentado mais tarde é *depois*. Essa ideia é referida pela primeira vez por Teixeira (2001, pp.477-483), sendo estudada uma correspondência entre à *frente/atrás* e *antes/depois* na sua tese de doutoramento.

Acontece uma perspectiva *antes-frente, depois-trás* em mandarim, mesmo em casos em que em português é exatamente o inverso. Numa sequência entre dois eventos, com ou sem um observador, 前 (qián, *frente*) refere-se ao que acontece mais cedo e 后 (hòu, *trás*) refere-se ao que acontece mais tarde. Listamos a seguir exemplos de apresentação da sequência com o uso de direções espaciais 前 (qián, *frente*) e 后 (hòu, *trás*):

62) *ex-esposa/ esposa posterior*

前	妻	后	妻
qián	qī	hòu	qī
frente	esposa	trás	esposa
<i>ex-esposa</i>		<i>a esposa depois da primeira</i>	

63) *ancestral (antepassado) / descende (geração mais nova)*

前	人	后	人
qián	rén	hòu	rén
frente	pessoa	trás	pessoa
<i>ancestrais ou gerações anteriores</i>		<i>descendentes ou geração mais nova</i>	

64) *anteontem/ o dia depois da amanhã*

前	天	后	天
qián	tiān	hòu	tiān
frente	dia	trás	dia
<i>anteontem</i>		<i>o dia depois da amanhã</i>	

Neste caso, 前 (qián, *frente*) é equivalente à semântica de *antes* ou de *ex-* em português, enquanto 后 (hòu, *atrás*) é coincidente com a semântica de *pós* em português. Este modelo não se aplica ao português: a esposa do passado, os ancestrais do passado, o dia de ontem são perspectivados

atrás. Outro uso de 前 (qián, *frente*) e 后 (hòu, *trás*) na sequência é que indica as durações *antes de* ou *depois de* um evento. 在...以前 (zài ...yǐ qián, *estar desde frente, antes de*) refere algum tempo antes de um evento, ao passo que 在...以后 (zài ...yǐ hòu, *estar detrás de, depois de*) refere algum tempo depois de um evento. Por exemplo,

65) *antes de/ depois de*

以	前	以	后
yǐ	qián	yǐ	hòu
desde	frente	desde	atrás
<i>antes de</i>		<i>depois de</i>	

66) *alguns dias antes do Ano Novo Chinês/ alguns dias depois de Ano Novo Chinês*

年	前	年	后
nián	qián	nián	hòu
ano	frente	ano	atrás
<i>alguns dias antes do Ano Novo Chinês</i>		<i>alguns dias depois de Ano Novo Chinês</i>	

Note-se que em português as equivalências são o inverso: no tempo, *atrás*=antes e *à frente*=depois:

67) *No dia de Ano Novo ele ficou adoentado, porque uns dias atrás (=uns dias antes) tinha comido demais*

68) *No dia de Ano Novo ele ficou adoentado, mas alguns dias à frente (=alguns dias depois) já estava bom*

Em português é necessário um observador externo do movimento em que *depois* é *frente*, ao passo que em mandarim o observador é a perspectiva do falante e por isso *antes* é *atrás*.

在...以前 (zài...yǐ qián, *antes de*) e 在...以后 (zài...yǐ hòu, *depois de*) indicam um intervalo em relação a um ponto temporal de referência. Teoricamente, a duração daquele intervalo é indefinida. Por outras palavras, não sabemos a duração exata antes ou depois do ponto de referência, assim como em português a semântica de *antes* ou *depois* é vaga. Por outro lado, de acordo com as características sequenciais do tempo, deve haver outros pontos ou períodos relacionados a "X" em "antes" ou "depois de X" nesse intervalo. Por exemplo, os pontos temporais de "antes de 2022" é 2021, 2020, etc., os períodos são possivelmente um ano, dois anos, três anos, etc. Qualquer ponto ou período neste intervalo pode definir o limite da extensão para frente ou para trás de X, formando assim um intervalo condicionalmente fechado. Essa ideia tem a sua origem no espaço. O objeto temporal determina um alcance de *frente* ou *trás* dele pelo seu volume quando serve como um objeto de referência. Quando ele é grande, um alcance ao redor dele normalmente é maior do que um objeto pequeno. Assim, quando dizemos *algum tempo antes de comer*, é mais razoável pensar que referimos um intervalo de

meia ou uma hora do que alguns séculos, devido ao facto de que a ação de *comer* dura mais ou menos uma hora.

Então, concluímos que em ambas as línguas (português e mandarim), na direção horizontal, a relação posicional entre dois eventos é criada com base na ordem do acontecimento. Por outras palavras, o mecanismo ativado por esta metáfora espacial do tempo não é uma metáfora de localização, mas uma metáfora de ordem. De qualquer modelo de tempo (*time-moving* ou *ego-moving*), a metáfora espacial de sequência é ativada pela experiência em que o observador encontra ordenadamente as entidades de acordo com suas localizações diferentes no espaço. Desta maneira, metaforiza o tempo como uma apresentação desta ordem.

Embora os eventos estejam percebidos a moverem-se em diferentes direções, tais como de passado para futuro (no eixo do tempo absoluto ou no modelo de *ego-moving*) ou desde o futuro para o passado (no modelo de *time-moving*), o intervalo entre eles é imutável ao longo do tempo. Além disso, a direção predefinida (ou melhor dizer, consentida) do evento (o início é *frente* e o final é *trás*) também contribui para a definição da relação posicional entre dois eventos, porque no modelo de *time-moving* a direção predefinida do evento coincide com a direção do movimento do tempo.

A base cognitiva dos mapeamentos entre a direção espacial e a sequência temporal do modelo de *time-moving* distingue-se do modelo de *ego-moving*. No modelo de *time-moving*, o evento não está a mover-se, mas sim o tempo. A base cognitiva é a ordem em que os objetos (ex. as datas no calendário) se alcançam. Podemos ter essa experiência através de passagem de um comboio pela estação. O que passa em primeiro é a estação antes e o próximo é a estação depois. No modelo de *ego-moving*, na linha temporal estão localizados os eventos. A base cognitiva é a ordem de encontro com os eventos durante um trajeto de um observador. O que acontece cedo vem primeiro e o que acontece tarde vem depois. Porém, os dois modelos têm ainda alguns mapeamentos comuns, tais como,

- a) A posição do objeto no espaço é fixa → a data do acontecimento do evento no tempo absoluto é fixa;
- b) Os dois objetos são relativamente estáticos → os dois eventos são relativamente estáticos.

Em ambas as línguas, *frente* e *trás*, ou os valores semânticos com que estão relacionadas estas palavras, têm usos frequentes na metáfora de sequência temporal. Só que, em português, é necessário um observador externo do movimento do tempo em que *frente* é *depois* (*posterior*) e *atrás* é *antes* (*anterior*). Em mandarim, no modelo da sequência dos eventos, um observador está normalmente *fora*

da *linha temporal*. Por isso, é possível ter uma perspectiva que resulta em equivalências contrárias em relação ao português: *frente* é *antes* (anterior) e *atrás* é *depois* (posterior).

Um uso metafórico de *frente/ trás* na sequência temporal deve ser causado por três razões. Em primeiro lugar, a referência intrínseca é mais saliente e acessível do que a deíctica. No estudo de Kuczaj e Maratsos (1975), algumas crianças com dois e três anos são obrigadas a demonstrar os seus conhecimentos sobre *front*, *back* e *side*. O estudo confirma uma sequência da capacidade adquirida: as crianças primeiramente são apenas capazes de colocar um objeto na frente e atrás de si mesmas. Elas, então, são capazes de tocar a frente e as costas dos objetos frontais. Mais tarde, elas conseguem colocar um objeto referido na frente do objeto de referência frontado. Por último, as crianças podem usar-se a si mesmas como um quadro de referência, ou seja, colocar um objeto referido na frente e atrás do objeto de referência sem frente intrínseca. Os resultados do estudo sugerem que o quadro de referências intrínsecas é cognitivamente mais saliente e mais acessível do que o deíctico (Kuczaj e Maratsos, 1975). Embora um observador costume definir a sequência de dois eventos pela perspectiva egocêntrica, não se utilizam direções de esquerda/direita, nem de cima/baixo na maioria das línguas, uma vez que o evento tem uma direção predefinida de *frente/ trás*.

Em segundo lugar, o tempo é dinâmico. Não importa em qual direção flui o tempo, desde o passado para o futuro ou vice-versa, o tempo está sempre em movimento. As metáforas espaciais de tempo têm uma firme base cognitiva na experiência humana quotidiana de movimento ao longo de um caminho e de entidades móveis que passam por nós num caminho. Nas atividades humanas no espaço, *frente* é a direção mais universal e essencial do movimento.

The preference for the longitudinal axis may be due to our spatial experience of motion, which is almost invariably directed to the front. The front-back orientation of time shows up in expressions such as the weeks ahead of us or the worst behind us (Radden, 2003, p.228).

A interpretação dupla no sentido de ser tanto espacial quanto temporal da direção do movimento também é ilustrada por Núñez e Sweetser (2006) com a ideia de que existe uma relação inseparável entre a continuidade espacial e a sucessividade temporal.

For exemple, if we walk forward along the path from location L_0 to location L_k , we experience a correlation between times and locations along the path. The time T_k , when we reach L_k , is in the future relative to the moment when the action of moving began (i.e., T_0). The two correlated domains are both linearly structured and preserve a close isomorphism: Just as we cannot get

from L_0 to L_k without going to the intervening points L_1 , L_2 , and L_3 along the way, so we cannot get from 4:00 p.m. to 4:05 p.m. without living through the intervening times (Núñez and Sweetser, 2006, p.412).

Neste caso, assim como diríamos antes, em português a direção *frente* faz uma equivalência à direção do movimento do tempo. Por isso, no modelo da sequência temporal, *frente* é *depois* (*posterior*) e *atrás* é *antes* (*anterior*). No caso do mandarim, a direção *frente* está relacionada também com o movimento do tempo, mas tem mais a ver com a ordem de encontro entre o evento ou o observador. Sendo assim, em mandarim, *frente* é *encontram-se mais cedo*, ou seja, *antes* (*anterior*) e *atrás* é *encontram-se mais tarde*, ou seja, *depois* (*posterior*). Além disso, o uso de *frente*/*trás* na definição da localização relativa entre o evento que acontece mais cedo e o evento que acontece mais tarde possivelmente vem de nossa experiência de posicionar os objetos no espaço horizontal.

Em terceiro lugar, a causalidade do evento tem tendência a aproveitar a direção transversal para expressar a sequência. Quando o evento A é uma causa e o evento B é um resultado, o primeiro deve acontecer antes do segundo. Por exemplo, em português,

69) *Há tempos atrás guardado muitos alimentos, não receia os tempos que virão mais à frente.*

70) *Atrás poupou, por isso mais à frente pode gastar.*

Esses usos correspondem às conclusões feitas nas linhas anteriores: *atrás* é algo que *acontece mais cedo* (*antes* ou *anterior*), ou seja, a causa, ao passo que *frente* é algo que *acontece mais tarde* (*depois* ou *posterior*).

Em mandarim, encontra-se equivalências contrárias, tais como

71) *前面不努力学习, 后面想补习都不能通过考试了。*

Na frente se você não estudar muito, mesmo que *atrás* tente fazer aulas extras, não conseguirá passar no exame.

(Se você não estudar muito no início, não conseguirá passar no exame, mesmo que tente fazer aulas extras mais tarde.)

72) *这个病情后面的走向很难预料, 要看前面怎么治疗。*

É difícil de prever o desenvolvimento da doença *atrás*, tudo depende dos tratamentos médicos *na frente*.

(É difícil de prever o desenvolvimento posterior da doença, dependendo muito dos tratamentos médicos anteriores.)

Temos ainda em mandarim *前因* (qián yīn, frente causa) para indicar uma causa e *后果* (hòu guǒ, atrás resultado) para se referir um resultado. Então, como a relação causal do tempo se relaciona com a relação posicional de *frente*/*trás* no domínio espacial? Do ponto de vista cognitivo, é certo que *frente* decide *atrás*. Por exemplo, a direção do movimento do comboio é decidida pela cabine de

condução, que se localiza normalmente à frente do comboio. Segundo Clark (1973), no inglês, o significado de *back* depende inteiramente de *front*, uma vez que *frente* aparentemente se refere ao lado proeminente de um objeto e que *trás* é definido simplesmente como sendo o oposto da frente. Em português, o caso torna-se mais complexo. Parece que em vez de *frente* decidir *atrás*, *atrás* decide *frente*. Esta cognição deve originar-se de outra experiência corporificada, i.e., desenvolvimento do trajeto. O trajeto anterior fica atrás e o trajeto posterior fica à frente. O primeiro que foi andado decide, de certa maneira, o segundo que será explorado.

Além de *frente/trás*, nalgumas línguas (especialmente as línguas asiáticas) há ainda o eixo vertical *cima/baixo* nas expressões temporais. Em português, quando se trata da percepção e referenciação ao texto escrito, também isso acontece: acima (*atrás*)-abaixo (*mais à frente*, embora esta correspondência não se use muito). A metáfora é TEXTO É OBJETO QUE VAI DE CIMA PARA BAIXO. O uso de *cima/baixo* em português na apresentação da sequência temporal acontece apenas no quadro de referências relativas (*a alta idade média, a baixa idade média*); entretanto, em mandarim, 上 (shàng, *cima*)/ 下 (xià, *baixo*) são utilizadas metaforicamente na sequência temporal tanto no quadro de referência deíctica quanto no quadro de referências relativas. Vejamos a seguir alguns exemplos.

A. O quadro de referências deícticas

73) o mês passado / o mês próximo

上	个	月	下	个	月
shàng	gè	yuè	xià	gè	yuè
cima	um	mês	baixo	um	mês
o mês passado			o mês próximo		

74) a semana passada / a semana próxima

上	星期	下	星期
shàng	xīng qī	xià	xīng qī
cima	semana	baixo	semana
a semana passada		a semana próxima	

B. o quadro de referências relativas

75) amanhã/ tarde

上	半	天	下	半	天
shàng	bàn	tiān	xià	bàn	tiān
cima	metade	dia	baixo	metade	dia
desde o nascer do sol até ao meio-dia, manhã			desde o meio-dia até o pôr do sol, tarde		

76) *a primeira metade do jogo de futebol/ a primeira metade do jogo de futebol*

上	半	场	下	半	场
shàng	bàn	chǎng	xià	bàn	chǎng
cima	metade	um lugar pano	baixo	metade	um lugar pano
<i>a primeira metade do jogo de futebol</i>			<i>a primeira metade do jogo de futebol</i>		

O que acontece mais cedo é descrito por *cima* e o que acontece mais tarde é descrito por *baixo*. Ao contrário do eixo horizontal, no qual a sequência temporal dos eventos forma uma direção do movimento de tempo, no eixo vertical é a direção do movimento de tempo (vem da experiência da gravidade que faz os movimentos de cima para baixo, como o rio) que determina a apresentação da sequência por *cima/baixo*. No entanto, no eixo *cima/baixo*, não é fácil encontrar exemplos para distinguir eventos que acontecem primeiro de aqueles que acontecem depois, como no eixo de *frente/trás* sobre a localização relativa entre dois objetos. Assim, alguns usos não são aceites num contexto comunicativo:

77) ? 晚饭之下, 我们去了电影院。

Baixo de jantar, fomos ao cinema. NÃO TEM a ideia de depois de jantar.

78) ? 放学之上, 老师让我们对教室进行清扫。

Cima de terminar a escola, devemos fazer uma limpeza da sala de aula. NÃO TEM a ideia de antes de terminar a escola.

Em relação à direção horizontal (frente/trás), temos menos experiência em movimento no sentido vertical, porque a direção em que nos movemos não é, em rigor, para cima ou para baixo. Os mais comuns, são movimentos inclinados (como subir ou descer a montanha, subir ou descer escadas, etc.). Então, qual será a base cognitiva do eixo vertical na metáfora das sequências de eventos? O fenómeno deve ser resultado de várias razões, nas quais encontramos esta como a mais significativa: embora o tempo seja unidimensional e os eventos se localizem numa linha direcionada, a sequência não é equivalente completamente à relação posicional dos eventos que, por sua vez, também está influenciada pela perspectiva do observador. Assim como numa relação espacial num quadro de referências absolutas (como *leste, oeste, norte* ou *sul*) a sua definição não tem a ver apenas com a direção inerente do observador, mas é modificada também de acordo com a localização do mesmo observador.

Em mandarim, *cima* e *baixo* não se referem a um intervalo antes ou depois de um ponto de referência. O eixo vertical é usado apenas para indicar uma sequência previamente agendado pelo calendário. Por exemplo, 上周 (shàng zhōu, *cima semana*) é uma semana passada e 下周 (xià zhōu,

baixa semana) é uma semana próxima no sentido deítico. Por outro lado, 上 (shàng, *cima*) e 下 (xià, *baixo*) relacionam um evento com outro evento ou momento prescrito no sentido relativo.

79) 中秋以后的下一个节日是什么?

Qual é o baixo feriado do Festival de Outono?

(Qual é o próximo feriado depois do Festival de Outono?)

80) 东京奥运会的上一届奥运会在北京举办。

Os jogos Olímpicos cima dos Jogos Olímpicos de Tóquio foram realizados em Pequim.

(Os Jogos Olímpicos anteriores aos de Tóquio foram realizados em Pequim.)

81) 我的上面有两个姐姐, 下面有一个弟弟。

Em cima de mim há duas irmãs, de baixo de mim há um irmão.

(Tenho duas irmãs mais velhas e um irmão mais novo.)

Por isso, o eixo de *cima/baixo* projeta a experiência de um movimento determinado (o rio, o sol, uma inclinação, etc.) a fim de apresentar uma ordem dos pontos temporais (unidade temporal como dia, mês ou componentes de um evento como jogo de futebol, etc.) pré-organizados. Por outras palavras, a aplicação do eixo vertical numa sequência tem a sua origem em movimentos verticais. Porém, baseia-se mais nas percepções culturais do que em considerações lógicas. Por exemplo, as posições superior e inferior são proeminentes em definição do valor, sendo que, no geral, *superior* representa o valor positivo e *inferior* é o valor negativo. Essa valorização de direção encontra-se nalgumas culturas asiáticas. O povo chinês tem a ideia de honrar os ancestrais (também os antigos), i.e., o passado é respeitável e positivo, ao passo que o futuro que é relativamente inestimável, incerto e negativo. É por causa disso que a direção vertical não é adequada para se projetar na sequência dos eventos, uma vez que nem sempre há uma distinção entre o que acontece primeiro e o que acontece depois no sentido de valor positivo e negativo.

Além disso, no esquema de CIMA/BAIXO, existe ainda um subesquema – o esquema FORÇA. O esquema FORÇA vem da gravidade. Os valores semânticos de *cima* e de *baixo* são independentes no sentido de serem definidos pela gravidade quando ambos se referem a uma direção. A direção consistente com a tendência da gravidade é *baixo* e a contrária é *cima*.

Deste ponto de vista, existem duas razões para o uso de *cima/baixo*, quer seja em português quer seja em mandarim, nas expressões referentes ao tempo. Uma é o movimento dos objetos (a direção do movimento do rio, a direção do movimento da caneta, etc.) e a outra é *acima* determina *baixo*. Portanto, nas metáforas temporais, embora os mapeamentos entre a sequência dos eventos e a posição relativa das coisas ocorram em diferentes direções (horizontal ou vertical), as suas implicações são as mesmas.

Não importa em qual modelo cognitivo de tempo onde os eventos se situam: o evento A sempre acontece mais cedo do que o evento B numa sequência. É uma definição de sequência entre dois eventos em vez de ser uma metáfora da sequência. A base cognitiva da metáfora de sequência é que, para o observador, a sequência de eventos experimentados determina a posição relativa (no sentido espacial) entre os eventos. Devido a que a sequência é fixa e que a localização do observador também é fixa no sentido de estar sempre no momento da enunciação, os mapeamentos de diferentes modelos cognitivos de tempo atingem por vezes alguma complexidade na metáfora de sequência.

3.1.2.3.3. A correspondência entre *frente/ trás* e *passado/ futuro*

Devemos não confundir o futuro (o tempo posterior em relação ao momento da enunciação) com a posterioridade (o tempo depois de um ponto de referência numa sequência temporal), nem o passado (o tempo anterior em relação a AGORA) com a anterioridade (o tempo antes de um ponto de referência numa sequência temporal). O futuro e o passado são casos específicos numa sequência por serem deíticos (Núñez e Sweetser, 2006, p.404).

A metáfora da sequência temporal (*antes/ depois*) deve ser entendida como uma metáfora de ordem baseada no movimento, enquanto a metáfora de *futuro/ passado* está mais relacionada com cognições de orientações no espaço. Embora as metáforas sobre o passado e o futuro sejam um caso especial da metáfora sequencial por enfatizar a localização (o presente/o momento da enunciação) do Ego, a base cognitiva para a ocorrência de metáforas é mais complexa, porque o passado e o futuro implicam ainda interpretações filosóficas e conhecimentos sobre a realidade física além de serem simplesmente conceitos de tempo. Por exemplo, a metáfora do tempo da direção vertical em mandarim é originada a partir da visão antropocêntrica sobre o mundo (Radden, 2003), na qual *cima* indica o passado e *baixo* representa o futuro.

This model of vertical time is based on an anthropocentric view of the world with the observer occupying the highest position. The future comes up to his level from below but does not go higher up to the past (Radden, 2003, p.228).

No inglês, a cognição do tempo no eixo vertical também existe: FORESEEABLE FUTURE EVENTS ARE UP (and AHEAD) (Lakoff e Johnson, 1980). Por exemplo:

All upcoming events are listed in the paper.
What's coming up this week?
I'm afraid of what's up ahead of us.
What's up? (Lakoff e Johnson, 1980, p.16)

Então, FUTURO é CIMA. Já que os exemplos parecem indicar que os eventos futuros começam abaixo e depois sobem. Esta metáfora é criada com base numa experiência visual. Assim é referido por Lakoff e Johnson (1980):

Normally our eyes look in the direction in which we typically move (ahead, forward). As an object approaches a person (or the person approaches the object), the object appears larger. Since the ground is perceived as being fixed, the top of the object appears to be moving upward in the person's field of vision (Lakoff and Johnson, 1980, p.16).

Aliás, a metáfora está relacionada com a relação entre *saber* e *ver*, i.e., o futuro é UNKNOWN e o passado é KNOWN.

Take, for example, a metaphor like UNKNOWN IS UP; KNOWN IS DOWN. Examples are "That's up in the air" and "The matter is settled." This metaphor has an experiential basis very much like that of UNDERSTANDING IS GRASPING, as in "I couldn't grasp his explanation." With physical objects, if you can grasp something and hold it in your hands, you can look it over carefully and get a reasonably good understanding of it. It's easier to grasp something and look at it carefully if it's on the ground in a fixed location than if it's floating through the air (like a leaf or a piece of paper) (Lakoff e Johnson, 1980, p.20).

Se algo está fixo no chão, pode-se localizá-lo, ver como alcançá-lo e talvez segurá-lo, enquanto se algo está a voar no ar, é mais difícil fixar o olhar nele, localizá-lo e descobrir como alcançá-lo. Por isso, o passado já é fixo, conhecido e entendido como *baixo*, ao passo que o futuro é flexível, desconhecido e percebido como *cima*. Neste sentido, o inglês, ao inverso do mandarim, indica o futuro com *cima*, enquanto representa o passado com *baixo*.

Entretanto, num contexto da escrita em inglês, a correspondência entre passado/futuro e *cima/baixo* é exatamente contrária: *see below* (*abaixo*) significa *ver o conteúdo próximo e futuro*, enquanto *see above* (em cima), representa *ver o conteúdo passado*. Neste contexto, *cima* é *passado* e *baixo* é *futuro*. A base experiencial é importante para metáforas, devido a que a metáfora com os mesmos domínios fonte e alvo pode ser desigual em diferentes línguas (mesmo na mesma língua) por causa de ser atribuída por diferentes bases experienciais que resultam em implicações diversificadas.

Nalgumas línguas, o futuro e o passado não podem ser ilustrados pela direção egocêntrica. Por exemplo, os falantes de línguas australianas representam o tempo com sistemas de referência espacial absolutos (ao longo de um eixo leste/oeste) em vez de usar o eixo referente à assimetria do corpo (Boroditsky e Gaby, 2010). Noutras comunidades linguísticas, o futuro e o passado são expressos em função do ambiente geográfico, por exemplo, *Uphill* e *Downhill* in Tzeltal (Brown e Levinson, 1993). Além disso, as metáforas do passado e do futuro podem ser resultantes de alguns comportamentos frequentes, tais como hábitos de escrita e leitura numa sociedade que tem língua escrita. De qualquer maneira, *frente* e *trás* têm um papel dominante numa apresentação metafórica de futuro e passado em muitas línguas por causa da experiência universal da humanidade. Não são exceções o português e o mandarim.

Convém enfatizar que não podemos simplesmente dizer que O PASSADO ESTÁ ATRÁS e O FUTURO ESTÁ À FRENTE, mas devemos precisar que o passado está por trás de quê (quem) e o futuro está à frente de quê (quem).

We could not say, in English, that *Christmas is behind us*, or *Christmas is following us*, to mean that *Christmas is future relative to the speaker's NOW*. Indeed, *Christmas is behind us* is perfectly grammatical, but only in the sense that *Christmas is in the speaker's past*, not *his* or *her* future. One could similarly claim that in English the “past is in front” because we find expressions such as *ahead of time*, or *twenty minutes ahead of one o'clock* (National Public Radio time announcement for 12:40), where ahead of means “earlier than.” Here, we have a clear answer to the question, “In front of what?”—this is about the relation between two times, neither of which is the speaker's NOW. One cannot say ahead of us meaning “earlier than the present”—instead, it means “later than the present.” (Núñez e Sweetser, 2006, p.404)

No caso do mandarim, podemos dizer 好日子在后头 (o tempo feliz está atrás) para indicar que o tempo feliz está no futuro. No entanto, a frase 好日子在我们后头 (o tempo feliz está atrás de nós) não tem a mesma interpretação. Segundo Yu (2012),

(...) simply because in Chinese the future is not ‘behind’ us and would not ‘come to us from behind’. The contrast between what is acceptable and unacceptable suggests that the answer to the crucial question is ‘behind days/times’ (Time-RP) rather than ‘behind us’ (Ego-RP) (Yu, 2012, p.1349).

A explicação de Yu não é completamente correta, uma vez que em mandarim, muitas vezes, será difícil de verificar o ponto de referência numa diferenciação entre passado e futuro. Por exemplo,

82) 他的好日子还在后头呢。

Os seus dias felizes estão atrás (de hoje).

83) 他后头还有好日子呢。

Lá atrás dele há seus dias felizes.

Ambas as frases indicam que uma pessoa no futuro vai ter uma vida melhor do que a do momento da enunciação. Só que, na frase 66), o ponto de referência pode ser o momento da enunciação, enquanto na frase 67) o ponto de referência é o sujeito. As duas frases interpretam uma mesma ideia. Por isso, no nosso entender, o motivo de confusão da equivalência entre *frente/ trás* e futuro/passado deve ser outro, i.e., na cognição, é mais razoável que a localização do *tempo feliz* esteja atrás do *tempo difícil* do que esteja após (no futuro de) Ego, visto que a sequência metafórica é uma metáfora acontecida entre viagem e vida (VIDA É UMA VIAGEM) em vez de entre tempo e espaço (TEMPO É ESPAÇO). Então, é importante que se verifica diferentes pontos de referência devido à variação do quadro de referência. Senão, vai sentir-se confuso perante correspondências diversificadas entre *passado/ futuro* e *frente/ trás* (Yu, 2012, p.1344).

Para os falantes de português, a equivalência entre o espaço e o tempo em termos de *frente/ trás* é exatamente a oposta, em determinados contextos, em relação às referidas pelos dicionários (Teixeira, 2001, p.466). Teixeira mostrando três correspondências entre o espaço e o tempo em termos de *frente* e *atrás*:

1-*atrás*, no espaço, corresponde a *à frente* no tempo; (se ele está *atrás* —no espaço— relativamente a Lj, quando chegar a Lj o tempo será posterior, o relógio terá andado *para a frente*.)

2-*atrás*, no tempo, corresponde a *à frente* no espaço; (Se ela chegar a Lj *atrás* no tempo — 9.00 horas é *atrás* das 9.10 horas— implica que esteja *à frente* no espaço.)

3-*atrás* identifica-se com *à frente* quando se identifica espaço com o tempo (Teixeira, 2001, p.468).

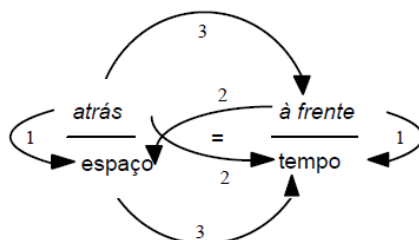


Figura 45. (FIGURA 5, Teixeira, 2001, p.468)

O resultado deve ser atribuído, antes de mais, pela diversidade dos modelos mentais de *frente/trás* no espaço. Segundo Teixeira, a noção (espacial) de *frente/trás* em português europeu é multifacetada no sentido de ser apresentada por cinco modelos diferentes. Quatro são *estáticos*, uma vez que apresentam apenas a oposição de *frente/trás* em termos de espaço, e um, que denomina *dinâmico*, insere o movimento, fazendo, por isso, intervir a perspetiva temporal. É precisamente a dualidade de perspetiva estática versus a dinâmica que possibilita modelos de referência contraditórios, permitindo, nomeadamente, quer a *anterioridade* de lugar/tempo, quer a inversa *posterioridade* para as expressões com *trás* (Teixeira, 2001, pp.466-467).

O segundo motivo é a polissemia de *frente/trás*. *Frente* em português, em certas ocasiões tem traços [+distância (longe)] e [sem contacto]. No caso de *atrás*, tem, em certos contextos, interpretações de invisível, inalcançável, próximo ou tocante. (Teixeira, 2001, pp.502-503).

Frente em português possui diferentes modelos cognitivos. Os mais acentuados são o modelo de encaramento e o modelo codirecional. Em ambos os modelos, pode-se dizer que *X está na frente de Y* (Teixeira, 2001, p.372). Esses dois modelos espaciais, no nosso entender, podem ser equivalentes metaforicamente ao modelo de *ego-moving* e ao modelo de *time-moving*, respetivamente.

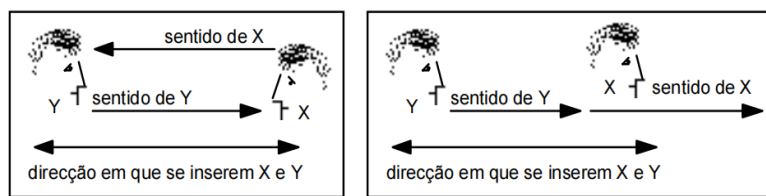


Figura 14

Figura 15

$X \text{ à frente de } Y \Rightarrow [+ \text{encaramento}]$

$X \text{ à frente de } Y \Rightarrow [- \text{encaramento}]$

Figura 46. (FIGURA 14 e FIGURA 15, Teixeira, 2001, p.375)

Temos de fazer algumas alterações estruturantes dos modelos espaciais para os tornar em modelos temporais. O modelo de encaramento pode ser considerado como o modelo *time-moving* no tempo por meio de definir o interveniente X como o fluxo temporal que ocorre desde o futuro para o passado. O interveniente Y, por sua vez, é definido como o Ego e está fixo. Quanto ao modelo de não encaramento, o interveniente X também é metaforizado como o tempo que, desta vez, é fixo como um trajeto. O interveniente Y mantém um papel de observador, ou seja, o Ego.

O modelo de *time-moving* pode ser considerado como o modelo de [+encaramento] que apresenta a relação entre o Ego estático e o tempo dinâmico. O modelo de *ego-moving*, por sua vez,

pode ser entendido como modelo de [-encaramento] a fim de revelar uma relação entre o Ego dinâmico e o tempo do evento estático. Os modelos demonstram diferentes critérios de definir *frente/ trás* quando o Ego está estático ou em movimento.

Focalizamos a aplicação de *frente/ trás* em *time-moving* e *ego-moving* através de duas locuções: *X tempo atrás*, que significa algum tempo que já passou em relação ao momento da enunciação e *daqui para a frente*, que representa algum tempo depois do momento da enunciação.

A. x tempo atrás (o passado relativo ao momento da enunciação)

a) No modelo de *time-moving*

O Evento 1 aconteceu em 2002 e o Evento 2 aconteceu em 2012. Então,

84) O Evento 1 está atrás do Evento 2 no sentido temporal.

85) O Evento 1 está frente do Evento 2 no sentido espacial (sob uma direção do movimento temporal).

86) O Evento 2 está frente do Evento 1 no sentido temporal.

87) O Evento 2 está atrás do Evento 1 no sentido espacial.

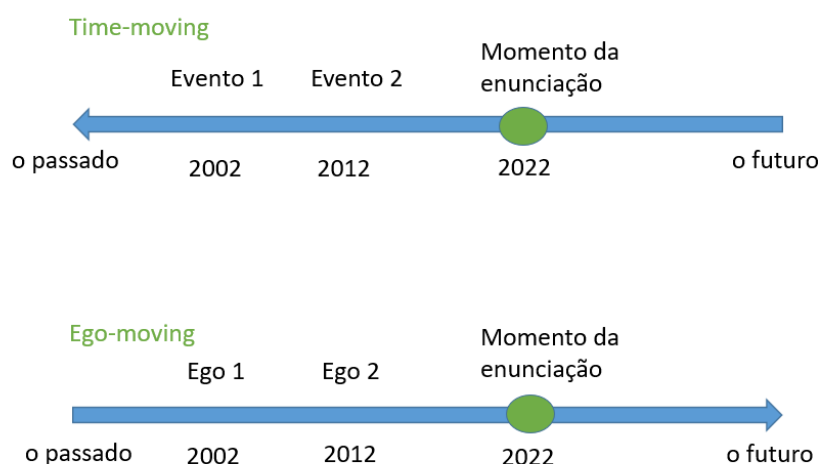


Figura 47

b) No modelo de *ego-moving*

Ego 1 localiza-se em 2002 e Ego 2 localiza-se em 2012. Então,

88) Ego 1 está atrás de Ego 2 no sentido espacial (sob uma direção do movimento temporal).

89) Ego 1 está atrás de Ego 2 no sentido temporal.

B. x tempo à frente (o futuro relativo ao momento da enunciação)

a) No modelo de *time-moving*

O Evento 3 acontecerá em 2027 (à frente 5 anos de momento da enunciação) e o Evento 4 acontecerá em 2032 (à frente 10 anos de momento da enunciação). Então,

90) *O Evento 3 está atrás do Evento 4 no sentido temporal.*

91) *O Evento 3 está frente do Evento 4 no sentido espacial (do movimento do tempo).*

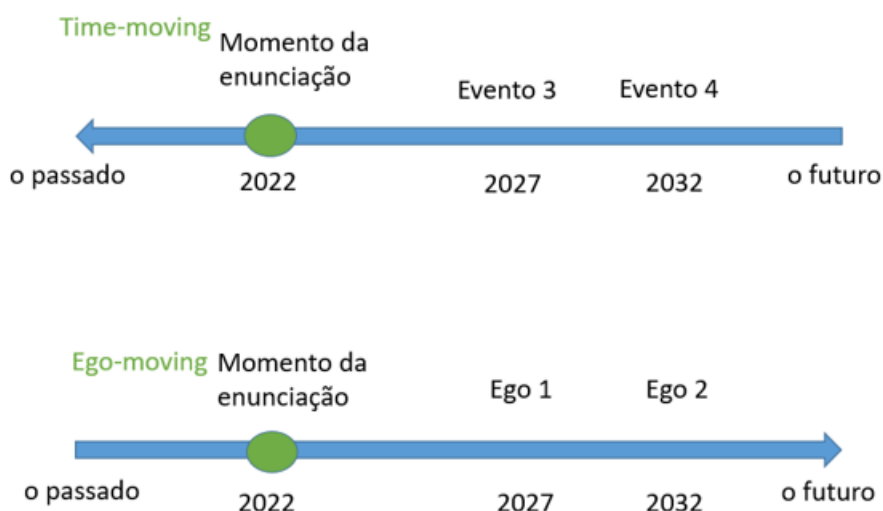


Figura 48

b) No modelo de *ego-moving*

Ego 3 estará em 2027 (à frente 5 anos) e Ego 4 estará em 2031 (à frente 10 anos). Então,

92) *Ego 3 está atrás de Ego 4 no sentido espacial.*

93) *Ego 3 está atrás de Ego 4 no sentido temporal.*

94) *O Evento 4 está à frente do Evento 3 no sentido temporal.*

95) *O Evento 4 está atrás do Evento 3 no sentido espacial.*

Sendo assim, confirmamos que no modelo de *time-moving* são aplicáveis duas correspondências referidas por Teixeira (2001): *atrás no espaço é frente no tempo* (o modelo (1)²² referido por Teixeira) e *atrás no tempo é frente no espaço* (o modelo (2)²³ referido por Teixeira). Neste contexto, o tempo é concetualizado como uma linha reta que se dirige desde o futuro para o passado. A direção do movimento do tempo é *frente*, então, *frente* é *antes*, ao passo que *atrás* é *depois*. Estabelece-se, desta maneira, *atrás no tempo é frente no espaço*. Pela visão do observador, no entanto, *frente* é o futuro e

²² O modelo (1): *atrás*, no espaço, corresponde a *à frente* no tempo; (se ele está *atrás* —no espaço—relativamente a Lj, quando chegar a Lj o tempo será posterior, o relógio terá andado *para a frente*.)

²³ O modelo (2): *atrás*, no tempo, corresponde a *à frente* no espaço; (Se ela chegar a Lj *atrás* no tempo — 9.00 horas é atrás das 9.10 horas— implica que esteja *à frente* no espaço.)

atrás é o passado. Assim, estabelece-se outra equivalência entre espaço e tempo, i.e., *atrás no espaço* (do observador) é *frente no tempo* (sob uma direção do movimento do tempo).

No modelo de *ego-moving*, o movimento de Ego é consistente com a direção que o Ego enfrenta. O tempo é o trajeto caminhado por Ego. *Frente* (do observador) refere-se ao futuro e *atrás* (do observador) representa o passado. Neste contexto, a direção do espaço e a sequência do tempo são equivalentes devido ao movimento de Ego. Portanto, estabelecem-se duas correspondências: a) *frente* no espaço = *frente* (depois) no tempo, b) *atrás* no espaço = *atrás* (antes) no tempo. Essas duas equivalências são válidas quando se faz uma comparação entre diferentes localizações na mesma linha temporal do mesmo Ego. Ou seja, para o Ego, o que experiencia primeiro é *atrás* e o que experiencia em segundo lugar é *frente*, quer no sentido espacial, quer no sentido temporal.

Em português, quer seja o modelo de *time-moving* quer seja o modelo de *ego-moving*, *frente* é o futuro e *atrás* é o passado pela perspectiva do observador (ou do experienciador). Do ponto de vista do movimento do tempo, pelo contrário, *frente* é o passado e *atrás* é o futuro. No entanto, para os falantes portugueses, não é usada muito a visão do tempo, uma vez que na expressão da sequência, o português aproveita principalmente os advérbios *antes* e *depois*. Ao expressar uma relação entre futuro/passado e frente/trás, fazem-se principalmente referências em duas direções: a direção do movimento de Ego e a direção intrínseca de Ego (a direção da cara). Em português existem modelos para configurar passado e futuro com *frente/trás*. Há usos diretos também desses dois termos para indicarem a sequência entre eventos, só que pode ser pouco comum. Por exemplo, *comeu às 13 horas e logo à frente, às 15, voltou a comer*.

No caso do mandarim, 前 (qián, *frente*) e 后 (hòu, *trás*) são usados tanto no espaço quanto no tempo. Os valores semânticos principais de 前 (qián, *frente*) são:

- a) a ordem
- b) a localização relativa: na frente de
 - [+contacto] [-distância] peito frente
 - [-contacto] [-distância] na frente do carro
 - [-contacto] [+distância] em frente à praça, frente a parada
- c) a direção do avanço

Os valores semânticos principais de 后 (hòu, *trás*) em mandarim:

- a) a ordem

b) a localização relativa: atrás de

[+contacto] [-distância] lombo atrás

[-contacto] [+distância] atrás do corpo

c) a direção contrária do avançamento

Para os falantes chineses, o modelo de *time-moving* tem duas visões diferentes. Uma é dirigida ao futuro, assim como o que acontece em outras línguas conhecidas (o português, o inglês, etc.). Observa-se ainda outra perspectiva (por virar do corpo) que resulta na correspondência bidirecional entre *frente/ trás* e passado/futuro. Por um lado, a direção intrínseca do observador ou a direção do seu movimento no tempo constrói o quadro de referência. Neste caso, em ambos os modelos (*time-moving* e *ego-moving*), *frente* indica o futuro e *atrás* é o passado. Por outro lado, quando a perspectiva do observador se reverte (por meio de virar a cabeça), as direções são contrárias. *À frente* indica o passado e *atrás* indica o futuro.

No modelo do *time-moving* (é parecido com o modelo de encaramento de Teixeira (2001)), enfrentamos o movimento do tempo. No caso do mandarim, uma visão é possivelmente invertida por meio de virar o corpo. O Ego estático voltado para o passado é a única concetualização metafórica de tempo na China antiga (Ahrens e Huang, 2002).

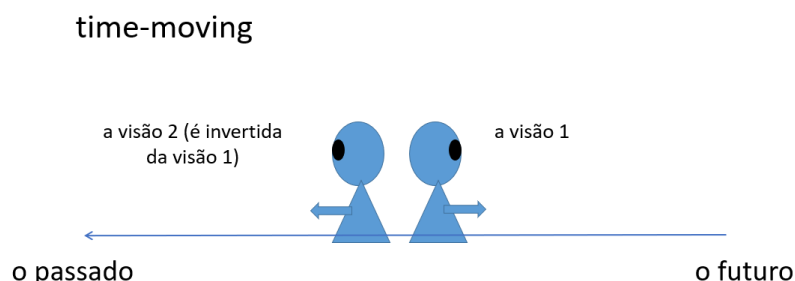


Figura 49

No modelo de ver o passado pela visão 2, na maioria das vezes, faz-se a referência à direção intrínseca do observador.

Caracter chinês	Tradução portuguesa
前几天 qián jǐ tiān	frente alguns dias: <i>os dias anteriores</i>
前天 qián tiān	frente dia: <i>anteontem</i>
前尘 qián chén	frente pó: <i>o tempo já passado de uma vida</i>
往前几年 wǎng qián jǐ nián	ir para frente alguns anos: <i>alguns anos atrás, os anos anteriores</i>

Tabela 26. O passado pela visão 2

Caracter chinês	Tradução portuguesa
后天 hòu tiān	atrás dia: <i>um dia depois de amanhã</i>
后几天 hòu jǐ tiān	atrás alguns dias: <i>alguns dias depois: os dias posteriores</i>
日后 rì hòu	dia atrás: <i>o tempo depois do momento da enunciação</i>
身后 shēn hòu	corpo atrás: <i>o tempo depois de morte</i>
后世/后代 hòu shì /hòu dài	atrás geração: <i>geração no futuro</i>
往后 wǎng hòu	ir para atrás: <i>o tempo no futuro</i>
向后看 xiàng hòu kàn	para atrás ver: <i>olhar para o futuro</i>

Tabela 27. O futuro pela visão 2

No modelo do movimento co-direcional (*ego-moving*), a direção da visão também desempenha um papel importante na definição da sequência de eventos. Encontra-se neste modelo duas visões diferentes nas expressões do futuro e do passado. Além disso, verifica-se uma diferença entre cognição sobre o futuro próximo e cognição sobre o futuro remoto por se escolher o quadro de referência. Quanto ao futuro próximo, utilizamos o corpo como o quadro de referência, no qual funcionam a direção da visão, a direção da cara, etc. No caso do futuro remoto, faz-se uma referência à direção do movimento de tempo ou do ego.

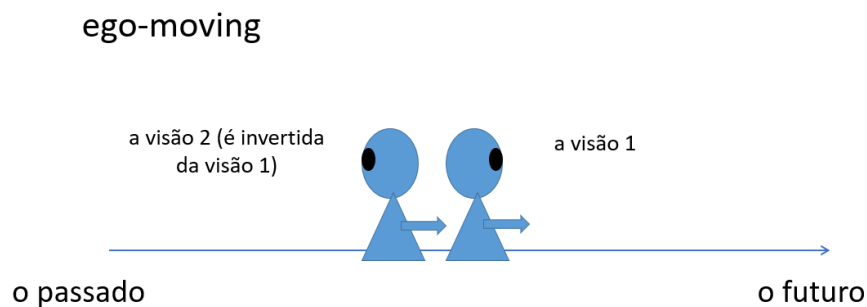


Figura 50

	Caracter chinês	Tradução portuguesa	Significado metafórico	O quadro de referência
O futuro próximo	眼前(yǎn qián)=眼 下(yǎn xià) 目前(mù qián)=目 下(mù xià)	os olhos frente=os olhos baixos os olhos frente=os olhos baixos	agora/o futuro próximo	O quadro de referências intrínsecas do observador
O futuro remoto	前程(qián chéng) 前途(qián tú)	frente rua frente rua	a vida no futuro	O quadro de referência de movimento do observador
	前景(qián jǐng)	frente cenário	um resultado possível de um evento para futuro	O quadro de referência de movimento do observador
	前瞻(qián zhān)	frente ver	A previsão do futuro	O quadro de referências intrínsecas do observador
	向前看(xiàng qián kàn)	olhar para frente	Olhar para o futuro	O quadro de referências intrínsecas do observador

Tabela 28. O futuro pela visão 1

Em mandarim, relaciona-se a percepção visual com o futuro próximo. Um significado de 眼前(yǎn qián) é “bem na sua frente, muito perto”, ou seja, “na frente dos seus olhos”. Por um lado, a curta distância entre a pessoa e o objeto é mapeada para a curta duração no tempo e, por outro, a curta distância indica o atingimento imediato do objeto pela visão. Por isso, 眼前(yǎn qián) indica um futuro muito próximo. Devido ao alcance limitado do que as pessoas podem ver, essas expressões não se referem ao futuro remoto. A metáfora concretiza um período curto do tempo recente com um alcance pequeno do espaço com a ajuda da visibilidade.

Além disso, nesta metáfora, encontramos uma equivalência entre *frente* e *baixo* para referir um futuro próximo. Assim como se pode observar na Tabela 28, 眼前(yǎn qián, *olho frente, agora/o futuro próximo*)= 眼下(yǎn xià, *olho baixo, agora/o futuro próximo*). 目前(mù qián, *olho frente, agora/o futuro próximo*) é mais gramaticalizada em relação a 眼前(yǎn qián, *olho frente, agora/o futuro próximo*), no sentido de funcionar apenas no domínio temporal em vez de indicar também um alcance espacial. O desenvolvimento semântico inicia-se com 面前(miàn qián, *cara frente, agora/o futuro próximo*), passa pelo 眼前(yǎn qián, *olho frente, agora/o futuro próximo*) até 目前(mù qián, *olho*

frente, *agora/o futuro próximo*), verifica-se a transição do espaço para o tempo. Podemos confirmar que o conceito de tempo em mandarim é de facto derivado de metáforas espaciais.

前程 (qián chéng, frente trajeto) e *前途* (qián tú, frente trajeto) estão relacionados com a metáfora A VIDA É UMA VIAGEM. No modelo de *ego-moving*, o Ego está a mover-se para frente. O que está atrás é que já está experimentado (pertence ao passado) e o que está na frente (inclui-se o que ainda não está à vista) é que vai ser explorado (pertence ao futuro).

Caracter chinês	Tradução portuguesa	O quadro de referência
回顾 huí gù	voltar a ver /virar a cabeça para ver relembrar o passado	O quadro de referências intrínsecas do observador
回首 huí shǒu	virar a cabeça relembrar o passado	O quadro de referências intrínsecas do observador
回溯 huí sù	voltar/o movimento contraste a direção do movimento do rio relembrar o passado	O quadro de referência de movimento do observador

Tabela 29. O passado pela visão 2

Todos os exemplos demonstram que no modelo de *ego-moving*, o Ego está voltado para o futuro, e o passado está por trás dele. Se precisa de observar o passado, deve primeiramente "virar a cabeça".

Os princípios para definir a correspondência entre a direção espacial e a tendência temporal são consistentes entre o português e o mandarim. Em ambas as línguas, são ativas a direção do movimento do tempo, ou do ego e a direção inerente do corpo humano. Em mandarim, existe especificamente uma visão invertida que acentua o papel da visão na definição da direção de tempo.

Nota-se ainda que a postura do observador é diferente no modelo de *time-moving* e no modelo de *ego-moving*. No primeiro modelo, o observador inverte não só a cabeça, mas também o corpo. Isso ocorre porque o observador está num estado estático nesse modelo e pode modificar a orientação de todo o corpo à vontade. No modelo de *ego-moving*, porém, apenas a cabeça vira. Neste modelo, o observador é dinâmico. Embora o ângulo de visão tenha mudado, a postura corporal do movimento para a frente não mudou.

Em suma, a correspondência entre a direção espacial (*frente/trás*) e a tendência temporal (relativa ao observador) baseia-se nas experiências dos movimentos no espaço, nas quais as mais essenciais são a experiência visual e a experiência de deslocamento do corpo. No caso do mandarim, há exemplos de ambas, ao passo que em português verificamos apenas a experiência do movimento corporal. No espaço, *frente* geralmente é a direção da visão (também é equivalente à orientação do

rosto ou do corpo) ou direção do movimento. Sem dúvida, *frente* desempenha um papel mais importante do que *atrás*.

Pelo contraste entre o português e o mandarim, descobrimos que os valores semânticos espaciais de *frente* e *trás* em ambas as línguas são ligeiramente diferentes: o elemento dinâmico de *frente* em mandarim (em português *frente* é totalmente estático) e o traço [-contacto] de *trás* em mandarim (em português *trás* tem o traço [+contacto]). No que diz respeito à primeira diferença, entendemos que *frente* em mandarim tem uma etimologia dinâmica. No modelo de *time-moving*, funcionam, então, dois quadros de referência. Um primeiro é a visão do observador e outro é a direção do movimento do tempo. A expressão lexical 前尘往事 (qián chén wǎng shì, frente pó ir o evento, *os eventos acontecidos*) demonstra um movimento dos eventos passados. Quanto à semântica de *atrás* em mandarim, o seu traço [-contacto] resulta que *atrás* pode representar um tempo do futuro remoto ou eventos futuros, tais como, 子孙后代 (zǐ sūn hòu dài, filho neto atrás geração, *descendentes*) e 往后 (wǎng hòu, ir para atrás, *o futuro*).

Em português, temos apenas uma correspondência: *frente* é futuro e *atrás* é passado. Em mandarim, temos duas correspondências. No modelo de *time-moving*, *frente* é passado e *atrás* é futuro, ao passo que no modelo de *ego-moving*, *frente* é futuro e *atrás* é passado. A razão pela qual *frente* e *atrás* em mandarim têm um mapeamento bidirecional com o passado e o futuro, do ponto de vista linguístico, é que as palavras de domínios espacial e temporal são completamente compartilhadas na medida em que os valores semânticos se sobrepõem, às vezes. Pela perspectiva cultural, os chineses respeitam os antepassados. Desta maneira, o observador tem mais de uma perspectiva por meio de virar a cabeça ou o corpo.

3.1.2.4. Conclusão: diferenças e semelhanças nas metáforas espaço-temporais entre o português e o mandarim

Podemos sintetizar os usos de *frente* e *atrás* em português e mandarim no domínio temporal.

	Português	Mandarim
Direção inerente do objeto no espaço	<i>frente/ trás</i>	前(qián, <i>frente</i>)/ 后(hòu, <i>trás</i>)
Direção (predefinida) do evento no tempo	<i>anterior/ posterior</i> (pouco usado) primeiro=a duração perto ao início segundo=a duração perto ao final	前(qián, <i>frente</i>) =a duração perto do início 后(hòu, <i>trás</i>)=a duração perto do final
A base cognitiva dos mapeamentos da metáfora entre o espaço e o tempo	O desenvolvimento do evento requisita uma acumulação do tempo. Assim, o evento é metaforizado como uma coisa que pode ser quantificada por número.	O quadro de referências intrínsecas de observador é projetado para o evento.
	Em ambas as línguas, algumas cognições espaciais de <i>frente</i> e <i>trás</i> são mapeadas para o domínio temporal. Por exemplo, a visibilidade, a relação causal entre <i>frente</i> e <i>trás</i> (<i>frente</i> decide <i>trás</i>), a experiência comum entre o espaço e o tempo, etc.	

Tabela 30. Direção de evento

	Português	Mandarim
Localização relativa entre objetos no espaço	<i>frente/ trás antes/ depois</i> frente = antes trás = depois	前(qián, <i>frente</i>)/ 后(hòu, <i>trás</i>)
A sequência entre eventos no tempo	<i>antes/ depois, anterior/ posterior</i> frente = o que acontece mais tarde =depois=posterior trás = o que acontece mais cedo = antes = anterior	前(qián, <i>frente</i>)= o que acontece mais cedo 后(hòu, <i>trás</i>)= o que acontece mais tarde
A base cognitiva dos mapeamentos da metáfora entre o espaço e o tempo	a ordem de encontrar um evento pelo observador antes (anterior)=é experimentado mais cedo depois (posterior)= é experimentado mais tarde	

Tabela 31. Sequência entre eventos

	Português	Mandarim
Direções de <i>frente</i> e <i>trás</i> no espaço	<i>à frente/ atrás</i>	前(qián, <i>frente</i>)/ 后(hòu, <i>trás</i>)
Passado e futuro no tempo	frente=futuro atrás=passado	frente=futuro/passado atrás=passado/futuro
A base cognitiva dos mapeamentos de metáfora	O quadro de referências intrínsecas e o quadro de referência de movimento do observador são mapeados para o domínio temporal. Os critérios de avaliar <i>frente/ trás</i> no espaço são mapeados para configurar futuro/passado. O mandarim apresenta uma visão diversificada apenas por causa de ter um estado diferente (virar a cabeça) de observar o tempo.	

Tabela 32. A correspondência entre *passado/ futuro* e *frente/ trás*

Tal como se pode observar, ambas as línguas têm metáforas temporais de direções *frente/trás* e, na maioria dos casos, as bases cognitivas da metáfora temporal em português são semelhantes em relação ao mandarim.

No que diz respeito à cognição da direção do evento, os modelos mentais do português e os do mandarim são diferentes. O português prefere aproveitar a ordem sequencial em vez de direções espaciais, ao passo que o mandarim seleciona *frente/trás* com a finalidade de concretizar o evento como um objeto. Assim, consideramos que um evento tem uma ordem, mas não é necessariamente expresso por qualquer direção espacial.

Quanto à relação metafórica entre a direção e a sequência, entendemos que um observador está envolvido, mas não faz efeito na formação nem modificação da sequência. Isto quer dizer que um observador participa numa metáfora de sequência no sentido de servir uma perspectiva deítica, porém, não altera a sequência dos eventos. Além disso, quando a relação entre os eventos no domínio do tempo (ocorre primeiro vs. ocorre depois) é definida por *frente* e *atrás*, a relação posicional entre dois eventos não muda. Mesmo que dois eventos estejam relativamente estáticos por não ser modificado o intervalo entre eles, o quadro de referência de movimento sempre funciona de certa maneira na criação de algumas metáforas, porque o tempo é dinâmico por natureza. Isso é diferente da maneira de avaliar a relação entre dois objetos estáticos no espaço, em que não se considera o quadro de referência de movimento.

De facto, a razão pela qual a sequência de eventos pode ser expressa pelas direções espaciais é que temos uma experiência compartilhada entre o espaço e o tempo através do movimento. A apresentação da sequência de eventos por *frente/trás* é baseada numa experiência de passar ordenadamente por diferentes objetos. É uma cognição criada com o deslocamento relativo entre o corpo e os objetos que é universal em muitas línguas. Devido à existência de diferentes quadros de referência, a definição de *frente/trás* é um resultado de uma consistência entre diferentes quadros de referência (referência intrínseca, referência relativo e referência de movimento) ou da preferência por um deles. Em português utilizam-se palavras de sequência (*antes/depois*) que contêm mais implicações temporais do que espaciais. Em mandarim, porém, aplicam-se os vocábulos espaciais (*frente/trás*). Sendo assim, a metáfora de sequência em português é mais aceitável num contexto do tempo absoluto ou no *ego-moving* pela sua semântica correspondente à característica dinâmica do

tempo, ao passo que a metáfora de sequência em mandarim é mais possível acontecer no modelo de *time-moving*.

Sobre a correspondência entre direções e passado/futuro, é óbvio que o eixo horizontal (*frente/atrás*) é mais dominante em ambas as línguas. No entanto, em mandarim, o futuro é mais entendido como um caminho que se localiza à frente do observador em vez de ser uma direção dinâmica do movimento dele. Por exemplo, em mandarim, 前途 (qián tú, frente caminho, *futuro*) não é apenas para indicar um futuro em relação ao momento deítico da enunciação, mas está bastante ligado à metáfora de "A VIDA É UMA VIAGEM". O significado metafórico de frente neste caso é um caminho que ainda não está explorado ou caminhado. O vocabulário compartilhado entre o espaço e o tempo obriga o domínio temporal a preservar mais cognições espaciais.

Em suma, as bases cognitivas do mapeamento em português são semelhantes em relação às do mandarim. No entanto, acreditamos que existem certas diferenças na compreensão do tempo por causa de particularidades linguísticas e culturais. Por exemplo, quando o observador tem pouco ou nenhum efeito na metáfora temporal (no caso de metáfora de sequência), o português e o mandarim demonstram uma alta coincidência, i.e., projeta-se a mesma cognição espacial para o tempo mediante de mesmas implicações. No entanto, nas metáforas que apresentam uma relação entre o Ego e o tempo por meio da direção, o observador desempenha um papel crucial. Neste contexto, devido à "perspetiva bidirecional" dos falantes do mandarim sobre o tempo, existem mais correspondências entre *frente/trás* e *passado/futuro* do que em português. Em ambas as línguas, os modelos cognitivos de definir uma direção (principalmente a direção de *frente*) são quase completamente preservados no domínio temporal.

A direção inerente do corpo humano e a direção do deslocamento são referências importantes na sequência temporal. Este facto ilustra que em português e em mandarim há uma mesma cognição da direção espacial e a mesma cognição sobre a direção do tempo, só que permanece uma perspetiva diferente do movimento do tempo (o modelo de olhar para atrás no caso do mandarim). É por causa disso que surgem diferentes metáforas temporais nas duas línguas. Essa perspetiva diferente que resulta na diversificação linguística tem a ver com particularidades culturais, assunto que vamos discutir no capítulo 5. Aqui, tentamos estudar a diferença entre o português e o mandarim em metáforas temporais pela perspetiva linguística.

A língua tem consequência na formação e no entendimento das metáforas. Do ponto de vista linguístico, a semântica está associada à expressão metafórica. Às vezes, o vocabulário aplicado é diferente entre línguas, mas o ponto cognitivo em que a metáfora ocorre é exatamente o mesmo. Noutras vezes, embora o vocabulário seja o mesmo, a base cognitiva da metáfora não é idêntica. Segundo (Teixeira, 2001):

É impensável querer compreender/descrever o significado (seja isso o que for) de uma palavra sem se atender aos modelos mentais, cognitivos, através dos quais o falante percebe e estrutura o conceito correspondente (Teixeira, 2001, p.504).

No estudo comparativo entre o português e o mandarim sobre metáforas temporais, temos outro motivo que resulta numa diferença entre essas duas línguas, i.e., em mandarim o vocabulário espacial e o temporal são exatamente o mesmo, enquanto em português, tem, por um lado, um vocabulário que tem o valor semântico mais espacial e menos temporal, tal como *frente/ trás* e, por outro lado, um vocabulário mais temporal e menos espacial, assim como *anterior/posterior* ou *antes/depois*. De acordo com Moura (2002):

(...) a interpretação de certas metáforas conceptuais depende do conhecimento linguístico, em especial a estrutura do léxico. Em outras palavras, a metáfora exige dos falantes um trabalho de reconstrução linguística que não se reduz à operação conceptual subjacente.

A minha ideia é que a estrutura lexical restringe os modelos pelos quais entendemos esse tipo de metáfora. Em outros termos, a minha proposta é que a interpretação da metáfora, em muitos casos, depende também de restrições linguísticas, e não apenas da metáfora conceptual subjacente. Há diferentes interpretações da metáfora, dependendo do tipo da palavra que entra na configuração da metáfora (Moura, 2002, pp.155-156).

No caso do mandarim, a direção do evento é adquirida por meio de concretizar o tempo como um objeto e, obtêm-se, desta maneira, as direções intrínsecas do objeto. Quanto à metáfora de sequência, são utilizadas exatamente as mesmas locuções que ordenam objetos no espaço, tais como, *estar/ ficar à frente/ trás, estar na frente de*, etc.

96) 在我的前面, 有两个姐姐。

Na minha frente estão duas irmãs mais velhas.

(*Tenho duas irmãs mais velhas.*)

97) 这件事不能怪您, 在前面我们没有说清楚。

Esta não é a culpa sua, está de frente não explicamos bem um assunto.

(*Antes não explicamos bem um assunto.*)

98) 你这次考试不及格, 所以后面要好好加油。

Uma vez que falhou no exame, para atrás deve estudar mais.

(No futuro deve estudar mais.)

Quanto à metaforização de passado/futuro, em mandarim há mais exemplos no sentido estático do que exemplos de interpretação dinâmica. Por exemplo, no modelo de *ego-moving*, não temos metáforas do movimento de Ego, mas sim metáforas de caminho que ilustram o futuro: 前程 (qián chéng, frente caminho, o futuro), indica um caminho à frente (faz-se, de grande possibilidade, uma referência à direção intrínseca do observador em vez da direção do movimento de Ego, uma vez que não há um verbo que demonstra exatamente a existência do movimento).

Ego-moving

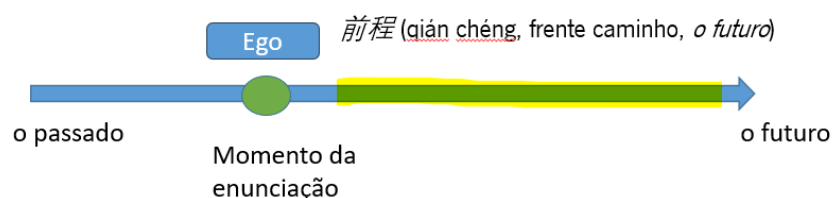


Figura 51

Tal como se pode observar, na Figura 51, a linha marcada em cor amarela representa um trajeto que ainda não está caminhado pelo Ego, indicando metaforicamente o futuro.

Quando aproveitamos a direção 后 (hòu, trás) para indicar o futuro, no modelo de *time-moving*, também se faz referência ao quadro de referências intrínsecas do observador, uma vez que, neste contexto, o observador está perante o passado e está de costas para o futuro. Assim, o futuro também não é ilustrado pelo movimento de Ego, porque o que é dinâmico neste modelo é o tempo. Neste contexto, a direção do movimento do tempo é *frente* (que fica no passado) em vez de *atrás* (que fica no futuro).

Time-moving

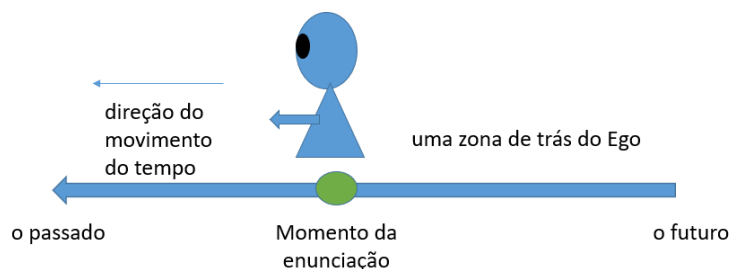


Figura 52

No modelo de *ego-moving* há verbos (追溯, *zhuī sù*, *trace back*) que referem um movimento dirigido para o passado, mas ele é realmente um deslocamento virtual em termos de atividades mentais, tais como *relembrar* ou *uma retroatividade*. Portanto, em mandarim, a metáfora de direção no tempo nas expressões de sequência ou apresentação de *passado/futuro* é mais uma metáfora posicional com base na observação da ordem entre objetos estáticos em vez de ser uma dinâmica em função da experiência de movimento.

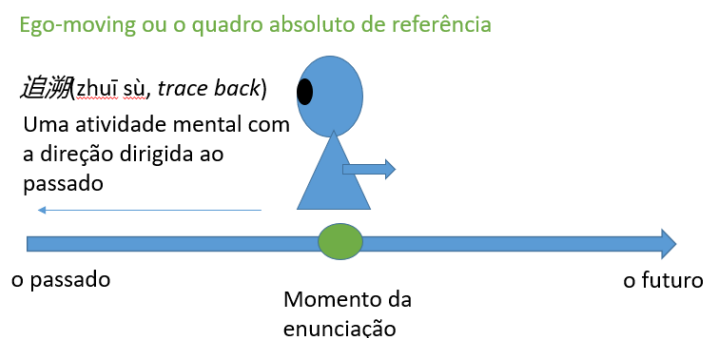


Figura 53

No que diz respeito ao português, temos o vocabulário que difere das direções espaciais ao expressar o tempo. Nas metáforas de sequência, em português utilizam-se palavras com traços temporais ao invés de palavras com interpretação totalmente ou maioritariamente espacial. Um uso do número ordinal ilustra um processo de acumulação do tempo ao longo do desenvolvimento do evento. *Antes* e *depois* revelam características dinâmicas na sequência temporal. Segundo Teixeira (2001, p.504), na equivalência com *antes/depois* o par *atrás/à frente* pode igualmente utilizar modelos espaciais estáticos para modelizar uma sequencialização. A preposição *a* na locução *à frente* demonstra um traço dinâmico.

Em suma, concluímos que, no eixo horizontal (*frente/trás*), a metáfora temporal do português associa-se mais à cognição do movimento, enquanto no mandarim se baseia mais na cognição do espaço por ser configurada com mais características estáticas.

	metáfora de sequência entre diferentes partes do evento (direção do evento)	metáfora de sequência entre diferentes eventos	metáfora de sequência entre o futuro/passado (ou o evento do futuro/passado) e Ego
Português	dinâmico (a acumulação da duração)	dinâmico (a ordem de encontrar um evento pelo observador)	dinâmico (metaforiza o futuro como um movimento dirigido à frente)
Mandarim	estático (o quadro de referências intrínsecas de observador é projetado para o evento)	estático (a projeção da posição relativa dos objetos no espaço para a sequência dos eventos no tempo)	estático (metaforiza o futuro como o trajeto à frente, metaforiza o passado como o trajeto detrás)

Tabela 33. Conclusão das metáforas temporais com ideia principal do domínio do espaço

Pensamos que, mesmo nas metáforas temporais com domínios fontes e alvos idênticos, as implicações são diferentes devido aos mapeamentos variáveis em diferentes quadros dos domínios. Para os falantes portugueses, ocorrem mais mapeamentos para configurar o tempo como algo que está a mover-se. No caso do mandarim, desenvolvem-se mais mapeamentos a fim de metaforizar o tempo como algo que fica ordenadamente no espaço.

3.2. Metáforas do movimento temporal

Merleau-Ponty ([1945]2012) enfatiza a importância do movimento para a sobrevivência do corpo no espaço.

How the body inhabits space (and time, for that matter) can be seen more clearly by considering the body in motion because movement is not content with passively undergoing space and time, it actively assumes them, it takes them up in their original signification that is effaced in the banality of established situations (Merleau-Ponty, [1945]2012, p.105).

Sendo assim, a nossa compreensão do tempo como o movimento desde um passado atrás de nós para um futuro à nossa frente baseia-se na experiência universal de avançar no espaço desde um ponto de partida para um ponto final (Torralbo, Santiago e Lupiáñez, 2006, p.746). O movimento espacial é um domínio-fonte importante na estruturação cognitiva de muitos conceitos abstratos, nos quais o mais acentuado é o tempo, uma vez que o movimento faz parte importante da experiência do tempo.

Crucially, any experience of motion is also an experience of time, although not all temporal experience involves motion - as in the case of seeing and knowing, the inferential relationship between concepts of motion and temporal concepts is unidirectional (Moore, 2000, p.23).

A percepção do movimento está, sem dúvida, situada nas experiências primárias, (Radden, 1996, p.424), estando presente muito antes de podermos andar ou até mesmo gatinhar. Mesmo um recém-nascido já pode seguir com os olhos um objeto que se move em seu campo visual. Outros mamíferos também apresentam manifestações de serem sensíveis ao movimento desde o início da vida. Animais recém-nascidos reagem a objetos em movimento, mas não a objetos estáticos. Percebemos uma entidade como algo que está em movimento através da mudança de sua localização. O movimento tem três características básicas: a) origina-se em algum ponto e termina em outro, b) segue um determinado trajeto e c) tem uma certa direção (Radden, 1996, p.423).

3.2.1. Movimento temporal baseado no movimento de um objeto

O movimento desempenha um papel crucial nas metáforas de *time-moving* e de *ego-moving*. A relação entre movimento e tempo é reconhecida em várias ciências cognitivas, uma vez que o movimento é um dos domínios-fonte de metáforas conceituais do tempo em muitas línguas. A experiência de movimento da humanidade é paralela à assimetria intrínseca da experiência temporal (Núñez e Sweetser, 2006, p.412). As expressões que usam o movimento para apresentar o tempo geralmente são formadas com base num esquema de ORIGEM-TRAJETO-META (Lakoff e Johnson, 1999). Os eventos temporais podem adquirir outras propriedades do movimento no espaço, tais como a forma de movimento (o tempo voa), a velocidade (o tempo passa tão rápido) ou a direção (daqui para a frente).

3.2.1.1. Os modelos de *time-moving* e de *ego-moving*

Uma motivação sensorial e psicomotora universal dá origem a dois mapeamentos básicos no domínio temporal: o modelo de *time-moving* e o modelo de *ego-moving* (Lakoff e Turner, 1989, pp.44-45). Ego pode ser entendido como o ponto de vista da pessoa que tem uma experiência do passado, presente ou futuro. A posição temporal do Ego é equivalente a “agora no momento da enunciação”. Ambos os modelos localizam um evento em relação ao momento deítico numa espacialidade horizontal. O centro deítico é organizado de forma egocêntrica. Os centros deíticos podem ser resumidos em três aspetos (Levinson, 1983, p.64): “The central person is the speaker, the central time is the time at

which the speaker produces the utterance and the central place is the speaker's location at utterance time.”

Os verbos não deíticos²⁴ do movimento, tais como, *mover-se*, *viajar*, etc., são menos utilizados nas metáforas temporais. Sendo assim, o deítico deve desempenhar um papel importante nos mapeamentos (Radden, 1996, pp.425-426).

O modelo de *time-moving* e o modelo de *ego-moving* são, consoante uma opção diferente do Mover, duas variantes de um mesmo modelo que é chamado de TEMPO É MOVIMENTO (Evans, 2007, p.751). Neste contexto, o tempo pode ser concetualizado tanto como coisa dinâmica (*time is a moving entity*) quanto como um Configurante estático (*time is a landscape*) onde estão a mover-se os eventos (Yu, 1998).

Segundo Kranjec (2006, pp.448-449), os modelos de *time-moving* e *ego-moving* são inversos no sentido da estrutura espacial por meio de reverter a Figura e o Configurante.

With MT metaphors, the ego is stationary as future events approach from in front; in ME metaphors the ego moves forward in the direction of stationary events “located” in the future. As the ego and event come to occupy the same space, the event is conceptualized as present. When the event occupies the space behind the ego, it is in the past (Kranjec, 2006, pp.448-449).

Os mapeamentos de *time-moving* podem ser resumidos como a seguir (Moore, 2000, p.25).

Domínio-fonte	Domínio-alvo
An entity toward ego.	A time in Ego's future.
Location of the entity.	Ego's future.
Ego's location.	Ego's present.
Arrival of the entity.	Occurrence of a time.
Co-location.	Simultaneity.
An entity moving away from Ego.	A point or period of time in Ego's past.
Location of the entity moving away from Ego.	Ego's past.
Change in degree of proximity.	Change in degree of immediacy.

Tabela 34. Os mapeamentos de *time-moving*

²⁴ *Deítico* indica que uma interpretação semântica depende do contexto situacional. Assim como é referido por Levinson (1983), o deítico pode ser entendido por três aspetos: pessoal (*eu, tu, você*), temporal (*presente, agora, passado, futuro*) e espacial (*aqui, lá*). Neste caso, a distinção entre o verbo deítico e o que não é entendido como um deítico espacial que, por sua vez, é realizada através do seu posicionamento relativamente ao espaço ocupado pelos intervenientes, em particular o falante e o ouvinte. Neste contexto, os verbos deíticos são *ir, vir, aproximar-se, afastar-se*, etc., que normalmente, indicam uma orientação deítica do movimento com a ajuda do ponto de referência definido num movimento. Os verbos não deíticos do movimento, por sua vez, representam movimentos que não estão condicionados pela orientação definida. Neste grupo, encontra-se verbos *viajar, nadar*, etc.

O modelo de *time-moving* permite-nos relacionar o tempo dinâmico com o Configurante estático. Neste modelo, conceitualizamos a nossa experiência do tempo como uma mudança sucessiva: o futuro transcorre para agora e agora para o passado. Além disso, concede ao tempo uma forma exclusiva de existência. As unidades temporais tornam-se mensuráveis num contexto independente das suas localizações deíticas (Radden, 2003, p.236). Por exemplo, na frase *o Natal chega*, o Natal move-se como uma coisa de duração determinada (um dia).

No caso do modelo de *ego-moving*, os mapeamentos são apresentados a seguir.

Domínio-fonte	Domínio-alvo
Space ahead of Ego.	Ego's future.
Ego's "here".	Ego's "now".
Ego's arrival at a place.	Occurrence of a time.
Co-location.	Simultaneity.
Space behind Ego.	Ego's past
Increasing proximity of mover to goal.	Increasing immanence of the expected time.

Tabela 35. Mapeamentos no modelo de *ego-moving* (Moore, 2000, p.83)

Entendemos que, antes de mais, o modelo de *ego-moving* é consistente com a nossa experiência de avançar no espaço. Neste modelo, conceitualizamos o tempo em termos de esquema de ORIGEM-TRAJETO-META e das experiências de deslocamento. Para mais, o modelo de *ego-moving* permite-nos relacionar o tempo com outros conceitos importantes, especificamente as ações de *goal-directed* (Radden, 2003, p.237).

Segundo os estudos existentes, podem apresentar-se quatro conclusões sobre o modelo de *time-moving* e o modelo de *ego-moving*.

- O modelo de *time-moving* e o modelo de *ego-moving* não são simples trocas entre Figura e Configurante;
- Nalgumas línguas, existem ainda outros modelos de movimento de tempo;
- Eles também não são completamente independentes, devido a que é difícil de distinguir um de outro quando à frase falta o sujeito;
- Cada língua tem a sua preferência por um dos dois modelos.

Em primeiro lugar, verificamos que uma relação entre o *time-moving* e o *ego-moving* é complexa. É algo complementar em vez de ser algo completamente contrário um com outro (Evans, 2005, p.211).

Isto porque, por um lado, *time-moving* e *ego-moving* são culturalmente construídos (Evans, 2005, p.219) e, por outro lado, eles são metáforas complexas em vez de serem metáforas primárias²⁵.

This follows as these models are constituted of a range of independently-motivated lexical concepts, involving a range of distinct elaborations, including elaborations in terms of a prescribed set of motion content and non-motion content. Moreover, these models may have culture-specific distinctions and nuances (Evans, 2005, p.226).

É confirmado pelos estudos mais recentes que uma divisão entre o *ego-moving* e o *time-moving* não pode explicar algumas expressões temporais em mandarim. Yu (1998) propõe dois modelos chineses, *time as moving toward the face of the stationary Observer* e *time as bounded space over which the Observer is traveling*, que correspondem completamente aos modelos de *time-moving* e de *ego-moving*, respetivamente. Ele refere ainda um terceiro modelo: *time as both a moving entity and a fixed location*, i.e., o tempo (ou o evento) e o observador movem-se sob a mesma direção numa linha temporal. Por exemplo,

99) 我与时间赛跑。

Estou a correr contra o tempo.

(fazer algo de maneira rápida a fim de mudar um resultado suposto)

100) 他要赶在日落之前完成工作。

Ele tem de terminar o trabalho antes da chegada da noite.

(O tempo necessário do trabalho deve ser menor do que uma duração desde agora até o pôr do sol)

A ideia também é confirmada por Huang (2016):

The subject is usually not linguistically realized, and both MT (time-moving) and ME (ego-moving) may be compatible in the context. (...) Chinese native speakers demonstrate that the missing subject of “Motion-Verb + Time” can be “ego” or “time”, but “ego” is slightly preferred (Huang, 2016, p.49).

É difícil determinar se é o Tempo que é concetualizado como um objeto movido em direção a um ponto específico, ou se é o Ego que se move em direção a um ponto temporal. No que diz respeito à preferência particular de modelo de metáfora temporal em cada língua, temos muitas pesquisas empíricas pela perspetiva psicológica. Em diferentes comunidades linguísticas, as preferências desses dois modelos podem ser bastante diversas. Em inglês, o modelo de *ego-moving* é um modelo

²⁵ Os conceitos de *primary metaphors* e *complex metaphors* são definidos primeiramente por JE Grady (1975) na tese intitulada por *Foundations of meaning: Primary metaphors and primary scenes*.

predominante (Boroditsky, 2000; Gentner, 2001). Em algumas línguas, pelo contrário, é verificado como predominante o *time-moving*, como o malgaxe (Dahl, 1995) ou o mandarim (Lai e Boroditsky, 2013).

3.2.1.2. Mapeamentos do verbo desde o espaço para o tempo através de modelos de *time-moving* e *ego-moving*

Em ambos os modelos, os verbos são o meio dominante para configurar o movimento de tempo e o significado original do verbo é geralmente preservado no domínio temporal. Os atributos do movimento são multifacetados no mapeamento entre o domínio espacial e o domínio temporal. Incluem a direção, o ponto de origem/final, o trajeto, o modelo, e assim por diante. Os verbos de deslocamento destacam diferentes aspetos de movimento.

Motion verbs typically profile, or focus on, parts of the complex SOURCE-PATH-GOAL schema. To come, to arrive, to reach and to bring inherently profile the goal of a movement, to go, to leave, to depart and to take inherently profile the source of a movement, and to move, to pass, to travel and to go in one of its senses inherently profile the path of movement (Radden, 2012, p.426).

Pela perspectiva linguística, Batoréo (2000) faz uma conclusão sobre as propriedades do léxico que indicam diferentes componentes (Figura, Configurante, Percurso, etc.) do movimento. Cada componente é apresentado pela certa categoria de léxico. O léxico de *Figura* e *Configurante* tem caráter nominal. O léxico que indica o Percurso normalmente é composto pelas preposições, tais como, *para*, *a*, etc. A deslocação, por sua vez, é configurada pelos verbos (Batoréo, 2000, p.367), tais como, *ir*, *vir*, *chegar*, etc.

No domínio do tempo, há várias limitações da aplicação dos verbos no tempo devido às suas particularidades intrínsecas, tais como a unidimensionalidade (no sentido de trajeto), o ritmo imutável (no sentido do modo de movimento), a direcionalidade única (no sentido de direção), etc. Por outras palavras, apenas os verbos que se enquadram à estrutura inerente do tempo podem ser aproveitados para configurar metaforicamente movimentos do tempo ou dos eventos, por um lado e, por outro, movimentos do Ego no tempo (Shinohara, 2000). Essa realidade é consistente com as ideias interpretadas pelo Princípio da Invariância.

Concluimos, com base nas ideias de Svorou (1994, p.27), três tipos de deslocamento em que cada um acentua respectivamente um elemento do esquema de ORIGEM-TRAJETO-META: deslocamento realizado pela tendência do movimento: *aproximar*, *passar* e *afastar*, deslocamento realizado pela direção: *avançar* (para frente), *retroceder* (para trás), *subir* (para cima), *descer* (para baixo), deslocamento realizado pelo trajeto (às vezes, diferentes maneiras de mover resultam num mesmo trajeto). Assim, deduzimos que o mapeamento do movimento entre o espaço e o tempo refere-se a três (mas não só) aspetos:

- a) a tendência do movimento em termos de *aproximar*, *chegar* e *afastar* com referência ao observador. Neste caso encontram-se verbos *vir/ir*, *chegar/voltar* e *passar*.
- b) a direção do movimento, tal como *frente/atrás*. Neste grupo temos exemplos de verbos de deslocamento que estão relacionados com a ação dos pés.
- c) o modo de movimento, tal como *fluir* e *voar*.

3.2.2. Metáforas sobre a direção relativa do movimento entre o evento e Ego no sentido de mudança da distância (aproximação ou afastamento) (*ir/vir*, *chegar/voltar*, *passar*)

3.2.2.1. *Vir/ir* em português vs. 来 (*lái*, *vir*)/ 去 (*qù*, *ir*) em mandarim

Os verbos ingleses *come* (*vir*) e *go* (*ir*) manifestam dois movimentos de uma oposição deíctica (Wilkins e Hill, 1995, p.209). *Come* (*vir*) representa um movimento dirigido ao falante e *go* (*ir*) indica um movimento afastado do falante. Ambos são verbos fundamentais de deslocamento que referem a algumas das atividades humanas mais básicas (Heine *et al.*, 1991, p. 35).

A natureza deíctica é muitas vezes considerada como a fonte da complexidade que esses verbos possam manifestar. No entanto, estudos em línguas diferentes apresentam algumas diferenças de *vir* e *ir* no sentido de usos e do valor dos verbos. Por exemplo, Yavas (1980) faz um estudo contrastivo entre português e inglês sobre os verbos *vir* e *ir* e os ingleses *come* e *go*. Os usos de *come* (*vir*)/*vir* e *go* (*ir*)/*ir*. É consistente entre o inglês e o português:

Parece que tanto em inglês como em português (e, provavelmente, em outras línguas, também) movimento em direção onde o falante está situado, ao mesmo tempo do ato da fala, é sempre expresso com *vir* e qualquer movimento se afastando da localização do falante ao tempo do enunciado é expresso com *ir* (Yavas, 1980, p.137).

Existem também diferenças entre as duas línguas no sentido de opção do ponto de referência do movimento.

Português percebe o falante como o único centro deítico; isto é, todos os movimentos são vistos ou julgados em relação ao falante. Inglês, por outro lado, pode frequentemente selecionar o ouvinte como o centro deítico. Esta diferença se reflete, por exemplo, no uso de *ir* em português mas *come* em inglês naquelas situações onde alguém se move na direção em que o ouvinte está localizado (cf. *May I come to your house*, em oposição à *Posso ir a tua casa?*) (Yavas, 1980, p.137).

Em línguas em que GO não é inerentemente deítico, o elemento deítico parece ser atribuído a ele através dos valores semânticos opostos, tais como os usos de COME que, por sua vez, indica (como parte do seu significado) "um movimento para (a direção de) o falante". Embora o verbo GO seja aplicado às vezes num movimento que não faz referência ao falante, ele indica sempre um movimento afastado do falante, uma vez que contém uma interpretação forte oposta do movimento dirigido ao falante.

In other words, although the GO-verb may be used for a wide variety of scenes which are not deictically anchored with respect to Speaker, it may strongly imply motion away from Speaker, because it is in opposition to an element that entails motion towards Speaker (Wilkins e Hill, 1995, p.215).

Uma das razões que contribuem para a diversificação dos usos de *vir* e *ir* em diferentes línguas é a distinção dos pontos deíticos de referência do verbo. No caso do português, o verbo *ir* tem o Locutor na Origem e o Alocutário no Alvo, enquanto no caso de *vir*, o Locutor está no Alvo e o Alocutário na Origem (Batoréo, 2000, p.511).

Vir e *ir* são também utilizados como verbos de movimento temporal de maneira metafórica em outras línguas. Podemos examinar essa ideia com estudos de uma língua familiar do português. Por exemplo, as palavras espanholas *venir* e *ir* apresentam uma correlação íntima com o domínio do tempo. A diferença entre *ir* (*i*) e *venir* (*vi*) situa-se na direção de deslocamento. *Ir* expressa o afastamento obrigatório do falante e, portanto, é um verbo extrovertido enquanto *venir* expressa uma aproximação ao falante pelo que se define como um verbo introvertido (García, 2000, citado por Tanghe, 2013, p.3). Além disso, em espanhol, ao contrário de muitas outras línguas, o verbo *venir* (*vi*) requer a presença do falante no ponto de chegada ao momento da enunciação (Tenny, 1995, citado por Tanghe, 2013,

p.3). Por fim, a ligação entre os verbos *ir*(*ir*)/*venir*(*vir*) e a tendência do tempo é: *venir*(*vir*) representa o passado, ao passo que *ir*(*ir*) indica o futuro.

A ideia de que *venir*(*vir*) indica um passado e *ir*(*ir*) representa um futuro é um resultado de extensão de deítica espacial para a deítica temporal (cf. Cifuentes Honrubia, 2007, p.105). Essa ideia é motivada sobretudo pelo movimento, pois quando decidimos ir em direção a um destino, o movimento é entendido como algo intencional, i.e., queremos realizar uma atividade naquele local (Fleischman, 1982, citado por Zieliński, 2012, p.439). Consequentemente, essa concetualização temporal ajuda a entender porque quase todas as línguas românicas usam verbos de movimento para se referir ao futuro, chamados por Fleischman (1982) de *go-future* (Zieliński, 2012, p.440). A ideia de Fleischman pode ser resumida a seguir:

(...) elaboraron un esquema evolutivo del valor de futuridad emergente del verbo de movimiento para el castellano. Obsérvese que lo propio de su evolución semántica es la progresión desde elementos pragmáticos (intención) hasta no pragmáticos (futuro) (Dominguez e Elorza, 1996, p.79, citado por Zieliński, 2012, p.440).



Figura 54

Não podemos perceber o futuro como percebemos o presente, porque o futuro ainda não existe. O que experimentamos é o momento de agora. O nosso conhecimento sobre o futuro é, portanto, apenas inferencial.

If the world is entirely deterministic, then, all future tensed statements have a determinate truth-value. Whereas statements about the past or present are made true or false by past or present fact, statements about the future either lack a truth value or, if they have one, it is in virtue of past or present fact, not future fact. This is what the thesis of the unreality of the future amounts to (Le Poidevin, 1998, pp.19-20).

Por isso, o futuro é uma intencionalidade.

No que diz respeito ao passado, logicamente deve ser concretizado pelo movimento de *vir* por ser um verbo oposto de *ir*. Em português, temos alguns usos de *vir* com o objetivo de expressar o

evento passado em relação ao momento da enunciação. Pode-se dizer *vir de* para exprimir a ideia de passado. Por exemplo, *venho de acabar de fazer é acabei*, *venho de falar é falei*, *venho de fazer é fiz*.

Os verbos portugueses *ir* e *vir* são aplicáveis nos modelos de *time-moving* e de *ego-moving*. O ponto de referência é o momento em que o falante se situa.

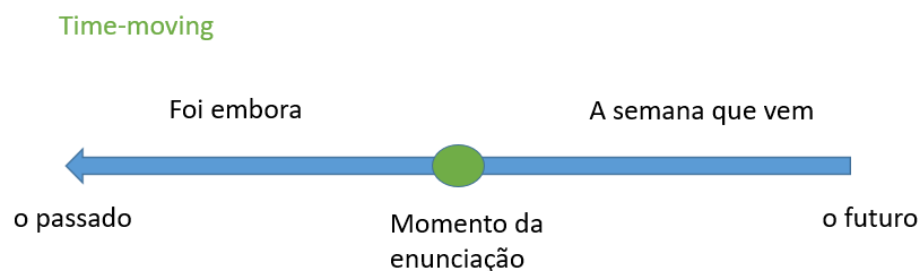


Figura 55

No modelo de *time-moving*, *ir* não representa apenas o movimento de tempo, mas também se refere ao desaparecimento. *Vir* no uso temporal indica um movimento dirigido ao falante, assim como o movimento no espaço.

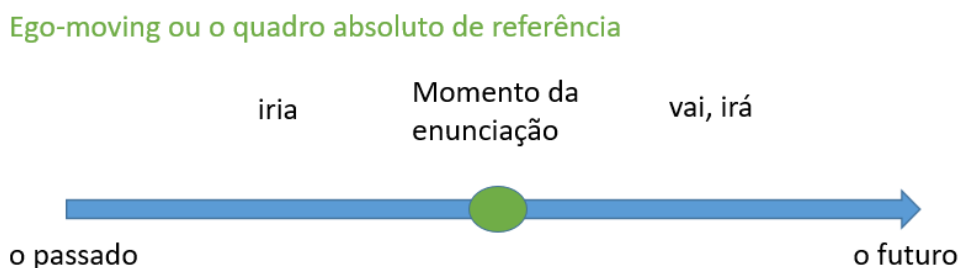


Figura 56

O verbo português *ir* tem dois pontos de referência. Um é o momento em que o falante está (o deítico), possuindo a função de indicar o estado do evento, ou seja, funcionado como o tempo verbal. O outro é o momento presumido que revela a tendência do movimento do evento em relação ao momento enunciado. Assim, temos em português diferentes expressões temporais do verbo *ir* com ideia do futuro, tais como, *foi/iria/vai-se/irá embora*, etc. O verbo *vir*, por sua vez, tem apenas um centro indicativo. É um momento onde o locutor está. Isso porque a aplicação de *vir* no domínio espacial tem limitação: *el verbo venir requiere la presencia del hablante en el punto de llegada en el momento del enunciado* (cf. Tenny, 1995). Assim, os dois momentos de verbo *ir* passam a serem

coincidentes no caso do verbo *vir*. Portanto, há apenas uma expressão temporal que faz referência ao momento presente, i.e., *X (a semana, o ano, etc.) que vem*.

Em português, a função proeminente de *ir* no domínio do tempo é expressar a ideia de futuridade mediante a locução verbal *ir+verbo infinitivo*, que ilustra uma ação futura relativa a um determinado momento (não é necessário ser o presente).

Na verdade, os verbos de movimento são polissêmicos e têm interpretações implícitas de tempo e de espaço. O verbo *ir* não é uma exceção e torna-se um verbo mais gramaticalizado no sentido de ser uma lexema auxiliar com função de expressar o tempo futuro. Essa tendência, bem conhecida no inglês, no francês e no espanhol, em que, o processo de substituir o tempo verbal do futuro simples pela locução *ir + infinitivo* está concluída (Oliveira, 2006, citado por Oliveira e Olinda, 2008, p.97). Em português, também se verifica este fenômeno linguístico:

Em português, geralmente descrito como um “marcador de futuro”, que permite formar o chamado futuro perifrástico, ilustrado em frase *Amanhã não {vai / irá} chover*. (...), esta forma é apresentada como uma alternativa equivalente à expressão de valores futuros com o futuro simples (*Amanhã não choverá*) e com o presente associado a valores de posterioridade (*Amanhã não chove*) (Móia, 2017, p.214).

Com base nisso, Móia (2017) resume três tipos de expressões do verbo *ir* com valores futuros:

- (a) possibilidade de flexionar o auxiliar temporal *ir* no futuro imperfeito
- (b) uso de o auxiliar temporal *ir* em cenários pretéritos
- (c) possibilidade (marginal) de usar o auxiliar temporal *ir* para expressar uma relação locativa de anterioridade

O verbo *vir* tem a sua origem no latim e o significado remete para *chegar, transportar-se de um lugar a outro*, assim, indicando o movimento contínuo. As semânticas de *vir* constituíram-se a partir das cognições de evento e espaço. O verbo *vir* geralmente implica um deslocamento para o Ego por meio de um movimento horizontal.

O sentido dos enunciados com *vir* é: “x1 desloca-se num percurso extenso, partindo de x2, em direção a x3” (Vilela, 1992, p.191). Por exemplo, *Ele veio ontem à cidade*. O movimento é observado ou imaginado a partir da Meta. Este traço semântico distingue *vir* de *ir* e de *chegar*. Por exemplo,

101) *Ele foi ontem à cidade*.

102) *Ele chegou ontem à cidade*.

Concluimos, portanto, que os verbos *ir* e *vir* em português são utilizados de maneira semelhante em relação ao espaço. A opção dos pontos de referência no domínio do tempo para *ir* e *vir* é consistente com seus usos no domínio espacial. O ponto de referência de *ir* é relativamente livre, ao passo que o de *vir* é mais condicionado no sentido de que é limitado pela localização espacial do observador. Sendo assim, por um lado, o verbo *vir* quando, o sujeito é normalmente uma entidade temporal, que pode ser encontrado no modelo de *time-moving* a fim de apresentar uma chegada de entidade temporal no futuro, tal como *a semana que vem* ou *o ano que vem*. Por outro lado, é possível também indicar um evento passado: *o último Natal veio muito chuvoso*. Neste caso, devido ao valor semântico, *aproximação*, do verbo *vir*, entendemos o uso da expressão do evento passado que é enquadrado no modelo de *time-moving* no sentido de passagem de tempo absoluto (Figura 57(a)). Noutros casos, tal como se podem ser observados na Figura 57(b), o verbo *vir* é entendido como uma ação de Ego. Por exemplo, *venho de fazer* é *fiz* e *venho de falar* indica *falei*.

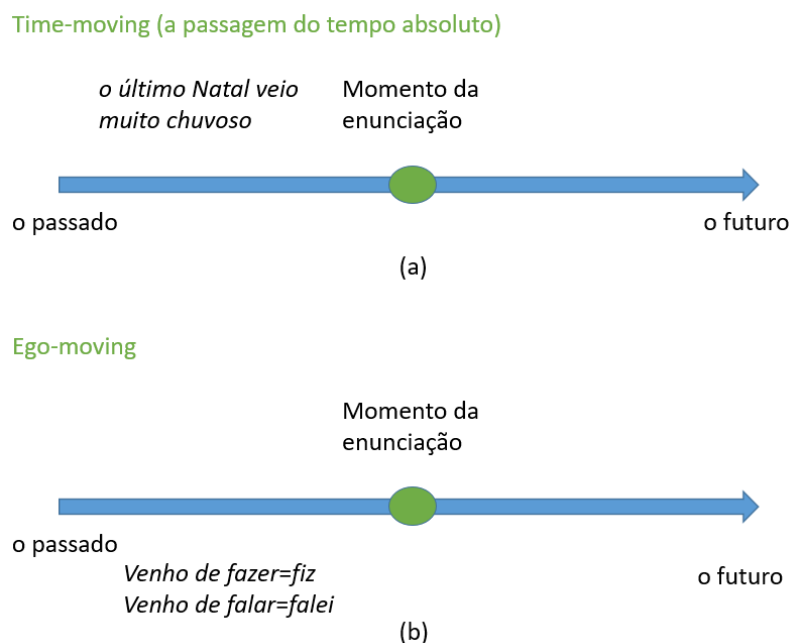


Figura 57. Os usos do verbo *vir* em diferentes modelos

Ir sofre um processo de gramaticalização para referir algo que acontece mais tarde do que um momento enunciado. Não é um futuro absoluto, mas sim um tempo que fica mais tarde relativamente ao momento enunciado numa sequência temporal, quer seja no modelo de *time-moving*, quer seja no modelo de *ego-moving*. Especificamente, no modelo de *time-moving*, o verbo *ir* indica ainda o valor semântico *desaparecimento* além de ser um marcador do futuro.

Segundo Langacker (1991), a razão pela qual o verbo se torna num marcador do futuro tem a ver com a *subjectification* (subjativação). O movimento representado por um verbo como GO, por exemplo, em inglês, é realizado pela mudança de distância entre o ponto de partida e o ponto de chegada com um aumento do tempo. Desta maneira, provoca-se uma ideia de futuro, no qual se acrescenta o tempo desde o momento de iniciar uma ação. Por exemplo,

103) *Ele vai ao supermercado para fazer compras.*

104) *Ele vai adormecer.*

105) *Ele vai continuar sentado.*

Na frase 87), a ação de *ir ao Supermercado* requisita tanto o deslocamento espacial quanto o gastar do tempo. Noutros casos, o deslocamento não é tão necessário. Nas frases 88) e 89), não há movimento espacial, mas a ação vai realizar-se num momento do futuro próximo. Desta maneira, surge uma interpretação de tempo futuro. O fenómeno linguístico é comum em diferentes línguas por ter uma base de experiência comum da humanidade.

No entanto, a interpretação de Langacker (1991) não está completa. O verbo GO desenvolver-se para marcador gramatical do futuro não é simplesmente uma metáfora entre o espaço e o tempo. A preposição inglesa também contribui para esta metáfora. A preposição *to* indica um destino. Portanto, nem todos os verbos de deslocamento, tais como *passar, andar, etc.*, se tornam em marcadores do tempo futuro, uma vez que eles não têm um destino definido. Porém, pensamos que o português é, neste aspeto, uma exceção. O verbo *ir* em português não tem qualquer preposição anexada quando é utilizado no sentido temporal. Por isso, a razão mais forte para o verbo *ir* servir como um marcador do futuro é a sua característica deítica numa ação de deslocamento.

Além disso, o verbo português *ir* normalmente indica um movimento do tempo no modelo de *time-moving*, sendo pouco utilizado no modelo de *ego-moving*. Em vez de dizer *Vamos para a 2025*, os portugueses preferem dizer *Estamos a chegar a 2025*.

Em mandarim, 来 (*lái, vii*) e 去 (*qù, ii*) são também palavras polissémicas que, além de sua semântica espacial básica como verbos de deslocamento, também se projetam para outros domínios cognitivos, como o tempo, por meio de metáforas. 来 (*lái, vii*) representa o movimento dirigido ao falante. O verbo 去 (*qù, ii*), pelo contrário, significa o movimento de afastamento do falante. Segundo Qi (1996), o ponto de referência dos movimentos destes dois verbos pode ser tanto uma localização do observador quanto uma localização do observador assumido.

Neste contexto, há três tipos de ponto de referência em mandarim: a localização do falante, a localização do ouvinte e as posições conhecidas por ambos (o ponto assumido).

O ponto de referência	来 (lái, <i>vir</i>)	去 (qù, <i>ir</i>)
Localização do falante	105) 我的父母明天 <u>来</u> 我城市玩。 Amanhã os meus pais <u>vêm</u> à nossa cidade.	109) 他刚从这儿 <u>去</u> 食堂。 Ele <u>foi</u> ao supermercado daqui.
Localização do ouvinte	O falante e o ouvinte devem estar no mesmo lugar. 106) 任何人 <u>来</u> 博物馆是不是都得预约? <i>Qualquer pessoa que <u>vem</u> ao museu tem de marcar a data?</i>	O falante e o ouvinte não devem estar no mesmo lugar, nem precisam de estar no destino de deslocamento. 110) 下周末我 <u>去</u> 你家。 <i><u>Vou</u> à sua casa na próxima semana.</i>
A localização conhecida por ambos	Tanto o falante quanto o ouvinte não precisam de estar, mas podem estar no destino do deslocamento. Neste caso, o destino é <i>a minha casa</i> . 107) 明天你 <u>来</u> 我家参加生日宴会。 <i>Amanhã, <u>vens</u> a minha casa para participar na festa de aniversário.</i> ("Eu", o falante, não está necessariamente em casa no momento da enunciação)	Tanto o falante quanto o ouvinte devem não estar no destino do movimento. Neste caso, o destino é <i>a minha casa</i> . 111) 明天你们 <u>去</u> 我家参加生日宴会。 <i>Amanhã <u>vais</u> a minha casa para participar na festa de aniversário.</i> ("Eu" não está em casa no momento da enunciação)
	O ouvinte não precisa de estar, mas pode estar no destino do deslocamento. O falante deve não estar no destino de deslocamento. Neste caso, o destino é <i>a sua cidade</i> . 108) 我打算 <u>来</u> 你的城市找工作。 <i>Eu pretendo <u>vir</u> à sua cidade para encontrar um emprego.</i>	O ouvinte não precisa de estar, mas pode estar no destino do deslocamento. O falante deve não estar no destino de deslocamento. Neste caso, o destino é <i>um lugar perto à sua casa</i> . 112) 昨天我们 <u>去</u> 了你家附近的地方吃饭。 <i>Ontem <u>fomos</u> a um lugar perto da sua casa para jantar.</i>

Tabela 36. Uso variantes de 来(lái, vir) e 去(qù, ir) em mandarim

Shi (2004, p.13) acredita que as particularidades do deslocamento espacial é a base cognitiva de 来 (lái, *vir*) e 去 (qù, *ir*) na expressão do conceito de tempo. Antes de mais, 来 (lái, *vir*) e 去 (qù, *ir*) referem-se à mudança de tempo. A direção do tempo é do futuro para o passado. Tanto 来 (lái, *vir*) quanto 去 (qù, *ir*) fazem referência ao momento da enunciação.



Figura 58

Por um lado, há vários vocábulos que estão combinados com o verbo 来 (lái, *vir*) para indicarem um movimento dirigido ao observador com o propósito de referir um futuro, tais como, 将来 (ji āng lái, vai vir, *o futuro*), 来年 (lái nián, vir ano, *o ano próximo*), 来日 (lái rì, vir dia, *o futuro*), etc. Por outro lado, em mandarim, há expressões do verbo *ir* que significam um passado por meio de um movimento afastado do observador. Por exemplo, 去年 (qù nián, ir ano, *o ano passado*) ou 去岁 (qù suì, ir ano, *o ano passado*), 去冬 (qù d ōng, ir inverno, *o inverno passado*), etc. Temos ainda o sinónimo de *ir*, 往 (w ǎng, *ir*), que indica também um passado, tal como 往年 (w ǎng nián, ir ano, *o ano passado*), 往日 (w ǎng rì, ir dia, *o passado*), 往事 (w ǎng shì, ir assunto, *eventos do passado*), etc. Assim como a frase, 旧的一年过去了, 新的一年来了 (o ano passado foi embora, um ano novo vem), ilustra, os falantes do mandarim demonstram a mudança do tempo com os dois verbos: o verbo 去(qù, *ir*) indica o afastamento do tempo passado em relação ao momento da enunciação e o verbo 来(lái, *vir*) refere-se à aproximação do tempo futuro em relação ao momento da enunciação.

Apresentamos mais expressões lexicais a seguir:

113) *O tempo desde o antigo até agora*

古	往	今	来
gǔ	wǎng	jīn	lái
Antigo	ir	hoje	vir
O tempo desde o antigo até agora			

114) *A alteração das estações*

春	去	秋	来
chūn	qù	qiū	lái
A primavera	ir	outono	vir
mudança de estações, indica a passagem do tempo			

115) *Continue o passado e comece o futuro*

继	往	开	来
jì	wǎng	kāi	lái
Herder	<u>ir</u>	abrir	<u>vir</u>
Herdar uma carreira dos predecessores e tem o novo ponto de partida para o futuro. <i>/r</i> indica uma carreira dos predecessores, <i>vir</i> refere-se à carreira nova			

Tanto o verbo 来 (lái, *vir*) quanto 去 (qù, *ir*) mantêm a semântica prototípica no domínio espacial. O movimento dirigido a um ponto de referência que é coincidente com a localização do locutor é ilustrado por 来 (lái, *vir*), ao passo que o movimento afastado de um ponto de referência onde se localiza o locutor é indicado por 去 (qù, *ir*).

No espaço, 来 (lái, *vir*) e 去 (qù, *ir*) são verbos deíticos que escolhem a localização do locutor/observador como ponto de referência. No domínio do tempo, o Ego é equivalente ao momento da enunciação. Além disso, no modelo de *time-moving*, o tempo é concretizado pelo evento. Os eventos são obrigatoriamente movidos ao longo do tempo sob uma direção única com uma velocidade imutável. Neste contexto, não há distinção entre o falante e o ouvinte. Há apenas um observador que permanece no presente da enunciação. O tempo avança ativamente. Os eventos, por sua vez, são afixados numa linha temporal que passa pelo observador e movem-se com o avançamento do tempo. Assim, não é possível dizer que *o evento X vem a 2021* ou *o evento X vai para 2020*, uma vez que os eventos têm localizações predefinidas. É o tempo absoluto que carrega os eventos e que se move. Os verbos *vir* e *ir*, tanto em português quanto em mandarim, em vez de expressarem a direção do movimento do evento, enfatizam a tendência do movimento do evento em relação ao momento no qual se situa o observador.

O segundo modelo dos verbos 来 (lái, *vir*) e 去 (qù, *ir*) em mandarim é ilustrado por um movimento dos eventos ou de uma duração de evento que se move desde um ponto anterior para um ponto posterior. Este modelo é distinto do modelo de *ego-moving* e também não é equivalente completamente a um quadro de referências absolutas do tempo. Os eventos estão a mover-se na linha temporal como os objetos movidos num trajeto espacial.

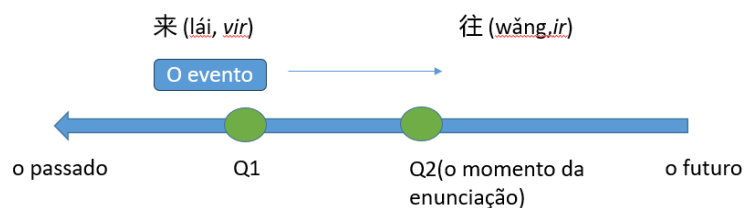


Figura 59

Neste modelo, quando o movimento dos eventos se dirige ao Ego, utilizamos o verbo *vir*. Por exemplo, desde o ponto Q1 até o ponto Q2 (o momento da enunciação), o movimento dos eventos é configurado pelo verbo 来 (lái, *vir*).

116) *desde*

解放	以	来
jiě fàng	yǐ	lái
A libertação	desde	vir
<i>desde a libertação (até ao momento da enunciação)</i>		

117) *a partir de*

过年	以	来
guò nián	yǐ	lái
A passagem do ano	desde	vir
<i>Desde a passagem do ano (até ao momento da enunciação)</i>		

Quanto ao verbo 去 (qù, *ir*), funciona apenas o seu sinónimo 往 (wǎng) que tem o valor semântico de *ir*. Neste contexto, o ponto inicial do movimento do evento ou tempo é Q2 e o ponto final localiza-se no futuro.

118) *a partir de hoje*

自	今	以	往
zì	jīn	yǐ	wǎng
Desde	agora	para	ir
<i>a partir de agora para o futuro</i>			

119) *daqui à frente por muitos anos*

长	此	以	往
cháng	cǐ	yǐ	wǎng
Longo	como assim, este, aqui	desde	ir
<i>algo continua por muito tempo no futuro</i>			

O ponto Q1 deve localizar-se no momento anterior em relação ao momento da enunciação, i.e., o ponto Q2 deve ficar sempre mais tarde em relação ao ponto Q1.

No modelo de *ego-moving*, os usos de verbos 来 (lái, *vir*) e 去 (qù, *ir*) fazem uma referência ao calendário. O que está a mover-se é o Ego. No entanto, em mandarim, raramente se usa o verbo 去 (qù, *ir*) para metaforizar uma ação em termos de *se dirige* a uma data exata no futuro, embora os usos sejam gramaticalmente corretos.

120)?我们去 2025 年。

Vamos para 2025.

121)?我们去圣诞节, 它已经在十二月那里了。

Vamos para o Natal que é já em dezembro.

Em mandarim, o que é aceite para o verbo 去 (qù, *ir*) nas expressões temporais é o destino relativamente amplo ou o indefinido, tal como *vamos para o século 22*, *vamos para o futuro*. O fenómeno deve ser atribuído a três razões. Em primeiro lugar, o futuro é invisível, a “localização” de um evento é indefinida. No entanto, o verbo 去 (qù, *ir*) requisita normalmente um destino do movimento. Assim, não se utiliza frequentemente o verbo 去 (qù, *ir*) para expressar o movimento dirigido ao futuro, onde não há um observador determinado. Em alternativa, prefere-se optar, em mandarim, pelos verbos 跑 (pǎo, *correr*) ou 走 (zǒu, *andar*) que, por sua vez, não precisam de um destino definido. Em segundo lugar, mesmo que a “localização” do futuro seja definida, em mandarim costuma-se modificar a perspetiva por meio de *puxar* o futuro para o momento da enunciação. Neste contexto, é aplicável o verbo 在 (zài, *estar*), em vez de o verbo 去 (qù, *ir*), por meio de imaginar que um falante ou um ouvinte já estará no futuro. Aliás, em mandarim acentua-se o resultado do movimento. Sendo assim, quando se expressa o movimento de Ego para o futuro, tendencialmente aproveita-se um verbo resultado, tal como 到 (dào, *chegar*), em vez de um verbo progressivo.

Além disso, 来 (lái, *vir*) e 去 (qù, *ir*) estão relacionados com algo de diferentes graus de visibilidade, respetivamente, devido às suas características de movimento no espaço. O verbo 来 (lái, *vir*) indica um deslocamento cada vez mais perto do observador, enquanto o verbo 去 (qù, *ir*) ilustra um desaparecimento, por indicar um afastamento cada vez para mais longe do observador (Jiang, 2010, p.66). Convém referir ainda que em mandarim, tanto 来 (lái, *vir*) quanto 去 (qù, *ir*) indicam o futuro próximo.

Mandarim		Tradução literal	Português
Sem deslocamento espacial do sujeito do enunciado	122) 我来说两句。	Eu <u>venho</u> a falar a minha opinião.	<i>Deixe-me dizer algumas palavras.</i>
	123) 我们想办法来解决这个问题。	Vamos pensar alguma solução <u>vir</u> a resolver esta questão.	<i>Vamos arranjar uma solução para resolver este problema.</i>
Com deslocamento espacial do sujeito do enunciado	124) 我来收拾屋子。	<u>Venho</u> a fazer a limpeza.	<i>Vou limpar a casa.</i>
	125) 我来炒菜, 你来刷碗。	<u>Venho</u> a cozinhar, tu <u>vens</u> a lavar a louça.	<i>Vou cozinhar e tu vais lavar a louça.</i>

Tabela 37. 来 (lái, *vir*) na expressão do futuro próximo

Mandarim		Tradução literal	Português
Sem deslocamento espacial relativo do sujeito enunciado	126) 这个项目他去负责。	Este projeto ele <u>vai</u> responder.	Ele é o responsável por este projeto.
	127) 我去想想办法。	<u>Vou</u> pensar uma solução.	Deixa-me pensar uma solução.
Com deslocamento espacial relativo do sujeito enunciado	128) 我去准备晚饭。	<u>Vou</u> preparar o jantar.	Vou preparar o jantar.
	129) 他现在有空但马上就要去忙了。	Ele agora está livre. Já <u>vai</u> ficar ocupado.	Ele está livre agora, logo vai ficar ocupado.

Tabela 38. 去 (qù, *ir*) na expressão do futuro próximo

去 (qù, *ir*) indica o futuro por meio de revelar um deslocamento, tanto do Ego quanto do acontecimento. Isto não acontece no caso de 来 (lái, *vir*). Além disso, 来 (lái, *vir*) significa algo que acontecerá no futuro próximo, ao passo que o futuro representado por 去 (qù, *ir*) geralmente é mais remoto. 来 (lái, *vir*), quando marca o tempo futuro, é entendido como uma sugestão. 去 (qù, *ir*), por sua vez, expressa o tempo futuro a fim de enfatizar uma subjetividade ou uma intenção, que pode ser entendida como desejo ou vontade.

Segundo Lu (2000), 下来 (xià lái, baixo vir, *descer*) e 下去 (xià qù, baixo ir, *descer*) indicam um movimento de lugar superior para lugar inferior. A diferença entre os dois é que o primeiro significa uma ação que se move para o observador, enquanto o segundo indica um movimento afastado do observador. Guan (2015) aponta que 来 (lái, *vir*) e 去 (qù, *ir*) podem representar uma continuação temporal mediante uma combinação com a direção *baixo* ao se referir ao deslocamento espacial.

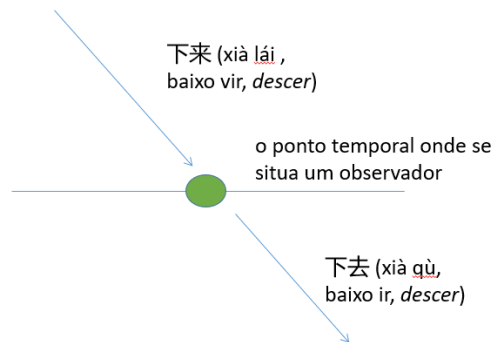


Figura 60. O esquema de 下来 (xià lái ,baixo vir, *desce*) e 下去 (xià qù, baixo ir, *desce*) em mandarim (o esquema original vem de Guan,2015, p.20).

Tal como se pode observar, no esquema de 下来 (xià lái,baixo vir, *desce*), um objeto que se localiza num ponto superior (ponto de partida) move-se para um ponto inferior (normalmente é a localização do observador). O resultado do deslocamento é que o objeto sai do ponto de partida e depois atinge o ponto em que se encontra o locutor/observador (Guan, 2015, p.20).

No que diz respeito ao 下去 (xià qù, baixo ir, *desce*), acontece também um movimento desde um determinado ponto superior (ponto de partida) para um local mais baixo. Só que, desta vez, o ponto de referência de "desce" não é um ponto inferior. Pelo contrário, é um ponto superior. O resultado do deslocamento é que o objeto sai do ponto superior. Porém, o deslocamento não tem um ponto final definido.

下来 (xià lái ,baixo vir, *desce*) indica um período desde o passado para o presente que é apresentado pelo movimento temporal dirigido ao presente, ao passo que 下去 (xià qù, baixo ir, *desce*) refere-se ao período do presente para o futuro mediante o fluxo temporal afastado do momento deíctico. Quer seja 下来 (xià lái ,baixo vir, *desce*) quer seja 下去 (xià qù, baixo ir, *desce*), ambos têm a semântica de continuação. No entanto, A partir do esquema de "baixo vir", entendemos que o movimento termina no momento onde o falante está. Por isso, um evento referido por 下来 (xià lái, baixo vir, *desce*) é geralmente menos durativo em relação a um ilustrado por 下去 (xià qù, baixo ir, *desce*). As ações indicadas por 下去 (xià qù, baixo ir, *desce*) geralmente não têm um ponto final determinado (Lu, 2000, Guan, 2015).

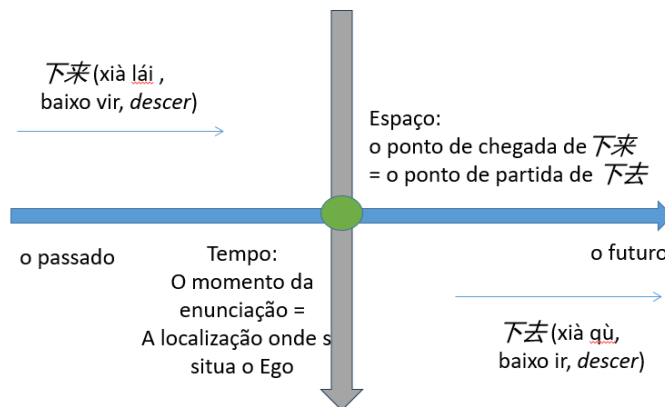


Figura 61. Esquema de 下来 (xià lái ,baixo vir, *descer*) e 下去 (xià qù, baixo ir, *descer*) no domínio temporal para ilustrar a tendência do evento

Tanto 下来 (xià lái ,baixo vir, *descer*) quanto 下去 (xià qù, baixo ir, *descer*) interpretam uma continuação dos eventos. No entanto, como o tempo tem uma direção inerente de movimento, a direção do movimento do evento representado por "baixo ir" deve ser consistente com a direção do tempo (Lu, 2000, p.435). Concluímos que em mandarim, os verbos 来 (lái, *vir*) e 去 (qù, *ir*) podem ilustrar tanto o passado quanto o futuro. Apresentamos a seguir os exemplos mais frequentes.

来 (lái, <i>vir</i>)		去 (qù, <i>ir</i>)	
O futuro	O passado	O futuro	O passado
来年 lái nián / 来日 lái rì (no modelo de <i>time-moving</i>) <u>Vir</u> ano (o próximo ano)/ <u>vir</u> dia (o futuro)	去年冬天以来 (no modelo de tempo absoluto) o último inverno desde <u>vir</u> (desde o último inverno)	工作还要干下去。 (no modelo de tempo absoluto) O trabalho deve fazer <u>baixo ir</u> . (O trabalho deve ser continuado)	去年 qù nián (no modelo de <i>time-moving</i>) <u>Ir</u> ano (o ano passado) 去冬 qù dōng <u>Ir</u> inverno (o inverno passado)
我来做饭。 <u>Venho</u> a cozinhar.		我去做饭。 <u>Vou</u> a cozinhar.	

Tabela 39. Usos de 来 (lái, *vir*) e 去 (qù, *ir*) nas expressões temporais

Quanto ao 来 (lái, *vir*) , o verbo indica, por um lado, o evento ou momento do passado que continua até agora e, por outro, representa um evento do futuro próximo. No caso de 去 (qù, *ir*), uma vez que o seu uso espacial às vezes tem carência do destino definido, deve ser combinado com uma palavra de direção quando se aplica no tempo para expressar o futuro. Ao representar o passado, o ponto de referência do verbo *ir* é o momento da enunciação. Assim, não precisa de ser combinado com uma palavra de direção. Isso ocorre porque *ir* tem dois significados no domínio do espaço, um é

"desaparecer", que é aplicado ao modelo de *time-moving*. Outro é "dirigir-se a um lugar determinado", que é aplicado ao modelo de *ego-moving* ou ao modelo de *evento-moving* (os eventos estão a mover-se em cima de linha temporal). A semântica do verbo 去 (qù, *ir*) contém duas interpretações contrárias. Em mandarim, 去 (qù, *ir*) significa uma ação que se move para o destino, o que Yang (1992) chama de "dirigir-se". Por exemplo, "Ele foi para Xangai de Pequim ontem". Nesta frase, o destino é Xangai. O foco da viagem é o destino e o ponto de partida não é muito importante. No entanto, no chinês antigo, outro valor do verbo *ir* é *sair*. Aqui enfatiza-se o ponto de partida. Assim como se apresenta na expressão de 去年 (qù nián, *ir ano, o ano passado*), o movimento do último ano inicia-se do momento da enunciação.

O verbo 去 (qù, *ir*) em mandarim sofre uma gramaticalização e torna-se num marcador de ação do futuro. No entanto, a gramaticalização do verbo chinês 去 (qù, *ir*) é incompleta no sentido de ser tão forte como *ir* em português. Uma ação indicada por 去 (qù, *ir*) no futuro é geralmente subjetiva. É inegável que alguns movimentos requerem um deslocamento físico antes de serem concluídos. O deslocamento do corpo é o que nos permite alcançar uma posição espacial de propósito para completar uma ação. Por exemplo, 去吃饭 (qù chī fàn, *ir comer necessita mover-se para a mesa, vai comer*), 去游泳 (qù yóu yǒng, *ir nadar necessita mover-se para a piscina, vai nadar*), 去睡觉 (qù shuì jiào, *ir dormir necessita deslocar-se para a cama, vai dormir*), etc. A realização dessas ações necessita mudanças espaciais e temporais. Além disso, 去 (qù, *ir*) também pode ser usado ao expressar ações que não requerem deslocamento espacial. Por exemplo, 去思考 (qù sī kǎo, *ir considerar, vai considerar*). No entanto, em mandarim, o verbo 去 (qù, *ir*) não indica o futuro do evento quando o sujeito da ação não é uma vida. Os exemplos a seguir não são aceitáveis.

130)? 项目去更好

O projeto vai ser melhor.

131)? 城市去更大

A cidade vai ser maior.

132)? 这趟旅行去花费很多时间

A viagem vai gastar mais tempo.

Os pontos de referência de 来 (lái, *vir*) e 去 (qù, *ir*) no domínio do tempo não envolvem o ouvinte. Isso ocorre porque no tempo, o ouvinte e o falante estão na mesma localização numa linha temporal. Ou seja, é impossível falar com uma pessoa de outro tempo. Sendo assim, os usos de 来 (lái, *vir*) e 去 (qù, *ir*) no domínio do tempo em mandarim baseiam-se muito nas dimensões espaciais. A razão essencial pela qual tanto 来 (lái, *vir*) quanto 去 (qù, *ir*) podem ser mapeados para *passado* e

futuro é a opção diversificada (*time-moving*, *ego-moving* e o quadro do tempo absoluto) do quadro de referência, por um lado e, por outro, a opção diversificada do ponto de referência na expressão do evento futuro. Por exemplo, na frase 我来做饭 (venho a cozinhar=futuro, irei cozinhar), o ponto de referência é uma localização onde está um observador ou um momento deítico do observador, enquanto o ponto de referência de ação 我去做饭 (vou a cozinhar, =futuro, irei cozinhar) é algum lugar (por exemplo, a cozinha) onde ainda não chegou lá um observador ou o momento no futuro no qual se realizará uma ação de cozinhar.

3.2.2.2. *Chegar* em português vs. 到 (dào, *chegar*) em mandarim

Em português, *chegar* pode ser visto como um sinónimo de *vir*. Ao expressar eventos futuros que se aproximam do presente, *chegar* e *aproximar-se* são frequentemente usados. No espaço, para se referir à chegada de alguém ou algo, geralmente utiliza-se os verbos *ir* e *vir*, só depois, para indicar uma ação de atingir um ponto final, ou seja, o resultado de *ir* e *vir*, utilizamos o verbo *chegar*.

O verbo *chegar* vem do latim *plicāre*, significando *dobrar* e *enrolar*. A sua etimologia tem a ver com a linguagem náutica. Passa de o sentido original do latim *dobrar*, *enrolar* ao *chegar* (ao porto), pois, nesse momento, os marinheiros dobravam e enrolavam as velas dos navios (Ferreira, 2011, p.172).

No domínio do tempo, encontramos exemplos de modelo de *time-moving* quando o evento desempenha a função de sujeito. O verbo *chegar* apresenta um movimento do evento/momento dirigido ao observador a fim de revelar a chegada de evento.

133) *O Natal chega.*

134) *Chegou o momento de celebrar o Ano Novo.*

O verbo *chegar* só implica o modelo *time-moving* quando o sujeito é o evento, como nos exemplos que dá. Há ainda usos de *chegar* no modelo de *ego-moving* que define o Ego como o sujeito.

135) *Estamos a chegar ao Natal (sou eu/EGO que me movo em direção ao Natal).*

No caso do mandarim, o verbo 到 (dào, *chegar*) indica um movimento que vai acabar num lugar determinado. De acordo com a pesquisa de Huang (2011), o conceito básico de 到 (dào, *chegar*) é *atingir a algum lugar determinado*. Acentua-se o ponto final da ação sem se preocupar com os aspetos de forma geográfica do trajeto ou modos de movimento. Assim, em mandarim, 到 (dào, *chegar*) é utilizado, por um lado, como um verbo direcional e, por outro, como um marcador gramatical no

sentido de enfatizar a conclusão de uma ação ou um evento, assim como o que acontece em português.

Em ambas as línguas, a semântica do verbo 到 (dào, *chegar*) é produzida com base numa coocorrência empírica entre um determinado local e um determinado momento. Esse modelo cognitivo é incorporado pelo facto de que chegamos sempre a uma localização determinada num momento específico. No entanto, devido às características do tempo, o uso do verbo *chegar* no domínio do tempo é condicional. Encontram-se, tanto no *time-moving* quanto no *ego-moving*, exemplos do verbo 到 (dào, *chegar*) que expressam uma ação final do deslocamento. Vejamos a seguir alguns exemplos.

a) No modelo de *time-moving*

136) 春天就要到了。

A primavera está a chegar.

137) 春节到了。

A primavera chegou.

138) ?寒冷的冬天到去年了。

O inverno frio chegou no ano passado.

No modelo de *time-moving*, o verbo 到 (dào, *chegar*) expressa o movimento de eventos futuros em direção ao momento que serve de ponto de referência. Não expressa um movimento para algum tempo do passado.



Figura 62

Tal como se pode observar na Figura 62, podemos perceber que, no modelo de *time-moving*, o sujeito do movimento é uma atividade ou um acontecimento (evento 1, evento 2, etc.). Neste caso, o destino do movimento de evento é o Ego em alguma data na linha temporal em que o sujeito (Ego) está. Além disso, o evento deve estar fixado numa linha temporal no sentido de ter uma data imutável. Supõe-se que o momento da enunciação seja 2023 e haja um ponto de referência em 2022 no momento passado, um evento não é possível *chegar* primeiramente a 2021 e depois a 2020. Por isso,

cada evento ocupa um lugar único na linha temporal e move-se com a passagem do tempo em direção ao Ego (momento da enunciação). O evento inicia-se com uma aproximação ao momento da enunciação e acaba-se com o afastamento do momento da enunciação. No *ego-moving*, a seleção do ponto de referência é mais flexível, uma vez que o movimento de Ego no espaço é essencialmente multidirecional, preserva-se, então, a lógica do domínio espacial no domínio temporal. De qualquer maneira, o movimento ilustrado por 到 (dào, *chegar*) deve iniciar-se no tempo mais cedo e acaba no momento mais tarde.

b) No modelo de *ego-moving*

139) 项目到了关键的时刻。

O projeto chega a um momento crítico.

140) 那个时候，他已经到了人生的十字路口。

Naquela época, ele chegou a um momento encruzilhado da sua vida.

O movimento de Ego deve passar de um momento anterior para um momento posterior. Em mandarim, ainda temos usos de 到 (dào, *chegar*) que acentuam o sentido temporal.

141) 直到去年，他才考上大学。

Até chegar o ano passado, ele foi entrar na universidade.

(Ele entrou na universidade no ano passado.)

142) 他家很穷，到最近才改善了生活。

A sua família era muito pobre e chega a recente está melhorada a sua vida.

(A sua família era muito pobre e agora está melhorada a sua vida.)

143) 这种食品保质期很长，到明年还可以吃。

Este alimento tem uma validade longa. Pode ser consumido chega (até) o próximo ano.

(A validade deste tipo do alimento é longa. O alimento é coimável até o próximo ano.)

O verbo 到 (dào, *chegar*) aqui inclui a direção do tempo num quadro de referências absolutas: do passado para o futuro, ou melhor dizendo, desde o momento mais cedo para o momento mais tarde.

Com base em tudo, concluímos que em mandarim o verbo 到 (dào, *chegar*) contém dois valores semânticos.

a) sinónimo de *vir* (ilustrado por Figura 62 (a)). Apenas é aplicável no período entre o futuro e o momento da enunciação no modelo de *time-moving*.

b) sinónimo de *ir* (ilustrado por Figura 62 (b)). É utilizado num movimento desde um momento anterior (no caso geral é um momento da enunciação) para um momento posterior no modelo de *ego-moving*.

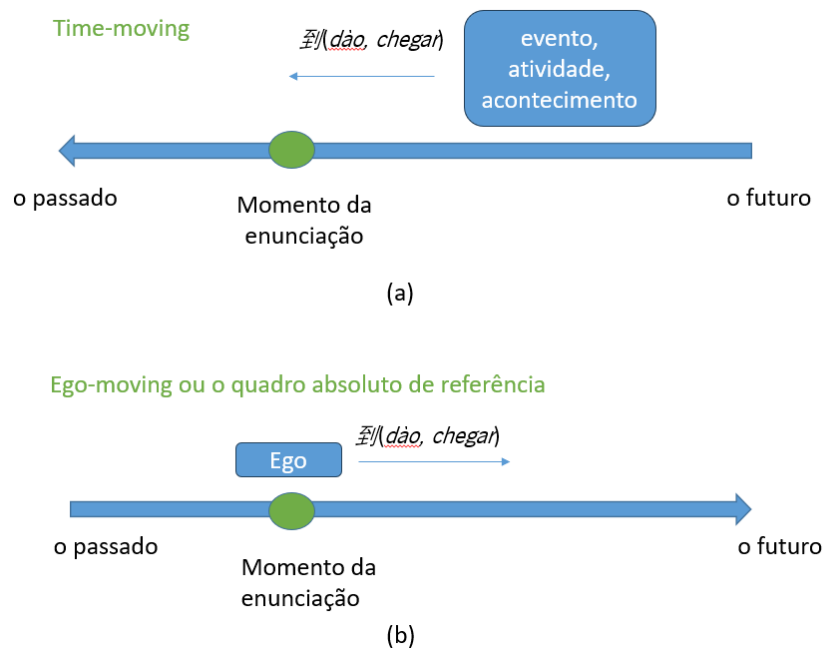


Figura 63

Os movimentos de eventos e de Ego introduzidos por verbos de deslocamento correspondem à estrutura cognitiva do tempo em termos de opção dos pontos de referência. Por outras palavras, tanto no *time-moving* quanto no *ego-moving*, o movimento dos eventos somente ocorre desde o futuro para o passado, ao passo que o movimento de Ego se realiza apenas do passado ao futuro.

3.2.2.3. *Voltar* em português vs. 回(huí, *voltar*) em mandarim

De acordo com Teixeira (1995), *voltar* inclui dois movimentos: de A para B e posteriormente de B para A. A funciona como um ponto inicial do movimento e B é um ponto posterior. Embora *voltar* indique primeiramente o movimento de B para A, B não pode ser considerado como o ponto inicial e A também não é apenas o ponto posterior, uma vez que *voltar* pressupõe um primeiro movimento de A para B (Teixeira, 1995, p.134). L_i indica um ponto de referência inicial no qual se situa o sujeito verbal e L_j indica um ponto posterior (Teixeira, 1995, p.131).

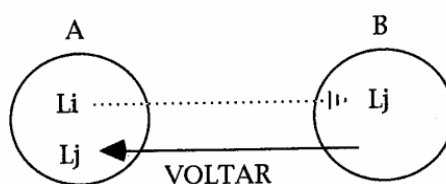


Figura 64. (Figura no texto original, Teixeira, 1997, p.134)

No caso do português, há uma visão de tempo circular, no qual o exemplo mais típico é o uso do verbo *voltar* para indicar uma continuação ou reiniciação do evento. Por exemplo, *voltar a fazer*.

No que diz respeito ao mandarim, existe também a ideia do tempo circular. No chinês antigo, o carácter chinês de 回 (huí, *voltar*) é parecido com a boca. A parte de dentro é um quadrangular menor e a parte de fora indica um quadrangular maior. Ambos representam trajetos circulares. O verbo 回 (huí, *voltar*) funciona como um verbo auxiliar para representar movimentos de múltiplos círculos ou eventos repetidos. Por exemplo,

Caracteres chineses	Tradução Literal	Tradução portuguesa
回见 huí jiàn	Voltar ver	Um encontro mais tarde
回访 huí fǎng	Voltar visitar	A segunda visita
回春 huí chūn	Voltar a primavera	A primavera de um novo ano
起死回生 qǐ sǐ huí shēng	Levantar a morte voltar vida	ressurreição

Tabela 40. Ações descritas por verbo 回 (huí, *voltar*)

Temos ainda o sinónimo do verbo 回 (huí, *voltar*), i.e., 还 (huán, *voltar*), que, por sua vez, também contém algo valor semântico de 回 (huí, *voltar*) nas expressões temporais do mandarim.

Caracteres chinês	Tradução Literal	Tradução portuguesa
还俗 huán sú	Voltar ao mundo secular	secularização
返老还童 fǎn lǎo huán tóng	Voltar de velho para a juventude	rejuvenescimento

Tabela 41. Ações descritas por verbo 还 (huán, *voltar*)

Ao contrário de outros verbos direcionais, o verbo 回 (huí, *voltar*) envolve dois eventos de movimento distintos. O primeiro é a saída e o segundo é o retorno. Embora seja composto por dois eventos de movimento, 回 (huí, *voltar*) destaca o segundo. O primeiro evento não precisa de ser explícito, mas existe como pressuposto para a nossa compreensão da semântica do verbo 回 (huí, *voltar*) (Huang, 2011, p.158), uma vez que ele decide o ponto final do movimento. A semântica nuclear de 回 (huí, *voltar*) é uma repetição (em a)) ou uma recuperação (em b)) de um estado (Wang e Gao, 2014):

a) Chegar ao ponto de partida no sentido físico (uma circular acabada)

"Chegar à origem" é outro significado principal de 回 (huí, *voltar*) em mandarim, sendo entendido como o processo que começou na origem e finalmente voltou para o ponto de partida. Às vezes, um trajeto de movimento não é necessário ter voltas, mas tem processos abstratos que partem

da origem e se deslocam para a origem. Por outras palavras, desde que o sujeito em movimento parta da origem e retorne à origem, temos um ciclo acabado.

b) Recuperar (no sentido psicológico ou estado do evento)

O verbo 回 (huí, *voltar*) também indica o movimento virtual, ou seja, um retorno para o estado inicial do evento. Por exemplo, *a economia volta ao ponto inicial* (a economia recupera). Neste contexto, o movimento representado pelo verbo 回 (huí, *voltar*) não é mais um deslocamento espacial, mas é uma metáfora com base em semelhanças entre o deslocamento espacial e a recuperação do estado. 回 (huí, *voltar*) no domínio temporal indica uma recuperação do estado do objeto desde um estado alterado até voltar ao estado original.

No modelo de *time-moving*, os usos que estão relacionados com 回 (huí, *voltar*) são: 回暖 (huí nuǎn, voltar a quente, *a primavera chega outra vez*), 回春 (huí chūn, voltar a primavera, *chega a primavera nova*), etc. Essas expressões lexicais revelam uma circular das quatro estações com observação na natureza. No modelo de *ego-moving*, 回 (huí, *voltar*) refere-se a um deslocamento de Ego que segue uma linha temporal de direção oposta do movimento de tempo. Nota-se ainda que, no modelo de *ego-moving*, o destino do movimento de 回 (huí, *voltar*) não é um ponto de partida definido, mas sim qualquer tempo do passado em relação ao momento da enunciação.

3.2.2.4. *Passar em português vs. 过 (guò, passar) em mandarim*

Segundo Travaglia (2007, p.9), no domínio espacial, o verbo *passar* apresenta algumas vertentes semânticas que têm a ver com a expressão temporal (*percorrer de um lado para outro, atravessar, transpor, ir de uma para outra margem de mar, rio*).

O verbo português *passar* refere-se principalmente a um processo. No domínio do tempo, *passar* também se relaciona com a mudança de estado.

No caso do mandarim, a equivalência do verbo português *passar* é 过 (guò, *passar*). Porém, acentua-se o resultado do movimento no sentido de *chegar, atingir*, em vez do processo de transformação. O verbo 过 (guò, *passar*) em mandarim também é um marcador temporal para indicar o passado. 过 (guò, *passar*) é um verbo de deslocamento em chinês antigo, representando um movimento desde o início até ao final (Wang, 1980, pp.361-362). Segundo Zeng (2004, p.94), o

significado básico de 过 (guò, *passar*) no domínio espacial é uma mudança da localização. No domínio do tempo indica uma passagem do tempo. Por exemplo:

144) 我和他一起过了一个愉快的假日。

Eu e ele passamos ótimas férias.

(*Tive ótimas férias com ele.*)

Além disso, segundo Zeng (2004, p.95), em mandarim, um objeto de referência que realiza uma ação de *passar* geralmente possui pontos definidos de partida e chegada para que esse objeto-alvo consiga o movimento com um trajeto definido. Por exemplo, em mandarim, podemos dizer *passar a ponte*, *passar o túnel*, porque eles têm entradas e saídas definidas, enquanto outros que não têm não podem ser usados como Configurante do verbo *passar*, tais como *passar o lago*, *passar a ilha*, etc., e esses usos são mal-aceites na prática da língua.

Quando se imaginam os movimentos dos objetos no espaço, outros significados são produzidos em função de mudanças de posição. Por exemplo, quando se move do ponto A para o ponto B, significa que o objeto desaparece no ponto A. A partir disto, o significado de *desaparecer* é acionado. Isso também se aplica ao domínio do tempo. Em mandarim, 过世 (guò shì, *passar pelo mundo*, *morrer*) é um eufemismo de morte. Por um lado, indica *um processo de passar de um início da vida para o final da vida* e, por outro lado, também significa *desaparecer* deste mundo.

O verbo 过 (guò, *passar*) representa tanto ações transitórias quanto ações contínuas no domínio espacial devido à diferença em aparência física do objeto de referência. No domínio do tempo, encontramos as seguintes equivalências: eventos transitórios no *time-moving* e eventos durativos no *ego-moving*. A distância no espaço corresponde à duração do tempo. Os momentos também são metaforizados como localizações do objeto.

a) No modelo de *time-moving* (ações transitórias)

145) 春天过去了。

A primavera passou.

146) 圣诞节刚刚过，这个城市就迎来了这个冬天的第一场大雪。

O Natal já passou (logo após o Natal), a cidade sofreu o primeiro forte nevão deste inverno.

b) No modelo de *ego-moving* (ações contínuas)

147) 我们穿过历史的长河。

Passamos o rio da história.

148) 我们过了一个美好的夏天。

Passamos (tivemos) um ótimo verão.

O verbo 过 (guò, *passar*), às vezes, funciona com o valor semântico de deslocamento, indicando, por isso, o tempo passado e o tempo perfeito. O significado de "o movimento acabado" no domínio do espaço é mapeado para o domínio do tempo como um marcador de conclusão da ação.

149) 吃过饭了。

Comer passar.

(*Eu comi.*)

150) 他上过几年学。

Frequentar passar a escola por alguns anos.

(*Frequentou a escola por alguns anos, ou seja, teve alguma educação*)

151) 我们去过北京。

Nós ir passar Pequim.

(*Visitámos Pequim.*)

Concluimos que em ambas as línguas, o verbo *passar* é projetado para o domínio do tempo com base nas experiências do movimento. Visto que o movimento pode ser tanto instantâneo quanto contínuo, o tempo necessário pode correspondentemente ser curto ou longo. Assim, o verbo *passar* é, realmente, metaforizado para indicar ações dos eventos que devem ser metaforizados primeiramente como *objetos*. Em português o verbo *passar* enfatiza-se o processo do evento quando é utilizado no tempo, ao passo que em mandarim, o verbo 过 (guò, *passar*) indica tanto ações instantâneas com a ideia de pretérito perfeito, quanto ações contínuas, no sentido de pretérito imperfeito.

3.2.3. Metáforas sobre a direção relativa entre o evento e Ego no sentido de localização (*frente/trás*)

O movimento implica uma percepção de mudanças de relações espaciais, como mudanças de localização, direção, ou mudança a partir da qual os objetos são vistos. O movimento e a direção estão intimamente relacionados. Por esta perspectiva, a percepção do movimento implica um ponto de vista que fornece um quadro de referência para especificar a direção. Assim, entendemos a direção do movimento dos objetos da maneira que os sistemas óticos e conceituais nos permitem. É a visão antropocêntrica da direcionalidade que constitui a base para a percepção da direção do movimento. A maneira como falamos sobre movimento e direção reflete a maneira como distribuímos a nossa atenção durante a percepção de mudanças de localização (Svorou, 1994, pp.24-25). Além do nosso sistema ótico ser fundamental para perceber, o movimento normalmente também é realizado pela

ajuda dos pés. Assim, os verbos referentes a ações feitas com os pés são considerados na apresentação do movimento.

Por exemplo, no caso do mandarim, existem alguns verbos de movimento que estão envolvidos na ação de movimento de Ego em cima da linha temporal: 奔 (bēn, *correr*), 走 (zǒu, *andar*), 迈 (mài, *caminhar*) e 跨 (kuà, *cruzar*). Todos os movimentos representados por estes verbos têm a ver com uma ação dos pés no sentido de *caminhar*. Além das deslocações dos pés, o movimento relaciona-se com a competência ótica. Sendo assim, os verbos referentes à visão também desempenham um papel importante com as metáforas do tempo em mandarim. Por exemplo, 看 (kàn, *ver*), 望 (wàng, *ver*), etc.

Segundo Dong (2015, p.47), além do valor semântico (*mover-se com os pés*), os deslocamentos implicados pelo verbo 走 (zǒu, *andar*) no espaço podem ser classificados em três aspetos: *sair*, focaliza-se o ponto de partida; *passar*, focaliza-se o trajeto e *aproximar-se*, focaliza-se o ponto de chegada. Em diferentes modelos (*time-moving* e *ego-moving*) aplicam-se apenas os primeiros dois valores semânticos no espaço.

a) *time-moving* (o verbo 走 (zǒu, *andar*) indica *sair*)

152) 春天走了。

A primavera andou.

(A primavera já *passou*).

Tal como se pode observar na Figura 65(a), 走 (zǒu, *andar*) no modelo de *time-moving* usa o momento da enunciação como momento de referência, indicando o movimento que passa pelo momento da enunciação e que se dirige ao passado. Neste caso, 走 (zǒu, *andar*) tem um valor semântico de *sair* e *ir-se embora*. Por outras palavras, o evento deve acontecer no período entre o momento da enunciação e o seu momento anterior.

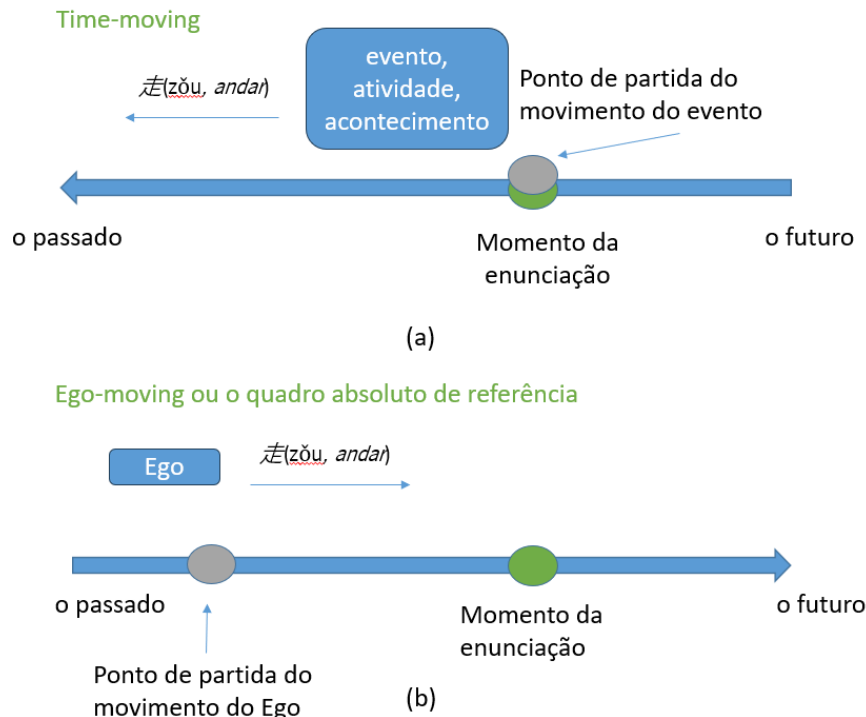


Figura 65. Usos do verbo 走 (zǒu, andar) nos modelos de *time-moving* e *ego-moving*

Neste modelo de *ego-moving* (Figura 65 (b)), 走 (zǒu, andar) ilustra o movimento do evento desde o passado para o futuro.

b) *ego-moving* (o verbo 走 (zǒu, andar) indica *passar, deslocar-se*)

153) 这对夫妻已经一起走过了十五个春秋。

O casal anda por quinze anos.

(O casal está casado há quinze anos.)

154) 一路走来，我们历经坎坷。

Andámos pelo caminho e passámos várias dificuldades.

(Experimentámos muitas dificuldades nos últimos anos.)

155) 让我们一起走向美好未来。

Vamos andar para o melhor futuro.

(Vamos tentar ter um melhor futuro.)

O ponto de partida do movimento deve se localizar no passado em relação ao momento da enunciação. A direção do movimento de Ego é algo que ocorre do passado para o futuro. De qualquer maneira, o Ego somente se move de um momento anterior para um momento posterior.

Listamos a seguir mais exemplos dos verbos que têm a ver com a ação dos pés: 奔(bēn, correr) e 跨(kuà, cruzar).

Verbos	Domínio do Espaço	Domínio do Tempo
奔(bēn, <i>correr</i>): uma ação com o destino óbvio	Correr para a casa	奔向未来 bēn xiàng wèi lái Correr para o futuro
跨(kuà, <i>cruzar</i>): refere-se a dois objetos de referência	A ponte que cruza o rio (faz-se referência às duas margens do rio)	跨世纪 kuà shì jì cruzar o século <i>passagem do século</i> 跨年 kuà nián cruzar o ano <i>passagem do ano</i> 跨时代 kuà shí dài cruzar a época <i>acontece algum evento marcante que inicia uma época nova</i>

Tabela 42. Usos de 奔(bēn,correr) e 跨(kuà, cruzar) no espaço e no tempo

Pode-se concluir que os verbos de movimento mantêm as suas características do deslocamento espacial (a direção, a forma de se deslocar, a velocidade, etc.) quando são aplicados ao domínio do tempo com objetivo de expressar a direção do movimento ou do Ego.

Além da percepção sobre o deslocamento do corpo, o sistema visual desempenha um papel importante na percepção e concetualização do mundo de forma inconsciente e automática pelo facto de participar na criação dos conceitos básicos do nosso entendimento sobre o mundo.

A direção de *ver* é consistente com a direção na qual o órgão visual está localizado. Ou seja, na frente do corpo. O comportamento de observar origina o processo de aquisição progressiva de imagens visuais por si como sujeito movido ao longo da "linha de visão" (Rinaldi *et al.*, 2018). Assim, embora o espaço cognitivo possa ser obtido pela percepção de várias relações espaciais no mundo físico através da visão, audição, olfato, tato, etc., o que é obtido através da percepção do órgão visual é mais informativo e estruturado.

Em muitas línguas, concetualiza-se o lado de *trás* do corpo como o passado e o lado de *frente* como o futuro. Então, será que esse mapeamento depende da experiência visual? Rinaldi *et al.* (2018) tentam perceber esse problema fazendo um teste com alguns participantes cegos:

We addressed this issue by testing early-blind participants in a space–time motor congruity task requiring them to classify a series of words as referring to the past or the future by moving their hand backward or forward. Sighted participants showed a

preferential mapping between forward movements and future-words and backward movements and past-words. Critically, blind participants did not show any such preferential time–space mapping. Furthermore, in a questionnaire requiring participants to think about past and future events, blind participants did not appear to perceive the future as psychologically closer than the past, as it is the case of sighted individuals (Rinaldi *et al.*, 2018, p.444).

Segundo estes resultados, sabemos que o desenvolvimento visual é crucial para concetualizar o tempo na relação frente-trás no eixo horizontal (sagital).

No caso do mandarim, Yu (1998, pp.99-104) também apresenta exemplos dos verbos visuais nas expressões lexicais de *futuro* e *passado*:

Expressões lexicais do <i>passado</i>	Expressões lexicais do <i>futuro</i>
回顾 huí gù (turn around-look back) 'look back; review'	展望 zhǎn wàng spread out/unfold-gaze into distance/look over) 'look into the distance; look into the future; look far ahead'
回望 huí wàng (turn around-look back) 'look back; review'	瞻望 zhān wàng look forward-gaze into distance) 'look forward; look far ahead'
回首 huí shǒu (turn around-head) 'look back; recollect'	瞻念 zhān niàn look forward-think of) 'look ahead and think of (the future)
回眸 huí móu (turn around-eye) 'look back; recollect; recall'	
回溯 huí sù (turn around-trace back) 'recall; look back upon'	

Tabela 43. Exemplos dos verbos visuais nas expressões lexicais de *futuro* e *passado* em mandarim

Em mandarim, uma ação de *olhar à frente* marca o futuro. Virar a cabeça e olhar para a direção de trás do corpo representa uma expressão temporal no sentido do passado. Essas correspondências entre direção e tempo existem tanto no modelo de *time-moving* quanto no modelo de *ego-moving*. Mas as bases cognitivas do mapeamento são diferentes.

No modelo de *time-moving*, o alcance da visão refere-se ao período entre o futuro e o presente. O invisível está relacionado com o passado. Então, ao olhar para os eventos que ainda não aconteceram, basta *olhar para frente*. Para olhar os eventos no passado, precisa de virar a cabeça, i.e., 回首 (huí shǒu, voltar a cabeça, *olhar para atrás* ou *lembra*) ou 回顾 (huí gù, voltar ver, *rever*).

O modelo de *ego-moving*, por sua vez, reserva uma diferente cognição metaforizada a partir do domínio espacial. A direção da visão é determinada pela direção do movimento de Ego na linha

temporal. Portanto, *olhar para frente* é olhar para o futuro. Assim, *ver a caminhada à frente claramente* indica que tem uma ideia certa sobre o futuro e *não pode ver nitidamente o futuro* significa que não faz ideia em relação ao desenvolvimento de algo. Essas são expressões metafóricas do verbo 看 (kàn, *ver*) no domínio do tempo. "Visível" representa o futuro (do evento) definido, ao passo que "invisível" representa o futuro (do evento) indeterminado. 眼光长远 (yǎn guāng zhǎng yuǎn, *visão longa*, indica uma boa capacidade de prever o futuro e 前瞻性 (qián zhān xìng, *frente visão*) ilustra que uma pessoa tem capacidade de conhecer e controlar antecipadamente o futuro. Isso ocorre porque a direção do movimento é definida, na maioria das vezes, como *frente*. *Olhar para atrás* refere-se a recordações das experiências da vida passada, porque a direção oposta à direção do próprio movimento é definida como *atrás*.

Além disso, 眼下 (yǎn xià, *olho baixo*, *a partir de hoje até o futuro próximo*) e 眼前 (yǎn qián, *olho frente na frente de olho*, *a partir de hoje até o futuro próximo*) são provas do papel crucial da visão em expressar o tempo.

望 (wàng, *ver*), é um outro verbo típico de ação visual que é universalmente aproveitado nas expressões temporais. Wu e Xu (2011) realizaram um estudo do verbo 望 (wàng, *ver*) com base em metáforas espaciais e na Teoria de Protótipo. Um valor semântico de 望 (wàng, *ver*) é "olhar à distância", enfatizando uma distância longa entre o observador e o objeto-alvo. A longa distância indica a duração. Desta maneira, derivam-se alguns significados metafóricos do verbo 望 (wàng, *ver*), tais como, 盼望²⁶ (pàn wàng, *esperar*), 期望 (qī wàng, *esperar*), 渴望 (kě wàng, *esperar*). Todos indicam *esperar acontecer algo no futuro*.

瞻仰 (zhān yǎng, *respeitar*) relaciona-se com uma ação de *olhar para cima*. Em mandarim, o eixo vertical cima/baixo também é usado nas metáforas temporais. *Em cima* é passado e o *baixo* é futuro. *Acima* estão os ancestrais. Olhar para cima desde uma localização mais baixa demonstra grande respeito aos antepassados, correspondendo, desta maneira, à cognição cultural chinesa, i.e., o respeito aos antigos.

²⁶ 盼(pàn, *ver, esperar*), 期(qī, *combinar, esperar*), 渴(kě, *sedê*)

回头 (huí tóu) indica uma ação de *virar a cabeça para (a)trás* quando é utilizado no sentido espacial. É usado também no domínio temporal para representar o futuro próximo. Por exemplo,

156) 咱们回头见!

Vamos virar a cabeça para atrás ver.

(Até à próxima!)

157) 我回头去您家。

Eu virar a cabeça para atrás visitar a sua casa.

(Vou visitar a sua casa em breve.)

回头 (huí tóu) passa de uma ação corporal para indicar uma duração curta depois do momento da enunciação, referindo-se ao pouco tempo a decorrer até ao futuro no qual vai acontecer um evento.

3.2.4. Metáforas do modo de realizar um movimento (do tempo ou do Ego no tempo)

Os verbos de modo de movimento são tratados na literatura (Jackendoff, 1990; Levin e Rappaport, 1992) como verbos que denotam o movimento de um objeto, mas não descrevem seu trajeto e o modo como um objeto se move. Amaral (2011) aceita a divisão dos verbos de modo de movimento em dois grupos diferentes (um grupo de *run* e um grupo de *roll*). Verbos como *dançar* são classificados em grupo de *run* (*correr*), ao passo que verbos como *balançar* e *sacudir* pertencem ao grupo de *roll* (*rolar*).

Para as autoras (Levin e Rappaport (1992)), o que diferencia os verbos da classe de *roll* dos verbos da classe de *run* é se a ação denotada pelo verbo só ocorre espontaneamente ou se é diretamente causada por um agente ou uma força externa. Verbos da classe de *roll* são verbos que aceitam uma causa externa, já que o objeto que se move não age sobre o próprio movimento. Verbos da classe de *run* são verbos que não aceitam uma causa externa, já que o objeto movido desencadeia e controla o próprio movimento (Amaral, 2011, pp.77-78).

De acordo com Talmy (1985), nas línguas conhecidas descobrem-se três modelos de lexicalização de verbos de movimento: [Movimento + Modo/Causa], [Movimento + Trajeto] ou [Movimento + Objeto que move]. O português, juntamente com as línguas românicas é uma língua que tende a lexicalizar a trajeto (e não o modo) em seus verbos de movimento. Por isso, os verbos que lexicalizam o modo de movimento devem ser restritos em português. O mandarim, ao contrário, como uma língua que acentua o modo [Movimento + Maneira/Causa] na lexicalização de verbos de movimento tem mais valores para demonstrar modos de movimento do tempo.

Em português, há verbos, tais como *voar*, para indicar uma passagem rápida do tempo. Em mandarim, quando se trata da forma de conceitualizar a passagem do tempo, por um lado, enfatiza-se, a instantaneidade do tempo devido à sua passagem rápida e, por outro, acentua-se a continuação do tempo pela sua sucessão constante. Em mandarim, temos quatro tipos de expressões lexicais de variação em sujeito de movimento para que descrevam a passagem rápida do tempo:

- a) corrida de cavalo
- b) movimento de algumas ferramentas
- c) ações instantâneas do corpo humano
- d) movimento do sol, da lua, etc.

Vejamos a seguir um grupo de *corrida de cavalo* com os exemplos 158) e 159).

158) *o cavalo branco passa pela frincha*

白	驹	过	隙
bái	jū	guò	xì
branco	Cavalo	passar	frincha
<i>o cavalo branco passa pela frincha</i>			

159) *o cavalo branco passa pela frincha*

窗	间	过	马
chuāng	jiān	guò	mǎ
janela	frente da janela	passar	cavalo
<i>o cavalo branco passa pela frincha</i>			

Na China antiga, os cavalos brancos geralmente simbolizam cavalos com excelente capacidade de corrida. Quando o cavalo passa por um espaço pequeno, podemos entender facilmente que, com a velocidade muito rápida, o tempo necessário de acabar a ação de passar é muito pequena. Desta maneira, enfatiza-se o tempo passa num instante. Essas duas expressões lexicais utilizam a característica da velocidade da corrida do cavalo e as particularidades espaciais dos espaços por onde o cavalo passa (pequenos espaços) para indicar que a vida é muito curta devido à rapidez do tempo.

No que diz respeito ao caso de aproveitar os movimentos das ferramentas usadas na vida humana com muita frequência para metaforizar características do movimento do tempo, as mais típicas são a lançadeira e a flecha. A primeira é usada para fazer tecelagem, enquanto a segunda tem função insubstituível nas atividades das caçadas (e das guerras). 梭(suō, *lançadeira*) é uma ferramenta importante que se utilizava nos tempos antigos na China para que as mulheres pudessem fazer roupas.

A lançadeira rola muito rápido quando é aplicada no processo da tecelagem. Neste sentido, a sua velocidade de se mover é projetada para o domínio temporal a fim de indicar a rapidez do movimento do tempo.

160) *Sol e lua (passam) como uma lançadeira*

日	月	如	梭
rì	yuè	rú	suō
sol	lua	como	lançadeira
<i>Sol e lua (passam) como uma lançadeira</i>			

O sol e a lua vêm e vão como uma lançadeira, apresentando de maneira metafórica, uma alternância entre o dia e a noite. 梭 (suō, *lançadeira*) tem duas interpretações: a) Significado original: a ferramenta de tecelagem para desenhar a trama no tear tem a forma de fuso (cujo centro é mais espesso, sendo que vai afinando até atingir as extremidades). b) Significado derivado: metaforiza um movimento rápido e repetível, assim como o sol e a lua nascem de leste a oeste todos os dias. O sol e a lua vão e voltam, muito parecido com o caminho de uma lançadeira ao tecer. Portanto, "o sol e a lua são como uma lançadeira" não apenas enfatiza a velocidade da corrida, mas também leva em consideração o caminho repetível da corrida (Kuang, 2015, p.55).

A flecha é uma ferramenta que é utilizada nas atividades de caçar e faz parte da sobrevivência da vida humana nos tempos antigos. A flecha deve mover-se muito rapidamente com uma força externa. Além disso, o seu trajeto é irreversível.

161) *O sol e a lua (movem-se) como a flecha*

日	月	如	箭
rì	yuè	rú	jiàn
sol	lua	parecer	flecha
<i>O sol e a lua (movem-se) como a flecha</i>			

162) *A luz e o escuro (mudam-se) como a flecha*

光	阴	似	箭
guāng	yīn	sì	jiàn
luz	escuro	parecer	flecha
<i>A luz e o escuro (mudam-se) como a flecha</i>			

Essas duas expressões lexicais acima ilustram trajetos diferentes do movimento do tempo. Uma com característica cíclica, ao passo que na outra se metaforiza a singularidade da direção e a forma da linha reta da trajetória.

Quanto a ações humanas para metaforizar a passagem rápida do tempo, estão relacionadas com movimentos do corpo que são difíceis de serem percebidos por uma duração curta. Por exemplo, movimentos dos olhos (*piscar*), do nariz ou da boca (*respirar*), etc.

163) *piscar*

转	眼
zhuǎn	yǎn
mudar	olho, visão
<i>piscar</i>	

164) *respirar*

呼	吸
hū	xī
Deixar o ar sair do nariz ou da boca	Deixar o ar entrar no nariz ou na boca
<i>respirar</i>	

165) *abaixar e levantar a cabeça*

俯	仰
fǔ	yǎng
baixar	levantar-se
<i>abaixar e levantar a cabeça</i>	

166) *estalar os dedos*

弹	指
tán	zhǐ
Estalar	dedo
<i>estalar os dedos (dura 7,2 segundos)</i>	

A expressão de *estalar os dedos* vem do budismo e refere-se à ação de torcer e sacudir os dedos para fazer um som. Era originalmente um costume na Índia para expressar alegria, admiração, advertência, promessa, iluminação, convocação, saudação, etc. Essa ação foi posteriormente aceita pelos falantes do mandarim como um quantificador de tempo: *estalar os dedos* por uma vez representa uma duração de 7,2 segundos (Chu, 2023, p.67).

167) *conversação ao pé*

立	谈	间
lì	tán	jiān
ficar de pé	Conversar	um espaço entre dois objetos, indica algum espaço ou algum tempo
(uma duração de) conversação ao pé (uma conversa curta)		

立谈间 (lì tán jiān) significa *ficar de pé e converse um pouco*. O tempo da conversação é tão curto, que nem é necessário sentar-se. Todas as cinco anteriores expressões representam momentos muito rápidos como a passagem quase impercebível do tempo.

Por último, nas expressões que ilustram a passagem rápida do tempo, temos ainda algumas que têm a ver com o tempo absoluto entendido por movimentos das estrelas. O tempo absoluto tem a sua própria regra de movimento, não é influenciado pelo observador (Ego). A sua direção de movimento é desde o passado para o presente e depois para o futuro. O tempo absoluto é psicologicamente representado como uma linha do tempo mental (*Mental Timeline*) e na vida social como um calendário, relógio e outros sistemas de cronometragem. Alguns estudos mostram que o sistema de tempo absoluto tem uma grande influência na cognição do tempo (Sinha e al, 2011; Richmond *et al.*, 2012; Duffy, 2014). A origem da percepção do tempo absoluto está relacionada com o movimento rítmico de objetos como o sol e a lua. Os movimentos destes objetos oferecem uma referência de mudança do tempo e tornam-se mais tarde numa ferramenta de medição do tempo ou de eventos (Lakoff e Johnson, 1999, p.139). O sistema de tempo absoluto não é compartilhado por todos os seres humanos, é um produto intelectual do desenvolvimento social e cultural até certo estágio. O Hopi norte-americano e o Amazon Amondawa e outros as línguas indígenas carecem de um sistema de tempo absoluto (Sinha *et al.*, 2011). O sol é a fonte do sistema de tempo absoluto e foi gradualmente substituído por ferramentas de medição de tempo, como relógios, com o desenvolvimento da sociedade. O sistema de tempo absoluto é uma parte essencial da nossa vida diária. Estudos existentes confirmaram que sistemas de tempo absoluto como "calendário" e "relógio" estão intimamente relacionados com a cognição do tempo (Sinha *et al.*, 2011; Sinha, 2014; Richmond *et al.*, 2012; Duffy, 2014).

Em mandarim, o tempo também é designado metaforicamente por 日月(rì yuè, *sol e lua*). Neste caso, temos os exemplos 168) e 169) que descrevem a passagem rapidez do tempo com os movimentos do sol e da lua.

168)

跳	丸	日	月
tiào	wán	rì	yuè
saltar	bola	sol	lua
<i>Sol e lua (o tempo) salta como uma bola (no sentido de passar muito rápido)</i>			

169)

乌	飞	兔	走
wū	fēi	tù	zǒu
Um tipo de pássaro (Era considerado como uma das configurações antigas do sol na legenda chinesa, aqui indica o sol)	voar	Coelho (Na legenda chinesa, mora o coelho branco na lua, aqui representa a lua)	Andar (correr)
<i>O pássaro voar e o coelho correr (um tempo passa muito rápido)</i>			

A seguir, verificamos outras características do movimento do tempo: a continuidade. Em mandarim, o tempo é frequentemente metaforizado como água devido à sua particularidade continuativa. Mas não são todos os tipos de água que são convenientes para metaforizar o tempo. A água deve ser dinâmica, direcional e continuativa. Neste sentido, aproveita-se, na maioria dos casos, o rio ou um líquido fluido que servem como fonte da metáfora temporal. Assim, as características do movimento do rio também são mapeadas para o movimento do tempo. Note-se que a metáfora de rio ou de água em movimento é uma variante da metáfora do espaço, já que o rio é visto na sua faceta de movimento, juntando espaço e tempo.

170)

岁	月	如	流
sui	yuè	rú	liú
ano	mês	parecer	fluxo (de água)
<i>os anos e meses (o tempo) fluem como a água</i>			

171)

日	月	如	流
rì	yuè	rú	liú
sol	lua	parecer	fluxo (de água)
<i>o tempo ocorre como água</i>			

172)

似	水	流	年
sì	shuǐ	liú	nián
parecer	água	fluir	ano
<i>o ano fluir como água</i>			

173)

流	光	易	逝
liú	guāng	yì	shì
fluir	luz	fácil	foi se embora, sair
<i>o tempo passa como luz e facilmente foi se embora</i>			

A origem da cultura chinesa está relacionada com a civilização do rio. Sendo assim, a água também forneceu a forma de transporte mais antiga e primitiva da humanidade. Confúcio²⁷ metaforiza a vida como o rio que se move desde o dia para a noite. Segundo Nie e Chen (2008), o movimento da água é parte importante da cultura dos antigos chineses e de grande relevo para o mapeamento cognitivo em relação ao mundo:

The movement of water, for instance, comes to one's senses — mostly visual but can be otherwise — every time one sees the water in the ditch outside her house or turns on the faucet in the kitchen; and the destructive power of water provides a recurring experience in places where one suffers floods on some regular basis. On the other hand, however, these bodily experiences with the environment are not the only source of motivation of the mapping of WATER to those relevant target domains. At least some of these mappings are at the same time results of Chinese speakers' interaction with their culture, which they have created and by which they have been influenced (Nie e Chen, 2008, p.512).

A continuidade do tempo é semelhante em relação à continuidade das águas e dos rios, que têm algo em comum nas características físicas e formam assim uma base cognitiva para a metáfora. O elemento temporal, a duração, também é muito parecida com uma passagem do rio. A continuidade do tempo pode ser concretizada por *duração* que, por sua vez, existe na memória e se acumula

²⁷ Nascido entre 552 a.C. e 489 a.C. Foi um pensador e filósofo chinês do Período das Primaveras e Outonos.

continuamente na memória. A *duração* é um todo contínuo e indivisível, cujo núcleo reside no fluxo e na mudança contínuos. Duração também é um atributo de tempo único que as pessoas podem perceber diretamente, independente do espaço e da experiência de movimento no espaço (Kranjec e Chatterjee, 2010; Kranjec *et al.*, 2012).

Além disso, se dividirmos um rio em áreas diferentes mediante a direção do movimento da água, o ponto de origem será uma região mais alta, enquanto o ponto final será uma região mais baixa. Essas direções são mapeadas para o domínio do tempo com a metáfora TEMPO É ÁGUA, preservando assim a direção vertical em termos de cima (=passado) /baixo (=futuro) nas relações temporais. Outra base cognitiva que existe na metáfora temporal acontece na coincidência da direcionalidade entre o movimento da água (normalmente é configurado como o *rio*, em vez de *largo*, *mar*, etc.) e o do tempo. No ambiente natural, a água geralmente só pode fluir de alto para baixo, assim como o tempo só pode ocorrer do futuro para o passado. A característica unidirecional, desde o superior ao inferior, de um rio corresponde a uma *aparência física* linear do tempo.

Com base na comparação entre o português e o mandarim, concluímos que, em primeiro lugar, existem em ambas as línguas verbos do modo do movimento para descrever o movimento do tempo. Em segundo lugar, os verbos portugueses e chineses fazem ressaltar características comuns sobre o tempo, tal como a passagem muito rápida. Esta característica é apresentada pelos verbos *voar* (aplicado ao tempo) no caso português e 飞 (fēi, *voar*) no caso do mandarim. A metáfora TEMPO É REALIDADE QUE VOA assenta sobretudo nas vertentes:

- a) a implicação de velocidade notavelmente alta
- b) a implicação de que o movimento é quase impercetível para o observador

Devido ao facto de que, em relação ao português, o mandarim é uma língua com um sistema muito produtivo de usar verbos de modo de movimento, alguns verbos chineses demonstram ainda outras características do movimento do tempo na medida que os combinam com outras palavras. Por exemplo, 跳 (tiào, *saltar*) na expressão lexical 跳丸日月 (tiào wán rì yuè, *o tempo passa muito rápido*) e 走(zǒu) na expressão 乌飞兔走 (wū fēi tù zǒu, *o tempo passa muito rápido*). Além disso, em mandarim, há expressões idiomáticas que apresentam um movimento invariável e direcionado do tempo como o verbo 流 (liú, *fluir*) que se refere ao movimento de água. O mandarim também indica o movimento do tempo como uma ação repetível ao utilizar o movimento da lançadeira. Com base em tudo isto, o movimento do tempo pode ser metaforizado tanto como algo rápido e instantâneo no

sentido de ser difícil de perceber na sua passagem, quanto como algo tem continuidade com trajeto linear.

3.2.5. Conclusão

Os verbos são aplicados no domínio do tempo através da metáfora com base nas experiências coexistentes ou relevantes entre o espaço e o tempo. Conclui-se a seguir com as semelhanças e diferenças entre o português e o mandarim no uso dos verbos em metáforas temporais.

Português	Mandarim
<i>Vir</i> a) Time-moving: Indica o evento movido de futuro para presente b) Ego-moving: Indica o evento acontecido no passado.	来(lái, <i>vir</i>) a) Time-moving: indica o futuro (algo que ainda não chegou ao presente) b) Ego-moving: indica um plano do futuro próximo c) Um quadro de referências absolutas: d) Indica uma duração ou um estado do evento desde um momento do passado até agora.
<i>Ir</i> a) Time-moving: Indica uma saída ou passagem, um desaparecimento de evento, um passado b) Ego-moving/ um quadro de referências absolutas: É altamente gramaticalizado. Ir +verbo INF indica uma ação no futuro	去(qù, <i>ir</i>) a) Time-moving: Indica uma saída ou passagem, um desaparecimento de evento, um passado b) Ego-moving: É parcialmente gramaticalizada. Ir + verbo indica uma ação no futuro (um sujeito de ação deve ser vivo)
<i>Chegar</i> a) Time-moving: Preserva-se no domínio do tempo o significado prototípico de <i>chegar</i> no espaço: atingir ou realizar. Indica um evento do futuro quase atingido em lugar onde se situa um observador que representa o momento da enunciação.	到(dào, <i>chegar</i>) a) Time-moving: Tem o mesmo uso do verbo português b) Ego-moving: Indica uma ação de Ego: percorre na linha temporal, ex., quando chegarei a trinta anos, ... (quando tiver trinta anos) Frequentemente, devido à ausência do sujeito numa frase, é difícil de verificar se o verbo está a ser aplicado no modelo de <i>time-moving</i> ou no modelo de <i>ego-moving</i>. No entanto, seja qual for, o movimento referido por <i>chegar</i>, é necessário deslocar-se desde um momento anterior para um posterior.
<i>Voltar</i> Preserva-se o valor semântico central do espaço: volver, retornar, etc. Não há distinção do uso entre time-moving e ego-moving.	回(huí, <i>voltar</i>) a) Time-moving: o estado do evento está recuperado b) Ego-moving: indica um passado por meio de um movimento virtual ou imaginado do ego

	dirigido a um momento do passado
<i>Passar</i> a) Time-moving/ um quadro de referências absolutas: indica o passado por meio de movimento do evento, i.e., a passagem pelo observador até que desapareceu (a semântica espacial de desaparecer) b) Ego-moving: <i>aproveitar</i> Passar (a semântica espacial: atravessar) A mudança do estado (a semântica de <i>transmitir</i> ou <i>transformar</i>): passar a pensar	过 (guò, <i>passar</i>) a) Time-moving/ um quadro de referências absolutas: O mesmo uso do português b) Ego-moving: <i>aproveitar</i> c) Um quadro de referências absolutas: Tem uma gramaticalização. Verbo + passar: representa o estado acabado ou concluído dos eventos ou ações. Desta maneira, refere-se ao passado.

Tabela 44. Comparação entre o português e o mandarim em termos da direção relativa do movimento entre o evento e Ego no sentido de mudança da distância (aproximação ou afastamento)

Português	Mandarim
verbo de ação visual (verbos com direção inerente de <i>frente</i>)	
<i>Ver</i> Indica um tempo futuro por meio de observar a tendência ou o desenvolvimento do evento. <i>Vamos ver.</i>	看 (kàn, <i>ver</i>) 望 (wàng, <i>olhar à distância ou ver objetos distantes</i>) Indica uma expectativa do futuro
Verbos de caminhada (verbos com direção inerente de <i>frente</i>)	
<i>Andar</i> a) Time-moving <i>Os dias andam.</i> Indica a passagem do tempo. <i>Correr</i> a) Time-moving O tempo corre. Indica a passagem do tempo.	走 (zǒu, <i>andar, caminhar</i>) 奔 (bēn, <i>andar rapidamente, correr</i>) a) Time-moving: Indica um passado por meio de movimento do evento, tal como o afastamento de Ego, a passagem pelo Ego ou o desaparecimento. b) Ego-moving: Indica um futuro no sentido de se realizar um movimento de Ego para a frente (o futuro está lá permanecido). c) Um quadro de referências absolutas: Indica uma ação metaforizada de <i>andar</i> que dura desde um ponto temporal do passado até ao momento da enunciação.

Tabela 45. Comparação entre o português e o mandarim em termos da direção relativa entre o evento e Ego no sentido de localização (frente/trás)

Português	Mandarim
Enfatiza-se a rapidez da passagem do tempo a) Voar O tempo voa.	Enfatiza a rapidez da passagem do tempo a) corrida de cavalo ou de pássaro b) movimento de algumas ferramentas c) ações instantâneas do corpo humano d) movimento do sol, da lua, etc. Enfatiza-se a sua sucessão e continuação a) fluir como água

Tabela 46. Comparação entre o português e o mandarim em termos do modo de realizar um movimento (do tempo ou do Ego)

Um uso dos verbos no domínio temporal é a seleção condicionada pela estrutura cognitiva do tempo (a passagem rápida e impercebível, continuidade, etc.) em vez de depender dos fatores que determinam o deslocamento espacial. Por outras palavras, as propriedades do movimento são preservadas parcialmente em função do Princípio da Invariância no processo metafórico, tanto em português quanto em mandarim. Além disso, em modelos diferentes do tempo (*time-moving* e *ego-moving*), derivam-se dos valores semânticos originais diferentes valores semânticos metafóricos.

Muitos movimentos que estão relacionados com a experiência do corpo humano podem ser aproveitados para representarem o movimento temporal ou o momento do Ego no tempo mediante as metáforas, nos quais estão acentuados três aspetos: a direção relativa do movimento entre o evento e Ego no sentido de mudança da distância (aproximação ou afastamento), a direção relativa entre o evento e Ego no sentido de localização (frente/trás) e o modo de realizar um movimento (do tempo ou do Ego do tempo).

A continuação do tempo é consistente com o deslocamento no espaço, uma vez que o tempo e o espaço são componentes distintos, mas obrigatórios do movimento. Por exemplo, a direção de *andar* corresponde à direção frente, a escrita em português corresponde à direção da esquerda à direita (ou de cima para baixo no caso do mandarim), etc. Com base em tudo isto, fazemos três conclusões sobre a comparação entre o português e o mandarim.

- (1) No modelo de *time-moving*, aproveita-se a mudança da distância (diminuição=aproximação, aumento=afastamento) entre o evento e Ego para entender a localização do evento (no passado ou no futuro).

Ao descrever o movimento de tempo num quadro de referências absolutas, a direção é ambígua. Por exemplo, *o tempo voa*, *o tempo flui*, etc. Portanto, no modelo de *time-moving*, as direções de *frente/ trás* não são diretamente projetadas desde o domínio espacial para o domínio temporal com o propósito de metaforizar o passado e o futuro. Pensamos que o processo metafórico deve acontecer com mais de uma base cognitiva, i.e., além de fazer referências às direções espaciais, como já discutimos atrás na secção 3.1.2., o tempo é possivelmente entendido através do movimento.

Antes de mais, os objetos e os seus movimentos dentro do espaço são observados de forma autorreferenciada (AGORA ESTÁ AQUI). Depois, o observador é mapeado por si próprio no espaço como alguém no tempo. Os eventos no tempo são metaforizados como equivalências dos objetos no espaço.

A direção do movimento do tempo é, realmente, uma direção da atividade mental, sendo variável de acordo com a perspectiva do observador. No entanto, a direção relativa de um movimento entre o evento e Ego no sentido de mudança da distância é determinada: se não aproximação, então afastamento. O movimento temporal em direção ao Ego está mapeado como o período do futuro ao presente, porque o acontecimento situado no futuro estará cada vez mais próximo. O movimento temporal afastado em relação ao Ego é projetado como o período do presente ao passado, porque o acontecimento situado no passado estará cada vez mais distante.

Sendo assim, concluímos que, a direção do tempo é percebida possivelmente pelo mapeamento da direção do movimento deíctico no espaço com a ajuda dos valores semânticos dos verbos. Os eventos que se movem em direção ao momento da enunciação estão no futuro e eventos que se afastam do momento presente estão no passado. Não é a direção espacial que defina o passado ou o futuro, mas sim a direção do evento movido em relação ao Ego que os define. Por isso, as implicações entre direções espaciais e futuro/passado podem ser resumidas por uma correspondência entre a mudança da distância e a direção do movimento temporal (em relação ao Ego):

- a) Redução de distância: acontecerá (o futuro)
- b) Sobreposição: está a acontecer (agora)
- c) Alargamento da distância: aconteceu (o passado)

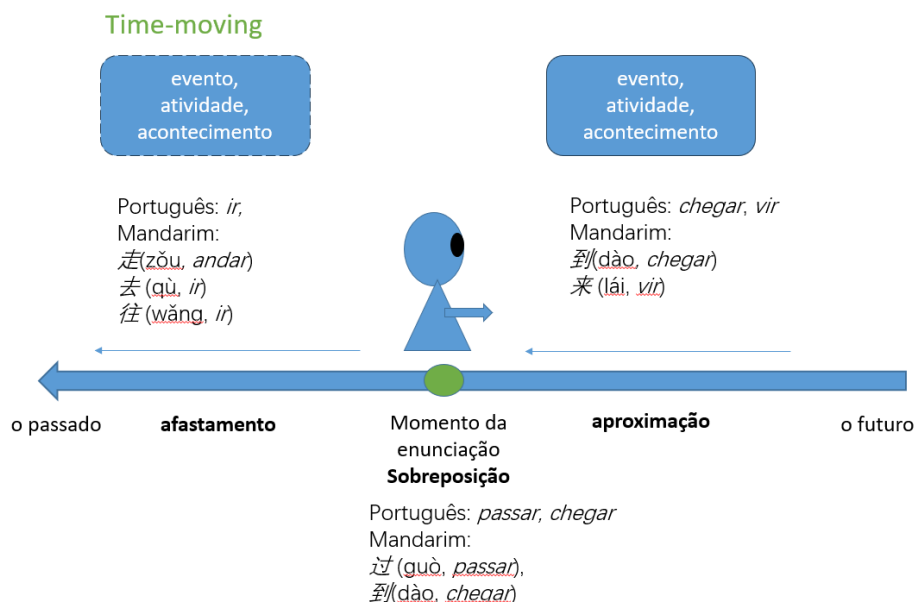


Figura 66

- (2) No modelo de *ego-moving*, utiliza-se a direção do movimento do Ego para distinguir o passado do futuro.

No modelo de *ego-moving*, projeta-se a direção do movimento de Ego no domínio espacial para a direção do movimento de Ego no domínio do tempo. Como o deslocamento do corpo é principalmente horizontal, a direção do movimento é chamada de *frente*, de modo que a direção do Ego no tempo também é a *frente*. Uma linha temporal é metaforizada como um caminho reto no espaço. Uma vez que o observador está cada vez mais a aproximar-se do futuro, *frente* é o futuro. Devido ao facto de que nos vamos afastar cada vez mais do passado, o período que está oposto à nossa direção de movimento é o passado. Por isso, no modelo de *ego-moving*, pode-se dizer que *frente* representa o futuro e o *trás* representa o passado. Neste contexto, apenas pela perspectiva do movimento, parece ser mais razoável (ou seja, mais simples) de libertar a cognição do tempo do movimento (o movimento é realizado principalmente mediante uma combinação entre o espaço e o tempo) do que mapear cognições de *frente/ trás* para *passado/ futuro*.

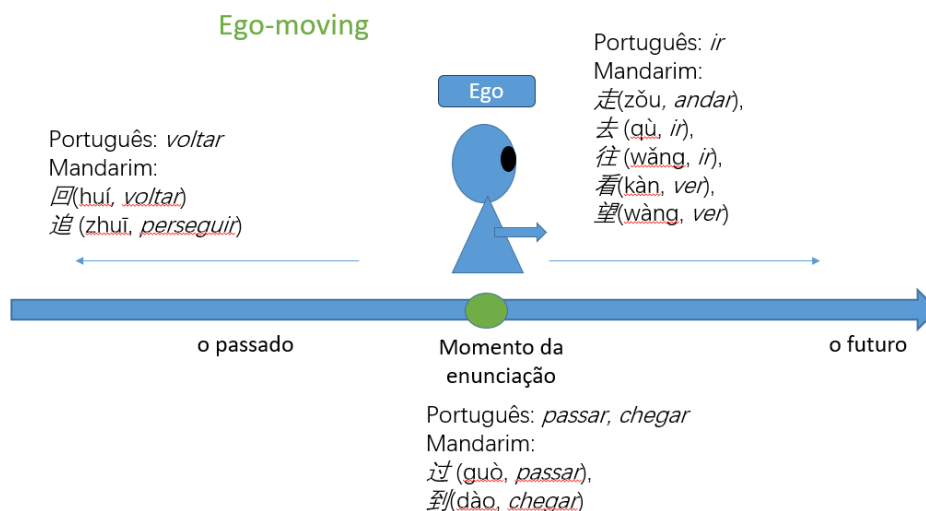


Figura 67

Em português, o mapeamento no modelo de *ego-moving* normalmente enfatiza o futuro. Porque é o futuro que podemos manipular. A cognição de *passado* e a de *futuro* são assimétricas. Em mandarim, porém, acentua-se o passado, uma vez que os chineses têm uma admiração muito grande pelo antigo. Além disso, no modelo de *ego-moving* acentua-se o movimento virtual da visão (olhar para a frente). Ao referir-se o movimento do Ego, o foco situa-se no destino do movimento. Por exemplo, *corra para o futuro, corra para o século 22*, etc. Embora as etimologias de *frente* e de *trás* estejam relacionadas com o movimento, ambos os termos passam a conter interpretações estáticas no sentido de indicarem um alcance. Essa cognição é preservada no domínio temporal. Por exemplo, no espaço 屋前屋后 (wū qián wū hòu, casa frente casa atrás) indica um espaço ao redor da casa e no tempo 前

前后 (qián qián hòu hòu , frente frente atrás atrás) indica os períodos antes e depois de um momento referente.

- (3) O grau de relevância do espaço e do tempo na cognição e o grau de proeminência do espaço na cognição de tempo não são os mesmos (devido às particularidades linguísticas ou culturais) em todas as línguas.

Embora o tempo seja uma experiência universal para o ser humano, a correlação entre espaço e tempo em português não é tão próxima como em mandarim. Chegamos a conclusões semelhantes na subsecção anterior. A conclusão pode ser apoiada por três aspetos:

- a) Em comparação com o português, o uso de alguns verbos em mandarim no domínio do tempo preserva mais valores semânticos espaciais. Ex. *vir, ir, chegar, passar*, etc.
- b) Em comparação com o português, em mandarim há mais palavras de movimento de deslocamento que expressam o modo de movimento. Ex. *atravessar, fluir*.
- c) Embora existam verbos gramaticalizados para marcar o tempo futuro em ambas as línguas, alguns verbos portugueses são mais gramaticalizados em relação aos verbos chineses (Ex. *ir* no sentido de indicar o futuro)

Pela perspectiva interlinguística, a relevância entre o espaço e o tempo é diferente entre o português e o mandarim nos mapeamentos metafóricos dos verbos de deslocação.

Em primeiro lugar, em relação aos verbos chineses, os verbos portugueses preservam menos valores semânticos espaciais no domínio temporal, por um lado e, por outro, produzem menos interpretações metafóricas por serem altamente gramaticalizados. Os verbos chineses (ex. 来 *lái, vir*, 去 *qù, ir*, 到 *dào, chegar*), pelo contrário, têm mais usos metafóricos quando se aplicam ao domínio temporal a partir de preservação relativamente completa dos valores semânticos espaciais. Por exemplo, os verbos que marcam o passado, tais como 到 *(dào, chegar)*, 过 *(guò, passar)*, etc., podem manifestar um deslocamento do Ego no modelo de *ego-moving*. A maioria dos verbos mantém tanto o seu significado original quanto alguns derivados, possuindo, desta maneira, mais dimensões espaciais dos valores semânticos nas expressões temporais. Em mandarim, há também valores metafóricos diferentes do mesmo verbo entre o modelo de *time-moving* e o modelo de *ego-moving*. Especialmente no modelo de *ego-moving*, em comparação com o português, há mais verbos chineses para descrever uma ação do Ego no domínio temporal.

Em segundo lugar, em relação ao português, o mandarim tem mais verbos que são utilizados para indicarem o modo de movimento (ex. 流 *liú*, *fluir*, etc.). A primeira vertente está relacionada com o facto da inseparabilidade do tempo e do espaço em movimento. A segunda revela que o mandarim tem uma componente tradicional de materialização do tempo, uma vez que a metáfora temporal de água surge no chinês muito antigo e que é preservada até hoje.

Em terceiro lugar, em ambas as línguas, temos alguns verbos que se tornam em marcadores gramaticais do tempo verbal. Porém, os verbos portugueses são mais gramaticalizados do que os chineses. Os verbos de deslocamento do português tendem a ser altamente gramaticais quando são aplicados ao domínio do tempo (ex. *ir*) por necessidade de apresentar a direção do eixo temporal. No tempo verbal, a direção do tempo é desde o passado para o futuro. Por exemplo, *ir* em português é totalmente gramaticalizado como um marcador do futuro por meio de sua polissemia e compatibilidade com vários elementos gramaticais. Em mandarim, embora os verbos também sejam gramaticalizados e funcionem como marcadores do tempo verbal, preservam-se mais traços do movimento espacial. Por exemplo, 来 (*lái, vir*) e 去 (*qù, ir*) são utilizados para indicar o futuro apenas quando um sujeito de ação é uma pessoa. Aliás, 去 (*qù, ir*) também pode ser entendido como o deslocamento de Ego no modelo de *ego-moving*. Por isso, o mandarim não apenas tem o fenómeno linguístico de gramaticalizar verbos por necessidade de apresentar o tempo, mas também tem metáforas verbais que retêm as características do domínio espacial.

O português e o mandarim chegam algumas consistências no sentido do uso dos verbos de caminhada (*andar, correr*) nas metáforas temporais. Pensamos que esses verbos estão relacionados com uma ação frequente na vida quotidiana na medida em que é muito corporificada e menos influenciado pela cultura. Por isso, as duas línguas são parecidas neste grupo de metáforas temporais.

Acreditamos que em mandarim temos uma homologia entre o espaço e o tempo. De facto, na história filosófica chinesa, também se acredita que o espaço e o tempo são uma unidade e funcionam juntamente. Em mandarim, aproveita-se a tendência e a direção do movimento para distinguir o passado, o presente e o futuro, ao passo que em português, se indica o estado do evento por meio de conjugação verbal. Dessa forma, a expressão do movimento no domínio do tempo tende a ser abstrata, não é tão "espacial" quanto a chinesa. Na cognição do tempo em mandarim preservam-se mais traços espaciais. O tempo é metaforizado como um Configurante estático do movimento dos eventos. Em português, ao invés, o tempo é mais considerado com características dinâmicas. Embora a metáfora

do verbo sobre o tempo ocorra tanto em português quanto em chinês, o foco e o grau da relevância entre o domínio-fonte e o alvo nos mapeamentos não são os mesmos.

CAPÍTULO 4

OS ESQUEMAS IMAGÉTICOS NAS METÁFORAS TEMPORAIS

Neste capítulo concentramo-nos no estudo de metáforas de dois esquemas imagéticos: um é CONTENTOR e outro é ORIGEM-TRAJETO-META. São apresentados, antes de mais, os componentes, as lógicas e bases experienciais de cada um deles. As manifestações linguísticas que realizam metáforas de ambos os esquemas imagéticos são, na maioria das línguas, preposições. Sendo assim, a seguir, vai ser estudado o uso destes esquemas imagéticos no domínio temporal através do estudo contrastivo entre o português e o mandarim.

4.1.0 esquema imagético CONTENTOR

4.1.1. Os componentes e lógicas do esquema imagético de CONTENTOR

O "espaço" na Grécia antiga corresponde à localização. Aristóteles, por exemplo, usou "espaço" para se referir à posição (exata) dos objetos. O espaço é experimentado como um CONTENTOR que tem uma entrada e que contém objetos (cf. Heidegger, 1987/2001, p.190). O corpo ocupa uma localização particular num CONTENTOR espacial, e assim o corpo tem limites e pode estar em apenas um lugar num momento.

O esquema imagético do CONTENTOR é derivado da experiência pré-concetual humana. Essa experiência pré-concetual é uma experiência que é produzida e estruturada pelo corpo humano. As crianças conseguem distinguir contentores das superfícies de apoio (Clark *et al.*, 1977). No estudo de aquisição das preposições pelas crianças, Clark (1973) apontou que existem três regras básicas para a formação das relações espaciais na consciência das crianças, que envolvem *inclusão*, *apoio* e *contacto*:

- a) Se B é um CONTENTOR, então A está nele.
- b) Se B tem uma superfície de apoio, então A está sobre ela.
- c) A e B estão se tocando se forem espacialmente adjacentes.

Essas três regras são o conhecimento pré-concetual das crianças sobre as relações espaciais. O esquema imagético CONTENTOR, por sua vez, representa uma ideia de continência que é vista como uma relação entre o CONTENTOR (limite) e seu conteúdo (interior). O esquema imagético resulta de

nossas experiências recorrentes e onnipresentes com contentores. O esquema envolve uma orientação principal DENTRO-FORA (IN-OUT), que leva em conta vários sentidos de IN, OUT, INTO e OUT OF (Johnson, 1987). No sentido geral, o esquema imagético CONTENTOR envolve uma fronteira física ou metafórica, área ou volume fechado e área ou volume excluído.

A lógica do esquema CONTENTOR é simples. Imagina-se que há dois contentores, A e B, e um objeto X, se A está em B e X está em A, então X está em B (Lakoff e Johnson, 1999, p.32). As metáforas do CONTENTOR são metáforas ontológicas²⁸. Uma vez que o esquema também apresenta as relações espaciais entre entidades, a estrutura do esquema imagético CONTENTOR é de natureza espacial.

As experiências corporificadas da metáfora do CONTENTOR podem ser entendidas da maneira seguinte: o corpo é considerado como um CONTENTOR com uma superfície delimitadora e uma orientação de dentro para fora. Projetamos a nossa própria orientação dentro-fora em outros objetos físicos, que são delimitados por superfícies. Assim, também os vemos como contentores com lados de dentro e fora.

Os contentores também possuem características típicas e não típicas. Em primeiro lugar, o CONTENTOR tem um alcance definido (este é o mais fundamental na definição do CONTENTOR em linguística cognitiva). Em segundo lugar, como uma entidade concreta, o CONTENTOR pode ter várias aparências físicas, tais como quadrado, círculo, etc.; em terceiro lugar, o CONTENTOR pode ser mole ou duro. Em relação ao seu interior, este normalmente tem espaço e pode ser preenchido com itens. Todas estas são propriedades básicas de um CONTENTOR. Acreditamos que essas propriedades básicas de contentores podem ser mapeadas para o domínio-alvo. Sendo assim, o mapeamento das metáforas que toma o CONTENTOR como o domínio-fonte preserva algumas das suas propriedades e funções. Por exemplo,

- a) é uma entidade que pode armazenar algum objeto dentro dela
- b) normalmente tem um alcance definido e tem um volume de acordo com a sua função

²⁸ A metáfora ontológica é uma metáfora que se baseia nas experiências sobre objetos, realizando-se por metaforizar algo abstrato para algo concreto, tal como o contentor. Segundo Lakoff e Johnson (1980a): *understanding our experiences in terms of objects and substances allows us to pick out parts of our experience and treat them as discrete entities or substances of a uniform kind. Once we can identify our experiences as entities or substances, we can refer to them, categorize them, group them, and quantify them – and, by this means, reason about them* (Lakoff e Johnson, 1980a, p.25).

- c) o CONTENTOR pode ser uma ferramenta para além de armazenar, tal como uma de controlar, esconder, proteger, acentuar, quantificar, etc.
- d) a substância no CONTENTOR pode ser quantificada
- e) o objeto dentro de CONTENTOR é protegido por CONTENTOR

O esquema de CONTENTOR tem sido um dos esquemas mais estudados por várias razões. Já que a sua origem se relaciona com experiências básicas e comuns, este esquema imagético caracteriza um conceito importante que existe universalmente em diferentes línguas e que se desenvolve muito cedo nos processos cognitivos da infância. Sendo assim, o esquema de CONTENTOR é importante na estruturação metafórica e no raciocínio inferencial (Dewell, 2005, p.371).

Se observarmos como um CONTENTOR é concetualizado durante os primeiros meses de vida (por exemplo, a partir de 2 a 5 meses após o nascimento), veremos que o que atrai a atenção dos bebés e sobre o que eles formam conceitos, não é sobre os próprios contentores, mas sim as atividades e eventos que têm a ver com eles (Dewell, 2005). Tais atividades estão todas relacionadas com o movimento e com a interação de CONTENTOR com outros objetos, envolvendo principalmente os eventos de *entrar* e *sair* (Mandler e Cánovas, 2014, pp.515-517), nos quais os mais importantes são os movimentos de *aparecer* e de *desaparecer*. Portanto, uma ação de abrir um CONTENTOR é muito mais interessante do que perceber os seus limites. Além disso, os bebés logo entendem (a partir dos 3 meses de idade) que se o CONTENTOR se mover, o que estiver dentro dele também se move (Hespos e Baillargeon, 2001).

De acordo com Johnson (1987, pp.21-22), as experiências que estão relacionadas com o CONTENTOR compartilham uma estrutura cognitiva. Esta estrutura cognitiva envolve delimitação espacial e foca-se no sentimento de ser limitada ou permanecer dentro de algum CONTENTOR tridimensional, tal como um útero, um berço ou um quarto. Lakoff (1987, p.271) desenvolveu essa noção num esquema CONTENTOR por meio de uma distinção entre um interior e um exterior. Acentua-se desta maneira os aspetos funcionais como a restrição e a limitação que normalmente estão ligados à noção de continência, abandonando-se essencialmente a ideia de Vandeloise (1991) de INCLUSÃO/EXCLUSÃO em termos de topologia.

Mandler (1992, pp.597-598) está mais preocupado com as experiências pré-verbais sobre o esquema imagético CONTENTOR. Ela também enfatiza, por um lado, o papel de noções funcionais,

tais como a função de APOIO e, por outro, os eventos de movimento, tais como ENTRAR/SAIR ou ABRIR/FECHAR.

É notável que muitos contentores não definem exatamente um alcance no espaço da maneira que jarros e quartos fazem. Os de biscoito, mãos, guardanapos e vestidos vermelhos, claramente não são percebidos simplesmente como regiões definidas no espaço (Dewell, 2005, p.373). A ideia pode ser entendida melhor com palavras seguintes:

At one pole are jars and cribs and houses that are for the most part stationary receptacles with stable shapes — fixed regions of the setting where things can be located. At the other pole are hands and napkins, which are not intrinsic containers at all in their canonical states. Containing is something that these things actively do on a particular occasion by bending and closing in on the contained object. Between the two poles are many other containers — such as socks, canvas bags and container substances — that involve both entry by the contained object and active enveloping by the container (Dewell, 2005, p.379).

Então, parece improvável que os primeiros esquemas imagéticos de uma criança relacionados com CONTENTOR sejam relações estáticas puras no espaço, ou seja, noções como a de CONTENTOR de Lakoff, que é definida mediante uma distinção entre uma região interior de uma região externa. Tais noções podem ser primitivas num sistema adulto que é sofisticado e estruturado linguisticamente, mas não são primitivas no desenvolvimento cognitivo. Ao contrário, é muito mais provável que os primeiros esquemas imagéticos envolvam atividades e caminhos, com pouca diferenciação clara entre trajetos (TRs), marcos (LMs) e relações, entre caminhos e estados resultantes, ou entre espaço e tempo. A formação conceitual do esquema CONTENTOR na infância não se baseia em seu estado estático, mas sim de maneira dinâmica. Portanto, o esquema do CONTENTOR contém primariamente um elemento do movimento.

Neste sentido, o esquema CONTENTOR é analisado como uma fusão de dois padrões experienciais básicos, ENTRY e ENCLOSURE. Ambos os padrões são baseados originalmente na construção de eventos de movimento (Dewell, 2005). Além disso, Peña (2000) afirma que o esquema CONTENTOR é um esquema básico que fornece uma origem para a ativação de outros esquemas subsidiários, tais como, FULL- EMPTY, PART-WHOLE, EXCESS e CENTRE-PERIFERY, etc.

O esquema imagético CONTENTOR é variável em diferentes línguas (Navarro-Ferrando e Vandeloise, 2005). O esquema imagético é de facto universal, mas a linguagem usada para falar sobre

ele não é. Portanto, os esquemas imagéticos expressos serão diversificados por fatores culturais e linguísticos. Por exemplo,

(...) the Danish and English prepositions *i* and *in* are both organized around a core or “impetus” meaning equivalent to canonical containment, while the San Marcos Tlapazola Zapotec body-part term *láani* ‘stomach’ is organized around a core meaning that equals full enclosure without profiling the orientation of the container (Sinha e López, 2001, pp.34-35).

A melhor razão para esta diferença tem a ver com a função e com a forma de utilização de CONTENTOR que é mais aplicada na vida quotidiana.

A plausible explanation would take account of socio-cultural differences regarding artifact use in the two societies: the Zapotec culture makes use of a limited number of artifacts (such as baskets) and employs them flexibly and multi-functionally, often in inverted orientation. Providing that the core CONTAINMENT schema of Zapotec involves constraint of the location of the trajectory by the landmark, the schema would as readily be associated with an orientation of the CONTAINMENT with its cavity upwards as with its cavity downwards (Navarro-Ferrando e Vandeloise, 2005, p.345).

Verifica-se, então, que o esquema CONTENTOR, sem dúvida, funciona cognitivamente de maneira quase igual em diferentes línguas, mas não funciona da mesma maneira linguística. Isto quer dizer que embora os esquemas de ENTRY, ENCLOSING e CONTAINMENT sejam todos baseados em experiências essencialmente universais, desenvolvem-se de maneiras variáveis nos sistemas semânticos em diferentes linguagens (Dewell, 2005, pp.384-385). Por exemplo, em coreano não há semântica correspondente a ENCLOSING e também não há uma categoria geral que faz equivalência a ENTRY (Bowerman, 1996; Choi *et al.*, 1999; citado por Dewell, 2005, pp.384-385).

A semelhança interlinguística dos esquemas subsidiários de CONTENTOR é atribuída ao seu fundamento em experiências objetivamente semelhantes que são independentes da língua, enquanto as diferenças semânticas são atribuídas à maneira como as línguas individuais codificam esses esquemas pré-linguísticos. Uma vez que pensamos nos esquemas imagéticos como modelos esquemáticos complexos, em vez de objetos estáticos discretos com uma estrutura fixa, a linguagem pode influenciar o desenvolvimento e a organização desses modelos de várias maneiras (Dewell, 2005, p.385).

4.1.2. Os mapeamentos do CONTENTOR desde o domínio espacial ao domínio temporal

4.1.2.1.0 estado estático no sentido de *definir a duração: em/dentro* em português e 里 (lǐ, *em*)/ 內 (nèi, *dentro*)/ 中 (zhōng, *meio, centro*) em mandarim

No caso do português, a preposição *em* tem usos espaciais com valores de [contentor] e [trajeto] e noções topológicas (inclusão, contacto, adjacência) que são evocadas pelo esquema imagético CONTENTOR. Desenvolvem-se dois sentidos esquemáticos: especificação e localização. Ambos são aplicados nos domínios mais abstratos, tais como o tempo, como metáforas locativas. Por exemplo, usa-se *em* em português para localizar um momento ou um evento na linha temporal, na qual os objetos relevantes não são objetos concretos.

A preposição portuguesa *em* tem o significado principal de localização no domínio espacial. A localização do objeto pode estar na superfície (*em cima de, ficar na praia, sentar-se no sofá*, etc.) ou no interior (*em casa, no autocarro*, etc.) do contentor. Além disso, *em* representa uma ideia de direção ou posição. Por exemplo,

em frente significa em posição frontal ou adiante.

No domínio temporal, são preservadas parcialmente interpretações espaciais: *localização na interioridade* (no sentido de indicar um alcance) e *ideia de direção* (futuro ou passado). Vejam-se a seguir os exemplos:

- a) Coincidência com uma duração de tempo (*em três dias*)
- b) Localização pontual no tempo (*no momento da enunciação*)
- c) Localização no final de uma duração de tempo (*no final desta semana*)
- d) Atividades são concetualizadas como contentores (*nos Jogos Olímpicos*)
- e) Eventos são pontos ordenados no tempo (*no dia seguinte, no jogo posterior*)

Quanto ao mandarim, temos três preposições espaciais que podem ser utilizadas para indicar uma relação temporal: 里 (lǐ, *em*), 內 (nèi, *dentro*) e 中 (zhōng, *no meio, centro*). Vejamos primeiramente a palavra 里 (lǐ, *em*).

De acordo com as caligrafias antigas, a palavra 里 (lǐ, *em*) é uma combinação de dois caracteres: 田 (tián, *campo*) e 土 (tǔ, *terra*), significando "o município" ou "a cidade natal". Ganhou, mais tarde, um valor de *unidade de comprimento*. No sentido caligráfico, 里 (lǐ, *em*) é uma forma simplificada de

裹 (lǐ, *em*) que, por sua vez, indica uma parte interior de roupa ou colcha. Sendo assim, o caracter 里 (lǐ, *em*) indica a parte interior de algum objeto (Yang, 2007, p.12).

A palavra 里 (lǐ, *em*) herda algumas vertentes semânticas dos seus sinónimos 中 (zhōng, *no meio, centro*) e 内 (nèi, *dentro*). Por um lado, a palavra 里 (lǐ, *em*) enfatiza um contraste entre a parte interior e a parte de fora de um objeto. Por outro lado, indica um lugar interior de uma entidade que não tem fronteiras físicas ou de um conceito abstrato sem formato concretizado.

No entanto, uma vez que o outro significado de 里 (lǐ, *em*) se refere a "camada interna da roupa", foi posteriormente estendido para significar "dentro" no espaço tridimensional, de modo que a palavra 里 (lǐ, *em*), na maioria das vezes, representa uma posição de um objeto e não pode ser utilizada para indicar uma orientação. O esquema imagético cognitivo de 里 (lǐ, *em*) é um esquema de CONTENTOR, que é aplicado a diferentes domínios cognitivos por meio de metáforas. 里 (lǐ, *em*) contém os sentidos de [inclusão], [limite], [fechada], [anexado] (Yang, 2007, p.107).

Ainda de acordo Yang (2007), as particularidades de uso de palavra 里 (lǐ, *em*) no domínio do espaço podem ser entendidas por três aspetos. Em primeiro lugar, 里 (lǐ, *em*) é utilizado para indicar uma parte interior de um objeto, que é geralmente considerado como algo tridimensional. Nalguns casos, encontram-se também usos relacionados com objetos de duas dimensões. Nunca se refere a objetos unidimensionais no sentido matemático. Mas consegue referir-se a conceitos abstratos. Vejamos a seguir os exemplos:

Objeto tridimensional	Objeto bidimensional	Objeto unidimensional	Conceito abstrato
在家里 zài jiā lǐ	在图片里 zài tú piàn lǐ	*在线里 zài xiàn lǐ	在梦里 zài mèng lǐ
na casa	no quadro	*na linha	no sonho

Tabela 47. O uso da preposição 里 (lǐ, *em*) na descrição de diferentes objetos

Em segundo lugar, o limite do objeto do qual a parte interior é indicada por 里 (lǐ, *em*) normalmente é previsível. Mesmo que o limite dele não seja definido completamente, o alcance ou o volume de objeto é possivelmente condicionado por si próprio ou por outros objetos. Por exemplo:

Objeto de fronteira limitada	Objeto de fronteira parcialmente limitada	Objeto sem fronteira, mas que tem um alcance previsto	Objeto tem fronteira condicionada por outro objeto
bola, janela	copo, vaso	o cheiro que está cheio no quarto	água num copo

Tabela 48. Contentores com diferentes propriedades físicas

Em terceiro lugar, 里 (lǐ, *em*) destaca a parte interior do CONTENTOR por meio de contraste entre a parte interior e a parte fora.

As particularidades de uso de palavra 里 (lǐ, *em*) no domínio do tempo têm na sua origem particularidades no domínio do espaço. Antes de mais, a palavra 里 (lǐ, *em*) não é aproveitada para descrever um tempo que é metaforizado como uma linha. Por exemplo, em mandarim, não são adequadas no sentido pragmático as expressões a seguir: *在这段时间里 (nesta duração, *neste período*), *在时间线里 (numa linha do tempo, *neste período*).

Além disso, o tempo é visto como um CONTENTOR limitado quando é condicionado pela preposição 里 (lǐ, *em*). Tal como pode ser confirmado no domínio espacial, a preposição 里 (lǐ, *em*) indica uma área supostamente limitada do espaço quando não há fronteira definida. No domínio do tempo, também é possível dizer 平日子里 (píng rì lǐ, *na vida quotidiana*) ou 整日子里 (zhěng rì lǐ, *na vida quotidiana*). Ambas as expressões indicam a vida quotidiana, na qual a duração é combinada pelas experiências comuns. Além disso, os eventos que são definidos pelo calendário sempre podem ser combinados com a preposição 里 (lǐ, *em*): 三月里 (sān yuè lǐ, *em março*), 春天里 (chūn tiān lǐ, *na primavera*), etc. Devido à sua duração definida (quantidade de tempo), é mais fácil 里 (lǐ, *em*) ser metaforizada como um CONTENTOR (Yang, 2007).

No que diz respeito ao carácter 内 (nèi, *dentro*), a etimologia está relacionada com o verbo *entrar*, o que por sua vez indica o movimento de fora para dentro. Mais tarde, o significado passa a indicar o espaço interior do objeto.

Em relação à preposição 里 (lǐ, *em*), a preposição 内 (nèi, *dentro*) tem mais possibilidade de combinar com conceitos abstratos. Por outras palavras, a preposição 内 (nèi, *dentro*) prefere indicar um espaço abstrato e virtual (Deng, 2006, p.19) e refere uma parte interior num CONTENTOR, não importando a sua dimensão e as suas fronteiras. A distinção entre 里 (lǐ, *em*) e 内 (nèi, *dentro*) manifesta-se em dimensão do objeto objetivo (Yao, 2009, p.37), i.e., a preposição 里 (lǐ, *em*) é aproveitado mais para indicar o espaço (matematicamente) tridimensional/bidimensional, ao passo

que a preposição 内 (nèi, *dentro*) tem mais liberdade na opção em tipologia do CONTENTOR. Por exemplo,

	花园 (huā yuán, jardim) tridimensional	相片 (xiàng piān, foto) bidimensional	黄线 (huáng xiàn) unidimensional
里 (lǐ, em)	Sim	Sim	Não
内 (nèi, dentro)	Sim	Sim	Sim

Tabela 49. Exemplos dos usos de 里 (lǐ, em) e 内 (nèi, dentro)

No que diz respeito às particularidades de uso de palavra 内 (nèi, *dentro*) no domínio do espaço, entendemos que: em primeiro lugar, além de denotar o espaço interno de objeto, 内 (nèi, *dentro*) é frequentemente usado no mandarim para denotar um espaço delimitado. Por exemplo, 门内 (mén nèi, porta dentro, *dentro da porta*), 窗内 (chuāng nèi, janela dentro, *dentro da parte, o lugar interior do quarto*), etc. 内 (nèi, *dentro*) destaca um limite no esquema imagético de CONTENTOR, enfatizando a diferença entre o interior e o exterior (Zhang e Liu, 2008, p.19).

Conclui-se, então, que 内 (nèi, *dentro*) refere a importância de limite de CONTENTOR de acordo com a distinção entre o espaço interior e o exterior, ao passo que os seus sinónimos, 里 (lǐ, em) e 中 (zhōng, *no meio, centro*) não possuem essa interpretação. Esta particularidade semântica de 内 (nèi, *dentro*) está na sua etimologia de origem. O carácter 内 (nèi, *dentro*) descreve um cenário em que um objeto é coberto por um outro.

As particularidades de uso da palavra 内 (nèi, *dentro*) no domínio do tempo também têm a ver com as suas particularidades no espaço. Ao usar a delimitação do espaço como uma metáfora para a delimitação do período de tempo, o significado do tempo expresso pela palavra 内 (nèi, *dentro*) concentra-se na duração limitada dos eventos (Zhu, 2007, p.28). Por exemplo,

174) 这个项目必须在三天内完成。

Este projeto deve ser concluído em três dias.

175) 小海龟必须在一个小时内从海里爬到岸上。

As tartarugas bebés devem subir do mar até à costa em (dentro de) uma hora.

Em relação ao carácter 中 (zhōng, *meio, centro*), pode dizer-se que o seu D definida.



Figura 68. O desenvolvimento do glifo 中 (zhōng, *meio, centro*) em diferentes períodos na China antiga

Portanto, 中 (zhōng, *no meio, centro*) enfatiza uma posição central num certo espaço. A etimologia de 中 (zhōng, *no meio, centro*) era *construir um Tambor*²⁹. O lugar onde está um Tambor é um ponto de encontro. Portanto, 中 (zhōng, *no meio, centro*) ganha, ainda, significados de "importância" em função de representar um lugar central de alguma zona. Pode-se ver a partir disso que 中 (zhōng, *no meio, centro*) em si é um substantivo, e a palavra locativa 中 (zhōng, *no meio, centro*) é desenvolvida a partir de "construir um Tambor".

Com o desenvolvimento do significado da palavra, a semântica de 中 (zhōng, *no meio, centro*) é gradualmente ampliada. Não significa apenas uma posição central de alguma zona, mas também todos os espaços dentro de um espaço definido. Nesse caso, o significado de 中 (zhōng, *no meio, centro*) sobrepõe-se a 里 (lǐ, *em*) e 内 (nèi, *dentro*) até certo ponto, mas não enfatiza o espaço interno em contraste com o externo.

Quando 中 (zhōng, *no meio, centro*) representa uma posição central, evidencia-se ainda o esquema imagético CENTRO-PERIFERIA que indica áreas contrastes no espaço (Ye, 2017, pp.55-56). Por exemplo, 中心 (zhōng xīn, *no meio coração, centro*), 中庭 (zhōng tíng, *no meio lugar, o lugar central da casa*).

Às vezes, quando a posição de 中 (zhōng, *no meio, centro*) é usada para se referir ao espaço interior do CONTENTOR, o espaço pode ser entendido na sua extensão. Por exemplo, 空气中 (ar meio, *no ar*), 水中 (água meio, *na água*), etc. Neste caso, a semântica é equivalente à de 里 (lǐ, *em*).

Além disso, a preposição 中 (zhōng, *no meio, centro*) está relacionada com o esquema imagético ORIGEM-TRAJETO-META. Neste contexto, a preposição 中 (zhōng, *no meio, centro*)

²⁹ Tambor era uma ferramenta para notificar os cidadãos para se reunirem quando um grande evento acontecia nos tempos antigos.

representa um tempo que é correspondente ao trajeto no esquema imagético. Em português o sinónimo é *durante*. Por exemplo,

176) 在这趟旅途中, 我们遇到很多有趣的人。

Estar no meio desta viagem (durante esta viagem), *encontramos muitas pessoas interessantes*.

Com base no seu uso no domínio espacial, 中 (zhōng, *no meio, centro*) tem três usos principais no domínio do tempo.

a) O ponto do meio num período definido: 年中 (nián zhōng, ano centro, *junho*), 中午 (zhōng wǔ, centro dia, *meio dia*), 中旬 (zhōng xún, centro mês, *o período entre o dia 10 e o dia 20 de cada mês*)

b) Um período temporal:

177) 在这一年中我们做了很多事情。

No centro deste ano (neste ano) *estamos a fazer muitas coisas*.

178) 在这个活动中我们获得了很多经验。

No centro desta atividade (com esta atividade) *ganhámos muita experiência*.

c) Um estado temporal (o evento está a acontecer no momento da enunciação):

179) 会议正在进行中

A reunião está a correr.

180) 活动正在筹备中

A atividade está a ser preparada.

4.1.2.2.0 estado dinâmico no sentido de *gastar: entrar em* (gastar o espaço do *contentor* temporal) e *sair de* (gastar o conteúdo preexistente do *contentor* temporal) CONTENTOR

O estado dinâmico do esquema de CONTENTOR é uma combinação entre o seu estado estático e o esquema ORIGEM-TRAJETO-META. O estado dinâmico do esquema CONTENTOR não faz diferença em relação ao seu estado estático no sentido das particularidades das componentes, tais como a dimensão de CONTENTOR, o grau de fechamento, etc. Sendo assim, o nosso estudo concentra-se na lógica preservada do esquema imagético CONTENTOR desde o domínio espacial para o domínio temporal.

Em primeiro lugar, vemos os verbos que ilustram movimentos de entrar no CONTENTOR. No caso português, vemos os exemplos de verbos como *ocupar*, *preencher* e *inserir*. Por exemplo, *ele está muito ocupado*. A semântica principal do verbo *ocupar* é preencher um espaço ou um território. Quando é aplicado no tempo, indica, por exemplo, uma agenda cheia, um tempo ocupado. Outra semântica de *ocupar* é *exercer o controlo sobre determinado espaço*. No domínio temporal, preserva-se também esta semântica. Quando a agenda de uma pessoa está cheia, significa que o seu tempo é

dominado por esses eventos. O significado original de *preencher* é *encher ou cumprir completamente*. No domínio do tempo, *preencher* é o sinónimo de *ocupar*. O verbo *inserir* tem duas vertentes no domínio temporal: a) fazer penetrar; pôr em; b) incluir(-se) num conjunto, fazer parte de (um contexto).

Todos os três verbos ilustram o deslocamento dirigido a um CONTENTOR, refletindo propriamente o espaço livre no CONTENTOR temporal de mais para menos.

Espaço (domínio-fonte)		Tempo (domínio-alvo)
O espaço relativamente limitado dos objetos	→	O período do tempo definido
O espaço existe exclusivamente em relação aos objetos	→	O tempo existe exclusivamente em relação aos eventos
O espaço pode ser ocupado ou preenchido por objetos	→	O tempo poder ser ocupado ou preenchido por eventos
O espaço limitado é ocupado/preenchido por um único objeto	→	O tempo definido é ocupado/preenchido por um único evento
Os objetos podem ser deixados neste espaço limitado	→	Os eventos podem ser arranjados neste tempo definido
O espaço funciona como um CONTENTOR que contém os objetos permitindo-lhes a existência dentro dele	→	O tempo funciona como um CONTENTOR para possibilitar o acontecimento dos eventos

Figura 69. Mapeamentos entre o espaço e o tempo pelos verbos *ocupar*, *preencher*

Espaço (domínio-fonte)		Tempo (domínio-alvo)
Uma área de espaço relativamente limitado que ainda tem espaço livre	→	O período do tempo definido em que ainda há tempo livre

Figura 70. Mapeamentos entre o espaço e o tempo pelo verbo *inserir*

No caso do mandarim, encontramos três verbos que são exatamente correspondentes aos portugueses na configuração do esquema dinâmico de CONTENTOR. O verbo 占 (*zhàn*, *ocupar*) indica que o espaço livre no interior do CONTENTOR está relativamente amplo, ao passo que o verbo 填 (*tián*, *preencher*) é utilizada para ocupar a vaga ou o espaço livre entre objetos num espaço limitado. O verbo 塞 (*sāi*, *inserir*) indica uma ação que deve ser realizada com força porque o espaço livre quase está cheio ou o espaço vago é muito limitado.

Quanto ao movimento de afastamento do CONTENTOR, no caso do português, temos três verbos: *levar*, *tomar* e *tirar*. O verbo *levar* tem várias vertentes, sendo as mais importantes *tirar* (alguma coisa)

de diante de alguém, *usar* e *transportar*. No domínio temporal, o verbo *levar* indica o valor semântico *usar*, por exemplo, *Vai levar tempo para encontrar soluções para a poluição*. Quanto ao verbo *tomar*, preserva-se no domínio temporal a sua semântica prototípica no sentido de *pegar com a mão* e *agarrar*. Por exemplo, *não quero tomar muito do seu tempo* ou *tem que tomar o tempo para perceber o que aconteceu ontem*. O verbo *tirar* mantém também os seus significados espaciais, tais como *fazer sair de um ponto ou lugar* e *extrair* no domínio temporal. Por exemplo, *tirar alguns dias para viajar com a família*.

Espaço (domínio-fonte)		Tempo (domínio-alvo)
Dentro de CONTENTOR há alguns objetos	→	Dentro de tempo há períodos diferentes do tempo
Os objetos podem ser levados para fora	→	Os tempos periódicos podem ser levados para fora
Não é um espaço que pode ser levado para fora		É mesmo o tempo que pode ser levado para fora
Quando o objeto é levado para fora, o CONTENTOR pode não modificar o volume	→	Quando uma parte de tempo é levado para fora o CONTENTOR do tempo é diminuído.
O objeto dentro de CONTENTOR não é possível de ser pegado livremente. No geral, tem de ser removido primeiramente o que está mais próximo da entrada e depois o que está mais distante da entrada.	→	O período é levado sem ordem definida, uma vez que, por um lado, o CONTENTOR não contém uma entrada e, por outro lado, não importa qual parte do tempo é levada.

Figura 71. Implicações dos verbos portugueses *levar*, *tomar*, *tirar* na metáfora temporal com o sentido de *gastar o tempo*

Quanto ao mandarim, temos também três verbos típicos nas expressões referentes a gastar o tempo. O primeiro é 拿 (ná, *pegar*), indicando uma ação genérica de mãos a fim de levar alguma coisa: 拿笔 (ná bǐ, *pegar na caneta*), 拿杯子 (ná bēi zi, *pegar o copo*), etc. No domínio espacial, o objeto introduzido por 拿 (ná, *pegar*) também pode ser objeto de volume grande. Neste caso, o verbo funciona como tal como sinónimo de *obter* ou *adquirir*, tal como 拿地 (ná dì, *pegar o terreno*), 拿房子 (ná fáng zi, *pegar a casa*). Quando o verbo é aplicado no domínio temporal, tem a ideia de que há tempo abundante ou há tempo suficiente para fazer alguma coisa.

181) 我打算拿出三年的时间好好学一门外语。

Queria pegar três anos para aprender uma língua estrangeira.

(*Queria aprender uma língua estrangeira em três anos.*)

182) 这个项目需要拿出很多时间来完成。

Este projeto deve pegar muito tempo a cumprir.

(Este projeto levará muito tempo para ser concluído.)

O segundo verbo 抽 (chōu, *tirar fora*) indica uma ação com alguma dificuldade de tirar alguma coisa que se situava originalmente dentro de outras coisas. Correspondentemente, no domínio temporal, este verbo revela a dificuldade de obter algum tempo para fazer alguma coisa. Normalmente relaciona-se com uma duração curta de tempo.

183) 他很忙，只能抽出十五分钟时间吃午饭。

Ele está muito ocupado e só pode tirar fora quinze minutos para o almoço.

(Só pode reservar quinze minutos para o almoço.)

184) 感谢您百忙之中抽出时间来参加会议。

Obrigado por tirar um tempo de sua agenda ocupada para participar da reunião.

(Obrigado por reservar um tempo de sua agenda lotada para participar da reunião.)

No que diz respeito ao verbo 挤 (jǐ, *espremer, apertar*), este verbo refere uma ação de obrigar alguma coisa a sair do seu lugar original. O CONTENTOR deve ser algo que é facilmente desformado. Com a força exterior, o objeto dentro do CONTENTOR pode ser tirado para fora. No caso do tempo, imaginamos que o CONTENTOR do tempo também é cheio de durações divisíveis de forma que alguma delas podem ser retiradas com força exterior por meio de ação de mãos. Sendo assim, o verbo 挤 (jǐ, *espremer, apertar*) é utilizado no sentido de ganhar o tempo com muito dificuldade.

185) 尽管他很忙，还是每天挤出一点时间去锻炼身体。

Embora ele esteja muito ocupado, ele ainda espreme para fora (reserva) um pouco de tempo todos os dias para fazer exercícios físicos.

186) 时间就像海绵里的水，一挤就有。

O tempo é como água numa esponja, estará lá quando a espremer.

No geral, o verbo 拿 (ná, *pegar*) introduz uma duração relativamente mais longa em relação às durações referidas por verbos 抽 (chōu, *tirar*) e 挤 (jǐ, *espremer, apertar*). Dividindo este grupo de acordo com a dificuldade de obtenção de tempo, a ordem do fácil ao difícil é 拿 (ná, *pegar*), 抽 (chōu, *tirar*), 挤 (jǐ, *espremer, apertar*).

4.1.3. Conclusão

De acordo com o estudo das metáforas do esquema imagético CONTENTOR, concluímos que, por um lado, as funções de contentor e relações de significado e valores entre o contentor e o conteúdo nele servem como base de mapeamento entre o domínio espacial e o domínio temporal, quer seja no estado estático quer seja no estado dinâmico. Por outro lado, no estado dinâmico do esquema imagético CONTENTOR, há uma diferença cognitiva dos atributos de contentor entre a ação de

aproximar e a de afastar do contentor. Por exemplo, num *contentor* temporal, o que é colocado no contentor é o evento e o que é retirado do contentor é o tempo. Os eventos colocados no *contentor* devem seguir uma determinada ordem e são mutuamente exclusivos, ao passo que o tempo retirado do *contentor* pode ser tanto definido (caso fosse definida a data para fazer alguma coisa) quanto indefinido (um dia qualquer dá para um passeio). O *contentor* no qual se realiza uma ação que pode ser de *preencher* ou *ocupar* e tem de ser limitada, ou pelo menos ter um alcance contável. No entanto, o *contentor* no qual se realiza uma ação de *tirar* ou *levar* tanto pode ser infinito quanto finito no sentido de ter um limite.

Os verbos em português e mandarim que lexicalizam estas metáforas do contentor possuem algumas características comuns:

- a) são verbos de deslocamento em vez de verbos de modo de movimento. No esquema de CONTENTOR, a direção do movimento desses verbos é determinada pelo ponto final ou ponto inicial do movimento (neste caso é o *contentor* de tempo). Por isso, esses verbos também podem ser designados como verbos direcionais por fatores não intrínsecos;
- b) são verbos que representam ações feitas usualmente com as mãos. Por exemplo, o carácter do verbo 拿 (ná, *pegar*) contém o carácter 手 (shǒu, *mão*). É um dos verbos de mão mais representativos;
- c) são verbos que ilustram ações que acontecem dentro do alcance visual. Devido às restrições fisiológicas, as atividades de mão são realizadas de uma distância próxima ao redor do corpo;
- d) são verbos com uma única direção. Isso tem a ver com a característica unidirecional do tempo.

Pode-se constatar, ainda, que os usos verbais mapeados para o domínio do tempo têm todos os seus significados centrais (típicos) derivados dos usos do espaço. Esses verbos não são metáforas por causa das ações que representam, mas por causa dos resultados das ações. Ou seja, uma metáfora que ocorre quando um objeto é retirado de um CONTENTOR ou quando um objeto é colocado num CONTENTOR. Isso mostra que o tempo é materializado a partir do espaço.

Além disso, em relação ao estado estático, o estado dinâmico de esquema CONTENTOR apresenta menos diferenças nos aspetos de particularidades de contentor durante um mapeamento desde o domínio espacial ao temporal. O resultado deve ser atribuído por duas razões. Em primeiro lugar, acentua-se, neste grupo de metáforas, o movimento que está envolvido nos domínios espacial e temporal. Portanto, em vez das particularidades de contentor, é mudada a estrutura cognitiva dos

elementos do movimento para ser compatível com alguns elementos do domínio temporal. O mapeamento concentra-se numa relação quantitativa entre o *contentor* e o seu conteúdo dentro dele: uma ação de *levar fora algo do contentor temporal* indica *o gasto do tempo* e em coincidência, a ação oposta indica a mesma ideia, i.e., o gasto do espaço do contentor temporal também faz equivalência ao gasto do tempo. Em segundo lugar, o que implica a metáfora é o objeto na ação de transmissão, em vez de a própria ação. Ou seja, não há metáfora para a ação, apenas a metáfora ocorre para o objeto sobre o qual a ação atua. Então, a metáfora acontece por causa da materialização do tempo. Em relação ao estado estático de esquema imagético CONTENTOR, o seu estado dinâmico reflete uma maior consistência entre o domínio espacial e o temporal por meio de conexão de movimento.

O mapeamento do esquema imagético dinâmico que ocorre em diferentes verbos tem uma grande semelhança. Ou seja, embora alguns verbos não possam ser usados como sinónimos no domínio espacial, os seus esquemas imagéticos apresentados no domínio temporal são quase idênticos. Isso ocorre porque no domínio do tempo, o movimento é simplificado pelas restrições da estrutura cognitiva original do tempo. A direção única do movimento no domínio do tempo faz com que a forma diversificada do caminho espacial seja ignorada. Na metáfora do CONTENTOR, o tempo é algo que pode ser armazenado e retirado por necessidade. O processo pelo qual o tempo é armazenado e retirado não é importante, o que é importa é a sua divisibilidade que permite o armazenamento e a retirada. No esquema imagético dinâmico, o tempo não é apenas um *contentor*, pode ser também um objeto dentro de *contentor*. Uma substância que pode ser quantitativamente removida de um *contentor* temporal. Esse resultado mostra mais uma vez que o tempo é metaforicamente materializado.

Portanto, no estado dinâmico de esquema CONTENTOR, não apenas a metáfora primária de que *o PERÍODO DE TEMPO É UM CONTENTOR* está envolvida, mas há outra: *O TEMPO É UM TRAJETO/OBJETO*. Em ambas as línguas, o tempo é, por um lado, um *contentor* de volume constante que varia em quantidade de acordo com o número de eventos e, por outro, é um *contentor* de volume mutável devido à mudança em seu conteúdo interior (por meio das ações de inserir, tirar, apertar, etc.). Parece que há um paradoxo, mas não, uma vez que no espaço os tipos de contentor são muito diversificados.

O *contentor* no domínio temporal possui conteúdo antes das ações de *armazenar* e *remover* o tempo. Porque o significado desses verbos é *aumentar* ou *diminuir* a quantidade com base na substância original num contentor. Não usamos *colocar* ou *deixar* e outros verbos que não contêm

interpretações da mudança da quantidade. Acreditamos subconscientemente que existe o tempo, designado como tempo absoluto, num *contentor* temporal antes de ser aumentado ou diminuído. Mas como o tempo é invisível, não sabemos onde o tempo absoluto existe no *contentor* do tempo. De facto, o tempo absoluto existe em todo lugar no *contentor* do tempo, porque o tempo absoluto é uma existência eterna que não é afetada por fatores culturais, assim como o espaço. No entanto, conceitualizamos sempre o tempo absoluto como uma linha reta de acordo com sua ordem inerente entre eventos. Neste caso, se quisermos adicionar "outros tempos" ou "outros eventos", devemos *preencher* ou *inserir-los* num *contentor* temporal com atenção da localização dos tempos ou eventos preexistentes num *contentor* temporal, ao passo que gastar o tempo concentra-se apenas no grau de dificuldade de o levar para fora do *contentor* temporal.

4.2.0 esquema imagético ORIGEM-TRAJETO-META

4.2.1. Os componentes e lógicas do esquema imagético ORIGEM-TRAJETO-META

O esquema imagético ORIGEM-TRAJETO-META é baseado em experiências de movimento desde o ponto A até ao ponto B. Esse esquema imagético resulta de nossa experiência quotidiana no mundo e está conceitualmente estruturado. É considerado como um dos esquemas imagéticos mais omnipresentes fundamentados em nossa experiência corporal (Lakoff, 1987, p.116). Johnson (1993, p.166) também afirma que o esquema ORIGEM-TRAJETO-META é um dos esquemas fundamentais na conceitualização humana. Além disso, em virtude da metáfora TEMPO É ESPAÇO, o esquema imagético ORIGEM-TRAJETO-META está sempre presente na conceitualização do tempo no sentido de que concretiza o tempo por meio de tempo verbal de maneira que serve como um contexto de localizar os eventos no passado, no presente e no futuro.

O esquema imagético ORIGEM-TRAJETO-META é estruturado por três componentes principais: ORIGEM (um ponto de partida), TRAJETO (um caminho ou um percurso) e META (o ponto final do deslocamento ou o ponto de chegada). Segundo Lakoff,

“Every time we move anywhere there is a place we start from, a place we wind up at, a sequence of contiguous locations connecting the starting and ending points, and a direction.” (Lakoff, 1987, p.275).

Desde o nascimento, várias vezes afastamo-nos de uma entidade ao longo de um caminho para outra entidade através de várias atividades corporais que realizamos (ex. *levantar da cama, ir ao quarto de banho, ir de casa para a escola ou para o trabalho*). Destas experiências corporais emerge um esquema ORIGEM-TRAJETO-META como uma estrutura concetual que se repete em várias atividades quotidianas. Sendo assim, a lógica básica do esquema ORIGEM-TRAJETO-META é:

"If you go from a source to a destination along a path, then you must pass through each intermediate point on the path; moreover, the further along the path you are, the more time has passed since starting" (Lakoff, 1987, p.275; 1989, p.119).

Por isso, este esquema imagético serve como um domínio-fonte, na maioria dos casos, de uma metáfora estrutural, dando assim origem às metáforas mais fundamentais, tais como A VIDA É UMA VIAGEM.

Os linguistas cognitivos argumentam que todo o movimento é concetualizado em termos do esquema imagético ORIGEM-TRAJETO-META (Johnson 1987; Lakoff e Johnson, 1999). A origem é o ponto de partida do movimento. O trajeto é composto pela série de locais contínuos ocupados pelo objeto em movimento. O objetivo é o destino ou ponto final do movimento. Um objeto em movimento é a trajetória. Em qualquer momento durante o evento de movimento o trajetória ocupa uma posição ao longo do trajeto. Como o componente de qualquer processo cognitivo que envolve movimento - mesmo que seja apenas movimento metafórico de um estado para outro (Lakoff, 1993) - o esquema imagético ORIGEM-TRAJETO-META fornece uma estrutura subjacente importante para o pensamento e a comunicação.

A linguagem, como uma ferramenta para expressar o mundo experimentado, inclui uma estrutura semântica que se baseia em esquemas concetuais abstratos. Isto significa que as expressões de movimento e direcionais são todas baseadas no esquema imagético de ORIGEM-TRAJETO-META que, por sua vez, sempre envolve o movimento de um trajetória entre o ponto inicial para o ponto final.

As transformações do esquema imagético são baseadas em processos cognitivos gerais, dando origem a extensões de significado de preposições e advérbios. No que diz respeito ao esquema de TRAJETO, essas transformações são baseadas nos processos cognitivos que envolvem uma reconstrução mental de estruturas espaciais e um *scanning* mental de caminhos espaciais, respetivamente. No primeiro caso, encontram-se exemplos de que um eixo vertical pode ser

transformado em horizontal e vice-versa. O conceito de *Mental scanning* envolve o foco opcional em diferentes aspetos do trajeto interpretado, tais como, a Fonte, o Destino ou alguma parte do trajeto.

One construes the Trajector³⁰ (TR) as extending over a path (alternatively the Path is seen as superimposed upon the TR), cf. *The road goes to Lund*. In this case, both Path and the end point/source point are simultaneously profiled. The other locates the TR at some point on the Path, either along the Path (*He lives over the hill*). In this case, only a particular point of the mentally scanned path is focused on. I will distinguish between the two types of meaning extensions by referring to the former as *extending the TR* and to the latter as *locating the TR* (Ekberg, 2001, p.305).

Uma característica estrutural do esquema ORIGEM-TRAJETO-META é que ele tem sempre a cognição temporal.

A linguagem que representa o esquema ORIGEM-TRAJETO-META sempre se refere à relação espacial do movimento entre diferentes pontos. Temos, em ambas as línguas, por um lado, as preposições, tais como, em português, *de, desde, até, para*, etc. e, por outro, os verbos, dos quais os mais típicos são *vir* e *ir*.

O esquema ORIGEM-TRAJETO-META é diferente em relação ao esquema CONTENTOR no sentido de que o primeiro contém mais elementos dinâmicos. A formação deste esquema requisita um movimento ou um deslocamento entre dois pontos diferentes. As metáforas que se baseiam no esquema ORIGEM-TRAJETO-META podem ser agrupadas como metáforas estruturais, ao passo que as que se relacionam com o esquema CONTENTOR são, no sentido geral, metáforas ontológicas. De acordo com Lakoff (1993), a metáfora estrutural é criada mediante os mapeamentos de estruturas entre o domínio-fonte e o domínio-alvo. Por isso, a diversificação das metáforas temporais do esquema imagético ORIGEM-TRAJETO-META é atribuída pela estrutura concetual variável em vez da sua função ou das características físicas.

³⁰ "Trajector" (TR) refers to the entity which is being located or assessed in a relational predication, whereas "landmark" (LM) refers to a salient entity other than the trajector (Langacker, [1987]1991, pp.217-220).

4.2.2. O trajeto espacial e o *trajeto* temporal

4.2.2.1. Trajeto no espaço

O trajeto, em vez de ser um conceito primário, é cognitivamente complexo. O conceito de trajeto é usado em análises semânticas cognitivas de duas maneiras muito diferentes. Por um lado, segundo Lakoff (1987), o trajeto pode ser entendido como uma trajetória do movimento real ou virtual do trajetor. Por outro, o trajeto refere-se à direção do movimento que envolve o movimento metafórico de origem para destino, passando por um ou mais pontos de referência (Özçaliskan, 2004, p.76).

Os eventos de movimento envolvem a concetualização de TRAJETO, que é considerada como uma entidade puramente espacial: um trajeto onde o movimento ocorre. Alguns linguistas cognitivos (por exemplo, Casad, 1993; Ekberg, 2001) tratam o TRAJETO como um componente de esquema imagético com elementos próprios. A sua definição mais simples pode ser entendida como uma configuração geométrica. Na maioria dos casos, o trajeto pode ser simplificado como uma entidade unidimensional no sentido de ser uma linha reta ou curva. A formação de TRAJETO também envolve um período no qual o movimento ocorre. É bastante óbvio que quanto mais a entidade em movimento avança ao longo do trajeto, mais o tempo passa. Assim, a quantidade de caminho envolvido no movimento correlaciona-se com a quantidade de tempo gasto pelo evento de movimento. O conceito de trajeto é constituído pela cognição tanto espacial quanto temporal (Cappelle e Declerck, 2005, p.892).

No esquema imagético de ORIGEM-TRAJETO-META, o uso de preposições espaciais ativa diferentes componentes no trajeto, tais como a direção, a tendência do movimento, a distância, etc. A cognição sobre uma relação espacial ou um estado espacial entre o trajetor e o trajeto implica o processo de rever e concretizar as experiências já existentes. O conhecimento e a compreensão do esquema imagético ORIGEM-TRAJETO-META podem ser condicionados por vários fatores.

4.2.2.2. *Trajeto* no tempo

Não temos evidências de que bebês em qualquer ponto do período pré-verbal concetualizam o tempo. Parece provável que a ordem sequencial de eventos familiares seja a entrada para concetualizar o tempo, e os dados indicam que os bebês não são capazes de lembrar a ordem de eventos de três itens antes dos nove meses (Carver e Bauer, 1999). No entanto, Srinivasan e Carey

(2010) descobriram que bebês de nove meses são sensíveis a correlações entre comprimentos espaciais e durações temporais.

No entanto, tanto para crianças quanto para adultos há uma confusão do espaço e do tempo, de modo que a sensação da passagem do tempo é concetualizada espacialmente: *meu aniversário se aproxima, cinco anos atrás*, etc. Não podemos ver nem sentir o tempo. Mesmo para os adultos, o tempo parece mais abstrato do que a força. Há sentimentos associados à força, mas parece não haver sentimentos claros associados ao tempo. As diferenças de duração podem ser consideradas como diferenças de velocidade ou distância percorrida em eventos de movimento e diferentes lapsos entre eventos como diferentes distâncias separando objetos no espaço. Além disso, a lógica do esquema imagético ORIGEM-TRAJETO-META que é preservada no domínio temporal não se interessa pela fonte do (movimento do) tempo. O que é importante é que o tempo está a aproximar-se de nós, não de onde o tempo está a vir (Mandler e Cánovas, 2014, p.524).

O trajeto no espaço é composto pelo percurso do movimento do objeto, por um lado e, por outro, condiciona o movimento do objeto. Por outras palavras, existe uma relação próxima, mas independente, entre o trajeto e objetos movidos, uma vez que, no geral, ambos existem tanto antes quanto depois da ocorrência do movimento. No entanto, no domínio temporal, o *trajeto* é configurado pelos acontecimentos de eventos. Se não houver eventos, o *trajeto* é o tempo absoluto no sentido de que não há ponto de partida nem ponto de chegada. Quando falamos o tempo do evento, o *trajeto* temporal deve ser entendido de outra forma. Os eventos são unidades básicas que existem em espaço e tempo. O *trajeto* temporal é, com a ajuda das palavras de Huang (2012), em vez de ser o tempo em si, é a modalidade epistémica que está sendo referida e pensada quando usamos a linguagem referente ao movimento através do espaço e localizações no espaço (Huang, 2012, p.38). Ou seja, o *trajeto* temporal é uma metáfora do desenvolvimento do evento.

4.2.2.3. A relação entre Ds (distância do movimento) e Du (duração do evento)

Quando se vai de uma origem para um destino ao longo de um trajeto, é necessário passar por todos os seus pontos intermédios. Acontece o mesmo no caso do tempo. No domínio temporal, o tempo passa também de maneira sucessiva. Isto quer dizer que existe uma lógica semelhante entre o

movimento no espaço e a passagem do tempo. Assim, a distância e a duração estão interligadas por causa de terem o mesmo mecanismo no acontecimento.

Ou seja, a estrutura cognitiva do esquema ORIGEM-TRAJETO-META conforma-se com a lógica da ocorrência de eventos no domínio do tempo, que tem início e fim, além de uma quantidade contínua. Assim como o espaço pode ser dividido em espaço absoluto e espaço relativo, o tempo também pode ser dividido em universal e privado. O primeiro (tempo universal) permite uma medição de tempo como ano, mês e dia, que pode ser considerado como tempo absoluto, enquanto o segundo (tempo privado) é composto por uma parte do tempo absoluto. A duração é concretizada pela distância em três aspetos: a) a duração temporal é expressa através da extensão espacial; b) disparidade temporal de eventos é expressa através da proximidade espacial de duas marcas na linha; c) a sucessão temporal é transmitida via ordenação espacial (Coulson e Cánovas, 2009, p.202).

As bases cognitivas do mapeamento entre Ds e Du podem (Lakoff e Johnson, 1980; Lakoff, 1993, citado por Coulson e Cánovas, 2009, p.201) formar metáforas primárias: PROXIMIDADE NO TEMPO É PROXIMIDADE NO ESPAÇO, A DURAÇÃO TEMPORAL É A EXTENSÃO ESPACIAL, EVENTOS SÃO OBJETOS.

Uma pesquisa empírica psicológica de Casasanto e Boroditsky (2008) também confirma uma interligação entre a distância e a duração. Aos participantes foi pedido para observarem linhas de diferentes comprimentos espaciais que apareciam numa tela por períodos com durações diferentes. Depois, eles foram solicitados a calcular a duração ou o comprimento espacial de cada linha fazendo cliques com o rato. Para estímulos com a mesma duração média, as linhas que se apresentaram mais curtas no espaço foram julgadas como tendo um tempo mais curto, e as linhas que se estenderam mais no espaço foram julgadas como tendo mais tempo.

No entanto, a percepção da duração não depende totalmente do espaço. Devemos entender essa percepção pela perspetiva do tempo. O conceito de tempo, em vez de ser simples com características únicas, é um composto de características interligadas. Segundo Huumo (2018):

(...) 'time' is not a monolithic notion; the starting point is that a clause-level expression may include different conceptualizations of time interacting with each other. In addition to lexical resources, such as nouns, verbs, or prepositions, there are other kinds of linguistic systems designating temporal notions and conceptualizations of time, most obviously tense and aspect (Huumo, 2018, p.727).

A percepção da duração é também condicionada por outras experiências corporais. Por exemplo, quando o nosso corpo está no estado alegre, a duração do evento é sempre mais curta (no sentido do sentimento) do que nos casos em que o corpo está em sofrimento.

A duração tem semelhanças estruturais com o trajeto no esquema imagético espacial de ORIGEM-TRAJETO-META. No entanto, o conceito de duração não vem do domínio espacial, mas é originalmente temporal. A distância e a duração estão intimamente relacionadas na cognição, mas são conceitos totalmente independentes. Usui (2007, p.13) considera que a duração é um conceito que é exclusivo do domínio do tempo. Os outros, tais como o movimento, a direção, etc., por sua vez, são compartilhados entre o espaço e o tempo.

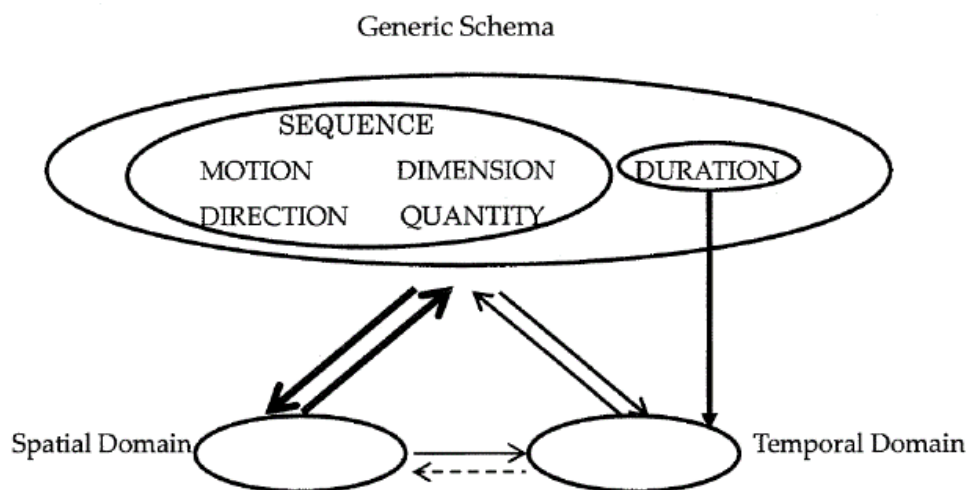


Figure 5: Generic Schema of Spatial and Temporal Domain 2

Figura 72. O esquema genérico de espaço e tempo (Figure 5, Usui, 2007, p.8)

A duração pode ser entendida em dois aspectos.

(...) from the one hand, it deals with lexical expressions like “one year”, “10 minutes”, “three o’clock” which identify precise durations, and, on the other hand, it refers to several characteristics of the events. Every event persists for a certain duration, which an individual may encode and remember (Caselli, 2009, p.12).

Normalmente os eventos são separados por períodos, que podem conter outros eventos. A duração do período desempenha um papel no aspecto cognitivo como padrão para avaliar a característica durativa do evento. Por exemplo, se um evento dura alguns milissegundos, ele é percebido como instantâneo. Se, por outro lado, um evento dura ou persiste por um período mais

longo, então uma pessoa experimenta, lembra e é capaz de avaliar a respetiva duração. No entanto, há uma distinção entre a duração experienciada e a duração lembrada. A primeira refere-se à experiência sobre o tempo que passa, ao passo que a segunda é uma duração marcada pela memória.

Diferentes modelos, tais como modelos de atenção, modelos de armazenamento de memória e modelos de relógio, todos têm sido propostos para explicar que a base cognitiva do tempo é a duração:

(...) according to which we perceive a flow of change from the outside world and it is this flow which influence our perception and recollection of duration. In addition to this, the estimation of how long an event lasts or persists is essential to perform correct reasoning about the world (Caselli, 2009, p.13).

Quando os eventos são percebidos como sucessivos, eles podem ser relacionados de maneiras e variedades quase infinitas. Muitas entidades são, em certo sentido, temporais, uma vez que perfilam certos tipos de intervalos. Itens lexicais como concerto, música, reunião, almoço, etc., denotam eventos ou atividades particulares cujo significado é em parte temporal, visto que esses eventos representam intervalos. Os eventos geralmente têm um intervalo definido. Em outras palavras, um evento é um período específico que denominamos para substituir um fenómeno natural ou atividade humana (Evans, 2005, p.109).

Uma das formas mais salientes de elaboração da Duração diz respeito ao comprimento físico, empregando conceitos lexicais indexados pelas formas longa ou curta. Então, porque é que a duração é entendida em termos de comprimento físico? Segundo Evans (2005),

As the unelaborated Duration Sense pertains to the phenomenological experience of time, derived ultimately from perceptual processing, we must reject any suggestion that the Duration Sense is elaborated in terms of length content because (in its unelaborated form) it is inherently linear in nature (Evans, 2005, p.113).

A forma linear é derivada da experiência sensorial e, especificamente, da percepção de uma relação entre pontos espaciais contínuos. Sendo assim, o que quer que seja a nossa experiência de duração, não pode ser linearidade espacial, uma vez que um trajeto espacial nem sempre é reto. Então, porque é que as línguas, tais como o inglês, deveriam elaborar a duração para o tempo em termos de extensão horizontal? Segundo Evans (2005), a razão pela qual o conceito lexical de *duração* é interpretado por algumas semânticas relativas ao comprimento, tais como, *longo*, *curto*, etc., tem a ver com a correlação na experiência entre a experiência sobre a duração, que constitui uma avaliação da

quantidade temporal e a de comprimento espacial. Ou seja, a natureza da correlação fornece um meio de relacionar a noção de duração e os conceitos lexicais relativos ao comprimento no nível conceitual. No entanto, embora o comprimento possa ser estendido horizontalmente ou verticalmente, são, no caso geral (mesmo em mandarim, *cima/baixo* é utilizado normalmente para indicar a tendência do movimento do tempo ou a sequência dos eventos e é pouco usado para referir a duração), os conceitos lexicais relativos à extensão horizontal que elaboram a percepção metafórica da duração. Isso segue como a interação humana com o ambiente, particularmente a locomoção auto iniciada, diz respeito de forma mais saliente ao eixo espacial horizontal em oposição ao eixo vertical. De qualquer maneira, o nosso movimento é restringido pela gravidade, de tal forma que nos movemos horizontalmente. Assim, mesmo que haja correlação na experiência entre elevação vertical e quantidade (Ex. MORE IS UP), não empregamos formas como *alta* ou *baixa* na interpretação de duração (Evans, 2005, p.113).

Os mapeamentos entre espaço e tempo variam de língua para língua. Um estudo de corpus linguístico revelou que o inglês e o indonésio tendem a mapear a duração na distância linear (por exemplo, *um longo tempo*), enquanto o grego e o espanhol mapeiam preferencialmente a duração na quantidade (por exemplo, *muito tempo*) (Casasanto, 2004).

Neste sentido, a duração não é necessariamente entendida como uma linha. Só que a duração é unidimensional no esquema de ORIGEM-TRAJETO-META, o que implica equivalência a um caminho linear. Isso é determinado pela lógica interna do esquema de ORIGEM-TRAJETO-META. É claro que, em outros esquemas, tais como o de CONTENTOR, a duração pode ser apresentada de outras formas, devido a que a essencialidade da duração é a quantidade. O esquema imagético ORIGEM-TRAJETO-META também pode ser entendido com a ideia de *alcance*, assim como o esquema imagético CONTENTOR. Só que os objetos de referência usados pelos dois são diferentes. O primeiro é determinado por dois objetos de referência (a origem e o destino), enquanto o último é determinado por um (um contentor).

4.2.3. ORIGEM e META em domínios espacial e temporal

Analisaremos a seguir os pontos iniciais e finais de TRAJETO no domínio temporal através do contraste das preposições entre o português e o mandarim.

As preposições são tradicionalmente vistas como compondo um conjunto lexical fechado cujos significados prototípicos são espaciais. As suas funções básicas são: marcar localização, direção ou algum tipo de relacionamento entre entidades (Rice, 1996, p.135). Além disso, as preposições marcam relações temporais por meio de metáforas. O facto de que as relações no espaço e as relações no tempo podem ser expressas por meio das mesmas formas linguísticas não é aleatória já que tal ligação está bem fundamentada em nosso sistema cognitivo.

Numa conceitualização do tempo no sentido da extensão temporal parece estar envolvido o movimento subjetivo por parte do conceitualizador. No caso de processos que envolvem uma mudança na relação entre o TR (*trajectory*) e o LM (*landmark*), pode-se sugerir que esse movimento abstrato seja pelo menos parcialmente materializado. Essa materialização pode ocorrer na medida em que a mudança provocada por um processo é entendida metaforicamente (Kochańska, 2011, p.494).

4.2.3.1. Preposições para indicar ORIGEM (ponto de partida): *de* em português e 从 (cóng, *de*) em mandarim

A preposição *de* provém do latim desde o indo-europeu, sendo considerada como uma forma casual fossilizada e permanecido igual nas línguas românicas, principalmente em português, variando nesse trajeto apenas nos novos empregos recebidos nas línguas românicas com as mudanças do latim vulgar (Farenzena e Dalpian, 2008, p.197). Segundo Ravizza (1940):

De exprime o complemento de lugar donde, o que sugere o lugar de saída ou origem. Junto a ele, há a ideia de afastamento ou de separação. Para esses complementos, deve-se utilizar a preposição (podendo variar entre *a*, *ab*, *e*, *ex*, *de*) seguida de ablativo (Ravizza, 1940, citado por Farenzena e Dalpian, 2008, p.198).

Ideia semelhante é confirmada por Maurer (1959),

(...) a preposição *de* aparecia em expressões cuja noção era de ponto de partida ou inicial, depois acabou por ficar sem função semântica específica. A preposição *de* acabou, com o tempo, por tornar-se partícula de reforço dos advérbios e mesmo das preposições, pois a Língua Latina costumava formar locuções com valor adverbial, valendo-se de preposições acrescidas de advérbios e até com substantivos. É o que se pode observar em *de intro* (dentro), *de post* (depois), entre outras (Maurer, 1959, p. 167, citado por Farenzena e Dalpian, 2008, p.197).

Da ideia primitiva de lugar donde, que sugere a preposição *de*, surge também a de origem ou princípio donde alguma coisa procede. Esse emprego, muitas vezes, é figurado e é utilizado com verbos que indicam origem ou procedência. (...) A ideia primeira de movimento a partir de um determinado ponto sugere a de tempo, que alguma coisa percorre enquanto se desvia desse ponto. Assim, tem-se “depois de”, “durante” (Farenzena e Dalpian, 2008, p.198).

Assim, Maurer (1959) resume três interpretações espaciais da preposição *de*:

- a) Complemento de procedência indica o ponto de partida. A preposição *de* assume a função das preposições *ex* e *ab*, tornando-se obrigatória: venho de São Paulo.
- b) Complemento de tempo: *a partir de*, *logo*, *depois de*, *cerca de*. Ex.: *de media nocte* (à meia-noite), *de tertia vigilia* (a partir da terceira vigília) – em português: de manhã, de tarde, de noite.
- c) Complemento de medida e de duração: No português, porém, a preposição *de* foi necessária, visto que o ablativo desapareceu, restando apenas a preposição para diferenciar a circunstância (Maurer, 1959, p. 202).

A preposição *de* é a preposição que se refere a movimento no sentido de um afastamento de um ponto, refletindo uma determinada procedência ou origem (Cunha e Cintra, 2002, p.563, citado por Matias, 2014, p.22). Além disso, a preposição *de* originou muitos significados secundários pela perspectiva funcional com base em "ênfasis no ponto de partida" como significado central. Assim como se pode observar na Tabela 50.

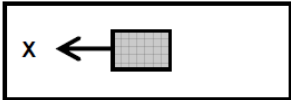
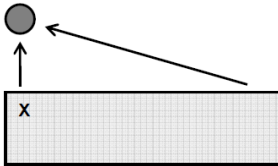
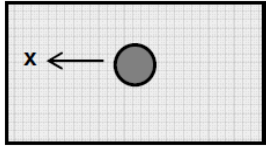
Semântica	Exemplos	Esquema imagético
Indica uma origem	Houve um profeta da Palestina.	
Indica uma origem no sentido da direção	A menina está na luz do sol.	
Indica a circunstância de lugar donde (ou seja, indica um ponto original para limitar um alcance): cerca de, mais de, menos de em cima de ...	Eu queria fazer aqui perto de casa mesmo.	

Tabela 50. As vertentes semânticas prototípicas da preposição *de* que contêm valor de Direção e de Origem (da Mota Santos, 2007, pp.99-101).

Blanco (2007) apresenta uma conclusão sobre *de* no sentido espacial e temporal em latim mediante síntese das aceções de Ferreira (1998) e de informações de dicionários etimológicos. No espaço, indica *a partir de*, *de cima de*, *origem*, enquanto no tempo, tem valores semânticos *depois*, *logo* ou *durante*. Com base nisso, Blanco (2007) revela três significados (são resumidos a seguir) da preposição *de* no sentido espacial:

- a) O ponto de partida: MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM
- b) A localização de algum objeto: como mencionado, o sentido expresso pela aceção ‘localização’ não apresenta o traço de ‘movimento’. Esse uso da preposição veicula a ideia de relação entre dois elementos, quais sejam, Carnaval e Bahia, e por isso, passaremos a denominar esse protótipo de **RELAÇÃO COM ÊNFASE NA ORIGEM**.
- c) A origem: Por um processo de derivação semântica, a aceção de ‘proveniência’ e ‘localização’ gerou a aceção de ‘naturalidade’, exemplificada por *sou de Portugal*. A figura que representa os traços prototípicos das aceções de ‘localização’ e ‘naturalidade’ é a mesma (Blanco, 2007, p.126).

Os significados correspondentes no domínio temporal são (Blanco, 2007, p.127):

- a) Desde: um processo de derivação semântica da ideia de afastamento espacial para de afastamento temporal (Poggio, 2002, p.187, citado por Blanco 2007, p.127).
- b) Durante: das aceções temporais indicadas nos dicionários de latim, a única que se manteve ainda atual é a de ‘durante’. Ex. *tenho aula de manhã*.
- c) Limite no tempo: MOVIMENTO COM ÊNFASE NO FIM. Ex. *Estamos ainda a dois meses de janeiro*.

No caso do mandarim, o ponto de partida no esquema imagético ORIGEM-TRAJETO-META é concretizado pela preposição 从 (cóng, *de*). A preposição 从 (cóng, *de*) no mandarim tem quatro valores semânticos principais: *através de*, *ao longo de*, *origem*, *localização* e *direção*. No chinês antigo, 从 (cóng, *de*) tem o valor *através de*, *ao longo de* antes do valor de *origem* (Ma e Xu, 2002). O valor de *localização* não se utiliza no mandarim. O esquema do desenvolvimento semântico de 从 (cóng, *de*) é apresentado a seguir:

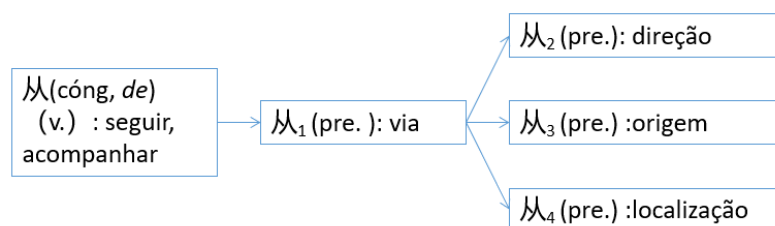


Figura 73. Valores semânticos da preposição 从 (cóng, de)

从 (cóng, de) é usado como uma preposição para indicar o ponto de partida. No sentido geral, 从 (cóng, de) indica uma espécie de "escopo", representando o ponto de partida de um movimento, o ponto de partida do tempo, o ponto de partida do estado, a origem das coisas, a rota de passagem. Por causa da sua etimologia verbal, 从 (cóng, de) também indica o local através do qual a ação passa (Wang, 2007).



Figura 74. O caractere antigo da palavra chinesa 从 (cóng, de)

A forma antiga do caractere 从 (cóng, de) é a de duas pessoas em que uma segue a outra. A preposição 从 (cóng, de) enfatiza a ideia de *seguir*. Neste sentido, tem valores semânticos de *obedecer* na medida em que uma pessoa do estado inferior acompanha uma outra do estado superior de maneira submissa. Assim, como se pode observar na Figura 74, uma pessoa anda à frente e a outra está atrás dela. As duas não avançam paralelamente.

从(cóng, de)	Espaço	Tempo
O ponto de partida de uma ação ou movimento (semântica prototípica)	我们的旅行从北京出发。 A nossa viagem é partida <u>de</u> Pequim.	课从九点开始。 As aulas <u>de</u> nove horas começam (As aulas começam às nove horas.)
A direção	从东向西 <u>de</u> leste a oeste	从过去到现在 <u>do</u> passado ao futuro
Via, ao longo de	从窗前走过 <u>de</u> janela frente passar (passar pela frente da janela) 从小路上山 <u>De</u> trajeto subir a montanha (subir a montanha por trajeto)	∅

Tabela 51. Os significados de 从 (cóng, de) nos domínios espacial e temporal

Podemos fazer uma comparação entre o português e o mandarim com base nos usos temporais em ambas as línguas que são derivados um a um dos significados espaciais.

	Semântica	Espaço	Tempo
Usos comuns entre o português e o mandarim	O ponto de partida de ação ou de movimento	Venho de Lisboa A viagem inicia-se desde (de) Paris.	De novembro até dezembro
	A direção (no sentido dinâmico)	de cima para baixo vento do sul	do dia anterior do ano passado do passado ao futuro
Uso exclusivo em português	localização (no sentido estático)	Carnaval da baía árvores do parque centro da cidade	dia primeiro de abril
	apresenta um ponto de referência limitado com a direção	perto de, acima de, baixo de ...	antes de/depois de anterior de/posterior de (indica um período mais cedo ou tarde em relação ao evento referencial)
	quantidade quantidade de distância no espaço ou quantidade de duração no tempo	a distância de cinco quilômetros	duração, durante O feriado de três dias a biblioteca está aberta das 10h às 14h.
Uso exclusivo em mandarim	via, ao longo de	从窗前走过 de janela frente passar (passar pela frente da janela)	从这些年来看, 很多城市变得越来越大。 <u>Dos</u> últimos anos, muitas cidades ficaram cada vez maiores. (Muitas cidades ficaram cada vez maiores ao longo dos últimos anos.)

Tabela 52. Usos diferentes das preposições em domínio temporal entre o português e o mandarim

Há uma diferença entre o português e o mandarim na expressão sobre o ponto de partida do esquema ORIGEM-TRAJETO-META no sentido espacial, o que se reflete também no domínio do tempo. Em relação ao mandarim, o português possui mais significados temporais que são derivados da semântica prototípica da preposição *de*. No caso do mandarim, o uso de preposição *de* no domínio temporal está limitado ao seu significado prototípico.

A maioria das preposições possuem semânticas tanto dinâmicas quanto estáticas. Quando a semântica da preposição for mapeada para o domínio do tempo, ela também será dividida em dois casos: dinâmico e estático. A dinâmica envolve movimento, enquanto a estática envolve apenas a localização. Tal como se pode observar, o significado temporal tem sempre a sua origem no significado espacial.

4.2.3.2. Preposições para indicar META (ponto de chegada): *a, até, para* em português e 到 (*dào, chegar*) em mandarim

Em português temos três preposições que se referem ao destino no esquema imagético ORIGEM-TRAJETO-META:

- a) *a*: indica a direção
- b) *até*: indica um limite
- c) *para*: indica um alvo

O uso das preposições que indica o ponto final ou uma etapa aproximada ao ponto final é consistente entre o domínio espacial e o temporal. A família destas preposições apresenta tanto uma universalidade na dimensão cognitiva quanto particularidades linguísticas no âmbito semântico.

No domínio do espaço, a preposição *a* pode ser usada para marcar tanto o Movimento como a Localização (Batoréo, 2000, p.503), sendo considerada prototipicamente como a preposição de Direção (Batoréo, 2000, p. 452, citado por Matias, 2014, p.14). Em primeiro lugar, a preposição *a* refere-se à tendência do movimento, tanto no espaço quanto no tempo. Tal como se pode observar na Tabela 53.

	Espaço	Tempo
Direção a um limite	Dirija-se à frente.	Daqui a uma semana o senhor vai lá a casa.
Expressão de DESLOCAÇÃO com destaque para o DESTINO do Movimento	Vou a Paris. Cheguei a Bragança.	Chegámos ao verão.
Extensão no espaço e no tempo	De casa ao supermercado.	De junho a outubro

Tabela 53. Usos da preposição *a* nas expressões do movimento

Em segundo lugar, temos o valor semântico de *a* que indica uma localização ao redor do objeto de referência. Por exemplo, *a tia está à janela*. O objeto de referência é janela. A tia localiza-se perto da janela. No sentido temporal, temos usos semelhantes: *a que horas* ou *agora à tarde vão dois para a escola*. Ambas falam do horário que pode ser metaforicamente entendido como uma *localização* na linha temporal. Em terceiro lugar, *a* indica uma coexistência entre objetos no espaço e, deriva, da maneira metafórica, o significado de *simultaneidade* no tempo. Por exemplo, *está ao pé* significa que os pés ocupam o espaço. No tempo, por exemplo, *acordei aos gritos*, uma ação *acordar* aconteceu ao mesmo tempo em relação à ação de gritar. Por último, o valor semântico espacial de *a* revela ainda a

interpretação de *sucessão* e *gradação*: *subir as escadas dois a dois*. Este valor semântico espacial tem a sua correspondência temporal: *mês a mês* (Matias, 2014).

No que diz respeito a preposição *até*, no esquema imagético a seguir configura-se o deslocamento que está a aproximar-se ao limite final do destino. A preposição *até* pode ser entendida tanto no estado dinâmico, no sentido de tendência, quanto no estado estático, no sentido de alcance (Cesa, 2013, pp.73-74).

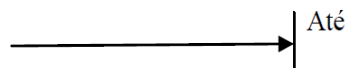


Figura 75. O esquema da preposição *até* no espaço dinâmico (Cesa, 2013, p.73)

No espaço estático: de modo que o espaço delimitado funciona como um contentor, desde que circunscrito através das preposições *de* e *até*.

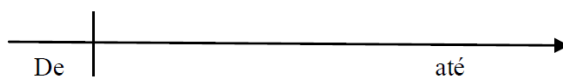


Figura 76. O esquema das preposições *de* e *até* (Cesa, 2013, p.74)

Este mesmo esquema de espaço pode ser aproveitado pelo tempo através de um trajeto ao longo da linha do tempo (dinâmico) ou de um período que é delimitado pelas preposições *desde* e *até* (estático).

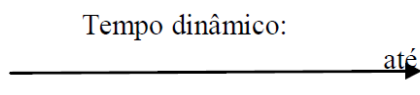


Figura 77. O esquema da preposição *até* no tempo dinâmico (Cesa, 2013, p.74)

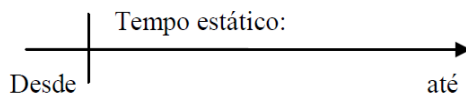


Figura 78. O esquema das preposições *desde* e *até* no tempo estático (referência) (Cesa, 2013, p.74)

Alvaro (2008) diz que o uso de *até* em proposições de conteúdo espacial ativa um esquema de trajeto. Além disso, *até* ativa uma concetualização escalarizada no esquema imagético da escala. A compreensão do tempo como se fosse espaço liga esses usos (espacial e temporal) do *até* em proposições como:

O uso do *até* é abstratizado na escalarização de valores qualitativos, como num contínuo de escalarização. Vale ressaltar que na escalarização em proposição com conteúdo de número, como explicamos, anteriormente, o *até* pode ser núcleo de sintagma como “Ele ganha até cinco mil por mês”, desempenhando esse sintagma função adverbial. Mas pode, também não ocupar posição de núcleo do sintagma. Nesse caso, vem, também, à esquerda do sintagma, mas como uma expressão qualitativa. Explicamos essa caracterização anteriormente. Retomamos esse aspecto formal (...) para elucidar que esse seria um ponto de transição dos tipos de escalarização do *até*, cujo uso vai em um contínuo de metaforização (Alvaro, 2008, p.118).

Na tentativa de uma generalização visual da rede polissêmica da preposição *até*, Alvaro (2008, p.118) apresenta Figura 79:

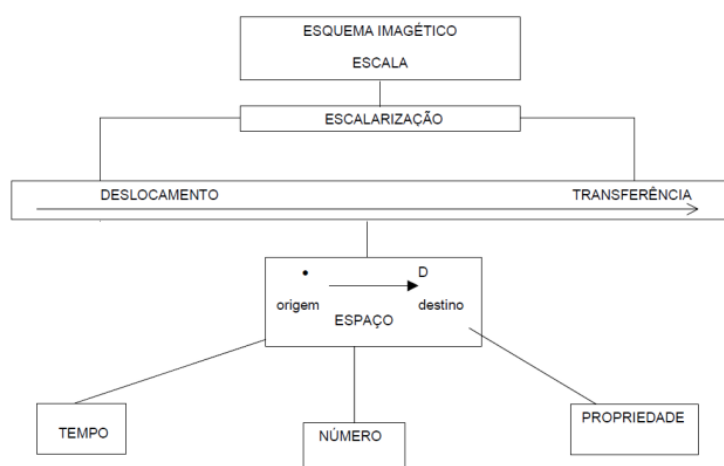


Figura 79. O esquema imagético ESCALA (Alvaro, 2008, p.118)

No que diz respeito a preposição *para*, segundo Costa (2014),

A preposição PARA tem a sua origem nos vocábulos do latim *per* ('através de, por entre, por; em, durante; por meio de') e *ad*, com a seguinte cadeia evolutiva: *per ad > pera > para* (cf. DHL, p. 2753) (Costa, 2014, p.66).

No espaço, a preposição *para* refere um trajeto com direção definida com a ideia de demora ou destino. Além disso, contém noções de “chegada” e “permanência”.

187) *Ir ao Porto. (não-permanência)*

188) *Ir para o Porto. (permanência).*

No domínio temporal, a preposição *para* indica um limite temporal aproximado, por um lado e, por outro, indica o tempo que se completará.

189) *A reunião vai ser mudada para a próxima semana.*

190) *O exame está previsto para segunda-feira.*

191) *O vestido está pronto para a semana.*

192) *Que horas são? Faltam cinco para a uma.*

Tal como se pode observar, a preposição *para* preserva, mais ou menos, as vertentes semânticas espaciais no domínio temporal.

Em mandarim, encontramos uma preposição originada por um verbo 到 (dào, *chegar*) que contém algumas vertentes semânticas de *a* e de *até*. A etimologia da preposição chinesa 到 (dào, *chegar*) é a mesma palavra que funciona como verbo (Tong, 2006).

193) 大风刮到下午两点才停止。

O vento não parou até as 14h.

194) 到时候再说。

Fazermos a trabalho quando chega o tempo.

到 (dào, *chegar*) tem três significados principais no sentido espacial: atingir o ponto final, indicar a direção e indicar a distância (Gao, 2014, pp.143-146):

195) Atingir o ponto final: 我们来到了北京。

Chegamos a Pequim.

196) Indicar a direção: 这辆火车是开到北京的。

Este comboio está com destino a Pequim.

197) Indicar a distância: 到北京/到天亮还有多长时间。

Quanto tempo levará para chegar em Pequim/antes do amanhecer?

O significado de direção de 到 (dào, *chegar*) faz equivalência a 往 (wǎng, *ir*). O significado de distância de 到 (dào, *chegar*) pode ser substituído por 离 (lí, *sair*). Ambos estão relacionados com o ponto final de trajeto. No que diz respeito ao significado de direção, pela perspectiva de esquema ORIGEM-TRAJETO-META, um "ponto final" é o final de um caminho em relação à posição "inicial", já que as pessoas acabam percorrendo o trajeto de alguma forma. O ponto final tem a função de orientar o avanço do trajeto.

Quanto à semântica de distância, é tanto espacial quanto temporal. As pessoas usam a sua própria posição (onde falam ou o ponto no tempo em que falam) como a origem das coordenadas para verificar a localização do ponto final.

198) 到北京还有三十公里。

(Para) chegar a Pequim há ainda trinta quilômetros.

Ainda faltam 30 quilômetros para Pequim.

199) 到天亮还有三个小时。

(Para) chegar a madrugada há ainda três horas.

Ainda faltam três horas para o amanhecer.

Do ponto de vista do esquema imagético ORIGEM-TRAJETO-META, 到 (dào, *chegar*) tem três significados no evento do movimento: a) indica o processo de aproximação ao ponto final do trajeto, b)

o fim da ação e c) a direção do movimento num trajeto. A primeira vertente semântica tem uma ideia de "contínuo", ao passo que a segunda tem a interpretação de "conclusão". A terceira, por sua vez, refere-se ao "destino" ou "alvo". Vejamos alguns exemplos:

- 200) 坐到北京 (uma ação contínua)
sentar-se (até)chegar Pequim
(*uma viagem de comboio da qual o destino é Pequim*)
- 201) 掉到地上 (uma ação concluída)
cair chegar no chão
(*caiu no chão*)
- 202) 买到书包 (destino ou objetivo)
comprar chegar uma mochila
(*comprou uma mochila*)

O significado original de 到 (dào, *chegar*) é "chegar". Pela perspectiva cognitiva, os resultados de eventos ou ações podem ser considerados como a compreensão do significado do ponto final. 到 (dào, *chegar*) tem características de deslocamento óbvias na vertente semântica e é uma preposição típica de significado de caminho. Os verbos de ação que aparecem antes de 到 (dào, *chegar*) têm a característica de "deslocamento". O seu significado de "deslocamento" será representado pela construção da estrutura preposicional do sentido terminal e pelo conhecimento enciclopédico das pessoas e interação com a experiência de vida. Essa característica de deslocamento ilustra que os eventos têm uma determinada sequência de ocorrência. A preposição 到 (dào, *chegar*) no mandarim evolui de um uso como tempo verbal para expressar relações espaciais.

- a) Indica o futuro, indicando a continuação desde agora: 到时候再说 (dào shí hòu zài shuō)
falaremos sobre isso quando chegar a hora conveniente (falamos mais tarde)
- b) Funciona como o tempo do participio passado com a ideia de acabar: 吃到 (chī dào, comer chegar, *comido/comeu*), 看到 (kàn dào, ver chegar, *tem visto/vi*)
- c) Funciona como um suposto: 直到 (zhí dào, até que)

4.3. Conclusão

De acordo com o estudo contrastivo das metáforas temporais dos esquemas imagéticos espaciais, podemos tirar algumas conclusões mediante duas perspectivas: linguística e cognitiva.

Pela perspectiva linguística, entendemos que, em primeiro lugar, embora em cada língua tenhamos preposições parecidas para configurar relações espaciais em esquemas imagéticos

CONTENTOR e ORIGEM-TRAJETO-META, existem em ambas as línguas (o português e o mandarim) algumas vertentes semânticas particulares temporais que, sem exceção, vêm das vertentes semânticas particulares do espaço em cada língua. A linguagem espacial origina definitivamente a linguagem temporal. A semântica da linguagem temporal derivará da expressão espacial, mas nenhuma delas afeta a lógica do esquema imagético. Isso mostra que a metáfora é mais um produto da cognição e do pensamento do que da linguagem, embora ambas as partes sejam equivalentemente importantes.

Em segundo lugar, as preposições põem mais ênfase em termo de quantidade contínua no domínio temporal, em vez de ser apenas uma equivalência completa de um *ponto* no espaço. Por exemplo, *de manhã* indica uma duração desde a manhã até agora e *até tarde* refere uma duração desde agora para mais tarde. Isso porque no domínio do tempo, além do ponto inicial e do ponto final, temos outro ponto de referência convencionado, i.e., o momento presente (ou melhor dizendo, o momento deítico, o momento da enunciação). Neste contexto, uma duração é construída com a referência aos momentos diferentes. Os pontos de referência no espaço, por sua vez, são geralmente inconsistentes com a localização do falante. Assim não é fácil de formar uma ideia de distância além de ter dois pontos definidos. As preposições *para* e *a* apontam ou direcionam o ponto de chegada em vez de serem pontos de chegada. *De* também aponta (indica) a localização do ponto de partida (a origem), mas a preposição própria não é uma origem. É por isso que quando expressamos a distância, geralmente usamos a quantidade de tempo absoluto para substituir a quantidade mensurável no espaço. Na maioria dos casos de uma viagem de comboio ou de avião, preferimos saber quantas horas há no momento de enunciação entre duas cidades (com certa ferramenta de transporte) em vez de quanto espaço existe.

Em terceiro lugar, verificam-se usos gramaticalizados de algumas preposições no domínio temporal. No domínio espacial, o movimento pode ser dividido em dois grupos através da distância do deslocamento: movimento de deslocamento e movimento sem deslocamento. Da mesma forma, no domínio do tempo, a duração pode determinar uma classificação do evento pela duração: evento durativo e evento instantâneo. Sendo assim, as preposições também podem ser combinadas com elementos de trajeto para se tornarem num marcador de tempo verbal. Por exemplo, no mandarim, aproveita-se o estado de evento (foi concluído ou não) a fim de distinguir tempo perfeito, tempo contínuo ou tempo futuro. Devido ao facto de não haver conjugação do verbo no mandarim, a preposição-verbo "chegar" funciona como um marcador temporal.

É problemático considerar que os significados espaciais e temporais das preposições são simplesmente homónimos. As relações espaciais e temporais, embora bastante diferentes na realidade, estão intimamente relacionadas em nosso sistema concetual. Essa relação concetual não decorre do estado objetivo das coisas no mundo, mas da maneira como experimentamos o mundo e o compreendemos metaforicamente. Por isso, as estruturas espaciais indicadas pelas preposições, bem como as lógicas a elas inerentes, são preservadas no domínio do tempo.

Pela perspectiva cognitiva, o nosso estudo confirma que, antes de mais, a lógica dos esquemas imagéticos é consistente entre diferentes línguas. Isto quer dizer que o que é mantido entre o domínio-fonte e o domínio-alvo é a correspondência lógica. Por outras palavras, o Princípio da Invariância ajuda mais a preservar a lógica entre elementos, em vez de propriedades de cada elemento do domínio-fonte no domínio-alvo. A estrutura lógica interna do esquema imagético é consistente nas duas línguas. Porém, o mapeamento das características dos elementos concretos pode ser culturalmente específico. No que diz respeito a bases de ocorrência das metáforas, além de propriedades semelhantes no sentido físico ou percepções parecidas em termos psicológicos, existe, ainda, outro tipo de semelhança. Para as metáforas temporais destes esquemas imagéticos (CONTENTOR e ORIGEM-TRAJETO-META), a base cognitiva é a relação entre tempo e espaço por causa da interligação inseparável entre eles no movimento.

CAPÍTULO 5

CONCLUSÕES: ASPETOS LINGÜÍSTICOS E CULTURAIS DAS METÁFORAS TEMPORAIS E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRIAÇÃO DE METÁFORAS

5.1. Aspectos linguísticos e culturais que contribuem à diversificação de metáfora temporal em português e mandarim

Nas metáforas temporais, o português e o mandarim demonstram algumas coincidências que têm a ver com contextos empíricos. Por exemplo, em ambas as línguas, *antes* (como sinónimo de *frente* no sentido espacial) é equivalente a algo que acontece mais cedo e *depois* (como sinónimo de *atrás* no sentido espacial) é idêntico a algo que acontece mais tarde. Aliás, existem também diferenças nas metáforas temporais em termos de *cima/baixo* e *frente/trás* devido a vários aspetos culturais diferenciados em que assentam as duas línguas. Listamos a seguir os mais acentuados:

- a) Em português, há poucos usos de *cima/baixo* nas metáforas temporais, ao passo que em mandarim se usa frequentemente o eixo vertical na apresentação do tempo (Ex. adjetivos espaciais como *profundo*, direções de passado/futuro no sentido de *cima/baixo*, etc.)
- b) Em português, existe uma correspondência única: frente=futuro e trás=passado, ao passo que em mandarim, encontram-se correspondências diversificadas: frente=passado/futuro e trás=futuro/passado.

Verificamos, antes de mais, os aspetos linguísticos e culturais que contribuem à diversificação de metáfora temporal em português e mandarim. Depois, fazemos algumas conclusões de acordo com os pontos comuns entre duas línguas pela perspetiva de criação da metáfora.

5.1.1. Metáforas temporais de *cima/baixo*: carência em português vs. abundância em mandarim

O eixo vertical de *cima/baixo* tem simultaneamente base fisiológica e especificidades culturais, sendo aplicável, por diferentes frequências de uso, tanto em português quanto em mandarim para apresentar a sequência temporal.

Em português, encontramos poucos exemplos de metáfora temporal em termos de *cima/baixo*. Assim como já se explicou na secção 3.1.2.3.2., o uso de *cima/baixo* nas expressões temporais em português não é tão frequente e universal como o em mandarim. Em português, quando se trata da percepção e referência ao texto escrito, acontece uma correspondência no sentido de entender *acima* como *atrás* (passado, mais cedo) e tratar *abaixo* como *mais à frente* (futuro, mais tarde). Essas ligações entre orientação e tempo servem como base para a metáfora TEXTO É OBJETO QUE VAI DE CIMA PARA BAIXO. Além disso, o uso de *cima/baixo* em português na apresentação da sequência temporal acontece somente no quadro de referências relativas (Ex. *a alta idade média, a baixa idade média*). entretanto, em mandarim, 上 (shàng, *cima*)/ 下 (xià, *baixo*) são utilizadas metaforicamente na sequência temporal tanto no quadro de referência deíctica quanto no quadro de referências relativas.

Em mandarim, o uso do eixo *cima/baixo* é concentrado em dois aspetos. Por um lado, o adjetivo *profundo* é aplicado para dizer um evento próximo do final de um período definido e por outro, as direções de 上 (shàng, *cima*)/ 下 (xià, *baixo*) são aproveitadas para indicar a sequência do tempo, o passado e a duração do tempo.

Domínio-alvo: TEMPO	Expressões metafóricas
A sequência temporal (o que acontece mais cedo num período definido, tal como dia, mês, ano)	上午 (shàng wǔ, cima meio dia, <i>manhã</i>)
	上旬 ³¹ (shàng xún, cima dez dias, <i>os primeiros dez dias do mês</i>)
	上半年 (shàng bàn nián, cima metade ano, <i>desde janeiro até junho de cada ano</i>)
O passado	上个月 (shàng gè yuè, cima mês, <i>o mês anterior em relação ao momento da enunciação</i>)
	上一代 (shàng yī dài, cima a geração, <i>a geração mais velha</i>)
	上次 (shàng cì, cima vez, <i>última vez, ultimamente</i>)
	上述 (shàng shù, acima referida, <i>o conteúdo anterior do texto</i>)
A duração do tempo	早上 / 晚上 (zǎo shàng / wǎn shàng, manhã cima/noite cima, <i>de manhã/ à noite</i>)
	会议上 (huì yì shàng, reunião cima, <i>na reunião</i>)
	历史上 (lì shǐ shàng, história cima, <i>na história</i>)

Tabela 54. 上(shàng, cima) nas expressões temporais do tempo

³¹ A unidade de contagem de dias no calendário tradicional chinês. Normalmente se refere a dez dias.

Domínio-alvo: TEMPO	Expressões metafóricas
A sequência temporal (o que acontece mais tarde no período definido, tal como <i>dia, mês, ano</i>)	下午(xià wǔ, baixo meio dia, <i>tarde</i>)
	下旬(xià xún, baixo dez dias, <i>os últimos dez dias do mês</i>)
	下半年(xià bàn nián, baixo metade ano, <i>desde julho até dezembro</i>)
O futuro	下个月(xià gè yuè, baixo mês, <i>o próximo mês em relação ao momento da enunciação</i>)
	下一代(xià yī dài, baixo uma geração, <i>a geração mais nova, geração do futuro</i>)
	下次(xià cì, baixo vez, <i>próxima vez</i>)
	下述 xià shù (baixo referir, <i>o conteúdo posterior no texto</i>)
O presente (possivelmente dura até o futuro próximo)	眼下(yǎn xià, olho baixo, <i>o presente, atualmente, neste momento</i>)
	当下(dāng xià, quando baixo, <i>o presente, atualmente, neste momento</i>)
O estado sucessivo/ O estado de continuação através da combinar o verbo 去 (ir)	下去 (xià qù, baixo ir, <i>continuativa</i>) indica uma ação não acabou e continua a ser realizada 唱下去(chàng xià qù, cantar baixo ir, <i>continua a cantar</i>) 走下去(zǒu xià qù, andar baixo ir, <i>continua a andar, avançar</i>) 开下去(kāi xià qù, abrir baixo ir, <i>continua a reunião</i>)

Tabela 55. 下(xià, baixo) nas expressões temporais do tempo

O uso frequente do eixo vertical nas metáforas temporais em mandarim é principalmente provocado por duas características particulares na cultura chinesa: a maneira da escrita e a civilização do rio.

Os hábitos da ortografia influenciam as representações de tempo. Desde o século passado até os últimos anos, muitos linguistas (Tversky *et al.*, 1991; Fuhrman e Boroditsky, 2010; Bergen e Lau, 2012; Casasanto e Bottini, 2014; Pitt e Casasanto, 2020) têm realizado, com o apoio das provas psicológicas, comparações entre línguas com diferentes direções de leitura/escrita para provarem que a direção da leitura/escrita influenciam profundamente as metáforas espaço-temporais em termos da direção.

Por exemplo, Tversky *et al.* (1991) pedem a participantes ingleses (que leem da esquerda para a direita) e participantes árabes (que leem com a direção oposta, i.e., da direita para a esquerda) para a esquematizar em graficamente uma sequência de eventos, como as refeições de o dia. Os resultados mostraram que, enquanto os participantes ingleses organizaram a sequência da esquerda para a direita, posicionando *o pequeno almoço* à esquerda do *almoço* e *o jantar* à direita. Os participantes árabes, por sua vez, fizeram a disposição oposta. O resultado é consistente com a direção da ortografia em cada língua.

Noutro estado, dois grupos de participantes com diferentes direções de leitura/escrita (espanhol e hebraico) realizaram uma tarefa de avaliação de tempo em palavras apresentadas auditivamente referentes ao passado ou ao futuro. Os participantes espanhóis responderam mais rapidamente às palavras passadas com a mão esquerda e às palavras futuras com a mão direita, enquanto os participantes hebreus mostraram um resultado contrário (Ouellet³² *et al.*, 2009, p.1840).

A tarefa parecida também foi realizada entre falantes ingleses e hebraicos. A pesquisa pediu os participantes para fazerem julgamentos rápidos de ordem temporal sobre pares de imagens (por exemplo, uma pessoa em diferentes fases da vida; encher uma xícara de café). Os participantes ingleses foram consistentemente mais rápidos ao fazer julgamentos anteriores usando a tecla esquerda e julgamentos posteriores usando a tecla direita. Por outro lado, os participantes hebreus mostraram o resultado inverso. Além disso, quando os participantes foram obrigados a usar um mapeamento espaço-temporal que era inconsistente com a direção da ortografia na sua língua nativa, os tempos necessários de resposta dos participantes aumentaram (Fuhrman e Boroditsky, 2010).

Mesmo que para os falantes da mesma língua, tais como os falantes chineses continentais e os falantes de Taiwan, a ortografia também tenha efeito na cognição da direção do tempo devido à maneira de leitura e escrita, segundo os resultados do estudo de Bergen e Lau (2012), para a língua chinesa, os falantes continentais e os falantes de Taiwan demonstram preferências diferentes em arranjar as cartas que representam diferentes eventos. A maioria dos falantes da China continental tendiam a deixar as cartas em sequência de esquerda para a direita, ao passo que a parte menor deles deixaram as cartas de cima para baixo. No caso dos falantes chineses de Taiwan, a maior parte deles retrata a sequência desde cima para baixo e a parte menor deles lista as cartas da direita para a esquerda, assim como a maneira antiga da escrita na China que permaneceu até ao século passado. A região de Taiwan preserva mais tradições de escrita (tanto a direção quanto a forma antiga dos caracteres chineses) em relação à região continental da China. Sendo assim, o eixo de *cima/baixo*, como uma característica linguística idiossincrática, pode ter um impacto mais profundo no sistema cognitivo dos falantes chineses de Taiwan por ser aplicado com a história mais longa.

³² Multimodal Influences of Orthographic Directionality on the "Time is Space" Conceptual Metaphor

Cima/baixo é utilizado nas escritas da região asiática. Tradicionalmente, o texto do chinês antigo³³ era organizada da direita para a esquerda (veja-se um texto antigo a seguir) com colunas verticais formadas de cima para baixo. Tal como se pode observar na Figura 80, a coluna marcada por número 1 representa o início do texto e as colunas marcadas por 2 e 3 são desenvolvimentos posteriores.

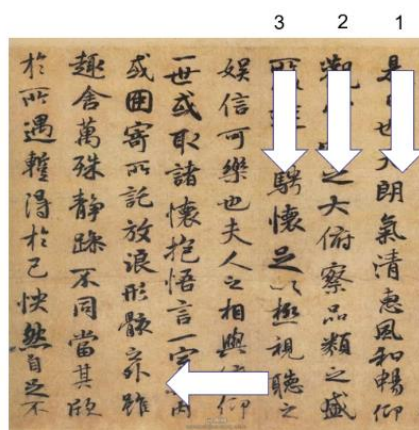


Figura 80. O trecho da escrita antiga chinesa

Embora em 1956, houvesse uma mudança oficial para a escrita em linhas horizontais da esquerda para a direita (o mesmo que na tradição europeia), assim os textos em jornais, livros são hoje quase sempre organizados horizontalmente da esquerda para a direita, a maneira tradicional da escrita e leitura já está enraizada na cognição de metaforizar o tempo. Assim como é confirmado por Lan (1999), a temporalidade ligada à direção vertical na cultura chinesa é um uso ligado à tradição da escrita e este uso foi encontrada no estágio mais antigo conhecido do desenvolvimento da escrita chinesa.

We assumed that the writing direction affects the way of representing time, and the dominant dimension is affected by the Chinese right-to-left writing habits. (...) this historical orientation may be one of the factors that influence Chinese speakers to have the vertical spatial-temporal metaphor. For contemporary Chinese speakers, the frequency of writing and reading in horizontal direction is much higher than that in vertical direction, though a few reading materials are still written in vertical direction. Therefore, the dominant dimension is the horizontal dimension in most common reading tasks in Chinese and may be part of the reasoning as to why the horizontal dimension is more pronounced (Hong *et al.*, 2017, p.1689).

³³ O mandarim é a forma simplificada no sentido de ortografia do chinês tradicional.

A metáfora é um produto cognitivo complexo no sentido de que os fatores culturais são indispensáveis na sua formação. Para os falantes chineses, as metáforas do tempo no eixo de cima para baixo são, mas não apenas, um produto cultural ligado ao sistema de leitura/escrita. Outra causa que tem efeito na aplicação de *cima/baixo* na metáfora temporal em mandarim é o meio ambiente onde nasceu uma civilização fluvial da China.

Os rios deram origem à civilização humana e os humanos interagem na vida quotidiana com os rios. Diferentes formas ou graus de interação entre humanos e rios formarão naturalmente culturas diferentes. A civilização é o resultado da interação humana com os rios que, muitas vezes desempenha um papel importante nas ideias primárias de espaço e tempo. No caso da China, localiza-se numa região perto do rio que se dirige desde áreas alpinas a área plana. A passagem do rio faz parte importante na metáfora temporal. Sendo assim, além da maneira da escrita, outra razão pela qual é significativa a valorização da dimensão vertical do tempo na China possivelmente tem a ver com a importância cultural relativa ao rio Yangtze (Radden, 2011, p.8), na medida em que o tempo é concetualizado como o rio que decorre desde um lugar alto para algum lugar baixo.

Convém referir ainda que o uso do modelo de cima/baixo nas metáforas temporais é baseado na admiração pelo antigo e na adoração aos ancestrais. 上 (shàng, *cima*) representa o antigo, o qual refere-se ao bom, então sendo equivalente ao passado. 下 (xià, *baixo*), ao contrário, relaciona-se com o novo, consequentemente é metaforizado como mau na medida em que é entendido como o futuro.

5.1.2. Metáforas temporais de *frente/trás*: unidade em português vs. complexidade em mandarim

Em português, temos uma correspondência única entre *frente/trás* e futuro/passado, i.e., *frente* é futuro e *trás* é passado. Todavia, em mandarim, a correspondência entre espaço e tempo é variável. Para os falantes chineses, 前 (qián, *frente*) indica tanto futuro quanto passado, o que acontece mesmo no caso de 后 (hòu, *trás*).

Domínio-alvo: TEMPO	Expressões metafóricas
A sequência temporal (o que acontece mais cedo num período definido, tal como dia, mês, ano)	前妻 (qián qī, frente esposa, <i>a exesposa</i>)
	前人 (qián rén, frente pessoa, <i>os antepassados</i>)
	Evento (comer, dormir, etc.) + 前 (qián, frente) (<i>antes de comer, dormir</i>)
	前天 (qián tiān, frente dia, <i>um dia antes de anteontem</i>)
	前半年 (qián bàn nián, frente metade ano, <i>desde janeiro até junho</i>)
O passado	以前 (yǐ qián, desde frente, <i>o passado</i>)
	从前 (cóng qián, desde frente, <i>o passado</i>)
	前些日子 (qián xiē rì zǐ, frente alguns dias, <i>os últimos dias em relação ao momento</i>)
	日前 (rì qián, dia frente, <i>os dias anteriores</i>)
O presente	眼前 (yǎn qián, olho frente, <i>neste momento</i>)
	目前 (mù qián, olho frente, <i>o presente, atualmente</i>)
	当前 (dāng qián, quando frente, <i>agora</i>)
O futuro	前景 (qián jǐng, frente cenário, <i>o desenvolvimento futuro</i>)
	前路 (qián lù, <i>o futuro</i>)
	前途 (qián tú, <i>o futuro de uma pessoa ou um projeto</i>)

Tabela 56. 前 (qián, *frente*) nas expressões temporais do tempo

Domínio-alvo: TEMPO	Expressões metafóricas
A sequência temporal (o que acontece mais tarde num período definido, tal como dia, mês, ano)	后人 (hòu rén, trás pessoa, <i>os descendentes</i>)
	随后 (suí hòu, seguir tras, <i>a seguir</i>)
	后代 (hòu dài, tras geração, <i>os descendentes, geração mais nova</i>)
	后来 (hòu lái, tras vir, <i>posterior</i>)
	Evento (comer, dormir, etc.) + 后 (hòu, trás) (<i>depois de comer, dormir</i>)
	后半年 (hòu bàn nián, trás metade ano, <i>desde julho até dezembro</i>)
	后天 (hòu tiān, trás dia, <i>um dia depois da amanhã</i>)
O passado	回顾 (huí gù, virar a cabeça para ver atrás, <i>relembrar o passado</i>)
	回首 (huí shǒu, virar a cabeça, <i>relembrar o passado</i>)
O futuro	今后 (jīn hòu, hoje trás, <i>o futuro</i>)
	以后 (yǐ hòu, desde trás, <i>o futuro</i>)
	日后 (rì hòu, dia trás, <i>o futuro</i>)

Tabela 57. 后 (hòu, trás) nas expressões temporais do tempo

Com base nos resultados das comparações entre o português e o mandarim, consideramos que a diversificação da metáfora temporal é resultado de diferenças semânticas e gramaticais, por um lado e, por outro lado, deve ser causado pelas particularidades culturais.

O tempo linguístico não é o próprio tempo, mas sim a expressão das nossas experiências do tempo. Os subsistemas mais importantes do tempo linguístico são o tempo verbal (das formas verbais) e o aspeto. Diferentes línguas diferem em suas estruturas semânticas. Sendo assim, a semântica envolvida numa língua determina, parcial ou totalmente, a maneira como uma pessoa percebe a realidade. No caso da metáfora temporal, diferenças interlinguísticas na lexicalização do tempo

correlacionam-se com profundas diferenças na forma como os falantes de diferentes línguas representam o tempo. Assim, concluímos três causas principais:

- a) A proximidade entre o vocabulário espacial e o temporal;
- b) A diversificação em tipos de semântica espacial para expressar o tempo: no mandarim não apenas se utilizam palavras de direção, mas também nomes de partes do corpo e verbos visuais para apresentar o tempo ou o movimento de tempo nas direções de *frente/ trás*;
- c) A forma de distinguir diferentes períodos (passado, presente e futuro) ou estados do evento: a flexão verbal em português vs. advérbios de tempo e partículas tensas em mandarim.

Em primeiro lugar, o português e o mandarim demonstram uma diferença em termos do léxico entre o espaço e o tempo. Por exemplo, em português, utilizam-se vocábulos com interpretações temporais ignorando-se as suas interpretações espaciais para ilustrar a sequência de eventos, tais como, *antes/ depois*, *anterior/ posterior*. Em mandarim aproveitam-se vocábulos que têm etimologias espaciais ou de movimentos, mas ganham interpretações temporais de maneira metafórica, tais como, *frente/ trás*. O carácter inicial de 前 (qián, *frente*) é 耑, o que significa pés com os sapatos, referindo à direção do avançamento (Ye, 2007, p.57). O carácter antigo de 后 (hòu, *trás*) , por sua vez, tem a ver com 走, na qual acentua o valor semântico de *andar* (Wang, 2008, p.13).

Embora o significado da palavra *frente* em português também seja determinado pelo movimento e pela visão, quando é aplicada ao domínio do tempo, quer seja no modelo de *time-moving* quer seja no modelo de *ego-moving*, *frente* é o futuro e *atrás* é o passado pela perspetiva do observador (ou do experienciador) e fazem-se principalmente referências em duas direções: a direção do movimento de Ego e a direção intrínseca de Ego (a direção da cara) ³⁴. Isto quer dizer que, para os falantes portugueses, não é usada muito a visão do tempo. Portanto, em *frente* mantém-se o valor semântico da direção do movimento no domínio do tempo e não se refere intimamente com a sequência temporal. *Antes*, por sua vez, não envolve movimento nem visão. Basta indicar a ordem em que os eventos ocorrem. Neste caso, apenas ilustra uma relação posicional relativa dos eventos numa linha temporal com uma ajuda da preservação parcial da sua interpretação original (em termos da "posição"). No caso do mandarim, o vocábulo temporal depende quase totalmente do vocábulo espacial, 前 (qián,

³⁴ É referido na secção 3.1.2.3.3. A correspondência entre *frente/ trás* e passado/futuro.

frente) e 后 (hòu, *atrás*), na apresentação tanto da direção do movimento temporal quanto da sequência entre eventos. Sendo assim, as cognições espaciais de 前 (qián, *frente*) e 后 (hòu, *atrás*) são maioritariamente mantidas no domínio temporal. Isto quer dizer que em mandarim o grau da ligação entre o vocabulário espacial e o temporal é relativamente mais próximo do que em português.

Em segundo lugar, o português e o mandarim manifestam uma diferença lexical no vocabulário espacial que é utilizado para metáforas de tempo. Em relação às metáforas portuguesas, as metáforas chinesas aproveitam não apenas direções, mas também alguns termos de partes corporais e verbos de movimento visual. Para falantes chineses, o corpo humano serve como base dominante a metáfora temporal. Na expressão do tempo no eixo de *frente/trás*, algumas palavras que descrevem o tempo estão diretamente relacionadas com as partes do corpo humano.

- a) A sequência metaforizada pelos *pés* e *cara*: 前脚 (qián jiǎo, frente pé, *mais cedo*), 后脚 (hòu jiǎo, atrás pé, *mais tarde*); 前面 (qián miàn, frente cara, *mais cedo*), 后面 (hòu miàn, atrás cara, *mais tarde*).
- b) O presente metaforizado por *cara*, *olhos* e *pés*, *mãos*: 面前 (miàn qián, em frente da cara, *agora*), 眼前/目前 (yǎn qián / mù qián, em frente dos olhos, *agora*), 跟前 (gēn qián, em frente dos pés, *agora*), 眼下 (yǎn xià, de baixo dos olhos, *agora*), 手上 (shǒu shàng, em cima das mãos, *agora*).
- c) O futuro metaforizado por *corpo* e *cara*: 身后 (shēn hòu, atrás do corpo, *depois, futuro*), 回头 (huí tóu, reverter a cabeça, *logo depois, o futuro próximo*), 前面 (qián miàn, frente cara, *o futuro*), 后面 (hòu miàn, atrás cara, *o futuro*).

No que diz respeito aos verbos de movimento visual, a respetiva utilização indica um papel importante da visão nas metáforas temporais do mandarim, já que no mandarim as metáforas de tempo também contêm metáforas com valores opostos que são criadas com experiências diferentes. *Visível* representa tanto passado no sentido de CONHECIDO quanto futuro no sentido de CONTROLÁVEL; *invisível* também refere tanto passado em termos de INACESSÍVEL (pela visão) quanto futuro em termos de INDEFINIDO (ou INCONTROLÁVEL)³⁵.

Então, até aqui, o nosso estudo demonstra que a metáfora concetual depende muito dos enquadramentos lexicais do domínio-fonte e das opções semânticas daqueles vocábulos durante os

³⁵ A ideia é apresentada na secção 3.2.3. Metáforas sobre a direção relativa entre o evento e Ego no sentido de localização (frente/trás).

mapeamentos. Por outras palavras, as metáforas não são puramente baseadas numa experiência humana universal - a linguagem, especificamente o léxico, determina de certa maneira qual experiência vai servir como base cognitiva para cada uma delas. Além do léxico, a gramática, aqui é entendida como a forma de expressar diferentes períodos do tempo (passado, presente, futuro), também tem efeito na metáfora temporal no eixo horizontal (*frente/ trás*).

O tempo verbal é o reflexo da espacialização do conceito de tempo no sistema gramatical, porque a expressão verbal é realmente uma expressão verbal do movimento. O tempo (relativo ao presente) de um evento é referenciado pela conjugação do verbo nas línguas em que há conjugação ou flexão. Argumentamos que o português tende a conceitualizar o tempo como algo linear devido ao seu sistema rigoroso de flexão dos tempos verbais. O mandarim, por sua vez, não tendo um sistema gramatical das conjugações verbais, tende a conceitualizar o tempo como algo não linear.

Segundo Smith (2008), o primeiro filósofo que referiu o conceito de tempo foi o filósofo Protágoras no século V a.C. O antigo gramático grego Dionísio da Trácia apresentou uma análise mais detalhada do tempo verbal e dividiu o tempo verbal em três formas: presente, passado e futuro. O tempo é uma dimensão única ilimitada que se estende indefinidamente (Smith, 2008, p.5). Para localizar eventos na linha temporal, precisamos de um ponto de orientação. Nas línguas com o tempo incluído nas formas verbais flexionadas, o tempo verbal dá informação direta do momento do evento ou da ação em relação ao momento da enunciação. Em línguas sem tempo verbal flexionado, outras palavras permitem a interpretação dos valores temporais (Smith, 2008, p.1). Por exemplo, o mandarim é uma língua sem formas flexionadas para exprimir o tempo verbal. Em vez disso, aproveitam-se vários outros elementos, como as informações fornecidas pelo aspeto temporal e outras partículas para determinar a interpretação temporal dos acontecimentos em relação ao momento da enunciação.

O sistema temporal, de acordo com o princípio do experienciador como ponto de referência, divide-se em três partes: passado, presente e futuro. Todas, no seu conjunto, são equivalentes a três espaços. O tempo presente é o espaço onde se encontra o experienciador. O passado é o espaço por onde já passámos (*ego-moving*), ou por onde os acontecimentos em movimento passaram por nós (*time-moving*). O futuro, por sua vez, faz-se equivalência ao espaço para o qual vamos caminhar (*ego-moving*) ou o dos acontecimentos que estão a dirigir a nós (*time-moving*). A pessoa, como sujeito da cognição, é o ponto de referência, cujo espaço e tempo lhe são os mais próximos, por isso dizemos *aqui é agora*. O passado e o futuro, que metaforizados como espaço, estão ambos mais ou menos

distantes do experienciador. Porque o passado nos deixou e o futuro ainda não chegou. A sobreposição de deíctico espacial e deíctico temporal pode ilustrar uma relação posicional entre um determinado ponto de tempo no passado/no futuro e o momento da enunciação (visto como o presente) onde o sujeito está. As pessoas conceitualizam o presente como alguma coexistência com o espaço ao redor do corpo (Clark,1973; Evans, 2005), como pode ser confirmado pelos indicadores em muitas línguas. O português e o mandarim não são exceções.

	Português	Mandarim
ESPAÇO	Este/esse/aquele (lugar), aqui, lá, cá	这(zhè)/那(nà) (地方, dì fāng, <i>lugar</i>) <i>este/ aquele (lugar)</i>
TEMPO	Este/esse/aquele (momento), aqui, lá, cá	这个(zhè gè)/那个(nà gè)(时刻, shí kè, <i>momento</i> , 星期, xīng qī, <i>semana</i> , 月, yuè, <i>mês</i>) <i>este/ aquele (momento, semana, mês)</i>

Tabela 58

Através do movimento, ambos ganham uma direção (apresentada pelas setas).

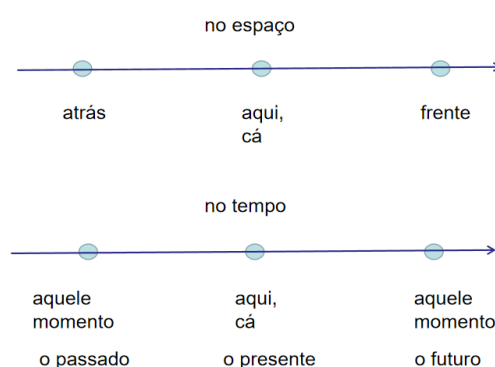


Figura 81

O conceito de *presente*, embora inclua informações sobre o espaço corporal e o espaço pessoal, também pode, às vezes, sobrepor-se ao espaço próximo. Devido a uma correlação extremamente estreita na experiência entre o presente (o momento preceptivo atual) e a localização do experienciador, o conceito de *presente* é elaborado em termos de *locational content pertaining to the experiencer's immediate vicinity* (Evans, 2005, p.190). Segundo o conhecimento físico, o experienciador só pode antecipar a realização do objetivo se o objetivo estiver localizado à sua frente. O conceito lexical de futuro parece ser elaborado principalmente em termos da localização (mais do que em termos do movimento). Neste contexto, o passado está atrás do experienciador por ser algo oposto ao futuro. O

passado também é concetualizado mais como uma localização do que como movimento (Evans, 2005, pp.191-194).

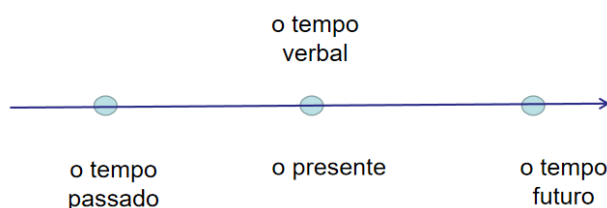


Figura 82

No sistema de tempo verbal, o ponto de referência de cada tempo faz parte de um contínuo. Segundo Comrie (1985), o tempo linguístico é idealmente interpretado como uma extensão unidimensional e os sistemas de *tense* não apresentam lacunas na denotação de referência ao longo desta extensão.

É convencionalmente aceite que a cognição básica do tempo verbal é a localização de eventos na linha temporal em relação a um ponto de referência que está diretamente ou a uma ou mais distâncias do “agora” do experienciador. Além disso, muitas línguas com verbos flexionados em tempo têm meios para localizar eventos com mais precisão antes ou depois do ponto de referência (Fleischman, 1989, p.1). *Tense* envolve a codificação sistemática da relação entre dois pontos ao longo da dimensão linear e ordenada do tempo (Givón, 2001, p.285).

Tense, painted in rather broad strokes, has commonly been defined as that grammatical category that marks the location in time of some event with respect to some conventionally recognized reference locus. (...) Consonant with this perception of tense is the common view that tense is best understood and represented in terms of a one-dimensional linear timeline anchored by the speech event (Botne e Kershner, 2008, p.147)

O tempo deítico está estritamente ligado a um experienciador (o falante/enunciador) que se move ao longo da linha temporal, ao passo que o modelo de uma sequência (no sentido da passagem do tempo) faz menos referência ao falante e, portanto, é menos restrita espacialmente. Do ponto de vista cognitivo, o tempo verbal pode ser entendido como uma metáfora posicional que enfatiza a posição dos eventos numa linha temporal em relação ao falante. A metáfora posicional é, então, construída com base na experiência compartilhada pela humanidade em termos de metáfora de direção da linha temporal, tal como *frente/trás* e *cima/baixo*. Uma metáfora posicional de tempo é realizada por relações entre eventos numa linha temporal. Na maioria das línguas conhecidas, a fim de

localizar um evento em relação ao tempo deítico, podemos, por um lado, como o que acontece em mandarim, aproveitar advérbios temporais como 已经 (yǐ jīng, *já*), 立刻 (lì kè, *em logo*), 马上 (mǎ shàng, *logo depois*), 正在 (zhèng zài, *estar a fazer*), 终于 (zhōng yú, *final*), 永远 (yǒng yuǎn, *para sempre*), 偶尔 (ǒu ěr, *às vezes*), 忽然 (hū rán, *de repente*) e, por outro, como em português, inglês, etc., utilizar o tempo da forma verbal (ou seja, formas verbais flexionadas). Além disso, podemos ordenar temporalmente os eventos através de horas ou datas de sua ocorrência.

Tanto o tempo-D (o tempo deítico) quanto o tempo-S (o tempo sequencial) podem ser representados esquematicamente como eventos distribuídos ao longo de um tempo linear. O tempo-S também pode ser representado como um ciclo recorrente (Sinha e Gärdenfors, 2014, p.74). Sinha e Gärdenfors (2014) sugerem que a representação do tempo-S seja culturalmente variável mais do que tempo-D. Argumentam, ainda, que são os meios específicos de representação do tempo-S, tanto no sentido simbólico quanto material, que parecem estar relacionados causalmente com metáforas entre espaço e tempo (Sinha e Gärdenfors, 2014, pp.75-76).

O português tem um sistema de tempo verbal no qual os eventos têm uma ordem definida de ocorrência devido às formas verbais flexionadas. O mandarim, por sua vez, não possui um tempo verbal sempre flexionado em formas verbais. Assim, possibilita uma ambígua sequência dos eventos. Além disso, no mandarim, os valores semânticos de 前 (qián, *frente*) e 后 (hòu, *trás*) não são limitados em "direção" e "ordem", mas também expressam "uma área aproximada" no sentido espacial e "uma duração aproximada" por meio de serem utilizados conjuntamente. É uma transformação de valores semânticos desde algo linear para algo plano. Por exemplo:

Espaço	Tempo
屋前屋后 (wū qián wū hòu, casa frente casa atrás, o espaço ao redor da casa, o pátio)	前后 (qián hòu, frente trás, <i>períodos antes e depois de algum evento.</i>) Ex. 春节前后 (chūn jiē qián hòu, os dias antes e depois o Ano Novo Chinês, inclui o dia do Ano Novo Chinês) 前前后后 (qián qián hòu hòu, frente frente trás trás, <i>uma duração, um período</i>) Ex. 前前后后一个月 (qián qián hòu hòu yī gè yuè, <i>uma duração de um mês</i>)

Tabela 59. 前 (qián, *frente*)/后 (hòu, *atrás*) no sentido de alcance

Acreditamos que o tempo verbal com formas verbais flexionadas (ou seja, conjugações verbais) tem efeito linguístico nas metáforas temporais, devido a que, em cada contexto pragmático, um

acontecimento tem de ser entendido-se o seu momento de acontecer é *antes* ou *depois* do momento da enunciação. Melhor dizendo, é obrigatório ordenar os acontecimentos de forma linear. Como já antes destacámos, em português, o tempo é exatamente concetualizado mais como uma continuação unidirecional de forma linear devido à ordenação alinhada dos eventos. Porém, em mandarim, às vezes, não se apresenta de maneira clara a sequência temporal entre diferentes acontecimentos. Em alternativa, ilustra-se o tempo verbal mediante os advérbios temporais ou partículas de aspeto que deixam ambígua a ordem dos acontecimentos. Na verdade, os verbos 来 (lái, vir), 去 (qù, ir) e 回 (huí, voltar) também revelam o percurso sucessivo, entre passado e futuro, do movimento do tempo nas metáforas temporais em mandarim. Neste sentido, para os falantes chineses, o futuro está proximamente relacionado com ou procede de o presente e o passado.

The future has, in its metaphorical relation to the now, as much historical connection to the now as the past does. The past is historical; the future is a proleptive, prevenient, history. In any case, if the now is myself here, then the then-future, past-are' others for me, the "others here." History is my metaphorical understanding of the others here.

The future is both what is going to be and what is coming to be, a unity of a going and a coming. Going moves from here to there; coming moves from there to here.? "Here" is what I am and do; "there" is what is not of me, the "other." "Going," then, is my growing, and "coming" is my destiny. (...) And so the future is what I become-grow to be-what comes to me, where what I become becomes my destiny.

And so the future is what I become-grow to be-what comes to me, where what I become becomes my destiny (Huang e Zürcher, 1995, pp.19-20).

Sendo assim, no eixo horizontal, as metáforas temporais em mandarim demonstram uma visão declinada ao modelo de circular através do movimento ida e volta do tempo.

Já sabemos que as metáforas temporais são influenciadas por uma multiplicidade de fatores, em vez de mapeamentos únicos de espaço-tempo. A dimensão cultural tem efeitos significativos nas metáforas. Então, em relação à correspondência diversificada entre direção *frente/trás* e futuro/passado, concluímos duas bases cognitivas principais que contribuem às metáforas temporais: a) admiração pelo antigo e adoração aos ancestrais formam um modelo exclusivo do movimento do tempo (encara o passado no modelo de *time-moving*) e b) o pensamento religioso e a civilização agrícola decidem a característica do círculo da passagem do tempo.

Verificamos primeiramente a base a). Nas culturas humanas, de acordo com Kluckhohn e Strodbeck, há três categorias de orientação: orientação para o passado (*past oriented*), orientação

para o presente (*present oriented*) e orientação para o futuro (*future oriented*) (Kluckhohn e Strodtbeck, 1961). No sentido geral, as sociedades antigas e o povo com uma longa história tendem a ser orientados para o passado, dado que o passado é composto pela reverência aos sistemas e etiquetas antigos, por um lado e, pelo culto ancestral, por outro.

A sociedade chinesa antiga, na qual há uma tradição muito longa por se interessar pelo passado e olhar para o passado em busca de inspiração, é tipicamente orientada para o passado. O respeito incomparável pelos antigos e pelas ideias antigas demonstram que toda a novidade significativa vem de alguma antiguidade. Por exemplo, Mencius³⁶ enfatiza a importância da história no pensamento. Ele não pôde deixar de argumentar e persuadir, e sempre que o fez, o fez com base na história, citando incidentes históricos, fossem eles éticos, políticos ou cósmicos. Mencius não é exceção na China. Quase todos os pensadores chineses, antigos ou modernos, argumentam com base na história. A forma como se enfatiza a argumentação factual (chamada de factos baseados em coisas que aconteceram no passado) provoca uma ligação íntima e cíclica entre passado e presente (Huang e Zürcher, 1995).

In Chinese historical thinking the so-called "cognitive" activity actually moves back and forth in time, first going to the past for information, then coming back with lessons to pattern ourselves by, then going back again to ascribe meaning and significance to the past, as well as for more implications, then coming back with more inspiration to live accordingly at the present moment. And this "back and forth" movement is itself self-consciously historical (Huang e Zürcher, 1995, pp.72-73).

Na opinião de Ryckmans (1989), o “tempo” chinês é recíproco – o passado dando factualidade ao presente, o presente dando sentido ao passado. Tal “tempo” é chamado de “tempo histórico”. Realmente, na cultura tradicional da China, há poucos textos que tinham o objetivo de estudar a passagem da natureza no tempo. Em vez disso, está interessada em mudanças com significado humanístico.

Para os chineses, o conceito do tempo é entendido por uma divisão entre a antigo e o moderno devido a que os chineses antigos sempre concetualizam o tempo pela perspectiva histórica, ou melhor

³⁶ Filósofo da China antiga. Foi aluno de Confúcio. 372 a.C. - 289 a.C.

dizendo, está concerne no estado de existência da vida, na qual é composta por espaço particular no momento específico.

(...) the "form" of space-time in which we live, move and have our experience, is itself shaped by the way in which we live, move and have our experiential being, and this our mode of living is called "culture" in all its historical depths and regional riches. (...) Human culture is then the form of those forms of space and time.

One of the peculiar modes of human living in the world is the Chinese culture, a thoroughly concrete and reasonable culture.

(...) First, Chinese thinking concretely moves from the familiar here to the strange there, moving in space that takes time. This sort of thinking is as space-timed as it is "metaphorical." Secondly, since such a spatiotemporal interpenetration is usually called "history," Chinese thinking is historical. Thinking in China moves in the context of history, moving between past and future, back and forth, and so history which typifies Chinese thinking is time-spaced. (...) Thus spatiotemporal interpenetration in metaphor and history, as its predominant trend, typifies Chinese thinking.

(...) the Chinese attitude toward space and time-the attitude itself is spacedtimed, and the lived space and time are shaped in a particular manner by a particular cultural attitude (Huang e Zürcher, 1995, pp.4-5).

Huang e Zürcher (1995) enfatizam ainda a importância da história na concetualização do espaço e tempo na ideologia da China antiga mediante a comparação entre visão histórica (da China) e a visão intuitiva sobre o tempo de Kant³⁷:

History is taken seriously in China as the web of space and time; I historical thinking is spatiotemporally textured. This way of thinking differs from Kant's; Kant made space and time theoretical forms of intuition, prior to thinking, different from schema and, categories of thinking (p.18).

To say that for Kant time is pure intuition is to say instead that, typically in the Western intellectual pursuit, we have a philosophical sort of knowing which is trans-physical, that is, abstract, theoretical, and comprehensive, knowing for knowing's sake. From this meta-physical angle, time is not a particular object that is pragmatically known, but known from above the world, as *theoria*, as "pure intuition," as a sort of principle for all. This is why time as pure intuition appears in the "critique of pure reason." It is this pure theoretical rationality that typifies the Western intellectual pursuit, which is nowhere to be found in China (Huang e Zürcher, 1995, pp.18-19).

³⁷ Immanuel Kant ou Emanuel Kant, foi um filósofo alemão e um dos principais pensadores do Iluminismo. O conceito de tempo entendido por Kant baseia-se na sua ideia de que o humano tem um sentido externo e um sentido interno. O tempo só pode ser reconhecido por um sentido interno. "O tempo nada mais é do que a forma do sentido interno, isto é, das intuições do eu do nosso estado interno."

O caracter 𠂇 (gǔ, antigo), assim como se pode observar na Figura 83, é formado por duas partes. A parte superior é uma ferramenta de medição do tempo (mediante a observação da mudança de sombra de um pau em diferentes períodos de um dia), representando o espaço que é composto pelo centro e os lugares ao seu redor. A parte de baixo é boca. O que é dito pela boca é um assunto passado. A combinação daquelas duas partes indica propagandear as coisas que valem a pena lembrar ou regras e regulamentos estabelecidos desde a antiguidade. Esta ação é chamada de *antigo*.



Figura 83. Os caracteres antigos de 𠂇 (gǔ, *antigo*) e de 今 (jīn, *hoje, agora, presente*)

O caracter antigo de 今 (jīn, hoje, agora, presente) simboliza o sino de cobre usado pelo imperador para emitir ordens novas. Então, percebe-se que o significado de *hoje* não é apenas o momento, mas também o início de um novo sistema social. Portanto, 今 (jīn, hoje, agora, presente) contém não apenas o presente, mas também o futuro. Pela visão histórica, se uma vida das pessoas não sofreu grandes mudanças até agora, é considerado que elas viviam ainda como "pessoa antiga", embora o tempo esteja no presente. E se um sistema ou espírito antigo experimenta mudanças sociais e se torna algo novo, inicia-se naquele momento o tempo de presente e mantém-se a partir de então o contemporâneo. Por isso, sendo diferente em relação à ideia da tricotomia do tempo no sentido de passado-presente-futuro, a dicotomia "antigo-presente" enfatiza as mudanças nas condições de vida e no sistema da sociedade (Hartog e Zhao, 2023, p.26).

Uma sociedade orientada para o passado também demonstra um grande respeito aos ancestrais de cada povo. Na China, a adoração aos "ancestrais" têm tradições culturais e histórias longínquas. os "ancestrais" incluem ancestrais de clã, ancestrais tribais, ancestrais étnicos e ancestrais familiares, etc. Portanto, uma cerimônia completa e sistemática de adoração aos ancestrais foi formada desde muito cedo na sociedade chinesa.

O culto aos ancestrais é uma das formas primitivas de religião. Foi formado pelo desenvolvimento e combinação do culto ao totem e ao culto da alma no processo de desenvolvimento da sociedade matrilinear para a sociedade paterna. É uma crença nos ancestrais da tribo que se originou e derivou da consciência do parentesco. Os pensamentos de adoração aos ancestrais podem

ser entendidas como uma crença espiritual baseada nos conceitos de imortalidade da alma e reverência a fantasmas e deuses. Os chineses antigos consideram os ancestrais como seres espirituais com poderes sobrenaturais. A comunicação com os ancestrais por meio de atividades de sacrifício, expressa gratidão e lembrança dos descendentes em relação aos seus ancestrais, por um lado e, por outro, esperam receber bênçãos deles. A razão pela qual as crenças dos ancestrais têm uma influência profunda na China está relacionada com a compreensão da cultura confucionista sobre as atividades sacrificiais. Confúcio atribui grande importância aos sacrifícios e acredita que eles representam uma forma moral de manter a ordem ética (You, 2015, pp.127-128). De facto, a cultura chinesa está enraizada no confucionismo, o qual respeita os mais velhos e valoriza a experiência. As regras dos ancestrais não podem ser mudadas facilmente. O passado muitas vezes torna-se o padrão para medir o presente (Zhang, 2009, p.90).

Além da direção orientada para o passado do Ego no modelo de *time-moving*, convém referir ainda a visão circular sobre o tempo que funciona e influencia os pensamentos dos chineses sobre o tempo e a vida. Esta visão é provocada pela religião budismo e pela forma de produção na China antiga, i.e., a cultura agrícola.

O conceito de tempo de diferentes nações ou civilizações pode ser afetado pela religião. As metáforas temporais em mandarim confirmam que a cultura tradicional chinesa é profundamente influenciada pelo Budismo. A visão budista sobre o tempo acentua a repetição da vida que é realizada através das saídas do mundo e retorno ao mundo em alternâncias cíclicas. Essa ideia é chamada de *reencarnação* que mantém uma visão cíclica do tempo, acreditando que tudo pode retornar ao seu estado original após uma finalidade do ciclo. O Budismo também insiste na direção do tempo como algo do futuro para o presente, e depois, do presente para o passado. Esta ideia sobre a direção do tempo tem a ver com a ideologia do "destino predeterminado" (Zhang, 2009, p.89). Além disso, o Budismo considera que todas as pessoas, coisas e até mesmo todas as leis do universo devem ter um processo de causas e consequências. Assim, tudo é concebido e desenvolvido no passado e se move em direção ao futuro através do presente. Esta ideia foi integrada na cultura tradicional chinesa e tornou-se um fator importante na cognição do tempo.

Além disso, a China é um país agrícola. O conceito de tempo está enraizado na cultura agrícola, que liga intimamente o tempo à produção agrícola e considera o desenrolar das atividades de cultivo como uma importante medida de tempo. A experiência da influência das mudanças cíclicas do clima

reflete-se nas ideias e conceitos linguísticos. Desta maneira, a percepção do tempo é como um ciclo, ou seja, forma-se uma perspectiva cíclica para o conceito de tempo.

Em suma, confirmamos que há uma ligação entre a metáfora conceitual sobre espaço-tempo na linguagem e os processos cognitivos e culturais fundamentais. A percepção do tempo em português e mandarim indica o papel linguístico-cognitivo na metáfora e revela como as representações conceituais são formadas e ativadas. Ao mesmo tempo, o nosso estudo também ilustra que os mapeamentos linguísticos do espaço-tempo podem ser influenciados por realidades culturais. As evidências disponíveis em ambas as línguas sugerem que a representação mental do tempo é o resultado de interações entre fatores linguísticos (isto é, metáforas) e culturais.

Concluimos ainda a seguir as bases cognitivas de metáfora temporal em direções diferentes de cada língua.

Metáfora temporal de eixo <i>frente/ trás</i>	Português	Mandarim
FRENTE É FUTURO ATRÁS É PASSADO	<i>Frente</i> representa o caminho ainda não percorrido no movimento (pelo Ego) <i>Atrás</i> refere-se ao caminho que foi percorrido (pelo Ego)	
	∅	<i>Frente</i> é uma direção da visão (de Ego), indicando algo visível, controlável e modificável <i>Atrás</i> é uma direção detrás do corpo (de Ego), referindo-se a algo invisível, definido, imutável.
FRENTE É PASSADO ATRÁS É FUTURO	∅	<i>Frente</i> é o estado social mais superior, representado os antepassados <i>Atrás</i> é o estado social mais inferior, representado os descendentes

Tabela 60. As bases cognitivas de metáfora temporal em direções diferentes de cada língua

No que diz respeito ao eixo de *cima/baixo*, entendemos que no mandarim existem neste eixo três metáforas primárias. Em primeiro lugar, CONTROLE É EM CIMA e OBEDIÊNCIA (DESCONTROLE) É EM BAIXO. Em segundo lugar, as direções de *cima/baixo* também estão relacionadas com *bom/ mal*, i.e., CIMA É BOM e BAIXO É MAU. Por último, segundo a tradição de adoração aos antepassados, ANTIGO é BOM e NOVO é MAU. Sendo assim, uma das bases cognitivas de metáforas temporais CIMA É PASSADO e BAIXO É FUTURO é: *cima* indica o estado superior e tem o poder de controle, ao passo que *baixo* refere-se ao estado inferior e tem de ser obediente. Outra base cognitiva de metáforas

temporais CIMA É PASSADO e BAIXO É FUTURO está relacionada com o movimento da água (normalmente é o rio). O lugar superior é o ponto de partida da água corrente, que representa o passado; a parte inferior é a tendência e o ponto final do movimento da água corrente, que representa o futuro.

5.2. Algumas conclusões sobre a criação de metáforas

5.2.1. A base das metáforas temporais é a materialização

A metaforização baseia-se num fenómeno cognitivo humano universal, i.e., associar uma estrutura concetual com uma estrutura material. A capacidade de combinar a estrutura concetual com a estrutura material é uma estratégia cognitiva fundamental humana. Estas competências básicas são muito primitivas no ser humano (Hutchins, 2005, p.1556). Segundo Szwedek (2002, 2011), o espaço é apresentado da maneira materializada. Caso apliquemos esta ideia na metáfora temporal, podemos ter algumas ideias novas em relação ao mecanismo da metáfora. Alguns linguistas apresentam algumas conclusões nesta ótica.

Gibson (1950, 1975), por exemplo, refere que tempo e espaço não são categorias perceptivas, mas “achados perceptivos”:

There is no such thing as depth perception, or the perception of distance, or the third dimension, or in fact of the perception of space. There is only the perception of textured surfaces and what I call the "layout" of these surfaces (Gibson, 1950, citado por Gibson, 1975, p. 295).

I now want to argue that the perception of time is a puzzle of the same sort that the perception of space has been - an insoluble one. There is no such thing as the perception of time, but only the perception of events and locomotions. These events and locomotions, moreover, do not occur in space but in the medium of an environment that is rigid and permanent. Abstract space is a sort of ghost of the surfaces of the world, and abstract time is a ghost of the events of the world.

Time and space are concepts, abstracted from the percepts of events and surfaces. They are not perceived, and they are not prerequisite to perceiving. They do not give meaning to percepts and they are not imposed by the mind on the deliverances of sense. Time and space are intellectual achievements, not perceptual categories (Gibson, 1975, pp.295-299).

Wallington (2012) analisa o processo de mapeamentos entre espaço e tempo a partir da inferência entre uma localização do objeto no espaço e uma localização do evento no tempo. Segundo

ele, não há mapeamento direto desde localizações espaciais para pontos temporais. Os eventos são, antes de mais, considerados como objetos físicos já que eventos e objetos parecem compartilhar muitas estruturas conceituais (Wallington, 2012, p.109). Depois, eles podem ser localizados metaforicamente em diferentes posições no espaço em relação ao Ego. Além disso, eles permitem inferir o grau em que o Ego pode interagir fisicamente, manipular ou visualizar esses objetos, i.e., objetos distantes são difíceis de manipular, objetos próximos ao Ego (o centro deíctico) são fáceis. No entanto, as diferentes localizações espaciais não são transformadas diretamente para pontos temporais (Wallington, 2012, p.84).

Physical objects exist in physical space and may be movable. They can potentially be seen and/or manipulated by Ego. The location of Ego is assumed to correspond to 'now'. Then, the most direct way in which the events can be manipulated is if they are actually co-located with Ego at 'now' rather than some distance away. If they are approaching Ego, then there is a high degree of likelihood that they will at some point be manipulated by Ego, but certain knowledge of the event/object cannot be known until the object is co-located with Ego at 'now' (Wallington, 2012, p.109).

Wallington (2012, p.110) conclui que o espaço não é mapeado de maneira direta para o tempo. Em vez disso, a metáfora cria-se com base nos conhecimentos do senso comum sobre a capacidade do movimento no espaço interagir com os objetos nele contidos e assim inferir o conhecimento do Ego em relação aos eventos (cognitivamente) reificados. Muller (2007, p.285) também refere que objetos e eventos são considerados equivalentes num domínio comum de entidades. Tudo o que tem dimensão espacial tem simultaneamente extensão temporal.

Portanto, consideramos que quer seja o espaço, quer seja o movimento, ambos não são mapeados imediatamente para o domínio do tempo. Embora os fenómenos linguísticos e culturais façam parte importante da cognição e resultem, assim, numa diversificação da metáfora, eles não contribuem imediatamente para a sua criação. A construção da metáfora tem de ser um processo cognitivo universal, uma vez que a maneira como o cérebro trabalha não faz diferença entre os seres humanos. Por exemplo, o futuro pode ser na frente, de cima, para a direita ou estar na direção “cimo do monte” (*uphill*) ou “a jusante do regato” (*downstream*) devido a particularidades culturais, mas a ideia de que *o futuro está a situar-se em alguma localização* (ao nosso redor) ou *na direção de algum ponto de referência* é universal. O futuro deve ser, antes de mais, um objeto, pelo menos algum

percebido pelos órgãos sensoriais (neste sentido o mais acentuado é o órgão visual), uma vez que um pensamento não pode ser localizado no espaço.

Sendo assim, um primeiro passo para a metáfora temporal é a materialização. Neste processo cognitivo, o tempo ganha atributos do objeto: particularidades físicas (forma, peso, dimensão, quantidade, etc.) e estados físicos (estático ou dinâmico). Com base nisto, começam a ocorrer os mapeamentos para a construção dos esquemas imagéticos referentes ao respetivo domínio (do tempo). Por último, são preservadas algumas vertentes dessa construção imagética mediante a sua lógica interna aplicável ao domínio tempo.

Pode comprovar-se este processo de criação das metáforas temporais através dos resultados do nosso estudo. Em primeiro lugar, o tempo é materializado, tanto em português quanto em mandarim, como objeto. A comparação interlinguística leva a constatar que existem em ambas as línguas tanto o esquema imagético CONTENTOR quanto o esquema imagético ORIGEM-TRAJETO-META nas descrições espaciais. Temos três metáforas primárias sobre o tempo que estão relacionadas com os esquemas imagéticos fundamentais: o tempo como um CONTENTOR, o tempo como um TRAJETO e o tempo como um OBJETO EM MOVIMENTO. Todos estes esquemas existem em ambas as línguas e tratam o tempo como um algo concretizado. Além disso, tanto em português como em mandarim, a diferença de metáforas espaço-temporais em esquemas de CONTENTOR é menor do que as metáforas no esquema ORIGEM-TRAJETO-META (vejam-se as secções de 4.1.2., 4.2.2. e 4.2.3.), porque a metáfora do CONTENTOR está cognitivamente mais próxima da metáfora ontológica. As metáforas ontológicas são baseadas na percepção de objetos concretizados que possuem muitas características equivalentes em diferentes domínios. Metáforas de TRAJETO, por sua vez, tendem a metáforas estruturais que, em sentido geral, nos seus mapeamentos mostrarão mais diversificações.

A partir da interação entre o corpo e o mundo, mediante os órgãos sensoriais, e os mecanismos perceptivos, obtemos informações sobre as propriedades dos objetos espaciais. Em seguida, são preservadas as informações mais relevantes dos objetos. Por exemplo, (mas não limitado a) destacamos as seguintes categorias:

- a) Exclusivo: após o objeto A ocupar o espaço, o objeto B não pode mais ocupar aquele espaço
- b) Mensurável: o volume de um objeto, a altura de uma casa, a área de um quintal, etc.
- c) Extensível: estrada, rio, etc.
- d) Móvel: água corrente, vento, chuva, etc.

e) Divisível: espaço dividido por funções diferentes, terra com fronteiras, etc.

f) Funcionando como CONTENTOR: tigela, copo, etc.

Com o tempo, são dadas as propriedades de um objeto às propriedades do espaço em que o objeto reside. Desta forma, acontece a materialização do espaço. Em línguas diferentes, o processo e a ênfase da materialização do espaço talvez sejam diferentes. Mas as componentes do objeto e relações entre elas formam vários esquemas imagéticos que demonstram possuir uma alta consistência. Além disso, por meio da comparação entre o português e o mandarim, pode-se confirmar que, cognitivamente, o tempo, nas duas línguas, adquiriu os mesmos atributos de objeto referidos atrás em a) -f). Se o espaço permite a existência dos objetos, também o movimento o permite. Para o tempo, os atributos mais importantes também são conter objetos-ações e possibilitar movimentos. O primeiro permite que os eventos ocorram, enquanto o segundo contribui para que os eventos tenham uma duração e continuidade.

As evidências linguísticas que confirmam a existência de características espaciais no domínio do tempo verificam-se em ambas as línguas. Por um lado, as expressões temporais são semanticamente muito similares às espaciais e, por outro, raramente existem palavras que sejam usadas apenas no domínio temporal. Mesmo que haja algumas, geralmente têm etimologias espaciais.

As pessoas podem perceber o espaço por meio de sua interação com o mundo. Pelas diferenças existentes entre as línguas, as expressões em línguas diferentes podem apresentar algumas divergências. Ambas as línguas têm suas próprias expressões espaciais únicas que são mapeadas para o domínio do tempo para formar metáforas temporais. Também, em ambas as línguas, não existem metáforas temporais que não têm nada ver com o espaço ou o movimento. O que significa que apresentar o tempo numa língua depende (quase) totalmente do espaço.

Em português, para referir um tempo do passado, dizemos *há dois anos*. Este mapeamento ocorre com base na cognição da existência do objeto no espaço. Assim, *há dois anos* indica um tempo já acontecido e existente nalgum sítio em relação ao momento da enunciação. No mandarim, temos também o mapeamento desde o domínio espacial para o temporal. No entanto, costuma-se utilizar o verbo *ter* para ilustrar a existência de algum objeto no espaço. Por exemplo, *ao lado do supermercado, tem o hospital*. No domínio temporal, a fim de indicar o passado, também se aproveita o verbo *ter*. *ele está nesta cidade tem dois anos*.

Como atrás vimos, no caso do mandarim, os substantivos de partes do corpo humano facilmente tendem a tornar-se termos espaciais. Por exemplo, podemos encontrar um grande número de expressões como: 山脚 (shān jiǎo, pé da montanha), 山头 (shān tóu, cabeça da montanha, pico), 山脊 (shān jǐ, espinha da montanha, cordilheira), 山腰 (shān yāo, cintura da montanha, ao meio de montanha). Algumas destas expressões têm também usos metafóricos por serem mapeadas para o domínio temporal, tais como, 眼前 (yǎn qián, em frente dos olhos, *agora*), 面前 (miàn qián, em frente da cara, *agora*), etc. Esses termos existem no domínio espacial e no domínio temporal no mandarim, mas não no português.

Então, confirma-se que, pela perspectiva linguística, a expressão espacial e a temporal têm muita intermutabilidade ao nível lexical. É impossível para uma expressão exclusiva no domínio espacial de uma língua encontrar uma correspondente no domínio temporal de outra língua. Isso mostra que a cognição espacial está intimamente relacionada com a cognição temporal. Segundo os resultados do nosso estudo, há uma espécie de relação paralela, simultânea e dependente. Ou seja, a cognição no domínio temporal depende do domínio espacial, mas também existe independentemente desta.

Voltamos à questão de criação das metáforas. Após a materialização, acontecem outros mapeamentos. Se for uma metáfora concetual, mais conexões serão estabelecidas para formar um mapeamento sistemático. Este processo é internalizado no sentido de que os mapeamentos vão ser adicionados e atualizados com base no crescimento da experiência. Há também diversidade nos mapeamentos de acordo com a cultura de diferentes grupos linguísticos. Tendo como exemplo, devido à conceção da unidade de tempo e espaço na China antiga e outras causas culturais e linguísticas que resumimos no nosso estudo, o *tempo* em mandarim possui um maior grau de materialização, ou seja, possui mais atributos de objetos em relação ao *tempo* em português. As provas que confirmam esta conclusão podem ser entendidas através de três aspetos: a) a *duração* (a quantidade temporal) em mandarim é concretizada metaforicamente com mais adjetivos espaciais, quer no sentido de dimensão (unidimensional, bidimensional ou tridimensional) quer no sentido da orientação; b) o *movimento* do tempo em mandarim é apresentado de maneira metafórica com mais abundantes modos e direções de movimento; c) em mandarim o tempo subjetivo (a vida de cada pessoa) é linear e o tempo absoluto (o tempo histórico de toda a humanidade) é circular, ao passo que em português ambos os tipos de tempo são metaforizados como uma linha. A materialização diversificada contribui para a diversificação da metáfora temporal, uma vez que as características dos objetos são enormemente variáveis. No

entanto, a humanidade tem uma experiência comum na vida quotidiana. Sendo assim, em ambas as línguas, o tempo é metaforizado como um objeto que fica cada vez maior no caso a), um objeto movido com certa direção (normalmente é horizontal) e velocidade imutável no caso b) e um objeto movido com certo percurso continuativo (linear ou círculo) no caso c).

Na última etapa, alguma parte do mapeamento é preservada de acordo com a atividade cognitiva inicial do domínio-alvo. A estrutura cognitiva do domínio temporal funciona como uma restrição na aplicação de cada vocábulo espacial no domínio temporal. Ao comparar as duas línguas, verifica-se que essa restrição também é consistente. Ou seja, antes que esses esquemas espaciais sejam aplicados ao domínio do tempo, já existe uma estrutura cognitiva original nesse domínio. Isto é, antes que ocorra a metáfora espaço-temporal, o tempo obtém algumas características preliminares pela sua materialização.

Também é preciso ressaltar que a materialização por si só não é suficiente para a ocorrência das metáforas do tempo. Porque a materialização dá ao tempo uma estrutura cognitiva muito desorganizada e assistemática. Por outras palavras, pode haver muitos "objetos" que têm ao mesmo tempo as propriedades assinaladas atrás em (a)-(f). Então, porque o definimos como "tempo"? Argumentamos que existe um domínio associativo para que o mapeamento ocorra. Este domínio associativo é o domínio cognitivo que envolve características semelhantes, lógica idêntica ou experiência comum entre o domínio-fonte e o domínio-alvo. A função do domínio associado é fazer corresponder exatamente o domínio-fonte ao domínio-alvo. Por exemplo, certas atividades cognitivas no domínio do tempo envolvem ao mesmo tempo espaço e movimento, em vez de um simples mapeamento de tempo-espaço ou tempo-movimento. Assim, quando o mapeamento ocorre entre o tempo e o espaço, o movimento é o domínio associado aos dois. Quando o tempo e o movimento são mapeados, o espaço torna-se o domínio a eles associado. Assim como é referido por Ramscar (2009), A percepção do espaço estático não está diretamente relacionada com a compreensão do tempo, a menos que seja através do movimento.

A percepção do tempo é baseada em dois tipos de movimento: o movimento do tempo e o movimento de Ego no tempo. O esquema imagético CONTENTOR e o esquema imagético ORIGEM-TRAJETO-META também são formados pela interação contínua entre o corpo humano e o mundo. Muitos conceitos espaciais são gerados pelo movimento de objetos. Os movimentos de objetos movidos são sempre mais facilmente percebidos do que os próprios objetos.

5.2.2. Metáforas temporais são baseadas na semelhança ou criam a semelhança entre espaço-tempo?

Em relação à questão de se as metáforas temporais são baseadas na semelhança ou criam semelhança, a nossa resposta é: a metáfora espaço-temporal é o segundo dos três tipos classificados por Indurkha (1992), i.e., baseia-se inicialmente na semelhança e produz depois os mapeamentos para transportar mais semelhanças desde o domínio-fonte (o espaço ou o movimento) para o domínio-alvo (o tempo).

A formação da metáfora temporal é dividida em duas etapas: a primeira etapa acontece depois de o tempo ser materializado, o domínio do tempo adquire uma estrutura cognitiva primária. Depois disso, aperfeiçoa sua própria estrutura com base nas características recebidas dos domínios-fonte (o espaço ou o movimento). A primeira etapa é baseada principalmente na experiência corporificada (interação com o mundo e observação do mundo com base no corpo, etc.). Dado que existe universalidade da estrutura fisiológica dos seres humanos, esta etapa faz com que a estrutura cognitiva original do domínio temporal em diferentes línguas (ou diferentes culturas) seja basicamente semelhante.

A segunda etapa é baseada na semelhança. A semelhança aqui ainda é formada por algumas características do domínio-fonte, só que o processo de transporte é diferente. Numa materialização, são transmitidas particularidades de objeto para o domínio do tempo, para que o domínio temporal possa obter uma estrutura cognitiva primária. A segunda etapa da metáfora, por sua vez, deve ocorrer na estrutura cognitiva do próprio domínio do tempo existente. Ao invés de criar semelhanças entre o domínio-fonte e o domínio-alvo para construir mais mapeamentos, é melhor dizer que depois da ocorrência dos mapeamentos com base nas semelhanças preexistentes, os dois domínios (espaço e tempo) têm um grau maior de semelhança possibilitando a construção da metáfora TEMPO É ESPAÇO.

5.3. Conclusão final

A temática escolhida é complexa porque envolve processos cognitivos muito básicos, mas fundamentais da cognição humana: a representação de uma categoria muito abstrata como o tempo. O tempo próprio é um conceito composto no sentido de que pode ser entendido e definido de maneiras variáveis.

Ao servirmo-nos de duas línguas baseadas em culturas bastante diferentes quisemos mostrar como o processo metafórico apresenta aspetos comuns e aspetos diferentes. Aspetos comuns, porque se baseia nos mecanismos cognitivos, comuns a todos os seres humanos com capacidades mentais e cognitivas idênticas; tais como o uso de *frente/trás* nas metáforas temporais porque são direções mais aplicáveis na vida quotidiana, o uso dos verbos que representam ações de mãos (*levar, tirar*, etc.) para metaforizar o gasto do tempo e o uso dos verbos de deslocamento (*vir/ir, passar, chegar*) para metaforizar o movimento do tempo porque são experiências intimamente corporificadas; aspetos diferentes porque o processo metafórico envolve também a dimensão cultural, vivencial, “ideológica” e religiosa da língua. Também verificamos que a diferença linguística, no sentido semântico e de formas de apresentar o tempo verbal, contribuem para os aspetos diferentes de metáfora temporal entre o português e o mandarim.

Entre estas duas línguas, as maiores diferenças na metaforização do espaço-tempo que se podem referir começam com a de que no português o tempo é menos materializado do que no mandarim. As provas que ilustram essa conclusão são: a) em relação ao mandarim, no português há menos usos (tanto na direção vertical (*cima/baixo*), quanto na direção horizontal) dos conceitos espaciais para metaforizar a sequência dos eventos e a relação posicional entre Ego e o evento no domínio temporal; b) em relação ao mandarim, no português encontram-se menos usos dos verbos de movimento ou de modo de mover que descrevem a passagem do tempo com as características de rapidez, impercebível, repetível, etc. Sendo assim, podemos concluir que *o tempo chinês* é um objeto muito flexível que se desloca tanto no sentido de percurso quanto no modo de movimento, ao passo que *o tempo português* é algo que se move com percurso e modo relativamente fixos.

Este trabalho não esgota o estudo da construção da metaforização do tempo pelo espaço e pelo movimento, nem em português nem em mandarim. Ele apenas pretende contrapor alguns aspetos do funcionamento das duas línguas neste aspeto.

Cada um dos pontos que se abordaram poderia ser desenvolvido muito mais exaustivamente, com mais exemplos, com um corpus recolhido e mais sistematizado, mais organizado e explorando aspetos mais particulares e mais concretos das duas línguas.

Quisemos apenas contrapor as estruturas linguísticas mais fundamentais do português e mandarim que permitissem, por um lado, perceber a realidade das verbalizações das metáforas

espaciais e temporais nas duas línguas e por outro que possibilitassem entrever e perceber melhor o funcionamento do processo metafórico.

Este trabalho deve ser encarado apenas como um primeiro passo para perceber as relações entre espaço e tempo no contraste linguístico português-mandarim e poder ser ponto de partida para outras análises que possibilitem uma melhor compreensão das duas línguas, aspeto importante não apenas para investigadores, mas igualmente para aspetos didáticos.

REFERÊNCIAS

- Adams, M. M., & Ockham, W. Akhundov, Murad D. (1986). *Conceptions of Space and Time: Sources, Evolution, Directions*. Translated by Charles Rougle. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- Adamson, T. (2007). Cognition and Conflation: Addressing a paradox in cognitive linguistics. *Cognitive Semiotics*, 1(s1), 87-101. <https://doi.org/10.1515/cogsem.2007.1.fall2007.87>
- Aho, A. K. (2005). The Missing Dialogue between Heidegger and Merleau-Ponty: On the Importance of the Zollikon Seminars. *Body & Society*, 11(2), 1–23. <https://doi.org/10.1177/1357034X05052459>
- Ahrens, K., & Hsiao, Y. (2002). When love is not digested: Underlying reasons for source to target domain pairing in the contemporary theory of metaphor. Taipei, Taiwan: Cheng-Chi University.
- Ahrens, K., & Huang, C. R. (2002). Time passing is motion. *Language and linguistics*, 3(3), 491-519.
- Alessandroni, N., & Rodríguez, C. (2017). Is Container a Natural and Embodied Image Schema? A Developmental, Pragmatic, and Cultural Proposal. *Human Development*, 60(4), 144–178. <https://www.jstor.org/stable/26765168>
- Alvaro, P. T. (2008). *Escalarização E Mesclagem Na Polissemia Do Até: Um Estudo Das Relações Lingüístico-Cognitivas Do Uso Dos Operadores Escalares* (Tese de doutoramento). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Amaral, L. L. (2011). Os verbos de modo de movimento do português brasileiro. *Revele: Revista Virtual dos Estudantes de Letras*, 3, 76-95.
- Alverson, H. (1994). *Semantics and experience: Universal metaphors of time in English, Mandarin, Hindi, and Sesotho*. Johns Hopkins University Press.
- Anderson, M.L. (2005). How to study the mind: an introduction to embodied cognition. In F. Santoianni and C. Sabatano (Eds.), *Brain Development in Learning Environments: Embodied and Perceptual Advancements* (pp.65-82), Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing.
- Arterberry, M. E., & Bornstein, M. H. (2001). Three-Month-Old Infants' Categorization of Animals and Vehicles Based on Static and Dynamic Attributes. *Journal of Experimental Child Psychology*, 80(4). <https://doi.org/10.1006/jecp.2001.2637>
- Barbara, L., & Jackendoff, R. (1993). “What” and “where” in spatial language and spatial cognition. *Behavioral and brain sciences*, 16(2), 217-265. <https://doi.org/10.1017/S0140525X00029733>

- Batoréo, H. J. (2000). *Expressão do espaço em português europeu contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Lisboa: FCT/Fundação Calouste Gulbenkian.
- Beller, K. (1995). The Anthropocentricity of the English Word(s) Back. *Cognitive Linguistics*, 6(1), 11–31.
- Beller, S., Bohlen, J., Hüther, L., & Bender, A. (2016). Perspective taking in referring to objects behind versus in front of an observer: Frames of reference, intraindividual consistency, and response latencies. *Quarterly Journal of Experimental Psychology*, 69(7), 1384-1408.
- Beller, S., & Bender, A. (2017). How relative is the relative frame of reference? *Front and back* in Norwegian, Farsi, German, and Japanese. In G. Gunzelmann, A. Howes, T. Tenbrink, & E. J. Davelaar (Eds.), *Proceedings of the 39th Annual Conference of the Cognitive Science Society* (pp. 118-123). Austin, TX: Cognitive Science Society.
- Bender, A., Beller, S., & Bennardo, G. (2010). Temporal frames of reference: Conceptual analysis and empirical evidence from German, English, Mandarin Chinese and Tongan. *Journal of Cognition and Culture*, 10(3-4), 283-307.
- Bender, A., & Beller, S. (2014). Mapping spatial frames of reference onto time: A review of theoretical accounts and empirical findings. *Cognition*, 132(3), 342-382.
- Bergen, B.K. & Lau, T.T.C. (2012). Writing direction affects how people map space onto time. *Frontiers in psychology*, 3, 109.
- Bermúdez, J. L., Eilan, N., & Marcel, A. (1998). *The Body and the Self*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- Biederman, I. (1987). Recognition-by-components: A theory of human image understanding. *Psychological Review*, 94, 115–147.
- Bierwisch, M. (1967). Some semantic universals of German adjectivals. *Foundations of language*, 3, 1-36.
- Bilsky, M. (1952). IA Richards' theory of metaphor. *Modern Philology*, 50(2), 130-137.
- Black, M. (1955, May). XII.—Metaphor. In *Proceedings of the Aristotelian Society* (Vol. 55, No. 1, pp. 273-294). Oxford, UK: Oxford University Press.
- Black, M. (1962). *Models and Metaphors: Studies in Language and Philosophy*. Ithaca, NY: Cornell University Press.
- Black, M. (1979/1993). More about metaphor. In A. Ortony (Ed.), *Metaphor and thought* (pp. 19–43). New York: Cambridge University Press.

- Blanco, A.D. (2007). O semanticismo prototípico da preposição DE (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Bonato, M., Zorzi, M., & Umiltà, C. (2012). When time is space: Evidence for a mental timeline. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 36(10), 2257-2273.
- Boroditsky, L., (2000). Metaphoric structuring: Understanding time through spatial metaphors. *Cognition*, 75(1), pp.1-28.
- Boroditsky, L., & Gaby, A. (2010). Remembrances of times East: absolute spatial representations of time in an Australian aboriginal community. *Psychological science*, 21(11), 1635-1639.
- Botne, R., & Kershner, T. L. (2008). Tense and cognitive space: On the organization of tense/aspect systems in Bantu languages and beyond. *Cognitive Linguistics*, 19(2). 145–218.
- Bottini, R., Crepaldi, D., Casasanto, D., Crollen, V., & Collignon, O. (2015). Space and time in the sighted and blind. *Cognition*, 141, 67-72.
- Bowerman, M. (1980). The structure and origin of semantic categories in the language-learning child. In M. L. Foster & S. H. Brandes (Eds.), *Symbol as sense: new approaches to the analysis of meaning* (pp.277–299). New York: Academic Press.
- Bowerman, M. (1994). Learning a semantic system: What role do cognitive predispositions play? [Reprint]. In P. Bloom (Eds.), *Language acquisition: Core readings* (pp. 329-363). Cambridge, Mass: MIT Press.
- Bowerman, M. (1996). Learning how to structure space for language: A crosslinguistic perspective. In P. Bloom, M. A. Peterson, L. Nadel, Me. F. Garrett (Eds.), *Language and Space* (pp. 385-436). Cambridge, Mass: MIT Press.
- Bowerman, M., & Choi, S. (2001). Shaping meanings for language: Universal and language-specific in the acquisition of spatial semantic categories. *Language acquisition and conceptual development*, 3, 475-511.
- Brown, P., & Levinson, S. C. (1993). " Uphill" and" downhill" in Tzeltal. *Journal of Linguistic Anthropology*, 3(1), 46-74.
- Brown, P. (2012). Time and space in Tzeltal: Is the future uphill? *Frontiers in Psychology*, 3, 212.
- Brugman, C. (1990). What Is the Invariance Hypothesis? *Cognitive Linguistics*, 1-2, 257–266.
- Bylund, E., & Konke, L. A. (2015). Las metáforas espacio-temporales y la percepción del tiempo: un estudio comparativo sobre el español y el sueco. In G. Engwall& L. Fant (Eds.). *Festival*

Romanistica. Contribuciones lingüísticas-Contributions linguistiques-Contributi linguistici-Contribuições lingüísticas (pp. 113-130). Estocolmo: Stockholm University Press.

Cappelle, B., & Declerck, R. (2005). Spatial and temporal boundedness in English motion events. *Journal of Pragmatics*, 37(6), 889-917.

Carman, T. (1999). The body in Husserl and Merleau-Ponty. *Philosophical topics*, 27(2), 205-226.

Carver, L. J., & Bauer, P. J. (1999). When the event is more than the sum of its parts: nine-month-olds' long-term ordered recall. *Memory*, 7, 147-174.

Casad, E. H. (1993). 'Locations' 'paths and the Cora verb. In: R. A. Geiger, Rudzka-Ostyn, Brigidyda (Eds.), *Conceptualizations and Mental Processing in Language* (pp. 593-645). Berlin, New York: Mouton de Gruyter.

Casasanto, D. *et al.* (2004) How deep are effects of language on thought? Time estimation in speakers of English, Indonesian, Greek, and Spanish. *Proceedings of the 26th Annual Conference of the Cognitive Science Society*, 26(26), pp. 186-191.

Casasanto, D., & Boroditsky, L. (2008). Time in the Mind: Using space to think about time. *Cognition*, 106, 579-593.

Casasanto, D., & Bottini, R. (2014). Mirror-reading can reverse the flow of time. *Journal of Experimental Psychology: General*, 143(2), 473-479.

Casasanto, D., & Jasmin, K. (2012). The Hands of Time: Temporal gestures in English speakers. *Cognitive Linguistics*, 23(4), 643-674. <https://doi.org/10.1515/cog-2012-0020>

Caselli, T. (2009). *Time, events and temporal relations: an empirical model for temporal processing of Italian texts* (Doctoral dissertation). Università di Pisa, Pisa.

Cesa, N. N. B. (2013). A preposição até como elemento integrador de eventos: uma abordagem cognitiva (Dissertação de mestrado). Universidade de Santa Catarina, Santa Catarina.

Chen, Z. (2021). 汉英时空方向认知对比研究 (A Contrastive Study on the Cognition of Spatio-temporal Orientation between Chinese and English). Peking: Peking University Press.

Chen Y., & Li, Z.P. (2016). 从认知角度看空间维度词“宽”的语义演变 (The semantic evolution of the spatial dimension word "kuan" from the perspective of cognition). *language studies*, (7), 115-117.

Chesterman, A. (1998). *Contrastive functional analysis*. Amsterdam: John Benjamins.

- Choi, S., McDonough, L., Bowerman, M., & Mandler, J. M. (1999). Early sensitivity to language-specific spatial categories in English and Korean. *Cognitive Development*, 14(2), 241-268.
- Chu, D. (2023). “弹指一挥间”是多久 (Quanto tempo dura "num piscar de olhos"). *百科知识* (Conhecimento da enciclopédia), 16, 67-68.
- Cienki, A. (1997). Some Properties and Groupings of Image Schemas. In M. Verspoor, K. D. Lee & E. Sweetser (Eds.), *Lexical and Syntactical Constructions and the Construction of Meaning* (pp. 3-15). Amsterdam: John Benjamins.
- Cienki, A. (2005). Metaphor in the ‘strict father’ and ‘nurturant parent’ cognitive models: theoretical issues raised in an empirical study. *Cognitive Linguistics*, 16(2), 279-312.
- Cifuentes Honrubia, J. L. (2007). Verbos deícticos en español. In S. Rîpeanu, A. Cuniță, C. Lupu y L. Tasmowski (Eds.), *Studii de Lingvistică și Filologie Romanică: Hommages offerts à Sandra Reinheimer Rîpeanu. Bucarest* (pp. 99-112), Bucarest: Universidad de Bucarest.
- Clark, A. (1998). Embodied, situated, and distributed cognition. In W. Bechtel & G. Graham (Eds.), *A companion to cognitive science* (pp. 506-517). Malden, MA: Blackwell.
- Clark, H. H. (1973). Space, time, semantics, and the child. In *Cognitive development and acquisition of language* (pp. 27-63). New York: Academic Press.
- Clark, H.H., & Clark, E. (1977). *Psychology and language: An introduction to psycholinguistics*. Harcourt Brace Jovanovich.
- Clark, H. H. & Clark, E. (1978). Universals, relativity, and language processing. *Universals of human language*, 1, 225-277.
- Clausner, T.C., & Croft, W. (1992). Productivity and schematicity in metaphors. *Cognitive Science*, 21(3), 247-282.
- Clausner, T.C., & Croft, W. (1999). Domains and image schemas. *Cognitive linguistics*, 10(1), 1–31.
- Comrie, B. (1985). *Tense*. Cambridge: Cambridge university press.
- Cook, K. W. (1996). The temporal use of Hawaiian directional particles. In M. Putz and R. Dirven (Eds.), *The Construal of Space in Language and Thought*. (pp. 455-466). Berlin: De Gruyter.
- Costa, M.L. (2014). Os valores semânticos das preposições *a*, *até* e *para* em Português Europeu. Trajetórias, fronteiras, telicidade e topologia (Tese de Doutorado). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

- Coulson, S., & Cánovas, C. P. (2009). Understanding timelines: Conceptual metaphor and conceptual integration. *Cognitive Semiotics*, 5(1-2), 198-219.
- Cox, M. V. (1981). Interpretation of the spatial prepositions 'in front of' and 'behind'. *International Journal of Behavioral Development*, 4(3), 359-368.
- Croft, W. (1993). The role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies. *Cognitive Linguistics*, 4, 335-370.
- Croft, W. (2001). *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press.
- Croft, W. (2003). The role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies. In R. Dirven, R. Pörings (Eds.), *Metaphor and metonymy in comparison and contrast* (pp. 161-206). Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Croft, W. (2009). Connecting frames and constructions: a case study of 'eat' and 'feed'. *Constructions and Frames*, 1(1), 7-28.
- Croft, W., & Cruse, D. A. (2004). *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Cunha, C., & Cintra, L. (2002). *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (7ª ed.). Lisboa: Edições Sá da Costa.
- Dahl, Ø. (1995). When the future comes from behind: Malagasy and other time concepts and some consequences for communication. *International Journal of Intercultural Relations*, 19(2), 197-209.
- da Mota Santos, P. P. F. (2007). *Epistemologia cognitiva para o uso de preposições: o caso da preposição de* (Tese de Doutorado). UFMG, Belo Horizonte.
- de Araújo Oliveira, A., & God, P. I. V. G. (2018). Validade empírica das redes de polissemia para o significado preposicional. *Revista de Estudos da Linguagem*, 26(1), 11-44.
- de Hevia, M. D., & Spelke, E. S. (2010). Number-space mapping in human infants. *Psychological Science*, 21(5), 653-660.
- Deng, F. (2006). 方位结构“中里内”比较研究(A comparative study on the azimuth structure "Zhong" "li" "nei") (Dissertação de mestrado). Jinan University, Guangzhou.
- Dewell, R. B. (2005). Dynamic patterns of CONTAINMENT. In B. Hampe (Ed.), *From perception to meaning: image schemas in cognitive linguistics* (pp. 369-394). Berlin: Mouton de Gruyter.

- Dewell, R. B. (2007). Why Monday comes before Tuesday: the role of a non-deictic conceptualiser. *Southern African Linguistics and Applied Language Studies*, 25(3), 291-301.
- Dewey, J. (1908) The practical character of reality. In: J. McDermott (Ed.), *The philosophy of John Dewey* (pp.207-222). Chicago: University of Chicago Press.
- Dove, G. (2011). On the need for embodied and dis-embodied cognition. *Frontiers in Psychology*, 1, 242. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2010.00242>
- Dodge, E., & Lakoff, G. (2005). Image schemas: From linguistic analysis to neural grounding. In B. Hampe (Ed.), *Perception to Meaning: Image Schemas in Cognitive Linguistics* (pp.57-91). Berlin: Mouton de Gruyter.
- Dong, X. (2015). 现代汉语位移动词语义分析—以“走”“跑”为例 (Semantic Analysis of Modern Chinese Position-Movement Words—Taking "Go" and "Run" as Examples). *Intelligence*, (16), 46-47.
- Duffy, S. E., Feist, M. I., McCarthy, S. (2014). Moving through time: The role of personality in three real-life contexts. *Cognitive science*, 38(8), 1662-1674.
- Ekberg, L. (2001). Transformations on the Path-schema and a minimal lexicon. *Studia Linguistica*, 55 (3), 301-323.
- Evans, G. (1982). *The Varieties of Reference*. Oxford: Clarendon Press.
- Evans, V. (2005). *The Structure of Time Language, meaning and temporal cognition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Evans, V. (2010). The perceptual basis of spatial representation. In V. Evans and P. Chilton (Eds.), *Language, cognition and space. The state of the art and new directions* (pp.21-48). London/Oakville: Equinox.
- Evans, V. (2013). *Language and time: A cognitive linguistics approach*. Cambridge University Press.
- Evans, V., & Chilton, P. (2007). *Language, cognition and space*. London: Equinox Publishing.
- Evans, V., & Green, M. (2006). *Cognitive linguistics: An introduction*. Edinburgh, UK: Edinburgh University Press.
- Farenzena, D., & Dalpian, L. (2008). A preposição de: do latim ao português. *Disciplinarum Scientia/ Artes, Letras e Comunicação*, 9(1), 193-203.
- Fauconnier, G., & Turner, M. (2003). Conceptual blending, form and meaning. *Recherches en communication*, 19, 57-86.

- Ferreira, A. G. (1998). *Dicionário de Latim Português*. Portugal: Porto.
- Ferreira, E. P. (2011). Metáfora e gramaticalização: um estudo do verbo *chegar*. *Revista Veredas*, 15(2), 168-178.
- Fillmore, C. J. (1971). Verbs of judging: An exercise in semantic description. In C. J. Fillmore, D. T. Langendoen (Eds.), *Studies in linguistic semantics* (pp. 273-289). New York: Holt.
- Fillmore, C.J. 1982. Frame semantics. In Linguistic Society of Korea (Ed.), *Linguistics in the morning calm* (pp.111-138). Seoul: Hanshin.
- Fillmore, C.J. (1985). Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di semantica*, 6, 222-254.
- Fillmore, C.J. (1987). A private history of the concept 'frame'. In R. Dirven, G. Radden (Eds.), *Concepts of case* (pp.28-36). Tübingen, Germany: Gunter Narr Verlag.
- Fillmore, C. J., Beryl, T.S. Atkins. (1992). Toward a Frame-based Lexicon: The Semantics of RISK and its Neighbors. In: A. Lehrer, E. Kittay (Eds.), *Frames, Fields and Contrasts: New Essays in Semantic and Lexical Organization* (pp.75-102). Hillsdale: Erlbaum.
- Fleischman, S. (1989). Temporal distance: A basic linguistic metaphor. *Studies in Language. International Journal sponsored by the Foundation "Foundations of Language"*, 13(1), 1-50.
- Foglia, L., & Wilson, R. A. (2013). Embodied cognition. *Wiley Interdisciplinary Reviews: Cognitive Science*, 4(3), 319-325.
- Franklin, N., Henkel, L. A., & Zangas, T. (1995). Parsing surrounding space into regions. *Memory & Cognition*, 23, 397-407.
- Frishberg, N., & Gough, B. (1973). Time on Our Hands. 3rd California Linguistics Conference, Palo Alto, California.
- Fuhrman, O., & Boroditsky, L. (2010). Cross-cultural differences in mental representations of time: Evidence from an implicit nonlinguistic task. *Cognitive science*, 34(8), 1430-1451.
- Gallese, V. (2003). The manifold nature of interpersonal relations: The quest for a common mechanism. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London. Series B: Biological Sciences*, 358(1431), 517-528.
- Gallese, V., & Lakoff, G. (2005). The brain's concepts: the role of the sensory-motor system in conceptual knowledge. *Cognitive neuropsychology*, 22(3-4), 455-479.
- Galton, A. (2011). Time flies but space does not: Limits to the spatialisation of time. *Journal of pragmatics*, 43(3), 695-703.

- Gao, F. (2014). 现代汉语路径义空间介词研究(A study on Spatial Preposition of Path Construal in Modern Chinese) (Tese de doutoramento), University of Anhui, Hefei.
- Gao, N., & Niu, D. (2015). 物理温暖与人际温暖之间具身关联的重新检验 (A re-examination of the embodied relationship between physical and interpersonal warmth). *Psychological Research*, 8(4), 51-56.
- García, M. V. C. (2000). *El complemento locativo en español: los verbos de movimiento y su combinatoria sintáctico-semántica*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela.
- Gentner, D. (1983). Structure-mapping: A theoretical framework for analogy. *Cognitive science*, 7(2), 155-170.
- Gentner, D. (1986). Evidence for structure - mapping in analogy and metaphor (Tech. Rep. No. UIUCDCS-R-86-1316). Urbana, IL: University of Illinois.
- Gentner, D. (1988). Metaphor as structure mapping: The relational shift. *Child development*, 47-59.
- Gentner, D. (1989). The mechanisms of analogical learning. In: S. Vosniadou, A. Ortony (Eds.), *Similarity and analogical reasoning* (pp.199-241). Cambridge: Cambridge University Press.
- Gentner, D. (2001). Spatial metaphors in temporal reasoning. In: M. Gattis (Ed.) *Spatial Schemas in Abstract Thought* (pp.203-222). Cambridge, MA: MIT Press.
- Gentner, D., Bowdle, B., Wolff, P., & Boronat, C. (2001). Metaphor is like analogy. In D. Gentner, K. J. Holyoak and B. N. Kokinov (Eds.), *The analogical mind: Perspectives from cognitive science* (pp.199-253). Cambridge, MA, MIT Press.
- Gentner, D., & Clement, C. (1988). Evidence for relational selectivity in the interpretation of analogy and metaphor. In G. H. Bower (Ed.), *The psychology of learning and motivation* (Vol. 22, pp. 307-358). New York: Academic Press.
- Gentner, D., Imai, M. & L. Boroditsky (2002). As Time Goes By: Evidence for Two Systems in Processing Space Time Metaphors. *Language and Cognitive Processes*, 17 (5): 537-565.
- Gentner, D., & Kurtz, K. (2005). Relational categories. In W. K. Ahn, R. L. Goldstone, B. C. Love, A. B. Markman & P. W. Wolff (Eds.), *Categorization inside and outside the lab* (pp. 151-175). Washington, DC: APA.
- Gentner, D., & Landers, R. (1985). Analogical reminding: A good match is hard to find. In *Proceedings of the International Conference on Systems, Men, and Cybernetics* (pp. 607-613). Tucson, AZ.

- Gentner, D., & Toupin, C. (1986). Systematicity and surface similarity in the development of analogy. *Cognitive Science*, 10, 277-300.
- Gibbs, R.W. (1999). Taking metaphor out of our heads and putting it into the cultural world. In R. Gibbs, G. Steen (Eds.), *Metaphor in Cognitive Linguistics* (pp.145-166). Philadelphia/ Amsterdam: John Benjamins.
- Gibbs, R.W. (2006). *Embodiment and cognitive science*. New York: Cambridge University Press.
- Gibbs, R.W., Colston, H. (1995). The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations. *Cognitive Linguistics*, 6, 347-378.
- Gibbs, R. W., Lima, P. L. C., Francozo, E. (2004). Metaphor is grounded in embodied experience. *Journal of pragmatics*, 36(7), 1189-1210.
- Gibson, E. J. (1988). Exploratory behavior in the development of perceiving, acting, and the acquiring of knowledge. *Annual Review of Psychology*, 39, 1-41.
- Gibson, J.J. (1950). *The Perception of the Visual World*. Boston: Houghton Mifflin.
- Gibson, J. J. (1975). Events are perceivable but time is not. In *The Study of Time II: Proceedings of the Second Conference of the International Society for the Study of Time Lake Yamanaka-Japan* (pp. 295-301). Springer Berlin Heidelberg.
- Givón, T. (2001). *Syntax: An Introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing.
- Goatly, A. (1997). *The language of metaphors: An introduction*. London, UK: Routledge.
<http://dx.doi.org/10.4324/9780203210000>
- Goldstone, R. L. (1994). Influences of categorization on perceptual discrimination. *Journal of Experimental Psychology: General*, 123(2), 178.
- Gong, P.C. (2009). *文化符号学*(Cultural Semiotics). Shanghai: Shanghai People's Publishing.
- Grady, J.E. (1997). *Foundations of meaning: Primary metaphors and primary scenes* [Unpublished doctoral dissertation]. Berkeley: University of California.
- Grady, J. E. (1999) A typology of motivation for conceptual metaphor: Correlation vs. resemblance. In Steen, Gerard and Raymond W. Gibbs, Jr. (eds.), *Metaphor in Cognitive Linguistics* (pp.79-100). Amsterdam: John Benjamins.
- Grady, J. E. (2005). Image schemas and perception: refining a definition. In B. Hampe (Ed.), *From perception to meaning image schemas in cognitive linguistics* (pp. 35-56). Berlin: Mouton de Gruyter.

- Grigoroglou, M., Johanson, M., & Papafragou, A. (2019). Pragmatics and spatial language: The acquisition of front and back. *Developmental psychology*, 55(4), 729-744.
- Guan, P. (2015). A study on the semantic features of the directional complements “Xia lai (down)” and “Xia qu(down)” in modern Chinese. *Journal of Chinese Language and Literature*, 8, 19-21.
- Hampe, B., Grady, J.E., (2005). *From Perception to Meaning: Image Schemas in Cognitive Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Hartog, F. & Zhao, T.Y. (2023). 时间的概念：一个实验性的跨文化对话 (O conceito de tempo: um diálogo intercultural experimental). *SOCIAL SCIENCES DIGEST*, (1), 24-26.
- Harvey, D. C. (2010). The space for culture and cognition. *Poetics*, 38(2), 185-204.
- Haspelmath, M. (1997). *From space to time: temporal adverbials in the world's languages*. Munich: Lincom Europa.
- Haun, D. B. M., Rapold, C. J., Janzen, G., & Levinson, S. C. (2011). Plasticity of human spatial cognition: Spatial language and cognition covary across cultures. *Cognition*, 119, 70-80.
- Hayward, W. G., & Tarr, M. J. (1995). Spatial language and spatial representation. *Cognition*, 55(1), 39-84.
- Harvey, D. C. (2010). The space for culture and cognition. *Poetics*, 38(2), 185-204.
- Heidegger, M. (1927/1962) *Being and Time*, trans. J. Macquarrie and E. Robinson. Oxford: Blackwell.
- Heidegger, M. (1927/1982). *The basic problems of phenomenology*. Trans. Albert Hofstadter. Bloomington: Indiana University Press.
- Heidegger, M. (1987/2001). *Zollikon Seminars*. Trans. F. Mayr and R. Askay. Evanston: Northwestern University Press.
- Heine, A. E. F. P. (2019). Gramaticalização e relações semânticas dos itens De e Des/Desde nos séculos XIV, XVI e XVII (Tese de doutoramento). Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Heine, B., Ulrike C. & Friederike H. (1991). From cognition to grammar: Evidence from African languages. In E. Traugott & B. Heine (Eds.), *Approaches to grammaticalization*(pp.149-187). Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- Henkel, L.A., & Franklin, N. (1992, November). Dividing and remembering surrounding space. In 33rd *Annual Meeting of the Psychonomic Society*, St. Louis, MO.

- Hespos, S. J., & Baillargeon, R. (2001). Infants' knowledge about occlusion and containment events: A surprising discrepancy. *Psychological Science*, 12(2), 141-147.
- Hill, C. A. (1978, September). Linguistic representation of spatial and temporal orientation. In *Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society* (Vol. 4, pp. 524-538). <https://doi.org/10.3765/bls.v4i0.2202>
- Hong, T., He, X. Y., Tillman, R., Zhao, X. R., & Deng, Y. M. (2017). The Vertical and Horizontal Spatial-Temporal Conceptual Metaphor Representation of Chinese Temporal Words. *Psychology*, 8, 1679-1692.
- Huang, C., & Zürcher, E. (1995). *Time and space in Chinese culture*. Leiden, New York: Brill.
- Huang, M.Y. (2012). Vagueness in event times - An epistemic solution. In L. Filipović, & K. M. Jaszczołt (Eds.). *Space and Time in Languages and Cultures - Language, Culture, and Cognition* (pp.37-54). Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Huang, Y.H. (2011). 汉语趋向动词的多义研究 (Polysemy of Chinese directional verbs) (Doctoral dissertation). Hunan Normal University, Changsha.
- Huang, S.P. (2016). What is moving? A Special Case of Chinese Time Passing Is Motion, *Athens Journal of Philology*, 3(1), 39-60.
- Husserl, E. (1912/1980). *Ideas pertaining to a pure phenomenology and to a phenomenological philosophy, Third Book: Phenomenology and the foundations of the sciences*. Trans. T. E. Klein & W. E. Pohl. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff.
- Husserl, E. (1913/1989) *Ideas Pertaining to a Pure Phenomenology and to a Phenomenological Philosophy*. Second Book, Trans. R. Rojcewicz & A. Schuwer. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Husserl, E. (1921/2001). *Analyses Concerning Passive and Active Synthesis*. Trans. A.J. Steinbock. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Hutchins, E. (2005). Material anchors for conceptual blends. *Journal of pragmatics*, 37(10), 1555-1577.
- Huumo, T. (2018). Moving along paths in space and time. *Journal of linguistics*, 54(4), 721-751.
- Huumo, T. (2019). Why Monday is not in front of Tuesday: On the uses of English and Finnish front adpositions in sequence metaphors of time. *Linguistics*, 57(3), 607-652.

- Imai, M., Nakanishi, T., Miyashita, H., Kidachi, Y., & Ishizaki, S. (1999). The meanings of front/back/left/right. *Cognitive Studies: Bulletin of the Japanese Cognitive Science Society*, 6(2), 207-225.
- Indurkha, B. (1992). *Metaphor and Cognition: An Interactionist Approach*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Indurkha, B. (2006). Emergent representations, interaction theory and the cognitive force of metaphor. *New Ideas in Psychology*, 24(2), 133-162.
- Iwata, S. (1995). Invariance again: What is preserved in a metaphorical mapping? *English Linguistics*, 12, 173-196.
- Jackendoff, R.S. (1990). *Semantic structures*. Cambridge, MA: MIT press.
- Jackendoff, R.S. (1992). *Languages of the Mind*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Jiang, N.X. (2010). 现代汉语趋向动词“来”“去”的语义分析 (Semantic analysis of the directional verbs "come" and "go" in modern Chinese). *Journal of Lanzhou Institute of Education*, 26(1), 64-67.
- Jin, M.S. (2004). 空间形容词“深”的研究 (Research on the spatial adjective "deep"). (Doctoral Dissertation). Beijing Language and Culture University, Beijing.
- Johnson, C. (1999). Metaphor vs. conflation in the acquisition of polysemy: The case of *see*. In M. Hiraga, C. Sinha, & S. Wilcox (Eds.), *Cultural, psychological and typological issues in cognitive linguistics* (pp. 155–171). Amsterdam: John Benjamins.
- Johnson, M. (1983). Metaphorical reasoning. *The Southern Journal of Philosophy*, 21(3), 371-389.
- Johnson, M. (1987). *The Body in The Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, And Reason*. Chicago: Chicago University Press.
- Johnson, M. (1991). Knowing Through the Body. *Philosophical Psychology*, 4(1), 3-18.
- Kahn, E. (1975, September). Frame semantics for motion verbs with application to metaphor. In Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society (Vol. 1, pp. 246-256).
- Kay, P., & McDaniel, C. K. (1978). The linguistic significance of the meanings of basic colour terms. *Language*, 54(3), 610-646.
- Keil, F. C. (1986). Conceptual domains and the acquisition of metaphor. *Cognitive Development*, 1(1), 73-96.

- Kimmel, M. (2006). Culture regained: situated and compound image schemas. In: B. Hampe (Ed.), *From Perception to Meaning: Image Schemas in Cognitive Linguistics* (pp. 285–312). Berlin: Mouton de Gruyter.
- Kittay, E., & Lehrer, A. (1981). Semantic fields and the structure of metaphor. *Studies in Language. International Journal sponsored by the Foundation "Foundations of Language"*, 5(1), 31-63.
- Kluckhohn, F. R. & Strodtbeck, F. L. (1961). *Variations in value orientations*. Evanston, IL: Row, Peterson
- Kochańska, A. (2011). Temporal meanings of spatial prepositions in Polish: The case of przez and w. In M. Pütz, & R. Dirven, (Eds.), *The Construal of Space in Language and Thought* (pp. 491-508). Berlin: De Gruyter Mouton.
- Kövecses, Z. (2000). The scope of metaphor. In A. Barcelona (Ed.), *Metaphor and Metonymy at the Crossroads* (pp. 79–92). Berlin: Mouton de Gruyter.
- Kövecses, Z. (2020). Domains, Schemas, Frames, or Spaces? In Z. Kövecses (Ed.) *Extended Conceptual Metaphor Theory* (pp. 50-92). Cambridge: Cambridge University Press.
- Kranjec, A. (2006). Extending spatial frames of reference to temporal concepts. In R. Sun & N. Miyake (Eds.), *Proceedings of the 28th annual conference of the Cognitive Science Society* (pp. 447–452). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Kranjec, A., & Chatterjee, A. (2010). Are temporal concepts embodied? A challenge for cognitive neuroscience. *Frontiers in Psychology*, 1, 240. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2010.00240>
- Kranjec, A., Cardillo, E. R., Schmidt, G. L., Lehet, M., Chatterjee, A. (2012). Deconstructing events: the neural bases for space, time, and causality. *Journal of cognitive neuroscience*, 24(1), 1-16.
- Krzeszowski, T. P. (1991). Metaphor-metaphorization-cognition. *Biuletyn Polskiego Towarzystwa Językowego*, 43, 83-95.
- Kuang, M.M. (2015). 从“日月如梭”到“岁月如梭” (From "the sun and the moon fly by" to "the years fly by"). *Journal of Ningbo Institute of Education*, 17(3), 54-56.
- Kuczaj, S. A., & Maratsos, M. P. (1975). On the Acquisition of "Front, Back", and "Side". *Child development*, 46, 202-210.
- Lai, V. T., & Boroditsky, L. (2013). The immediate and chronic influence of spatio-temporal metaphors on the mental representations of time in English, Mandarin, and Mandarin-English speakers. *Frontiers in psychology*, 4, 142.

- Lakoff, G. (1987). *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press.
- Lakoff, G. (1987). The death of a dead metaphor. *Metaphor and Symbolic Activity*, 2(2), 143–147.
- Lakoff, G. (1990). The invariance hypothesis: Is abstract reason based on image-schemas? *Cognitive Linguistics*, 1, 39-74.
- Lakoff, G. (1993). *The contemporary theory of metaphor*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lakoff, G. (2009). The neural theory of metaphor. In: R. Gibbs (Ed.) *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought* (pp.17–38). Cambridge: Cambridge University press.
- Lakoff, G. (2012). Explaining embodied cognition results. *Topics in cognitive science*, 4(4), 773-785.
- Lakoff, G., & Johnson, M. (1980a). *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Lakoff, G., & Johnson, M. (1980b). The metaphorical structure of the human conceptual system. *Cognitive science*, 4(2), 195-208.
- Lakoff, G., & Johnson, M. (1980c). Conceptual metaphor in everyday language. *The journal of Philosophy*, 77(8), 453-486.
- Lakoff, G., & Johnson, M. (1999). *Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to Western thought*. New York, NY, US: Basic Books.
- Lakoff, G., & Turner, M. (1989) *More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Lan, C. (1999). 从认知角度看汉语的空间隐喻 (Chinese Spatial Metaphor in Cognitive Aspect). *Foreign Language Teaching and Research*, 4, 7-15.
- Lang, E. (1989). The semantics of dimensional designation of spatial objects. In M. Bierwisch & E. Lang (Eds.), *Dimensional adjectives: Grammatical structure and conceptual interpretation* (pp. 263 – 417). New York: Springer-Verlag.
- Langacker, R. W. (1986). An introduction to cognitive grammar. *Cognitive science*, 10(1), 1-40.
- Langacker, R. W. (1987). *Foundations of cognitive grammar: Volume I: Theoretical prerequisites* (Vol. 1). Stanford, CA: Stanford University Press.
- Langacker, R. W. (1990). *Concept, Image, and Symbol. The Cognitive Basis of Grammar*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter.

- Langacker, R.W. (1987/1991) *Foundations of Cognitive Grammar, Vol.II, Descriptive Application*. Stanford: Stanford University Press.
- Langacker, R. W. (2002). *Concept, image and symbol: The cognitive basis of grammar*. New York: Mouton de Gruyter.
- Le Poidevin, R. (1998). *Questions of time and tense*. Oxford: Oxford University Press.
- Le Poidevin, R. (2007). *The Images of Time: An Essay on Temporal Representation*. Oxford: Oxford University Press.
- Leezenberg, M., (2001). Aristotle on Metaphor, Comparison and Similarity. In: M. Leezenberg (Ed.). *Contexts of Metaphor* (pp. 31–42). Amsterdam, New York: Elsevier.
- Levin, S. R. (1977). *The Semantics of Metaphor*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Levin, S. R. (1982). Aristotle's theory of metaphor. *Philosophy & Rhetoric*, 15, 24-46.
- Levin, B., & Rappaport, M. (1992). The Lexical Semantics of Verbs of Motion: The Perspective from Unaccusativity. In: I. Roca (Ed.), *Thematic Structure: Its Role in Grammar* (pp.247-269). Berlin: Foris.
- Levinson, S. C. (1983). *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Levinson, S. C. (1992). Primer for the field investigation of spatial description and conception. *Pragmatics*, 2(1), 5-47.
- Levinson, S. C. (2003). *Space in language and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lewis, C. I. (1956). *Mind and the World Order*. New York: Dover Publications.
- Li, M. (2008). The unique values of Chinese traditional cultural time orientation: in comparison with Western cultural time orientation. *Intercultural Communication Studies*, 17(1), 64-70.
- Li, P. (1988). Acquisition of spatial reference in Chinese. *Language development*, In P. Jordens, J. Lalleman (eds.), *Language Development* (pp. 83–99). Foris: Dordrecht.
- Lin, J. W. (2006). Time in a language without tense: The case of Chinese. *Journal of semantics*, 23(1), 1-53.
- Liu X.C. (2001).论比喻的相似性(On the Similarity of Metaphors). *Rhetorical Learning*, (6), 13-14.
- Liu, Z. (1992). 汉语前后的时间指向及其不对称的原因(The Time Orientation *front* and *back* in Chinese and the Causes of Its Asymmetry). *Journal of PLA Foreign Language Institute*, 55(2). 62-67.

- Lu, Y.S. (2000). 现代汉语中的“延续体” ("Continuation" in modern Chinese). *Journal of Anhui Normal University: Humanities and Social Sciences*, 28(3), 430-435.
- Low, S. M. (2003). Embodied space (s) anthropological theories of body, space, and culture. *Space and culture*, 6(1), 9-18.
- Lopes, A. C. M., & Morais, F. (1999). 'Antes' e 'depois': elementos para uma análise semântica e pragmática. *Revista portuguesa de filologia*, (23), 183-243.
- Lyons, J. (1977). *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ma, J.B., & Xu. X.P. (2002). 时处介词“从”的产生及其发展(The origin and development of the preposition of tense and place "from"). *Journal of Wenzhou Normal University*, 23(5), 17-21.
- Ma, M. (2005). 隐喻相似性及其认知研究 (Metaphorical similarity and its cognitive research). *Journal of Northeastern University: Social Science Edition*, 7(5), 387-390.
- Mandler, J. M. (1992). How to build a baby: II. Conceptual primitives. *Psychological review*, 99(4), 587-604.
- Mandler, J. M. (2010). The spatial foundations of the conceptual system. *Language and cognition*, 2(1), 21-44.
- Mandler, J.M., & Cánovas, C.P. (2014). On defining image schemas. *Language and cognition*, 6(4), 510-532.
- Matias, C. (2014). Os usos espaciais das construções com preposições em português língua não-materna (Dissertação de Mestrado). Universidade Aberta. Disponível em <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/3319>
- Matlock, T., Ramscar, M., & Boroditsky, L. (2005). On the experiential link between spatial and temporal language. *Cognitive science*, 29(4), 655-664.
- Maurer, J.R. (1959). *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- McGlone, M. S., & Harding, J. L. (1998). Back (or forward?) to the future:The role of perspective in temporal language comprehension. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 24, 1211-1223. <http://dx.doi.org/10.1037/0278-7393.24.5.1211>
- McTaggart, J. (1908). The unreality of time. *Mind*, 17, 457-474.
- Medin, D. L., & Shoben, E. J. (1988). Context and structure, in conceptual combination. *Cognitive Psychology*, 20(2), 158-190.

- Mellado Blanco, C. (2011). La conceptualización del tiempo a través del espacio en la fraseología española y alemana. In C. Sinner, E. Tabares & E.T. Montoro (Eds.), *Tiempo, espacio y relaciones espacio-temporales en la fraseología y la paremiología españolas* (pp.34-49). Munich: Peniope.
- Merleau-Ponty, Maurice (1945/2012). *Phenomenology of Perception*, Trans. Donald A. Landes. London: Routledge & Kegan Paul.
- Mervis, C. B., & Rosch, E. (1981). Categorization of natural objects. *Annual review of psychology*, 32(1), 89-115.
- Miller, G. A., & Johnson-Laird, P. N. (1976). *Language and perception*. Cambridge, MA: Belknap Press.
- Móia, T. (2017). Aspetos da gramaticalização de ir como verbo auxiliar temporal. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 3, 213-239.
- Moore, K. E. (2000). *Spatial experience and temporal metaphors in Wolof: Point of view, conceptual mapping, and linguistic practice* (Unpublished doctoral dissertation). University of California, Berkeley.
- Moore, K. E. (2011). Frames and the experiential basis of the Moving Time metaphor. *Constructions and Frames*, 3(1), 80-103.
- Moore, K.E. (2014). *The spatial language of time metaphor, metonymy and frames of reference*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- Moore, K. E. (2016). Elaborating time in space: the structure and function of space–motion metaphors of time. *Language and Cognition*, 9(2), 191-253.
- Moura, H. M. (2002). Linguagem e cognição na interpretação de metáforas. *Revista veredas*, 6 (1), 153-161.
- Munn, N. (1996). Excluded spaces: The figure in the Australian Aboriginal landscape. *Critical Inquiry*, 22(3), 446-465.
- Muller, P. (2007). The temporal essence of spatial objects. In M. Aurnague, M. Hickmann, L. Vieu (Eds.). *The Categorization of Spatial Entities in Language and Cognition* (pp.285-306), Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Murphy, G. L. (1996). On metaphoric representation. *Cognition*, 60, 173–204.
[http://dx.doi.org/10.1016/0010-0277\(96\)00711-1](http://dx.doi.org/10.1016/0010-0277(96)00711-1)

- Narayanan, S. (1997). Talking the talk is like walking the walk: A computational model of verbal aspect. In: G. Shafto, P. Langley (Eds.), *Proceedings of the Nineteenth Annual Conference of the Cognitive Science Society* (pp.548-553). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Nardini, M., Burgess, N., Breckenridge, K., & Atkinson, J. (2006). Differential developmental trajectories for egocentric, environmental and intrinsic frames of reference in spatial memory. *Cognition*, 101(1), 153-172.
- Navarro-Ferrando, I., & Vandeloise, C. (2005). Image schemas vs. complex primitives in cross-cultural spatial cognition. In B. Hampe, & J. E. Grady (Eds.), *From perception to meaning: Image schemas in cognitive linguistics* (pp. 343-366). Berlin: Mouton de Gruyter.
- Nie, Y., & Chen, R. (2008). WATER metaphors and metonymies in Chinese: A semantic network. *Pragmatics & cognition*, 16(3), 492-516.
- Núñez, R. E., & Sweetser, E. (2006). With the future behind them: Convergent evidence from Aymara language and gesture in the crosslinguistic comparison of spatial construals of time. *Cognitive science*, 30(3), 401-450.
- Núñez, R.E., & Cornejo C. (2012). Facing the sunrise: cultural worldview underlying intrinsic-based encoding of absolute frames of reference in Aymara. *Cognitive Science*, 36(6). 965-991.
- Oakley, T. (2010). Image Schema. In D. Geeraerts, H. Cuyckens (Eds). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics* (pp.214-235.). Oxford: Oxford University Press.
- Oliveira, M. (2006) O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Oliveira, J., & Olinda, S. (2008). A Trajetória do Futuro Perifrástico na Língua Portuguesa: Séculos XVIII, XIX e XX. *Revista da ABRALIN*, 7(2), pp. 93-117.
- Özçalışkan, Ş. (2004). Typological variation in encoding the manner, path, and ground components of a metaphorical motion event. *Annual Review of Cognitive Linguistics*, 2(1), 73-102.
- Paillard, J. (1991). Motor and representational framing of space. In: J. Paillard (ed), *Brain and space* (pp.163-182). Oxford: Oxford University Press.
- Pandya, V. (1990). Movement and space: Andamanese cartography. *American Ethnologist*, 17(4), 775-797.
- Pederson, E., Danziger, E., Wilkins, D., Levinson, S., Kita, S., & Senft, G. (1998). Semantic typology and spatial conceptualization. *Language*, 74(3), 557-589.

- Peña, C. S. (1997). The role of the event structure metaphor and of image-schematic structure in metaphors for happiness and sadness. *Miscelánea. A Journal of English and American Studies*, 18, 253-266.
- Peña, C. S. (1998). Esquemas de imagen básicos y subsidiarios: análisis del esquema de CAMINO. In I. Vázquez, I. Guillén (Eds.), *Perspectivas pragmáticas en Lingüística aplicada* (pp.81-86). Zaragoza: ANUBAR Ediciones.
- Peña, C. S. (1999). Subsidiarity relationships between image schemas: an approach to the force schema. *Journal of English Studies*, (1), 187-207.
- Peña, C. S. (2000). *A cognitive approach to image-schematic component in the metaphorical expression of emotion in English* (Doctoral dissertation). University of La Rioja, Logroño.
- Penchev, V. (2015) "A Formal Model of Metaphor in Frame Semantics," in *Proceedings of the 41st Annual Convention of the Society for the Study of Artificial Intelligence and the Simulation of Behavior*. New York: Curran Associates, Inc. pp. 187-194.
- Peng, Z. (2012). 汉语时间隐喻的认知研究—以“前”,“后”为例 (A Cognitive Study of Chinese Time Metaphors—Taking "Front" and "Back" as Examples). *Journal of Shanxi Agricultural University: Social Science Edition*, 11(10), 1045-1051.
- Perry, J. (1993). *The problem of the essential indexical and other essays*. New York: Oxford University Press.
- Piaget, J., & Inhelder B., (1966/2000). *The Psychology of the Child*, Trans. Helen Weaver. Basic Books: New York.
- Pitt, B., & Casasanto, D. (2020). The correlations in experience principle: How culture shapes concepts of time and number. *Journal of Experimental Psychology: General*, 149(6), 1048–1070.
- Poggio, R. M. G. F. (2002). *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Bahia: Editor da Univ. Federal da Bahia.
- Pöppel, E. (1978). Time perception. In R. Held, H. W. Leibowitz, H.-L. Teuber (Eds.), *Handbook of Sensory Physiology* (pp. 713-729). Heidelberg: Springer.
- Pred, A. (1986). *Place, practice, and structure: Social and spatial transformation in Southern Sweden—1750-1850*. Cambridge: Polity Press.
- Qi, H.Y. (1996). 空间位移中主观参照“来/去”的语用含义 (The Pragmatic Meaning of the Subjective Reference "come/go" in Spatial Displacement.). *World Chinese Teaching*, (4), 56-65.

- Qi, X.J. (2011). “复旦大学前一站”为什么会产生歧义(Why is there ambiguity in "one stop before Fudan University")? *Mandarin study*, (2), 26.
- Radden, G. (1996). Motion metaphorized: the case of coming and going. In E. H. Casad. (Ed), *Cognitive Linguistics in the Redwoods: The Expansion of a New Paradigm in Linguistics* (pp. 423-458). Berlin: Mouton de Gruyter.
- Radden, G. (2003). The metaphor TIME AS SPACE across languages. In N. Baumgarten *et al.* (Eds.), *Übersetzen, interkulturelle Kommunikation, Spracherwerb und Sprachvermittlung* (pp. 225-238). Bochum: AKS.
- Radden, G. (2011). Spatial time in the West and the East. In M. Brdar, M. Omazic, V. Pavicic Takac, T. Gradecak-Erdeljic, & G. Buljan (Eds.) *Space and Time in Language* (pp. 1- 40). Frankfurt: Peter Lang.
- Rakova, M. (2002). The philosophy of embodied realism: A high price to pay? *Cognitive Linguistics*, 13, 215-244.
- Ravizza, J. (1940). *Gramática latina*. Niterói: Escolas Profissionais.
- Ramscar, M., Matlock, T., & Boroditsky, L. (2009). Time, Motion, and Meaning: The Experiential Basis of Abstract Thought. *The spatial foundations of language and cognition*, 17, 66-82.
- Ren, Y.J. (2000). 现代汉语空间维度词语义分析(Semantic Analysis of Spatial Dimension Words in Modern Chinese)(Doctoral Dissertation). Yanbian University, Yanbian.
- Richards, I. A. (1929/2017). *Practical Criticism: A Study of literary Judgment*. New York: Routledge.
- Richards, I.A. (1936/1956). *Philosophy of Rhetoric: The Ethics of Rhetoric*. London: Oxford University Press.
- Rice, S. (1996). Prepositional prototypes. In M. Pütz and R. Dirven (Eds.), *The Construal of Space in Language and Thought* (pp.135-165), Berlin: Mouton de Gruyter.
- Richmond, J., Clare Wilson, & J., Zinken, J. (2012). A feeling for the future: How does agency in time metaphors relate to feelings? *European Journal of Social Psychology*, 42(7), 813-823.
- Rinaldi, L., Vecchi, T., Fantino, M., Merabet, L. B., & Cattaneo, Z. (2018). The ego-moving metaphor of time relies on visual experience: No representation of time along the sagittal space in the blind. *Journal of Experimental Psychology: General* 1,47(3), 444-450. <https://doi.org/10.1037/xge0000373>
- Rosal, F. (1992). *Diccionario etimológico*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

- Rosch, E., Mervis, C. B., Gray, W. D., Johnson, D. M., & Boyes-Braem, P. (1976). Basic objects in natural categories. *Cognitive psychology*, 8(3), 382-439.
- Ruiz de Mendoza, F. (1998) On the nature of blending as a cognitive phenomenon. *Journal of Pragmatics*, 30(3), 259-274.
- Ruiz de Mendoza, F. & Pérez-Hernández, L. (2011). The contemporary theory of metaphor: Myths, developments and challenges. *Metaphor and Symbol*, 26(3), 161-185.
- Ryckmans, P. (1989). The Chinese attitude towards the past. *Papers on Far Eastern History*, 39, 1-16.
- Santiago, J., Lupáñez, J., Pérez, E., & Funes, M. J. (2007). Time (also) flies from left to right. *Psychonomic Bulletin & Review*, 14, 512-516.
- Schön, D. A. (1979). Generative metaphor: A perspective on problem-setting in social policy. In A. Ortony (Ed.), *Metaphor and thought* (pp.154-283). Cambridge: Cambridge University Press.
- Scott, A. (1989). The vertical dimension and time in mandarin. *Australian Journal of Linguistics*, 9 (2), 295-314,
- Shen, Y. (1999). Principles of metaphor interpretation and the notion of 'domain': A proposal for a hybrid model. *Journal of pragmatics*, 31(12), 1631-1653.
- Shi, P.X. (2004). 汉语时间表达中的“前后式”与“来去式” (The Form of “front behind” and the Form of “come go” in Time Expressions in Chinese). *Ensino e pesquisa de línguas*, (2), 59-64.
- Shinohara, K. (1999). *Epistemology of space and time*. Japan: Kwansei Gakuin University Press.
- Shinohara, K. (2000). Constraints on motion verbs in the TIME IS MOTION metaphor. In J. Good & A. Yu (Eds.), *Proceedings of the Twenty-Sixth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society* (pp. 250–259). Berkeley: Berkeley Linguistics Society.
- Sinha, C., & Gärdenfors, P. (2014). Time, space, and events in language and cognition: a comparative view. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1326(1), 72-81.
- Sinha, C., & López K.J., (2001). Language, culture, and the embodiment of spatial cognition. *Cognitive Linguistics*, 11, 17-41.
- Sinha, C., Sinha, V.D.S., Zinken, J., & Sampaio, W. (2011) When time is not space: The social and linguistic construction of time intervals and temporal event relations in an Amazonian culture. *Language and Cognition*, 3(1), 137-169.
- Smith, L. B. (2005). Action alters shape categories. *Cognitive Science*, 29, 665-679.

- Smith, C. S. (2008). Time with and without tense. In J. Guéron, J. Lecarme (Eds.), *Time and modality* (pp. 227-249). Berlin: Springer
- Soechting, J. F., & Flanders, M. (1992). Moving in three-dimensional space: frames of reference, vectors, and coordinate systems. *Annual review of neuroscience*, 15(1), 167-191.
- Soska, K. C., Adolph, K. E., & Johnson, S. P. (2010). Systems in development: Motor skill acquisition facilitates three-dimensional object completion. *Developmental Psychology*, 46, 129-138. <https://doi.org/10.1037/a0014618>
- Srinivasan, N., & Carey, S. (2010). The long and the short of it: on the nature and origin of functional overlap between representations of space and time. *Cognition*, 116, 217 -241.
- Sternberg, M. (1981). Ordering the Unordered: Time, Space, and Descriptive Coherence. *Yale French Studies*, (61), 60-88.
- Stepper, S., & Strack, F. (1993). Proprioceptive determinants of emotional and nonemotional feelings. *Journal of Personality and Social Psychology*, 64(2), 211–220. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.64.2.211>
- Stockwell, P. (1999). The inflexibility of invariance. *Language and literature*, 8(2), 125-142.
- Sullivan, K. (2006, October). Frame-based constraints on lexical choice in metaphor. In Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society (Vol. 32, No. 1, pp. 387-399).
- Sullivan, K. (2013). *Frames and Constructions in Metaphoric Language*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing.
- Sullivan, K. (2016). Integrating constructional semantics and conceptual metaphor. *Constructions and frames*, 8(2), 141-165.
- Svorou, S. (1986). On the evolutionary paths of locative expressions. In *Proceedings of the Twelfth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. 515-527. Berkeley Linguistics Society.
- Svorou, S. (1988). The Experiential Basis of the Grammar of Space: Evidence from the languages of the world (Doctoral dissertation). State University of New York, Buffalo.
- Svorou, S. (1994). *The Grammar of Space*. Amsterdam: John Benjamins.
- Sweetser, E. (1990). *From etymology to pragmatics: The mind-as-body metaphor in semantic structure and semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Szwedek, A. (2002). Objectification: From object perception to metaphor creation. In B. Lewandowska-Tomaszczyk, K. Turewicz (Eds.), *Cognitive Linguistics To-day* (pp. 159–175). Frankfurt am Main: Peter Lang.
- Szwedek, A. (2011). The ultimate source domain. *Review of Cognitive Linguistics*, 9 (2), 341–366.
- Talmy, L. (1978) Figure and ground in complex sentences. In Greenberg, Joseph H. (Ed.), *Universals of Human Language* (pp. 625–649). Stanford, Calif.: Stanford University Press.
- Talmy, L. (1983). How language structures space. In: H. Pick, L. Acredolo (Eds.), *Spatial Orientation: Theory, Research, and Application* (pp. 225–282), New York: Plenum Press.
- Talmy, L. (2000). *Toward a Cognitive Semantics. Vol. I: Concept Structuring Systems*. Cambridge MA: The MIT Press.
- Tanghe, S. (2013). El cómo y el porqué de las interjecciones derivadas de los verbos de movimiento. *Zeitschrift für romanische Philologie*, 129(2), 383-412.
- Taylor, John R. (1989). *Linguistic Categorization: Prototypes in Linguistic Theory*. Oxford: Oxford University Press.
- Teixeira, J.S. (1995). VIR, VOLTAR, CHEGAR: espacialidade e ponto de referência. *Diacrítica*, 10, 131-136.
- Teixeira, J.S. (2001). A verbalização do espaço: modelos mentais de *frente/trás*. Braga: Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos.
- Tenbrink, T. (2011). Reference frames of space and time in language. *Journal of Pragmatics*, 43, 704-722.
- Tenny, C. L. (1995). How motion verbs are special: The interaction of semantic and pragmatic information in aspectual verb meanings. *Pragmatics & Cognition*, 3(1), 31-73.
- Tong, G.B. (2006). “到”的语法化过程(The grammaticalization Process of “dao”). *Yindu Academic Journal*, 89-94.
- Torralbo, A., Santiago, J., & Lupiáñez, J. (2006). Flexible conceptual projection of time onto spatial frames of reference. *Cognitive science*, 30(4), 745-757.
- Tourangeau, R., Sternberg, R. J. (1981). Aptness in metaphor. *Cognitive psychology*, 13(1), 27-55.
- Tourangeau, R., Rips, L. (1991). Interpreting and evaluating metaphors. *Journal of Memory and Language*, 30(4), 452-472.

- Traugott, (1975). Spatial expressions of tense and temporal sequencing: A contribution to the study of semantic fields. *Semiotica*, 15(3), 207-230.
- Travaglia, L.C. (2007) A gramaticalização dos verbos passar e deixar. *Revista da Abralin*, 6(1), 9-60.
- Turner, M. (1990). Aspects of the invariance hypothesis. *Cognitive linguistics*, 1(2), 247-255.
- Turner, M. 1993. An image-schematic constraint on metaphor. In R. A. Geiger, B. Rudzka-Ostyn (Eds.), *Conceptualizations and mental processing in language* (pp.291-306). Berlin, New York: Mouton de Gruyter.
- Tversky, A. (1977). Features of similarity. *Psychological review*, 84(4), 327.
- Tversky, B. (2000). Remembering spaces. In E. Tulving, F. I. M. Craik (Eds.), *Handbook of memory* (pp. 363-378). New York: Oxford University Press.
- Tversky, B. (2003). Structures of mental spaces: How people think about space. *Environment and behavior*, 35(1), 66-80.
- Tversky, B., Kugelmass, S., & Winter, A. (1991). Cross-cultural and developmental trends in graphic productions. *Cognitive Psychology*, 23(4), 515–557.
- Ulrich, R., & Maienborn, C. (2010). Left–right coding of past and future in language: The mental timeline during sentence processing. *Cognition*, 117(2), 126-138.
- Usui, T. (2007). Generic schema of spatial and temporal domains: the concepts of Sequence and Duration. *Science of Speech*, 13, 1-14.
- Vilela, M. (1992). *Gramática de valências: teoria e aplicação*. Coimbra: Almedina.
- Wallington, A. M., & Barnden, J. A. (2006). Similarity as a basis for metaphor: Invariant transfer and the role of VNMA. Technical Report CSRP-06-02, School of Computer Science, Univ. of Birmingham, December.
- Wallington, A. M. (2010). Systematicity in metaphor and the use of invariant mappings. In G. Low, Z.Todd, A. Deignan, & L. Cameron (Eds.), *Selected papers from “researching and applying metaphor in the real world”* (pp. 209-244). Amsterdam: Benjamins.
- Wallington, A. (2012). Back to the future: Just where are forthcoming events located? In Filipovic, L., K. Jaszczolt (Eds.), *Space and time across languages and Cultures Vol. II: Language, culture and cognition* (pp. 83-99). Amsterdam: John Benjamins.
- Waltermire, M. (2017). A conceptual perspective of the evolution of Spanish frente from body part to locative/spatial concept and beyond. *Folia Linguistica*, 51(s38-s1), 325-347.

- Wang, H., & Gao, J.Y. (2014). 返回类位移动词“回, 还, 归, 返”的区别性语义特征分析 (Analysis of the Distinctive Semantic Features of the Moved Words RETURN: Hui, Huan, Gui, fan). *Language Research*, (2), 43-48.
- Wang, H.B. (2007). 介词“自/从”历时考 (Chronological Analysis of the Prepositions Zi and Cong). *Journal of Shanghai Normal University*, 36(1), 122-127.
- Wang, L. (1980). 汉语史稿 (Chinese History Draft). Beijing: Zhonghua Book Company.
- Wang, L. (2008). 汉语方位词“前, 后, 里, 外”研究 (Pesquisa sobre palavras locativas chinesas “frente, trás, dentro, fora”) (Dissertação de mestrado). Universidade de Henan, Zhengzhou.
- Wang, W.B. (2007). 隐喻的认知构建与解读 (Cognitive Construction and Interpretation of Metaphor). Shanghai: Shanghai Foreign Language Education Press.
- Wang, Y.P. (2015). 英汉空间维度词“长, 短”的认知隐喻对比研究 (A comparative study on the cognitive metaphors of English and Chinese spatial dimension words "long, short"). *Journal of Yangtze University: Social Science Edition*, 38(12), 47-50.
- Wassmann, J. (1994). The Yupno as Post-Newtonian Scientists: The Question of What is 'Natural' in Spatial Description. *Man*, 29(3), 645-666.
- Wells, G.L., Petty, R.E. (1980). The effects of overt head movements on persuasion: Compatibility and incompatibility of responses. *Basic and Applied Social Psychology*, 1(3), 219-230.
- Wheeler, M. (2005). *Reconstructing the cognitive world: The next step*. Cambridge, MA, US: MIT Press.
- Wilkins D.P., Hill D., (1995). When Go means COME: Questioning the basicness of basic motion verbs. *Cognitive Linguistics*, 6, 209-259.
- Williams, L. E., & Bargh, J. A. (2008). Experiencing physical warmth promotes interpersonal warmth. *Science*, 322(5901), 606-607.
- Wilson, F. R. (1998). *The Hand - How Its Use Shapes the Brain, Language, and Human Culture*. New York: Vintagebooks/Random House.
- Wilson, M. (2002). Six views of embodied cognition. *Psychonomic bulletin & review*, 9, 625-636.
- Wu, Y. (2013). 现代汉语空间形容词“宽, 窄”面积义分析 (Analysis of the area meaning of the space adjective “wide, narrow” in modern Chinese). *Contemporary Educational Theory and Practice*, 5(3), 155-157.
- Wu, W.J., & Xu, Y. (2011). “望”族动词语义认知分析 (Semantic Cognitive Analysis of "Wang" Verbs). *Journal of Hebei University: Philosophy and Social Sciences Edition*, 36(3), 58-60.

- Yang, K.D. (1992). 从《世说新语》,《搜神记》等书看魏晋时期动词“来”,“去”语义表达和语法功能的特点(The characteristics of the semantic expression and grammatical function of the verbs "lai" and "qu" in the Wei and Jin Dynasties), In. X.Q. Cheng (Ed.), *魏晋南北朝汉语研究* (Chinese Studies in the Wei, Jin, Southern and Northern Dynasties). Jinan: Shandong Education Press.
- Yang, H. (2007). “里”,“内”,“中”,“外”的方位意义及组配关系 (The Orientation Meaning and Combination Relationship of "in", "Inner", "Middle" and "Outer")(Doctoral dissertation), Guangxi Normal University, Nanning.
- Yang, J. (2007). 方位词“里”“中”“内”的语义认知分析 (Semantic Cognitive Analysis of Localizers "in", "center" and "inner"). *Journal of Hunan University of Science and Technology: Social Science Edition*, 10(6), 105-109.
- Yao, Z.L. (2009). 方位词“里, 内”的方位表达及其范畴化 (The orientation expression and categorization of the orientation words “in, inner”). *Chinese Learning*, (6), 33-38.
- Yavas, F. (1980). Estamos indo ou vindo? Uma análise contrastiva dos verbos "vir" e "ir" em inglês e português. *Letras de Hoje*, 15(4), 126-140.
- Ye H.S. (2010). 具身认知: 认知心理学的新取向 (Embodied cognition: A new approach to cognitive psychology). *Psychological science*, 18(5), 705-710.
- Ye, W.H. (2007). “前”字所反映的汉民族的时间认知 (A cognição temporal da etnia Han refletida na palavra “前(qián, frente)”). *Jornal da Universidade de Suzhou*, 22 (6), 56-60.
- Yu, N. (1998). *The contemporary theory of metaphor: A perspective from Chinese*. Amsterdam, PA: John Benjamins.
- Yu, N. (2012). The metaphorical orientation of time in Chinese. *Journal of Pragmatics*, 44(10), 1335-1354.
- Ye, Y.Y. (2017). 方位词“中”的意象图式研究 (Research on the Image Schema of the Orientation Word "middle"). *Modern Languages: Language Studies*, (5), 55-59.
- You, M.H. (2015). 在场与在上: 祖先崇拜的文化人类学思考 (Estar presente e acima: reflexões antropológicas culturais sobre o culto aos ancestrais). *Shanxi Normal University Journal: Edição de Ciências Sociais*, 42(4), 125-129.

- Zahavi, D., Overgaard, S. (2012). Time, space and body in Bergson, Heidegger and Husserl. In R. Baiasu, G. Moore (Eds.), *Contemporary Kantian metaphysics: New essays on space and time* (pp. 270–298). New York: Palgrave Macmillan.
- Zeng, X.H (2004). 普通话中动词“过”字的语义网络(The semantic network of the verb "pass" in Mandarin Chinese). *Journal of Fujian Institute of Education*, 1(2), 93-95.
- Zhang, D.Z. (2016). On the motion events and measurement properties of "pass". *Journal of Nanhua University* (Secção de *Social Science*), 17(2), 107-110.
- Zhang, G.B. (2009). 时间与时间观的文化学研究: 东西方文化比较视角(Pesquisa cultural sobre o tempo e a perspectiva do tempo: uma perspectiva comparativa sobre as culturas orientais e ocidentais). *Jornal do Partido Comunista da China da Fujian Província*, (3), 88-92.
- Zhang, J.S., & Liu, Y.H. (2008). “里”“中”“内”空间意义的认知语言学考察(A Cognitive Linguistic Investigation of the Spatial Meaning of "in", "middle" and "inner"). *Journal of PLA University of Foreign Languages*, 31(3), 7-12.
- Zhang, Y. (2013). *语言中的时空隐喻(Spatiotemporal metaphors in language)*. Beijing: Language and Culture Press.
- Zieliński, A. (2012). Gramaticalización de las expresiones espacio-temporales en español: el caso de las perífrasis de los verbos de movimiento. *Verba Hispanica*. 20 (1), 431-454.
- Zhu, Z. (2007). “X 里 / 中 / 内”的语义系统研究 (Research on the Semantic System of "in/middle/inner") (Master's Thesis), East China Normal University, Shanghai.
- Ziemke, T. (2003), “What’s that thing called embodiment?”, Proceedings of the Annual Meeting of the Cognitive Science Society (Vol. 25 No. 25, pp. 1305-1310).
- Zinken, J. (2010). Temporal frames of reference. In V. Evans, P. Chilton (Eds.), *Language, cognition, and space: state of the art and new directions* (pp. 479-498). London: Equinox.
- Zlatev, J. (2010). Spatial semantics. In D. Geeraerts & H. Cuyckens, (Eds.), *The Oxford handbook of cognitive linguistics* (pp. 318-350). New York: Oxford University Press.